

TÂNIA FERREIRA REZENDE SANTOS

A MUDANÇA *ADJETIVO/NOME* > *NOME/ADJETIVO* E O
CONSERVADORISMO DA FALA RURAL GOIANA

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

TÂNIA FERREIRA REZENDE SANTOS

A MUDANÇA *ADJETIVO/NOME* > *NOME/ADJETIVO* E O
CONSERVADORISMO DA FALA RURAL GOIANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística
Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

Rezende Santos, Tânia Ferreira.

A mudança *Adjetivo/Nome* > *Nome/Adjetivo* e o conservadorismo da fala rural goiana [manuscrito]/Tânia Rezende Santos. – 2008.

573 f.: il.; enc.

Referências.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2008.

1. Conservação. 2. Conservação – Conceito. 3. Linguística. 4. Mudança – modificação na fala rural.

CDU: 911:502.3

TÂNIA FERREIRA REZENDE SANTOS

A MUDANÇA *ADJETIVO/NOME* > *NOME/ADJETIVO* E O
CONSERVADORISMO DA FALA RURAL GOIANA

**SUBSTITUIR PELA FOLHA ASSINADA EM
ANEXO**

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística – Doutorado – da Universidade Federal de Minas Gerais, para a obtenção do título de Doutor em Linguística, aprovada em 02/12/2008, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen - UFMG
Orientadora

Membro

Membro

Membro

Membro

Suplente

Suplente

Para *Laura* e *Gilmar*, pelo carinho,
atenção, zelo e abnegação.

Aos *roceiros goianos*, representados
pelos moradores de Acaba Vida,
Pombal e Traíras, por terem me
permitido, por alguns momentos,
morar *debaixo de seus chapéus*.

AGRADECIMENTOS

Aos meus inúmeros e inomináveis interlocutores, co-autores dos meus múltiplos discursos e mínimos saberes, pois sem a polifonia de suas vozes não haveria a organização discursiva do conhecimento sistematizado nesta tese. Em particular, agradeço:

- a cada um dos pombalenses, acabavidenses, trairenses e barra-longuenses, por terem contribuído com a realização deste estudo, fornecendo a matéria-prima genuína e fundamental a uma análise lingüística, sem a qual meu *trabalho científico* não se realizaria;
- à minha família, especialmente ao Gilmar e à Laura, por terem compreendido, aceito e se sacrificado em nome de minha dedicação exclusiva à carreira;
- à Professora Doutora Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, por ter se disposto a me orientar e a me acompanhar nesta empreitada; e pela paciência, compreensão, aconselhamentos, apontamentos etc.;
- aos professores Lorenzo Teixeira Vitral, Manoel Mourivaldo Santiago de Almeida, Maria Auxiliadora e Maria Sueli de Aguiar, por aceitarem participar da banca de defesa e pelas contribuições, bastante pertinentes;
- às Professoras Dra. Suzana Alice Cardoso Marcelino e Dra. Eunice das Dores Nicolau pelas contribuições no exame de qualificação;
- à amiga Maria Marta Pereira Scherre, pela amizade, carinho, pelas sugestões e direcionamentos descompromissados e, por isso, tão pertinentes e preciosos;

- aos meus colegas da Área de Língua Portuguesa e Lingüística e do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, pelas inúmeras colaborações, especialmente por terem me liberado das atividades de docência, por 3 (três) anos e 10 (dez) meses, para me dedicar à qualificação;
- à CAPES, pelo financiamento;
- ao historiador Professor José Santana da Silva, da Universidade Estadual de Goiás, pela leitura criteriosa que fez do capítulo sócio-histórico (capítulo 1) da tese e pelas sugestões pertinentes;
- à Professora Hosamis Ramos de Pádua, pela leitura, revisão e sugestões e, principalmente, pela amizade incondicional;
- á Professora Valdirene Gomes pela colaboração na revisão do abstract;
- aos meus amigos Célio, Telma, Mira, Luís, Teresa e Álvaro por TUDO;
- ao amigo Fábio Bonfim Duarte, pelo carinho, amizade, apoio, pelos momentos de descontração e, principalmente, pelo ombro amigo, sempre à disposição;
- à amiga Eliane Carolina de Oliveira pelos *happy hour* com capuccino e muitos *causos*, para aquecer as tardes frias do inverno belo- horizontino;
- à Grace Telles, pelas inumeráveis tardes risonhas e noites de gargalhadas, em meio aos sustos e medos;
- à Suelene Vaz, por sua alegria contagiante, mesmo nos momentos mais difíceis e impróprios;
- às colegas e amigas, minhas irmãs espirituais, de além e supra vida material, Professora Maria do Socorro Pimentel da Silva e Professora Mônica Veloso Borges por TUDO (inlistável) e mais um pouquinho do que fizeram por mim, não só neste período;

- aos meus queridíssimos amigos, *Petit* (André Marques) e *Petitzinho* (Rodrigo Prudente), companheiros incondicionais, “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença”: jamais poderei retribuir tudo o que têm feito por mim;
- à minha amiga querida, mais que amiga, uma irmã de alma, Professora Shirley Mattos, por sua serenidade e solidariedade nos momentos mais difíceis... nossos momentos de *café com prosa*, prosas tão produtivas, tão instrutivas, tão científicas... como agradecer?!
- ao Oto Vale e à Flávia Hirata-Vale, colegas e amigos, pelo incentivo de sempre, mesmo de longe, pelos aconselhamentos sábios e pelas brigas que enfrentamos juntos;
- aos colegas de NEHLGO e TRILHAS: André Marques do Nascimento, Evanaide Alves, Lurdes Nazário, Shirley Mattos, Vanilda Oliveira, pelas calorosas discussões e empolgadas coletas de dados;
- à minha amiga Neidinha, aos meus irmãos, minha mãe, meus sobrinhos, pela participação, mesmo que distante e indiretamente;
- aos meus primos Luiz Cairo, Dinamar e Divina da Luz, por suas valiosas contribuições, durante as pesquisas de campo;
- ao meu amigo e colega de Departamento, Professor Dr. Manoel de Souza e Silva, pelo carinho, amizade e pelos *cutucões* tão pertinentes;

RESUMO

A presente tese discute o conservadorismo da fala rural goiana, a partir da descrição e análise da posição do adjetivo adnominal no SN e do processo de cristalização de estruturas nominais, considerados como parte da mudança da ordem *Adjetivo/Nome* (AN) para a ordem *Nome/Adjetivo* (NA), que envolve as línguas românicas e que se desenvolve na língua portuguesa desde seus primórdios. Para tanto, os resultados da análise da frequência de ocorrência da ordem AN, nos dados sob análise, são comparados aos resultados do levantamento da frequência de ocorrência de AN na fala rural de Barra Longa, em Minas Gerais, e aos resultados de análises do mesmo fenômeno, empreendidas por Nobre (1989), Cohen (1990), Boff (1991) e Muller *et al.* (2002), com dados do século XX, da língua portuguesa escrita e do português brasileiro urbano, oral e escrito. Os dados que compõem o *corpus* deste estudo foram recolhidos na área rural das regiões do centro e do norte de Goiás, por estas serem as regiões goianas que apresentam maior grau de isolamento geográfico e cultural e baixa densidade demográfica. As comunidades de fala selecionadas para pesquisa foram Pombal, comunidade afro-brasileira, situada no município de Santa Rita do Novo Destino, Traíras, comunidade remanescente de antigo julgado formado durante o ciclo do ouro, e Acaba Vida, comunidade de migrantes oriundos de Governador Valadares, em Minas Gerais. Essas comunidades são representativas de grupos socioculturais e momentos históricos da formação de Goiás e do povo goiano. Como referencial teórico, adota-se a teoria da tipologia de mudança na ordenação de constituintes, baseada em Greenberg (1961; [1963]1966) e alguns de seus seguidores. A posição do adjetivo no SN é descrita a partir de Perini (1994, 1996, 2004, 2006). A descrição do processo de cristalização de estruturas é fundamentada na Teoria das Propriedades Sintagmáticas de Combinação e Contraste e no Princípio da Carga Funcional (LYONS, 1995; JAKOBSON, *apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995). Os resultados das descrições e análises dos dados e a discussão dos resultados permitem relativizar o conservadorismo da fala rural goiana e apontam para a possibilidade de semelhanças entre o rural e o urbano, no que diz respeito à posição do adjetivo no SN.

PALAVRAS-CHAVE: adjetivo, nome, conservação, mudança, diacronia.

ABSTRACT

This dissertation discusses language maintenance in rural speech in the State of Goiás, throughout description and analysis of the adnominal adjective position in NP and the crystallization process of nominal structures, considered as part of the change AN>NA that happens to Romanic languages and that is being developed in Portuguese language since its earliest periods. In order to verify the maintenance degree of the rural speech from Goiás, the results from the frequency analysis of AN order in the data studied are compared to the results from the frequency analysis of AN order in rural speech of Barra Longa, in Minas Gerais. They are also compared to analysis of the same phenomenon, with written Portuguese data from the twentieth century and from contemporary urban Brazilian Portuguese, oral and written.

The empirical data analyzed in this study was collected in rural areas in Goiás, in central and north regions of the State, since these regions present a major degree of geographic and cultural isolation and low demographic density. The speech communities selected to this research were Pombal, an Afro-Brazilian community, located in the surroundings of Santa Rita do Novo Destino; Traíras, a community that remained from an ancient village formed during the gold cycle; and Acaba Vida, a community composed by migrants coming from Governador Valadares, in Minas Gerais. These communities are representative of the sociocultural groups and historical moments in the formation of Goiás State and its people.

This study is founded on the word order change typology, based on Greenberg (Greenberg (1961; [1963]1966) and some of his followers. The adjective position in NP is described based on Perini (1994, 1996, 2004, 2006) and in the analyses of the same

phenomenon, with different data from Portuguese language and Brazilian Portuguese. The description of the structures crystallization process is relevant to the Contrast and Combination Syntagmatic Properties Theory and in the Functional Load Principle (LYONS, 1995; JAKOBSON, *apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995). The results of the descriptions and analyses of the data studied and the discussion of the results enable us to relativize the maintenance of the rural speech of Goiás and point to the possibility of the similarities between rural and urban, concerning the adjective position in NP.

KEY WORDS: adjective, noun, language maintenance, language change, diachrony

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ESQUEMAS E FIGURAS:

| | |
|---|-----|
| Figura 8 de Nobre (1989) | 117 |
| Esquema 1: Estrutura do SN português, segundo Perini (2004) | 119 |
| Esquema 2: Estrutura do SN português, segundo Mendes (2000) | 121 |
| Esquema 3: Escala de rigidez das posições do SN | 122 |
| Esquema 4: Áreas e subáreas do SN | 123 |

GRÁFICOS:

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1: Distribuição percentual da frequência média de anteposição na LP por século | 107 |
| Gráfico 2: Distribuição da anteposição na LP por século | 108 |
| Gráfico 3: Ocorrências de adjetivos ‘intensificáveis’ e ‘não-intensificáveis’ por sua ‘função gramatical’ no SN | 169 |
| Gráfico 4: Escala de rigidez das posições do SN na fala rural goiana | 174 |

MAPAS:

| | |
|--|-----|
| Mapa 1: Mapa etnogeográfico do Brasil, de Darcy Ribeiro | 275 |
| Mapa 2: Localização das comunidades sob estudo em Goiás | 276 |
| Mapa 3: Localização de Santa Rita do Novo Destino em Goiás e da comunidade de Pombal no município de Santa Rita do Novo Destino | 277 |
| Mapa 4: Localização do município de Niquelândia em Goiás | 278 |
| Mapa 5: Localização da comunidade de Acaba Vida em Niquelândia | 279 |

QUADROS:

| | |
|---|-----|
| Quadro 1: Variantes da “cultura brasileira rústica”, de Darcy Ribeiro | 40 |
| Quadro 2: Traços da pronúncia portuguesa nos séculos XVI e XX | 62 |
| Quadro 3: Características do português brasileiro popular | 62 |
| Quadro 4: Perfil dos informantes selecionados para a pesquisa | 145 |
| Quadro 5: Combinação de adjetivo + nome | 152 |
| Quadro 6: Combinação de nome + adjetivo | 153 |
| Quadro 7: SN rígido com anteposição do adjetivo | 170 |
| Quadro 8: SN rígido com posposição do adjetivo | 171 |
| Quadro 9: Anteposição/posposição em SN não-rígido | 196 |
| Quadro 10: Anteposição/posposição em SN rígido | 197 |
| Quadro 11: EC/AN | 206 |
| Quadro 12: EC/NA | 207 |
| Quadro 13: Ordens AN/NA em EC | 230 |
| Quadro 14: Ordens AN/NA em En-C | 231 |
| Quadro 15: Traços das combinações (2) e (3) | 234 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1: População de Goiás, nos séculos XVIII e XIX | 51 |
| Tabela 2: População de Goiás no século XIX por grupo étnico | 51 |
| Tabela 3: População escrava em Goiás de 1750 a 1832 | 53 |
| Tabela 4: Posição do adjetivo no SN na fala rural goiana | 157 |
| Tabela 5: Posição do adjetivo no SN por comunidade de fala | 158 |
| Tabela 6: Posição do adjetivo no SN por sua função gramatical | 164 |
| Tabela 7: Posição dos adjetivos ‘intensificáveis’ e ‘não-intensificáveis’ no SN | 167 |
| Tabela 8: Posição do adjetivo nos SN rígidos e não-rígidos | 172 |
| Tabela 9: Posição do adjetivo no SN, por ‘dimensão dos vocábulos’ | 175 |
| Tabela 10: A dimensão dos vocábulos, por tipo de SN (RI e não-RI) | 178 |
| Tabela 11(a): A dimensão dos vocábulos por posição do adjetivo no SN e por tipo de SN | 178 |
| Tabela 11(b): A dimensão dos vocábulos por posição do adjetivo no SN e por tipo de SN em (%) | 179 |
| Tabela 12: Posição do adjetivo no SN, por sua classe semântica | 181 |
| Tabela 13: Posição do adjetivo no SN, por grau do adjetivo | 183 |
| Tabela 14: Posição do adjetivo no SN, por grau do nome | 185 |
| Tabela 15: Posição do adjetivo no SN, por traço semântico ₁ do nome | 188 |
| Tabela 16: Posição do adjetivo no SN, por traço semântico ₂ do nome | 191 |
| Tabela 17: Posição do adjetivo no SN, por traço semântico ₃ do nome | 193 |
| Tabela 18: Posição do adjetivo no SN, por traço semântico ₄ do nome | 194 |
| Tabela 19: Distribuição percentual de AN por falante | 201 |
| Tabela 20: Sentido do adjetivo ‘grande’, por sua posição no SN, por século na LP ... | 226 |
| Tabela 21: Frequência das ordens AN e NA nos dados urbanos do PB | |

| | |
|---|-----|
| contemporâneo | 245 |
| Tabela 22: Frequência das ordens AN e NA, em dados urbanos do PB contemporâneo, por modalidade de uso lingüístico | 245 |
| Tabela 23: Frequência das ordens AN e NA, em dados urbanos do PB contemporâneo, por gênero textual | 246 |
| Tabela 24: Frequência das ordens AN e NA, em dados urbanos do PB contemporâneo, por padrão de uso lingüístico | 247 |
| Tabela 25: Frequência das ordens AN e NA, na fala rural de Barra Longa-MG | 249 |
| Tabela 26: Distribuição do adjetivo no SN do PB contemporâneo rural e urbano | 252 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| AN | Adjetivo Nome = ordem anteposta/anteposição |
| NA | Nome Adjetivo = ordem posposta/posposição |
| OV | Objeto Verbo = ordem inversa |
| VO | Verbo Objeto = ordem direta |
| NG | ordem Nome Genitivo |
| LP | Língua Portuguesa |
| PB | Português Brasileiro |
| CS | Classe Semântica |
| PO | Pombal |
| TR | Traíras |
| AV | Acaba Vida |
| SN | Sintagma Nominal |
| SP | Sintagma Preposicional |
| SA | Sintagma Adjetival |
| NMod | Nome Modificador |
| ModN | Modificador Nome |
| VMod | Verbo Modificador |
| ModV | Modificador Verbo |
| PNE | Pré-Núcleo Externo |
| PNI | Pré-Núcleo Interno |
| PV | Posições Variáveis |
| Mod E | Modificador Externo |
| Mod I | Modificador Interno |
| Qv | Qualificativo |
| Q | (sentido) Qualificativo do adjetivo |
| R | (sentido) Restritivo do adjetivo |
| S | sentido subjetivo do adjetivo |
| O | sentido objetivo do adjetivo |
| NSN | núcleo do sintagma nominal |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 21 |
| | |
| CAPÍTULO 1 | |
| FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA FALA RURAL GOIANA | 26 |
| 1.1 Contexto de formação das comunidades rurais goianas | 30 |
| 1.2 Contexto sócio-histórico e cultural de formação do homem rural goiano ... | 38 |
| 1.2.1 O ‘caipira’ | 41 |
| 1.2.2 O ‘afro-brasileiro’ | 43 |
| 1.2.3 O ‘roceiro’ goiano | 45 |
| 1.2.3.1 A população de Goiás nos séculos XVIII e XIX | 50 |
| 1.2.3.2 Estratificação social em Goiás no século do ouro | 55 |
| 1.2.3.3 O perfil do <i>roceiro goiano</i> na atualidade | 56 |
| 1.3 Constituição sócio-histórica e caracterização lingüística da ‘fala rural goiana’ | 58 |
| 1.3.1 Características lingüísticas da fala rural goiana | 65 |
| | |
| CAPÍTULO 2 | |
| RERENCIAL TEÓRICO | 75 |
| 2.1 Ordem dos constituintes no SN | 80 |
| 2.1.1 Abordagens teóricas da ordem de constituintes | 80 |
| 2.1.1.1 Tipologia da ordem dos constituintes | 83 |
| 2.1.2 Abordagens teóricas da posição do adjetivo no SN | 86 |
| 2.2 A posição do adjetivo no SN na língua portuguesa | 102 |
| 2.3 Propostas de descrição do SN português | 118 |
| 2.3.1 Proposta de descrição do SN português, por Perini | 118 |
| 2.3.2 Proposta de descrição do SN rígido | 123 |
| 2.3.2.1 Teoria das Propriedades Sintagmáticas de <i>Combinação e Contraste</i> | 123 |
| 2.3.2.2 O Princípio da Carga Funcional | 126 |

CAPÍTULO 3
METODOLOGIAS 129

| | |
|--|-----|
| 3.1 Seleção e caracterização do objeto de estudo | 129 |
| 3.1.1 As comunidades de fala | 133 |
| 3.1.1.1 A comunidade de Pombal | 134 |
| 3.1.1.2 A comunidade de Traíras | 138 |
| 3.1.1.3 A comunidade de Acaba Vida | 141 |
| 3.1.1.4 A comunidade de Barra Longa | 143 |
| 3.1.2 A seleção dos informantes | 144 |
| 3.1.3 Coleta e organização dos dados | 146 |
| 3.2 Delimitação do fenômeno lingüístico de análise | 148 |
| 3.3 Procedimentos para a descrição e análise dos dados | 149 |

CAPÍTULO 4
A POSIÇÃO DO ADJETIVO NO SN NA FALA RURAL GOIANA 152

| | |
|---|-----|
| 4.1 Posição do adjetivo no SN da fala rural goiana | 157 |
| 4.2 Constituição do SN na anteposição e na posposição | 159 |
| 4.2.1 Características estruturais da relação entre adjetivo e nome no SN | 163 |
| 4.2.2 Natureza do ADJETIVO | 180 |
| 4.2.3 Natureza do NOME | 185 |
| 4.3 Distribuição da anteposição por informante | 200 |

CAPÍTULO 5
A CRISTALIZAÇÃO DE ESTRUTURAS NOMINAIS NA FALA RURAL GOIANA 204

| | |
|---|-----|
| 5.1 Estruturas cristalizadas na fala rural goiana | 206 |
| 5.2 O efeito de contraste entre AN e NA nas estruturas cristalizadas | 209 |
| 5.2.1. Distribuição dos elementos na EC e estabelecimento do contraste entre AN e NA | 210 |
| 5.2.2. Frequência das unidades lingüísticas em EC e En-C | 215 |
| 5.2.3. Conteúdo de informação das EC no contraste AN/NA | 220 |
| 5.3. Situação de modificação e cristalização de estruturas nominais | 228 |

| | |
|--|------------|
| 5.3.1. O efeito de combinação entre adjetivo e nome nas ordens AN e NA | 232 |
| 5.3.2. O efeito de sentido entre adjetivo e nome nas ordens AN e NA | 237 |
| CAPÍTULO 6 | |
| A MUDANÇA AN > NA E O CONSERVADORISMO DA FALA RURAL GOIANA | 241 |
| 6.1. Comparação entre as frequências de ocorrências das ordens AN e NA em dados urbanos e rurais do PB | 242 |
| 6.2. Mudança na posição do adjetivo no SN e o conservadorismo da fala rural goiana | 254 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 258 |
| REFERÊNCIAS | 265 |
| ANEXOS | 275 |
| Anexo 1: Mapas | 275 |
| 1.1 Mapa etnogeográfico do Brasil | 275 |
| 1.2 Localização das comunidades rurais sob estudo, em Goiás | 276 |
| 1.3 Localização de Santa Rita do Novo Destino em Goiás e da comunidade de Pombal no município de Santa Rita do Novo Destino | 277 |
| 1.4 Localização do município de Niquelândia em Goiás | 278 |
| 1.5 Localização da comunidade de Acaba Vida em Niquelândia | 279 |
| Anexo 2: Quadros e tabelas | 280 |
| 2.1 Tabela de valores para <i>Chi Quadrado</i> | 280 |
| 2.2 Quadros, tabelas e figuras dos autores consultados | 282 |
| 2.2.1 Anexo 13 de Salles (1992, p. 275) | 282 |
| 2.2.2 Tabela 1 de Cohen (1990, p. 72) | 283 |
| 2.2.3 Tabela 8 de Cohen (1990, p. 64) | 284 |
| 2.2.4 Tabelas de Müller <i>et al.</i> (2002, p. 325-341) | 285 |
| Anexo 3: Normas de transcrição dos dados | 290 |

| | |
|----------------------------------|-----|
| Anexo 4: <i>Corpus</i> | 293 |
| 4.1 Amostra de Acaba Vida | 293 |
| 4.2 Amostra de Pombal | 355 |
| 4.3 Amostra de Traíras | 485 |
| 4.4 Amostra de Barra Longa | 515 |

INTRODUÇÃO

Na presente, tese propõe-se discutir o conservadorismo da fala rural goiana, a partir da descrição da posição do adjetivo no SN e da análise do processo de cristalização de estruturas nominais, constituídas de adjetivo e nome. Estes fenômenos lingüísticos são abordados como parte da mudança da ordem *Adjetivo Nome* (AN) para a ordem *Nome Adjetivo* (NA), que vem se desenvolvendo na língua portuguesa, por um longo período, conforme mostram as análises de Cohen (1990), Callou *et al.* (2002) e Callou e Serra (2003).

O *corpus* que oferece a base empírica a este estudo é constituído de amostras de fala de três comunidades rurais goianas: Acaba Vida (migrantes mineiros), Pombal (afro-brasileiros) e Traíras (antigo arraial do ciclo do ouro), pertencentes ao banco de dados do Núcleo de Estudos da História Lingüística de Goiás (NEHLGO), com sede na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

Os resultados da análise do *corpus* da fala rural goiana são comparados a resultados de análises do mesmo fenômeno em outra fala rural, a de Barra Longa, Minas Gerais, e em dados de fala e de escrita do português brasileiro (PB) urbano, contemporâneo, conforme apresentados em Nobre (1989), Boff (1991) e Müller *et al.* (2002), e da escrita em língua portuguesa (doravante LP), de diferentes períodos, de acordo com Cohen (1990). Esta comparação é necessária para a verificação e compreensão da oposição rural/urbano e do grau de conservadorismo da fala rural goiana.

É importante esclarecer que por LP entende-se, nesta tese, uma generalização terminológica que cobre todos os padrões e variedades de uso dessa língua, em diferentes épocas e em diferentes territórios. O termo PB refere-se exclusivamente e também de forma genérica, aos diversos padrões e às inúmeras variedades de uso da LP no Brasil.

No que se refere ao conceito de conservadorismo lingüístico, entende-se, com base em Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), que toda língua possui, constantemente, princípios de mudança e de continuidade. Portanto, toda língua, em qualquer espaço e em qualquer tempo, é conservadora e inovadora.

Por outro lado, nota-se na literatura sobre Lingüística Histórica uma tradição em se afirmar que determinadas línguas ou dialetos são conservadores (cf. AMARAL (1920), MELO (1946), SILVA NETO (1950), dentre outros). Com relação à história de formação do PB, mais particularmente à formação dos dialetos de comunidades de fala minorizadas, é consenso a afirmação de que os dialetos das áreas rurais sejam conservadores, dado seu isolamento geográfico e o analfabetismo de seus falantes (cf. AMARAL, 1920).

Para Melo (1946), o “português popular” do Brasil apresenta conservação lingüística por manter traços próprios do “português arcaico tardio” ou “português quinhentista” (século XVI), por reter o que o autor considera “defeitos de aquisição” da LP durante a colonização do Brasil, e por conservar um padrão mais próximo da escrita culta da LP (cf. seção (1.3), no capítulo (1)).

De acordo com Silva Neto (1950), o PB, de forma geral, é conservador em sua formação, pois provém de uma grande massa de colonos de origem social humilde e camponesa. O fundamento do autor é o fato de, no século XVI, os colonizadores portugueses terem chegado ao Brasil usando um padrão lingüístico que, em Portugal, foi mais recorrente no século anterior (XV).

Com o intenso contato entre os conquistadores e as populações nativas e, mais tarde, os africanos e os invasores, no território brasileiro, a LP passou por profundas modificações, desencadeadas e/ou intensificadas no decorrer do século XVIII. Os povos do interior do país e das áreas de mais difícil acesso, entretanto, conservaram o padrão lingüístico inicial, que Silva Neto (1950, p. 587) denomina de “sistema lingüístico muito antigo”.

Seguindo esta linha de raciocínio, alguns autores, como Teixeira (1944), Borges e Salles (2005) e Andrade (2007), defendem o conservadorismo da fala de

Goiás, como consequência do isolamento geográfico do estado, pois este se encontra no interior do país e, até meados do século XX, não possuía estradas suficientes e facilmente transitáveis.

Por essas razões, decidi estudar a fala rural goiana, a partir de amostras da oralidade das regiões geograficamente mais isoladas (centro-norte e norte), que receberam e recebem menor fluxo migratório, para verificar se realmente a fala, especificamente a rural, de Goiás pode ser caracterizada como conservadora. Para tanto, entende-se por conservadorismo lingüístico, tão somente para se ter um marco temporal como parâmetro de análise, *a manutenção, no uso efetivo da linguagem, de padrões lingüísticos característicos do século XVI*, que não são mais recorrentes no uso cotidiano, considerado como padrão de prestígio social. Da mesma forma, são considerados inovadores *os padrões que se distanciam daqueles próprios do “português quinhentista”*.

Para a comparação entre os padrões de uso lingüístico da fala rural de Goiás e os padrões de períodos anteriores da língua, os resultados de análises realizadas por vários autores, com dados de diferentes épocas da língua, são de fundamental importância.

O fenômeno lingüístico selecionado para análise, a fim de evidenciar ou não o conservadorismo da fala rural de Goiás, é a mudança na posição do adjetivo adnominal no SN, da ordem AN para a ordem NA, através de um processo de cristalização de estruturas. Sendo a mais freqüente e mais produtiva até o século XVIII, sendo, portanto, o padrão no século XVI, a ordem AN é considerada conservadora, ao passo que a ordem NA, a menos freqüente no século XVI, é tida como a ordem inovadora.

Escolhi analisar a mudança AN > NA, por meio da descrição da posição do adjetivo no SN e do processo de cristalização de estruturas, porque me chamou a atenção, na amostra de fala da comunidade de Pombal (afro-brasileiros), o que considerei, impressionisticamente, baixa freqüência de uso de adjetivos. Percebi também que a ordem NA era predominante naqueles dados e que os poucos adjetivos que antecediam o nome estavam em *“enunciações cristalizadas*, indicativas de qualidade pessoal” e mais freqüentes no repertório lingüístico da comunidade.

Diante disso, para verificar se a baixa frequência de adjetivo e a conservação da ordem AN em “enunciações cristalizadas” caracterizavam a fala rural goiana ou a fala rural de comunidades afro-brasileiras, decidi ampliar a base de dados inicial, com amostras de fala das comunidades de Acaba Vida e de Traíras. Posteriormente, a fim de constatar se este fenômeno estaria evidenciando uma oposição entre a fala rural e a urbana, entre a oralidade e a escrita, ou se seria uma característica da fala rural de Goiás, propus desenvolver a análise comparativa já mencionada, incluindo também dados da fala rural de Barra Longa, Minas Gerais.

O referencial teórico básico que se adota vem da Linguística Histórica, principalmente da teoria da tipologia de mudança na ordenação de constituintes, baseada em Greenberg (1961; [1963]1966) e alguns de seus seguidores. Dado que a tipologia linguística oferece somente tendências gerais, supergeneralizadas, para a descrição linguística que se pretende realizar, serão adotadas a proposta de descrição do SN português de Perini (1994; 1996; 2004), a Teoria das Propriedades Sintagmáticas de Combinação e Contraste e o Princípio da Carga Funcional, de acordo com Lyons (1995) e Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995).

No que concerne à sua estrutura, a presente tese está dividida em 6 (seis) capítulos, além da introdução, conclusão, referências e anexos. O primeiro capítulo trata da formação sócio-histórica da fala rural goiana. No segundo capítulo, é apresentado o referencial teórico adotado. No terceiro capítulo, expõem-se os procedimentos metodológicos de coleta, organização e descrição dos dados, da análise e interpretação dos resultados. No capítulo quatro, intitulado “A posição do adjetivo no SN na fala rural goiana”, descreve-se a posição ocupada pelo adjetivo no SN, nas amostras da fala rural goiana, sob análise. O capítulo 5 (cinco), intitulado “A cristalização de estruturas nominais na fala rural goiana”, analisa, teoricamente, o processo de cristalização de estruturas nominais, a partir dos resultados da descrição da posição do adjetivo em relação ao nome no SN, expostos no capítulo (4). O capítulo (7), intitulado “A mudança AN > NA e o conservadorismo da fala rural goiana”, discute o processo de mudança AN > NA, na LP e no PB, a partir do estágio desta mudança na fala rural goiana. O conservadorismo da fala rural goiana é analisado e discutido, a partir da comparação dos resultados obtidos com a descrição e análise do referido fenômeno em dados da fala rural de Goiás e de Barra Longa, em Minas Gerais, aos resultados obtidos com a análise

do mesmo fenômeno, com dados da oralidade e da escrita da LP e do PB por Cohen (1990), Boff (1991), Müller *et al.* (2002) Callou *et al.* (2002) e Callou e Serra (2003).

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA FALA RURAL GOIANA

Com o homem rural se aprendem não apenas os fatos lingüísticos, porém muito mais, aprende-se sobre uma vida que nunca lhe foi ensinada mas aprendida de dentro da própria vida (FERREIRA & CARDOSO, 1994: 10).

Este capítulo tem por objetivos apresentar a *formação sócio-histórica* da fala rural goiana, considerando o contexto de constituição das comunidades e do homem rurais goianos; expor as *características lingüísticas* da fala rural, com base em publicações nacionais sobre o tema; e apreciar alguns *conceitos* consagrados e generalizados para os falares rurais brasileiros. Pretende-se, com isso, buscar um maior entendimento do que seja 'fala rural' e 'dialetos caipira' e de quais são as suas particularidades sócio-históricas e lingüísticas, para se entender, por fim, os traços lingüísticos, se houver algum, tipificadores da fala rural goiana.

É importante destacar que o termo 'fala rural' é empregado nesta tese para designar a fala do homem rural de Goiás, com o mesmo sentido de 'variedade lingüística'. A concepção de fala rural, portanto, é diferente da concepção de 'dialetos caipira', pois o adjetivo 'caipira' remete à composição étnica do falante: mestiço de branco e índio, com predominância indígena, na área paulista, apesar de Souza (1998) defender, subliminarmente, que os descendentes de africanos também possam ser designados de caipiras. Por isso, decidi empregar a expressão 'fala rural', no lugar do clássico 'dialetos caipira'.

O adjetivo 'rural' refere-se à localização, ao espaço geográfico, onde se situam determinadas variedades lingüísticas do PB, que podem caracterizar tanto a fala do homem rural, social e economicamente mais favorecido, quanto a fala dos agrupamentos rurais, social e economicamente menos favorecidos, ou seja, as

comunidades lingüísticas rurais *minorizadas*¹. O referido adjetivo permite ainda, por evocar a oposição rural/urbano, discutir o ‘conservadorismo’ da fala rural, decorrente de seu isolamento geográfico e cultural, segundo defendem alguns autores, conforme será apresentado mais detalhadamente nas seções a seguir.

Enfim, a expressão ‘fala rural’, apesar de ser também uma generalização terminológica, por ser mais abrangente, tem a vantagem de não desconsiderar a diversidade lingüística existente nas áreas rurais, designando variedades do PB faladas por comunidades específicas, englobando não só o ‘dialeto caipira’, mas todo e qualquer falar próprio de um agrupamento rural, com qualquer composição étnica de seus falantes. Assim, na presente tese, *dialeto caipira* designa somente o dialeto do mameluco paulista, principalmente aquele descrito por Amaral ([1920] 1982)², e *fala rural* designa as variedades lingüísticas faladas por qualquer comunidade situada em uma área rural, inclusive o *dialeto caipira*.

A caracterização da *fala rural*, nesse sentido, depende das situações de sua formação e das particularidades das comunidades que a usam. Em Goiás, ela pode pertencer a uma comunidade de afro-brasileiros, às antigas vilas rurais remanescentes do ciclo do ouro, aos antigos aldeamentos e às atuais reservas indígenas, ou aos remanescentes das colônias de imigrantes.

Dados os objetivos desta tese, como um todo, e do presente capítulo, em particular, com o termo *fala rural* estarei me referindo tão somente às variedades lingüísticas das comunidades de fala consideradas ‘*minorizadas*’, formadas a partir do Período Colonial brasileiro e, de forma mais específica, à fala das comunidades rurais goianas, situadas nas regiões de exploração aurífera, durante os séculos XVIII e XIX, e da expansão da agropecuária, no final do século XIX e em todo o século XX, em Goiás.

No que se refere ao homem rural, de acordo com a formação histórica do Brasil, diretamente ligada à necessidade de mão-de-obra para o trabalho forçado, tem-se

¹ Para me referir às comunidades e aos povos inferiorizados, prefiro o adjetivo *minorizada/o* no lugar de *minoritária/o*, mais usado e mais conhecido, porque a terminação em *-ada/o* indica melhor a assimetria social e econômica dos grupos, além de indicar uma construção e uma imposição e não uma inerência da característica *minorizada/o*.

² Embora eu tenha trabalhado com as edições de 1920 e de 1982 de O dialeto caipira, de Amadeu Amaral, daqui em diante, citarei apenas a edição de 1982, uma vez que esta é idêntica à anterior.

a formação do *caboclo* ou *mameluco*, que é o mestiço de branco e índio, conhecido como ‘caipira’(cf. AMARAL, 1982; SOUZA, 1998)³, habitante natural dos “bairros rurais”, na área paulista; o crioulo/pardo/mulato, mestiço de negro e branco ou negro e índio ou negro e outros mestiços, atualmente, genericamente, designado de *afro-brasileiro*.

É importante destacar ainda, na formação do povo brasileiro, os aldeamentos e os presídios militares destinados respectivamente à catequese e à disciplina de índios e negros, além das tribos indígenas. Deve ser considerada também a contribuição dos colonos estrangeiros, de vários lugares, formando diversas colônias, de acordo com as origens étnicas de cada grupo: italianos, alemães, açorianos, japoneses, tirolezes, etc.

Entende-se, portanto, que as camadas rurais brasileiras são complexas em sua formação étnica, em sua organização sócio-cultural e em suas condições econômicas, e que são compostas de comunidades, originariamente, multiétnicas e multilingüísticas. Essas questões merecem ser discutidas, pois constituem o contexto de formação do que Melo (1946) chama de "nossa fala plebéia", que é a genuína fala do brasileiro.

Assim, entende-se, por fim, que as muitas variedades do PB faladas pelas comunidades minorizadas, supergeneralizadamente chamadas de “dialeto caipira”, constituem, na verdade, um conjunto de variedades lingüísticas, que requer descrição e análise em suas particularidades, tendo em vista a sócio-história de sua formação e da formação sociocultural de seus falantes.

Na presente discussão, serão considerados alguns falares rurais goianos, de comunidades remanescentes do ciclo do ouro, formadas durante os séculos XVIII e XIX, e da expansão agrícola nos séculos XIX e XX, situadas, uma no município de Santa Rita do Novo Destino, mesorregião do centro goiano, microrregião de Ceres: comunidade de Pombal (afro-brasileiros); e duas no município de Niquelândia, mesorregião do norte goiano, microrregião de Porangatu: comunidade de Acaba Vida,

³ No litoral paulista também chamado de ‘caiçara’. Para Ribeiro (2006), “caboclo” é o mestiço da região amazônica, denominada pelo autor de “Brasil Caboclo”.

em Faz Tudo (migrantes mineiros) e comunidade de Traíras, antigo arraial do ciclo do ouro⁴.

As áreas rurais sob estudo, no interior de Goiás, situam-se em um território considerado de “influência histórica paulista” (SOUZA, 1998; PALACÍN, 1994, 1995), surgido em função da mineração, durante o ciclo das bandeiras. Pressupõe-se, por isso, que, do ponto de vista sócio-histórico, a fala de Goiás tenha se formado sob a influência predominante do *dialeto caipira*, que era, segundo Melo (1946; 1981), falado pelos integrantes das bandeiras. Rodrigues (1983) defende que os bandeirantes falavam a língua geral do sul, uma variante lingüística da língua Tupinambá, do tronco Tupi-Guarani.

Entretanto, não se pode ignorar que a região desbravada pelos bandeirantes era habitada por povos indígenas de diferentes etnias, contando também, em sua formação, com a participação destes e dos africanos, além da influência, posteriormente, dos imigrantes europeus e asiáticos, nos séculos XIX e XX. Por outro lado, não há ainda evidências suficientes para se afirmar que os bandeirantes adentraram o território goiano falando o dialeto caipira ou a língua geral do sul, tendo em vista que toda a documentação referente à época das bandeiras, constante dos arquivos de Goiás, está escrita em português.

Diante desses fatos, para a discussão proposta neste capítulo, parto dos seguintes pressupostos: (i) a fala rural, ainda que considerada conservadora por estar situada em áreas isoladas (BORTONI-RICARDO, 2004; BORTONI-RICARDO, 2005), pode apresentar mudanças lingüísticas; (ii) nem toda fala rural, mesmo aquelas formadas durante o ciclo do ouro e, portanto, estando na área de influência histórica dos bandeirantes, pode ser rotulada de “caipira”; e (iii) a fala rural goiana resulta de diferentes processos sócio-históricos, em diferentes momentos da formação do estado de Goiás e apresenta características lingüísticas semelhantes às características gerais do PB, inclusive das variedades urbanas.

⁴ Até o ano de 1988, o estado de Goiás compreendia todo o território que atualmente abrange os estados de Goiás e Tocantins. Com a criação do estado do Tocantins, em 1988, o território goiano foi reduzido e sua divisão territorial foi alterada. As mesorregiões e microrregiões de que trato aqui se referem à divisão atual do Estado, de acordo com os registros do IBGE ([www. ibge.gov. br](http://www.ibge.gov.br)).

No que concerne à sua estrutura, este capítulo está dividido em três seções: a primeira (1.1) descreve a formação sócio-histórica das ‘comunidades rurais’ goianas, a segunda (1.2) trata da constituição sócio-histórica do ‘homem rural’ goiano, descrevendo a formação do homem rural (1.2.1) 'caipira', (1.2.2) 'afro-brasileiro', e (1.2.3) o modo de vida do 'roceiro goiano', e a terceira (1.3), por fim, apresenta a constituição sócio-histórica e a caracterização lingüística da ‘fala rural’ goiana, no contexto da "corrida do ouro" no Brasil, destacando (1.3.1) as características estruturais da fala rural goiana, com base nos resultados de pesquisas realizadas com a mesma.

Assim, o presente capítulo, ao apresentar o percurso sócio-histórico de formação das comunidades, do homem e da fala rural goiana, pode contribuir com as descrições da fala goiana, da fala rural do Brasil, e com os estudos sobre a sócio-história do PB.

1.1 Contexto de formação das comunidades rurais goianas

De acordo com Monteiro (1995) e Palacín (1994), as aglomerações rurais pobres no Brasil surgiram e se acentuaram em decorrência: (i) da expansão territorial, (ii) da expansão da produção agrícola, (iii) do crescimento demográfico, e (iv) do fim do modo de produção escravista, além (v) da decadência dos aldeamentos, (vi) da formação de quilombos e (vii) das colônias européias formadas ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, em todo o país. Schwartz (2001) defende que a formação das “classes rurais” brasileiras aconteceu em meio ao conflito econômico entre a agricultura de exportação/modo escravista de produção/lavoura canavieira e a agricultura de subsistência, com ou sem a mão-de-obra escrava.

Tendo em vista a expansão do território e da produção agrícola na Capitania de São Vicente (atual estado de São Paulo), pode-se dizer que, nas áreas de colonização paulista, o surgimento de comunidades rurais, nos moldes considerados nesta tese, se insere, em um primeiro momento, no desenvolvimento do “projeto para o crescimento da Colônia” idealizado por D. Francisco de Sousa, Governador do Brasil, no início do

século XVII (MONTEIRO, 1995), que previa incursões ao interior das capitâneas em busca de nativos para o trabalho forçado e de riquezas minerais, dando início ao “sertanismo preador”. Além dos sertanistas, os jesuítas também se interiorizavam, a fim de “arrebanhar” índios para a “catequese” e a “civilização”, em seus aldeamentos.

A partir das incursões ao interior, surgiram os primeiros arraiais e roças, visando à manutenção das expedições. Conforme declara Monteiro (1995, p. 90), em casos de expedições mais abrangentes e longas,

(...) eram estabelecidos nos sertões pequenos arraiais ou roças, situados em pontos estratégicos, com vistas a abastecer os sertanistas. Eventualmente, alguns desses arraiais se desenvolviam em povoados, sobretudo nas rotas para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Essa prática de fundação de arraiais teve início com a bandeira de Raposo Tavares, em 1628, em captura aos Guaiará, quando foi estabelecido um arraial às margens do Rio Tibagi. À medida que os arraiais iam sendo edificados nos sertões, muitas vilas rurais eram fundadas em São Paulo e mais crescia a lavoura comercial com a chegada dos nativos, movimentando significativamente a economia paulista, exigindo cada vez mais um número maior de trabalhadores cativos e, em consequência, aumentando significativamente o contingente de escravos indígenas em São Paulo.

As expedições aos sertões paulistas, apesar de renderem sempre muitos cativos, não foram suficientes para suprir a carência de mão-de-obra nas lavouras e minas de São Paulo. Além do mais, a caça aos Carijó de Santa Catarina e Rio Grande e aos Guarani das reduções jesuítas estava completamente esgotada e inviável, devido à extinção ou rarefação dos índios e aos conflitos gerados entre os colonos portugueses e os espanhóis, na disputa aos Guarani, no Paraguai. Essa disputa conflituosa e violenta levou os portugueses a abandonarem as fronteiras com o Paraguai e a reorganizarem o apresamento e as expedições, partindo em busca de novos territórios.

Foi assim que as expedições paulistas se dirigiram para a região do Araguaia-Tocantins, no sertão de Paraopava. Nessa nova empreitada, os paulistas, já instalados nos sertões dos Cataguases, no atual estado de Minas Gerais, chegaram até a

Ilha do Bananal, sertão virgem, repleto de nativos e metais preciosos. O sertanismo paulista, então, estendeu-se até o Brasil Central.

A interiorização do sertanismo preador se intensificou ainda mais, diante do quadro sócio-econômico de São Vicente. Em meados do século XVII, as dificuldades de apresamento dos índios nos sertões vicentinos, devido ao aldeamento da maioria deles, às pressões dos jesuítas contra o seu cativo e à escassez das terras economicamente rentáveis, modificaram sensivelmente o quadro econômico de São Vicente: um pequeno número de colonos teve acesso aos poucos cativos e às poucas terras produtivas que restaram, ficando a maioria deles à margem do desenvolvimento econômico da Capitania.

Assim, com a distribuição desigual tanto das terras como dos trabalhadores indígenas, a riqueza concentrou-se nas mãos de poucas e poderosas famílias (as famílias radicadas na Vila de São Paulo), gerando uma grande “pobreza rural”, estabelecendo uma profunda diferença entre exploradores e explorados na população não cativa e incorrendo na decadência de muitos bairros rurais paulistas (MONTEIRO, 1995).

Para Sousa (1998), o contexto anteriormente descrito fez emergir, no interior dos bairros rurais paulistas, algumas categorias sociais, as quais agrupam os indivíduos segundo sua situação econômica: *sitiantes* – proprietário (aquele que possui título de posse) ou posseiro (o que não possui título de posse) da terra em que vive e trabalha com a família, com poucos recursos; *parceiro ou agregado* – aquele que não é proprietário da terra onde trabalha e que divide com o proprietário da mesma o resultado da colheita. Esse elemento emergente, seja ele *sitiantes* ou *parceiro*, é, segundo o autor, o “caipira”.

Ao lado da categoria “caipira”, resultante da miscigenação entre índios e brancos, da decadência dos bairros rurais paulistas e dos pequenos arraiais fundados nos sertões de São Vicente, são fatores importantes na formação de comunidades rurais, durante os séculos XVII e XVIII, os aldeamentos indígenas idealizados e estruturados pelos jesuítas.

De acordo com Palacín (1981, p. 146), “as aldeias foram criadas sob o signo declarado da segregação”, com a missão, inicialmente, de “civilizar” e “catequizar” os índios para melhor servirem à ação colonizadora e separar os convertidos dos pagãos. Para Salles (1992), os aldeamentos não passavam de “eufemismo” do processo de administração do indígena, devido às proibições legais, sendo, na verdade, uma forma de acumulação e qualificação de mão-de-obra para ser colocada a serviço da colonização.

Com o processo de aldeamento dos índios, nos anos finais da escravidão indígena, agravava-se ainda mais a situação no campo, aumentando a pobreza, pois “sem uma organização econômica interna, os aldeamentos [com uma população total de 1224 residentes indígenas, em 1700,] não tinham condições de sustentar-se” (MONTEIRO, 1995, pp. 216-7).

Após a expulsão dos jesuítas da Capitania de São Vicente, em 1640, as terras dos índios (ex-aldeamentos), onde eram cultivadas pequenas lavouras de subsistência, foram sendo ocupadas paulatinamente pelos colonos, às vezes de forma ilegal, às vezes com a conivência da Câmara Municipal.

Os poucos índios livres da região ocupavam terras, nas quais, quando conseguiam, cultivavam lavouras, inclusive com excedente de produção para vender nas vilas, como faziam os colonos. Ou seja, da mesma forma que o apresamento e a conseqüente escravidão indígena diminuía, “a proximidade entre homens livres pobres e escravos índios tornava-se mais evidente” (MONTEIRO, 1995, p. 212), pois sem terras para trabalhar e sem braços para cultivar suas lavouras, a população não-cativa foi-se igualando, em número e no modo de vida, à população cativa, que se reduzia a cada dia, diante das proibições legais e morais da exploração da mão-de-obra indígena.

Assim, as aglomerações de colonos e índios em “terra de índio” viriam a aumentar a soma de bairros pobres habitados por “caipiras”, na Capitania de São Paulo, ainda no século XVIII.

Merece destaque também, como fator importante na formação das comunidades rurais minorizadas, em São Paulo, os aglomerados de africanos e seus

descendentes, a partir da entrada do escravo africano como mão-de-obra para a mineração e para as grandes fazendas de cana-de-açúcar, em um primeiro momento, e de café depois.

Dos tijupares às senzalas, São Paulo foi substituindo paulatinamente, no século XVII, o escravo indígena pelo escravo africano, o que modificou a situação das comunidades rurais, acentuando profundamente o estado de pobreza, com a agregação, ao longo dos séculos XVII e XVIII, de indígenas e africanos livres e libertos⁵. Além desses fatores, há também as formações rurais resultantes de quilombos e aglomerações de escravos alforriados⁶.

Durante o período da escravidão africana no Brasil, nos séculos XVIII e XIX, o mundo rural minorizado foi crescendo cada vez mais, à medida que o liberto ia se integrando à sociedade, e com a extinção total da escravatura, em 1888, o número de lavradores pobres agrupados (e exilados) em pequenas comunidades rurais aumentou consideravelmente.

O frenesi da extração do ouro e das pedras preciosas, por seu turno, formou um grande contingente de povoados rurais nos sertões dos atuais estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Após a decadência da mineração, nem todos os povoados remanescentes do ciclo do ouro conseguiram o foro de cidade e muitos, sendo reconhecidos como cidade ou não, não conseguiram se manter economicamente, transformando-se em agrupamentos rurais arruinados e, conseqüentemente, despovoados.

O fim da mineração, portanto, constitui um importante fator no processo de “ruralização da população”, pois, sem as minas auríferas e sem recursos para adquirir e

⁵ Africanos livres eram aqueles que chegavam ao Brasil após 1831, por proibição do governo local, Lei esta reforçada pela Lei Eusébio de Queiroz, que extinguiu o tráfico atlântico, a partir de 1850; as crianças nascidas após a Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871. Os africanos libertos eram os ex-escravos (REZENDE, 2000).

⁶ Entenda-se por ‘quilombo’ os agrupamentos clandestinos de escravos africanos “fugidos”, diferentemente do que reza o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição brasileira promulgada em 1988, que abre precedente para o reconhecimento definitivo de propriedade a toda comunidade de afro-brasileiros que “esteja ocupando suas terras”, independentemente de ser remanescente ou não de antigo quilombo, que deu sustentação para que todo agrupamento de afro-brasileiros seja considerado quilombo.

manter a mão-de-obra escrava restava à população a alternativa de investir na agricultura e na pecuária, por seus próprios meios.

Após a abolição total da escravatura, em 1888, e com a decadência da mineração, uma das saídas para a escassez de mão-de-obra no campo e para o desenvolvimento da agricultura, além do povoamento do território, estava no incentivo à imigração estrangeira, já em andamento no Brasil.

De acordo com Prado Jr. (1997, p. 183), a imigração européia para o Brasil foi parte de uma “política oficial e deliberada de povoamento”, motivada, às vezes, pela iniciativa privada de particulares interessados na obtenção de mão-de-obra para o trabalho agrícola. Por isso, a imigração européia do século XIX, afirma ainda o mesmo autor, representou para o Brasil “um tipo original de corrente povoadora”.

O estímulo à imigração estrangeira para o Brasil, durante a segunda metade do século XIX, objetivava suprir a necessidade de mão-de-obra nas grandes plantações de café e ocupar as áreas despovoadas do país. Para tanto, depois de muitas crises enfrentadas pelos dirigentes da nação e pelos fazendeiros, no tocante à importação de mão-de-obra européia, e à convivência tumultuada nos campos entre europeus e negros, inicia-se, após a abolição da escravatura, uma política oficial do governo para atrair estrangeiros para o Brasil. Essa política é denominada pelos historiadores e sociólogos (PRADO JR., [1970] 1997; BRITO, 1992) de “imigração subvencionada”.

Em princípio, os imigrantes trabalhavam nas plantações de café como parceiros e, posteriormente, no último quartel do século XVIII, devido às divergências entre proprietários e parceiros, estes passaram à condição de assalariados. Os colonos fixados em pequenas propriedades, em função das circunstâncias e da falta de planejamento da política de subsídios das colônias, passaram a desenvolver cultura de subsistência, ao mesmo tempo em que trabalhavam nas grandes fazendas em troca de salário para adquirir os produtos e mercadorias que não eram produzidos por meio do cultivo da terra. Essas características distanciam as colônias do modo de produção capitalista desenvolvido nas plantações de café, além de criar a figura do pequeno agricultor que trabalha para produzir seus meios de sobrevivência sem produzir bens excedentes ou produzindo-os em pequenas quantidades.

Muitas colônias e mesmo muitos trabalhadores das plantações de café que se fixaram em pequenas propriedades, depois da crise do café, constituíram colônias rurais de estrangeiros de diversas origens. Essas colônias rurais também contribuíram para a formação do que estamos considerando comunidades rurais minorizadas, destacando-se que algumas colônias de estrangeiros possuíam e ainda possuem uma condição sócio-econômica privilegiada.

No Centro-Oeste, a imigração de europeus ocorreu bem mais tarde que no Sul e no Sudeste do país. De acordo com Brito (1992), houve tentativas dos dirigentes do estado de Goiás para a aquisição de mão-de-obra estrangeira, ainda no final do século XIX, mas sem sucesso. As autoridades nacionais competentes não se interessaram em atender os apelos dos administradores goianos no tocante à imigração européia, por não haver, em Goiás, grandes plantações de café, como havia no Sudeste, para absorver a mão-de-obra importada. Além do mais, o acesso por terra era muito precário, o que dificultava o trabalho e onerava em muito os cofres públicos.

Desta maneira, somente na segunda década do século XX começam a chegar os primeiros imigrantes a Goiás. Esse processo se intensifica na terceira década do século, com a chegada das famílias alemãs, que se fixaram nos arredores da atual Cidade de Goiás, na Colônia Alemã do Uvá (BRITO, 1992), e, no município de Anápolis, formou-se a colônia italiana de Nova Veneza.

De forma geral, a constituição das comunidades rurais minorizadas, na área de desbravamento dos paulistas, no Centro-Oeste, durante os séculos XVII e XVIII, foi motivada por questões econômicas e religiosas, durante as incursões dos aventureiros pelos sertões: os bandeirantes acompanhados de índios e africanos adentraram os sertões dos Guayazes, em busca de “braços” e riquezas (pedras e metais preciosos); e os jesuítas, em busca do gentio da terra para catequizá-lo (civilizá-lo, discipliná-lo e administrá-lo), nos aldeamentos.

Com as incursões dos bandeirantes e dos jesuítas e com a mineração, arraiais e vilas, aldeamentos e quilombos foram-se formando por todo o Planalto Central, resultando, posteriormente, nas atuais cidades, vilarejos e comunidades rurais remanescentes do ciclo do ouro. Essas comunidades podem ser pequenas vilas,

remanescentes de antigos e importantes julgados, aglomerados fragmentados ou dispersos, remanescentes dos quilombos ou de grupos de africanos e seus descendentes, reservas indígenas, remanescentes dos aldeamentos, e as antigas colônias européias.

No Centro-Oeste, diferentemente de Minas Gerais, que estava mais próximo do litoral e desenvolveu um projeto de imigração semelhante ao executado por São Paulo, a formação de colônias européias ocorreu e se intensificou por volta da terceira década do século XX, na forma de colônias agrícolas, despertando o interesse e a migração dos brasileiros.

Com o fim da mineração em Goiás, intensificou-se a atividade pecuarista e o desenvolvimento e expansão da agricultura. Um grande contingente de migrantes mineiros, baianos e maranhenses se aventurou por esses territórios em busca de terras devolutas, das quais pudesse se apossar para cultivar a agropecuária. Mas, como o fim da mineração e o início da agricultura coincidem com o fim da escravatura e, tendo em vista que ao minerador o trabalho na lavoura representava rebaixamento na escala social, a mão-de-obra existente foi insuficiente para suprir a lavoura e a pecuária.

Com isso, a escassez de mão-de-obra no Centro-Oeste passou a ser um problema que comprometia inclusive a sobrevivência dos mais abastados. A forma de solução do problema vislumbrada pelas notícias que vinham do litoral seria a importação de trabalhadores estrangeiros. Todavia, as condições da região central do país desencorajavam a imigração em todos os sentidos (PRADO JR., 1997; BRITO, 1992).

Somente após a proclamação da República, começa a ser desenvolvida uma política de colonização dos estrangeiros, semelhante ao projeto desenvolvido no Rio Grande do Sul, visando aos objetivos ligados aos interesses internos do país (BRITO, 1992).

Depreende-se, então, até aqui, que, com a decadência da agricultura em São Paulo, o declínio do ouro no Centro-Oeste, a abolição total da escravatura no Brasil, no século XIX, e, por fim, com a formação de colônias de estrangeiros, no final do século XIX e início do século XX, tudo o que restou de toda a “euforia colonial” e das crises

econômicas do Império e da República, no que concerne aos grupos minorizados, isto é, os descendentes de índios, de africanos e dos pequenos agricultores, mestiços ou não, foi “uma grande pobreza no campo” (PALACÍN, 1984; BRITO, 1992; MONTEIRO, 1995).

Neste contexto emergem tipos raciais, sociais e culturais de indivíduos, em geral, denominados de “caipiras”, e formas específicas de organização do espaço, do trabalho, enfim, da vida como um todo. Esses indivíduos, elementos constituidores fundamentais das comunidades rurais, são estigmatizados pela sociedade envolvente, devido a suas características socioculturais, que têm nos traços lingüísticos caracterizadores de sua maneira de falar a principal marca de seu grupo.

É precisamente o modo de falar deste indivíduo marginalizado, estigmatizado, situado nas comunidades rurais formadas, em Goiás, em decorrência dos ciclos do ouro e da agropecuária, nos séculos XVIII e XIX, que me interessa estudar.

1.2 Contexto sócio-histórico e cultural de formação do ‘homem rural’ goiano

O processo sócio-histórico e cultural, apresentado na seção anterior, e a expansão do território vicentino (paulista), nos séculos XVII e XVIII, definiram certos tipos de cultura e de vida social, caracterizados pelo caráter nômade, predatório, provisório e aventureiro, herdado do bandeirante (SOUZA, 1998).

O ‘homem rural’, resultante do processo mencionado anteriormente é, genericamente, denominado de *caipira*, com base na designação popular do mameluco paulista (AMARAL, 1982; SOUZA, 1998). Nesta acepção, o adjetivo 'caipira' reflete a representação, historicamente construída, do 'homem do campo' de qualquer parte do Brasil.

A representação que se faz do caipira reflete a oposição histórica entre campo/cidade, antigo/moderno, atrasado/desenvolvido. De acordo com Moura (1988, p.

15-6), em Roma, o habitante do campo era designado pelo termo *paganus*, que era a denominação de civil em oposição a soldado; *pagus* significava o território rural e a aldeia camponesa; *paisano*, como em português atualmente, significava o que não é militar ou um soldado (policia) sem farda; *pagão* era o não-cristão, aquele que precisava ser convertido. Em alemão (século XIII), a *Declinatio Rustica* tinha seis declinações diferentes para a palavra 'camponês', resultando nos sentidos de vilão, rústico, demônio, ladrão, bandido e saqueador; e, no plural, miseráveis, mendigos, mentirosos, vagabundos, escórias e infiéis.

Tem-se, portanto, uma representação sócio-ideológica, veiculada por meio da atribuição de denominações conceituais, que refletem a imagem que uma sociedade, em determinadas épocas, faz do homem rural. Qualquer que seja o conceito empregado, a noção de 'rural' estará sempre preta de significação histórico-ideológica.

O conceito *caipira*, empregado para designar o mameluco paulista, inicialmente, e o camponês, em geral, de certas áreas do Brasil (RIBEIRO, 2006), não foge a essa tradição. Para Amaral (1982), 'caipira' pode ser um tipo racial (ou étnico-cultural), sendo o resultado, em São Paulo, da miscigenação do elemento indígena com o elemento branco, ou seja, o mameluco; ou um tipo sociocultural, "os roceiros ignorantes e atrasados", com um modo de viver e de falar bastante peculiar.

Souza (1998), ao adotar o termo 'caipira' para qualificar o camponês paulista pobre, esclarece que por esse termo deve-se entender todo um modo-de-ser, um tipo de vida, e nunca um tipo racial, podendo esse termo, portanto, englobar o caboclo, o mulato, o branco e o negro, desde que conformados no conjunto de características definidoras e qualificadoras do 'caipira'. O referido autor, entretanto, admite que esse termo, "pelo uso inveterado", se restringe ao camponês paulista e sua área de influência histórica – os caminhos das bandeiras.

Ribeiro (2006), a partir de um ponto de vista etnogeográfico, propõe cinco variantes da "cultura brasileira rústica", cada uma delas presente em uma área específica do território brasileiro (veja mapa (1), em anexo):

(1)

| MUNDO RURAL BRASILEIRO | | | |
|--|-----------------------|-------------------------|-----------------------|
| VARIANTES DA CULTURA BRASILEIRA RÚSTICA | BRASIL CRIOULO | BRASIL SERTANEJO | |
| | BRASIL CABOCLO | BRASIL CAIPIRA | BRASIL SULINOS |

Quadro das variantes da cultura brasileira rústica.

Fonte: RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Cia de Bolso, 2006.

De acordo com a divisão de Ribeiro, supramencionada, o "Brasil Caipira" compreende todo o território brasileiro onde houve ação bandeirante, durante a preia de índios e a extração de metais e pedras preciosos, conforme indica o mapa (1), em anexo. Neste sentido, o estado de Goiás, como todo o Centro-Oeste, é considerado parte do "Brasil Caipira", de Ribeiro. Todavia, dada a inerência do termo 'caipira' ao 'homem rural' paulista, conforme pode-se perceber em Amaral (1982) e Souza (1998), da mesma forma que foi atribuído o adjetivo 'rural' para qualificar as comunidades minorizadas das áreas rurais, para evitar a limitação do termo caipira, vou considerar o homem do campo, de modo geral, como 'homem rural', sendo o 'homem caipira' um subgrupo do grupo rural.

Assim considerando, pode-se dizer que, na área rural brasileira, há a figura do caipira – designação cultural do mameluco – resultante da miscigenação de índios e europeus, habitante dos bairros rurais paulistas e das vilas rurais remanescentes dos antigos arraiais do ciclo do ouro, na área paulista; do indígena, habitante das reservas indígenas, remanescentes ou não dos antigos aldeamentos; dos afro-brasileiros, habitantes dos agrupamentos rurais afro-brasileiros, descendentes ou não de antigos quilombos (veja nota 6); e dos colonos, remanescentes das colônias agrícolas de estrangeiros.

Considero a divisão proposta por Ribeiro (2006) satisfatória para os propósitos da presente discussão, e a tomo como ponto de partida para a categorização do 'homem rural' goiano, observando que, dado o contexto de sua formação, diferentemente do que afirma o autor para todo o Centro-Oeste, que é parte do que ele

chama de Brasil Caipira, em Goiás, há uma mistura de Brasil caipira, Brasil crioulo e Brasil sertanejo.

Em alguns aspectos, o modo de ser e de viver do ‘homem rural’, seja ele afro-brasileiro ou caipira, se repete nas diferentes comunidades, independentemente de sua origem. Em outros aspectos, principalmente os sócio-culturais, há distinções significativas, que identificam um grupo, diferenciando-o dos demais.

A seguir, a fim de discutir a participação de cada subgrupo na formação do “roceiro goiano”, são apresentadas as características do ‘homem rural’, a partir do ‘caipira’ e do ‘afro-brasileiro’, que são de interesse direto ao tema desta tese, pois a população rural de Goiás, atualmente, excetuando-se as reservas e aldeias indígenas ainda existentes, é, predominantemente, negra e caipira. Ademais, os dados que estou estudando pertencem a comunidades remanescentes do ciclo do ouro e da expansão da agropecuária, cujos falantes se enquadram nas categorias de ‘caipira’ – Traíras e Acaba Vida – e de ‘afro-brasileiro’ – Pombal. Os demais subgrupos, ‘indígenas’ e ‘colonos’, de suma importância para a compreensão da vida rural goiana, incluindo o modo de falar, ficarão à espera de futuros trabalhos.

1.2.1 O *caipira*

Eu moro é dibaxo do meu chapéu
(dito popular).

O termo ‘caipira’ é de origem obscura e controversa. Segundo Cunha (1997, p. 37), esse termo pode ter sua origem no Tupi (trata-se mais de uma especulação do que de uma informação), como uma corruptela de *caipora* (>*caapora* ~ *caa-pira*), com intercorrência de *curupira* (ou *currupira*), que justificaria a evolução *-pora* > *-pira*, indicando indivíduo ‘rústico’, ‘tímido’, ‘roceiro’, ‘matuto’. Para Amaral (1982), a busca de relação entre caipora, curupira e caipira é extravagante e imaginativa.

Souza (1998), menos preocupado com as origens etimológicas, adota o termo ‘caipira’ como uma categoria sociológica para descrever os *parceiros do Rio*

Bonito, no município de Bofete, em São Paulo. O autor defende que a cultura ou modo de ser do ‘caipira’ paulista

(...) é uma variedade subcultural do tronco português (...) resultante do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contato com o aborígine (SOUZA, 1998, p. 36).

O “modo de ser” e o “tipo de vida” do *caipira* se assentam em uma “vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência”, desenvolvida por meio do trabalho isolado ou com cooperação vicinal ocasional. Trata-se de uma “vida de bandeirante atrofiado, sem miragem, concentrado em torno dos problemas de manutenção dum equilíbrio mínimo entre o grupo social e o meio” (SOUZA, 1998, p. 36).

As características da ‘sociedade caipira’, apontadas por Souza (1998) e por Amaral (1982), são: 1) isolamento; 2) posse da terra; 3) trabalho doméstico; 4) cooperação vicinal; 5) disponibilidade de terras; 6) primitivismo ou atraso; 7) indolência, lentidão, marasmo e estagnação. O parâmetro da comparação é a sociedade paulistana do final do século XIX e início do século XX.

Com as transformações da vida no campo, mesmo diante da resistência do caipira a mudanças em seu modo-de-ser e de viver, as características apontadas tendem a se transformar, se não totalmente, pelo menos em grande parte.

O isolamento do caipira, por exemplo, que nunca foi total, tende a diminuir, frente às atuais circunstâncias, isto é, da crescente integração da agricultura ou da economia rural à cidade ou economia urbana. Souza (1998) afirma que os agrupamentos caipiras, por mais afastados que estivessem das cidades vizinhas, mantinham com estas alguma ligação e contato devido à necessidade de alguns produtos, como sal, arame, etc., e por causa da administração e da religião. Por isso, o autor defende que o isolamento da sociedade caipira é “relativo”.

A vida do caipira pode parecer, a um observador leigo, caracterizada pela continuidade e plena sobrevivência das formas essenciais de sua vida e de sua cultura. Entretanto, assim como o isolamento relativo do grupo parece um isolamento total, a sobrevivência ou continuidade dos traços caipiras essenciais – aqueles formados a partir da mistura dos elementos culturais do colonizador e do nativo da terra, como uma forma de ajustamento daquele ao novo meio (SOUZA, 1998) – pode ser apenas aparente.

Uma comparação das características dos grupos descritos por Souza (1998) com as características de outras comunidades rurais pode mostrar com clareza as transformações vividas pelos caipiras, em função da adequação ao meio: perda do hábito de caçar – atualmente, além da escassez das presas e da existência de outras possibilidades de alimentação, há as restrições legais do direito de propriedade e a proibição do IBAMA, que inibe essa prática; há maior fixação do homem à terra – diminui o caráter nômade, aumentando, com isso, as relações de vizinhança e a cooperação vicinal. Enfim, de nômade, garantindo o mínimo necessário à sobrevivência, o caipira passa a parceiro ou meeiro ou mesmo a sitiante, em forma de proprietário ou posseiro, produzindo inclusive bens excedentes, e sua morada (casa, rancho, tapera) deixa de ser “dibaxo do seu chapéu”.

1.2.2 O afro-brasileiro

Queiroz (1983, pp. 143-4) afirma sobre Ivaporunduva que, na maioria dos aspectos socioculturais, este bairro se assemelha aos agrupamentos caipiras. Todavia, destaca o autor,

(...) há um ponto em que seus enredos não coincidem: a preponderância de elementos da cor na composição da população do bairro estudado, e a prolongada permanência dos mesmos desde que os escravos e seus descendentes se instalaram na área, no distante século XVIII.

Por terem sua origem em quilombos ou em algum outro tipo de agrupamento, os “pardos” se caracterizam por serem mais reservados e menos móveis – não possuem histórias de nomadismos. Os agrupamentos de afro-brasileiros se caracterizam mais pelo ‘alheamento’ em relação à sociedade envolvente, como uma forma de resistência e auto-defesa. Não se pode dizer que tenham desenvolvido o perfil de lavrador, como os caipiras paulistas.

Segundo Schwartz (2001, p. 154),

(...) mesmo quando produziam os próprios alimentos, os escravos não eram roceiros devido ao nível de coação e as limitações às suas decisões que eram geralmente muito maiores que as condições nas quais os roceiros operavam”.

Acostumados ao trabalho na mineração e nas grandes lavouras de cana-de-açúcar, os africanos e seus descendentes não estavam habituados a cultivar lavoura de subsistência, não se adaptando, com facilidade, às lavouras agrícolas. Além do mais, a condição de ex-escravo ou de descendente de escravos dificultava sua integração na classe dos “roceiros”, conforme descrito na subseção (1.2.3), a seguir.

Da mesma forma que os agrupamentos caipiras, conforme descritos na subseção anterior, as comunidades de afro-brasileiros têm se transformado em função da dinâmica do mercado e dos modos de sobrevivência no campo. Queiroz (1983) mostra como Ivaporunduva se transformou com a introdução do corte do palmito, inserindo o bairro no modo capitalista de produção e alterando sistematicamente a vida da comunidade.

Pode-se perceber pelo exposto em (1.2.1) e (1.2.2) que o ‘caipira’ e o ‘afro-brasileiro’ possuem características que os diferenciam e que os aproximam, justificando a divisão do grupo ‘homem rural’ em dois subgrupos.

Constata-se ainda que não há possibilidade de completa e total estagnação em agrupamentos sociais, mesmo nas comunidades rurais mais distantes das cidades. Estas, por uma questão de sobrevivência, estão em contato, de alguma forma, com o meio circundante e em constantes transformações, sejam quais forem as suas origens

étnicas, as suas condições de vida e os seus modos de relação com o meio ambiental e social. Tais transformações tendem a diminuir o isolamento e o conservadorismo das comunidades rurais, mesmo que em um ritmo mais lento que nas cidades.

1.2.3 O *roceiro* goiano

A formação do *'roceiro'* goiano está diretamente ligada aos processos de ocupação do território dos Guayazes e se insere no contexto (i) do ciclo das bandeiras, durante o *'sertanismo preador'* e a *"corrida do ouro"*, após a crise brasileira das lavouras de açúcar; (ii) da expansão da agropecuária, após o declínio da mineração, com a migração de diferentes brasileiros, durante o século XIX e no início do século XX, e a *colonização* dos imigrantes, em meados do século XX, no limiar da construção do *"novo tempo"* de Goiás, em contraposição à *"decadência"* do pós-mineração e ao *"atraso"* do ciclo da agropecuária.

Os colonizadores incursionaram aos sertões brasileiros, inicialmente aos arredores da vila de São Paulo, nas regiões oeste, noroeste e norte da Capitania de São Vicente, até o *'sertão dos Cataguases'* (no atual estado de Minas Gerais), e à altura do Paraopeba, adentrando o *'sertão dos Guayazes'* (atuais estados de Goiás e Tocantins), nas proximidades da Ilha do Bananal.

Dois objetivos motivaram os paulistas a desbravarem os sertões no interior do país: a preta de índios para o comércio paulista de mão-de-obra para as lavouras de cana-de-açúcar, em São Vicente e no nordeste brasileiro, o *'sertanismo preador'* (MONTEIRO, 1995) e a busca por metais e pedras preciosas para a reorganização da economia paulista, junto à Coroa portuguesa – a *'corrida do ouro'* (PALACÍN, 1994).

Conforme já mencionado, com a constante e crescente necessidade de mão-de-obra nas lavouras e nos engenhos de açúcar, e a escassez de mão-de-obra, devido ao esgotamento dos gentios nos sertões vicentinos e aos problemas enfrentados com o apresamento de índios no Sul do Brasil, principalmente na fronteira com o Paraguai, abrir o sertão em busca de cativos era a única solução para movimentar o comércio do

“negro da terra” (MONTEIRO, 1995), em São Paulo, e abastecer as lavouras paulistas e nordestinas de mão-de-obra.

Após sua expulsão do nordeste brasileiro, em meados do século XVII, os holandeses passaram a produzir açúcar nas Guianas e nas Antilhas, oferecendo, no mercado internacional, produtos de melhor qualidade a preços mais baixos que os produtos brasileiros. Os proprietários brasileiros das lavouras e dos engenhos canavieiros não conseguiram competir no mercado externo com os produtores holandeses, gerando a crise do açúcar brasileiro.

Diante da crise do açúcar, das descobertas das primeiras minas de ouro, as minas das Gerais e as de Cuiabá, e da possibilidade de descoberta de muitas outras minas sertão adentro, no sertão de Guayazes e no Grão-Pará, a busca e extração do ouro passou a ser atividade econômica prioritária para a Coroa portuguesa.

Nesse contexto, as expedições aos sertões, nas imediações da Vila de São Paulo, se expandiram até Goiás, em consequência da necessidade de buscar um caminho terrestre para as minas de Cuiabá, que se ligava às Minas Gerais por meio do referido sertão. Por outro lado, o desmembramento de Minas Gerais tornou urgente a necessidade de se alargar os limites reais da Capitania e de se criar um novo eixo mineiro (PALACÍN, 1994), e devido às possibilidades concretas de existência de ouro no território dos Guayazes.

Assim, pode-se dizer que o “desbravamento” e a ocupação do território goiano foram motivados pela preta do nativo, mas começaram, efetivamente, em função das minas auríferas, durante o movimento denominado de “corrida do ouro” (PALACÍN, 1994), pois com o “sertanismo preador”, anterior à mineração, não houve ocupação.

O processo mineratório de exploração de Goiás se deu de forma descontínua, fragmentada, efêmera e irregular, pelas bandeiras paulistas.

Antes da bandeira do Anhangüera, em 1722, a primeira a se fixar no território goiano, várias bandeiras apresadoras adentraram o sertão dos Goyazes. Salles

(1992) afirma que a primeira bandeira a penetrar em Goiás foi a de Sebastião Marinho, em 1592, seguida pelas de Domingos Rodrigues, 1596-1600, e de Sebastião Paes de Barros, 1673, esta a última bandeira apresadora.

Palacín (1994) apresenta informações diferentes. Segundo este autor, a primeira bandeira a chegar aos sertões de Goiás, ao leste do Tocantins, com o objetivo de apresar índios para o comércio em São Paulo, foi a de Antônio Macedo e Domingos Luis Grau, em 1590-1593. Seguiram-se, depois, muitas outras bandeiras, até a entrada da bandeira de Sebastião Paes de Barros, em 1673, a última antes da bandeira do Anhangüera.

O caminho para Goiás era tão conhecido, afirma Palacín (1994), que, além das bandeiras oficiais, muitos grupos anônimos o transitavam normalmente, mesmo antes de ser oficializada a descoberta das minas de ouro e de serem assentados os primeiros núcleos mineradores.

A bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o filho – ainda não foi encontrada nos documentos oficiais nenhuma referência à bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o pai (SALLES, 1992; PALACÍN, 1994) – chegou a Goiás pelas margens do rio Paranaíba (denominado, na época, por Silva Braga, de Meia Ponte), mais ou menos nas imediações de Catalão (AMERICANO DO BRASIL, 1980).

Três anos depois de entrar no sertão goiano, a bandeira do Anhangüera, já dividida, chega às margens do rio Vermelho, na serra Dourada, onde, devido à abundância de ouro de aluvião⁷, são edificados, em 1726, os primeiros núcleos mineradores da região centro-sul: Ferreiro, Barra, Santa Rita e Ouro Fino; Santa Cruz, em direção a São Paulo; e os primeiros arraiais: Sant'Ana, às margens do rio Vermelho, o primeiro núcleo fundado; e em 1731, em direção a São Paulo, na Serra dos Pirineus, Meia Ponte.

⁷ O 'ouro de aluvião' é o ouro encontrado em filões ou veeiros, localizados sob camadas de rochas; é diferente, por exemplo, do 'cascalho duro' que fica em filões de aglomerados argilo-ferruginoso hidratados (SALLES, 1995, p. 58).

Entre 1730 e 1750 surgiram novos descobertos e com eles novos núcleos mineratórios, ao norte e nordeste do território, nas proximidades dos rios Tocantins e Paranã, dentre os quais estão Trahiras e São José do Tocantins, ambos em 1735. Continuaram surgindo, ao longo de todo o século XVIII e início do século XIX, núcleos “esparcos e distantes uns dos outros” (TIBALLI, 1991, p. 23).

Palacín (1994) define as fases do processo denominado de “corrida do ouro” da seguinte forma:

(...) descobrimento, um período de expansão febril – caracterizado pela pressa e semi-anarquia – depois, um breve mas brilhante período de apogeu e, imediatamente, quase sem transição, a súbita decadência, prolongada às vezes como uma lenta agonia. Tal é o ciclo do ouro (PALACÍN, 1994, p. 13).

A fundação de povoados, vilas e arraiais, durante a mineração, seguia os mesmos passos: descobria-se o ouro, a população se dirigia para o local rapidamente, eram fundados acampamentos provisórios, depois povoados, vilas e até arraiais luxuosos e opulentos, dentro dos limites oferecidos pelas condições de comércio e transporte dos sertões, os quais ficavam praticamente despovoados, com a decadência das minas, restando apenas as ruínas.

Ao lado do frenesi da mineração, havia grandes lavouras, que forneciam alimentos para a população, e pequenas lavouras de subsistência, tocadas pelos “roceiros”, e sítios de criação de gado *vacum*, destinado à alimentação da população local e ao comércio, ainda um pouco restrito, no Triângulo, em Minas Gerais.

Com o declínio da mineração, por volta de 1780, segundo os censos da coleta do quinto do ouro, as atenções se voltaram para a agropecuária, como um recurso de salvação da economia goiana. A pecuária já apresentava, há algum tempo, sinais de prosperidade, principalmente no nordeste goiano, em direção ao Vale do São Francisco, na Bahia. A agricultura, um pouco mais tímida, enfrentava dificuldades de escoação, dadas as precárias condições de transporte da época e, por isso, encontrava-se à margem dos interesses político-econômicos locais.

A administração da capitania de Goiás, diante da situação que se apresentava no final do século XVIII e início do XIX, decidiu incentivar, de forma direta e planejada, a agricultura para fins comerciais. Tanto para a expansão da agricultura quanto para o comércio dos produtos locais era necessária, na visão dos administradores, a ocupação do norte da capitania e a navegação do rio Tocantins, pois assim, poderia ser estabelecida uma ligação com a Capitania do Pará, resultando no acesso ao porto de Belém, única possibilidade de comércio dos produtos goianos.

A navegação do rio Tocantins e a ligação com o porto de Belém para fins comerciais encontraram entraves político-administrativos, chegando mesmo a serem proibidas. O povoamento do norte caminhava a passos lentos, pois os impostos exigidos para o cultivo das terras e o alto custo da produção, principalmente pelas dificuldades de transportes, desencorajavam os agricultores. A agricultura goiana só conseguiu ser mais competitiva no mercado nacional e atingir o mercado externo no limiar do século XX, mais precisamente com a chegada da estrada de ferro. Entretanto, um outro entrave surge para os agricultores. Os pecuaristas, poderosos fazendeiros, ou coronéis, que, à custa de influências políticas e das facilidades naturais à criação de gado oferecidas pelo sertão goiano, dominavam os incentivos e as relações de comércio.

A pecuária, desde o período “áureo” da mineração, se impõe como atividade alternativa à economia goiana, por meio do comércio com o Triângulo. Com o esgotamento das minas, a expansão e a competitividade pecuarista de Goiás cresce de forma rápida, definindo a tônica social, econômica e, principalmente, política da Província, no século XIX. Segundo Chaul (2002, p. 96), “em 1870, das 105.548 cabeças, 32.949 foram exportadas, diante de uma população que crescia de 160.000, em 1854, para 211.701, em 1882”. Assim, o esgotamento das minas, embora visto e tratado de forma negativa pela Coroa, favoreceu o crescimento da economia de Goiás e modificou o perfil da sociedade.

Com os incentivos da administração de Goiás à agricultura e diante das facilidades naturais à pecuária, ocorre um processo de migração da Bahia, Maranhão, Pará e Piauí para as regiões goianas do norte e do nordeste. Mas, o movimento migratório é mais intenso nas regiões sul, sudoeste e centro-sul do território, as quais

recebem agricultores e pecuaristas de Minas Gerais, principalmente do Triângulo, e de São Paulo, que formavam a classe dos grandes proprietários.

Enfim, a ocupação do território goiano pelo não-índio só acontece a partir da fixação do homem à terra, com a expansão da agropecuária, no século XIX. Desta forma, ao final do século XIX, a ocupação de Goiás estava constituída a partir de duas regiões, com características demográficas e culturais distintas: o sul e o norte. A população goiana dessas regiões, em função de sua formação sócio-histórica, apresenta traços físicos e culturais próprios das regiões brasileiras que lhe deram origem, as quais segundo Tiballi (1991, p. 20), podem ser notadas, “principalmente, na estrutura da linguagem e nos hábitos alimentares da população”.

1.2.3.1 A população de Goiás nos séculos XVIII e XIX

As fontes de informação acerca do quantitativo populacional de Goiás, no século XVIII, são escassas e imprecisas, exceto pelas informações que o Governador Luís da Cunha Menezes envia ao Secretário de Estado, afirmando que a população total de Goiás é 58.829 habitantes, em 1781, e 59.287, em 1783 (PALACÍN, 1994, p. 69). Além desses, os dados mais confiáveis são os registros da capitação referentes a 1736 e 1750, indicando o número de escravos adultos, ou seja, aqueles que pagaram a capitação, em torno de 16.800 escravos pagantes para uma população estimada em 35.000 habitantes, em 1750 (PALACÍN, 1994). Sobre o século XIX, obtêm-se dados mais confiáveis, advindos dos censos demográficos constantes dos relatos de alguns cronistas, conforme apresentados na Tabela (1), a seguir.

Tabela 1
População de Goiás nos
séculos XVIII e XIX

| Período | Nº. de habitantes |
|---------|-------------------|
| 1750 | 35.000 |
| 1781 | 58.829 |
| 1783 | 59.287 |
| 1804 | 50.465 |
| 1808 | 50.593 |
| 1823 | 61.000 |
| 1824 | 62.518 |
| 1832 | 68.497 |

Fontes: Palacín (1994); Salles (1992); Tiballi (1991).

Palacín (1994, p. 70) considera que os dados estatísticos referentes aos séculos XVIII e XIX (vide Tabela (1)), não passam de “aproximações grosseiras”. Entretanto, é o que se tem e, mesmo sendo “aproximações grosseiras”, eles dão uma idéia da demografia goiana, daquela época.

A demografia da população goiana pode ser vista, ainda, considerando-se sua distribuição étnica, conforme os dados constantes da Tabela (2), a seguir:

Tabela 2
População de Goiás no século XIX por grupo étnico

| Período | Habitantes | Branco | Pardos | Negros |
|---------|------------|--------|--------|--------|
| 1804 | 50.465 | 6.988 | 15.645 | 27.832 |
| | 100% | 14% | 31% | 55% |
| 1832 | 68.497 | 11.761 | 34.397 | 21.345 |
| | 100% | 17,2% | 50,2% | 31,2% |

Fonte: Palacín (1994)

Nenhuma das fontes consultadas menciona dados demográficos dos povos indígenas, para o século XVIII, a não ser que os números referentes à quantidade de escravos estejam incluindo os escravos indígenas. Entretanto, nada é dito sobre essa possibilidade.

Cunha Mattos (*apud* SALLES, 1992, p. 227) registra a existência de 22.750 “habitantes selvagens na Capitania”, e Rocha (1998, pp. 27 e 109) estima que a população indígena, na segunda metade do século XIX, “somava aproximadamente

trinta mil índios, dos quais oito mil viviam aldeados, segundo dados oficiais da época, [e que] não chegavam a quatro mil no final do século”.

Salles (1992, p 227) informa que, nos anos iniciais de sua colonização, havia em Goiás cerca de trinta e cinco grupos indígenas: Kaiapó, Bororo, Goiá, Xavante, Crixá, Araé, Canoeiro, Apinajé, Capepuxi, Xacriabá, Acroá, Caraó, Coroá-mirim, Temembó, Tapirapé, Karajá, Javaé, Karajaí, Gradaí Tessemedu, Amadu, Guaia-Guassu, Xerente, Carijó, Aricobé, Macamecran, Noraguajé, Afotige, Otogé, Garahus-aussu, Guanayrissu, Guapindae, Coriti, Tapaguá, os Xerente de Quá e alguns Bororó. Estes dados sugerem, considerando-se a informação de Rocha (1998), uma média de pouco mais de mil índios por grupo. Foram esses os povos que as primeiras bandeiras encontraram no território goiano e os de que se têm registros.

Muitas dessas nações indígenas foram dizimadas pelas frentes de expansão. Os que conseguiram sobreviver “foram obrigados a se inserir na economia regional como mão-de-obra barata” e os aldeados (“civilizados”) se tornaram “caboclos pobres”, inseridos em uma sociedade de classes, dita civilizada (ROCHA, 1998, p. 109), aumentando a soma das comunidades rurais pobres da época, contribuindo com a formação do *roceiro* goiano.

Atualmente, existem em Goiás não mais que 600 índios, em duas aldeias e uma reserva: os Karajá (Macro-Jê, família Jê, Grupo Karajá), em Aruanã, no Vale do Araguaia; Carretão, antigo Aldeamento Pedro III, denominados de Tapuya (designação genérica para os índios que não são Tupi), formada por remanescentes de muitas diferentes etnias indígenas e por descendentes de africanos; e a reserva dos Avá-Canoeiro, na Serra da Mesa, município de Minaçu, região norte do Estado. Os Karajá e os Avá-Canoeiro são bilíngües, tendo a língua indígena como primeira língua ou língua materna e o português como segunda língua; os Tapuya são monolíngües em português.

Com relação aos africanos e seus descendentes, oficialmente, o primeiro “comboio de negros” chegou a Goiás em 1752. Segundo Salles (1992, p. 229), “a afluência do negro a Goiás foi regular e constante, desde os primeiros anos de sua ocupação”, havendo registros da presença de escravos negros já nas primeiras bandeiras que entraram em Goiás.

A demografia oficial da escravidão, em Goiás, nos séculos XVIII e XIX, é como se apresenta na Tabela (3):

Tabela 3
População escrava em Goiás de 1750 a 1832

| Período | Nº. de Habitantes | Nº. de Escravos | % de Escravos |
|---------|-------------------|-----------------|---------------|
| 1750 | 35.000 | 20.000 | 57,14 |
| 1783 | 59.267 | 17.613 | 29,70 |
| 1804 | 50.465 | 19.889 | 39,41 |
| 1824 | 62.518 | 13.375 | 21,39 |
| 1832 | 68.497 | 13.261 | 19,36 |

Fonte: Tiballi (1991, p. 53)

A leitura dos dados da Tabela (3) deve levar em consideração que os dados oficiais sobre a quantidade de africanos não reflete a realidade dos fatos, uma vez que o contrabando era uma prática constante e tendo em vista que os senhores de escravo não informavam corretamente o quantitativo de sua escravaria.

Do século XVIII para o XIX, registra-se uma queda na população de Goiás: de 59.287 habitantes, em 1783, para 50.465 habitantes, em 1804, e 50.593, em 1808. Em 1823, o número de habitantes cresce para 61.000. A população escrava, por sua vez, aumenta de 17.613, em 1783, para 19.889, em 1804.

Os dados da Tabela (2) permitem afirmar que, em Goiás, nos séculos XVIII e XIX, a população branca era significativamente inferior em quantidade à população negra e parda, sendo que a população negra era a mais numerosa. Considerando-se a estimativa da demografia indígena, de Rocha (1998), em torno de trinta mil índios, a população negra cai para a segunda mais numerosa. Assim, pode-se dizer que, em termos quantitativos, com base na origem étnica da população de Goiás, nos séculos XVIII e XIX, o *roceiro* goiano dos dias atuais é, em um primeiro momento, o *mestiço*, descendente de brancos, índios e negros, com predominância ora de um ora de outro, conforme a natureza da comunidade de fala.

Em um segundo momento, a formação do *roceiro* goiano está associada aos migrantes das regiões norte, nordeste e sudeste do país, em decorrência da política de incentivo à agricultura do Presidente da Província de Goiás, no século XIX.

No final do século XIX e início do século XX, os municípios do centro-sul goiano – a capital Goiás, Catalão, Bom Fim e Meia Ponte – eram os que apresentavam os mais altos índices de densidade demográfica. Na região sudoeste, nos municípios de Rio Verde, Rio Bonito e Jataí, a densidade demográfica era mais rarefeita, apesar de ser mais intensa do que nos municípios das regiões norte e nordeste (TIBALLI, 1991).

A mistura étnica e, conseqüentemente, o multiculturalismo são a regra em Goiás, não fugindo, portanto, à situação geral do Brasil, nos períodos colonial e imperial. A composição das bandeiras exploradoras dos sertões do Brasil Central também reflete uma situação de mistura etnocultural, desde sua saída de São Paulo.

Segundo Salles (1992), desde a primeira expedição aos sertões de Goiás, a bandeira de Sebastião Marinho (em 1592), há registros da presença de índios e negros nas bandeiras, sendo que a primeira incursão de Bartolomeu Bueno, em 1722, contou com a presença de 20 índios. Em São Vicente e na Vila de São Paulo, o comércio de indígenas movimentava a economia e alterava o resultado da miscigenação, pois

Nos séculos XVI e XVII, para 8.000 índios havia 265 africanos em São Paulo. Sérgio Buarque de Holanda lembra que no século XVIII, na mesma Capitania, havia 24.800 homens de guerra, dos quais 20.200 seriam índios (SALLES, 1992, p. 216).

Diante do exposto, as características atribuídas ao ‘homem rural goiano’ e às ‘comunidades rurais goianas’, de forma geral, conforme o apresentado nas subseções precedentes, podem ser tomadas como princípio de análise da constituição da população de Goiás, sob uma perspectiva mais científica e menos preconceituosa. Assim, por ‘mestiçagem’ e ‘bastardia’ (SAINT-HILAIRE, 1937), entenda-se a multiplicidade étnico-cultural, resultante dos contatos e das uniões não-formais, comuns aos roceiros e, até mesmo, aos administradores, mineradores e pecuaristas, em determinados lugares e épocas.

1.2.3.2 Estratificação social em Goiás no século do ouro

A população e a escala social nas “Minas dos Goyazes”, de acordo com Palacín (1994), eram assim compostas: os brancos *ilustres*, incluindo os descobridores, ligados diretamente à Metrópole, eram os portugueses ou luso-brasileiros (brasileiros filhos de pai e mãe portugueses), que ocupavam cargos importantes na administração das minas e da Capitania; brasileiros brancos migrantes de outros pontos da colônia, basicamente da Bahia (Vale do São Francisco), do Pará, Maranhão e Piauí; na região sul de Goiás, predominavam os mineiros do Triângulo (TIBALLI, 1991), que eram mineradores – donos de lavras e escravos –, lavradores/roceiros (no sentido exposto no parágrafo a seguir), comerciantes, operários (mestres e oficiais especializados); os mestiços – miscigenação de branco e índio, índio e negro, branco e negro – escravos ou alforriados; e os negros, escravos ou alforriados. Os mestiços e os negros eram trabalhadores, sendo que na hierarquia da época, os trabalhadores que se dedicavam à mineração eram superiores àqueles que se dedicavam à agricultura.

Os roceiros, considerados, durante o ciclo do ouro, homens incultos, isolados, ignorantes, violentos, rudes e atrasados, eram senhores de escravos dedicados à agricultura (PALACÍN, 1994). Dado que para sustentar engenho e roça era necessário um número grande de escravos, Palacín (1994), apoiado nos relatórios da Câmara de Vila Boa, esclarece que, na época, roceiro e lavrador poderiam ser ricos proprietários.

Na escala da sociedade mineradora, portanto, o *roceiro* se encontrava abaixo da classe do minerador e acima da classe dos trabalhadores braçais, com os quais não se confundia, pois os trabalhadores eram, em geral, escravos, negros livres e libertos, índios e mestiços livres ou alforriados. Não há referências a brancos trabalhadores (braçais). Os brancos que não ocupavam cargos na administração eram mineradores, roceiros, operários ou simplesmente “vadios” (pedintes, mendigos). Os trabalhadores, na escala social, estavam acima somente dos “vadios”.

1.2.3.3 O perfil do *roceiro* goiano na atualidade

Com a exaustão das minas, no último quartel do século XVIII, a população branca, inferior em quantidade à negra e à mestiça, praticamente desaparece. Palacín (1994) afirma que no norte, sobretudo, encontram-se arraiais onde não ficara, depois da ruína, uma só família branca. Os brancos se retiraram, voltando para suas terras de origem ou procurando lugares onde a agricultura estivesse em expansão, deixando para trás a decadência do pós-mineração, em Goiás.

De acordo com Palacín (1994, p. 117),

as manifestações profundas e duráveis da decadência, de caráter sócio-geográfico, foi a ruralização da vida [pois] de uma população radicada quase exclusivamente em centro urbanos – por pequenas que essas povoações fossem –, passa-se a uma dispersão atomizada da população pelos campos. A ruralização, não raro, era acompanhada de uma regressão cultural, que em muitos casos se traduzia numa verdadeira indianização de grupos isolados.

Entenda-se por “ruralização”, a fixação da população urbana, exclusivamente, nas áreas rurais da Província, e por “regressão cultural” deve-se entender a perda ou o distanciamento dos costumes europeus e a aproximação da cultura indígena (“indianização”), conforme se pode inferir da seguinte afirmação de Saint-Hilaire (1937, p. 286): “(...) e aí perdiam até os elementos de civilização, as idéias religiosas, o hábito das uniões legítimas, o conhecimento da moeda, e o uso do sal”. Acrescente-se a essas perdas o desprezo pelo trabalho, tão condenado pela sociedade, e uma “profunda tristeza, inerente à alma do goiano” (PALACÍN, 1994). Ou seja, a “decadência” e a “ruralização” do período pós-mineração estão mais no olhar do europeu sobre a população goiana, do que propriamente na realidade e no cotidiano geral da população como um todo, conforme defende Chaul (2002).

Ainda de acordo com o mesmo autor, os europeus e os brasileiros do litoral vinham para Goiás, esperando encontrar, senão a agitação urbana dos centros europeus ou da Costa brasileira, pelo menos o frenesi próprio das minas auríferas. Ao se depararem com o cotidiano de Goiás, no período pós-mineratório, mais calmo e fixo,

descreveram-no, pintando um quadro de decadência que mascarava a real situação de uma sociedade agropecuária em franca expansão.

No primeiro quartel do século XIX, a mineração havia praticamente desaparecido e à população remanescente – poucos brancos pobres ou arruinados, negros, mestiços, índios, as populações indígenas das tribos e dos aldeamentos, as populações negras e mestiças dos agrupamentos negros e os pequenos lavradores, também empobrecidos – restavam as atividades agropastoris. Esta é a segunda fase de ocupação do território goiano.

O fim da mineração altera profundamente o perfil do roceiro, pois sem condições de pagar os impostos devidos ao governo, muitos deixam de cultivar suas terras ou as cultivam, produzindo o mínimo necessário à subsistência. Ao cultivar lavouras de subsistência, sem ter como adquirir ou manter os escravos, dedicam-se, eles próprios, à lida na roça, deixando de atuar no comando das tarefas para executá-las. Passam, então, a roceiros trabalhadores-braçais, igualando-se, cada vez mais, na pobreza e no modo de vida, à população mestiça liberta. Assim, com sua nova condição e seu novo modo de vida, o roceiro, branco, pardo, mulato ou caboclo, se torna uma categoria mais social do que antropológica, não havendo distinção entre os descendentes dos bandeirantes paulistas (mamelucos ou luso-brasileiros), dos africanos e dos indígenas. A condição social do roceiro goiano, depois do ciclo do ouro, neutraliza suas distinções étnicas e culturais.

A população pobre remanescente das minas de ouro, “sem recursos ou escravos, ocupava uma parcela de terra dentro da grande fazenda e prestava serviços para o fazendeiro, dividindo com este os produtos obtidos com sua pequena lavoura. Estes eram os *meeiros, os parceiros e os agregados*” (TIBALLI, 1991, p. 63, grifos da autora). Havia ainda, de acordo com Tiballi (1991), a categoria dos sitiantes ou pequenos proprietários, que aumentava essa população rural pobre. A classe dos grandes proprietários era composta pelos pecuaristas do sul da Província.

A pecuária, em franco desenvolvimento e disseminada como a salvação da Província, durante o Período Imperial, fez emergir um novo tipo de roceiro em Goiás: o *peão de boiada*. Chaul (2002) afirma que

A figura do boiadeiro foi fazendo história pelas terras goianas. Peão de boiadeiro ou peão de boiada, entre o destemor e a aventura, a pecuária moldava um tipo de trabalhador cada vez mais apegado às suas atividades, cada vez mais sedentarizado em seu território, senhor de suas esperanças, dono de horizontes pré-traçados, ligado com o afinco de uma raiz ao solo que criava a criação (CHAUL, 2002, p. 98).

Esse novo trabalhador rural, mais prestigiado que o roceiro de então, apresenta, em relação ao bandeirante/minerador, ao mesmo tempo, características semelhantes, como “o destemor e a aventura”, e contrárias, como “cada vez mais apegado às suas atividades, cada vez mais sedentarizado em seu território”. Assim, o *peão de boiada* se distancia do agricultor, que se vê cada vez mais oprimido e cooptado pelo pecuarista. É esse perfil goiano que vai adentrar ao “novo tempo” de Goiás, caracterizado pela “modernidade”.

Em princípio, portanto, de acordo com o olhar do *de fora*, o ‘homem rural goiano’, assim como as comunidades rurais goianas, dos estratos mais pobres, se caracterizam pela “mestiçagem” e “bastardia” apontadas pelos cronistas europeus e reproduzidas pela historiografia mais tradicional, pela estratificação do prestígio social, *roceiro* vs. *peão de boiada*, e pelo isolamento geográfico e sócio-cultural, decorrente da “decadência” da Província com o fim da mineração, que levou à “ruralização” e à “regressão cultural” do povo.

Atualmente, o *roceiro* goiano do norte do Estado se caracteriza mais pelas influências caipira e afro-brasileira do que pelas influências indígena e estrangeira, como ocorre com os roceiros das regiões sul e central do Estado.

1.3 Constituição sócio-histórica e caracterização lingüística da fala rural goiana

A origem dos falares coloquiais brasileiros, urbanos e rurais, está ligada ao uso das línguas gerais indígenas e africanas ao lado do português, durante o Período Colonial brasileiro, e à reforma pombalina. Em 17 de agosto de 1759, a Lei do Diretório

de 03 de maio de 1757 é renovada com um Alvará de confirmação para todo o Brasil, determinando o uso obrigatório da LP e, conseqüentemente, o abandono progressivo da língua geral, que, segundo Rodrigues (1983, p. 34), “já em 1768 se restringia [em São Paulo] às comunidades rurais do interior profundo”. Monteiro (1995) acredita que o tupi, da mesma forma e na mesma época – meados do século XVIII –, foi substituído pela LP, na área urbana, e pelo dialeto caipira, na área rural.

De acordo com Melo (1946, pp. 53 e 96-7), o português popular do Brasil, incluindo o dialeto caipira, tem por base “o português arcaico tardio” modificado pela ação das línguas indígenas, principalmente o tupi, e das línguas africanas, dos grupos banto e yorubá, em decorrência da “má aquisição” da LP pelas “camadas inferiores da população”, as quais ficaram “imunes aos influxos retificadores da língua escrita”.

O autor defende, ainda, a formação no planalto central paulista de um “crioulo tupi-quimbundo”, que posteriormente resultou no dialeto caipira, em cujas características principais predomina a influência de línguas africanas.

Pode-se depreender do exposto nos parágrafos precedentes que a fala das populações rurais, na área paulista, foi primeiro o tupi, língua geral, e depois, como uma evolução daquele ou como resultado do contato entre o português e as línguas indígenas e africanas, o “dialeto caipira” e, na área crioula, os falares das populações descendentes dos africanos.

O “dialeto caipira” de São Paulo, seguindo o raciocínio de Melo (1946), se espalhou pelos sertões do Brasil, em conseqüência do bandeirantismo. Já de acordo com Mattos e Silva (2004), com base na demografia da presença africana no Brasil, o principal difusor do “português brasileiro geral” pelo Brasil foi o africano e seus descendentes.

Ainda que Melo (1946), por exemplo, defenda que os bandeirantes falassem o “dialeto caipira”, essa questão não é tranqüila entre os estudiosos do assunto. Alguns autores (RODRIGUES, 1983; RODRIGUES, 1986; MONTEIRO, 1995; MELO, 1981) defendem que os sertanistas falavam a “língua geral”. Resta saber, fato ainda obscuro e controverso entre os autores mencionados, se “língua geral” e “dialeto caipira” são, para

eles, a mesma coisa. Em algumas passagens, parece evidente que o “dialeto caipira” é uma evolução da língua geral e, em outras, parece que são línguas diferentes.

Monteiro (1995), citando a emblemática narrativa do encontro entre Domingos Jorge Velho e o Bispo de Pernambuco, chama a atenção para a existência de um “português colonial”, muitas vezes confundido com a língua geral. Nessa mesma passagem, o autor afirma que a fluência na língua geral era uma especialidade dos sertanistas, levando a crer que língua geral e português colonial eram línguas diferentes. Por outro lado, o autor não esclarece se português colonial e dialeto caipira eram a mesma coisa.

Para Amaral (1982, p. 43), o primeiro a estudar a fala do caipira, o dialeto caipira é o modo de falar do caboclo paulista, "os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados. É a língua portuguesa quinhentista misturada, na fonologia, na morfologia, na sintaxe e no léxico, ao tupi, primeiro, e às línguas dos negros, depois", falada pelo caipira, atingindo inclusive a "minoría culta", conforme declara o autor:

É de todos sabido que o nosso falar *caipira* – bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoría culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência (AMARAL, 1982, p. 41, destaque do autor).

Embora o autor afirme que o dialeto caipira "é a língua portuguesa quinhentista misturada (...) ao tupi (...) às línguas dos negros", ele defende que não se trata de uma *língua especial* nem se confunde com *língua crioula*. É, para o autor, "um aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo; uma velha corrente [lingüística] popular".

Amaral (1982), comparando o falar caboclo de São Paulo ao falar culto de Portugal, apresenta as seguintes características lingüísticas do dialeto caipira:

Na fonética: o autor destaca que a fala caipira é mais “vagarosa” e “cantada” e, por isso, possui uma prosódia (mais arrastada) e um acento (com maior duração) mais lentos que no falar português; o caipira não realiza as elisões e os alçamentos, próprios da fala portuguesa, tais como: p’daçu < pédaçô, subradu < sóbrádô, ‘spr’ança < éspérança, c’roa < côrôa; no que se refere aos fonemas, o autor destaca, como ponto de diferenciação, o ‘r’ inter e pós-vocálico, como

em “arara” e “carta”: é línguo-palatal e guturalizado (trata-se da variante retroflexa do fonema /r/); as alternâncias entre /r/ e /l/, como em mal ~ mar, sal ~ sar, e entre /b/ e /v/, como em bassôra ~ vassôra; vários outros fenômenos são apresentados pelo autor às páginas 45-54.

Na morfologia: neste nível, o autor cita a ausência de marca de número nos substantivos e de gênero nos adjetivos: "*essas coisarada bunito, as criança távum quêto, as criação ficarum pestiado*."; no uso dos pronomes, destaca a combinação, mais típica da fala dos "pretos boçais" que dos caipiras, entre o artigo definido pluralizado e o pronome ele/ela: "*osêle, zêle fôro zimbora – eles (ou elas) foram-se embora*."; outros fenômenos são apresentados às páginas 68-73.

Na sintaxe: o autor cita a indicação de sujeito vagamente determinado, por meio de um substantivo no singular sem artigo: "*Cavalo tava rinchando – Macaco assubiô no pau – Mamono tá rebentano* (Um cavalo estava a rinchar, rinchava – Um macaco assoviou, macacos assoviaram no pau – O mamono está, os mamonos estão rebentando)."; e a supressão do artigo definido antes do sujeito, mesmo do determinado: "*Patrão não trabaia hoje – Pai qué que eu vá – Chuva tá caino*."; sujeito coletivo com verbo no plural: "*Aquela gente são muito bão*"; infinitivo + para + mim (sujeito): "*Êle trôxe ã 'as fruta pra mim cumê (r)*"; preferência absoluta pela conjugação perifrástica com gerúndio no lugar de infinitivo: "*Anda viajando – Ia caindo, estão florescendo*"; o redobro para indicar ação contínua: "*Fulano anda corrê-correndo p'ras ruas sem o quê fazê*"; verbo 'ter' impessoal: "*Tinha munta gente na eigreja*"; as orações relativas são construídas invariavelmente com 'que', e nos casos em que a norma culta prevê a precedência de preposição, a partícula é deslocada para o final da oração: "*A casa em que eu morei; A casa ... que eu morei nela; ou, simplesmente, A casa que eu morei*".

Outros fenômenos sintáticos podem ser encontrados às páginas 74-81. O autor apresenta ainda fenômenos relacionados à lexicologia e um glossário com o vocabulário típico do dialeto caipira, destacando sempre as diferenças entre a fala do caipira e a do português culto.

Amaral (1982) e Melo (1946; 1981) citam o “conservadorismo lingüístico” como característica do dialeto caipira e do português popular, respectivamente. Para ambos os autores, o dialeto caipira é conservador uma vez que mantém traços do "português arcaico-tardio" ou "português quinhentista", já modificados em Portugal, conforme atesta a seguinte passagem de Amaral (1982, p. 56):

Lendo-se certos documentos vernáculos dos fins do século XV e de princípios e meados do século XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de “boa família”, que não é senão o mesmo dialeto um pouco mais polido.

Melo (1946; 1981) considera que, além da conservação de traços lingüísticos antigos, da forma indicada por Amaral para o dialeto caipira, o 'português popular'

mantém os "defeitos de aquisição" da nova língua, que são, na visão do autor, uma forma de conservadorismo.

São exemplos de conservação de traços antigos da LP, apresentados por Melo (1946, p. 78-80):

(2)

| <u>Pronúncia portuguesa:</u> | |
|--|--|
| <u>Século XVI:</u> pessoa, semana, coroa, esperança | <u>Século XX:</u> p'soa, s'mana, c'roa, esp'rança |

Quadro de traços da pronúncia portuguesa nos séculos XVI e XX.

Fonte: MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

Segundo o raciocínio do autor, que é também o de Amaral, a pronúncia brasileira segue o padrão de pronúncia do português do século XVI, já modificado em Portugal, sendo, portanto, conservadora.

São, dentre outros, exemplos de "defeitos de aquisição" para Melo (1946, pp. 78-9):

(3)

| <u>Português brasileiro popular:</u> |
|--|
| a) na "pronúncia": <i>zóio</i> (os olhos); <i>zimbora/simbora</i> (ir-se embora>s'imbora); |
| b) na sintaxe: a simplificação das concordâncias nominais e verbais. |

Quadro das características do português brasileiro popular

Fonte: MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

Ambos os autores atribuem à alfabetização o papel de transformação do que eles consideram "língua popular", através do ensino do padrão culto da LP, que é, para eles, a norma lingüística usada em Portugal, pois a formação escolar dos brasileiros poderia acarretar, na visão de Amaral, o desuso dos arcaísmos portugueses e, na visão de Melo, a perda dos "defeitos de aquisição".

Além do analfabetismo, o 'isolamento' das comunidades de fala, as quais, conforme Melo (1981), "ficaram (...) isoladas e menor influência receberam dos fatores de unificação", favorece o conservadorismo lingüístico do dialeto caipira. Trata-se de isolamento geográfico e sócio-cultural, pois os "fatores de unificação" são a educação, pela pressão da escrita, e o contato com as levas de portugueses que vieram para o Brasil, nos anos finais da colonização, ou seja, com "as ondas lingüísticas sucessivas".

As mesmas características lingüísticas descritas e atribuídas ao *dialeto caipira* e ao "português popular" do Brasil (cf. MELO, 1946, pp. 90-117 e 119-129) são apontadas como caracterizadoras do PB não-padrão atual (cf. SCHERRE E NARO, 2001; NARO E SCHERRE, 2003; NARO E SCHERRE, 2007, dentre outros). As origens dos traços caracterizadores do dialeto caipira, do "português popular" e do PB contemporâneo são atribuídas à influência indígena (AMARAL, 1982), à influência africana (MATTOS E SILVA, 1999 a, b; 2001) e à deriva natural da LP (SILVA NETO, 1950; MELO, 1946).

Melo (1946; 1981) defende que, à exceção da redução das flexões verbais e nominais, todos os demais traços caracterizadores da "nossa fala plebéia" podem ser explicados pela conservação de traços da LP do século XV ou são "tendências latentes ou embrionárias na língua-tronco", que no contexto da colonização brasileira podem ter sido "apressadas" mediante a dificuldade de aquisição da nova língua pelos aloglotas. Assim, Melo (1946) admite que a deriva da LP possa ter sido acelerada pelo contato entre os aloglotas, mas, para ele, o contato entre estes e os portugueses que chegavam garantia a conservação do padrão culto da LP na Colônia.

A redução das flexões verbais e nominais, afirma Melo (1946; 1981), resulta da aplicação, pelos novos falantes, de antigos hábitos, comuns a suas línguas maternas. Seria, então, uma transferência de estrutura das línguas indígenas e africanas para a LP.

Todavia, Mattos e Silva (1999 a, b), Scherre e Naro (2001), Naro e Scherre (2003) e Naro e Scherre (2007) apresentam análises suficientemente evidenciadas por dados do português arcaico e do português europeu contemporâneo, escrito e oral, que apontam para a existência das reduções flexionais nas fases anteriores da LP e na fase atual desta língua em Portugal. Com isso, os referidos autores, com exceção de Mattos e

Silva (1999 a, b), defendem que a redução das flexões e o enfraquecimento das concordâncias nominal e entre sujeito e verbo estão inseridos na deriva secular da LP.

Scherre e Naro (2001), Naro e Scherre (2003) e Naro e Scherre (2007), corroborando a opinião de Silva Neto (1950), propõem que a deriva secular da LP no Brasil foi acelerada pela ação dos aloglotas, devido ao intenso contato lingüístico durante o Período Colonial brasileiro.

Deduz-se, com a leitura de Amaral (1920) e Melo (1946; 1981), que a conservação dos “hábitos lingüísticos” do século XVI é uma particularidade dos dialetos que estão à margem da LP considerada culta, próprios de pessoas sem escolarização formal, localizadas em áreas mais isoladas, distantes dos centros urbanos e do contato com as “ondas lingüísticas sucessivas”. Por outro lado, as inovações lingüísticas percebidas nas “falas plebéias” advêm da ação dos aloglotas, que apressam o curso natural da língua. Equivale a dizer que a “língua culta” não conserva padrões típicos do século XVI e mantém uma deriva lenta. As mudanças que distanciam o português de Portugal do português do Brasil, por sua vez, são decorrentes de contato lingüístico intenso. Contato intenso entre quais falantes, já que o contato entre os aloglotas e as levas de portugueses garante a aquisição de um padrão de prestígio da língua?

Por sua vez, os pressupostos de Melo (1946) e Silva Neto (1950), corroborados por Scherre e Naro (2001), Naro e Scherre (2003) e Naro e Scherre (2007), indicam que se o intenso contato pode acelerar a deriva lingüística, então o isolamento pode retardá-lo e, assim, de fato, as áreas mais isoladas tendem a conservar padrões mais antigos da língua, que segue mais lentamente sua deriva.

Entretanto, o conservadorismo lingüístico e o isolamento das comunidades de fala devem ser vistos com cautela, pois, considerando-se as concepções adotadas nesta discussão, há em qualquer língua, ao mesmo tempo e no mesmo espaço, conservação e inovação lingüística. Conforme já mencionado nas seções precedentes, o isolamento geográfico dos indivíduos sempre foi relativo e o cultural, no que concerne ao acesso à educação e, principalmente, à escrita, um pouco mais profundo, mas nem sempre absoluto.

Diante da escassez de comprovação da influência das línguas africanas e indígenas, apesar de considerar de suma importância a participação dos povos indígenas e africanos e de suas respectivas línguas na formação do PB, considero mais prudente descrever a fala rural goiana tendo como parâmetro o PB contemporâneo, e, seguindo as orientações de Melo (1946, p. 61) e Silva Neto (1950), verificar na estrutura dessa fala aspectos que apontem para o desenvolvimento de "tendências latentes ou embrionárias na língua-tronco", isto é, indícios do curso da *deriva secular da LP*, sem, no entanto, negar a formação sócio-histórica do PB, assentada na interação entre diferentes matrizes lingüístico-sociais e culturais.

Por outro lado, não se pretende opor *contato/deriva acelerada* a *isolamento/deriva retardada*, pois o fato de a língua poder seguir “um curso que lhe é próprio” (SAPIR, 1920) mais lentamente ou mais rapidamente vai depender da natureza e das circunstâncias da mudança lingüística.

1.3.1 Características lingüísticas da fala rural goiana

O objetivo desta subseção é apresentar algumas características estruturais da fala goiana, com base em publicações relevantes sobre o tema, a fim de oferecer suporte aos capítulos de análise de dados desta tese, assumindo que a fala rural goiana formou-se a partir de diferentes matrizes lingüístico-culturais e sociais, da mesma forma que o PB, conforme apresentado na subseção anterior.

O primeiro estudo sobre a fala de Goiás, de que se tem notícia, data de 1944. Trata-se dos Estudos de dialetologia portuguesa – linguagem de Goiás, de José D’Aparecida Teixeira.⁸ Além deste, com a criação do Programa de Pós-Graduação – Mestrado – em Letras e Lingüística – da Universidade Federal de Goiás, em 1972, alguns trabalhos foram produzidos sobre as características sonoras e lexicais do português falado em Goiás⁹.

⁸ Este autor publicou também "Folclore goiano", em 1979, pela Editora Nacional.

⁹ Confira: “Catálogo de Dissertações” – 1972 a 2003 – do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás (2005); Rezende (2000); Silva (2000).

Recentemente, dois projetos de estudo da fala goiana foram propostos na Faculdade de Letras da UFG: "Constituição de um corpus de língua falada de diálogos entre profissionais de Ciências Agrárias e homens do campo no interior de Goiás", sob a coordenação do Professor Oto Araújo Vale *et al.* (1997); e *A Lingüística e a história da colonização de Goiás*¹⁰, sob a coordenação da Professora Dra. Maria Sueli Aguiar (em andamento). Ambos os projetos buscam confirmação para a hipótese da presença de arcaísmos na fala de Goiás.

De toda a produção sobre a fala de Goiás, três, em especial, merecem destaque por tratarem de aspectos gramaticais da fala rural: a mencionada obra de Teixeira (1944), *As tecedeiras de Goiás – estudo lingüístico, etnográfico e folclórico*, de Norma Simão Adad Mirandola, defendido em 1983, na Universidade de São Paulo, e publicado como livro em 1993, e *Aspectos sintáticos do dialeto caipira na região de Morrinhos*, de Marisa T. Costa Vilefort, publicado em 1985.

Mirandola (1993) e Vilefort (1985) consideram, cada uma se baseando em seus próprios resultados de pesquisa, que a fala rural de Goiás, devido ao seu isolamento geográfico e ao analfabetismo dos falantes, conserva um “dialeto semelhante ao caipira”, nos moldes indicados por Amadeu Amaral, em *O dialeto caipira*, de 1920, e por Ada Natal Rodrigues, em *O dialeto caipira de Piracicaba*, de 1974.

Segundo Vilefort (1985, pp. 15-18),

O Estado de Goiás, com sua imensa extensão territorial e com baixo índice demográfico, apresenta, em seu mapa, uma rede de pequenos centros urbanos mais distantes e muitas vezes mal servidos de ligações rodoviárias.

[Goiás] Por sua situação geográfica interior esteve muito tempo à margem dos fluxos migratórios. (...)

[Por isso] Cidades como Morrinhos, Silvânia, conservam na zona rural, um Dialeto, com características peculiares, constituindo uma forma divergente da Língua Padrão.

Para a autora, a fala rural de Morrinhos, além das características citadas no fragmento anterior, apresenta um "sistema lingüístico bastante limitado" e "um aspecto

¹⁰ Este projeto inicialmente esteve ligado ao Projeto Filologia Bandeirante, sob a coordenação geral do Professor Dr. Heitor Megale, na USP.

arcaizante dominando a língua". A autora afirma ainda que "poucas foram as influências deixadas pelos negros e índios" na fala rural de Morrinhos, apesar de que "a presença de ambos se faz sentir na língua", sem, no entanto, apresentar evidências para sua afirmação.

Mirandola (1993, p. 316), antes de descrever as características da fala das tecedeiras, estudou e descreveu seu modo de vida, concluindo que

As manifestações de seus padrões de sobrevivência, pela preponderância da "imitação-costume", deram ao grupo aparente estabilidade e possibilitaram enquadrá-lo, caracteristicamente, como parte de uma cultura caipira de grande rusticidade, presente nas regiões interioranas, as habitadas pelas falantes."

Para a autora, "o prestígio do costume"¹¹, no grupo das tecedeiras, é favorecido pelo isolamento físico em que vivem, longe dos grandes centros civilizados, e pelo analfabetismo generalizado das artesãs".

No que se refere à linguagem propriamente dita, a autora defende que

a fala das tecedeiras é parte de um possível dialeto, ou de uma variedade lingüística sobrevivente em Goiás, difundida nos primórdios da História da região pela chegada dos primeiros bandeirantes às terras dos índios goiases [pois] a comunidade lingüística das tecedeiras guarda peculiaridades que podem figurar entre aquelas evidenciadas no Dialeto caipira, em 1920, por Amadeu Amaral, estudando o falar do caipira (...) (IDEM).

As autoras, assim como Amaral (1982) e Melo (1946), dentre outros, destacam o conservadorismo lingüístico da fala rural, entendido como a presença de traços arcaizantes, semelhanças com o dialeto caipira estudado por Amaral, decorrentes do isolamento geográfico ("longe dos grandes centros civilizados") e cultural ("analfabetismo generalizado").

O conservadorismo lingüístico da fala rural goiana estudada pelas referidas autoras, bem como suas semelhanças com o dialeto caipira de São Paulo (cf.

¹¹ "Imitação-costume" se opõe a "imitação-moda", e representa tudo aquilo que favorece o prestígio do costume de um grupo. O princípio da imitação foi proposto por Gabriel Tarde, no século XIX (cf. *A opinião e as massas*, 1992), indicando que grupos de menor prestígio imitam aqueles de maior prestígio.

AMARAL, 1920; RODRIGUES, 1974) é demonstrado através de algumas características lingüísticas, as quais passo a compilar.

I. Características fônicas:

Mirandola (1993, pp. 316-32) constata o não ensurdecimento das vogais [e] e [o] pretônicas na fala das tecedeiras, e considera a "melodia frasal" da fala de suas informantes "muito descansada e arrastada", revelando a conservação dos "padrões de prolação das gerações do passado". A autora, contudo, não esclarece nem exemplifica o que vem a ser o que ela considera "padrões de prolação das gerações do passado".

Sobre essa peculiaridade da fala de Goiás, Cunha Matos (*apud* RODRIGUES, 1983, p. 39), em relatório de sua passagem por Goiás, no século XIX, comenta que

A pronúncia da gente de Goiás é mais doce, não obstante serem descendentes de paulistas não têm aquela aspereza cultural que se notava nos de São Paulo, nem a afetação feminina de muita gente de províncias mais iluminadas

Teixeira (1944, p. 33) também considera a fala de Goiás "descansada" e "lenta", afirmando que a fala das zonas rurais é "extremamente descansada".

Melo (1946), comparando as pronúncias brasileira e portuguesa, faz basicamente a mesma observação que Cunha Matos, Teixeira e Mirandola, e afirma que tais diferenças se explicam pelo fato de "a nossa cadeia sonora ser mais vocálica e a portuguesa mais consonântica, em virtude do ensurdecimento dos *ee* e *oo* pretônicos"

Dentre as características fônicas, apresentadas por Mirandola, destaco aquelas consideradas "peculiares" à fala rural goiana:

1) realização das consoantes – apresenta o mesmo padrão da fala de Goiás, em geral, e até de algumas regiões do Brasil:

- (a) *velarização* ([ʎ]) e *vocalização* ([w]) do /l/ pósvocálico – respectivamente, *alta* > *alta*, *alvinho* > *alvinho*, *almofadinha* > *almofadinha*; *coloral* > *coloráu*, *carretel* > *carretéu*;
- (b) *rotacismo* ([l] > [r] e [r] > [l]) – *planta* > *pranta*, *solta* > *sorta*; – *serviço* > *silviço*, *tear* > *teal*;
- (c) *vocalização* do /r/ ([r] > [w]) – *serviu* > *seuviu*, *serviço* > *seuviço*.
- (d) *cancelamento* do /l/ final – *caracol* > *caracó*, *lençol* > *lençó*, *azul* > *azu*;
- (e) *iodização* e *cancelamento* da lateral palatal ([λ] > [γ] e [λ] > [ø]) – *folha* > *foia*, *galho* > *gaio*, *fornalha* > *fornaia*, *molha* > *móia* e *coxonilho* > *coxoni*;
- (f) *realização retroflexa* de /r/ ([ɺ]) em final de sílaba – *perna* > *peɺna*, *pardo* > *paɺdo*;
- (g) *vocalização* do /r/ ([r] > [γ]) em final de sílabas mediais – *torto* > *toito*, *marca* > *maica*;
- (h) *inserção* de /r/ em final de sílaba – *jaca* > *jarca*, *mecânico* > *mercânico*.

2) realização das vogais: as vogais, assim como as consoantes, apresentam o mesmo padrão da fala goiana em geral; a autora destaca, dentre os fonemas vocálicos, as variantes mais comuns:

- (a) *alçamento* da média anterior oral ([e] > [i]) – *desbota* > *disbota*, *infeliz* > *infiliz*, *cavaletinho* > *cavalitim*, *arame* > *arami*;
- (b) *alçamento* da média anterior nasal ([ẽ] > [ĩ]) – *embora* > *imbora*, *ensina* > *insina*, *sentido* > *sintido*, *correntinha* > *corrintinha*, *entendido* > *intindidido*;
- (c) *alçamento* da média posterior oral ([o] > [u]) – *começo* > *cumeço*, *boteco* > *buteco*, *tamborete* > *tamburêti*, *algodão* > *argudão*, *fiado* > *fiadu*, *fuso* > *fusu*, *liço* > *liçu*;
- (d) *alçamento* da média posterior nasal ([õ] > [ũ]) – *escondido* > *iscundido*, *com* > *cum*.

Na atualidade, Pádua (2002) estudou detalhadamente a variação [λ] ~ [γ], na fala das comunidades rurais de Acaba Vida e Faz Tudo, em Goiás. Silva (2000) analisou processos fonológicos, casos de sândi vocálico externo e alofones da vibrante simples alveolar sonora /r/, na fala de homens do campo e profissionais de Ciências Agrárias, e postula as seguintes regras, todas opcionais: retroflexão de /r/ (R); apagamento de /r/ (ø); apagamento de /r/ em grupo consonantal. Nos dados de Pádua (2000) e Rezende (2000) pode ser evidenciada a vocalização de /r/. Estes resultados confirmam as conclusões de Mirandola sobre estes fenômenos fonológicos.

II. Características morfossintáticas:

As autoras destacam, neste conjunto de características, o franco predomínio do uso de diminutivos; simplificação ou redução de flexões – de número e de gênero nos nomes, e número, pessoa, modo e tempo nos verbos – e, conseqüentemente, a falta de concordância entre sujeito e verbo; uso do indicativo pelo imperativo; uso de expressões de tratamento como: seu, siô, sior, senhor, sá, siora, senhora, ocê, vancê; uso de *adonde* para indicar 'a que lugar' e 'em que lugar'; emprego de frases curtas e truncadas¹²; repetição de negativas; uso de expressões estereotipadas, como 'daí' e 'aí'; uso da conjugação perifrástica, com gerúndio; uso do pronome pessoal do caso reto em função de objeto.

Tendo em vista que a preocupação fundamental da presente tese é com a estrutura do SN, com enfoque na ordem do adjetivo e do nome, vou-me deter mais na descrição dos constituintes do SN, principalmente no que diz respeito aos adjetivos.

Vilefort (1985), em sua análise, toma como ponto de partida a Frase Base em português – Núcleo Estrutural – constituída das categorias gramaticais SN (sintagma nominal) e S.Pred (sintagma predicativo), ou seja, $F \rightarrow SN + S. Pred.$

Na descrição do SN, que é o que me interessa, a autora não aponta o adjetivo como um dos constituintes sintagmáticos, mas ele aparece em seus exemplos da descrição da concordância no SN, quando este tem a função de predicativo (S. Pred). O adjetivo só é tratado como constituinte sintagmático na descrição do SV. De acordo com a autora, o primeiro constituinte do SV é Cópula + Predicado, sendo que o Predicado pode ser reescrito por um SN, SA e SP. Assim, o núcleo do SV, que tem como categoria a Cópula, pode ser tanto um nome (parte do um SN) quanto um adjetivo (parte de um SA). O nome-núcleo do SV (Cópula), de acordo com as ocorrências citadas pela autora (1985, p. 49), pode vir modificado por um adjetivo.

¹² Entendam-se frases incompletas e sem elementos de ligação, como preposição, conjunção, verbos de ligação, etc.

Na descrição do SA, a autora o subcategoriza em Quants (Quantificadores), Adj (Adjetivo), SP (Sintagma Preposicional) e Enfático, ou seja: SA → (Quants) + Adj + (SP) + (Enfático), em que o único constituinte obrigatório é o adjetivo. Neste tipo de estrutura, não ocorrem adjetivos adnominais, que são os que me interessam. Assim, fiz um levantamento dos SN com adjetivos adnominais nos dados que a autora cita ao longo de sua análise e na entrevista constante de seus anexos, chegando às seguintes ocorrências:

- (1) "Ela fazia muito **boas** coisa" (p. 48)
- (2) "A fazenda era a **Boa** Vista" (p. 99)
- (3) "A pessoas **boa** ajudô muito" (p. 48)
- (4) "Foi a **maió** dificurdadi" (p. 33)
- (5) "tinha **novas** idéia" (p. 48)
- (6) "Ele criô causu, aquesi causu **brabu**" (p. 98)
- (7) "Esi tinha umas reza **braba**" (p. 34)
- (8) "U sinhôri era um homi **coagidu**" (p. 41)
- (9) "U povu vai inu de modu **isquisitu**" (p. 98)
- (10) "Era pessoas **perigosu**" (p. 98)
- (11) "Tomei um choqui di água **fria**" (p. 58)
- (12) "U anu **passadu** eu cumpanhei fulia" (p. 77)
- (13) "Tudo qui tem prantado aqui fui eu, até bacuri mais **novo** é eu" (p. 97)
- (14) "Não, só se é uma casião **pricisada**" (p. 97)
- (15) "Im ante disso, era mato **virge!**" (p. 97)
- (16) "Tem dinheiro, cunversa **forte** e propois um lugá prá morá." (p. 98)
- (17) "Hoje tá tudo aí, num tem fio **istudado** coisa e tal, e nunca fiquei duente" (p. 99)
- (18) "Ele fazia coisa **terrivi**" (p. 99)
- (19) "Eu num tô achano o povo mais **adiantado**" (p. 99)
- (20) "U sinhôri era um homi **coagidu**" (p. 41)
- (21) "Ele era um fiu **bão**" (p. 33)
- (22) "(...) vivo bem graças a Deus, pessoas **boa**." (p. 97)
- (23) "Esi me chamô e eu já vim limpo, gente **boa**". (p. 97)
- (24) "O povo daqui é umas pessoa **boa**, me protegeu, e a gente vai vivenu." (p. 97)
- (25) "(...) as pessoa arredó, toda gente **boa**." (p. 97)

(26) "Era um caboquim **batuta**" (p. 37)

A única menção que a autora faz da posição do adjetivo está na página 48, ao analisar a transformação afixal:

“A **boas** obra”

“Ela fazia muito **boas** coisa”

em que a autora propõe que estes “exemplos, por uma transformação de deslocamento, passam a:

A obras **boa**

Ela fazia muito **coisas** boa”.

Como se pode observar, os dados assistemáticos de Vilefort (1985) mostram que os adjetivos 'bom', 'novo' e 'maior' (este é classificado como 'quantificador relativo' pela autora) são os únicos a ocorrer antes do nome. Note-se que 'bom' e 'novo' ocorrem também depois do nome, ao passo que 'maior' não ocorre. Os demais adjetivos, que representam a grande maioria dos adjetivos citados pela autora, ocorrem depois do nome, conforme indicam os exemplos (1-26).

Embora Mirandola não aborde a questão do adjetivo adnominal, é possível, a partir dos dados que cita em seu estudo, apontar algumas tendências com relação à posição do adjetivo no SN.

Considere os seguintes exemplos da autora (1993):

(27) "O catinguá é uma tinta muito **fraca**" (p. 333)

(28) "Nóis compra u algodão **sujo**" (p. 334)

(29) "A coieta foi fraca, módi a chuva **atrasada**" (p. 341)

(30) "U miníno **homi** é mais fáci di criá" (p. 342)

(31) "Pra curá caxumba é passá a cuié di pau na cinza **quênti** i passá nu inchádu treis veis, treis dia" (p. 324)

(32) "Eu num façi importança, tem qui trabaiá, num pódi ficá co'a boc'**aberta**" (p. 342)

(33) "Daqui um tiquim vô insabuá essas miada, pra inchaicá bem i tingi cedim, cum sol **incubertu**" (p. 342)

(34) "Vai lá na cama du X pegá a cuberta **piniquenta**" (p. 342)

- (35) "Nu meu tempu, fia **muié** num ia pra iscola" (p. 342)
 (36) "Essi povu **trabaiadô** tá cabanu" (p. 342)
 (37) "Ismagaia os gaim **verdim** módi maicá" (p. 343)
 (38) "É um trem **isquisitu** essa dô na bôca du istamu" (p. 343)
 (39) "Tô c'a saúdi muito **istragada**" (p. 343)

Nos dados apresentados por Mirandola (1993), não se encontram adjetivos antepostos ao nome. Todas as ocorrências citadas são de adjetivos pospostos, conforme indicam os exemplos (27-39).

Após a apresentação das características da fala das tecedeiras, Mirandola (1993, p. 341) conclui que "o grupo das tecedeiras é uma continuidade da cultura caipira. É parte integrante de uma variedade subpadrão, influenciada pela sua classe social de menor prestígio, pelas suas tradições culturais de brasileiros interioranos".

Vilefort (1985, p. 86), por sua vez, conclui que devido ao isolamento geográfico e à estagnação cultural da área rural estudada, sua fala conserva termos próprios do léxico rural e que não fazem parte do vocabulário dos falantes da cidade, conforme demonstra o resultado do teste aplicado na área urbana de Morrinhos. A autora afirma, ainda, sobre a fala rural de Morrinhos que:

Por se constituir uma forma divergente da língua padrão e se encontrar em uma área restrita, chegamos à conclusão de que o linguajar dos falantes da região rural de Morrinhos constitui um dialeto. Os próprios informantes admitem ser sua língua um tanto limitada, dificultando a comunicação com pessoas da cidade, havendo casos de perda de informação por parte de seus interlocutores (VILEFORT, 1985, p. 86).

Em que pesem seus resultados, interpretações e conclusões, com base na análise das falas de Morrinhos e das tecedeiras de Goiás, as autoras apontam para o conservadorismo da fala rural goiana e para a sua semelhança estrutural com o dialeto caipira descrito por Amaral, em 1920, e por Ada Natal, em 1974. Tal conservadorismo, de acordo com as autoras, se reflete principalmente no léxico e nas características fônicas dos respectivos "dialeto".

As características lingüísticas apresentadas nas análises de Vilefort (1985) e Mirandola (1993), tratadas como singularizadoras da fala rural goiana, estão presentes em outras variedades do PB, mesmo que determinados traços predominem em uma dada região ou configurem marcas específicas de comunidades ou regiões particulares, como a variante retroflexa do “r” (ou “R caipira”), por exemplo. Diante disso, portanto, a possibilidade de a fala rural goiana ser conservadora é a mesma de outras variedades lingüísticas de Goiás e do Brasil.

CAPÍTULO 2

REFERENCIAL TEÓRICO

O escopo deste capítulo é revisar a literatura lingüística sobre a posição do adjetivo no SN na LP e no PB, apresentar as concepções e pressupostos teóricos propostos para a descrição e análise dos dados da fala rural goiana, objeto deste estudo, bem como expor e discutir as argumentações concernentes à interpretação e à discussão dos resultados encontrados.

O pressuposto básico adotado nesta tese é que as línguas sofrem alterações sistemáticas ao longo de sua existência. Portanto, toda língua possui uma história, que lhe é própria e que, em alguns casos e de alguma maneira, compartilha com outras línguas.

Nesta linha de raciocínio, Sapir ([1920]1980) defende a existência “inegável” de uma relação entre linguagem e tempo, pois a língua não é apenas algo que cresce no espaço. Segundo o autor,

A linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva. Ainda que não houvesse a fragmentação das línguas em dialetos, ainda que cada língua persistisse em firme e inflexível unidade, estaria em constante afastamento de toda norma consignável, desenvolvendo incessantemente aspectos novos, transformando-se tanto em referência ao seu ponto de partida que teria de dar na realidade uma nova língua. Os dialetos surgem, portanto, não porque haja o simples fato da variação individual, mas porque dois ou mais grupos de indivíduos se tornaram a tal ponto desconexos que passam a ter cada qual uma deriva própria, independente, em vez de fluírem juntos. Enquanto se conservam estritamente unidos, nenhum montante de variação individual é capaz de determinar a formação de dialetos. Na prática, é claro, nenhuma língua pode espalhar-se por um vasto território, ou, mesmo, por uma área considerável sem manifestações de variação dialetal, pois é impossível impedir que uma grande população se segregue em grupos locais, cuja língua tende a formar uma deriva independente. (...) A deriva de uma língua consta da seleção inconsciente, feita pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial (SAPIR, 1980, pp. 121 e 124).

Para Sapir (1980, p. 124), a linguagem existe somente em seu uso efetivo, ou seja, escrita e lida, falada e ouvida. Por isso, defende o autor, a mudança lingüística tem seu início nas variações individuais que se movem em determinado rumo, embora a deriva geral de uma língua não possa ser compreendida a partir, somente, da descrição exaustiva destas variações.

A noção sapiriana de *deriva* lingüística cobre o que Amaral ([1920]1982) e, mais tarde, Melo (1946) definem, respectivamente, como “uma velha corrente popular” e “tendências latentes ou embrionárias na língua-tronco” (vide seção (1.3), no capítulo (1)), e aponta para a existência de um curso lingüístico “naturalmente” direcionado, que não se confunde com predição da mudança lingüística. Trata-se de um caminhar próprio de cada língua, respeitadas as suas particularidades internas e de acordo com o uso (“seleções”) que os falantes fazem dela, em determinadas circunstâncias e condições.

Por isso, o autor defende que alguns fenômenos de mudança em uma língua não são nem devem ser entendidos como fatos isolados. Eles podem constituir aspectos da *deriva* histórica daquela língua, estando, portanto, relacionados a outros fenômenos daquele sistema lingüístico.

Há um ponto, contudo, no postulado de Sapir, que deve ser revisto. Trata-se da afirmação de que a deriva lingüística é “uma série complexa de mudanças de expressão formal” (SAPIR, 1980, p. 171). Eu acredito que a deriva é uma série complexa de mudanças de expressão lingüística, que envolve alterações formais, funcionais, semânticas e pragmáticas.

Jakobson comunga, em parte, da noção sapiriana de mudança lingüística. O autor, nos anos 1940 (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), faz uma leitura funcionalista pragueana dos postulados de Saussure, explorando a dicotomia ‘*langue*/*parole*’, com base na oposição ‘potencial/real’, e destaca que tanto a ‘*langue*’ quanto a ‘*parole*’ possuem *forças de continuidade* e *forças de mudança*, as quais operam através do *espaço* e do *tempo*. Assim, a forma (*langue*) – sistema ou estrutura – e suas funções lingüísticas (*parole*) – o uso lingüístico – devem ser consideradas na análise lingüística.

Essa posição do autor desfaz as dicotomias saussureanas sistema/uso e sincronia/diacronia, conferindo à linguagem, como um todo, um caráter, ao mesmo tempo, dinâmico e permanente, situado em um espaço e em um tempo dados.

Para Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), a análise sincrônica não precisa ser estática, pois todos os opostos ou dicotomias, como, por exemplo, sincronia/diacronia, estão interrelacionados. O autor adota, então, o conceito de *sincronia dinâmica*, enfatizando que mudanças históricas são produzidas por variações sociais e espaciais e que a investigação de *dialetos sociais* pode contribuir para o esclarecimento da evolução lingüística. Portanto, a análise estrutural, de acordo com Jakobson, está interrelacionada à análise funcional, imprimindo dinamicidade a todo e qualquer estudo sobre a linguagem.

Desta forma, para o autor, todo estudo lingüístico é, em maior ou menor grau, histórico sem, contudo, se dedicar exclusivamente a reconstruir as famílias de línguas a partir de fragmentos de línguas particulares, consideradas aparentadas entre si. Para o autor, as línguas não derivam necessariamente de outras línguas e suas semelhanças podem se dever a alianças, afinidades ou coincidências adquiridas nas relações entre os sistemas ou no interior de um mesmo sistema.

Em toda coletividade humana e em todo período de tempo, duas forças estão sempre trabalhando simultaneamente e em direções opostas: individualismo ou provincianismo, por um lado, e intercuro – comunicação entre pessoas – ou modernidade, por outro lado. Nesta perspectiva, a coletividade e a força da tradição garantem a solidariedade com o passado.

A força da tradição resiste a inovações e se apegua à imutabilidade dos signos lingüísticos, ao passo que sua contraparte, a modernidade, estimula a língua a mudar, a diferenciar de outros estágios anteriores. O autor, então, citando Saussure, afirma que, em poucas palavras: o signo sofre alterações porque ele se perpetua.

A mudança lingüística, para Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), da mesma que forma que para Sapir (1980), é sistemática, com metas direcionadas e a evolução das línguas compartilha seus propósitos com o

desenvolvimento de outros sistemas sócio-culturais; e, por isso, a mudança lingüística deve ser sempre tratada em face do sistema que a sofre, pois, mesmo as regras que não se encontram relacionadas em uma gramática, podem se assentar na mesma mudança que aquelas regras relacionadas em gramática.

Assim, a mudança lingüística, ou *deriva* histórica de uma língua, está relacionada ao seu próprio sistema, mas seu ritmo e os fenômenos que a compõem dependem significativamente do uso, incluindo as condições de uso e o perfil do falante. Em outras palavras, o perfil da comunidade de fala como um todo e dos falantes, em particular, pode acelerar ou retardar o ritmo da deriva de um dado fenômeno lingüístico. Melo (1946), Silva Neto (1950), Scherre & Naro (2001), Naro & Scherre (2003) e Naro & Scherre (2007) defendem que o intenso contato entre falantes de diferentes línguas, em situações de assimetria e conflito sociocultural, pode acelerar o curso da *deriva* da língua dominante. Segundo os autores mencionados, a deriva da LP no Brasil pode ter sido acelerada pela situação sociocultural do Período Colonial brasileiro.

Enfim, o curso e o ritmo de uma mudança lingüística dependem tanto das condições internas quanto das condições externas da língua. Por outro lado, alguns fenômenos lingüísticos não-marcados socialmente, à margem das pressões padronizadoras da língua, configuram um quadro de tendências que se desenvolvem a longo prazo.

Concebendo a mudança lingüística da forma exposta até aqui, pode-se hipotetizar que comunidades de fala mais isoladas podem ou não ser mais conservadoras que as menos isoladas, e que o isolamento sociocultural e geográfico de uma comunidade de fala pode tornar o ritmo da mudança mais lento, em alguns aspectos e em alguns fenômenos lingüísticos, mas não pode impedir, totalmente, que a mudança se implemente, já que esta faz parte da natureza das línguas.

Diante disso, assume-se, no presente trabalho, que a posição do adjetivo no SN, na LP e no PB, configura-se como um caso de mudança lingüística (AN > NA). Desta forma, o referencial teórico básico que se adota vem da Lingüística Histórica, principalmente no que diz respeito à história das línguas românicas e, em particular, às histórias da LP e do PB, fundamentadas na teoria da tipologia de mudança na ordenação

de constituintes, baseada em Greenberg (1961; [1963]1966) e alguns de seus seguidores.

A tipologia da ordenação de constituintes fornece apenas supergeneralizações sobre a ordenação do adjetivo em relação ao nome que modifica. Estudos posteriores, sobre línguas particulares, apresentam, detalhadamente, ambientes e características da questão geral da ordenação do adjetivo e do nome, conforme mencionado nos estudos sobre o PB (cf. seção (2.2), no capítulo (2), a seguir). Na presente tese, pretende-se aprofundar mais essa questão, inserindo na análise a relação adjetivo e nome no SN em que ocorre. Para tanto, parte-se das descrições do SN já elaboradas por Perini (1994; 1996; 2004), com a ampliação proposta por Mendes (2000), e adota-se a Teoria das Propriedades Sintagmáticas de Combinação e Contraste e o Princípio da Carga Funcional, conforme as formulações de Lyons (1968) e as de Jakobson constantes de Waugh e Monville-Borston (1995), para o entendimento e descrição da relação adjetivo/nome, no interior do SN.

Este capítulo está dividido em 4 seções. Na primeira seção, (2.1), são apresentadas abordagens teóricas da ordenação dos constituintes do SN, divididas em duas partes: a primeira, subseção (2.1.1), apresenta abordagens teóricas de ordenação dos constituintes, em geral e se desdobra em mais uma subseção (2.1.1.1), com a exposição da tipologia da ordenação de constituintes; e a segunda parte, subseção (2.1.2), expõe abordagens teóricas específicas da posição do adjetivo no SN. A seção (2.2) trata da posição do adjetivo no SN da LP. A seção (2.3) apresenta e discute as propostas de descrição do SN, adotadas neste estudo, e está subdividida em duas subseções: a subseção (2.3.1) trata da proposta de descrição do SN português, formulada por Perini, e a subseção (2.3.2) apresenta uma proposta de descrição do SN rígido, fundamentada na Teoria das Propriedades Sintagmáticas de Combinação e Contraste, tema da subseção (2.3.2.1), e no Princípio da Carga Funcional, matéria da subseção (2.3.2.2).

Pretende-se, com as exposições e discussões constantes deste capítulo, construir um suporte teórico que dê sustentação à descrição e interpretação dos dados da fala rural goiana, empreendidas nos capítulos (4), (5) e (6), de modo a encaixar a discussão dos resultados da análise no quadro de ordenação dos constituintes do SN

proposto para a LP e para o PB, no curso da mudança AN > NA descrita para as línguas românicas, concebendo mudança lingüística, em geral, e mudança lingüística tipológica, da forma apresentada nos parágrafos iniciais deste capítulo.

2.1 Ordem dos constituintes no SN

2.1.1 Abordagens teóricas da ordem de constituintes

A ordenação de constituintes, seja na palavra, no sintagma ou na sentença, tem ocupado os lingüistas de diferentes orientações teóricas e tem sido, para os historicistas, um tópico primordial de análise na comparação entre línguas – busca por universais, definição de tipos e classificação genética das línguas – e, para os descritivistas, na descrição e caracterização de línguas particulares.

Segundo Harris & Campbell (1995), a mudança na ordenação dos constituintes, ao longo da história da Lingüística Histórica, além de ser analisada no interior das classificações morfológicas e da tipologia das línguas, vem caminhando em estreita relação com o Princípio do Desenvolvimento das Línguas, sob diferentes pontos de vista.

Algumas visões desenvolvimentistas partem da natureza lógico-semântica da palavra ([+/- COMPLEXO], [+/- CONCRETO]), indo da parte para o todo e do concreto para o abstrato, para defenderem que historicamente as idéias simples são anteriores às idéias complexas e que a noção de coisa (concreto) precede a noção de relação (abstrato). Assim, o nome ocupa sempre a primeira posição: precede o verbo, na sentença, e o adjetivo no sintagma nominal (respectivamente, NV e NA).

A noção de que o nome (categoria primária) é anterior ao verbo (categoria secundária) pode ser explicada, de acordo com Condillac (*apud* HARRIS & CAMPBELL, 1995), pela evolução da linguagem de gestos, sob um ponto de vista mais voltado para a gênese da espécie e para a origem da linguagem humana, segundo o qual

os humanos primeiro apontaram os objetos de seu desejo e, em seguida, nomearam esses objetos; mais tarde, deram nomes aos desejos. Logo, a ordem natural é colocar o objeto gramatical (O) antes do verbo (V), constituindo a ordem OV, e o adjetivo depois do nome, estruturando a ordem NA.

A ordem dos constituintes, concebida como um reflexo da ordem de desenvolvimento da espécie, pode ser observada durante a aquisição da linguagem na infância. Acredita-se (cf. CORDEMOY, 1668, *apud* HARRIS & CAMPBELL, 1995), nesta perspectiva, que a ordem natural das palavras segue a ordem em que as crianças adquirem a linguagem, ou seja, primeiro as coisas (objetos), depois as qualidades, em seguida as ações e, finalmente, os objetos de tais ações: [N → A → V → O = SVO] ou [SN → SV → SN = SVO].

Para Berthold Delbrück (1878, *apud* HARRIS & CAMPBELL, 1995), por outro lado, em todas as orações, dependentes ou não, nas línguas indo-européias, originalmente, o verbo deve ter ocupado a última posição na sentença [SOV] e a mudança que o deslocou para a segunda posição [SVO], com o nome depois do verbo, na oração principal, teve a ver com acentuação.

Seguindo o raciocínio desenvolvimentista, na tradição européia, por exemplo, na língua francesa, a ordem considerada antiga – a ordem livre, mais próxima do latim – era tida como uma ordem ilógica, ao passo que a ordem moderna – fixa – de acordo com os gramáticos franceses, representa a ordem verdadeira, a seqüência natural do pensamento.

Assim, a visão desenvolvimentista, que preconiza a repetição da filogênese (espécie) na ontogênese (ser) e a visão que concebe a ordenação dos constituintes com base na natureza lógica da palavra ([+/- CONCRETO] e [+/- COMPLEXO]), ambas partindo do pressuposto de que há uma ordem natural das idéias, não se sustentam empiricamente. Como mostram os vários contra-exemplos apresentados por Harris & Campbell (1995), há muitas línguas, cujo comportamento dos constituintes no enunciado é o contrário do proposto pela visão desenvolvimentista, além dos postulados dos racionalistas empiristas, que defendem que a ordem gramatical é uma fixação arbitrária, pois, de acordo com a convenção lingüística, não existe ordem natural.

Alguns pontos de vistas sobre ordenação de constituintes com fundamento lógico-filosófico focalizam a estrutura e a natureza dos constituintes da sentença ou do sintagma. Filiada a essa linha de pensamento está a tradição greco-romana da retórica e da gramática, que vê a escolha de uma determinada ordem como uma questão estilística e, considerando a dimensão dos vocábulos envolvidos na relação entre os constituintes, defende que os elementos menores são colocados antes dos maiores e que estes tendem a ocorrer sempre ao final da sentença.

Essa visão é um pouco mais formalista que as anteriores e, embora, Harris & Campbell (1995) apresentem contra-exemplos para demonstrar sua falta de sustentação empírica, os resultados de Callou e Serra (2003), com dados escritos da LP, mostram que os adjetivos menores que o núcleo ocorrem mais na anteposição e os adjetivos maiores que o núcleo ocorrem mais na posposição. Esta questão será retomada posteriormente.

Fulda (1777-8, *apud* HARRIS & CAMPBELL, 1995) introduziu um princípio de ordenação que se tornou muito influente, particularmente entre os indo-europeístas: “o determinante/qualificador/modificador precede o determinado/qualificado/modificado. Assim, o adjetivo antes do nome, o advérbio antes do verbo. A generalização de Fulda se tornou para Adelung (1781; 1782b, *apud* HARRIS & CAMPBELL, 1995) a lei básica: “o menos determinado sempre precede o mais determinado”. Este autor afirmou que essa lei era universal, podendo ser tomada como original em todas as línguas, e que apenas em línguas com desenvolvimento tardio é que as exceções podem ser encontradas. As línguas românicas, com predomínio da posposição do adjetivo (WAUGH, 1977; COHEN, 1989; TOTARO, 1998; LIMA, 2000), conforme será discutido mais adiante, desafiam esse princípio.

As hipóteses defendidas pelo Princípio de Desenvolvimento das Línguas podem ser de orientação: (i) evolucionista, concebendo a ordem gramatical como o reflexo da ordem lógica das idéias no pensamento (VO/NA) e a repetição da ordem lógica e natural das idéias no pensamento, desenvolvida durante a evolução da espécie e da linguagem humanas, na aquisição da linguagem na infância (VO/NA); (ii) lógico-semântica, considerando a natureza semântica do vocábulo ou idéia ([+/- CONCRETO]

e [+/- COMPLEXO]), e a dimensão do vocábulo; e (iii) pragmática, considerando o peso informacional dos constituintes na sentença ou no sintagma.

Estudos sobre a ordem dos constituintes na sentença, em geral, e no SN, em particular, com diferentes línguas românicas, têm apresentado resultados que ora desafiam ora confirmam a visão desenvolvimentista, uma vez que o quadro da posição do adjetivo no SN, nas línguas românicas, é bastante complexo.

No capítulo de análise da posição do adjetivo no SN, nos dados da fala rural goiana, parto do princípio de que não há ordem ‘natural’, no sentido defendido pelas tendências filosóficas, mas ordem (ou ordens, se for o caso) dominante, que é a ordem mais freqüente de uma dada família de línguas, da forma estabelecida por Greenberg ([1963] 1966), em seus universais estatísticos.

2.1.1.1 Tipologia da ordem dos constituintes

Os estudos pioneiros de Greenberg (1961; [1963] 1966) sobre os universais da linguagem, tendo a ordem dos constituintes como um dos tópicos fundamentais da tipologia sintática, ofereceram sustentação empírica e teórica para a formulação de teorias tipológicas sobre mudança lingüística, baseadas nos universais da mudança na ordenação dos constituintes, tais como as propostas por Vennemann (1973) e Lehmann (1978; 1981), dentre outros seguidores de Greenberg.

Para Greenberg ([1963] 1966), os universais da linguagem devem representar generalizações sobre casos, historicamente independentes, do fenômeno a ser estudado, e sua busca deve focar na distribuição dos tipos identificados, por meio da comparação lingüística, e na correlação entre diferentes traços tipológicos encontrados nas línguas.

Com base em uma amostra de 30 línguas, ainda que, em alguns casos, apenas 1 língua represente toda uma família de línguas, conforme Cohen (1996)

destaca, Greenberg pôde inferir, empiricamente, universais consistentes, postulando, dentre dez, três parâmetros fundamentais, por serem os mais freqüentes: a ordem relativa do SV e O, a presença de Po ou Pr e a ordem relativa NA e AN.

A classificação das línguas em tipos específicos pressupõe a harmonia entre os parâmetros, como, por exemplo, uma língua SVO é NA, Pr, etc., levando à caracterização das línguas como consistentes ou inconsistentes.

Assim, de acordo com os Universais de Greenberg ([1963]1966) e a tipologia lingüística proposta, principalmente, por Vennemann (1973) e Lehmann (1981), as línguas consistentes podem ser de dois tipos:

| Tipo 1 | Tipo 2 |
|-----------|-----------|
| OV | VO |
| Po | Pr |
| AN | NA |
| GN | NG |
| ReIN | NRel |

As línguas consistentes, nessa linha de raciocínio, são aquelas que se situam inteiramente em um dos tipos propostos, isto é, apresentam harmonia entre os parâmetros de um dos tipos, e as línguas inconsistentes são aquelas que apresentam misturas de padrões tipológicos, como, por exemplo, uma língua que seja OV e, ao mesmo tempo e no mesmo espaço, AN e Pr, que são padrões do tipo VO, revelando que não há harmonia total entre os parâmetros.

Como a variação de parâmetro dentro das línguas é freqüente, os diacronistas entendem que as inconsistências de algumas línguas indicam que estas possam estar mudando de um tipo consistente para outro também consistente (VENNEMANN, 1973), ou que a inconsistência lingüística reflete variação dos parâmetros e é sinal de uma mudança tipológica de um padrão para outro (LEHMANN, 1978).

Por isso, os universais e os tipos lingüísticos postulados por Greenberg ([1963]1966) ofereceram bases para o desenvolvimento de teorias tipológicas da

mudança na ordem dos constituintes, de modo a descrever ou a buscar explicações para as inconsistências lingüísticas.

Nessa perspectiva, a mudança na ordenação dos constituintes pode ser explicada como busca de consistência e harmonia tipológicas. Entretanto, mudanças na ordenação dos constituintes, em muitas línguas consideradas inconsistentes, nem sempre levam à consistência (HARRIS & CAMPBELL, 1995), como por exemplo, a ordenação dos constituintes nas línguas românicas.

A família românica foi classificada como SVO/NA/Pr/NG e, devido às muitas inconsistências identificadas, foi entendido que estas línguas se encontram a meio caminho entre o Proto-Indo-Europeu SOV e um padrão ideal consistente SVO a ser alcançado. Assim, a existência da ordem AN em uma língua predominantemente NA seria um resíduo do padrão idealmente consistente *SOV do Proto-Indo-Europeu (COHEN, 1996).

Os estudos tipológicos sobre a ordenação dos constituintes empreendidos nas línguas românicas têm se apoiado em Greenberg (1966, p. 101), que afirma que a existência de duas ordens em uma língua é sinal de mudança tipológica, sendo que uma das duas ordens deveria ser mais antiga que a outra. No que se refere à ordenação do adjetivo em relação ao nome, o autor (LOC. CIT., p. 101), no Universal 19, defende que “quando a regra geral é que os adjetivos descritivos seguem, pode haver uma minoria de adjetivos que normalmente precedem, mas quando a regra geral é que os adjetivos precedem, não há exceção”.¹

Assim, com base no exposto no parágrafo anterior e seguindo os dois princípios básicos da teoria de Greenberg ([1963]1966) – dominância e harmonia – pode-se afirmar que a tendência das línguas românicas é terem NA como ordem dominante e AN como ordem alternativa, considerando que a existência de duas ordens, nestas línguas, implica complexidades de variação e de restrição lingüísticas, determinadas por fatores diversos.

¹ When the general rule is that the descriptive adjective follows, there may be a minority of adjectives which usually precede, but when the general rule is that descriptive adjectives precede, there are no exceptions.

Do ponto de vista tipológico, as línguas românicas, entre as quais se encontram a LP e o PB, estão passando por mudança na ordenação dos constituintes, com algumas ordens já fixadas em algumas línguas e em andamento em outras, e algumas ordens em andamento na maioria das línguas.

2.1.2 Abordagens teóricas da posição do adjetivo no SN

Waugh (1977) faz uma revisão dos estudos sobre a ordenação do adjetivo em relação ao nome no SN, dividindo-os em dois períodos: os estudos realizados nos séculos XVIII e XIX e os realizados no século XX.

A partir do exposto por Waugh (1977), percebem-se várias tentativas de explicação para a posição do adjetivo no SN, marcadas por tendências ora filosóficas, incluindo a lógica, ora psicológicas, pautadas na intuição, intenção e sentimentos do falante, ora formalistas, com enfoque nas estruturas fonológica e morfossintática das línguas.

As propostas em conformidade com a tendência lógico-filosófica, fundamentadas na oposição desenvolvimentista entre ordem ‘natural’, que reflete a ordem “lógica” do pensamento, e ordem ‘inversa’, “ilógica”, contrária à ordem “natural” das idéias, entendem que a ordem ‘natural’, considerada mais intelectual, é: concreto + abstrato e elemento nuclear + elemento periférico, portanto, substantivo + adjetivo.

Segundo Tobler (1869, *apud* WAUGH, 1977), a ordem NA é considerada mais natural e lógica porque o adjetivo é o membro subordinado, isto é, dependente, constituindo uma subclasse dentro da classe nomeada pelo substantivo. Nesta perspectiva, o adjetivo posposto ao nome é visto como um subclassificador, ao passo que na anteposição ele é um qualificador, isto é, informa uma qualidade natural do objeto nomeado.

É proposto, ainda, que a ordem NA revela uma dualidade de idéias sucessivas e a ordem AN revela uma unicidade de idéias, proporcionando uma ligação mais estreita entre adjetivo e nome (ROUBAUD, 1785, *apud* WAUGH, 1977). Wundt (*apud* WAUGH, 1977), ao contrário, defende que o grupo nominal [SN → AN ~ NA] corresponde a uma idéia complexa, decomposta em duas idéias parciais, simplesmente para preservar a comunicação. Assim, nem uma nem outra ordem dentro do grupo nominal seria prioritária.

De uma perspectiva mais pragmática, a ordem natural das idéias é a que parte do conhecido para o desconhecido ou da informação dada para a informação nova. Assim, quando o adjetivo precede o nome, ele veicula uma informação dada ou uma qualidade já estabelecida, revelando uma característica dominante, principal ou essencial à plena compreensão do substantivo, enquanto que a posposição do adjetivo representa a veiculação de uma informação nova ou uma idéia secundária.

Enfim, reunindo semântica, estilística e pragmática, se o adjetivo for anteposto, sua relação com o nome é fundamental, inata, encontrada na natureza das coisas nomeadas. Trata-se de uma relação pressuposta e a ênfase da construção recai sobre o nome. Por outro lado, se o adjetivo for posposto ao nome, ele representa uma característica distinta e a ênfase da construção recai sobre o adjetivo.

A posição do adjetivo no SN pode ainda ser relacionada à natureza do sentido que é construído, sendo que em sentido “normal” o adjetivo segue o nome e no sentido figurado precede (ROBERT 1888, *apud* WAUGH, 1977). Clédat (1900, *apud* WAUGH, 1977), entretanto, argumenta que o emprego figurado do adjetivo o coloca depois do nome, embora não seja o uso figurativo que esteja forçando uma concomitante mudança em sua posição.

O fundamento lógico-filosófico, conforme será evidenciado mais adiante, está presente em muitos estudos sobre a ordenação dos constituintes na sentença e no SN, e tem sustentado as explicações gramaticais para as diferentes posições ocupadas pelo adjetivo no SN na LP.

As abordagens semânticas, em conformidade com as tendências psicológicas, e as abordagens estruturais (fonológicas e morfossintáticas) podem ser mais adequadas ao esclarecimento do fenômeno de ordenação dos constituintes do SN, principalmente com enfoque no processo de mudança AN > NA, na LP. Essa abordagem do fenômeno relaciona a ordenação dos constituintes no SN à natureza semântica ou lexical dos itens envolvidos.

Para Bolinger (1952, *apud* WAUGH, 1977), a carga semântica dos elementos em uma sentença está em proporção direta à ordenação desses elementos: “os elementos que estão no início da sentença possuem uma carga semântica mais ampla que os elementos que estão mais ao final da sentença”.

Em outras palavras, um modificador anteposto pode “colorir” e, assim, restringir a carga semântica de todos os elementos que seguem. Ex.: *un hermoso edificio* – é uma qualidade de um determinado edifício (o adjetivo é um qualificador); *un edificio hermoso* – subclassifica edifício, excluindo desta subclasse todos os edifícios que não sejam ‘bonitos’ (o adjetivo é um subclassificador). Esse raciocínio é defendido por Tobler (*apud* WAUGH, 1977), exposto anteriormente.

Nessa linha de raciocínio, é consenso entre os autores (cf. WAUGH, 1977) a existência de duas classes semânticas para a classificação do adjetivo, de acordo com seu sentido na sentença ou enunciado: a classe dos ‘qualificativos’ e a classe dos ‘restritivos’. Os A-qualificativos veiculam um julgamento mais subjetivo e emocional, um juízo de valor, uma avaliação; informam uma característica conhecida ou supostamente conhecida do nome; veiculam uma informação dada ou um sentido inerente ao objeto. Os A-restritivos são mais objetivos e racionais, subclassificam o objeto nomeado, veiculam uma característica nova, não esperada, que restringe o sentido do nome.

A anteposição tende a ser preenchida mais pelos adjetivos de sentido qualificativo e a posposição pelos de sentido restritivo. Há, entretanto, alguns A-qualificativos que podem ocorrer tanto antes quanto depois do nome, tendo, em alguns contextos, seu sentido alterado de qualificativo, na anteposição, para restritivo, na posposição. Marouzeau (1922), seguindo um caminho de muitos daicronistas

romanistas, mostra que desde o latim os A-qualificativos são mais flexíveis do que os A-restritivos, em se tratando de sua posição no SN.

Em estudos diacrônicos mais recentes, sobre línguas românicas, alguns autores (WAUGH, 1977; COHEN, 1990; BOFF, 1991; TOTARO, 1998; LIMA, 2000, dentre outros) têm apresentado resultados de pesquisas que confirmam a correlação entre classe semântica (qualificativo ou restritivo) e posição do adjetivo no SN, permitindo afirmar que os A-qualificativos tendem a ocorrer antes do nome e os A-restritivos tendem a ocorrer depois do nome. Entretanto, a definição de sentido ‘qualificativo’ (‘avaliativo’ ou ‘subjetivo’) e de sentido ‘restritivo’ (‘determinativo’, ‘descritivo’ ou ‘objetivo’) é controversa para a maioria dos autores.

Borges Neto (1991) tenta esclarecer a classe semântica do adjetivo à luz da categorematicidade dos itens lexicais. Os adjetivos classificados como ‘categorêmaticos’ são aqueles que representam funções, predicções independentes dos argumentos, eles predicam seus argumentos de modo absoluto e são usados extensionalmente; os sincategorêmaticos são termos predicativos, predicam seus argumentos de modo relativo, são usados intensionalmente e têm seu sentido intimamente ligado ao sentido do nome.

Com respeito à ordem do adjetivo em relação ao nome, pode-se afirmar, com base na proposta de Borges Neto (1991), que os adjetivos antepostos ao nome são sempre sincategorêmaticos e os pospostos podem ser sincategorêmaticos ou categorêmaticos. Ou seja, os adjetivos sincategorêmaticos podem ocorrer na anteposição e na posposição, embora, na LP, sua maior frequência seja na anteposição e os categorêmaticos ocorrem na posposição. Segundo o autor, às vezes, “a anteposição do adjetivo é um recurso possível para a desambiguação”, no caso de adjetivos considerados ambíguos, como mostram os exemplos (3.13) – (3.16), de Borges Neto (1991, p. 60, destaques do autor), listados a seguir:

- “(3.13) a. Nicolescu é um *belo* jogador de basquete.
 b. Nicolescu é um jogador de basquete *belo*.
 (3.14) a. O pianista *novo* atendia aos pedidos dos fregueses.

- b. O *novo* pianista atendia aos pedidos dos fregueses.
- (3.15) a. O pianista *calvo* não parava de passar a mão na cabeça.
b. O *calvo* pianista não parava de passar a mão na cabeça.
- (3.16) a. Luís é um professor *competente*.
b. Luís é um *competente* professor.”

Os exemplos citados mostram que, em geral, em caso de desambiguação, como em (3.13 a/b), os adjetivos são sincategoremáticos na anteposição e categoremáticos na posposição. Nos casos de adjetivos “puramente” categoremáticos (sentido extensional ou absoluto), como em (3.15), a posição do adjetivo nem sempre pode indicar seu uso, segundo afirma o próprio autor:

(...) Também no caso da distinção categoremático/sincategoremático, a ordem dos adjetivos numa série influi, bem como a anteposição ou posposição do adjetivo em relação ao nome, sem, no entanto, ser, um ou outro recurso, o fator decisivo que nos permitiria distinguir os dois usos dos adjetivos (BORGES NETO, 1991, p. 60-1).

Conforme mostra o exemplo (3.15 a/b), a ordenação linear de “calvo” não altera seu sentido de “extensional” para “intensional”, pois em qualquer posição, antes ou depois do nome, “calvo” é categoremático. Dado que o objetivo do autor é identificar os usos (categoremático/sincategoremático) dos adjetivos e elaborar critérios para a identificação de cada uso/sentido, a ordenação do adjetivo só é mencionada na medida em que possui uma relação com os referidos objetivos, não se estendendo além disso.

Menuzzi (1992, p. 43) defende que “a distinção AC/AS [A-categoremático/A-sincategoremático] tal como formulada por Borges não é relevante para a descrição das propriedades sintático-semânticas dos adjetivos” e que “(...) a generalização mais evidente é a de que a distribuição linear dos adjetivos em relação ao nome determina a interpretação do adjetivo”.

Com base na estrutura de argumentos do adjetivo e do nome, Menuzzi (1992, p. 50) propõe duas classes de adjetivos – a classe dos *relacionais* e a dos *referenciais* – e as relaciona à posição do adjetivo no SN, da seguinte maneira:

- a) Adjetivos referenciais, quando pospostos, podem funcionar como argumento do nome, mas não quando antepostos;
- b) Adjetivos relacionais, quando antepostos, exigem que o nome denote seu segundo argumento, mas quando pospostos isso nem sempre ocorre.

Com respeito à relação entre interpretação do sentido do adjetivo e sua posição no SN, o autor (1992, pp. 50-1) afirma que os adjetivos pospostos ao nome são interpretados restritivamente, ao passo que os adjetivos antepostos ao nome são interpretados não-restritivamente e, tomando a definição de Borges Neto (1991), o autor informa ainda que os adjetivos categoremáticos (inclusive os referenciais) são normalmente pospostos e, quando antepostos, em geral, se tornam “núcleos” do SN.

Assim, o autor (1992, p. 111) avança a seguinte hipótese:

A estrutura que surge na modificação adjetival – sua representação sintática (em todos os níveis, especialmente em EP e FL) – é uma expressão das relações – temáticas – entre a estrutura de argumentos do adjetivo – representada em sua rede temática – e a do N modificado, e os efeitos semânticos dessa estrutura – a interpretação semântica de sua representação sintática – derivam do modo como cada uma destas estruturas argumentais está sendo saturada – i.é., o modo de descarga por meio do qual as posições temáticas em jogo estão sendo descarregadas.

Com respeito especificamente à distribuição do adjetivo no SN, o autor (1992, p. 189-193) conclui que

A ‘posição pré-nominal’ é a posição de núcleo do NP e é a posição de que partem todas as relações temáticas possíveis de serem estabelecidas diretamente entre dois elementos nominais; a posição ‘pós-nominal’ é a posição de modificador restritivo.

As propostas de Borges Neto (1991) e Menuzzi (1992) são tentativas de esclarecer a natureza semântica dos adjetivos e sua possível relação com a posição ocupada pelos adjetivos no SN e, assim, buscar uma explicação para a “distribuição linear” principalmente dos adjetivos “problemáticos” ou de sentido/interpretação “especial”, tais como “belo”, “esperto” e “atual”, descritos pelos autores. A aplicação da teoria de Menuzzi à análise da posição do adjetivo no SN na LP será apresentada na seção seguinte.

As hipóteses que se situam dentro do princípio lingüístico estrutural, por sua vez, podem ser ou sincrônicas ou diacrônicas, e consideram a ordenação do adjetivo em relação ao nome associada a questões fonológicas, morfológicas e morfossintáticas.

Fonologicamente, conforme observou Diez, em 1844 (*apud* WAUGH, 1977), o A-qualificativo anteposto ao nome é átono e o A-restritivo posposto ao nome é tônico, sendo permitida a anteposição do A-restritivo tônico. Ou seja, o A-restritivo é tônico e pode anteceder ou suceder o nome e o A-qualificativo é átono e precede o nome. Equivale a dizer que a posição do A-qualificativo/átono é mais fixa do que a do A-restritivo/tônico. Ainda sob esse ponto de vista, entende-se que o equilíbrio rítmico da sentença exige a posposição dos adjetivos mais longos e a anteposição dos adjetivos de pequena dimensão.

Para Harrison (1882, *apud* WAUGH, 1977), os adjetivos monossilábicos precedem os polissilábicos para evitar confusão ou ambigüidade. Clédat (1900, *apud* WAUGH, 1977) nega esse pressuposto, afirmando que existem inúmeros adjetivos curtos que são colocados depois do nome, mas não necessariamente por causa de seu pequeno tamanho.

A ordenação dos constituintes no SN pode ser explicada, ainda sincronicamente, também em termos da oposição entre uma ‘sintaxe fixa’ e uma ‘sintaxe móvel’, conforme proposto por Cornelis de Boer (1923, *apud* WAUGH, 1977, p. 23):

1. ‘Sintaxe fixa’: representada por expressões como ‘terra-plana’, ‘Terra-Santa’ etc., onde a combinação de adjetivo mais nome representa a unidade (uma composição), que não precisa de explicação (sintática).

2. ‘Sintaxe móvel’: é afetada por dois processos psicológicos opostos: “a *síntese*, onde a combinação adjetivo + substantivo é fortemente sentida como uma unidade, em cujo caso o adjetivo é colocado antes do nome; e a *análise*, onde a combinação é fortemente sentida como uma pluralidade”. Neste caso, se o adjetivo tiver uma ‘força afetiva’ muito grande ele precede o nome, e se ele não tiver essa força afetiva, ele segue o nome.

Em linhas gerais, de Boer (*apud* WAUGH, 1977) defende, na sintaxe móvel, a oposição entre ‘unidade/linguagem afetiva’ na anteposição e ‘pluralidade/linguagem racional’ na posposição. Essas idéias são defendidas, conforme exposto anteriormente, por Clèdat (*apud* WAUGH, 1977) e Roubaud (*apud* WAUGH, 1977). Lerch (1919, *apud* WAUGH, 1977), contrariamente, chama a atenção para a insuficiência de uma teoria que tenda a colocar o grupo ‘adjetivo + substantivo’ como uma única idéia e o grupo ‘substantivo + adjetivo’ como duas idéias separadas, argumentando que o grupo nominal em qualquer ordem sempre representa uma unidade: uma idéia composta de duas idéias subsidiárias.

As análises sincrônicas, enfim, situam-se na natureza lingüística dos constituintes e buscam uma explicação ou nas particularidades fonológicas, como acento, ritmo e extensão dos vocábulos; e morfossintáticas, como a unicidade ou dualidade dos elementos adjetivo e nome, ou na relação estabelecida entre eles, como o grau de ligação entre adjetivo e nome, mas sempre apontando diferenças entre os grupos adjetivo + nome e nome + adjetivo.

O fenômeno da ordenação dos constituintes no SN pode ser abordado ainda sob uma perspectiva diacrônica, a qual atribui a mudança da posição do adjetivo, nas línguas românicas, a uma tendência iniciada no latim.

Maurer Jr. (1959, p. 192-94) afirma que o latim possui uma ordem livre, herdada do indo-europeu, e a escolha de uma dada ordem é guiada por “preocupações de estilo” e pelo “gosto de quem fala ou escreve”. O autor enfatiza que na relação de complementaridade, os elementos (verbo e complemento, verbo e advérbio, substantivo e adjetivo) são dispostos quase que livremente na frase. Na língua falada, a ordem dos constituintes era considerada direta, ou seja: sujeito, verbo e complemento, “vindo os

elementos modificadores pospostos aos modificados e pondo-se regularmente juntas as palavras que se completam”.

A simplificação rumo à fixação da disposição das palavras na frase ou oração, segundo o referido autor (1959, p. 192-194), é uma tendência presente no latim clássico, mesmo que de forma mais tênue, que se regulariza no latim vulgar. O que não equivale a dizer que no latim vulgar a ordem dos elementos na frase fosse rígida: “persiste na variedade vulgar da língua latina uma liberdade bem sensível na colocação das palavras”.

No que se refere ao processo de modificação nominal, Maurer Jr. (1959) afirma que a “ordem normal” no latim vulgar é a posposição do modificador ao termo modificado, embora haja ocorrências de anteposição do modificador. O autor não aprofunda a discussão acerca da presença de anteposição do modificador ao termo modificado no latim.

Diacronicamente, portanto, de acordo com Maurer Jr. (1959; 1962), pode-se partir do pressuposto de que na língua latina a ordem AN é conservadora, herdada do indo-europeu e a ordem NA é inovadora, aparecendo no latim clássico, se difundindo no latim vulgar e configurando uma tendência geral nas línguas românicas. Tal pressuposto confirma a tendência apontada pelos universais estatísticos de Greenberg ([1963] 1966), no que se refere à ordenação dos constituintes do SN, conforme o exposto na subseção (2.1.2).

As análises sobre a ordem dos constituintes no latim, apresentadas nos parágrafos precedentes, permitem reafirmar que a existência da ordem AN ao lado da ordem NA, nas línguas românicas, é um fenômeno lingüístico diacrônico, encaixado em uma mudança tipológica maior de ordenação dos constituintes. Entretanto, tendo em vista que um processo diacrônico só é possível porque entram em ação um ou vários fatos sincrônicos, é importante atentar para as razões lingüísticas que motivaram a tendência à fixação da ordem NA nas línguas românicas.

Lehmann (1978) propõe uma hierarquia de manutenção, segundo a qual, o adjetivo é a classe com maior grau de retenção lingüística. O autor defende que, na

hierarquia de manutenção, o adjetivo (muito provavelmente o subjetivo) e, eventualmente, os restritivos constituem as duas últimas categorias a mudarem, sendo seguidas apenas pelos numerais. Dentro da classe dos adjetivos, os de sentido ‘qualificativo’ mudam antes dos de sentido ‘restritivo’. Por isso, quando há retenção da ordem AN, de acordo com o raciocínio de Lehmann (LOC. CIT.), o adjetivo que precede o nome é, na maioria dos casos, de sentido ‘qualificativo’².

As alterações no inglês e francês levam-nos a propor diferentes taxas de retenção para estruturas específicas. Dentre os padrões de modificação nominal, a taxa de retenção é maior para os adjetivos descritivos; construções relativas, aparentemente, mudam de posição mais cedo, seguidas do genitivo e, subseqüentemente, do adjetivo, e, finalmente, dos adjetivos restritivos e dos numerais adjetivos (LEHMANN, 1978: 41, tradução minha).

Marouzeau (1922) divide os adjetivos em duas classes: ‘adjetivos qualificativos’, cujo sentido é centrado no falante, reflete a visão do falante sobre o objeto, sendo, portanto, subjetivo, afetivo; e ‘adjetivos determinativos’, cujo sentido é centrado no objeto, independente da apreciação do falante, sendo objetivo, intelectual. Os A-qualificativos podem ser colocados antes ou depois do nome, dependendo do sentido a ser coberto – na preposição, o adjetivo dá um “valor enunciativo”, exprime uma noção; determinante e determinado formam um grupo na consciência do sujeito falante, não dissociando os elementos, tendendo a constituir, por assim dizer, “uma unidade de representação”. Por outro lado, na posposição, os A-qualificativos expressam “um valor predicativo”. A única posição ‘normal’ – Marouzeau (LOC. CIT.) opõe ‘ordem normal’ à ‘ordem inversa’ e afirma que os ‘adjetivos determinativos’ só ocorrem antes do nome por um processo de inversão – para os ‘adjetivos determinativos’ é após o nome.

² “The shifts in English and French lead us to propose different rates of retention for specific structures. Among the nominal modifying patterns the rate of retention is greatest for descriptive adjectives; relative constructions apparently change position earliest, followed by the genitive and subsequently the adjective, and eventually limiting adjectives and adjectival numerals. Such hierarchies of maintenance must be verified from study of all languages.” (Lehmann, 1978: 41).

Assim, Marouzeau (1922) acredita que a ordem AN revela um ‘espírito sintético’ e a ordem NA revela um ‘espírito analítico’ e que a preponderância de um ou de outro é devida ao ‘espírito’ particular da época ou do falante de um tempo dado.

Cohen (1990), apoiada em Väänänen (1967) e Adams (1977), mostra que em latim, a posposição ou anteposição do adjetivo ao nome depende de sua significação: ‘qualificativos’ normalmente precedem o nome, ao passo que os ‘não qualificativos’ (determinativos) são normalmente colocados após o nome. Os ‘determinativos’ adquirem um valor afetivo e enfático quando prepostos ao nome.

Waugh (1977) cita Yvon (1902) na busca de uma explicação diacrônica para a mudança na ordenação do adjetivo no francês. Para Yvon, declara a autora, no latim, geralmente, colocava-se o adjetivo antes do substantivo e a tendência, desde então, tem sido de colocar mais e mais todos os adjetivos após o substantivo, “cuja situação ‘ideal’ ainda não foi alcançada: encontramos agora em um período de semi-indiferença na colocação dos adjetivos”. Afirma a autora que a evolução de uma posição (AN) para outra (NA) realmente começou no latim, porque mesmo naquela língua, os ‘adjetivos técnicos’ já estavam mostrando uma tendência à posposição.

Cohen (1990), considerando as classes dos adjetivos – ‘objetivos’ para Adams (1977) e ‘valor objetivo’ para Marouzeau (1922); ‘subjutivo’ para Adams e ‘valor subjutivo’ para Marouzeau – defende que a ordem natural, para todos os períodos do latim, é a seguinte:

adjetivos objetivos (AO) = posposição (N → AO)

adjetivos subjutivos (AS) = anteposição (AS → N)

A autora declara ainda, com base nos citados autores, que há alguns tipos de adjetivos pertencentes a uma classe geral de ‘determinativos’ que cobrem um sentido basicamente objetivo. São eles:

- a) os derivados de nome próprio – nesta classe, os adjetivos podem ser pospostos ou antepostos, mas a sua posição marca diferenças de sentido ou de ênfase;

- b) aqueles que denotam aparência, cor e profissão também cobrem um sentido ‘objetivo’ – nesta classe a posposição é a ordem não-marcada; aqui, a anteposição indica oposição de sentido de um mesmo adjetivo ou de um adjetivo diferente no mesmo contexto;
- c) os que expressam dimensão ou forma, temperatura, sabor ou constituição física, etc.

Todas essas classes admitem uma inversão estilística, sendo que os adjetivos ‘denominais’ não admitem a anteposição, conclui a autora.

Segundo Marouzeau (1922), a inversão na ordem dos adjetivos, no latim, pode representar uma mudança de sentido, isto é, o adjetivo adquire um novo sentido: ou uma justificação ou uma restrição ao nome. A anteposição é uma ordem ‘enfática’ e coberta por um pequeno grupo de adjetivos comuns que têm seu sentido alterado se colocados na posposição.

Ainda de acordo com Marouzeau, no latim há pelo menos duas ordens básicas: AN para os qualificativos e NA para os objetivos (determinativos). A inversão da ordem nas duas classes é possível em “ambientes especiais”.

Enfim, o latim é NA no período dos textos mais antigos, tendo AN como a variante marcada, passando por uma transição pré-histórica: AN → NA, sendo NA a ordem preferida e predominante no latim vulgar e nas línguas românicas ocidentais (ADAMS, 1977).

Contrariamente às idéias apresentadas nos parágrafos precedentes, Maurer Jr. (1959, p. 198) afirma que, no latim, “o adjetivo qualificativo normalmente se pospunha ao substantivo” e que “até onde a língua vulgar recorria à anteposição do adjetivo para dar-lhe um sentido especial de realce é muito incerto”.

Com base nos pressupostos de Marouzeau (1922), Cohen (1990, p. 27) levanta a hipótese de que “a posição do adjetivo parece depender basicamente de seus traços semânticos”, ou seja: os adjetivos de sentido não-restritivo são antepostos e os de

sentido restritivo são pospostos; e, apoiando-se em Waugh (1977), afirma que a anteposição é motivada por fatores semânticos³.

Do exposto, pode-se concluir que no latim havia a coexistência das ordens AN e NA, não como variantes uma da outra, mas cada uma ocorrendo em ambientes específicos (MAROUZEAU, 1922) e que o emprego de AN e NA nos mesmos períodos indica que a língua estava passando por mudança na posição do adjetivo no SN, motivada pelo sentido (qualificativo/restritivo) do adjetivo. O processo de mudança AN > NA continua em curso nas línguas românicas e, ao que tudo indica, ainda sob a motivação da classe semântica do adjetivo.

Waugh (1977, p. 68 e ss.) mostra que das inúmeras tentativas de explicação da posição do adjetivo no SN francês, pode-se perceber um consenso em relação ao fato de que o A-subjetivo (ou qualificativo) tende a preceder o nome, ao passo que os de sentido ‘objetivo’ (ou restritivo) tendem a segui-lo. Segundo a autora, de acordo com alguns autores (cf. WAUGH, 1977), no francês, quando o adjetivo atribui uma característica nova, restritiva, ele nunca ocorre antes do nome.

Para Clédat, segundo Waugh (1977, p. 15-6), em anteposição, o adjetivo equivale a um afixo, como em *la petite maison* e *maisonette*, embora essas duas formas não sejam absolutamente sinônimas, e outros adjetivos circunstanciais próximos em sentido ao adjetivo determinativo (que expressa qualidades essenciais) podem preceder o nome (“*une commune patrie*”), outros expressando qualidades subjetivas podem ser colocados antes do nome e, uma vez que essas qualidades são subjetivas, elas podem ser unidas à idéia dada pelo nome como um único conceito na mente do falante (“*une émovouvante aventure*”).

Pode-se depreender do exposto por Waugh (1977) que a anteposição, em francês, é preenchida por A-subjetivos, os quais veiculam qualidades subjetivas unidas à idéia dada pelo nome, possuem um alto grau de ligação com o substantivo e, por isso, funcionam como afixos.

³ “The positioning of the adjective seems to depend basically on its semantic features” (COHEN, 1990: 27).

Os adjetivos que expressam propriedades puramente materiais, tais como forma, cor, etc. são colocados após o nome, exceto em linguagem poética e em compostos formados por adjetivo + nome, os adjetivos que expressam estados corporais, especialmente se derivados de nomes próprios são colocados depois do nome, ainda que em ‘estilo elevado’ o inverso seja permitido.

A despeito do consenso encontrado na literatura sobre a colocação do adjetivo em francês, Waugh (1977) aborda a ‘modificação lingüística’ semanticamente e explora a questão sobre o efeito produzido pela imposição da ordem de palavras do grupo [*brave, homme*] sobre a relação formal de modificação. Sua hipótese principal é que pode ser a interação entre os dois processos que dá o significado obtido pela combinação de, por exemplo, adjetivo e nome, e que explica também as diferenças no caráter da conexão entre o adjetivo e o nome em cada uma das duas ordens.

Segundo a autora, cada elemento de um enunciado é uma unidade da língua com uma referência própria. O processo de modificação é uma combinação sintática, através da qual, no discurso, se opera uma referência unificada, ainda que complexa, a partir da relação entre dois ou mais itens lingüísticos.

No que diz respeito à relação entre adjetivo e nome e ao processo de mudança na ordenação desses elementos em relação um ao outro, a autora afirma que a relação de modificação é constante mesmo quando a ordem de palavras muda, pois em ambos os casos (AN e NA) o adjetivo modifica o nome.

Uma vez que o adjetivo é usado para limitar a gama de referência do nome, pois seu valor informacional sob modificação se assenta exatamente na delimitação daquela gama de referência, a modificação pode ser concebida, do ponto de vista da *langue*, como uma intersecção entre um segmento lingüisticamente categorizado da realidade extra-lingüística (um ‘conjunto’) e outro. Trata-se, portanto, de uma relação de intersecção porque ela denota precisamente o que se quer implicar.

Sobre o caráter da conexão entre adjetivo e nome, a autora afirma – seguindo de Boer, Clèdat e Roubaud (cf. subseção (2.2)) – que a noção mais popular sobre essa questão concebe a anteposição como um tipo de ‘fusão’, formando um *vocabulo*

fonológico, ao passo que a posposição é simplesmente uma justaposição, uma pluralidade.

Para Waugh (1977), a modificação do nome pelo adjetivo, no francês, envolve minimamente e invariavelmente uma intersecção dêitica das partes do discurso ‘substantivo’ e ‘adjetivo’. Ou seja, o adjetivo, em anteposição, modifica deiticamente (isto é, intersecciona com) a combinação formada pela cumulação da parte substantival do discurso e seu significado lexical. Assim, em francês, conclui a autora, o adjetivo (i) na posposição modifica o substantivo como um substantivo (parte do discurso ou classe de palavra) e não necessariamente como um substantivo com um significado lexical particular e (ii) na anteposição, o adjetivo modifica o substantivo como um substantivo com um significado lexical específico. A modificação preposicional, ao contrário da posposicional, está limitada ao contexto lexical do modificado (substantivo).

Em suma, de acordo com o raciocínio de Waugh (1977), a anteposição leva a uma interação ou inter-relação entre o significado lexical das duas classes, ‘adjetivo’ e ‘substantivo’, ao passo que na posposição há a modificação de um item de uma classe (substantivo) por um item de outra classe (adjetivo) sem interação ou inter-relação entre os significados lexicais das duas classes. Ou seja, para Waugh (1977), a ‘situação de modificação’, que é a interrelação lexical e a interação semântica entre o adjetivo e o nome, assim como os traços semânticos e lexicais do adjetivo e do nome, na relação de contigüidade entre os dois constituintes, em uma ou outra ordem, impõe determinadas interpretações a todo o SN.

Conclui-se, enfim, que na língua francesa a posposição é considerada a ordem não-marcada e a anteposição a ordem marcada.

Totaro (1998, p. 90 ss.) apresenta resultados que indicam que, no espanhol, o adjetivo ‘atributivo’, ao mesmo tempo, retém e intensifica a mudança, conforme se pode avaliar através das palavras do próprio autor: “o grupo adjetival prototípico (atributivo) não é apenas o que responde pela maior parte das anteposições no *corpus*, como também o que sofre mais intensamente a mudança”. Ou seja, o grupo dos adjetivos atributivos (objetivos) retém a mudança ao ocorrer na anteposição, mas a intensifica,

pois a maioria de suas ocorrências está na posposição, a ordem inovadora. Também no espanhol, de acordo com o autor, a posposição é a ordem não-marcada.

Lima (2000), a partir de dados escritos do catalão, apresenta os seguintes resultados: de um total de 1.132 ocorrências de ‘adjetivos qualificativos’, 798 (70%) estão antepostos e 334 ocorrências (30%) estão pospostos. Quanto aos adjetivos restritivos, tem-se: de 403 ocorrências, 29 (7%) estão antepostos e 374 (93%) estão pospostos. Pode-se perceber que, no catalão, NA é a ordem básica, como nas demais línguas românicas, e que a retenção da ordem AN está a cargo dos ‘adjetivos qualificativos’.

Na LP, de acordo com Cohen (1990), Nobre (1989), Müller *et alii* (2002)⁴ e Callou e Serra (2003), NA é a ordem não-marcada, com predominância dos ‘adjetivos qualificativos’ na anteposição e dos ‘restritivos’ na posposição.

Parece claro, diante das análises dos autores mencionados nos parágrafos anteriores, que, nas línguas românicas, a ordem não-marcada é NA e a marcada é AN; que nas ocorrências de AN predominam os adjetivos de sentido qualificativo, e que na anteposição adjetivo e nome formam uma unidade, ao passo que na posposição eles formam uma pluralidade de idéias.

Dessa forma, no que se refere ao sentido dos adjetivos antepostos, os resultados apresentados vão ao encontro do postulado de Lehmann (1978), segundo o qual os qualificativos mudam antes dos restritivos (ou determinativos), uma vez que nas línguas espanhola, francesa, catalã e portuguesa, de acordo com os resultados apresentados anteriormente (WAUGH, 1977; TOTARO, 1998; LIMA, 2000; CALLOU E SERRA, 2003), o qualificativo, apesar de estar retendo a ordem AN, já ocorre mais em NA, e o restritivo, que ocorria predominantemente na posposição, continua a ocorrer nesta ordem. Portanto, conforme defende Lehmann (1978), o maior grau de retenção lingüística é dos ‘adjetivos restritivos’.

⁴ Müller *et alii* (2002) não classificam os adjetivo em qualificativos e restritivos. Esta classificação foi feita por mim, a partir da lista de adjetivos que ocorrem no corpus analisado pelas autoras. Fora do contexto de ocorrência, portanto.

Vimos, então, que tanto as explicações sincrônicas como as diacrônicas relacionam a posição do adjetivo no SN à sua classe semântica: A-qualificativo = anteposição e A-restritivo = posposição. As abordagens sincrônicas defendem ainda que a ordenação dos constituintes no SN pode estar sendo influenciada por questões fonológicas como a tonicidade, relacionada à classe semântica do adjetivo: A-restritivo é tônico e posposto e A-qualificativo é átono e anteposto; pela dimensão dos vocábulos: adjetivos menores que o núcleo são antepostos e os maiores são pospostos; e ao grau de ligação das idéias: na anteposição, adjetivo e nome formam um só conceito, uma unidade; na posposição, os dois constituintes veiculam duas idéias diferentes, dois conceitos, uma pluralidade.

2.2 A posição do adjetivo no SN na língua portuguesa

De acordo com gramáticos (CUNHA & CINTRA, 2001; FARACO & MOURA, 2000; NEVES, 2000), com estudos sincrônicos (MÜLLER ET ALL., 2002; NUNES-PEMBERTON, 2000; BOFF, 1991; NOBRE, 1989) e diacrônicos (CALLOU E SERRA, 2003; BOFF, 1991; COHEN, 1990), pode-se afirmar que na LP contemporânea a ordem não-marcada dos constituintes do SN é NA, ocorrendo AN como ordem marcada, ainda que para algumas classes de adjetivo, em contextos “particulares” ou “especiais”, AN seja a única ordem empregada.

Na LP, portanto, há ocorrências sistemáticas de AN e de NA. Todavia, conforme demonstram alguns resultados de pesquisa sobre esse fenômeno, a ocorrência de adjetivo nas posições pré-nominal e pós-nominal, na LP, não é aleatória e pode constituir ou não um processo de variação lingüística⁵. Há algumas classes de adjetivo que só admitem a anteposição, há classes que só admitem a posposição e há classes que admitem as duas posições. Com relação aos adjetivos que podem ocorrer nas duas posições, em alguns contextos, a mudança de posição não altera substancialmente o sentido do adjetivo nem do enunciado. Em outros contextos, a inversão da ordem pode

⁵ Estou partindo aqui da noção de *variação lingüística* proposta por Labov (1972, principalmente): duas ou mais formas variantes que podem ser usadas pelo falante sem alterações na mensagem transmitida.

levar a mudanças tanto no sentido e na função do adjetivo quanto na interpretação de todo o enunciado.

Algumas análises, como as mencionadas acima, apontam a classe semântica do adjetivo como responsável pelas diferentes posições ocupadas pelo adjetivo no SN. De acordo com tais análises, a tendência da LP é antepor os A-qualificativos (subjetivo ou avaliativo) e pospor os A-restritivos (descritivo, determinativo, objetivo, intelectual).

Assim, com base em estudos descritivos, sincrônicos e diacrônicos, da ordenação do adjetivo na LP, pode-se propor três contextos de ocorrência das ordens AN e NA, nesta língua, envolvendo diferentes classes de adjetivos, conforme o exposto a seguir, a partir de exemplos de Cohen (1990) e Nobre (1989):

I. Adjetivos ‘qualificativos’ em AN e NA:

“(9) a) Sarah é uma menina bonita
b) Sarah é uma menina linda”

“(11) a) Sarah é uma bonita menina
b) Sarah é uma linda menina” (COHEN, 1990, p. 31-2)

“(16) Um comércio muito bom por sinal.
(16a) Um bom comércio, por sinal.” (NOBRE, 1989, p. 42)

II. Adjetivos que são ‘qualificativos’ em AN e ‘restritivos’ em NA:

“(11) a) homem grande/grande homem
b) menino pobre/pobre menino
c) amigo velho/velho amigo
d) livro novo/novo livro
e) anedota simples/simples anedota” (COHEN, 1990, p. 33)

“(19) (...) aí ele se tornou um grande lutador.

(19a) Ele é um lutador grande. Tem mais de 1m e 90 de altura.

(20) Assim, sobre a mulher atual, por exemplo. Mulher que trabalha fora.

(20a) Vera é a atual mulher de Lúcio.” (NOBRE, 1989, p. 45)

III. Adjetivos ‘restritivos’ em NA:

“(11a) escritor português/*português escritor” (COHEN, 1990, p. 32)

Tomando como ponto de partida a classe semântica do adjetivo, critério básico da classificação dos adjetivos apresentada acima, pode-se dizer que os adjetivos do grupo (I), se caracterizam por possuírem sentido qualificativo e ocorrerem na anteposição e na posposição. Os A-qualificativos, como ‘bonita’, ‘linda’, ‘mau’, dentre outros do mesmo tipo, na LP, podem ser antepostos ou pospostos ao nome. Nas sentenças declarativas, contudo, a ordem não-marcada ou não enfática é a posposição, como em (9 a, b). O sentido dos adjetivos dessa classe, na anteposição, como em (11a, b), é menos preciso do que quando eles ocorrem na posposição.

Na ordem NA, o adjetivo subclassifica o nome ‘menina’, acrescentando-lhe uma informação nova: “Sarah é uma menina que é bonita/linda; na ordem AN, Sarah é bonita enquanto menina; ela é admirada não porque ela seja necessariamente bonita, mas por alguma (s) outra (s) característica (s), mesmo a (s) não física (s). Trata-se, na ordem AN, de sentido conotativo ou metafórico (COHEN, 1990).

De acordo com a proposta de Borges Neto (1991), considerando-se a noção de ‘categorematicidade’ apresentada em subseção anterior (2.1.2), os adjetivos do tipo daqueles do grupo (I) possuem natureza semântica diferente dependendo de sua posição no SN: têm sentido extensional na posposição, pois ‘bonita’, por exemplo, modifica a extensão (o referente) do nome ‘menina’, e sentido intensional, na anteposição, uma vez que o adjetivo ‘bonita’ modifica a intensão (uma classe ou grupo) do referente ‘menina’. Neste caso, ‘bonita’ é sincategoremático na anteposição e categoremático na posposição. Por isso, devido a esses adjetivos serem de difícil classificação e possuírem um sentido obscuro e indefinido, o autor os considera “problemáticos”.

Menuzzi (1992), apoiando-se em Giorgi e Longobardi, se refere a esse tipo de adjetivo como adjetivo de “sentido especial”. Para Boff (1991) e Callou e Serra (2003), esses adjetivos são avaliativos em AN e NA.

Os adjetivos do grupo II, exemplos (11 a-e) de Cohen (1990) e (19) a (20 a) de Nobre (1989), constituem uma espécie de *homonímia*, pois possuem a mesma forma (segmento fônico), com distribuição diferente, sendo que a inversão da ordem pode resultar na mudança de classe semântica e de interpretação do enunciado: em AN eles têm sentido qualificativo e em NA têm sentido restritivo.

Segundo a classificação de Borges Neto (1991), esse tipo de adjetivo, com um sentido mais definido e preciso, é sincategoremático, com sentido intensional, na anteposição, e categoremático, com sentido extensional, na posposição. Para Boff (1991) e Callou e Serra (2003), esses adjetivos são avaliativos em AN e não-avaliativos em NA.

No grupo (III) estão os adjetivos com um sentido descritivo ou objetivo, derivados de nomes ou que denotam sabor, temperatura, forma, idade (propriedades físicas), etc. Na LP, esses adjetivos ocorrem sistematicamente pospostos. Nas combinações do tipo exemplificado em (11a), com a coordenação de dois nomes que, em geral, funcionam como substantivo, a ordem NA é a única possível, pois a função de cada nome é definida por sua posição no sintagma, com o primeiro elemento funcionando como nome e o segundo como adjetivo. A inversão da ordem, nesse caso, leva à inversão de função dos vocábulos (de adjetivo para nome e de nome para adjetivo) no SN e altera a interpretação do enunciado.

Os exemplos que se seguem, retirados de Cohen (1990, p. 32-3), não admitem a inversão da ordem:

- “b) mesa oval/*oval mesa
- c) ferro quente/*quente ferro
- d) gosto picante/*picante gosto
- f) comida francesa/*francesa comida
- h) material genealógico/*genealógico material”

A mistura de padrões apresentada pela LP, no que diz respeito à posição do adjetivo no SN, com adjetivo ocorrendo na anteposição e na posposição, pode ser

justificada com base no Universal 19 de Greenberg ([1963]1966), que prevê a ocorrência da ordem AN em línguas, cuja regra geral seja a ordem NA, e na teoria da mudança tipológica na ordenação de constituintes, que entende a mistura de padrões como um processo de mudança tipológica.

Neste sentido, a co-existência entre AN e NA, na LP contemporânea, pode ser entendida como uma fase do processo de realinhamento tipológico, envolvendo a mudança AN > NA, que afeta todas as línguas românicas, e que situa o português a meio caminho entre dois padrões almejados: SOV – Proto-Indo-Europeu reconstruído – e SVO – ideal consistente a ser alcançado (cf. subseção (2.1.1.1)).

Em resumo, os padrões de ordenação do adjetivo em relação ao nome, na LP, têm sido discutidos sob os mais diferentes enfoques, seja sincronicamente seja diacronicamente, a saber:

- (i) natureza semântica do adjetivo: A-qualificativo = AN e A-restritivo = NA (COHEN, 1990; BOFF, 1991; CALLOU E SERRA, 2003) ou A-categoremático = NA e A-sincategoremático = AN (BORGES NETO, 1991);
- (ii) valor estilístico do adjetivo: o adjetivo anteposto é enfático, realçado e afetivo e posposto é lógico e objetivo (CUNHA E CINTRA, 2001);
- (iii) correlação entre a estrutura argumental do adjetivo e do nome-núcleo e a posição do adjetivo no SN: os adjetivos predicadores de tipo relacional são antepostos e se assemelham aos quantificadores; os adjetivos argumentais são sempre pospostos (BOFF, 1991; MENUZZI, 1992; MÜLLER ET ALL., 2002);
- (iv) como um processo de mudança lingüística, de AN > NA (COHEN, 1990; BOFF, 1991; CALLOU E SERRA, 2003) e como um *continuum* de cristalização de formas (NOBRE, 1989).

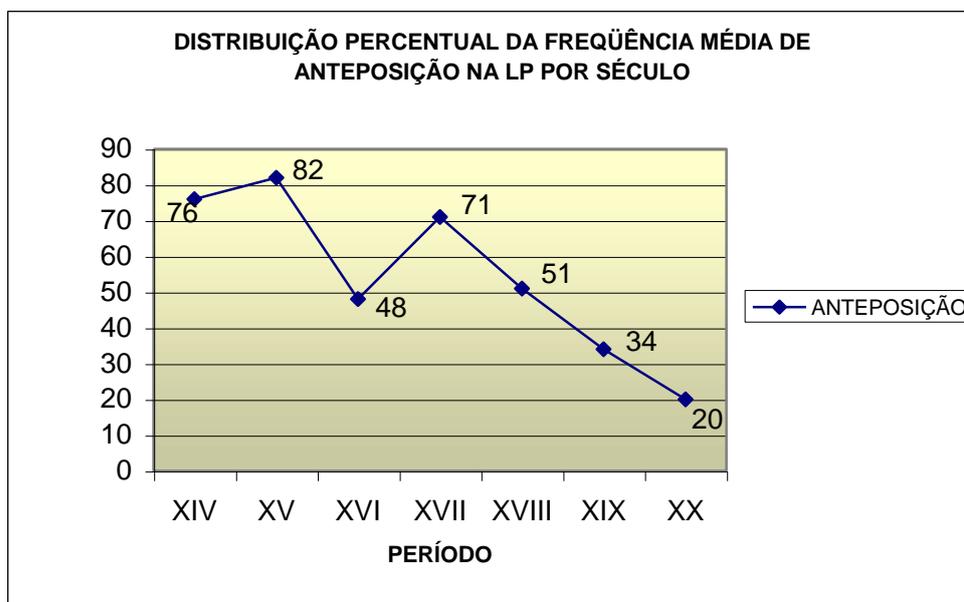
Essas linhas de discussão e os resultados alcançados pelos autores serão detalhados nos próximos parágrafos.

Cohen (1990) realiza uma análise diacrônica sobre a ordenação do adjetivo e do nome no SN, com dados escritos da LP, a partir de textos de sete séculos: XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, seleciona dois textos para cada período analisado e apresenta os resultados por período e por texto analisado.

A autora constata uma “progressiva diminuição” no uso da anteposição, na LP, e um “complementar aumento” no emprego da posposição, desde o século XIV até o XX (cf. Figura 8 da autora, em anexo), demonstrando que houve um significativo aumento da posposição, ao lado de uma concomitante queda da anteposição, em torno do século XVIII.

De acordo com a tabela 8 da autora (1990, p. 64), no século XVIII foram registrados 72% de AN vs. 28% de NA, em um dos textos e 30% de AN vs. 70% de NA, no outro texto. Esses dados mostram que no século XVIII havia instabilidade no emprego da anteposição: 72% e 30% no mesmo período. No século XIX, são registrados 37% e 31% de AN vs. 63% e 69% de NA, refletindo, além da queda no uso de AN, um maior equilíbrio entre os dois textos analisados quanto ao emprego e à diminuição no uso de AN. Os textos do século XX, relativamente aos textos do século XIX, registram queda no emprego de AN: 23% e 18% de AN vs. 77% e 82% de NA, respectivamente. O gráfico (1), a seguir, formado a partir dos resultados da autora, apresenta a frequência média de ocorrência de AN na LP, do século XIV ao XX, demonstrando a progressiva queda na frequência de uso da ordem AN.

GRÁFICO (1)



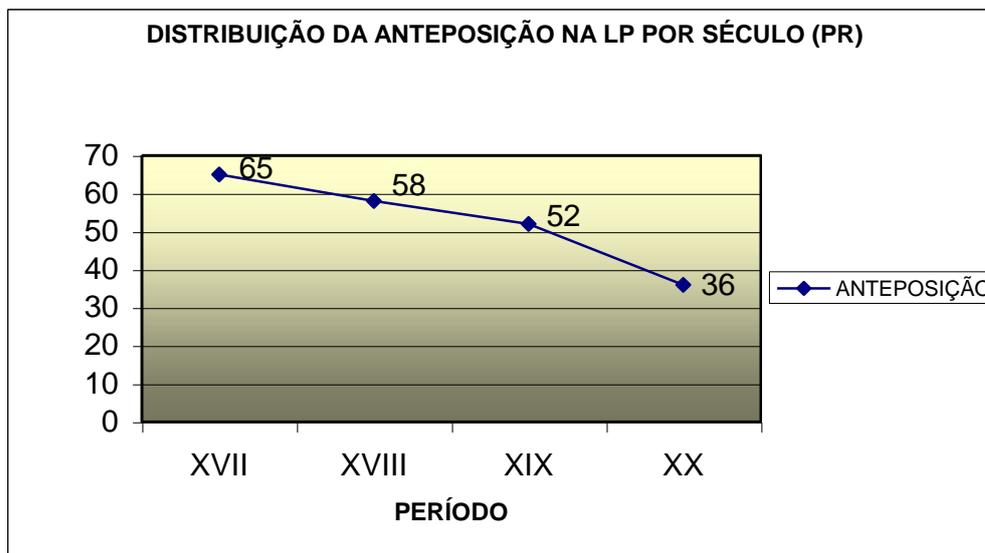
Fonte dos dados: Cohen (1990, p. 64).

De acordo com Cohen (1990), nos dados que analisou, a frequência de ocorrência da anteposição está atrelada à ocorrência dos adjetivos ‘BOM’ e ‘GRANDE’, que a autora denomina de “itens gatilhos” (*trigger*), os quais apresentam alta frequência de ocorrência na anteposição. À medida que a frequência de uso da ordem AN diminui, os itens “gatilhos” vão desaparecendo dos textos.

A classe semântica (qualificativo e restritivo) do adjetivo anteposto, com predominância dos A-qualificativos, e a presença de vocábulos “compostos” (*compounds*) e “frases-feitas” (*set phrases*), que envolvem, por sua vez, os itens gatilhos e os A-qualificativos, também são apontados como caracterizadores da ordem AN.

Os resultados da análise do peso relativo da ordenação do adjetivo no SN em dados escritos da LP, de Callou e Serra (2003, p. 195-197), confirmam a queda gradativa na frequência de AN, ao longo de quatro séculos, do XVII ao XX: "no século XVII, a anteposição apresenta peso relativo maior (.65) e vai decrescendo – (.58) no XVIII e (.52) no XIX – até atingir, no século XX, peso relativo (.36), como mostra o gráfico (2), a seguir.

GRÁFICO (2)



Fonte dos dados: Callou e Serra (2003, p. 197)

O gráfico (2) mostra que o decréscimo no peso relativo da anteposição aumenta ao longo dos séculos: cai 7 pontos do século XVII para o XVIII; 6 do XVIII para o XIX; e 16 do XIX para o XX.

No que se refere ao século XX, de acordo com os resultados das autoras (2003, p. 03), a maior queda na frequência de uso de AN ocorre entre 1961 e 1974. No período entre 1975 e 2000, o uso da anteposição se mostra mais ou menos estável.

Segundo informam as autoras, os grupos de fatores considerados mais significativos para a aplicação da regra de anteposição, nos textos analisados, são a natureza do adjetivo (avaliativo/descritivo) e do substantivo (material/imaterial): “quando o adjetivo é de natureza avaliativa e o núcleo é imaterial, a anteposição apresenta peso relativo mais alto (.76); quando o adjetivo é descritivo e o núcleo é material, o peso relativo é bastante baixo (.21)”; o peso do adjetivo: quanto maior o peso do adjetivo (sua dimensão) em relação ao nome, mais baixo o peso relativo de aplicação da regra de anteposição, ou seja, adjetivos menores favorecem a anteposição.

Diante desses resultados, as autoras (2003, p. 03) concluem que a posição do adjetivo, antes ou depois do nome, “apresenta, ao que parece, uma motivação mais estilístico-prosódica do que gramatical *stricto sensu*, sua posição sendo condicionada por vários fatores (...)”.

A partir da análise de Nobre (1989), com dados da oralidade⁶ e da escrita⁷ do PB contemporâneo, pode-se constatar que a ordem NA é predominante na oralidade (79,2% e 81,1%) e na escrita (70,4% e 77,5%); é recorrente tanto na fala dos informantes com grau de escolaridade mais alto (81,1%) quanto na fala dos informantes com grau de escolaridade mais baixo (79,2%); na escrita, NA lidera nos artigos científicos (77,5%) e nos contos (70,4%) e AN ocorre, preferencialmente, nos contos, com 25,6% contra 8,0% das ocorrências de AN nos artigos científicos.

Os resultados de Nobre (1989), embora se tratando de análise sincrônica, são semelhantes aos de Cohen (1990) e aos de Callou e Serra (2003), no que se refere à

⁶ Dados do Projeto Censo da Variação Lingüística do Estado do Rio de Janeiro e do banco de dados intitulado “Elite Política”, da Fundação Getúlio Vargas.

⁷ Contos literários e artigos científicos da Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

posição do adjetivo no SN, na LP do século XX. Ao mostrar a maior ocorrência de AN nos contos, que, por serem textos literários, fazem uso de uma linguagem mais afetiva e avaliativa, os resultados da autora confirmam, ainda, a correlação entre os A-qualificativos e a anteposição.

É importante destacar que Cohen (1990), apesar de reconhecer, com base nos dados que analisou, que a maior parte dos adjetivos antepostos tem sentido qualificativo e em posposição tem sentido restritivo, afirma que a classificação semântica do adjetivo não é suficiente para explicar a mudança na ordenação dos adjetivos, pois antes de ser a classe semântica que determina a ordem, pode ser a ordem que define o sentido do adjetivo e do enunciado. Ademais, ainda segundo a mesma autora, nas línguas românicas, além da mudança AN > NA, houve um rearranjo das classes de adjetivo.

Boff (1991) realiza uma análise gerativista da posição do adjetivo no SN português, nas perspectivas sincrônica e diacrônica, e defende que no PB (equivalente à LP contemporânea do Brasil) os adjetivos, em geral, são gerados à direita do nome e se movem opcionalmente para a esquerda, sob certas condições.

Com o objetivo de identificar as condições sob as quais os adjetivos se movem ou não para a esquerda, a autora os classifica em avaliativos – aqueles que são usados pelo falante para a emissão de uma opinião ou julgamento, podem ser subcategorizados por verbos de julgamento do tipo de *achar*, *analisar*, *julgar*, e admitem o grau superlativo – e adjetivos não-avaliativos – aqueles que não podem ser subcategorizados por verbos de julgamento e não admitem o grau superlativo. Segundo a autora, somente os adjetivos avaliativos podem se mover para a esquerda do nome. A condição para que o adjetivo possa se mover para a esquerda, portanto, para a referida autora, é a classe semântica do adjetivo.

De acordo com os resultados de Boff (1991), no PB, a posição pré-nominal, que apresenta uma frequência de ocorrência mais baixa, é bem mais restritiva do que a pós-nominal. Assim, conforme propõe a autora, a diferença na frequência do adjetivo nas posições pré e pós-nominal é um fenômeno diacrônico, que corresponde à perda

progressiva do movimento opcional dos adjetivos avaliativos no percurso histórico da língua.

Menuzzi (1992: 113-114), analisando a ordenação linear dos constituintes do SN, parte das seguintes hipóteses:

- (i) existe na GU um “parâmetro de direcionalidade” das relações temáticas;
- (ii) a opção do português em relação a esse parâmetro é a de linearizar uniformemente as relações temáticas “em direção à direita”.

Assim, de acordo com as hipóteses levantadas por Menuzzi (1992), em português não deveria haver estruturas em que uma relação temática fosse “direcionada à esquerda”. Contudo, há em português ocorrências de adjetivos, aparentemente, na função temática de modificador, precedendo um substantivo, afirma o autor.

O autor decide então verificar se há correlação entre a estrutura argumental do adjetivo e do nome e a posição ocupada pelo adjetivo no SN. Para tanto, classifica os adjetivos em relacionais ou não-restritivos e referenciais ou restritivos, e chega às seguintes conclusões:

1. em português, a posição pré-nominal é a posição de núcleo do NP e é a posição de que partem todas as relações temáticas possíveis de serem estabelecidas diretamente entre dois elementos nominais; a posição pós-nominal é a posição de modificador restritivo;
2. a atribuição de papéis semânticos entre A e N dentro do NP do português é dirigida para a direita;
3. tanto a atribuição de papéis temáticos como a distinção entre a interpretação restritiva e a não-restritiva – derivada da identificação temática – são resultados de uma relação temática, e as relações temáticas em português devem ser, por hipótese, linearizadas uniformemente (à direita).

Müller *et al.* (2002) registram, nos dados do *corpus* mínimo do Projeto Gramática do Português Falado, portanto, dados do PB contemporâneo falado, considerado culto, em um total de 1.170 *tokens* de adjetivos adnominais, 136

ocorrências de adjetivos antepostos, o que corresponde a 11,6% do total, e no restante das ocorrências (1.034 ocorrências ou 88,4%) o adjetivo está posposto, confirmando, no PB, a tendência à posposição já descrita na LP.

Partindo do pressuposto de Menuzzi (1992) de que “as diferenças de comportamento entre os adjetivos em posições não-predicativas podem ser deduzidas das diferentes maneiras pelas quais tanto o adjetivo quanto o nome preenchem suas estruturas argumentais”, as autoras propõem que “(...) a interpretação atribuída a um adjetivo depende do tipo de relação que ele estabelece com o substantivo-núcleo do sintagma”, e, com base em Casteleiro (1981), elas defendem que no PB existem basicamente dois tipos de adjetivo:

1. os predicadores – aqueles que possuem propriedades predicativas, podem ser parafraçados por relativas, aceitam os verbos ser/estar, podem ser usados como predicativo do objeto e como aposto, admitem variação de grau, aceitam coordenação com adjetivo do mesmo tipo e aceitam a anteposição, podem ser predicados de um, dois e talvez mais lugares; e
2. os argumentais – aqueles que são comutáveis por expressão nominal, admitem prefixos numéricos, estabelecem uma relação temática com o substantivo-núcleo e aceitam coordenação com adjetivo do mesmo tipo.

Se os adjetivos predicadores forem predicados de mais lugares, eles abrem espaço para uma comparação em relação a alguma classe: são relacionais. Por essa razão, são esses os adjetivos que, segundo as referidas autoras, podem ser antepostos ao núcleo nominal, pois, nesta posição, o adjetivo toma o nome-núcleo do sintagma como a classe sob a qual se efetua a comparação, realizando uma operação semelhante à dos quantificadores, ordenando, graduando ou contando a denotação de seu nome-núcleo.

Para Nobre (1989), a ordenação do adjetivo na LP está estreitamente ligada ao grau de coesão entre adjetivo e nome, que leva à cristalização das formas em uma ou outra ordem. Fato este constatado também por Cohen (1990) com a LP escrita, sobre a formação de *compounds* e *set phrases*, na anteposição, envolvendo algumas classes específicas de adjetivo e nome.

Cohen (1990) observa que nos dados da LP escrita, do século XIV ao XX, são consideráveis e significativas as ocorrências dos *compounds* (compostos) e das *set phrases* (frases-feitas), que são, de acordo com a autora, sintagmas nos quais os adjetivos perderam a mobilidade, ficando retidos em uma determinada ordem, AN ou NA. Esses sintagmas rigidificados, denominados de *compounds* e de *set phrases*, podem ser resíduos de um estágio anterior da língua, em que eles provavelmente ocorriam naquela posição em que se encontram cristalizados; são parte de uma fase cristalizada na evolução do SN português.

Dado que os compostos e as frases-feitas, na análise de Cohen (1990), envolvem, na anteposição, os itens *gatilho* (*trigger*), que são os mais freqüentes na ordem AN, a autora defende que a fixação do adjetivo na anteposição e sua interpretação como parte do nome, formando com ele um composto, pode ser entendida como resultado do esvaziamento semântico daqueles adjetivos usados freqüentemente na anteposição.

Tomando por base o raciocínio de Waugh (1977), Cohen (1990: 39) postula que

a fixação de um adjetivo em uma ordem particular parece depender, contudo, não só do adjetivo em si mesmo, mas também do N que ele modifica: a ‘situação de modificação’ (Waugh, 1977: 70 ss.), criada quando alguns adjetivos são combinados com alguns nomes, é que parece possibilitar a uma ordem particular se tornar rígida e para o SN ser interpretado como uma frase-feita ou um composto.⁸

Não é, portanto, qualquer adjetivo combinado a qualquer nome que cria o efeito que produz a rigidificação do SN, em AN ou NA. São determinados adjetivos modificando determinados nomes, em uma ordem particular, que levam ao enriquecimento do SN naquela ordem.

Pode ser que a alta freqüência de uso de determinados SN, constituídos de adjetivo e nome particulares, em uma ordem específica, acarrete o esvaziamento

⁸ The fixing of an adjective in a particular order seems however to depend not only on the adjective itself but also on the Noun it modifies: the ‘modification situation’ (Waugh, 1977: 70 ff) created when certain adjectives combine with certain nouns is what seems to make possible for a particular order to become rigid and for the NP to be interpreted as a set phrase or compound.

semântico dos adjetivos (veja, por exemplo, o caso dos itens *gatilhos*, mencionados anteriormente). Isso explicaria o “sentido especial” adquirido por alguns adjetivos.

Alguns autores (BOFF, 1991; NEVES, 2000) mencionam as estruturas com ordens enriquecidas, referindo-se a elas como “contextos particulares” ou “contextos específicos” de ocorrência da ordem AN, sem, no entanto, se ocuparem de sua análise. Uma proposta de descrição do processo de rigidificação das formas, nas ordens AN e NA, é feita por Nobre (1989), que analisa a posição ocupada pelo adjetivo no SN português, visto a partir de um *continuum* entre *parataxe frouxa* e a *sintaxe rígida*. De acordo com Givón (1979), afirma a autora, a cristalização de formas configura o processo de desenvolvimento das línguas humanas e se faz em termos de *frouxidão* em oposição à *rigidez*, segundo dois aspectos: (a) coesão, com formas de maior e menor grau de coesão; e (b) ordem, móvel ou imóvel.

No primeiro ponto do *continuum*, propõe a autora, estão as formas de menor grau de coesão, as quais admitem a gradação dos adjetivos, com *muito*, *pouco*, *mais* e *menos*, com ordem móvel pouco restrita, cuja inversão (AN > NA ou NA > AN) é possível, com pouco comprometimento semântico. Este ponto do *continuum* de Nobre corresponde ao Grupo I da LP, exposto anteriormente.

No segundo ponto do *continuum*, correspondente ao Grupo II da LP, estão as formas de menor grau de coesão, com ordem móvel restrita, cuja inversão da ordem leva a diferentes interpretações de sentido.

No terceiro ponto do *continuum* estão “as formas de menor grau de coesão de ordem imóvel”, admitindo ainda a gradação do adjetivo, mas com a ordem já fixa, dificultando e, às vezes, até impossibilitando a inversão. A autora subclassifica essas formas como “não-marcadas”:

1. NA-deverbais:

“(21) (FAT, 26) Sai com a perna toda inchada, né? (...)”;

Todavia, a autora registra a ocorrência da forma deverbal ‘falecido’ anteposta ao nome:

“(34) (ROB, 450) Fui eu, o tenente Branco, o Celso, o falecido Celso, o Loreto. É, nós quatro.”

2. NA-cor: “(22) (JUP, 1405) ... aí tinha um carro preto no pé do morro.”;

3. Aumentativos

- a) N-aumentativo A: “(23) (UBI, 597) Mas ele ‘tá lá (...) todo de Monza, tem uma fábrica, um casarão fora-de-série.”
- b) N A-aumentativo: “(24) 9JUP, 1319) Aí eu (...) fui lá na última sala, olhei, olhei, aí eu vi: tinha um monte de roupa, minha mãe gordona, né?”
- c) N-aumentativo A-aumentativo: “(25) (JUP, 1051) “A minha irmã também, ela tinha um umbigo enorme. Um umbigão grandão.”

4. Diminutivos

- a) N-diminutivo A: “(26) (ROB, 1723) Safado! Andava de blusinha rosa dentro do quartel.”
- b) NA-diminutivo: “(27) (LEO, 118) “Sabe, a orelha redondinha que nem de leão?”
- c) N-diminutivo A-diminutivo: “(28) (ROB, 1532) “Eu ia chegar lá, ‘pá’, de calcinha comprida, né? camisetinha limpinha, sapatinho limpo, sabe como é que é?”

5. N não-marcados e outros A:

“(29) (PAC, 1133) (...) Uma atitude muito maternalista.

(30) (LEI, 1503) Ah! Eu achei que ela fez um papel muito ... muito chato ...

(31) (SAN, 120) ... porque vestido de noiva é pluma, é não é? (...) mas é lantejoula, paetês, é ‘strass’ renda, e panos finíssimos, panos super hiper caros, entendeu?”

A autora, diante de exceções como ‘falecido Celso’ (deverbal anteposto), considera este ponto do *continuum* como um estágio intermediário da cristalização, pois a ordem dos constituintes não é mais tão frouxa, mas também ainda não é tão rígida e a rigidez não é tão forte que não permita a gradação do adjetivo; por isso, essas ordens, ainda que fixas, são classificadas como “formas de menor grau de coesão”:

“(35) (JUP, 1103) Eu botava um short mais curto.”

No quarto ponto do *continuum*, Nobre lista as “formas de maior grau de coesão”, de “ordem imóvel semi cristalizada” e, no último ponto do *continuum*, as “formas de maior grau de coesão”, de “ordem imóvel cristalizada”. Nesse estágio, as

formas adjetivo e nome são interligadas, não admitindo que seja introduzido um elemento entre elas, não sendo possível, portanto, a gradação do adjetivo com *muito*, *pouco*, *mais* e *menos*. Nome e adjetivo mantêm sua independência de sentido e a inversão da ordem é impossível, como mostram os exemplos da autora.

Ordem imóvel semi cristalizada:

1. em NA:

“(36) (LEO, 310) ... não deram verbas, nem apoio moral a ele, p’rá fazer as pesquisas, sabe?”

(37) (JOA, 40) É! É uma prisão perpétua.”

2. em AN:

“(38) (UBI, 497) (sobre o Zico) Não conheço de bater papo longas horas, mas conheço ...

(39) (UBI, 1258) (sobre o filho) Quero dar toda a liberdade a ele, dele fazer o que quiser, mas não se misturando com maus elementos.”

Ordem imóvel cristalizada (frases feitas):

“(40) (ANC, 1974) Ele falou que trabalhava lá. Mas eu acho que aquilo era papo furado, sabe?”

(41) (JOA, 265) Ficam de olho grande, sabe? Inveja ...

(42) (PAC, 646) Eu sempre, sabe? gostei de estar junto das pessoas, sabe? Todos, principalmente, do pessoal da velha guarda, os coroas, sabe?”

(43) (DAV, 239) Ainda tem um sobrinho nosso também que é o maior barato com a gente.”

Nobre (1989, p. 52-3) defende que “a alta frequência dessas formas levou-as a um forte grau de rigidez, resultando em uma perda de individualidade semântica do nome e do adjetivo, os quais se fundem, originando uma terceira expressão lexicalizada

ou em vias de lexicalização”. A figura (8) da autora (1989, p. 53), reproduzida aqui, apresenta uma visão global do *continuum* de rigidez de formas:

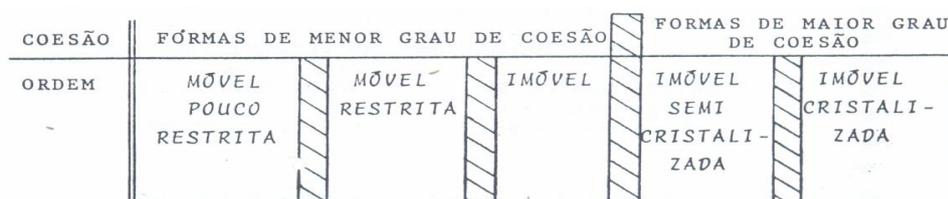


fig. 8

Figura (8) de Nobre (1989, p. 53)

A autora, enfim, constata que na LP, de acordo com os *corpora* que analisou, o emprego da anteposição ocorre em “contextos específicos”, como nos textos literários, que fazem mais uso de contextos avaliativos e de uma linguagem mais afetiva; e que o grau de coesão entre adjetivo e nome é um fator determinante da mobilidade do adjetivo no SN e definidor do uso de uma ou de outra ordem. A autora argumenta ainda que quanto maior a mobilidade do adjetivo no SN, menor o grau de coesão entre adjetivo e nome, como acontece com a ordem situada no primeiro ponto do *continuum*, o qual está mais próximo do latim, que aparentemente admitia maior mobilidade na ordem dos constituintes.

De acordo com os resultados das análises, expostos na subseção (2.2), a posição do adjetivo no SN português está encaixada em um *continuum diacrônico*, com algumas variações de frequência da modalidade escrita para a oral e entre os diferentes gêneros textuais, apontando para a mudança AN > NA, na LP e no PB, favorecida pela situação de modificação, envolvendo itens específicos (os gatilhos), em contextos particulares (os SN rigidificados) e a natureza de algumas classes de adjetivo (classe semântica, dimensão, possibilidade de gradação), combinadas a algumas classes de nome, com determinados traços lexicais (material, dimensional).

Diante disso, na análise da posição do adjetivo na fala rural goiana, este fenômeno lingüístico é considerado e tratado como um estágio do curso da mudança tipológica AN > NA, e as particularidades estruturais dos SN e dos constituintes

(adjetivo, nome) do SN, com as ordens AN e NA, são encaradas como evidenciadoras do processo de mudança.

2.3 Propostas de descrição do SN português

2.3.1 Proposta de descrição do SN português, por Perini

A proposta de Perini (1994, 1996, 2004, 2006) para a descrição do SN, além de outros sintagmas da LP, tendo como critério fundamental a posição de cada função no sintagma, reflete, a meu ver, na área esquerda do SN, no que diz respeito às posições ocupadas por adjetivos, diferentes graus de ligação entre adjetivo e nome. O entendimento dos graus de ligação entre adjetivo e nome, no interior do SN, são de suma importância para a descrição e análise da posição do adjetivo no SN na fala rural de Goiás, que se pretende desenvolver no capítulo (4). Por isso, esta proposta de descrição do SN adotada.

De acordo com Perini (1994, p. 148), SN é o sintagma que pode ser sujeito, objeto direto ou elemento regido de preposição de alguma oração, e sua estrutura está relacionada à posição dos elementos que o compõem. Para a descrição do SN, o autor parte das posições nas seqüências dos termos, argumentando “que a maioria dos termos internos de um SN tem uma posição rigidamente determinada dentro da seqüência, não admitindo transportes. Em alguns casos, entretanto, o transporte é possível”.

O autor decide, então, tomando como referência a noção de “SN máximo” – seqüência nominal mais longa possível, com todas as funções preenchidas e realizadas, sem liberdade de movimento – dividir o SN em duas áreas: esquerda e direita, propondo um máximo de sete funções cobrindo as duas áreas. Funções da área esquerda: pré-determinante (PDet), determinante (Det), possessivo (Poss), quantificador (Qf), pré-núcleo (PN), núcleo (NSN) e os numerais que podem ocorrer em qualquer posição, exceto entre PN e NSN, onde nenhum item pode ocorrer; funções da área direita: o modificador (Mod).

As quatro primeiras funções da área esquerda do SN, afirma o autor, podem ser definidas em termos estritamente posicionais, são todas desempenhadas por elementos de classes definidas, em geral com pequeno número de membros. As funções seguintes – PN, NSN e Mod – são desempenhadas por classes abertas, isto é, classes formadas de um número muito grande de itens, em princípio não limitado.

Perini (1996; 2004) reformula o esquema das posições e das funções das áreas do SN, ampliando-as. A área esquerda do SN passa a compreender seis posições fixas – Det, Poss, Ref (reforço), Qf, PNE (pré-núcleo externo), PNI (pré-núcleo interno) – e quatro posições variáveis (PV), preenchidas sempre pelos numeradores, que ocorrem nos intervalos entre as posições fixas, exceto entre os dois pré-núcleos, onde não pode ocorrer nenhum item. A área esquerda possui, portanto, dez posições e sete funções, já que os mesmos itens lexicais, funcionando como numeradores, ocorrem nas quatro posições variáveis. As posições da área direita são preenchidas por dois modificadores, um interno e outro externo (ModI e ModE, respectivamente).

O esquema, a seguir, resume a proposta de Perini:

(1)

SN → [(Det) (PV4) (Poss) (PV3) (Ref) (PV2) (Qf) (PV1) (PNE) (PNI) NSN (ModI) (ModE)].
Estrutura do SN português, segundo Perini (2004, p. 98-9)

Os itens que funcionam como PNE, PNI, ModI e ModE, que são de interesse para as análises desenvolvidas nos capítulos (4), (5) e (6) deste volume, modificam o sentido do NSN, imprimindo-lhe uma qualidade ou característica e são consideradas mais complexas que as demais funções.

O quadro das funções PNE e PNI, conforme proposto por Perini (2004), pode ser resumido da seguinte forma:

- a) para ser PNI ou PNE, o item léxico deve ocorrer, respectivamente, na 6^a e na 5^a posições à esquerda do NSN;

- b) itens que podem ser PNI também podem ser PNE, embora haja alguns itens especializados, como *mero*, *pretensio*, *meio*, *suposto* e *reles* que só podem ser PNE; *reles*, ainda que muito raramente, pode ocorrer à direita de NSN;
- c) grande parte dos itens que podem desempenhar as funções da área direita do SN pode ocorrer também na função de PNE, uma vez que ambas as funções são cobertas por itens pertencentes a classes lexicais abertas; e todas as palavras que podem ser PNI podem cobrir as funções da área direita do SN;
- d) nem todo item que pode ser PNE pode ser também PNI, pois esta função é desempenhada por uma lista limitada de itens pertencentes a classes fechadas;
- e) entre um PNE e um NSN pode ocorrer um PNI; e entre um PNE e um PNI nenhum item pode ocorrer.

De acordo com Perini (2004), a função PNI é coberta por classes fechadas, desempenhadas pelos itens: *mau*, *novo*, *velho*, *claro*, *grande*. A função PNE, assim como as funções da área direita do SN, é coberta por itens lexicais pertencentes a classes abertas e se caracteriza pela “polivalência funcional”. A análise dessas funções é, portanto, bastante problemática e, para facilitá-la, o autor elenca algumas pistas, a saber:

1. A identificação de itens lexicais e formas maiores especializados no preenchimento de uma única função:
 - a. PNE = *mero* e *meio*;
 - b. NSN = *mesa*, *sobrinho* etc.;
 - c. Mod = SP → prep + SN;
2. Atentar-se para fatos relacionados ao comportamento algo peculiar do NSN, tais como:
 - a. apenas o NSN pode ocorrer logo após um Det, formando com ele um SN;
 - b. não pode ocorrer PN nem Mod, seja interno ou externo, se não ocorrer igualmente um NSN;
 - c. o NSN não pode ser repetido no mesmo SN (observe que coordenação é diferente de repetição), [embora possa faltar um dos SN que compõem uma sentença formada de SN coordenados];
 - d. a coordenação de mais de um NSN tem efeitos na concordância nominal, obrigando, por exemplo, o Mod a colocar-se no plural, e impedindo a ocorrência do determinante ‘um’; a coordenação do PN ou do Mod não tem esses efeitos;
3. Os elementos parentéticos podem colocar-se entre o NSN e o Mod, mas nunca entre o PN e o NSN;
4. Os complementos nominais, que são estruturas SP, ocorrem na 9^a posição do SN máximo, portanto, são considerados Mod;

Mendes (2000), ao analisar documentos escritos notariais e dados de fala colhidos na região de Barra Longa, Minas Gerais, percebeu que no SN máximo proposto por Perini (1996) não havia uma posição e uma função que cobrissem os títulos honoríficos, como, por exemplo, ‘padre’, que ocorrem antes de nomes próprios, não permitindo que se intercalem outros itens entre eles e o NSN.

Diante disso, a autora propôs a inclusão de mais uma função, denominada de “qualificativo” (Qv), ocupando a 7^a posição do SN máximo, entre o PNI e o NSN, ampliando, assim, o esquema de Perini (1996), para a área esquerda do SN, que passa a ter a seguinte configuração:

(2)

[Det PV4 Poss PV3 Ref PV2 Qf PV1 PNE PNI Qv]

Estrutura do SN, segundo Mendes (2000)

Assim, na área esquerda do SN as posições 5^a, 6^a e 7^a são preenchidas, respectivamente, pelas funções PNE, PNI e Qv. Entre PNE e PNI nenhum item pode ser interposto, mas entre NSN e PNE podem ocorrer um PNI e um Qv; entre PNI e Qv nenhum item pode ser introduzido, mas entre NSN e PNI pode ocorrer um Qv; entre Qv e NSN nenhum item pode ocorrer. Portanto, a função mais ligada ao NSN é a função Qv, depois a função PNI e, por fim, a menos ligada ao nome, a PNE.

A função Qv é coberta por uma classe específica, os títulos honoríficos, incluindo os nomes de família, ocorrendo em um único ambiente, diante de nome próprio.

Considerando as posições ocupadas pelas funções da área esquerda do SN, tendo em vista suas posições (5^a, 6^a e 7^a), as classes de itens que as cobrem (classes abertas, classes fechadas e classe específica) e os ambientes sintáticos de suas ocorrências (diante de um PNI, entre PNE e Qv, e entre PNI e NSN ou diante de nome próprio), pode-se notar diferentes graus de ligação entre adjetivo e nome ou, conforme propõe Nobre (1989), um *continuum* de cristalização de formas, que denominarei, nesta

análise, de ‘escala de rigidez das posições do SN’, com três pontos: 1.) 5ª posição do SN, função PNE; 2) 6ª posição do SN, função PNI; e 3) 7ª posição do SN, função Qv.

Na LP há possibilidade de uma maior ligação entre o NSN e as posições que o seguem, como, por exemplo, “Ficam de olho grande, sabe? Inveja... .” (NOBRE, 1989, p. 52), e uma vez que no SN máximo, conforme descrito por Perini (2004, 1996), a 9ª e a 10ª posições são ocupadas pelas funções ModI, mais próxima do NSN, e ModE, menos ligada ao NSN e preenchida por um SPrep, pode-se estender a escala de rigidez das posições do SN até o ModE. Assim, a escala que proponho, com base no esquema (2), possui cinco pontos: 1.) 5ª posição do SN, função PNE; 2) 6ª posição do SN, função PNI; 3) 7ª posição do SN, função Qv; 4) 9ª posição do SN, função ModI; e 5) 10ª posição do SN, função ModE (veja esquema (3), a seguir)

(3)



A escala de rigidez das posições do SN, apresentada em (3), sugere uma releitura da proposta de Perini (2004; 1996; 1994) e a subclassificação das áreas esquerda e direita em duas subáreas: subárea interna, à esquerda e à direita, e subárea externa, à esquerda e à direita. A subárea interna, à direita e à esquerda do NSN, é preenchida pelas funções mais ligadas ao NSN, com um grau mais alto de rigidez das posições; a subárea externa, à direita e à esquerda do NSN, é preenchida pelas funções menos ligadas ao NSN, apresentando um grau mais baixo de rigidez das posições.

A função ModE de Perini cobre os SPrep que ocorrem no interior do SN e modificam o nome. Proponho, também, uma redefinição das categorias da área direita, reservando o ModI para cobrir os itens mais ligados ao nome, o ModE para cobrir os itens menos ligados ao nome, e sugiro o ModPrep para cobrir os SPreps, que não entram na escala de rigidez das posições do SN por não serem constituídos de nome e adjetivo adnominal.

O esquema (4), a seguir, mostra a subdivisão das áreas.

(4)

| NSN | | | |
|-----------------|-----------------|-----------------|-------------------|
| ÁREA ESQUERDA | | ÁREA DIREITA | |
| subárea externa | subárea interna | subárea interna | subárea externa |
| PNE | PNI QV | MODI | MODE SPREP |

Esquema das áreas e subáreas do SN

A redefinição das áreas do SN (esquema (4)) e a escala de rigidez das posições do SN, proposta no esquema (3), possibilitam uma formalização menos abstrata, considerando o uso lingüístico efetivo, além de permitirem que o fenômeno da posição do adjetivo adnominal no SN seja abordado da perspectiva da sincronia dinâmica, nos termos de Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995).

2.3.2 Proposta de descrição do SN rígido

2.3.2.1 Teoria das Propriedades Sintagmáticas de *Combinação* e *Contraste*

De acordo com Lyons (1968, p. 67), “em geral, uma unidade formal pode ser definida (i) como sendo distinta de todos os outros elementos que contrastam com ela, e (ii) como tendo determinadas propriedades combinatórias”. Assim, no nível morfossintático, as propriedades das unidades formais da língua, consideradas abstratamente, são: a) sua função combinatória, que é sua capacidade de entrar em combinação com outras unidades da língua, para formar diferentes sentenças; e b) sua função contrastiva, que se refere à diferença entre as unidades da língua, de modo que a

substituição de, por exemplo, uma palavra por outra que possa ocorrer na mesma posição na sentença leva à troca de um enunciado por outro.

Os pressupostos acima podem ser exemplificados com a ordenação dos constituintes na sentença, tendo-se os seguintes efeitos: “o cachorro mordeu o menino > o menino mordeu o cachorro”; ou na ordenação dos constituintes no sintagma: “Ele é um grande homem > Ele é um homem grande”. Uma unidade formal, portanto, pode ser definida como sendo distinta de todas as outras unidades que contrastam com ela, e como tendo certas propriedades combinatórias, que são, em parte, determinadas por sua natureza lingüística.

Há traços combinatórios, que são constituidores e definidores das propriedades combinatórias e da natureza lingüística de uma unidade formal. São esses traços que produzem os efeitos como “O cachorro mordeu o menino” e os efeitos do tipo “A mesa mordeu o menino”. Os traços lexicais [-HUMANO] e [- ANIMADO] do nome ‘mesa’, combinados à natureza lexical [ato de prender algo entre os dentes superiores e inferiores] do verbo ‘morder’, dentro de um contexto real, produzem um efeito de sentido, semanticamente, irreal, indicando que na relação entre nome e verbo, neste caso, não há possibilidade de combinação, tendo em vista que o efeito de sentido do enunciado é estranho à realidade da língua e dos falantes.

Segundo Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995, p. 115-118), a “seleção” e a “combinação” são os dois modos básicos de comportamento pelos quais os falantes de uma língua constroem (codificam) e entendem (decodificam) mensagens lingüísticas.

Para o autor, um signo é feito de signos constituintes e/ou ocorre somente em combinação com outros signos. Isso significa que uma unidade lingüística a um e ao mesmo tempo serve como um contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade lingüística mais complexa. Portanto, um agrupamento real de unidades lingüísticas as liga a uma unidade superior: combinação e contextualização são duas faces da mesma operação. A seleção entre alternativas implica a possibilidade de substituir uma por outra, equivalente em um aspecto e

diferente em outro. Desta forma, seleção e substituição são duas faces da mesma operação.

Falar, então, declara o autor, implica a seleção de algumas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades a um grau mais alto de complexidade. Neste sentido, a “concorrência” (seleção, substituição) de entidades simultâneas e a “concatenação” (relação, contextualização) de entidades sucessivas são as duas maneiras pelas quais os falantes de uma língua combinam unidades lingüísticas. Tal combinação de unidades lingüísticas pode ocorrer em três níveis: palavras > sentenças > enunciados, e em dois tipos de associação: similaridade, em que os elementos de um conjunto de seleção são associados, e contigüidade, que é a relação entre elementos em combinação. Similaridade e contigüidade são as duas relações subjacentes às estruturas lingüísticas.

Dado que cada língua possui seu próprio estoque lexical e suas regras de combinação, assim como restrições, mais ou menos flexíveis, de determinadas combinações, ao longo do tempo, algumas combinações e alguns contrastes podem ser perdidos e outros podem ser adquiridos, em decorrência das escolhas dos falantes. Por outro lado, expressões muito usadas podem resultar em grupos de palavras codificados, chamados de “palavras-frases” e existentes, segundo Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), em algumas línguas.

O significado da expressão idiomática *how do you do*, por exemplo, não pode ser derivado da soma dos sentidos de seus constituintes lexicais; o todo não é igual à soma de suas partes (JAKOBSON, LOC. CIT.). Os grupos de palavras, que a esse respeito, se comportam como se fossem uma única palavra são comuns, mas, apesar disso, são casos marginais. Para compreender a grande maioria de grupos de palavras, é preciso apenas se estar familiarizado com as palavras constituintes dos grupos e com as regras sintáticas de sua combinação. Respeitadas essas limitações, o falante está livre para colocar palavras em novos contextos. Obviamente, essa liberdade é relativa, e a pressão dos clichês correntes sobre as escolhas de combinação é considerável. A liberdade para compor contextos totalmente novos, entretanto, é inegável, a despeito da probabilidade estatística relativamente baixa de sua ocorrência.

Assim, na combinação de unidades lingüísticas há uma escala ascendente de liberdade. Na combinação de traços distintivos em fonemas, a liberdade do falante individual é zero, pois o código já tem estabelecidas todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua dada. A liberdade para combinar fonemas em palavras está circunscrita; ela é limitada à situação marginal da criação de palavras. Na formação de sentenças com palavras, o falante é menos restringido. E, finalmente, na combinação de sentenças em enunciados, a ação das regras sintáticas compulsórias cessa, e a liberdade de um falante individual de criar novos contextos aumenta substancialmente, ainda que os inúmeros enunciados estereotipados não possam ser observados.

Os constituintes de uma mensagem estão necessariamente ligados ao código por uma relação interna, e com a mensagem por uma relação externa. A linguagem, em seus vários aspectos, lida com os dois modos de relação. Se as mensagens são trocadas ou se a comunicação procede unilateralmente de um emissor para um receptor, deve haver algum tipo de contigüidade entre os participantes do evento de fala para assegurar a transmissão da mensagem. A separação no espaço e, freqüentemente no tempo, entre dois indivíduos, o emissor e o receptor, é mediada por uma relação interna: deve haver alguma equivalência entre os símbolos usados pelo emissor e os conhecidos e interpretados pelo receptor. Sem tal equivalência, a mensagem é infrutífera.

2.3.2.2 O Princípio da Carga Funcional

As unidades lingüísticas podem ter, dependendo de seu funcionamento na língua, uma carga funcional mais alta ou mais baixa. No nível fonológico, elementos que formam pares mínimos, como /p/ e /b/, em [pato] oposto a [bato], possuem alta carga funcional. Elementos, como /e/ e /i/, em [pequeno] e [piqueno], possuem baixa carga funcional. Da mesma forma, ocorre no sintagma, como em /grande homem/ oposto a /homem grande/, em que a carga funcional é alta; e /boa pessoa/ e /pessoa boa/, em que a carga funcional é baixa.

A relevância de um dado contraste, em uma determinada língua, vai depender de sua carga funcional, isto é, um contraste com carga funcional alta é mais importante para o funcionamento e para o uso da língua do que um contraste com carga funcional baixa.

A carga funcional de um dado contraste determina se duas palavras fonológicas – formas que apresentam um mesmo segmento sonoro – são uma ou duas palavras gramaticais – formas que apresentam as mesmas funções gramaticais ou pelo menos produzem o mesmo efeito de sentido se combinadas a outras formas da língua (LYONS, 1968, pp. 68-9). Por exemplo, em “*grande* homem”/“homem *grande*”, a forma ‘grande’ é a mesma palavra fonológica nas duas combinações, mas constitui uma palavra gramatical em “*grande* homem” e outra palavra gramatical diferente em “homem *grande*”, pois o efeito de sentido produzido em uma e outra combinações é distinto.

As estruturas mais fixas, cujos contrastes possuem uma carga funcional alta, são, em geral, resultantes das estruturas mais frequentes. Assim, a carga funcional de uma estrutura pode ser analisada em termos de sua frequência de uso.

O peso da carga funcional das estruturas tem implicações tanto no processo de aquisição lingüística quanto no processo de mudança lingüística. De acordo com Lyons (1968), as crianças tendem a adquirir primeiro as oposições que possuem uma carga funcional mais alta na língua que elas estão adquirindo. Uma consequência desse fato é que os contrastes com alta carga funcional resistirão mais ao desaparecimento durante a transmissão da referida língua de uma geração para outra.

Do exposto até aqui, no que se refere aos constituintes do SN, que é o que me interessa no momento, pode-se deduzir que um maior grau de ligação entre duas unidades contrastantes resultará em um efeito de combinação tal que elas poderão ser percebidas como uma única unidade lexical. Por outro lado, conforme Lyons (1968), para que uma combinação seja possível, é necessário haver contraste entre as unidades, pois unidades em contraste criam diferentes efeitos de combinação, dependendo da *carga funcional* de cada uma delas.

Uma maneira de analisar a estrutura interna dos SN rígidos, aqueles constituídos das funções PNI, Qv, ModI e um NSN (cf. subseção (2.3.1)), portanto, é pela Teoria das Propriedades Sintagmáticas de Combinação e Contraste e pelo Princípio da Carga Funcional, considerando-se o peso da carga funcional dos contrastes. Assim, a hipótese teórica, que proponho para a análise de dados nesta tese, é: se a carga funcional de uma oposição for alta, a relevância dessa oposição no funcionamento da língua será grande e a possibilidade de enrijecimento da estrutura aumenta.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIAS

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos adotados para a definição e delimitação do objeto de estudo, bem como para a obtenção, descrição e análise dos dados e interpretação dos resultados.

No que se refere à sua estrutura, o presente capítulo está dividido em três (3) seções: a primeira (3.1) trata dos critérios observados na escolha do objeto de estudo e está subdividida em três subseções: na (3.1.1) é apresentado o perfil sócio-cultural das comunidades de fala goianas pesquisadas para este estudo, e da comunidade de fala de Barra Longa, em Minas Gerais, tomada para comparação com as goianas; é feita, ainda, a descrição de cada uma das quatro comunidades estudadas: (3.1.1.1) comunidade de Pombal, (3.1.1.2) comunidade de Traíras, (3.1.1.3) comunidade de Acaba Vida e (3.1.1.4) comunidade de Barra Longa; na subseção (3.1.2), são apresentados os critérios adotados para a seleção dos informantes e o perfil dos participantes da pesquisa; e na subseção (3.1.3), apresentam-se os procedimentos adotados na obtenção dos dados; a segunda seção (3.2) trata da definição e delimitação do fenômeno lingüístico a ser analisado, e na terceira seção (3.3), são mencionados os procedimentos de descrição e análise dos dados e interpretação dos resultados.

3.1 Seleção e caracterização do objeto de estudo

O objeto de estudo, escolhido para a presente análise, é a fala rural goiana. Meu interesse pela fala das comunidades rurais de Goiás surgiu ainda quando eu era aluna da Graduação em Letras, motivada, talvez, por minhas próprias origens.

Posteriormente, ao submeter projeto de pesquisa à Comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, para ingresso no Mestrado em Estudos Lingüísticos, na Universidade Federal de Goiás, propus estudar a fala rural das comunidades afro-brasileiras, a partir, inicialmente, da fala da comunidade de Pombal.

A escolha da comunidade de Pombal, por sua vez, se deveu à imagem construída durante minha infância sobre os “morenos”, “negros do Puba” ou os “papudo do Pombal”, principalmente, sobre sua forma de falar, que, segundo os moradores de Barro Alto, Goiás, é “muito engraçada”. Uma vez aprovada na seleção de Mestrado, passei a me dedicar ao estudo da relação entre discurso e identidade etnocultural, em Pombal (cf. REZENDE, 2000).

Após concluída e defendida minha Dissertação de Mestrado, participei do projeto Filologia Bandeirante e, depois, do Grupo de Pesquisas/CNPq “A Lingüística e a história da colonização de Goiás”, ambos sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Como professora e pesquisadora da referida instituição, coordenei, entre 2000 e 2004, o projeto de pesquisa “Estudos da fala rural de Goiás”, com o objetivo de coletar dados de fala das comunidades lingüísticas rurais do Estado, não só das afro-brasileiras, mas das diferentes comunidades remanescentes do ciclo do ouro. Por isso, decidi continuar me dedicando aos estudos da fala das comunidades rurais goianas, também no doutorado.

A expressão “fala rural goiana”, conforme já discutido no capítulo (1), se refere à fala concreta do *roceiro goiano*, que, assim como as *comunidades rurais* onde eles se encontram, formou-se em três contextos sócio-históricos distintos: durante os ciclos das bandeiras e da agropecuária e no contexto da chegada da estrada de ferro ao Estado; e sob a influência dos africanos, indígenas e seus descendentes, além de outros brasileiros: os paulistas e os mineiros, nas regiões sul, sudeste, sudoeste e centro-sul, e os nortistas e nordestinos, nas regiões norte e nordeste de Goiás.

Diante das orientações gerais e dos pressupostos básicos do projeto Filologia Bandeirante (cf. MEGALE, 2002) e do exposto no capítulo (1), sobre o dialeto caipira (AMARAL, [1920] 1982) e o português popular do Brasil (MELO, 1946), nota-se que é comum a pressuposição de que a fala rural seja conservadora, e que, de forma

mais particular, a fala rural do Centro-Oeste possa conservar padrões antigos de uso da LP, difundidos, nesta região, pelos bandeirantes, a partir do século XVII.

Em relação à fala rural de Goiás, especificamente, é pressuposto que a sócio-história de sua formação lingüística e seu isolamento geográfico apontam para a conservação de seu padrão de uso da LP (MELO, 1946; MEGALE, 2002; BORGES, D. V. C. & SALLES, H. M. M. L., 2005; ANDRADE, 2007).

Entendendo que o conservadorismo lingüístico de um povo pode, de fato, estar relacionado ao seu isolamento geográfico, decidi estudar a *fala rural goiana*, para verificar seu grau de conservadorismo lingüístico, em face de seu isolamento geográfico, social e cultural. Para tanto, compararei os resultados da análise da fala rural goiana a dados de outra fala rural, a de Barra Longa, em Minas Gerais, e algumas variedades lingüísticas do PB: variedades urbanas faladas, a partir das análises de Müller *et al.* (2002) e Nobre (1989), e escritas, análises de Nobre (1989) e Boff (1991); e modalidades escritas da LP, com as análises de Cohen (1990) e Callou e Serra (2003) (cf. capítulo (2) desta).

Neste estudo, entende-se por conservadorismo lingüístico, na LP e no PB, a manutenção de padrões típicos da LP do século XVI (cf. seção (1.3) do capítulo (1)), independentemente de sua origem ou difusão no Centro-Oeste.

Ao final do século XIX, a ocupação de Goiás estava constituída a partir de duas regiões, com características demográficas e culturais distintas: o sul e o norte. A população goiana dessas regiões, em função de sua formação sócio-histórica, apresenta traços físicos e culturais próprios das regiões que lhe deram origem. As influências dos migrantes – nortistas e nordestinos, nas regiões norte e nordeste e mineiros e paulistas, nas regiões sul, sudeste e centro-sul – na formação do povo goiano (principalmente do roceiro), segundo Tiballi (1991, p. 20), pode ser notada, “principalmente, na estrutura da linguagem e nos hábitos alimentares da população”¹.

¹ O que a autora entende como “estrutura da linguagem” são as diferenças lexicais e de sotaque dessas regiões em relação às demais regiões do Estado.

Dadas as diferenças entre as duas regiões do Estado e dado que a fixação mais intensa da população e do desenvolvimento econômico tornou o sul “o espaço territorial goiano com os mais altos índices demográficos e o centro econômico mais dinâmico do estado de Goiás” (TIBALLI, 1991, p. 128), pode ser que as alterações na estrutura da sociedade, da cultura e da linguagem sejam mais intensas nessa região que no norte do Estado. Por isso, uma vez que se pretende verificar o conservadorismo lingüístico de comunidades rurais goianas, as regiões do centro-norte e do norte goiano foram escolhidas para constituírem o universo da pesquisa para a formação do corpus a ser analisado.

Com base no exposto, para compor a base de dados da presente tese, tendo em vista a constituição sócio-histórica do *roceiro goiano*, conforme o exposto na seção (1.2), do capítulo (1), foram selecionadas comunidades rurais remanescentes de um antigo julgado formado durante o ciclo do ouro (Traíras), de um agrupamento de afro-brasileiros (Pombal) e de um agrupamento de migrantes de Minas Gerais, durante o ciclo da agropecuária (Acaba Vida), situados nas regiões do centro e do norte goianos.

Optei, portanto, por priorizar, no momento e para os propósitos desta tese, aquelas comunidades rurais de Goiás que possam apresentar características lingüísticas peculiares à sua formação sócio-histórica ou, pelo menos, alguma característica diferenciada, por se encontrarem mais distantes dos afluxos do “progresso”, representados pela proximidade com a estrada de ferro ou com as capitais Goiânia e Brasília.

Dados da região rural de Barra Longa, em Minas Gerais, são também analisados, a fim de se verificar se há diferenças ou semelhanças entre esta região, também remanescente da mineração, e a área rural de Goiás selecionada para estudo, no que diz respeito ao fenômeno lingüístico selecionado para análise (vide seção (3.2) deste capítulo).

A seguir, apresenta-se o perfil sócio-cultural das comunidades de fala selecionadas para a pesquisa.

3.1.1 As comunidades de fala

Por *comunidade de fala* entende-se, na presente discussão, agrupamentos socioculturais focados ou densos (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005), social, cultural e etnicamente minorizados, no interior do qual os indivíduos pertencem a um passado, portanto, a uma história, comum; compartilham de hábitos socioculturais, inclusive os lingüísticos, semelhantes, e, principalmente, partilham um sentimento de pertencimento ao local e à vida no local.

Para o estudo do fenômeno lingüístico selecionado para análise, conforme será apresentado na seção (3.2), foi constituído um *corpus* de língua oral, a partir de amostras de fala de três comunidades rurais, situadas nas regiões do centro-norte e do norte de Goiás (cf. mapa no anexo (1.2)), representativas das fases de formação sócio-histórica de Goiás e da constituição do perfil sócio-cultural do *roceiro goiano* (cf. capítulo (1)). São elas: Pombal (PO), Traíras (TR) e Acaba Vida (AV).

Considerando-se que a constituição sócio-histórica de Goiás, em todos os seus aspectos, inclusive o lingüístico, tem por base a participação dos povos indígenas, africanos e europeus, resguardadas as peculiaridades e a proporção da contribuição de cada povo, bem como as particularidades do processo de formação de Goiás, cada uma das comunidades selecionadas pretende ser uma amostra representativa de uma dessas contribuições, exceto pela indígena e imigrante.

Ainda que eu considere e reconheça a importância da participação das línguas indígenas na formação da fala goiana, não foi possível adicionar ao *corpus* constituído para a presente análise uma amostra do português falado pelos indígenas de Goiás, devido a restrições oficiais de acesso às aldeias de Carretão e Aruanã. Com relação à fala dos descendentes dos imigrantes, esta porção da população de Goiás ainda carece de localização e registros mais precisos. Além do mais, os prováveis remanescentes de imigrantes estão situados nas regiões de alta densidade demográfica, fora, portanto, do limite regional estabelecido para o presente estudo. Assim, a fala destas comunidades aguardará futuras pesquisas.

Para uma melhor compreensão da constituição social e cultural das referidas comunidades de fala, passa-se, a seguir, a apresentar o perfil de cada uma delas.

3.1.1.1 A comunidade de Pombal

A comunidade de Pombal fica a 250 km de Goiânia, a 190 km de Brasília e a seis km à direita da BR 080 (sentido Brasília-Belém), às margens do Rio Maranhão, no Município de Santa Rita do Novo Destino, no Vale do São Patrício, Mesorregião do Centro-Norte Goiano, Microrregião de Ceres (cf. mapas 4 e 5).

O município de Santa Rita do Novo Destino, recentemente emancipado, até o ano de 1996 pertencia ao município de Barro Alto. Este, por sua vez, até o ano de 1958, data de sua emancipação política, pertencia ao município de Pirenópolis. Assim, tendo em vista que muitos dos pombalenses mais velhos (acima de 80 anos de idade) nasceram na comunidade e, segundo os relatos dos mais antigos, seus pais também nasceram na região, pode-se deduzir que a comunidade de Pombal se formou em um território pertencente ao município de Pirenópolis, no final do século XIX.

Pirenópolis, antigo Julgado de Meia Ponte, foi efetivamente povoado sob o signo do ouro e, durante os séculos da mineração, era a primeira cidade mais importante na Província, depois da capital Goyaz. Seu comércio abastecia toda a população local e seu poder político se estendia para além do território de Goiás.

Como um importante e rico julgado na correição do sul, detentor de muitas minas auríferas, Meia Ponte recebeu um quantitativo de escravos negros em torno de 1.334, no século XVIII, e mais de 4.000, no século XIX. Por isso, é aventada a hipótese de se terem formado alguns quilombos ou pelo menos alguns aglomerados de negros fugidos ou livres nas imediações do que é atualmente o município de Pirenópolis. É provável, portanto, que alguns dos pombalenses tenham vindo de Pirenópolis para a comunidade de Pombal.

A comunidade de Pombal se situa em um vale próximo ao município de Niquelândia, estando separada deste apenas pelo Rio Maranhão. Fica a aproximadamente 6 km do povoado de Água Quente e a 8 km mais ou menos do povoado de Cocal, ambos no município de Niquelândia²; encontra-se a aproximadamente 10 km da Cachoeira do Machadinho e a 29 km da cidade de Santa Rita do Novo Destino. Desta forma, é possível que algumas famílias de Pombal tenham vindo desses antigos arraiais, atualmente situados no município de Niquelândia.

Pela localização geográfica, Pombal se encontra em um território que esteve, no passado, cercado por minas de ouro e por populações negras e indígenas: Pirenópolis (Meia Ponte), à época do ouro, era uma parte do território dos Kaiapó (Jê) e chegou a receber mais de 4.000 escravos negros, Niquelândia (São José do Tocantins ou simplesmente Tocantins) era habitada pelos povos Avá-Canoeiro (Tupi), recebendo não raro as visitas dos Xavante (Jê) de Amaro Leite, e, considerando as populações escravas de Niquelândia, Traíras, Água Quente e Cocal, no auge da mineração, no século XVIII, a quantidade de negros da região norte era superior a dez mil peças (cf. Quadro (11) - distribuição de escravos em Goiás, retirado de Salles (1992), em anexo).

Diante da indisponibilidade de registros e documentos sobre Pombal, realizou-se na comunidade, em 1997, um levantamento de informações, por meio da aplicação de um questionário e da coleta de depoimentos com as pessoas mais antigas, a fim de traçar o perfil sócio-histórico da comunidade.

De acordo com as informações obtidas, dentro dos limites de Pombal residem cerca de 220³ habitantes. São 56 famílias distribuídas em fazendas e sítios, às margens de três córregos e com três origens distintas: Córrego do Puba – os Borges Cardoso, com 15 famílias, oriundos de Pirenópolis; Córrego Pombal – os Borges Vieira, com 24 famílias, oriundos de Minas Gerais; e Córrego do Chiqueiro – os Borges dos Santos e os Borges Rodrigues, com 17 famílias, oriundos de Água Quente.

² Informações mais detalhadas sobre esses locais serão apresentadas na subseção (3.1.1.2), que trata da descrição da comunidade de Traíras, município de Niquelândia.

³ A fundação Cultural Palmares (www.palmares.gov.br/sicab), com base em dados de 2005, registra a existência de 216 habitantes em Pombal.

Com relação ao perfil social da comunidade, o analfabetismo predomina entre a população acima de 67 anos de idade e, nas faixas intermediárias (de 40 a 58 anos de idade), as pessoas que estudaram freqüentaram a escola por, no máximo, dois ou três anos. Entre os jovens de 25 a 35 anos de idade a maioria possui até quatro anos de escolaridade e alguns poucos freqüentaram a escola por até 12 anos, concluindo o Ensino Médio.

De acordo com dados fornecidos pela secretaria Municipal de Educação de Santa Rita do Novo Destino, a comunidade de Pombal possuía 12 escolas em 1998, atendendo crianças do Ensino Fundamental, no sistema multisseriado⁴. Em 1999, esse número foi reduzido para sete e a prefeitura, a partir de então, disponibilizou um carro para transportar os alunos de Pombal, que já tenham concluído o Ensino Fundamental, até o povoado de Verdelândia para cursar o Ensino Médio.

Atualmente, todas as escolas da comunidade foram fechadas e os alunos que querem cursar o ensino Fundamental se deslocam até a Placa, povoado à margem da BR 080, a 7 km da comunidade, ou Verdelândia, distrito de Santa Rita do Novo Destino.

As pessoas não-escolarizadas podem apresentar algum nível de letramento, ou seja, de contato com situações ou culturas de letramento. Por letramento entende-se o processo de aquisição ou interação com a tecnologia da escrita, de maneira *não-formal* (sem interferência da escola), que Paulo Freire (1986) denomina de “leitura de mundo”, neste caso, do mundo escrito, ou *formal* (por meio da escola). O nível de letramento de cada indivíduo vai depender dos tipos e graus de interação deste indivíduo com o mundo do letramento. As pessoas não-escolarizadas, portanto, podem apresentar um nível alto de letramento, desde que mantenham interação com o mundo escrito ou letrado.

Alguns pombalenses não-escolarizadas, que possuem alto grau de mobilidade geográfica, podem apresentar níveis de letramento alto, pois interagem cotidianamente com a tecnologia da escrita, em diferentes contextos e situações. Assim, o nível de letramento dos indivíduos foi considerado na análise dos dados.

⁴ O sistema multisseriado de ensino consiste na oferta de todas as séries (1^a. a 4^a. séries) do primário, ao mesmo tempo, em uma única sala de aula, com um só professor.

Dado que a principal atividade da comunidade é a agricultura familiar, os homens em geral são lavradores, trabalham em suas próprias lavouras e na lavoura comunitária coordenada pela prefeitura e pela Emater-GO. Alguns deles são fichados na Toniollo Busnello, firma de extração de minérios.

As mulheres cuidam da casa, dos filhos e, eventualmente, dos netos. Algumas são professoras e outras são merendeiras na escola da comunidade. Todas elas, quando necessário, auxiliam os homens na lavoura.

Há circulação de dinheiro na comunidade, ainda que de forma restrita. Atualmente, com os benefícios recebidos dos governos federal e estadual a circulação de dinheiro aumentou.

Embora a presença de religiões evangélicas seja significativa, predomina na comunidade o sincretismo religioso, com ênfase no catolicismo.

A população de Pombal se caracteriza ainda pela ancianidade, uma vez que os jovens saem para outras localidades em busca de trabalho, escola e melhores condições de vida.

O principal meio de transporte em Pombal é o cavalo, às vezes puxando carroça. Há, porém, um ônibus que passa dia sim, dia não, levando as pessoas para Barro Alto ou Niquelândia. Algumas pessoas têm bicicleta ou motocicleta. Muitos dos Borges Vieira possuem automóveis, mesmo que em péssimas condições. Fora disso, andam a pé, de carona com fazendeiros que transitam pela região ou com os leiteiros que recolhem o leite em fazendas vizinhas. Dadas as dificuldades de deslocamento, em geral, as pessoas mais velhas saem pouco da comunidade.

Apesar das incertezas e da escassez de fontes documentais sobre as origens históricas de Pombal, em 05/04/2005 a Fundação Cultural Palmares conferiu à comunidade o título de terra remanescente de quilombos (www.palmares.gov.br/sicab), conforme disposição do Art. 216 dos Atos das Disposições Gerais da Constituição brasileira de 1988.

Recentemente, o INCRA desapropriou algumas terras próximas da comunidade e assentou famílias de sem-terra. Algumas famílias de Pombal se transferiram para o assentamento em busca de meios de sobrevivência. Os assentamentos do INCRA, ao lado da nova escola e da lavoura comunitária, têm acarretado profundas transformações na comunidade.

3.1.1.2 A comunidade de Traíras

Traíras situa-se no município de Niquelândia, antiga São José do Tocantins, na Mesorregião do Norte Goiano, Microrregião de Porangatu, a 380 km de Goiânia, pela BR 153, e a 260 km de Brasília, pela BR 414.

O arraial de Traíras foi fundado em 1735, por Antônio de Souza Bastos e Manoel Rodrigues Thomaz, em função das muitas minas de ouro da região do rio Tocantins. Durante os anos da mineração, foi um dos mais importantes julgados do Norte, contando com uma casa de fundição, paróquia, cartório, cadeia pública, comércio de secos e molhados e uma escravaria considerável, com uma média de 4.000 peças para o período mineratório (BERTRAN, 1998).

Com o fim das minas do Tocantins – São José do Tocantins, Traíras, Água Quente, Cocal e Muquém – em meados do século XIX, Traíras caiu em decadência, conseguindo manter, por algum tempo, a matriz e uma festa de devoção, em louvor a Nossa Senhora da Conceição, que movimentava o julgado. Em 1833, Traíras perde o status de julgado e, assim como os arraiais de Água Quente, Cocal e Muquém, passa a distrito de São José do Tocantins.

A casa de fundição, já em desuso, deixa totalmente de funcionar, o cartório é fechado, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição fica em ruínas depois de um incêndio acidental e a imagem da Santa é levada para São José; a Igreja de São Sebastião tem seu padroeiro roubado e fica praticamente sem função e o prédio da cadeia é destruído por um incêndio também acidental. As *pessoas ilustres* deixam o distrito, geralmente em direção à capital, no Sul do Estado, levando consigo uma parte

da escravaria e deixando para trás apenas alguns negros, poucos brancos e os indígenas “arredios” que transitavam por lá.

Bertran (1998) faz referência a conflitos interétnicos entre os índios Avá-Canoeiro e os fazendeiros da região e à existência de quilombos na antiga São José do Tocantins, cujo município atual, Niquelândia, abarca toda a extensão territorial do que era no século XVIII São José do Tocantins, o Julgado de Traíras e os arraiais de Água Quente, Cocal e Muquém.

De acordo com os historiadores contemporâneos (BERTRAN, 1998; PEDROSO, 1994) e com os relatos das pessoas mais antigas da região das “minas do Tocantins”, os conflitos entre os Avá-Canoeiro e os fazendeiros levou a quase total extinção dos povos Avá. Atualmente, em Goiás, os seis últimos índios Avá-Canoeiro sobreviventes dos massacres dos fazendeiros vivem em uma reserva protegida pela FUNAI, na Serra da Mesa, município de Minaçu, no extremo Norte de Goiás, divisa com o estado do Tocantins, e há outro grupo deles na Ilha do Bananal.

Nos dias atuais, Traíras está praticamente desabitada. As poucas famílias remanescentes, somando não mais que 20 pessoas, a maioria com mais de 50 anos de idade, moram em casas em avançado estado de depreciação e vivem de aposentadorias ou outros benefícios do governo.

Dos antigos prédios públicos restam apenas ruínas, as igrejas destruídas nunca foram reconstruídas e as imagens sagradas nunca foram restituídas por falta de local adequado e seguro para colocá-las. Além das casas residenciais, há apenas um bar em funcionamento.

A decadência de Traíras, iniciada com o fim da mineração, se acentuou profundamente com a emancipação de São José do Tocantins e, principalmente, com a instalação das empresas Companhia Níquel Tocantins, do Grupo Votorantim, e Codemi, do Grupo Anglo-América, na década de 1930, para explorar o solo na extração de minério.

Em 1755, o povoado de São José do Tocantins (ou São José do Alto Tocantins) foi elevado à categoria de distrito de Traíras e, em 1833, foi elevado à categoria de vila e sede do município. Traíras, então, passou a distrito de São José do Tocantins.

Em 1938, com a descoberta das jazidas de níquel, a população de São José do Tocantins cresceu muito e rapidamente. A vila alcançou, desta forma, a categoria de cidade e, em 1943, em homenagem ao minério que salvou a situação econômica do município, a cidade passou a se chamar Niquelândia.

Atualmente, Niquelândia possui uma população de 36.963 habitantes, um PIB de R\$ 391.326.921,00 e PIB *per capita* de R\$ 10.379,75; a densidade demográfica é 3,38 hab/Km e o IDH obtido em 2000 (PNUD/2000) é de 0,739 (Informações disponíveis em www.niqnet.com.br. Última consulta realizada em 26/01/2008).

A maior parte da população remanescente de Traíras, no século XX, segundo os relatos dos moradores entrevistados, era descendente de bandeirantes, filhos (mestiços) de portugueses e brasileiros, e de mineiros. A historiografia, no entanto, noticia a presença de índios e negros na região. Os índios foram dizimados ou aldeados e os negros fugiram, morreram ou simplesmente foram embora, restando apenas uma pequena porção deles, os quais foram absorvidos pelas empresas de mineração de Niquelândia e não residem mais em Traíras. A pequena população de Traíras, portanto, salvo raras exceções, é bastante clara.

Da mesma forma que nas demais comunidades rurais goianas, em Traíras predominam a ancianidade e o analfabetismo, e a mobilidade geográfica de seus habitantes, em geral, é alta, ainda que haja aqueles cuja mobilidade seja baixa. As pessoas não-escolarizadas que possuem alta mobilidade geográfica possuem também alto nível de letramento.

Dadas as precárias condições de vida no local, há mais homens que mulheres residindo em Traíras. Os homens, em geral, são aposentados e lidam em suas lavouras de subsistência e as mulheres cuidam da casa e da família; as crianças existentes no povoado estão todas abaixo da idade escolar.

Não há escolas em Traíras e, por isso, quando as crianças atingem a idade escolar, normalmente, as famílias que querem colocar os filhos para estudar, deixam o local. Estes não retornam, pois o povoado não oferece condições de vida, tais como emprego, por exemplo.

Entre os trairenses predomina o catolicismo e, como não há igrejas nem padres no povoado, aos domingos e dias santos as pessoas vão para a cidade assistir à missa. Durante a quaresma, em alguns dias santos e durante o mês de dezembro, advento do natal, os trairenses rezam o terço em suas casas, juntamente com os vizinhos.

3.1.1.3 A comunidade de Acaba Vida

Acaba Vida é uma das regiões rurais do povoado de Faz Tudo (Taveiras)⁵, município de Niquelândia, na Mesorregião do Norte Goiano, Microrregião de Porangatu, a 300 km de Goiânia. Trata-se de uma região de difícil acesso pelos acidentes geográficos e pela falta de estradas, dificultando o deslocamento dos moradores do lugar. É habitada por migrantes mineiros, oriundos principalmente da área rural de Governador Valadares, em Minas Gerais.

De acordo com os relatos dos entrevistados, as famílias mineiras residentes em Acaba Vida descendem de imigrantes italianos que foram para Minas Gerais no final do século XIX e início do século XX, durante o período de imigração estrangeira para o Brasil.

Historicamente, Acaba Vida foi área de exploração pelos bandeirantes em busca de índios e ouro, nos séculos XVIII e XIX (BERTRAN, 1998). Entretanto, por essa época, não houve ocupação do lugar, que ficou despovoado, como muitas áreas do Norte Goiano, até a década de 70, do século XX.

⁵ Embora o nome oficial do povoado seja Taveiras, sua população se refere ao lugar somente como Faz Tudo. Por isso, decidi por me referir ao povoado como Faz Tudo e não como Taveiras.

Dentro do espírito desbravador da Marcha para o Oeste, empreendimento do Governo Vargas, lançado em 1940, com o intuito de colonizar o Centro-Oeste brasileiro, o então Governador de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, lançou um programa de povoamento do Norte. Entretanto, os migrantes que se dirigiram para o Estado preferiram ficar nas regiões Sul e Central e o Norte continuou praticamente desocupado.

Com a segunda política de incentivo à povoação e ao desenvolvimento da agricultura no Norte de Goiás, a partir da fundação das Colônias Agrícolas Nacionais (CANG), fase denominada por Baiocchi (1999) e Guimarães (1988) de “movimento migratório”, pecuaristas mineiros e baianos, dentre outros, vieram para Goiás, em busca de terras para lavouras e pastagem para o gado, estabelecendo-se, principalmente, na região Norte. Neste período, a área rural de Faz Tudo, inclusive Acaba Vida, foi efetivamente povoada por famílias de Minas Gerais.

Em Acaba Vida, não há escolas. Aqueles que desejarem estudar precisam se deslocar até Faz Tudo, no ônibus escolar fornecido pela prefeitura de Niquelândia. Entre os adultos de Acaba Vida e de Faz Tudo predomina o analfabetismo e os escolarizados freqüentaram escola por, no máximo, quatro anos (curso primário). Alguns indivíduos não-escolarizados apresentam alta mobilidade geográfica, interna e externa à comunidade, e alto nível de letramento.

A principal atividade dos moradores de Acaba Vida e de Faz Tudo é a lavoura de subsistência ou agricultura familiar. Algumas famílias se ocupam também da criação de gado. Assim, a ocupação básica dos homens é a lavoura e das mulheres são as lides domésticas e, eventualmente, a lavoura. Em Faz Tudo, há casas comerciais, portanto, alguns indivíduos são comerciantes.

Uma parte dos habitantes de Acaba Vida é protestante e a outra é católica. No povoado de Faz Tudo, há igrejas protestante e católica. Assim, os protestantes e os católicos podem freqüentar a igreja no próprio local. Apesar disso, os membros desta comunidade também têm o hábito de realizar cultos (os protestantes) e rezas ou terços (os católicos) em suas casas, em datas comemorativas. Maiores informações sobre a comunidade de Acaba Vida encontram-se em Pádua (2002).

3.1.1.4 A comunidade de Barra Longa

Dados de fala da área rural de Barra Longa, em Minas Gerais, a partir de três entrevistas com pessoas acima de 80 anos de idade e baixo grau de escolaridade⁶, foram tomados para comparação com os dados da fala rural de Goiás e com os resultados de análises da oralidade e da escrita urbanas da LP (vide capítulo (6)).

A afirmação de Melo (1946, p. 112) que “a fala de Minas Gerais é o denominador-comum da dialeção da LP no Brasil”, a constituição sócio-histórica de toda a região do Carmo e o pressuposto que a fala goiana sofre influência da fala mineira, baseada na intensa migração de mineiros para Goiás, desde o final do século XIX, justificam a escolha de Barra Longa para a comparação que se propõe realizar no capítulo (6).

Barra Longa está situada na região do Carmo, Mesorregião da Zona da Mata e Microrregião de Ponte Nova, a 172 km de Belo Horizonte e 82 km de Ouro Preto, a antiga Vila Rica. A região do Carmo, penetrada e ocupada desde o final do século XVII, teve seus primeiros arraiais e vilas fundados pelos bandeirantes, no século XVIII, com a exploração do ouro, nas Gerais.

O Arraial Barra de Matias Barbosa, que daria origem à atual cidade de Barra Longa, foi fundado em 1736, alcançando o estatuto de Freguesia em 1741. Sua emancipação política data de 1 de janeiro de 1939. Seu município possui uma área de 386,101 km², uma população de 6.965 habitantes, com renda per capita de 2.897,59 (IBGE/2007, disponível em www.ibge.gov.br, acessado em 14 de novembro de 2007) e IDH 0,668 (PNUD/2000, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Barra_Longa, página acessada em 14 de novembro de 2007). Para mais detalhes sobre Barra Longa e a região do Carmo, em Minas Gerais, remeto o leitor a Mendes (2000) e Seabra (2004).

⁶ Dados do projeto “Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais”, financiado pela Fapemig, 2002 a 2004.

3.1.2 A seleção dos informantes

Na seleção dos informantes foram priorizadas pessoas nascidas nas comunidades de fala, apresentadas nas subseções anteriores, do sexo masculino e do sexo feminino, situadas nas faixas etárias mais altas, sem escolaridade e com baixa mobilidade espacial.

Dado que, em algumas comunidades, não foi possível encontrar o perfil idealizado inicialmente, informantes com outros perfis também participaram da pesquisa. Assim, foram entrevistados, ao todo, 38 indivíduos nascidos em suas respectivas comunidades ou nelas residentes há pelo menos 40 anos, do sexo masculino e do sexo feminino, situados em três grupos etários (12-32, 40-58 e 60 e +), com baixa ou nenhuma escolaridade, com baixo, médio e alto grau de mobilidade interna e externa e, respeitadas as limitações de cada local, com diferentes ocupações.

Foi observado, ainda, na seleção dos informantes, o critério de composição de plano amostral estatístico, ou seja, foram entrevistados não menos que 10% dos membros das comunidades. Isto acarretou desequilíbrio no tamanho das amostras, uma em relação a outra, uma vez que a densidade demográfica das comunidades é desigual. Foram entrevistados: 22 de um total de 220 pessoas, em Pombal, 13 de 130 moradores de Acaba Vida e 3 das 20 pessoas residentes em Traíras. Apesar do desequilíbrio entre as amostras, decidi manter o critério da amostra de 10%, visto que, do ponto de vista estatístico, a mudança de critério de uma comunidade para outra sugere favorecimento daquela que tiver uma amostra maior que 10% e desfavorecimento daquela que tiver uma amostra menor que 10%.

No Quadro (4), a seguir, é apresentado o perfil sociocultural dos informantes selecionados para a pesquisa.

(4)

| | INFORMANTE | IDADE | SEXO | INSTRUÇÃO | E. CIVIL | OCUPAÇÃO | MOB-I | MOB-E |
|---|------------|-------|------|--------------|----------|---------------------|-------|-------|
| P O M B A L | 1. PUAN | 53 | F | analfabeta | casada | dona-de-casa | alta | média |
| | 2. PUAG | 90 | M | analfabeto | viúva | lavrador aposentado | baixa | baixa |
| | 3. POAG | 67 | F | analfabeta | casada | dona-de-casa | baixa | baixa |
| | 4. CHIBE | 46 | M | primário | casado | lavrador | alta | alta |
| | 5. CHIMB | 78? | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | baixa | baixa |
| | 6. CHIAB | 49? | F | analfabeta | casada | dona-de-casa | média | baixa |
| | 7. CHITO | 40 | M | analfabeto | amigado | lavrador aposentado | média | baixa |
| | 8. PUMAJE | 32 | F | segundo grau | casada | professora | alta | alta |
| | 9. CHISB | 75? | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | média | média |
| | 10. PUOL | 57 | M | analfabeto | casado | lavrador | alta | alta |
| | 11. SEBON | 75? | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | média | média |
| | 12. SOGOF | 75? | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | média | média |
| | 13. SASOFE | 25 | M | analfabeto | amigado | lavrador | média | média |
| | 14. PUNB | 51 | F | analfabeta | casada | dona-de-casa | média | média |
| | 15. PUDAC | 12 | M | primário | solteiro | estudante | média | média |
| | 16. PUBS | 67 | M | analfabeto | casado | lavrador aposentado | alta | média |
| | 17. ABAGE | 50? | F | analfabeta | casada | dona-de-casa | alta | média |
| | 18. BAGE | 58? | M | analfabeto | casado | lavrador aposentado | baixa | baixa |
| | 19. POSEL | 82 | M | analfabeto | casado | lavrador aposentado | baixa | baixa |
| | 20. POBEV | 74 | M | analfabeto | casado | lavrador aposentado | alta | alta |
| | 21. POJOB | 30 | M | primário | casado | lavrador | alta | alta |
| | 22. PUSC | 79? | M | analfabeto | viúva | lavrador | baixa | baixa |
| A C A B A V I D A | 23. FATUA | 74 | M | primário | casado | lavrador aposentado | alta | alta |
| | 24. FATUB | 57 | M | primário | casado | lavrador | alta | alta |
| | 25. AVIC | 62 | M | analfabeto | viúvo | lavrador | alta | alta |
| | 26. FATUA | 53 | F | analfabeta | casada | dona-de-casa | baixa | baixa |
| | 27. FATUB | 63 | M | analfabeto | casado | lavrador | baixa | baixa |
| | 28. AVICA | 47 | M | primário | casado | lavrador | alta | alta |
| | 29. AVID | 56 | M | primário | casado | lavrador | alta | alta |
| | 30. AVIE | 50 | F | analfabeta | casada | dona-de-casa | média | alta |
| | 31. FATUF | 46 | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | alta | baixa |
| | 32. AVIG | 60 | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | baixa | baixa |
| | 33. AVIH | 64 | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | baixa | baixa |
| | 34. FATUI | 78 | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | baixa | baixa |
| | 35. FTUJ | 77 | M | analfabeto | viúvo | lavrador aposentado | baixa | baixa |
| T R A Í R A S | 36. FOJOPE | 70 | M | analfabeto | separado | lavrador aposentado | alta | alta |
| | 37. VIROVI | 77 | M | analfabeto | solteiro | lavrador aposentado | baixa | baixa |
| | 38. DAPESI | 72 | F | analfabeta | viúva | dona-de-casa | baixa | baixa |

Quadro do perfil dos informantes selecionados para a pesquisa. Sequência das informações: código de identificação do informante, sexo, escolaridade, estado civil, ocupação, mobilidade interna, mobilidade externa, religião.

Considerando-se o perfil predominante dos entrevistados, as amostras de fala das comunidades rurais goianas, selecionadas para estudo na presente tese, refletem o padrão de fala “dos mais velhos” de suas respectivas comunidades, que são a referência, em muitos aspectos, mas não em todos, para “os mais novos”.

3.1.3 Coleta e organização dos dados

No presente estudo, parte-se do pressuposto que os fatos e os fenômenos lingüísticos, de qualquer natureza, por resultarem dos usos que os falantes fazem da língua, devem ser observados nas situações reais de uso lingüístico – nas interações e atividades cotidianas dos falantes –, da forma como eles se apresentam, no interior de uma dada comunidade de fala. Por isso, na coleta dos dados foram priorizadas, tanto quanto possível, as situações mais espontâneas de conversação, embora outros tipos de interação tenham sido também registrados.

Os dados foram coletados nas três comunidades de fala, anteriormente identificadas, por meio de pesquisa de campo, na modalidade pesquisa participante, com a realização de entrevistas *abertas*, em que não há controle da temática nem do curso da conversação pelo entrevistador, *semi-estruturadas*, com um direcionamento parcial da conversação, e *estruturadas*, a partir de um roteiro temático, tomado como referência.

O roteiro temático, empregado nas entrevistas semi-estruturadas e estruturadas, foi o seguinte:

- | | |
|--------------------------------|---|
| 1. o tempo da escravidão; | 9. benzeção; |
| 2. a extração do ouro; | 10. as festas de devoção; |
| 3. o contato com os índios; | 11. as promessas religiosas; |
| 4. a ciência dos antigos; | 12. parto em casa e no hospital; |
| 5. as histórias dos antigos; | 13. política local (Santa Rita do Novo Destino e Barro Alto). |
| 6. a vida na roça e na cidade; | |
| 7. o tempo de hoje; | |
| 8. cura de doenças; | |

As entrevistas foram feitas individualmente ou em pequenos grupos. Em Pombal, a maioria das entrevistas foi feita com grupos de pessoas em situações de interação, pois essa foi a melhor maneira de se obter uma fala menos monitorada dos entrevistados. Nas demais comunidades, houve um maior número de entrevistas individuais.

Os dados foram gravados em fita k-7 e, com os recursos dos programas computacionais *audiograbber* e *cool edition*, o material gravado foi transportado para o computador e arquivado com as extensões .mp3 e .wma.

Organizados os arquivos de áudio, os dados foram transcritos fonograficamente. Neste tipo de transcrição, os sons da fala são graficamente representados, considerando-se e tentando-se manter algumas das particularidades da oralidade (cf. www.priberam.pt). É diferente da transcrição ortográfica que visa representar os sons da fala, adequando-os ao padrão ortográfico prescrito pela Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Depois de transcritos, os dados foram digitalizados no *Word*, de acordo com as normas de transcrição de dados de fala do Núcleo de Estudos da História Lingüística de Goiás (NEHLGO), que se encontram em anexo.

3.2 Delimitação do objeto de análise: o fenômeno lingüístico

Ao lidar com os dados de fala da comunidade de Pombal, durante o Mestrado, chamou-me a atenção o fato de haver poucos adjetivos no corpus. Como meu objetivo à época era outro, não me detive neste fenômeno. Mais tarde, voltei a ele e percebi que, em geral, os poucos adjetivos documentados se posicionavam depois do nome e, quando ocorria algum antes do nome era em estruturas que chamei de *expressões fixas da língua*. Ampliei, então, o corpus, com mais dados da comunidade de Pombal e amostras de fala das comunidades de Acaba Vida e Traíras, e iniciei uma análise sistemática dos adjetivos na fala rural de Goiás.

A tipologia lingüística, baseada nos universais lingüísticos, destaca a importância dos estudos sintáticos para a compreensão da história das línguas, ao mesmo tempo em que elege a ordenação de constituintes, dentre outros fenômenos, como um dos tópicos relevantes para a definição dos tipos lingüísticos.

A descrição da posição do adjetivo no SN português, por seu turno, mostra que a anteposição do adjetivo ao nome em português é produtiva na fala urbana considerada culta e na escrita da LP contemporânea, conforme noticiado por Nobre (1989), Cohen (1990) e Müller *et al.* (2002), além de caracterizar a anteposição e a posição do adjetivo ao nome, detalhando a natureza do adjetivo e do nome (cf. capítulo (2)).

Por outro lado, consultando algumas gramáticas normativas e descritivas do português, e análises como a de Nobre (1989), que consideram o perfil sociocultural do falante, nos dados orais, e os gêneros textuais, na escrita, pode-se deduzir que a posição do adjetivo no SN, na LP, não constitui um traço lingüístico marcado socialmente, e a análise de Cohen (1990) com dados escritos mostra que este fenômeno está inserido em um *continuum diacrônico românico*, envolvendo a posição dos constituintes na sentença, nas línguas românicas.

Diante disso, optei por analisar o nível morfossintático, com destaque para a posição do adjetivo adnominal no SN, na fala rural goiana, em uma perspectiva diacrônica. Eu acredito que a análise da posição do adjetivo no SN, na fala rural goiana, pode oferecer pistas e sustentação para as discussões sobre o caráter *conservador* da fala rural em relação à fala urbana, sobre a relação entre *isolamento geográfico/cultural* e *conservadorismo lingüístico*, e sobre os diferentes estágios da mudança lingüística AN > NA, na LP e no PB.

3.3 Procedimentos na descrição e análise dos dados e interpretação dos resultados

Para a análise da ordenação do adjetivo em relação ao nome, na fala rural goiana sob estudo, foram listados todos os SN constituídos de adjetivos adnominais encontrados no *corpus*, totalizando 401 SN. Em seguida, foi feito um inventário de todas as ocorrências de adjetivos no interior do SN (veja quadros (5) e (6) no capítulo (4)), separando-se as ocorrências da ordem AN (adjetivo/nome) das ocorrências da ordem NA (nome/adjetivo). A partir dos arquivos de ocorrências de AN e NA,

procedeu-se à análise de dados e interpretação dos resultados, apresentadas dos capítulos (4), (5) e (6).

A interpretação e análise dos SN, nos dados, foram feitas a partir da interpretação e definição de seus constituintes, de acordo com os contextos lingüístico e extralingüístico de sua enunciação, observando-se a relação entre cada unidade constitutiva do SN. Levou-se em consideração ainda os resultados e pressupostos constantes da literatura sobre o tema, conforme o exposto no capítulo (2).

Para a descrição do SN, a partir de seus constituintes imediatamente pré e pós nucleares, isto é, os adjetivos adnominais, foi adotado o esquema de descrição lingüística de Mendes (2000), que amplia a proposta de Perini (1996), para a área esquerda do SN, e o esquema de Perini (2004), com as modificações propostas, conforme esquematizado em (4), no capítulo (2), para a área direita do SN. Os critérios de análise, as definições dos termos e os conceitos lingüísticos básicos de Perini (1994; 1996; 2004; 2006) são mantidos.

Uma vez descritos os SN encontrados nas amostras, seus constituintes e a relação entre adjetivo e nome foram analisados, com base nos estudos do mesmo fenômeno, com dados da LP e do PB (vide capítulo (2)), a partir das seguintes categorias de análise:

1. grau de ligação (ou proximidade) entre adjetivo e nome, analisado através:

- a) da ‘função gramatical’ (PNE, PNI, Qv, MODE, MODI) do adjetivo no SN e
- b) dos traços ‘intensificável’ e ‘não-intensificável’ do adjetivo.

A escala de rigidez das posições do SN (Esquema (3)), proposta no capítulo (2), indica diferentes graus de ligação entre adjetivo e nome, mostrando que quanto mais próximo o adjetivo estiver do nome mais rígida é sua posição no SN. De acordo com Nobre (1989), o maior grau de rigidez entre nome e adjetivo leva à perda da possibilidade de o adjetivo ser intensificado com *mais*, *menos*, *muito*, *pouco*. A natureza da relação entre adjetivo e nome, na anteposição e na posposição, bem como a natureza do SN rígido podem ser elucidadas pelo grau de proximidade entre os constituintes do SN.

2. a dimensão ou peso dos vocábulos - diz respeito à quantidade de sílabas de cada vocábulo, indicando a dimensão do adjetivo em relação ao nome:

- a) adjetivo com mesma dimensão que o nome ($A = N$),
- b) adjetivo menor que o nome ($A < N$) e
- c) adjetivo maior que o nome ($A > N$).

De acordo com Callou e Serra (2003), a tendência na LP é de a anteposição ser preenchida por adjetivos menores que seus núcleos. Além disso, será verificada a relação entre a dimensão dos vocábulos a constituição do SN rígido.

3. classe semântica do adjetivo - os adjetivos podem ser enquadrados na classe dos adjetivos de sentido subjetivo ou na classe dos adjetivos de sentido objetivo:

- a) subjetivo (S) e
- b) objetivo (O).

Por sentido subjetivo entenda-se o adjetivo de sentido avaliativo, que veicula um julgamento ou juízo. O adjetivo de sentido objetivo é descritivo, determinativo, restritivo e classificador. Estudos sobre a posição do adjetivo no SN em português têm apontado a tendência, nesta língua, a antepor os adjetivos de sentido subjetivo e a pospor os de sentido objetivo, sendo os adjetivos subjetivos podem ocorrer antepostos ou pospostos, e os de sentido objetivo só ocorrem pospostos. Será verificada a relação entre o sentido dos adjetivos e a constituição do SN rígido.

4. gradação do adjetivo – refere-se à possibilidade de o adjetivo receber os graus:

- a) aumentativo,
- b) diminutivo,
- c) comparativo,
- d) superlativo e
- e) normal.

A tendência da LP é antepor apenas os adjetivos no grau normal e superlativo, pospondo os demais.

5. gradação do nome – é a possibilidade de o nome receber os graus

- a) aumentativo,
- b) diminutivo,
- c) normal.

A tendência da LP é antepor o adjetivo ao nome no grau normal e pospor quando o nome está nos graus diminutivo e aumentativo.

6. traço semântico₁ do nome - propriedade (+/-) material do referente do nome:

- a) material,
- b) imaterial

De acordo com as análises de Callou e Serra (2003), a propriedade (+/-) material do referente do nome é importante na análise da posição do adjetivo no SN, sendo que a tendência da LP é antepor o adjetivo ao nome com a propriedade (-) material e pospor o adjetivo ao nome com o traço (+) material. Será observado se a propriedade (+/-) material determina a constituição do SN rígido.

7. traço semântico₂ do nome – propriedade (+/-) contável do referente do nome:

- a) contável,
- b) não-contável.

Nomes próprios são, por natureza, não-contáveis. Essa propriedade do referente do nome, portanto, será considerada para verificar se os nomes comuns, quando muito ligados ao adjetivo, perdem a possibilidade de serem quantificados, passando a constituir o SN rígido.

8. traço semântico₃ do nome – diz respeito à propriedade (+/-) comum do nome.

- a) comum,
- b) não-comum;

O objetivo desta categoria é verificar se o traço (+/-) comum tem alguma relação com a posição do adjetivo no SN, com o grau de ligação entre nome e adjetivo e com a constituição do SN rígido.

9. traço semântico₄ do nome – trata-se do grau de animacidade do referente do nome: (+) animado → (+) humano → (+) → sagrado → (-) humano → ao (-) animado.

- a) animado,
- b) humano,
- c) sagrado,
- d) não-humano,
- e) inanimado.

Com relação à animacidade do referente do nome, ao lado das tradicionais categorias ‘animado’, ‘humano’, ‘não-humano’ e ‘inanimado’, foi introduzida a categoria ‘sagrado’ para cobrir os nomes de santos, no que diz respeito à humanidade e à animacidade de seus referentes, considerando-se o tratamento que cada comunidade de fala dispensa às divindades locais. Será verificado se o grau de animacidade do referente do nome tem alguma implicação na posição do adjetivo no SN e na constituição do SN rígido.

Depois de analisados, de acordo com os 9 itens listados acima, os dados foram quantificados e os resultados da quantificação, em termos percentuais, serviram de base para a caracterização e distinção entre as ordens AN e NA, em SN rígidos e não-rígidos, no capítulo (4).

A descrição e análise do SN rígido, com as funções pré e pós nucleares mais ligadas ao NSN, está desenvolvida no capítulo (5), nos moldes propostos pela teoria das propriedades sintagmáticas de “combinação” e “contraste” das línguas humanas (LYONS, 1968; JAKOBSON (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995)).

No capítulo (6), para a análise da mudança AN > NA, comparam-se os resultados da análise da posição do adjetivo no SN nas amostras da fala rural goiana aos resultados da análise do mesmo fenômeno com amostras da fala rural de Barra Longa e

de dados do PB urbano, orais e escritos. Nesta análise, na escrita, são considerados os diferentes gêneros textuais, e na oralidade, os diferentes estilos e padrões de uso lingüístico, seguindo a metodologia de análise de Nobre (1989), apresentada no capítulo (2). Para complementar a interpretação dos resultados, na comparação entre as análises, aplica-se o cálculo do *Chi Quadrado* (ou *Chi-Square*).

O teste do *Chi Quadrado* permite verificar se a relação entre duas variáveis, lingüísticas ou não-lingüísticas, significa alguma coisa, ou seja, se a hipótese nula pode ou não ser descartada. A hipótese nula, que é a hipótese tida como verdadeira até que provas estatísticas indiquem o contrário, mostra que não existe diferença entre as frequências (contagens) dos grupos de elementos ou itens (valor esperado). A hipótese alternativa pode indicar que existe diferença (valor medido).

Este teste serve também para verificar o nível de significância da igualdade (semelhança) ou diferença (dessemelhança) entre categorias discretas, em que cada elemento ou item deve pertencer a uma e somente uma categoria.

O valor de *Chi Quadrado* para cada célula é a diferença ao quadrado (\neq^2) entre o valor esperado e o valor medido, dividida pelo valor esperado. O *Chi Quadrado* total é a soma dos valores de cada célula. Assim, o valor de *Chi Quadrado* calculado deve ser comparado com o valor de *Chi Quadrado* tabelado. Quanto maior o valor de *Chi Quadrado* calculado, maior a diferença. Para obter o valor de *Chi* tabelado, deve-se escolher o valor do nível de significância (alfa) adequado para a situação, consultando a tabela de referência (cf. tabela (28), no anexo (2.2)).

O resultado do cálculo deve ser comparado com o que seria obtido se não houvesse diferença entre os grupos. Os valores esperados para cada célula são obtidos multiplicando o percentual da coluna pelo total da linha, isto é, total da linha x.

Os cálculos do *Chi Quadrado* constantes desta tese foram efetuados *online*, a partir dos recursos disponíveis em (<http://faculty.vassar.edu/lowry/newcs.html>). Para a apresentação dos resultados do cálculo do *Chi Quadrado* são empregados os seguintes

símbolos: χ^2 (*chi-quadrado*), df (grau de liberdade), S (nível de significância) e p (probabilidade de ocorrência da ordem AN).

CAPÍTULO 4

A POSIÇÃO DO ADJETIVO NO SN NA FALA RURAL GOIANA

O objetivo deste capítulo é descrever a posição do adjetivo no SN e a constituição do SN com adjetivo anteposto e com adjetivo posposto ao nome, nas 3 (três) amostras da fala rural goiana, contextualizadas no capítulo (3). Para tanto, será seguido o esquema (3), apresentado no capítulo (2), e as categorias de análise, listadas e definidas no capítulo (3).

Pretende-se com esta descrição depreender a posição predominante do adjetivo no SN, a natureza do adjetivo e do nome em cada posição e verificar se há diferença entre a constituição do SN com anteposição do adjetivo e a do SN com posposição do adjetivo.

Realizou-se, com os dados do *corpus* constituído para esta descrição, um levantamento de todas as ocorrências de SN com adjetivos adnominais, aqueles adjacentes ao nome modificado, a partir do qual se desenvolve a descrição da posição do adjetivo no SN, na fala rural goiana.

O levantamento das ocorrências de SN constituídos de adjetivos adnominais, nas 3 (três) amostras da fala rural goiana, resultou nos seguintes dados:

(5)

| ADJETIVO | ITENS LEXICAIS NOME | PO | AC | TR | SUBTOTAL | TOTAL |
|-----------|------------------------|----|----|----|----------|-------|
| 1. BOA | PESSOA | 2 | 1 | X | 3 | 11 |
| | TARDE | 3 | X | X | 3 | |
| | VONTADE | X | 2 | X | 2 | |
| | INTEINÇÃO | X | 1 | X | 1 | |
| | PARTERA | X | 1 | X | 1 | |
| | DIREÇÃO | X | 1 | X | 1 | |
| 2. DIVINO | PAI ETERNO | 6 | X | X | 6 | 10 |
| | ISPRITO SANTO | 4 | X | X | 4 | |
| 3. MAIÓ | COISA | 1 | X | X | 1 | 3 |
| | GOSTO | 1 | X | X | 1 | |
| | DIFICURDADE | X | 1 | X | 1 | |
| 4. MAU | AMBIENTE | 1 | X | X | 1 | |

| | | | | | | |
|----------------------|------------------|----|----|----|-----|-----|
| | INTENDIMENTO | X | 1 | X | 1 | 2 |
| 5. NOVO | DESTINO | 7 | X | X | 7 | 7 |
| 6. SANTO/A ~ SÃO | ABADIA | X | 1 | X | 1 | 59 |
| | ANA | X | X | 7 | 7 | |
| | ANTONE~ANTONHO | 8 | 1 | X | 9 | |
| | BENTINHO | 3 | X | X | 3 | |
| | BINIDITO | 3 | X | 1 | 4 | |
| | DIA | X | 1 | X | 1 | |
| | HELENA | X | 2 | X | 2 | |
| | JUSÉ | X | X | 2 | 2 | |
| | LOREN' | X | 1 | X | 1 | |
| | LUZIA | 1 | X | X | 1 | |
| | MARCO | 2 | X | 1 | 3 | |
| | PEDRO | 1 | X | X | 1 | |
| RITA | 4 | X | X | 4 | | |
| SEBASTIÃO | 13 | X | 7 | 20 | | |
| 7. VÉI-VÉIO/A | ANJO | 2 | X | X | 2 | 13 |
| | DIRS' | 1 | X | X | 1 | |
| | GUSTINHA | 1 | X | X | 1 | |
| | LIBÂNEA | 1 | X | X | 1 | |
| | SUFIA | 1 | X | X | 1 | |
| | TUMAIZ~TUMAIZINH | 6 | X | X | 6 | |
| | VITORA | 1 | X | X | 1 | |
| TOTAL DE OCORRÊNCIAS | | 73 | 14 | 18 | 105 | 105 |

Quadro das combinações de adjetivos + nomes em cada amostra da fala rural goiana

Fonte: *Corpus* da tese.

Obs.: PO = Pombal; AC = Acaba Vida; TR = Traíras.

(6)

| ITENS LEXICAIS | | PO | AV | TR | SUBTOTAL | TOTAL |
|--|-------------------|----|----|----|----------|-------|
| NOME | ADJETIVO | | | | | |
| 1. CENT' O | AGITADO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 2. BARRO COLESTEROL PRESSÃO | ALTO~ARTO/A | 15 | X | X | 15 | 19 |
| | | X | 01 | X | 01 | |
| | | X | 03 | X | 03 | |
| 3. COISA FULIA DE REIS IGREJA NEGO PESSOA PESSOAL SISTEMA TEMPO VÉIA | ANTIGO~ANTIGUES/A | X | X | 01 | 01 | 11 |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | X | X | 02 | 02 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | X | X | 01 | 01 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| 4. PORCO | ASSADO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 5. ZÓI~OLHO | AZU' | 03 | 01 | X | 04 | 04 |
| 6. GENTE | BOBO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 7. ANIMAL CACHORRO COISA FESTA FULIA GENTE INTELIGÊNCIA MESTRE MOVIMENTO PESSOA REZADERA | BOM/BÃO/BOA/ZINHA | X | 01 | X | 01 | 16 |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | 01 | 01 | X | 02 | |
| | | 02 | X | X | 02 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | X | 01 | X | 01 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |
| | | X | 01 | 01 | 02 | |
| | | 01 | X | X | 01 | |

| | | | | | | | |
|-----|--|---------------------|------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|--|----|
| | TERRA | | X | 02 | X | 02 | |
| 8. | BUNEQUINHA FULIA MOLDURA VIOLÃO | BUNITO/A | X 01 X 02 | 01 X X X | X X 01 X | 01 01 01 02 | 05 |
| 9. | ÍNDIO | BRABO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 10. | CABEÇA CASA NEGO PED'A PUDRIM TERRA TREM | BRANCO/IM/A | 01 X 01 X X 06 X | X 01 X 01 X X X | X X X X 04 X 02 | 01 01 01 01 04 06 02 | 16 |
| 11. | IRMÃO | CAÇULA | 02 | X | X | 02 | 02 |
| 12. | AICA | CAÍDA | 03 | X | X | 03 | 03 |
| 13. | REMÉDIO | CARO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 14. | FII | CASADO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 15. | IGREJA | CATÓICA | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 16. | REUMATISMO | CELERADO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 17. | IGREJA | CENTRAL | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 18. | MULHÉ | CLARINHA | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 19. | FESTA | COMUM | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 20. | ROÇA | COMUNITARA | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 21. | COXO | CUMPRIDO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 22. | BICHO | CUSTOSO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 23. | LINHA PALAVRA | DIFERENTE | 01 X | X 01 | X X | 01 01 | 02 |
| 24. | LUGÁ NOME VIOLÃO | DIFÍCI' | X X 01 | 01 01 X | X X X | 01 01 01 | 03 |
| 25. | RUA | DIREITA | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 26. | ISTERA | DIRETA | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 27. | CRIANÇA | DUENTE | X | 02 | X | 02 | 02 |
| 28. | MÃO | DURA | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 29. | PEDRA | ENORME | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 30. | DOCUMENTO REMÉDIO | ERRADO | X X | 01 01 | X X | 01 01 | 02 |
| 31. | PAI SARVAÇÃO | ETERNO/A | 10 X | X X | X 01 | 10 01 | 11 |
| 32. | LUGÁ | FÁCI' | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 33. | ROSTO | FINIM | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 34. | COISA | FIRME | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 35. | PASTO | FORMADO | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 36. | PAREDE | FORRADA | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 37. | ANIMAL MININONA SUJEITO | FORTE | X X 01 | 01 01 X | X X X | 01 01 01 | 03 |
| 38. | PAU | FURADO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 39. | CABOCO GENTE | GALEGO/INH' | 01 01 | X X | X X | 01 01 | 02 |
| 40. | CABELO DISPESA IMAGE' LOJONA PACOTE DE VELA PAPAI TANQUE | GRANDE | 02 X X X X 02 X | X 01 X X X X X | X X 01 01 01 X X | 02 01 01 01 01 02 01 | 9 |
| 41. | PAREDE | GROSSA | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 42. | TOCO | INCORADO (ESCORADO) | 01 | X | X | 01 | 01 |

| | | | | | | | |
|-------|--|-----------------------|---|--|---------------------------------------|--|----|
| 43. | CORAÇÃO PERNA ROSTO | INCHADO | X X X | 01 01 01 | X X X | 01 01 01 | 03 |
| 44. | CABELO | INROSCADO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 45. | COISA | INSIGNIFICANTE | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 46. | TREM | INVISIVE | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 47. | LUGARZIM | ISOLADO | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 48. | POVO TREM | ISQUISITO | 01 X | X 01 | X X | 01 01 | 02 |
| 49. | GENTE | JOVEM | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 50. | [IMAGE] | LIGÍTIMA | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 51. | ÁGUA | LIMPA | X | X | 02 | 02 | 02 |
| 52. | ARAME | LISO | 02 | X | X | 02 | 02 |
| • 53. | COISA | LOCA | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 54. | PARENTE | LONGE | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 55. | VEINHA | LORA | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 56. | CASA DOR | MAIÓ~MAIOR | 01 01 | X X | X X | 01 01 | 02 |
| 57. | CONSURTA DIA | MARCADO~MAICADO /A | X 01 | 01 X | X X | 01 01 | 02 |
| 58. | ISPRITO | MAU | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 59. | ‘CALIPADA | MEDONHA | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 60. | CASA | MIÓ | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 61. | VEINHA | MIÚDA/INHA | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 62. | FIIA IRMÃ | MOÇA | 02 X | X X | X 01 | 02 01 | 03 |
| 63. | IRMÃ MININO/ONA | MORENO/A/INHA | X X | 01 02 | X X | 01 02 | 03 |
| 64. | FII | MORTO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 65. | POVO | MUDERNO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 66. | FIIA | MUIÉ | X | X | 01 | 01 | 01 |
| 67. | CAMINHÃO FIO IRMÃO LUGÁ ISTRADA RADE RAPAIZ VIOLA | NOVO/IM/A | X 01 01 X X 01 01 01 | X X X 01 01 X X X | 01 X X X X X X X | 01 01 01 01 01 01 01 01 | 8 |
| 68. | PAU | OCADO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 69. | ANO | PASSADO | 03 | X | 01 | 04 | 04 |
| 70. | ZÓI | PARDO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 71. | PROFESSÔ IRMÃ | PARTICULÁ | 01 01 | X X | X X | 01 01 | 02 |
| 72. | ÍNDIO | PASSAGERO | 01 | X | X | 01 | 01 |
| 73. | MÁQUINA | PESADA | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 74. | FII IMAGINHA MININO VEINHA | PIQUENO/INH/A | 01 X X X | X X X X | X 01 01 01 | 01 01 01 01 | 04 |
| 75. | OMBO TUDO | PISADO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 76. | DEUS | PODEROSO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 77. | CABELO CACHORRO FUMAÇONA | PRETO/IM/A | X X X | 01 X X | X 01 02 | 01 01 02 | 04 |
| 78. | PATRIMONE | PRÓXIMO | X | 01 | X | 01 | 01 |
| 79. | MATA ORO | PURO/A | X X | X X | 01 01 | 01 01 | 02 |

em uma análise quantitativa, visando à depreensão das características lingüísticas da posposição e da anteposição do adjetivo ao nome, na fala rural goiana.

No que concerne à sua estrutura, este capítulo está dividido em 3 (três) seções, sendo que na primeira (4.1) verifica-se a freqüência da posposição e da anteposição do adjetivo ao nome; na segunda (4.2) analisa-se a constituição do SN com adjetivos antepostos e pospostos; e na terceira e última (4.3) analisa-se a relação entre a anteposição do adjetivo ao nome, na fala rural goiana, e o perfil dos falantes.

4.1 Posição do adjetivo no SN da fala rural goiana

Nesta seção, verifica-se a freqüência de cada posição do adjetivo no SN, nos dados sob análise, a partir dos resultados formalizados na tabela (4), a seguir.

Tabela 4
Posição do adjetivo no SN
na fala rural goiana

| POSIÇÃO | Nº DE OCORRÊNCIAS | (%) |
|--------------|-------------------|-----|
| ANTEPOSTO | 105 | 26 |
| POSPOSTO | 296 | 74 |
| TOTAL | 401 | 100 |

Os resultados apresentados na tabela (4) permitem afirmar que, nas amostras da fala rural goiana, sob análise, predomina a posposição do adjetivo ao nome, com 74% (296/401) das ocorrências, e que os 26% (105/401) de ocorrências de adjetivos antepostos, por sua vez, sugerem que, em princípio, a anteposição do adjetivo ainda é produtiva nas referidas amostras, pois representam mais de um quarto das ocorrências de adjetivos no *corpus*.

Esses dados confirmam os resultados das análises empreendidas com amostras da LP e do PB urbano, nas modalidades oral e escrita (cf. capítulo (2)), cuja comparação está desenvolvida no capítulo (6).

Todavia, dado que as amostras de fala que estão sendo analisadas pertencem a diferentes comunidades lingüísticas, com diferentes formações sócio-históricas, é importante observar a posição do adjetivo no SN, em cada amostra, a fim de certificar se a tendência encontrada a partir dos resultados gerais, apresentados na tabela (4), pode ser estendida a todo o *corpus*.

Assim, a tabela (5), a seguir, apresenta a distribuição percentual do adjetivo no SN, em cada amostra de fala, em particular.

Tabela 5
Posição do adjetivo no SN
por amostra de fala das comunidades rurais goianas

| POSICÃO LOCALIDADE | ANTE | % | POS | % |
|-------------------------------------|-------------|----------|------------|----------|
| POMBAL | 73/232 | 31 | 159/232 | 69 |
| ACABA VIDA | 14/90 | 16 | 76/90 | 84 |
| TRAÍRAS | 18/79 | 23 | 61/79 | 77 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

Os dados da tabela (5) informam que a maior freqüência de adjetivo anteposto no *corpus* é registrada na amostra da comunidade de Pombal: em 232 adjetivos adnominais documentados nesta amostra, representando 57,8% (232/401) do total encontrado no *corpus*, 73 (31%) adjetivos estão antepostos e 159 (69%) estão pospostos; em Traíras registra-se uma taxa de 23% (18/79) de anteposição contra 77% (61/79) de posposição; e em Acaba Vida são 16% (14/90) de adjetivos antepostos e 84% (76/90) de adjetivos pospostos. A maior ocorrência de posposição é registrada na amostra de Acaba Vida, com 84% (76/90) de adjetivos pospostos.

A posposição do adjetivo ao nome predomina em todas as amostras de fala, com variação na freqüência de uma amostra para outra, com significativa diferença

entre as duas taxas: em Pombal, em torno de 38 pontos percentuais (69% - 31%), em Acaba Vida, 68 pontos percentuais (84% - 16%), e em Traíras são 54 pontos percentuais (77% - 23%).

Desta forma, pode-se afirmar que a posição predominante, ou posição não-marcada, do adjetivo no SN, na fala rural goiana, de acordo com as amostras de fala de Pombal, Traíras e Acaba Vida, é a posposição. Posteriormente, na seção (4.3), será apreciada a relação entre a distribuição desta ordem e o perfil do falante.

4.2 Constituição do SN na anteposição e na posposição

Por ‘constituição do SN’ entende-se a composição estrutural do SN, suas partes constituintes e as características estruturais da relação entre adjetivo e nome no interior do SN.

Retomando os quadros (5) e (6), nota-se que as 105 ocorrências de anteposição são realizadas pela combinação de 7 adjetivos e 35 nomes. Na posposição, por outro lado, são 24 adjetivos combinados a 22 nomes. Na anteposição, portanto, ocorrem mais nomes e menos adjetivos, ao passo que na posposição há um maior equilíbrio entre as ocorrências dos dois constituintes. Essas informações mostram que o SN pode apresentar diferentes constituições, conforme ocorra a anteposição ou a posposição do adjetivo ao nome.

Assim, com base no *corpus* sob análise, podem ser propostos três grupos de adjetivos, considerando-se sua posição no SN:

1. Adjetivo somente anteposto: o item 'divino', documentado apenas nos dados de Pombal, só ocorre anteposto (cf. item 2 no quadro (5)), combinado aos SN 'Pai Eterno' e 'Isprito Santo', formando nomes de santo ('hagionimia'), como mostra o enunciado a seguir:

- (1) () é **Divino Pai Eterno** () é canturia é o canturia quas' é tud' é um só ... 'gora ... só que um fala num e ota é ôto né ... û'a fal' é **Divin' Isprito Santo** e ôt' é **Divin' Pai Etern'** () (PO/ p. 392/lhs. 139-141)

2. Adjetivos antepostos e pospostos: os itens 'bão/boa', 'maió', 'mau', 'novo', 'santo~são/a' e 'véi~véio/a' (cf., respectivamente, os itens 1, 3, 4, 5, 6 e 7, no quadro (5), e 7, 56, 58, 67, 88 e 98 no quadro (6)), ocorrem antepostos e pospostos, conforme nas ocorrências a seguir:

- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinquent'eis seis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)
- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçu pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ùa **pessoa boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem argum (TR/p. 529/lhs. 92-95)
- (6) Da Praça pra cá né () da Praca pra lá fica pro **Nov' Destin'** Maih ele diss' qu'ess' fund'aqui Mangabera Machadinhi qu'ele vai tomá ess'manicip' (...) (PO/p. 384/lhs. 22-23)
- (7) ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é **istrada nova** viu () (AV/p. 340/lhs. 105-106)
- (8) (...) Lá é um cento agitado ... um **mau intendimento** 'contece essas coisa ... mai lá não ... num teve isso não" ... (AV/p. 359/lhs. 62-63)
- (9) cumeçô esse **isprito mau** nas fazenda que era do meu pai no Veredão e lá er'um sítio e cumeçô dá/ jogá pedra e depois ... é/é ... veiz im quand' um tapa num né (PO/p. 505/lh. 1-2)
- (10) A gente chegô pr'áí co'a **maió dificurdade** ... cū'a mulher e três filho ... e sobrô p'ra gente condo comprô as coisa p'ra passá três mês ... sobrô ùa notinha de um conto de réis ... (AV/p. 361/lhs. 1-3)

- (11) Meus fii que num aprendeu num foi curpa minha ... A **dor maió** que eu tenh' é num sabê assiná o nome. (PO/p. 483/lh. 350-351)
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei saben' que o/num sei se foi o **vei Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (13) Foi ... ele naceu ... 'tava cum ... um ano de idade minha mãe morreu ... Aí ... quando ela 'tava duente p'a morrê ... (ela cismô de dá ele a **pai véi**) ela falô assim "ó ... se eu morrê ... Seixas eu num vô dexá não porque vai dá muito trabai pr'oceis"... (PO/468/lhs. 26-28)

3. Adjetivos somente pospostos: no quadro (6), com exceção dos itens 'bom/bão/boa', 'maió', 'mau', 'novo', 'santo' e 'velho/véi/o/a', todos os 95 adjetivos restantes ocorrem somente na posposição (cf. quadro (6)), como é o caso de ocorrências como a do enunciado (14), a seguir.

- (14) (...) antão a/é ês tá arruman' assim lá ... de Goiais Véi pra cá já vei pa Pirinópe já rumô de lá ... vamo vê se vem é pra qui ... vê se nós consegue aqui ... tá desse jeito aqui tá um **lugarzim isolado** igual sra tá ven'ái né ... (gent' 'tá) viven' aqui é de teimoso ... (TR/p. 515/lhs. 51-54)

Observando as ocorrências de alguns SN, tais como em (2), (3), (6), (12) e (13), a seguir, com itens dos quadros (5) e (6), nota-se que estes SN possuem uma estrutura rígida, com constituintes imóveis, ao passo que enunciados como (4) e (7), por exemplo, citados a seguir, possuem SN menos rígidos, com mobilidade dos constituintes, ainda que com pequena alteração semântica.

- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)
- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)

- (6) Da Praça pra cá né () da Praca pra lá fica pro **Nov' Destin'** Maih ele diss' qu'ess' fund'aqui Mangabera Machadinhi qu'ele vai tomá ess'manicip' (...) (PO/p. 384/lhs. 22-23)
- (7) ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é **istrada nova** viu () (AV/p. 340/lhs. 105-106)
- (8) (...) Lá é um cento agitado ... um **mau intendimento** 'contece essas coisa ... mai lá não ... num teve isso não" ... (AV/p. 359/lhs. 62-63)
- (9) cumeçô esse **isprito mau** nas fazenda que era do meu pai no Veredão e lá er'um sítio e cumeçô dá/ jogá pedra e depois ... é/é ... veiz im quand' um tapa num né (PO/p. 505/lh. 1-2)
- (10) A gente chegô pr'ái co'a **maió dificurdade** ... cû'a mulher e três filho ... e sobró p'ra gente condo comprô as coisa p'ra passá três mês ... sobró ùa notinha de um conto de réis ... (AV/p. 361/lhs. 1-3)
- (11) Meus fii que num aprendeu num foi curpa minha ... A **dor máió** que eu tenh' é num sabê assiná o nome. (PO/p. 483/lh. 350-351)
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei saben' que o/num sei se foi o **yei Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (13) Foi ... ele naceu ... 'tava cum ... um ano de idade minha mãe morreu ... Aí ... quando ela 'tava duente p'a morrê ... (ela cismô de dá ele a **pai véi**) ela falô assim "ó ... se eu morrê ... Seixas eu num vô dexá não porque vai dá muito trabai pr'oceis"... (PO/468/lhs. 26-28)

Observa-se, ainda, que, dos grupos de adjetivos propostos acima, os adjetivos do grupo II se enquadram no que Borges Neto (1991) chamou de “adjetivos problemáticos” e que Menuzzi (1992) qualificou como de “sentido especial”.

Desta forma, está claro que uma classificação dos adjetivos, nos dados sob análise, deve levar em conta, além de sua posição no SN, a constituição lingüística do SN onde eles ocorrem. Ou seja, deve partir da caracterização dos constituintes e da relação morfossintática entre eles, no SN, de modo a identificar o tipo de estrutura de cada SN, no que se refere à sua composição e ao grau de mobilidade de seus constituintes. Assim, é possível distinguir as estruturas rígidas, compostas de

constituintes imóveis, daquelas flexíveis, compostas de constituintes móveis, tanto na anteposição quanto na posposição.

4.2.1 Características estruturais da relação entre adjetivo e nome no SN.

Para a análise da relação morfossintática estabelecida entre adjetivo e nome, nos dados, foi verificado o 'grau de ligação entre adjetivo e nome', por meio da função gramatical desempenhada pelo adjetivo no SN, e a 'possibilidade de intensificação do adjetivo' com *mais*, *menos*, *muito*, *pouco*, visando ressaltar a relevância dessas características na constituição do SN e na posição do adjetivo no SN.

A descrição e análise da função gramatical do 'adjetivo' segue o esquema (3), apresentado no capítulo (2) e repetido aqui, cujo critério de classificação é a posição do item no SN, tendo como referência o SN máximo, além das pistas fornecidas por Perini (1994; 1996; 2004), expostas no capítulo (2).

(3)

$$\begin{array}{ccccccccc} \text{PNE} & \rightarrow & \text{PNI} & \rightarrow & \text{Qv} & \rightarrow & \text{NSN} & \leftarrow & \text{ModI} & \leftarrow & \text{ModE} \\ 5^{\text{a}} & & 6^{\text{a}} & & 7^{\text{a}} & & 8^{\text{a}} & & 9^{\text{a}} & & 10^{\text{a}} \end{array}$$

Escala de rigidez das posições do SN

Os resultados da classificação dos itens, de acordo com sua função no SN, são os seguintes: o item 'maió' (item 3 do quadro (5)) funciona como PNE; os itens 'boa', 'divino', 'mau', 'novo' e 'santo', este apenas diante de nome comum, (respectivamente, itens 1, 2, 4, 5 e 6 do quadro (5)) funcionam como PNI; e os itens 'santo/a' e 'véi~véio/a', diante de nome próprio (itens 6 e 7, respectivamente, do quadro (5)) funcionam como Qv. Os itens do quadro (6), a seguir, funcionam como ModI: 'antigo', em "tempo antigo"; 'boa', em "coisa boa"; 'santo', em "dia santo" e "Íspirito Santo"; 'véi', em "pai véi" e "Goiais Véi"; 'arto/a', em "Barro Arto" e "pressão arta"; 'branca', em "Terra Branca" e "Pedra Branca"; 'direita', em "Rua Direita"; 'eterno/a',

em “Pai Eterno” e “sarvação eterna”; ‘grande’, em “Papai Grande”; ‘limpa’, em “Água Limpa”; ‘quente’, em “Água Quente”; ‘seca’, em “Mata Seca”; ‘serena’, em “Mata Serena”; ‘verde’, em “Capão Verde”; ‘vermei’, em “Rii Vermei”; ‘passado’, em “ano passado”; ‘caída’, em “aica caída”; e ‘viva’, em “carne viva”. Os demais itens do quadro (6) funcionam como ModE.

A freqüência percentual de cada função gramatical do adjetivo, em cada área do SN, está apresentada na tabela (6), a seguir:

Tabela 6
Posição do adjetivo no SN por sua função gramatical

| Função do adjetivo | ANTE | % | POS | % |
|--------------------|----------------|-----------|----------------|-----------|
| PNE | 3/105 | 3 | 0/296 | - |
| PNI | 31/105 | 29 | 0/296 | - |
| Qv | 71/105 | 68 | 0/296 | - |
| Mod I | - | - | 93/296 | 31 |
| Mod E | - | - | 203/296 | 69 |
| Total | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

Obs.: PNE = pré-núcleo externo, PNI = pré-núcleo interno, Qv = qualificativo, Mod I = modificador interno, Mod E = modificador externo

Das funções à esquerda do NSN, a PNE (cf. enunciados (16), (17) e (18), a seguir) é a menos recorrente nos dados, com um percentual de 3% (3/105) de ocorrência.

- (16) Eu tenho ãa irmã minha que mora im Brasília ... **muito boa partera** ... (AC/p. 349/lhs. 96-97)
- (17) Nossa Mãe do céu que ... a gente dê **ũa boa direção** né pu'que todas mulhé ... geralmente o mundo de hoje 'tá um pô'co diferente ... mas todas mulhere ispera de passá por isso ... né ... as moça tudo ... né (AV/p. 350/lhs. 115-118)
- (18) nós tem o **maió gosto** de/dessa festa sê tão ... (cumprida) ninguém nunca ach' que num vai tê fim essa festa pur causa que aí vem fii vem neto vem bisneto ... é ... antão ... eu acho que ... nunca vai tê fim () não. ... (PO/p. 426/lh. 58-60)

A função Qv, ao contrário da PNE, é a mais recorrente, apresentando um percentual de 68% (71/105) de ocorrência, todas com os itens ‘véi/o/a’ e ‘santo/a’ (cf. enunciados (12) e (15), a seguir).

- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu’ ela ... mais eu fiquei saben’ que o/num sei se foi o **vei Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu’ ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (15) Então no dia 12 que é dia de **Santo Antone** () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o dia santo do **Santo Antone** (PO/p. 399/lhs.41-42)

Já a função PNI, intermediária entre PNE e Qv, apresenta um percentual, também intermediário, de 29% (31/105) de ocorrência, com os itens ‘mau’, ‘boa’, ‘novo’, ‘maió’ e ‘divino’ (cf. enunciados (1), (4), (6), (8) e (18)).

- (1) () é **Divino Pai Eterno** () é canturia é o canturia quas' é tud' é um só ... 'gora ... só que um fala num e ota é ôto né ... ã'a fal'é **Divin' Isprito Santo** e ôt' é **Divin' Pai Etern'** () (PO/ p. 392/lhs. 139-141)
- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (6) Da Praça pra cá né () da Praca pra lá fica pro **Nov' Destin'** Maih ele diss' qu'ess' fund'aqui Mangabera Machadinhi qu'ele vai tomá ess'manicip' (...) (PO/p. 384/lhs. 22-23)
- (8) (...) Lá é um cento agitado ... um **mau intendmento** ‘contece essas coisa ... mai lá não ... num teve isso não” ... (AV/p. 359/lhs. 62-63)
- (18) nós tem o **maió gosto** de/dessa festa sê tão ... (cumprida) ninguém nunca ach' que num vai tê fim essa festa pur causa que aí vem fii vem neto vem bisneto ... é ... então ... eu acho que ... nunca vai tê fim () não. ... (PO/p. 426/lh. 58-60)

A função Qv, que é a função mais estreitamente ligada ao nome (veja os enunciados (12) e (15)), é a predominante na área esquerda do SN. Das 105 ocorrências de anteposição, 71 (68%) são preenchidas por Qv e 34 (32%) por PNE e PNI.

Das funções da área direita, a ModE, a menos ligada ao núcleo, é a mais freqüente, apresentando um percentual de 69% (203/296) de freqüência (veja enunciados (11) e (14)), contra 31% (93/296) de ocorrência de ModI, a função mais ligada ao núcleo, na área direita do SN (veja enunciados (2), (5) e (13)).

- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçú pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ãa **pessoa boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem argum (TR/p. 529/lhs. 92-95)
- (11) Meus fii que num aprendeu num foi curpa minha ... A **dor maió** que eu tenh' é num sabê assiná o nome. (PO/p. 483/lh. 350-351)
- (13) Foi ... ele naceu ... 'tava cum ... um ano de idade minha mãe morreu ... Aí ... quando ela 'tava duente p'a morrê ... (ela cismô de dá ele a **pai véi**) ela falô assim "ó ... se eu morrê ... Seixas eu num vô dexá não purque vai dá muito trabai pr'oceis"... (PO/468/lhs. 26-28)
- (14) (...) antão a/é ês tá arruman' assim lá ... de Goiais Véi pra cá já vei pa Pirinópe já rumô de lá ... vamo vê se vem é pra qui ... vê se nós consegue aqui ... tá desse jeito aqui tá um **lugarzim isolado** igual sra tá ven'ái né ... (gent' 'tá) viven' aqui é de teimoso ... (TR/p. 515/lhs. 51-54)

Pode-se afirmar, então, que as funções mais ligadas ao nome são predominantes na área esquerda, mas não o são na área direita do SN. Desta forma, à esquerda do NSN predominam as posições mais rígidas, ao passo que na área direita predominam as posições mais flexíveis.

A possibilidade de intensificação do adjetivo com *mais*, *menos*, *muito*, *pouco*, nos moldes adotados por Nobre (1989), expostos no capítulo (2), diz respeito ao fato de o adjetivo admitir ou não a intensificação e envolve a relação entre adjetivo e nome no SN.

Pressupõe-se, com base nas análises apresentadas no capítulo (2), que, quando o adjetivo não admite intensificação, sua ligação com o nome é mais estreita do que quando ele admite a intensificação.

Dependendo dos traços lexicais do nome, a intensificação pode indicar comparação (grau comparativo do adjetivo), como mostra o seguinte enunciado:

(19) Realmente ... cumeçô a festa pelos **tronco mais véi** da gente (PO/p. 397/lh. 6)

ou pode ter a função de intensificar o sentido do adjetivo, como em (16), a seguir:

(16) Eu tenho ãa irmã minha que mora im Brasília ... **muito boa partera** ... (AC/p. 349/lhs. 96-97)

Por outro lado, se o nome tiver um referente material, como em (20), a intensificação do adjetivo, indica a dimensão de uma característica descritiva do referente do nome.

(20) aí el' vêii consagrô essa cas' aqui e deu p'ra nós ... mais eu quiria ãa **casa maiórrr** pu'que aí cabia (PO/p. 485/lh. 25-26)

A frequência e a distribuição dos adjetivos intensificáveis e não-intensificáveis, no SN, são como segue na tabela (7):

Tabela 7
Posição dos adjetivos
'intensificáveis' e 'não-intensificáveis' no SN

| POSSIBILIDADE DE GRADAÇÃO DO A | AN | % | NA | % |
|--------------------------------|---------|----|---------|----|
| INTENSIFICÁVEL | 16/244 | 7 | 228/244 | 93 |
| NÃO-INTENSIFICÁVEL | 89/157 | 57 | 68/157 | 43 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

De acordo com os resultados apresentados na tabela (7), foram registradas 89 ocorrências de adjetivos não-intensificáveis antepostos, equivalendo a 85% (89/105) das anteposições e 57% (89/157) das ocorrências de adjetivos não-intensificáveis, e 16 ocorrências de adjetivos intensificáveis, equivalendo a 15% (16/105) das anteposições e 7% (16/244) das ocorrências de adjetivos intensificáveis. Na posposição, ocorre o contrário: são 228 ocorrências de adjetivos intensificáveis, representando 77% (228/296) das posposições e 93% (228/244) das ocorrências de adjetivos intensificáveis; e 68 adjetivos não-intensificáveis, correspondendo a 23% (68/296) das posposições e 43% (68/157) das ocorrências de adjetivos não-intensificáveis.

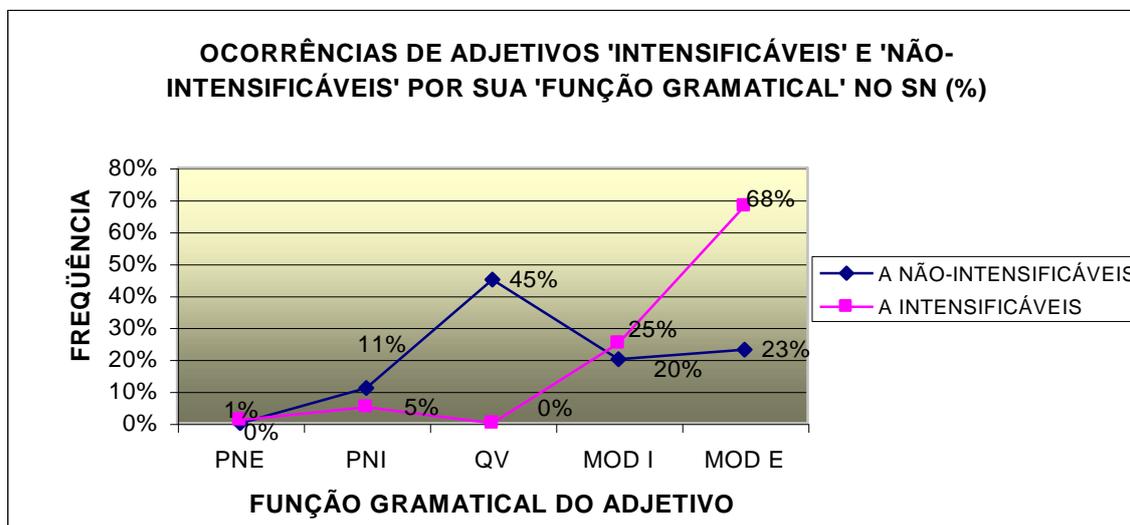
Tendo em vista que, do total de 157 adjetivos não-intensificáveis, 89 (57%) ocorrem antepostos e 68 (43%) ocorrem pospostos, e que das 244 ocorrências de adjetivos intensificáveis, 228 (93%) estão pospostos e 16 (7%) estão antepostos, pode-se afirmar que os adjetivos *não-intensificáveis*, como os que ocorrem no enunciado (3), predominam na *anteposição*, ao passo que os adjetivos *intensificáveis*, como no enunciado (20), predominam na *posposição*.

- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)
- (20) aí el' vêii consagrô essa cas' aqui e deu p'ra nós ... mais eu quiria ùa **casa maiórrr** pu'que aí cabia (PO/p. 485/lh. 25-26)

Partindo-se do pressuposto que a possibilidade de intensificação do adjetivo reflete menor proximidade entre adjetivo e nome, esta análise indica que, nos dados sob análise, o 'grau de ligação' entre adjetivo e nome é maior na anteposição e menor na posposição. Estes resultados estão coerentes, portanto, com os resultados da distribuição da função gramatical do adjetivo no SN, que apontam para o preenchimento da anteposição pelas funções gramaticais mais ligadas ao NSN, confirmando as hipóteses de Roubaud e de Boer (1785, *apud* WAUGH, 1977, pp. 2-3), que defendem que, na anteposição, adjetivo e nome possuem um grau de ligação maior que na posposição (cf. capítulo (2)).

O gráfico (3) apresenta os percentuais de ocorrência de adjetivos intensificáveis e não-intensificáveis por função gramatical do adjetivo no SN.

GRÁFICO (3)



Fonte: *corpus* da tese

Considerando-se as combinações de adjetivo e nome, em SN formados por adjetivos que desempenham funções mais ligadas ao núcleo, como PNI, Qv e ModI, pode-se dizer que esses SN possuem diferentes graus de rigidez, tendendo a serem mais rígidos na anteposição, formando uma escala como a proposta no esquema (3).

Portanto, uma vez que a anteposição é caracterizada pela predominância da função Qv, a função gramatical do adjetivo mais ligada ao nome, não admitindo a intercalação de outra função entre ela e o núcleo, conferindo ao adjetivo a natureza não-intensificável, enquanto que na posposição predomina a função ModE, a menos ligada ao núcleo, preenchida por adjetivos intensificáveis, nota-se que a constituição do SN na anteposição é diferente da constituição do SN na posposição.

Na anteposição, ocorrem mais as estruturas com posições rígidas ou constituintes imóveis, isto é, SN rígidos; e, na posposição, ocorrem mais estruturas com posições não-rígidas ou constituintes móveis, ou seja, SN não-rígidos.

Os quadros (7) e (8), a seguir, apresentam os SN rígidos constituídos de adjetivos antepostos e pospostos ao nome. Na seqüência, a tabela (8) mostra a frequência de ocorrência de cada tipo de SN, com anteposição e posposição do adjetivo ao nome.

(7)

| SN RÍGIDO COM ANTEPOSIÇÃO DO ADJETIVO | OCORRÊNCIAS |
|---|-------------|
| 1. boa intenção | 01 |
| 2. boa pessoa | 03 |
| 3. boa tarde | 03 |
| 4. boa vontade | 02 |
| 5. Divino Espírito Santo | 04 |
| 6. Divino Pai Eterno | 06 |
| 7. maió coisa | 01 |
| 8. mau ambiente | 01 |
| 9. mau entendimento | 01 |
| 10. Novo Destino | 07 |
| 11. Santo~São/a + N-próprio (nome de santo) | 58 |
| 12. santo dia | 01 |
| 13. Véi~véio/a + N-próprio (forma de tratamento) | 13 |
| TOTAL | 101 |

Quadro dos SN rígidos com anteposição do adjetivo.

Fonte: *Corpus* da tese.

(8)

| SN RÍGIDO COM POSPOSIÇÃO DO ADJETIVO | OCORRÊNCIAS |
|--------------------------------------|-------------|
| 1. aica caída | 03 |
| 2. Água Limpa | 02 |
| 3. Água Quente | 18 |
| 4. ano passado | 04 |
| 5. Barro Alto~Arto | 15 |
| 6. Capão Verde | 03 |
| 7. carne viva | 01 |
| 8. coisa boa | 02 |
| 9. dia santo | 01 |
| 10. Divino Pai Eterno | 10 |
| 11. Divino Isprito Santo | 11 |
| 12. Goiás Véi | 02 |
| 13. índio brabo | 01 |
| 14. Mata Seca | 01 |
| 15. Mata Serena | 01 |
| 16. pai véi | 01 |
| 17. Papai Grande | 02 |
| 18. Pedra Branca | 01 |
| 19. Pressão alta ~ arta | 03 |
| 20. Rii Vermei | 01 |
| 21. Rua Direita | 01 |
| 22. sarvação eterna | 01 |
| 23. tempo antigo | 02 |
| 24. Terra Branca | 06 |
| TOTAL | 93 |

Quadro dos SN rígidos com posposição do adjetivo.

Fonte: *Corpus* da tese.

Tabela 8
Posição do adjetivo nos SN rígidos
e não-rígidos

| TIPO DE ESTRUTURA | AN | % | NA | % |
|-------------------|---------|----|---------|----|
| SN RÍGIDO | 101/194 | 52 | 93/194 | 48 |
| SN NÃO-RÍGIDO | 4/207 | 2 | 203/207 | 98 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

Nos dados sob análise, foram registradas 194 SN rígidos, 48% (194/401) do total de dados, ou seja, quase a metade das ocorrências de anteposição documentadas nas amostras da fala rural goiana, sob análise, tem um SN rígido, como os que ocorrem nos enunciados (2), (3) e (4); os demais 52% (207/401) das ocorrências são de SN não-rígidos, como os que ocorrem nos enunciados (10), (14), (16), (17), (18) e (20), a seguir.

- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)
- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (10) A gente chegô pr'ái co'a **maió dificurdade** ... cū'a mulher e três filho ... e sobrô p'ra gente condo comprô as coisa p'ra passá três mês ... sobrô ùa notinha de um conto de réis ... (AV/p. 361/lhs. 1-3)
- (14) (...) antão a/é ês tá arruman' assim lá ... de Goiais Véi pra cá já vei pa Pirinópe já rumô de lá ... vamo vê se vem é pra qui ... vê se nós consegue aqui ... tá desse jeito aqui tá um **lugarzim isolado** igual sra tá ven'ái né ... (gent' 'tá) viven' aqui é de teimoso ... (TR/p. 515/lhs. 51-54)
- (16) Eu tenho ùa irmã minha que mora im Brasília ... **muito boa partera** ... (AC/p. 349/lhs. 96-97)
- (17) Nossa Mãe do céu que ... a gente dê **ũa boa direção** né pu'que todas mulhé ... geralmente o mundo de hoje 'tá um pô'co diferente ... mas todas mulhere ispera de passá por isso ... né ... as moça tudo ... né (AV/p. 350/lhs. 115-118)

- (18) nós tem o **maió gosto** de/dessa festa sê tão ... (cumprida) ninguém nunca ach' que num vai tê fim essa festa pur causa que aí vem fii vem neto vem bisneto ... é ... antão ... eu acho que ... nunca vai tê fim () não. ... (PO/p. 426/lh. 58-60)
- (20) aí el' vêii consagrô essa cas' aqui e deu p'ra nós ... mais eu quiria ùa **casa maiórrr** pu'que aí cabia (PO/p. 485/lh. 25-26)

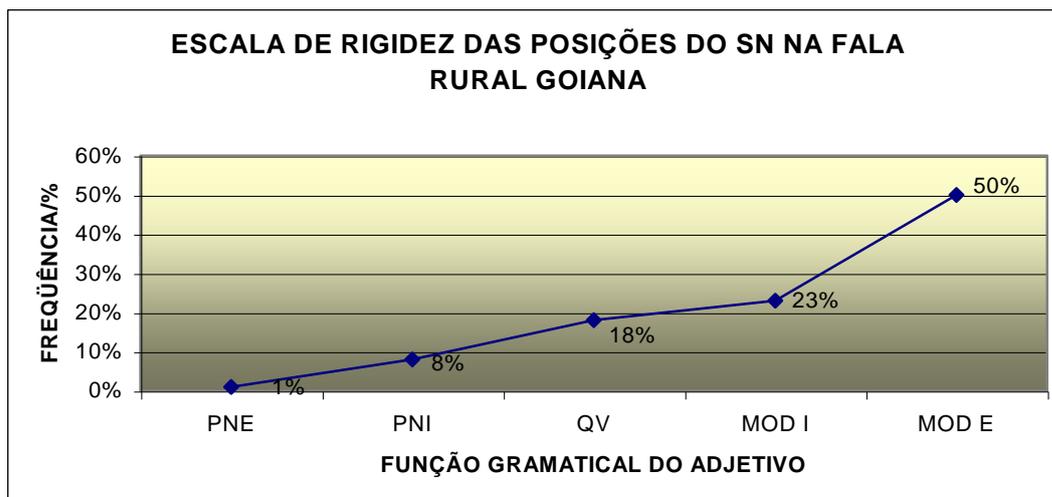
Dos 194 SN rígidos, 101 (52%) são constituídos de adjetivos antepostos ao nome (cf. enunciados (3) e (4) citados anteriormente) e 93 (48%) são formados de adjetivos pospostos ao nome (cf. enunciado (2)), indicando que os SN rígidos podem ocorrer em ambas as posições quase que na mesma proporção. Por outro lado, dos 207 SN não-rígidos, 4 (2%) são constituídos de adjetivo anteposto ao nome (enunciados (10), (16), (17) e (18)) e 203 (98%) são formados de adjetivo posposto ao nome (cf. enunciados (14) e (20)), mostrando que os SN não-rígidos ocorrem quase categoricamente com o adjetivo posposto ao nome (cf. quadros (7) e (8)).

Assim, considerando-se os totais de anteposição e posposição, 96% (101/105) dos adjetivos antepostos ao nome estão em SN rígidos, ao passo que 4% (4/105) deles ocorrem em SN não-rígidos. Dos adjetivos pospostos ao nome, 31% (93/296) ocorrem em SN rígidos e 69% (203/296) ocorrem em SN não-rígido.

Confirma-se, portanto, que os SN não-rígidos caracterizam a posposição e os SN rígidos caracterizam a anteposição, posto que a presença destes é maior na anteposição: são 101 SN rígidos contra 4 não-rígidos; na posposição, este quadro se inverte: são 93 SN rígidos contra 203 não-rígidos.

Com base na análise da constituição do SN, por meio da 'função gramatical do adjetivo' no SN e da 'possibilidade de intensificação do adjetivo', e no gráfico (3), pode-se visualizar, nos dados da fala rural goiana, a escala de rigidez das posições do SN, proposta no capítulo 2, conforme o adjetivo esteja antes ou depois do nome, como indica o gráfico (4), a seguir.

GRÁFICO (4)



Fonte: *corpus* da tese

Considerando-se que, nos dados sob análise, na anteposição, a função PNE, a menos ligada ao núcleo, é a menos freqüente e que a função Qv, a mais ligada ao núcleo, é mais freqüente, a função PNI reflete um ponto intermediário de rigidez, entre PNE, SN não-rígido, e Qv, o SN mais rígido da escala. A função ModI representa um ponto de rigidez na posposição, onde os SN rígidos (com a função ModI) são menos freqüentes (cf. tabela (8)).

Algumas tentativas de explicação para uma maior ligação entre adjetivo e nome e para a anteposição do adjetivo, em SN rígido ou não-rígido, relacionam o processo de integração entre adjetivo e nome, bem como a anteposição do adjetivo, à dimensão dos vocábulos (cf. capítulo (2)). Nesta perspectiva, o adjetivo menor que o nome favorece a anteposição e a integração entre os dois constituintes, ao passo que o adjetivo maior que o nome favorece a posposição sem, contudo, desfavorecer a integração entre os constituintes (cf. Díez (1844, *apud* WAUGH, 1977, p. 4-6); Harisson (1882, *apud* WAUGH, 1977, p. 10); CALLOU E SERRA, 2003).

Diante disso, decidi avaliar a dimensão dos vocábulos, adjetivo e nome, para verificar se, nas amostras da fala rural goiana, os SN rígidos se caracterizam pela anteposição do adjetivo menor que o nome.

Conforme o exposto no capítulo (3), a dimensão dos vocábulos é medida através do número de sílabas de cada vocábulo, sendo que o adjetivo pode ser do mesmo tamanho (mesmo número de sílabas), maior (número maior de sílabas) ou menor (número menor de sílaba) que o nome.

A tabela (9), a seguir, apresenta os resultados da distribuição do adjetivo no SN, de acordo com a dimensão dos vocábulos, adjetivo e nome, em que $A = N$ significa adjetivo com o mesmo número de sílabas que o nome, $A > N$ é igual a adjetivo maior que o nome e $A < N$ equivale a adjetivo menor que o nome.

Tabela 9
Posição do adjetivo no SN
por 'dimensão dos vocábulos'

| DIMENSÃO DOS VOCÁBULOS | AN | % | NA | % |
|------------------------|---------|----|---------|----|
| $A = N$ | 21/157 | 13 | 136/157 | 87 |
| $A > N$ | 6/90 | 7 | 84/90 | 93 |
| $A < N$ | 78/154 | 51 | 76/154 | 49 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

A tabela (9) mostra que os adjetivos com o mesmo número de sílabas que o nome ($A = N$), como os que ocorrem nos enunciados (21) e (22), a seguir, são predominantes nos dados, com 39% (157/401) das ocorrências.

- (21) é carregano **criança duente** no braço ... aquela dificuldade ... veno a hora que murria ... e o ríi antigamente cercava ... né ... a gente chegava c'a **criança duente** na bera da istrada ... o ríi 'tav' tudo chei... () (AV/p. 355/lhs. 23-26)
- (22) () mai todo lugá aqui/aqui im roda do Traíra tudo foi tirad' oro cum água ... com rego ... ês fazia rego fazia 'quês tanque no mei do (campo) né no pé da serr'assim aquês **tanque grande** juntava c'a água e daí () ar lavra () (TR/p. 519/lhs.143-145)

Os adjetivos menores que o nome ($A < N$), como em (7) e (8), a seguir, apresentam uma freqüência de 38% (154/401) das ocorrências, 1% a menos que os $A = N$.

- (7) ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é **istrada nova** viu () (AV/p. 340/lhs. 105-106)
- (8) (...) Lá é um cento agitado ... um **mau intendimento** 'contece essas coisa ... mai lá não ... num teve isso não" ... (AV/p. 359/lhs. 62-63)

Os adjetivos maiores que o nome ($A > N$), como em (23), (24) e (25), representam 22% (90/401) das ocorrências, sendo, portanto, os menos freqüentes.

- (23) o meu salarzim... é só eu mais a véia... nossa dispesa é **coisa muit'insignificante** (AV/p. 323/lhs. 47-48)
- (24) ... veiz im quando gente arraj' assim ãas **cois' antiga** ... tempo dos banderante ... feiz né () que num seja dos banderante mai o **peessoal mais antigo** daqui ... vô mostrá pa sra um negocim que um colega meu achô () esse (infeite) aqui é dos tempo dos banderante ... ó **temp' antigo** (TR/p. 519/lhs.151-155)
- (25) ... tempo de eu minino iss'aqui num tinha nem um **pasto formad'** aqui sabe tud' era mat' aqui transformô tud' im mato né (TR/p. 521/lhs. 189-190)

Dos 157 adjetivos com a mesma dimensão do nome, 21 (13%) ocorrem antepostos (veja enunciado (18), a seguir) e 136 (87%) ocorrem pospostos (cf. enunciados (21) e (22), acima); dos 154 adjetivos menores que o nome, 78 (51%) estão antepostos (cf. enunciados (10) e (16) a seguir) e 76 (49%) estão pospostos (cf. enunciado (19), a seguir); e dos 90 adjetivos maiores que o nome, 6 (7%) precedem (cf. enunciado (1), a seguir) e 84 (93%) seguem o nome (cf. enunciado (23), acima). Os $A < N$ apresentam a maior freqüência na anteposição e os $A > N$ são os mais freqüentes na posposição.

- (1) () é **Divino Pai Eterno** () é canturia é o canturia quas' é tud' é um só ... 'gora ... só que um fala num e ota é ôto né ... ã'a fal'é **Divin' Isprito Santo** e ôt' é **Divin' Pai Etern'** () (PO/ p. 392/lhs. 139-141)
- (10) A gente chegô pr'ái co'a **maió dificurdade** ... cū'a mulher e três filho ... e sobrô p'ra gente condo comprô as coisa p'ra passá três mês ... sobrô ãa notinha de um conto de réis ... (AV/p. 361/lhs. 1-3)

- (16) Eu tenho ãa irmã minha que mora im Brasília ... **muito boa partera** ... (AC/p. 349/lhs. 96-97)
- (18) nós tem o **maió gosto** de/dessa festa sê tão ... (cumprida) ninguém nunca ach' que num vai tê fim essa festa pur causa que aí vem fii vem neto vem bisneto ... é ... antão ... eu acho que ... nunca vai tê fim () não. ... (PO/p. 426/lh. 58-60)
- (19) Realmente ... cumeçô a festa pelos **tronco mais véi** da gente (PO/p. 397/lh. 6)

Com base nos resultados apresentados na tabela (9), deduz-se que, por um lado, os adjetivos iguais e maiores que o nome são predominantes na posposição e os adjetivos menores que o nome predominam na anteposição. Por outro lado, considerando-se o preenchimento da anteposição, com 20% (21/105) de adjetivo igual ao nome, 6% (6/105) de adjetivo maior que o nome e 74% (78/105) de adjetivo menor que o nome, a predominância de adjetivo menor que o nome, com uma frequência de 74%, na anteposição, é significativa. No preenchimento da posposição, com 46% (136/296) de adjetivo igual ao nome, 28% (84/296) de adjetivo maior que o nome e 26% (76/296) de adjetivo menor que o nome, predomina o adjetivo igual ao nome, com 46% de frequência.

A anteposição, portanto, é caracterizada pelos adjetivos menores que o nome e a posposição pelos adjetivos iguais ao nome. A tendência dos adjetivos maiores que o nome é ocorrerem pospostos.

Com relação à influência da 'dimensão dos vocábulos' na integração entre adjetivo e nome no SN, de modo a tornar o SN rígido, pode-se inferir que os SN com adjetivo menor que o nome são os mais rígidos, já que tanto o A < N quanto os SN rígidos são predominantes na anteposição. A tabela (10), a seguir, apresenta a distribuição da 'dimensão de vocábulo' por tipo de SN, rígido (RI) e não-rígido (N-RI).

Tabela 10
A 'dimensão dos vocábulos'
por tipo de SN (rígido e não-rígido)

| DIMENSÃO DO VOCÁBULO | TIPO DE SN | | | |
|----------------------|------------|----|-------------|----|
| | SN RÍGIDO | % | SN N-RÍGIDO | % |
| A = N | 79/157 | 50 | 78/157 | 50 |
| A > N | 28/90 | 31 | 62/90 | 69 |
| A < N | 87/154 | 56 | 67/154 | 44 |
| TOTAL | 194/401 | 48 | 207/401 | 74 |

Os dados da tabela (10) confirmam a inferência apresentada no parágrafo anterior: os A < N tendem a predominar nos SN rígidos, com 56% (87/154) de frequência, e os A > N tendem a ocorrer mais nos SN não-rígido, apresentando 69% (62/90) das ocorrências. Os A = N ocorrem igualmente nos dois tipos de SN, com 50% (79/157 e 78/157, respectivamente) de ocorrência em cada um deles. Embora nos SN rígidos predominem os A < N, os 50% (79/157) de frequência de ocorrência dos A = N, nesse tipo de SN, é significativa.

Tabela 11a
A 'dimensão dos vocábulos'
por posição do adjetivo no SN
e tipo de SN (rígido e não-rígido)

| TIPO DE SN | SN RÍGIDO | | SN NÃO-RÍGIDO | |
|------------------------|-----------|--------|---------------|---------|
| DIMENSÃO DOS VOCÁBULOS | AN | NA | AN | NA |
| A = N | 21/157 | 58/157 | 1/157 | 77/157 |
| A > N | 6/90 | 22/90 | - | 62/90 |
| A < N | 74/154 | 13/154 | 3/154 | 64/154 |
| TOTAL | 101/401 | 93/401 | 4/401 | 203/401 |

Tabela 11b
A ‘dimensão dos vocábulos’
por posição do adjetivo no SN
e tipo de SN (RI e N-RI)/%

| TIPO DE SN | RÍGIDO | | NÃO-RÍGIDO | |
|------------------------|--------|-------|------------|-------|
| | AN | NA | AN | NA |
| DIMENSÃO DOS VOCÁBULOS | | | | |
| A = N | 13,4% | 37,0% | 0,6% | 49,0% |
| A > N | 7,0% | 24,0% | - | 69,0% |
| A < N | 48,0% | 8,0% | 2,0% | 42,0% |
| TOTAL | 25,2 | 23,2 | 1,0 | 50,6 |

Considerando-se que, dos 87 SN rígidos com A < N, 74 (85%) ocorrem na anteposição, conforme mostram as tabelas (11 a, b), acima, pode-se inferir uma relação entre ‘dimensão do vocábulo’ – A < N – e posição do adjetivo no SN – anteposição. Por outro lado, os A < N antepostos funcionam como Qv e PNI (cf. enunciados (4), (6), (12), (15) e (26), a seguir), permitindo ampliar a relação para: dimensão dos vocábulos, posição do adjetivo no SN e função gramatical do item.

- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic’ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa** pessoa ... Aqui todas iscol’ajud’ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (6) Da Praça pra cá né () da Praca pra lá fica pro **Nov’ Destin’** Maih ele diss’ qu’ess’ fund’ aqui Mangabera Machadinhi qu’ele vai tomá ess’manicip’ (...) (PO/p. 384/lhs. 22-23)
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu’ ela ... mais eu fiquei saben’ que o/num sei se foi o **vei Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu’ ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (15) Então no dia 12 que é dia de **Santo Antone** () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o dia santo do **Santo Antone** (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (26) () Gente’acha que era **um mau ambiente** né (PO/p. 402/lh. 121)

Assim, a dimensão dos vocábulos aliada à posição do adjetivo no SN e à função gramatical desempenhada pelo item no SN contribuem para a caracterização da anteposição e dos SN rígidos, nos dados sob análise.

As tendências encontradas com esta análise apontam para a confirmação das hipóteses que defendem que, na LP, a dimensão dos vocábulos influencia na posição do adjetivo no SN (cf. CALLOU E SERRA, 2003).

4.2.2 Natureza do ADJETIVO

Para ampliar a descrição da constituição do SN, passa-se à descrição da natureza do adjetivo e do nome, bem como da relação entre tal natureza e a posição do adjetivo nos SN rígidos e não-rígidos. Para tanto, tomou-se por base os resultados das pesquisas realizadas sobre a posição do adjetivo no SN português (cf. capítulo (2)) e o uso do adjetivo no SN, na fala rural goiana, selecionando os seguintes traços do adjetivo: 'classe semântica', que se refere ao sentido semântico do adjetivo, entendendo-se que o sentido subjetivo reflete a avaliação ou julgamento do sujeito falante em relação ao referente do nome, e o sentido objetivo informa uma qualidade ou característica do referente, externa à avaliação do falante; e os graus comparativo, aumentativo, diminutivo, normal e superlativo.

No que se refere à classe semântica do adjetivo, com base nos critérios e nas definições expostas no parágrafo anterior e, de forma mais detalhada, nos capítulos (2) e (3), os adjetivos do *corpus* sob análise foram classificados em subjetivos (A-subjetivo) ou objetivos (A-objetivo), chegando-se aos seguintes resultados: ocorrem, ao todo, nos dados, 232 A-objetivos (itens 1-6, 8-55, 57, 59-66, 68-87, 89-97, 99-101 do quadro (6)) e 169 A-subjetivos (itens 1-7 do quadro (5) e 7, 56, 58, 67, 88, 98 do quadro (6)). Os A-objetivos ocorrem somente na posposição e os A-subjetivos ocorrem antepostos e pospostos, conforme mostra a tabela (12).

Tabela 12
Posição do adjetivo no SN, por sua 'classe semântica'

| POSICÃO DO A NO SN C. SEMÂNTICA DO A | AN | % | NA | % |
|---|---------|----|---------|-----|
| SUBJETIVO | 105/169 | 62 | 64/169 | 38 |
| OBJETIVO | 0 | 0 | 232/232 | 100 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

A tabela (12) confirma a ocorrência categórica dos A-objetivos na posposição (cf. enunciados (22) e (25)), o preenchimento categórico da anteposição por A-subjetivo, e os percentuais de ocorrência de A-subjetivo antepostos e pospostos, do tipo apresentado nos enunciados (2), (3), (4) e (5)), a seguir.

- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinquent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)
- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçu pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ãa **pessoa boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem algum (TR/p. 529/lhs. 92-95)
- (22) () mai todo lugá aqui/aqui im roda do Traíra tudo foi tirad' oro cum água ... com rego ... ês fazia rego fazia 'quês tanque no mei do (campo) né no pé da serr'assim aquês **tanque grande** juntava c'a água e daí () ar lavra () (TR/p. 519/lhs.143-145)
- (25) ... tempo de eu minino iss'aqui num tinha nem um **pasto formad'** aqui sabe tud' era mat' aqui transformô tud' im mato né (TR/p. 521/lhs. 189-190)

Os itens 'santo' e 'boa' se enquadram no segundo grupo de adjetivos – grupo dos itens que podem ocorrer antes e depois do nome (cf. seção (4.2)) – e, nos

enunciados (2), (3), (4) e (5), mantêm o sentido subjetivo em ambas as posições, embora produzindo em cada uma delas um efeito diferente de sentido, como será visto posteriormente (cf. capítulo (5)).

Ocorrem ao todo, nos dados, 169 A-subjetivos e 232 A-objetivos. 62% (105/169) dos A-subjetivos ocorrem antepostos e 38% (64/169) deles ocorrem pospostos; todos os 232 A-objetivos ocorrem pospostos. Assim, somente na posposição há alternância entre os A-subjetivos e os A-objetivos: são 22% (64/296) de A-subjetivos e 78% (232/296) de A-objetivos. A diferença entre A-objetivos e A-subjetivos, na posposição, é de 56 pontos percentuais (78% - 22%) de vantagem para A-objetivos; e a diferença entre anteposição e posposição de A-subjetivos é de 24 pontos percentuais (62% - 38%) de vantagem para a anteposição.

Os resultados da distribuição percentual da posição do adjetivo no SN, de acordo com sua classe semântica, confirmam os resultados das análises da LP e do PB, que correlacionam o sentido do adjetivo à sua posição no SN (cf. capítulo (2)).

No que tange à relação entre ‘classe semântica do adjetivo’ e tipo de SN, na anteposição e na posposição, pode-se perceber que, dado que todos os adjetivos antepostos possuem sentido subjetivo, todos os SN rígidos (veja quadros (7) e (8)), na anteposição, têm um A-subjetivo (cf. enunciados (3) e (26)). Na posposição, em que ocorrem A-subjetivos e A-objetivos, nos SN rígidos predominam os A-objetivos, como em (27) e (28), embora haja ocorrências de A-subjetivos, como mostra o enunciado (2), a seguir.

- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)
- (26) () Gente'acha que era **um mau ambiente** né (PO/p. 402/lh. 121)

- (27) () ajudass' ele miorá que era p'ra ele tirá a fulia ... e era p'a dexá o cabel' dele grande p'a/p'a batizá nos pé de Senhora D'Abadia lá ne Muquém e cortá o cabel' lá ... aí ele ficô grandão assim **cabelo grande** ... Aí a gente falava qu'era muié ((risos)) ... ficô inquanto num batizô nos pé de Senhora D'Abadia num cortô o cabelo (PO/p. 454/lhs. 489-493)
- (28) Quebrante e **aica caíd'** ele sabe () **Aica caída** ... que muntos fala né ... É ... **aica caída** ... é ispinhela mema coisa né (PO/p. 460/lh. 606)

Com relação ao grau do adjetivo, os 'comparativos, os 'aumentativos' e os 'diminutivos' ocorrem categoricamente pospostos e os adjetivos no grau 'normal' e no 'superlativo' ocorrem em ambas as posições (veja tabela (13), a seguir).

Tabela 13
Posição do adjetivo no SN,
por 'grau do adjetivo'

| POSIÇÃO DO A GRAU DO A | AN | | NA | |
|---------------------------|----------------|-----------|----------------|-----------|
| | | % | | % |
| AUMENTATIVO | 0/2 | 0 | 2/2 | 100 |
| DIMINUTIVO | 0/15 | 0 | 15/15 | 100 |
| COMPARATIVO | 0/24 | 0 | 24/24 | 100 |
| SUPERLATIVO | 3/17 | 18 | 14/17 | 82 |
| NORMAL | 102/343 | 30 | 241/343 | 70 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

A tabela (13) mostra que o adjetivo no grau aumentativo, conforme evidencia o enunciado (29), a seguir, é o menos freqüente nos dados e ocorre somente na posposição. Os adjetivos nos graus diminutivo e comparativo, da forma apresentada em (30) e (31), respectivamente, são mais freqüentes que o aumentativo e, como este, só ocorrem na posposição. Os adjetivos nos graus aumentativo, diminutivo e comparativo, portanto, não são significativos para a caracterização nem da anteposição nem da posposição do adjetivo.

O adjetivo no grau superlativo, como em (20) e (32), ocorre tanto na anteposição quanto na posposição, mas somente em SN não-rígido (cf. quadros (7) e (8)). Na anteposição, todos os SN rígidos (as 71 ocorrências de Qv e as 31 de PNI) são constituídos de adjetivo no grau normal e todos os SN não-rígidos (as três ocorrências

de PNE, com o adjetivo ‘maió’) possuem adjetivo no grau superlativo. O adjetivo no grau normal, como no enunciado (33), predomina na anteposição e na posposição.

- (20) aí el' vêii consagrô essa cas' aqui e deu p'ra nós ... mais eu quiria ãa **casa maiórrr** pu'que aí cabia (PO/p. 485/lh. 25-26)
- (29) Os fio ... um 'tá im Goiana e ... e dois 'tá im Brasília () tinha quato mais um morreu n'água () o mais véio () morreu na qualidade de cinquenta ano () 'tão dois fio... um **fio sorterão** e oto () (TR/p. 379/lhs. 2-4)
- (30) É ... e o São Sebastião é o due/padruero daqui sabe ... Antão robaro (aqui) e os pad' trocô o São Sebastião ... ês trocô tirô o () que era daqui do Traíra ... ês trocô e vei ot'a **imaginha piqueninha** ... (TR/p. 516/lhs. 61-63)
- (31) Eu ach'o **violão mais difici que ela** ... E acho o **violão muito mais bunito p'a tocá** () **que ni viola** ... p'a quem sabe tocá n'um violão eu acho muito mais bunito ... Eu ... num sei tocá num 'prindii não () fazê zuada mais ... p'a tocá memo ... igual'esses cantor da rádia ... (PO/p. 470/lhs. 65-68)
- (32) Depoisi ... a **maió coisa** que eu tive foi um dia na casa do meu pai... O sujeito chegô e falô “Ô seu Binidito ... ieu/ ieu sei rezá ãa oração... vô tirá esse trem do sr” (PO/p. 497/lhs. 5-6)
- (33) Já tirei ... já tirei no Pombá ... já tirei fulia de Reis aqui ... no Capão Verde... lá onde a/lá no/perto/Santa Rita lá de **Novo Destino** ... po lá tudo nós circula tiran' fulia de Reis (PO/p. 475/lh.186-188)

Em suma, das 105 ocorrências de adjetivos antepostos, 102 são constituídas de adjetivos no grau normal, funcionando como PNI ou Qv, e 3 possuem adjetivos no grau superlativo, funcionando como PNE. Das 296 ocorrências de adjetivos pospostos, 241 apresentam adjetivo no grau normal, sendo que 93 funcionam como ModI e 148 funcionam como ModE.

Pode-se afirmar, então, que o adjetivo, em SN rígidos (PNI, Qv e ModI), na posposição ou na anteposição, ocorre exclusivamente no grau normal. Dado que 97% (102/105) das ocorrências de anteposição são preenchidas por SN rígidos, a presença de adjetivo no grau normal na anteposição é quase categórica. Assim, os graus normal e superlativo distinguem os SN rígidos (PNI e Qv-grau normal) dos não-rígidos (PNE-grau superlativo), na anteposição, ao passo que os graus normal e superlativo, comparativo, diminutivo e aumentativo distinguem os SN rígidos (ModI-grau normal)

dos não-rígidos (ModE-graus normal, comparativo, diminutivo, aumentativo, superlativo), na posposição.

4.2.3 Natureza do NOME

Os traços que compõem a natureza do nome, que emergem dos dados e que podem ser relevantes para a compreensão do fenômeno sob análise, são o 'grau do nome' (aumentativo, diminutivo e normal), 'traço semântico₁ [MATERIAL, IMATERIAL]', 'traço semântico₂ [CONTÁVEL, NÃO-CONTÁVEL]', 'traço semântico₃ [COMUM, NÃO-COMUM]', 'traço semântico₄ [HUMANO, NÃO-HUMANO, ANIMADO, INANIMADO, SAGRADO]' (cf. capítulo (3)).

A análise do grau do nome revela que, nos dados sob estudo, dependendo da gradação do nome, o adjetivo pode ocorrer antes ou depois do núcleo ou somente posposto ao núcleo. Veja a tabela (14), a seguir.

Tabela 14
Posição do adjetivo no SN,
por 'grau do nome'

| ORDEM GRAU DO N | AN | % | NA | % |
|--------------------|-------------|-----|---------|-----|
| | AUMENTATIVO | 0/6 | 0 | 6/6 |
| DIMINUTIVO | 9/21 | 43 | 12/21 | 57 |
| NORMAL | 96/374 | 26 | 278/374 | 74 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

De acordo com a tabela (14), quando o nome está no grau 'aumentativo', o adjetivo ocorre categoricamente na posposição (100% dos dados) (veja enunciados (34) e (35), a seguir).

- (34) A história é isso... qu'ela ganhô ãa primera minina... **mininona forte** qu'era ãa beleza... ãa **mininona... moreninha...** do rosto finim... o cabelo pretim... vinh' assim... mai' ãa minina... num er' purquê é minha filha não... ãa minina... eu

num sei que interval foi 'quela naceu e ficô duas horas... viva... deu tempo p'ra batizá... (AV/p. 349/lhs. 86-90)

- (35) ...e aí essa cadeia desse tipo... morava n'ũa fazenda daqui ãa légua... meu pai... onde eu naci... de lá eles viu ãa fumaça subin'... subiu aquea **fumaçona preta** ele foi falô "Vô lá na () oiá o quê que é 'quilo tá ãa **fumaçona preta** lá"... naquele tempo a cavalo né selô um cavalo lá () chegô 'qui ea já tava incendiada queman'... quemô... tinh' um preso dent' quemô (esse) não teve jeito de tirá... (TR/p. 526/lhs. 9-14)

Por outro lado, se o grau do nome for 'normal' o adjetivo pode ocorrer antes ou depois do nome, como mostram os enunciados (4) e (5):

- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçu pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ãa **pessoa boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem argum (TR/p. 529/lhs. 92-95)

Nos SN, em que o nome está no grau diminutivo, o adjetivo ocorre sistematicamente na posposição, da forma apresentada em (36), a seguir, exceto pelos SN rígidos (veja enunciado (37), a seguir).

- (36) ...iguale esses dias eu 'tava viajano lá p'ra Mina vê minha mãe... a ein' vê tanta **bunequinha bunita**... que () dá vontade de casá... no séro memo uai... num é? Todas pessoa tem coração... né... (AV/p. 350/lhs. 131-133)

Nos SN rígidos, formados de adjetivos (na função Qv) e nome próprio no grau diminutivo, como em (37) e (38), o adjetivo sempre precede o nome.

- (37) É pu'que ... essa fulia qu'eu tô falano p'a sinhor' aqui ... que girava de trinta dia ... e'a já vinha de **São Bentinh** ... sra. já 'viu falá de **São Bentinh**? Aqui no rii () essa/essa capel'é que nóir num/é/é a igreja do Pai Eterno ... (PO/p. 478/lhs. 249-251)

- (38) Ah no Pombal aqui que eu sei é/é ess' aqui de São Sebastião é ... da **véia Caiminha** que é de/de Senhora da Cunceição dia/dia/dia não lá da/dêis é Senhora da Cunceição ... só que êis faiz é dia 30 de/de/dia 31 de outubro ... (PO/p. 426/lhs. 64-66)

Embora o grau 'normal' do nome seja predominante tanto na anteposição, ocorrendo em 91% (96/105) dos casos, quanto na posposição, estando presente em 94% (278/296) das ocorrências, sua maior frequência está na posposição: das 374 ocorrências de nome com o grau 'normal', 96 (26%) são precedidos e 278 (74%) são seguidos pelo adjetivo. Com relação aos 'diminutivos', em 43% (9/21) dos casos, o adjetivo ocorre posposto e em 57% (12/21) ocorre anteposto. Os núcleos no grau diminutivo preenchem 9% (9/105) das anteposições e 4% (12/296) das posposições.

A diferença entre os percentuais de ocorrência de nome-diminutivo e nome-normal, com vantagem para nome-normal, é de 82 pontos percentuais (91% - 9%) na anteposição e de 90 pontos percentuais (94% - 4%) na posposição. Visto de outra forma, a diferença entre os percentuais de ocorrência de nome-diminutivo na anteposição e na posposição é de 14 pontos percentuais (57% - 43%) de vantagem para a posposição; e entre os percentuais de ocorrência de nome-normal na anteposição e na posposição é de 48 pontos percentuais (74% - 26%) para a posposição. Ou seja, as vantagens estão na posposição e no grau 'normal' do nome, indicando que, dentre os graus do nome, predomina o grau 'normal', e, dentre as duas possibilidades de ordenação dos constituintes, predomina a posposição, sendo que o nome no grau 'normal' é predominante na anteposição e na posposição.

No que concerne ao traço semântico₁ [MATERIAL, IMATERIAL], entende-se que o nome [MATERIAL] é aquele, cujo referente é concreto, como 'cabelo', 'terra' etc. (cf. enunciado (27) a seguir) e o nome [IMATERIAL] é aquele, cujo referente é abstrato, como 'dificuldade', 'gosto' etc. (cf. enunciado (10)). Os dados da análise estão na tabela (15), a seguir:

Tabela 15
Posição do adjetivo no SN,
por 'traço semântico₁' do nome

| TRAÇO SEMÂNTICO ₁ DO N | AN | % | NA | % |
|-----------------------------------|---------|----|---------|----|
| MATERIAL | 17/255 | 7 | 238/255 | 93 |
| IMATERIAL | 88/146 | 60 | 58/146 | 40 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

A tabela (15) mostra que, na anteposição, predomina o nome com o traço [IMATERIAL] (enunciado (10)), apresentando uma frequência de 84% (88/105) das ocorrências, contra 16% (17/105) de nome com o traço [MATERIAL] (enunciado (4)). Na posposição, predomina o nome com o traço [MATERIAL] (enunciado (27)), com 80% (238/296) das ocorrências, contra 20% (58/296) de nome com o traço [IMATERIAL] (enunciado (11)).

- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (10) A gente chegô pr'ái co'a **maió dificurdade** ... cū'a mulher e três filho ... e sobró p'ra gente condo comprô as coisa p'ra passá três mês ... sobró ãa notinha de um conto de réis ... (AV/p. 361/lhs. 1-3)
- (11) Meus fii que num aprendeu num foi curpa minha ... A **dor máió** que eu tenh' é num sabê assiná o nome. (PO/p. 483/lh. 350-351)
- (27) () ajudass' ele miorá que era p'ra ele tirá a fulia ... e era p'a dexá o cabel' dele grande p'a/p'a batizá nos pé de Senhora D'Abadia lá ne Muquém e cortá o cabel' lá ... aí ele ficô grandão assim **cabelo grande** ... Aí a gente falava qu'era muié ((risos)) ... ficô inquanto num batizô nos pé de Senhora D'Abadia num cortô o cabelo (PO/p. 454/lhs. 489-493)

Dos 255 nomes com o traço [MATERIAL], 17 (7%) ocorrem na anteposição e 238 (93%) ocorrem na posposição. Por outro lado, dos 146 nomes com o traço [IMATERIAL], 88 (60%) ocorrem na anteposição e 58 (40%) ocorrem na posposição.

A diferença no percentual de ocorrência de nome [MATERIAL], na anteposição e na posposição, é de 86 pontos percentuais (93% - 7%) de vantagem para a posposição, e de nome [IMATERIAL] é de 20 pontos percentuais (60% - 40%) de vantagem para a anteposição. Na anteposição, por sua vez, a diferença entre os percentuais de ocorrências de nome [MATERIAL] e nome [IMATERIAL] é de 68 pontos percentuais (84% - 16%) de vantagem para nome [IMATERIAL], ao passo que, na posposição, a diferença é de 60 pontos percentuais (80% - 20%) de vantagem para nome [MATERIAL]. Os resultados indicam, portanto, que, dentre as características do nome, o traço semântico [IMATERIAL] caracteriza a anteposição ao passo que o traço semântico [MATERIAL] caracteriza a posposição.

O traço semântico [MATERIAL, IMATERIAL] do nome pode ainda opor anteposição e posposição com SN rígidos: em 15,8% (16/101) das ocorrências de SN rígidos com adjetivo anteposto ao nome, o núcleo é [MATERIAL], como em (4) e (12); e em 84,2% (85/101), o núcleo é [IMATERIAL], como ocorre nos enunciados (8) e (10). Na posposição, ocorre o contrário: são 33,3% (31/93) de ocorrências de SN rígidos com núcleo [IMATERIAL], como em (9) e (11), e 66,7% (62/93) de ocorrências de SN rígidos com núcleo [MATERIAL], como em (5) e (27), confirmando o resultado da análise geral, ou seja, predominância do núcleo [MATERIAL] em SN com adjetivo posposto e a predominância do núcleo [IMATERIAL] em SN com adjetivo anteposto.

- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçu pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ùa **pessoa boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem argum (TR/p. 529/lhs. 92-95)
- (8) (...) Lá é um cento agitado ... um **mau intendmento** 'contece essas coisa ... mai lá não ... num teve isso não" ... (AV/p. 359/lhs. 62-63)
- (9) cumeçô esse **isprito mau** nas fazenda que era do meu pai no Veredão e lá er'um sítio e cumeçô dá/ jogá pedra e depois ... é/é ... veiz im quand' um tapa num né (PO/p. 505/lh. 1-2)

- (10) A gente chegô pr'áí co'a **maió dificurdade** ... cū'a mulher e três filho ... e sobrô p'ra gente condo comprô as coisa p'ra passá três mês ... sobrô ãa notinha de um conto de réis ... (AV/p. 361/lhs. 1-3)
- (11) Meus fii que num aprendeu num foi curpa minha ... A **dor máió** que eu tenh' é num sabê assiná o nome. (PO/p. 483/lh. 350-351)
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei saben' que o/num sei se foi o **veí Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (27) () ajudass' ele miorá que era p'ra ele tirá a fulia ... e era p'a dexá o cabel' dele grande p'a/p'a batizá nos pé de Senhora D'Abadia lá ne Muquém e cortá o cabel' lá ... aí ele ficô grandão assim **cabelo grande** ... Aí a gente falava qu'era muié ((risos)) ... ficô inquanto num batizô nos pé de Senhora D'Abadia num cortô o cabelo (PO/p. 454/lhs. 489-493)

No que se refere aos SN não-rígidos, na anteposição, 75% das ocorrências (3/4) possuem núcleo [IMATERIAL], como em (17), e 25% (1/4) possuem núcleo [MATERIAL], como em (16); na posposição, 13% (27/203) das ocorrências são com núcleo [IMATERIAL], como em (11), e 87% (176/203) são com núcleo [MATERIAL], como em (20).

- (11) Meus fii que num aprendeu num foi curpa minha ... A **dor máió** que eu tenh' é num sabê assiná o nome. (PO/p. 483/lh. 350-351)
- (16) Eu tenho ãa irmã minha que mora im Brasília ... **muito boa partera** ... (AC/p. 349/lhs. 96-97)
- (17) Nossa Mãe do céu que ... a gente dê **ũa boa direção** né pu'que todas mulhé ... geralmente o mundo de hoje 'tá um pô'co diferente ... mas todas mulhere ispera de passá por isso ... né ... as moça tudo ... né (AV/p. 350/lhs. 115-118)
- (20) aí el' vêii consagrô essa cas' aqui e deu p'ra nós ... mais eu quiria ãa **casa maiórrr** pu'que aí cabia (PO/p. 485/lh. 25-26)

Assim, conclui-se que o traço [MATERIAL/IMATERIAL] do nome caracteriza a posição do adjetivo no SN, opondo anteposição, com predomínio do núcleo [IMATERIAL], à posposição, com predomínio do núcleo [MATERIAL], tanto em SN rígidos quanto em SN não-rígidos.

O traço semântico₂ do nome se refere aos traços [CONTÁVEL, NÃO-CONTÁVEL], que é a possibilidade de o nome ser ou não flexionado em número. Os resultados desta análise são os seguintes:

Tabela 16
Posição do adjetivo no SN,
por 'traço semântico₂' do nome do nome

| TRAÇO SEMÂNTICO ₂ DO N | AN | % | NA | % |
|-----------------------------------|---------|----|---------|----|
| CONTÁVEL | 8/194 | 4 | 186/194 | 96 |
| NÃO-CONTÁVEL | 97/207 | 47 | 110/207 | 53 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

De acordo com os resultados formalizados na tabela (16), na anteposição predominam os nomes com o traço [NÃO-CONTÁVEL] e na posposição predominam os nomes com o traço [CONTÁVEL]: dos adjetivos antepostos, 8% (8/105) precedem um nome [CONTÁVEL] (cf. enunciado (4)) e 92% (97/105) precedem um nome [NÃO-CONTÁVEL] (cf. enunciados (12) e (15)); dos adjetivos pospostos, 63% (186/296) seguem um nome [CONTÁVEL] (cf. enunciado (7)) e 37% (110/296) seguem um nome [NÃO-CONTÁVEL] (cf. enunciado (1)).

- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (7) ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é **istrada nova** viu () (AV/p. 340/lhs. 105-106)
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei saben' que o/num sei se foi o **vei Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (15) Então no dia 12 que é dia de **Santo Antone** () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o dia santo do **Santo Antone** (PO/p. 399/lhs.41-42)

Do total de ocorrências de nome [CONTÁVEL], 194, 4% (8/194) são precedidos pelo adjetivo e 96% (186/194) são seguidos pelo adjetivo; das 207

ocorrências de nome [NÃO-CONTÁVEL], 47% (97/207) estão na anteposição, e 53% (110/207) estão na posposição.

A diferença entre os percentuais de ocorrência de anteposição e posposição com nome [CONTÁVEL] é de 92 pontos (96% - 4%) de vantagem para a posposição; e com nome [NÃO-CONTÁVEL] é de 6 pontos (53% - 47%) de vantagem para a anteposição. Ou seja, a vantagem da anteposição sobre a posposição, com nome [NÃO-CONTÁVEL], é menor que a vantagem da posposição sobre a anteposição com nome [CONTÁVEL].

A diferença entre os percentuais de ocorrência de nome [CONTÁVEL] e nome [NÃO-CONTÁVEL] na anteposição (105 ocorrências) é de 84 pontos (92% - 8%) de vantagem para nome [NÃO-CONTÁVEL]; e na posposição (296 ocorrências) é de 26 pontos (63% - 37%) de vantagem para nome [CONTÁVEL].

Os resultados, indicam que, em um SN, cujo núcleo seja um nome [NÃO-CONTÁVEL], predomina a anteposição e, em um SN, cujo núcleo seja um nome [CONTÁVEL], predomina a posposição.

É importante destacar que a maioria dos nomes com o traço [NÃO-CONTÁVEL] são nomes próprios, portanto, precedidos de adjetivos não-intensificáveis, funcionando como Qv ou PNI, na anteposição, e seguidos de adjetivos não-intensificáveis, funcionando como ModI, na posposição, integrando SN rígidos, em ambas as posições. Desta forma, o traço [CONTÁVEL/NÃO-CONTÁVEL] do nome caracteriza também os SN rígidos nos dados. Assim, a anteposição e os SN rígidos se caracterizam pelo núcleo [NÃO-CONTÁVEL], e a posposição e os SN não-rígidos se caracterizam pelo núcleo [CONTÁVEL].

No que se refere à distribuição do traço semântico₃ do nome [COMUM, NÃO-COMUM], que trata da posição do adjetivo no SN, cujo núcleo seja um nome com os traços [COMUM] ou [NÃO-COMUM], os resultados são significativos, como mostra a tabela (17):

Tabela 17
Posição do adjetivo no SN,
por 'traço semântico₃' do nome

| TRAÇO SEMÂNTICO ₃ DO N | AN | % | NA | % |
|--------------------------------------|---------|----|---------|----|
| COMUM | 34/327 | 10 | 293/327 | 90 |
| NÃO-COMUM | 71/74 | 96 | 3/74 | 4 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

De acordo com a tabela (17), 10% (34/327) dos nomes [COMUM], tais como os que estão nos enunciados (4) e (7), ocorrem na anteposição e 90% (293/327) ocorrem na posposição. Dos nomes [NÃO-COMUM], como os que ocorrem nos enunciados (12) e (15), 96% (71/74) estão na anteposição e 4% (3/74) estão na posposição.

- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aquí todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (7) ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é **istrada nova** viu () (AV/p. 340/lhs. 105-106)
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei sabem' que o/num sei se foi o **vej Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (15) Então no dia 12 que é dia de **Santo Antone** () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o dia santo do **Santo Antone** (PO/p. 399/lhs.41-42)

Na anteposição, 32% (34/105) dos nomes possuem o traço [COMUM] e 68% (71/105) possuem o traço [NÃO-COMUM]. Na posposição, 99% (293/296) dos nomes são [COMUM] e 1% (3/296) têm o traço [NÃO-COMUM]. Das três ocorrências de SN com núcleo [NÃO-COMUM], duas são de SN rígido (cf. enunciado (39) a seguir) e uma é de SN não-rígido (veja enunciado (40)).

- (39) (...) que era pa vim restorá 'qui foi aonde im **Goiais Véio** deu aquele prijuízo aquela casa que a enchente derrubô né (TR/p. 514/lhs. 23-24)
- (40) Uns fala qu'ê () otos fal' qu'ê acesso ... Deus que nos defende... pelo amor de Deus até ... nunca vi ... num desejo vê ... num desejo que ninguém vê... ô **Deus poderosoh** ... num guento nem pensá ... intão dali foi as duas hora da madrugada... só repitino... sabe... (AV/p. 350/lh. 109-112)

O traço [COMUM/NÃO-COMUM] do nome opõe anteposição/SN rígido, com predominância de núcleo [NÃO-COMUM], à posposição/SN não-rígido, onde predominam os núcleos [COMUM].

Na análise do traço semântico₄ do nome [ANIMADO (HUMANO, NÃO-HUMANO), SAGRADO, INANIMADO], em respeito ao grau de animacidade do referente do nome, conforme já mencionado no capítulo (3), o traço [SAGRADO] foi introduzido para cobrir os elementos sagrados, que não se enquadram nas categorias 'animado', 'humano', 'não-humano' e 'inanimado', tendo em vista as concepções que as comunidades estudadas têm de sagrado (cf. capítulos (1) e (3)). Os dados encontrados com esta análise são os seguintes:

Tabela 18
Posição do adjetivo no SN,
por 'traço semântico₄ do nome'

| TRAÇO SEMÂNTICO ₄ DO N | AN | % | NA | % |
|-----------------------------------|---------|----|---------|-----|
| HUMANO | 17/103 | 17 | 86/103 | 83 |
| NÃO-HUMANO | 0/42 | 0 | 42/42 | 100 |
| SAGRADO | 69/94 | 73 | 25/94 | 27 |
| INANIMADO | 19/162 | 12 | 143/162 | 88 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

De acordo com a tabela (18), os nomes com o traço [ANIMADO]/[NÃO-HUMANO], como nos enunciados (41) e (42), ocorrem categoricamente seguidos pelo adjetivo. Dos nomes com o traço [ANIMADO]/[HUMANO], 17% (17/103) são precedidos e 83% (86/103) são seguidos por adjetivo (cf. enunciados (5) e (16)). Dos 94

nomes com o traço [SAGRADO], 73% (69/94) são precedidos por adjetivo e 27% (25/94) são seguidos por adjetivo (cf. enunciados (1) e (9)).

- (1) () é **Divino Pai Eterno** () é canturia é o canturia quas' é tud' é um só ... 'gora ... só que um fala num e ota é ôto né ... ã'a fal'é **Divin' Isprito Santo** e ôt' é **Divin' Pai Etern'** () (PO/ p. 392/lhs. 139-141)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçú pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ãa **pessoa boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem argum (TR/p. 529/lhs. 92-95)
- (7) ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é **istrada nova** viu () (AV/p. 340/lhs. 105-106)
- (9) cumeçô esse **isprito mau** nas fazenda que era do meu pai no Veredão e lá er'um sítio e cumeçô dá/ jogá pedra e depois ... é/é ... veiz im quand' um tapa num né (PO/p. 505/lh. 1-2)
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei saben' que o/num sei se foi o **vej Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (15) Então no dia 12 que é dia de **Santo Antone** () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o dia santo do **Santo Antone** (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (16) Eu tenho ãa irmã minha que mora im Brasília ... **muito boa partera** ... (AC/p. 349/lhs. 96-97)
- (17) Nossa Mãe do céu que ... a gente dê **ãa boa direção** né pu'que todas mulhé ... geralmente o mundo de hoje 'tá um pô'co diferente ... mas todas mulhere ispera de passá por isso ... né ... as moça tudo ... né (AV/p. 350/lhs. 115-118)
- (41) Pássa ... mais é a pessoa que sabe nadá e do **animal bom ... forte** ... passava lá ... ficav' assim meis intero sem ninguém travessá o rii ... (AV/p. 325/lh. 93-94)
- (42) () tem **cachorro bão** que () {E'a () 'ssim oh}cachorro pega pelo rast' e/e corr' ele ... ele toca no buraco e 'cê vai e tira () (PO/p. 426/lhs. 64-66)

A grande maioria dos nomes com o traço [INANIMADO], como no enunciado (20), repetido a seguir, isto é, 88% (143/162), são seguidos pelo adjetivo.

- (20) aí el' vêii consagrô essa cas' aqui e deu p'ra nós ... mais eu quiria ùa **casa maiórrr** pu'que aí cabia (PO/p. 485/lh. 25-26)

A diferença entre os percentuais de ocorrência de nome [HUMANO], na anteposição e na posposição, é de 66 pontos percentuais (83% - 17%) de vantagem para a posposição; e entre os percentuais de ocorrência de nome [SAGRADO] é de 46 pontos percentuais de vantagem para a anteposição.

Os nomes que possuem os traços [ANIMADO (HUMANO)], [SAGRADO], [NÃO-COMUM] e [NÃO-CONTÁVEL] são realizados pelos mesmos itens lexicais e, os que ocorrem na anteposição, são precedidos pelos Qv 'véi/o/a' e 'santo/a/são' e pelo PNI 'divino'; e todos eles constituem SN rígidos.

Os quadros (9) e (10), a seguir, resumem as características estruturais da constituição da anteposição e da posposição, nos SN rígidos e nos SN não-rígidos, na fala rural goiana:

(9)

| ANTEPOSIÇÃO | POSPOSIÇÃO |
|------------------------------|-------------------------------|
| <i>A menor que N</i> | <i>A maior que N</i> |
| <i>A superlativo</i> | <i>A no grau normal</i> |
| <i>A intensificável</i> | <i>A intensificável</i> |
| Função Gramatical <i>PNE</i> | Função Gramatical <i>ModE</i> |
| <i>A-Subjetivo</i> | <i>A-Objetivo</i> |
| <i>N no grau normal</i> | <i>N no grau normal</i> |
| <i>N imaterial</i> | <i>N material</i> |
| <i>N contável</i> | <i>N contável</i> |
| <i>N comum</i> | <i>N comum</i> |
| <i>N não-humano</i> | <i>N inanimado</i> |

Quadro das características estruturais predominantes na anteposição e na posposição, em SN não-rígidos.

(10)

| ANTEPOSIÇÃO | POSPOSIÇÃO |
|-----------------------------|-------------------------------|
| <i>A menor que N</i> | <i>A igual a N</i> |
| <i>A no grau normal</i> | <i>A no grau normal</i> |
| <i>A não-intensificável</i> | <i>A intensificável</i> |
| Função Gramatical <i>Qv</i> | Função Gramatical <i>ModI</i> |
| <i>A-Subjetivo</i> | <i>A-Objetivo</i> |
| <i>N no grau normal</i> | <i>N no grau normal</i> |
| <i>N imaterial</i> | <i>N material</i> |
| <i>N não-contável</i> | <i>N contável</i> |
| <i>N não-comum</i> | <i>N comum</i> |
| <i>N sagrado e humano</i> | <i>N inanimado</i> |

Quadro das características estruturais predominantes na anteposição e na posposição, em SN rígido

Os quadros (9) e (10) mostram que alguns traços do adjetivo e do nome, como ‘dimensão dos vocábulos’, ‘sentido objetivo ou subjetivo’ do adjetivo, nome ‘material ou imaterial’ caracterizam a posição ocupada pelo adjetivo no SN, opondo anteposição à posposição. Outros traços, como ‘grau do adjetivo’, ‘possibilidade de intensificação do adjetivo’, nome ‘contável ou não-contável’, nome ‘comum ou não-comum’, nome ‘humano, não-humano, sagrado e inanimado’, são caracterizadores do tipo de SN, distinguindo os rígidos dos não-rígidos, opondo, ainda, os rígidos com anteposição aos rígidos com posposição do adjetivo.

O resultado da análise da distribuição do adjetivo no SN e da constituição do SN, na anteposição e na posposição, na fala rural goiana, conduz ao seguinte raciocínio: se a anteposição, nos dados, está praticamente restrita a SN rígidos, e se a função predominante nestes SN é a função *Qv*, sendo que esta função cobre os títulos honoríficos e nomes de família (cf. Mendes, 2000; e capítulo (2) desta), então, os itens que funcionam como *Qv*, e até mesmo alguns PNI, não podem ser considerados adjetivos. Estes itens perderam – exceção para alguns PNI – o estatuto de adjetivo e adquiriram o estatuto de títulos honoríficos (os nomes de santos) e formas de tratamento (vé~véio/a). Logo, das 105 ocorrências de AN vão restar apenas 04, as que funcionam como PNE e PNI. São elas:

- (10) A gente chegô pr'aí co'a **maió** **dificurdade** ... cû'a mulher e três filho ... e sobrô p'ra gente condo comprô as coisa p'ra passá três mês ... sobrô ãa notinha de um conto de réis ... (AV/p. 361/lhs. 1-3)
- (16) Eu tenho ãa irmã minha que mora im Brasília ... **muito** **boa** **partera** ... (AC/p. 349/lhs. 96-97)
- (17) Nossa Mãe do céu que ... a gente dê **ũa** **boa** **direção** né pu'que todas mulhé ... geralmente o mundo de hoje 'tá um pô'co diferente ... mas todas mulhere ispera de passá por isso ... né ... as moça tudo ... né (AV/p. 350/lhs. 115-118)
- (18) nós tem o **maió** **gosto** de/dessa festa sê tão ... (cumprida) ninguém nunca ach' que num vai tê fim essa festa pur causa que aí vem fii vem neto vem bisneto ... é ... antão ... eu acho que ... nunca vai tê fim () não. ... (PO/p. 426/lh. 58-60)

Considerando a alteração na função gramatical de alguns adjetivos, o item 'maió', em combinações do tipo daquelas que ocorrem nos enunciados (10) e (18), por exemplo, tende a perder o status de adjetivo e a ser interpretado como um intensificador. Se o nome modificado for um nome [IMATERIAL], como nos enunciados mencionados, o status de adjetivo do item se torna ainda mais tênue. A rigor, portanto, nem mesmo os PNE podem ser considerados como adjetivo. Diante disso, o termo 'adjetivo' continuará a ser usado, nos capítulos subseqüentes, em referência tão somente à classe gramatical 'adjetivo'.

Itens como 'maió' e 'boa', que funcionam como PNE, e 'mau', 'boa', 'novo/a' e 'santo/a', que funcionam como PNI, podem funcionar também como ModI ou ModE, conforme mostram os enunciados (2), (3), (5), (6), (7), (9) e (11), abaixo.

- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia** **santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eis seis anos ... Trabalha **todo** **santo** **dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçú pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ãa **pessoa** **boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem algum (TR/p. 529/lhs. 92-95)

- (6) Da Praça pra cá né () da Praca pra lá fica pro **Nov' Destin'** Maih ele diss' qu'ess' fund'aqui Mangabera Machadinhi qu'ele vai tomá ess'manicip' (...) (PO/p. 384/lhs. 22-23)
- (7) ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é **istrada nova** viu () (AV/p. 340/lhs. 105-106)
- (9) cumeçô esse **isprito mau** nas fazenda que era do meu pai no Veredão e lá er'um sítio e cumeçô dá/ jogá pedra e depois ... é/é ... veiz im quand' um tapa num né (PO/p. 505/lh. 1-2)
- (11) Meus fii que num aprendeu num foi curpa minha ... A **dor maió** que eu tenh' é num sabê assiná o nome. (PO/p. 483/lh. 350-351)

Em todas as ocorrências de combinações entre adjetivo e nome, na anteposição ou na posposição, em SN rígidos ou não-rígidos, nos dados sob estudo, de acordo com os resultados apresentados neste capítulo, o falante não tem escolha quanto à posição do adjetivo no SN: para dizer que alguém trabalha todos os dias regularmente, deve colocar o adjetivo antes do nome (todo santo dia) e para se referir a um dia que é consagrado a um santo, deve colocar o adjetivo depois do nome (dia santo). O efeito de sentido produzido pelo enunciado, nestes casos, depende fundamentalmente da posição dos constituintes no SN, e a posição dos constituintes no SN define, sobremaneira, o efeito de sentido de cada enunciado.

Sendo assim, pode-se afirmar que há um contexto lingüístico específico de ocorrência da anteposição na fala rural goiana, os SN de estruturas rígidas (SN rígidos). Os adjetivos dos grupos 1 e 2 (seção (4.2)), respectivamente, aqueles que ocorrem somente antepostos e aqueles que ocorrem antepostos e pospostos, funcionando como Qv, PNI e ModI, são os principais constituidores dos SN rígidos.

Da mesma forma que os SN rígidos, os SN não-rígidos, na anteposição, possuem adjetivos que admitem a inversão da ordem com comprometimento semântico (cf. grupo 2 de adjetivos, na seção (4.2)), tendo em vista que o efeito de sentido produzido pelo enunciado na anteposição é diferente daquele produzido na posposição.

Desta maneira, pode-se afirmar que o falante não tem liberdade de escolher a posição dos constituintes do SN.

4.3 Distribuição da anteposição por informante

Os resultados da análise da posição do adjetivo no SN, nas amostras da fala rural goiana, nas seções (4.1) e (4.2), mostraram que, nesta variedade lingüística do PB, o fenômeno em questão não constitui um fenômeno variável, uma vez que o falante não possui liberdade de escolha da posição do adjetivo no SN.

Por outro lado, tendo em vista que características lingüísticas podem, de fato, ser influenciadas por características sócio-culturais e históricas das comunidades de fala e/ou pelo perfil dos falantes – idade, escolaridade, ocupação e grau de interação intra e entre comunidades –, propõe-se, na presente seção, verificar se os diferentes perfis de falantes entrevistados podem apresentar diferentes freqüências de ocorrência da anteposição, pois, como pode ser observado na tabela (5), na seção (4.1), as três comunidades de fala, sob estudo, de forma geral, apresentam a mesma tendência à posposição do adjetivo, embora com freqüências de ocorrência da anteposição diferentes para cada comunidade.

O resultado da freqüência de ocorrência da anteposição, nos dados sob análise, de acordo com o perfil dos falantes entrevistados, está apresentado na tabela (19). Nesta tabela, as características socioculturais apresentadas são os graus de interação intra (interação I) e inter (interação E) comunidades. As demais características consideradas, que se mostraram pouco ou nada significantes para a presente discussão, são as apresentadas no quadro (4) do capítulo (3).

Tabela 19
Distribuição percentual de AN por falante

| POSICÃO INFORMANTE | AN | % | INTERAÇÃO I | INTERAÇÃO E |
|-------------------------------------|------------|-------------|--------------------|--------------------|
| PUAN (1) | 9 | 8.5% | alta | média |
| PUAG (2) | 5 | 5.0% | baixa | baixa |
| CHIBE (4) | 9 | 8.5% | alta | alta |
| CHITO (7) | 1 | 0.9% | média | baixa |
| PUMAJE (8) | 1 | 0.9% | alta | alta |
| PUOL (10) | 28 | 27% | alta | alta |
| SEBON (11) | 1 | 0.9% | média | média |
| PUNB (14) | 5 | 5.0% | média | média |
| PUSB (16) | 3 | 3.0% | média | média |
| POBEV (20) | 9 | 8.5% | alta | alta |
| FATUA (23) | 3 | 3.0% | alta | alta |
| FATUB (24) | 2 | 2.0% | alta | alta |
| AVIC (25) | 2 | 2.0% | alta | alta |
| AVICA (28) | 3 | 3.0% | alta | alta |
| AVID (29) | 2 | 2.0% | alta | alta |
| AVIE (30) | 2 | 2.0% | alta | alta |
| FATUI (34) | 2 | 2.0% | baixa | baixa |
| FOJOPE (36) | 18 | 17% | alta | alta |
| TOTAL | 105 | 100 | - | - |

Fonte: *corpus* da tese

Dos 38 entrevistados (17 mulheres e 21 homens), 18 empregam a anteposição; destes, 12 são do sexo masculino e 6 são do sexo feminino.

As mais altas taxas de frequência de anteposição (28 e 18 ocorrências) são registradas, respectivamente, nas falas de dois homens, um (PUOL) de 57 anos de idade, casado, lavrador, analfabeto, e outro (FOJOPE) de 70 anos de idade, separado, lavrador e analfabeto, ambos são líderes de suas respectivas comunidades e possuem alto grau de mobilidade interna e externa (cf. as faixas azuis da tabela (19)), estabelecendo diferentes tipos de interação social e gozando de alto prestígio entre seus pares.

As falas de dois homens – um (POBEV) com 74 anos de idade, viúvo, lavrador e analfabeto e outro (CHIBE) com 46 anos de idade, casado, lavrador e

analfabeto, ambos com alto grau de mobilidade interna e externa, com perfil e atividades de líderes, portanto, com tipos de interação diferentes de outros membros das comunidades de fala e gozando de alto grau de prestígio entre seus pares – e de uma mulher (PUAN) com 53 anos de idade, casada, merendeira, analfabeta, com alto grau de mobilidade interna e médio grau de mobilidade externa, apresentam 9 ocorrências de anteposição (cf. as faixas rosas da tabela (19)). Entre os demais informantes, 8 no total, apresentando entre 1 e 5 ocorrências de anteposição, há homens e mulheres, todos analfabetos, situados em diferentes faixas etárias e com diferentes graus de mobilidade.

Os informantes, em cujas falas estão registradas as maiores taxas de frequência de anteposição, apresentam perfis socioculturais semelhantes, exceto pelo gênero e grau de mobilidade: os homens e a mulher são analfabetos, os homens possuem alto grau de mobilidade interna e externa e a mulher possui alto grau de mobilidade interna e médio grau de mobilidade externa, relacionando, na fala dos homens, as altas taxas de ocorrência de anteposição ao alto grau de mobilidade dos falantes.

No entanto, outros falantes do sexo masculino, com alto grau de mobilidade interna e externa, lavradores e analfabetos apresentam baixa taxa de frequência de anteposição, como é o caso de FATUB (23), AVIC (24) e AVID (28). As informantes PUMAJE (8), com 32 anos de idade, casada, professora, com Ensino Médio completo, com mobilidade interna e externa alta e SEBON (11), com aproximadamente 75 anos de idade, viúva, dona-de-casa, analfabeta, com média mobilidade interna e externa apresentam, em suas falas, 1 ocorrência de anteposição, equivalente a 9% (1/105) das ocorrências de anteposição nos dados.

Apesar de alguns informantes, com alto grau de mobilidade interna e externa, apresentarem alta frequência de anteposição, um grande número de informantes, também com alto grau de mobilidade, apresenta baixas taxas de frequência de anteposição, levando à conclusão de que a posição do adjetivo no SN não é influenciada, nem negativamente nem positivamente, pelo perfil sócio-cultural do informante.

As análises lingüísticas, realizadas nas seções (4.1) e (4.2), e extra-lingüística, realizada na seção (4.3), mostram que, considerando-se que as ocorrências de anteposição estão praticamente restritas aos SN rígidos, a ordenação do adjetivo em relação ao nome, na fala rural goiana, está praticamente fixada na posposição.

As ocorrências de anteposição, envolvendo classes particulares de adjetivos e de nomes, em combinações específicas, podem ser entendidas como resíduos históricos, de uma fase em que a anteposição era mais produtiva na língua.

Assim, considerando-se o sistema e a história da LP, assume-se que o fenômeno da posição do adjetivo no SN, na fala rural goiana, reflete um estágio da mudança AN>NA, em curso na LP e no PB, conforme discutido no capítulo (2). Neste raciocínio, a escala de rigidez das posições do SN (esquema (3)), um pressuposto sincrônico, pode ser interpretada como o reflexo, no estágio atual da língua, do processo de cristalização dos SN constituídos de determinados adjetivos combinados a determinados nomes. Este processo vem se desenvolvendo nas línguas românicas, a longo prazo, com vistas ao realinhamento tipológico SOV/AN > SVO/NA. Portanto, o SN rígido é, na verdade, um SN ou uma estrutura *cristalizada*, e assim deve ser entendido e descrito.

CAPÍTULO 5

A CRISTALIZAÇÃO DE ESTRUTURAS NOMINAIS NA FALA RURAL GOIANA

O objetivo do presente capítulo é descrever o processo de cristalização de estruturas nominais, a partir da posição do adjetivo no SN rígido, com anteposição e com posposição, nas amostras da fala rural goiana, com base nos resultados apresentados no capítulo (4).

A estrutura cristalizada (daqui em diante EC), unidade de análise do presente capítulo, é uma interpretação diacrônica do SN rígido, formado por nome e adjetivo, em relação de contigüidade, apresentando unidade de sentido e forma, e cujos constituintes (adjetivo e nome) sejam imóveis na estrutura. Sua contra-parte é a estrutura não-cristalizada (doravante En-C), ou SN não-rígido.

Segundo Waugh (1977: 54), uma configuração ocorre na língua não por ser dada na língua como uma combinação fixa, mas porque a língua lhe confere uma função semântica que não é preenchida por outra configuração. Desta forma, defende-se que o uso cristaliza uma dada função sintática, envolta em uma combinação de sentido lexical definido, com uma função semântica determinada, resultando em um efeito de sentido único.

Nobre (1989), ao traçar o caminho da cristalização das estruturas, afirma que a *alta frequência* de algumas formas leva-as a um *forte grau de rigidez*, resultando na *perda da individualidade semântica* do nome e do adjetivo, os quais se fundem, originando uma terceira *expressão lexicalizada* ou em vias de lexicalização. Da mesma forma, Lyons (1981), com base em Sapir (1980 [1920]), defende que o uso freqüente de um SN com denotação fixa confere a este o status de lexema.

Cohen (1990) defende, com base nos resultados de sua análise (vide capítulo 4), que a freqüência de uso de alguns adjetivos antepostos, combinados a classes específicas de nomes, acarreta o esvaziamento semântico do adjetivo, resultando na

cristalização do SN, que passa a ser interpretado como um vocábulo composto ou uma frase-feita.

Enfim, para a maioria dos autores consultados (LYONS, 1981, 1968; WAUGH, 1977; COHEN, 1990; NOBRE, 1989; JAKOBSON, *apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), a alta frequência de uso de algumas combinações leva-as a adquirir gradativamente uma referência unificada (WAUGH, 1977) e/ou uma denotação fixa (LYONS, 1981, 1968), resultando em sua cristalização. Este processo, segundo Givón (1979, *apud* Nobre, 1989), faz parte do desenvolvimento natural das línguas.

Os pressupostos apresentados nos parágrafos anteriores, a Teoria das Propriedades Sintagmáticas e o Princípio da Carga Funcional (LYONS, 1981, 1968; JAKOBSON, *apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), conforme detalhados no capítulo (2), compõem o referencial teórico que orienta a análise das estruturas cristalizadas registradas nos dados sob análise.

Com base no referencial teórico proposto, com a finalidade de descrever o processo de cristalização das estruturas nominais, serão verificados nos dados: (i) o efeito de contraste, que reflete o peso da carga funcional das oposições e (ii) a situação de modificação que envolve cada combinação entre adjetivo e nome, resultando em diferentes *efeitos de combinação* e de *sentido*.

Uma análise desta natureza pode contribuir com o entendimento do que sejam “contextos especiais” de ocorrência da ordem AN, nas línguas românicas (MAROUZEAU, 1923), e o que Borges Neto (1991), Boff (1991), Menuzzi (1992) e Neves (2000), respectivamente, chamam de “adjetivos problemáticos”, “sentido especial” e “contextos particulares”, que caracterizam, para eles, a ordem AN, na LP.

5.1 Estruturas cristalizadas na fala rural goiana

As EC nas ordens AN e NA, encontradas no *corpus* sob análise, foram as seguintes:

(11)

| ESTRUTURAS CRISTALIZADAS NA ORDEM AN | OCORRÊNCIAS |
|---|-------------|
| 1. boa intenção | 01 |
| 2. boa pessoa | 03 |
| 3. boa tarde | 03 |
| 4. boa vontade | 02 |
| 5. Divino Isprito Santo | 04 |
| 6. Divino Pai Eterno | 06 |
| 7. maió coisa | 01 |
| 8. mau ambiente | 01 |
| 9. mau entendimento | 01 |
| 10. Novo Destino | 07 |
| 11. Santo~São/a + N-próprio (nome de santo) | 58 |
| 12. santo dia | 01 |
| 13. Véi~véio/a + N-próprio (forma de tratamento) | 13 |
| TOTAL | 101 |

Quadro das estruturas cristalizadas na ordem AN.

Fonte: *Corpus* da tese.

(12)

| ESTRUTURAS CRISTALIZADAS NA ORDEM NA | OCORRÊNCIAS |
|--------------------------------------|-------------|
| 1. aica caída | 03 |
| 2. Água Limpa | 02 |
| 3. Água Quente | 18 |
| 4. ano passado | 04 |
| 5. Barro Alto~Arto | 15 |
| 6. Capão Verde | 03 |
| 7. carne viva | 01 |
| 8. coisa boa | 02 |
| 9. dia santo | 01 |
| 10. Divino Pai Eterno | 10 |
| 11. Divino Isprito Santo | 11 |
| 12. Goiás Véi | 02 |
| 13. índio brabo | 01 |
| 14. Mata Seca | 01 |
| 15. Mata Serena | 01 |
| 16. pai véi | 01 |
| 17. Papai Grande | 02 |
| 18. Pedra Branca | 01 |
| 19. Pressão alta ~ arta | 03 |
| 20. Rii Vermei | 01 |
| 21. Rua Direita | 01 |
| 22. sarvação eterna | 01 |
| 23. tempo antigo | 02 |
| 24. Terra Branca | 06 |
| TOTAL | 93 |

Quadro das estruturas cristalizadas na ordem NA.

Fonte: *Corpus* da tese.

De acordo com os quadros (11) e (12), as EC, nos dados sob análise, são formadas a partir de 101 ocorrências de 13 combinações diferentes, na ordem AN, e 93 ocorrências de 24 combinações diferentes, na ordem NA.

As EC encontradas nos dados, seja em AN ou em NA, podem ser distribuídas em 4 grupos, de acordo com sua função na língua e no uso social:

1. expressões cotidianas (18 EC: itens 1-4, 7-9, 12 do quadro (5), e itens 1, 4, 7-9, 13, 16, 17, 19, 22 e 23 do quadro (6));
2. nomes de santo (5 EC: itens 5, 6 e 11 do quadro (5), e itens 10 e 11 do quadro (6));
3. topônimos (12 EC: item 10 do quadro (5) e itens 2, 3, 5, 6, 12, 14, 15, 18, 20, 21 e 24 do quadro (6));
4. formas de tratamento pessoal (1 EC: item 13 do quadro (5))

As EC formadas a partir de combinações resultantes de *expressões cotidianas*, que são expressões usadas no dia-a-dia, nas relações pessoais, para cumprimentos, etc., cujos adjetivos funcionam como PNI, são as menos cristalizadas. Elas constituem a maioria, na anteposição, apesar de não serem as mais recorrentes. As EC mais recorrentes são aquelas que indicam nomes de santo (item 9, do quadro (05)), seguidas pelo topônimo “Novo Destino” (item 10, do quadro (05)) e pela forma de tratamento pessoal ‘véi~véio/a’ (item 7, do quadro (05)). Na ordem NA, as EC mais recorrentes são as que funcionam como topônimos, seguidas pelas que funcionam como nome de santo.

Os topônimos entram em uma determinada comunidade, com uma ordem pré-estabelecida e não cabe ao falante escolher como ordenar os constituintes de sua estrutura. Se o topônimo entrar com a ordem AN, como é o caso de “Novo Destino”, o falante não inverte para NA, “Destino Novo”. A alteração nos topônimos, assim como a troca de um topônimo por outro, é tão imposta à comunidade de fala quanto a própria denominação de um lugar. A ação do falante reside em aceitar, ou não, ou em adotar, ou não, a troca¹. Assim, os topônimos já entram no repertório da comunidade de forma cristalizada e imóvel. Neste tipo de EC, os adjetivos podem funcionar como PNE ou

¹ Traíras, por exemplo, teve seu nome trocado para Tupiraçaba. Entretanto, à época, os habitantes não aceitaram nem adotaram o novo nome e as autoridades locais, de Niquelândia, decidiram por voltar o nome do lugar para Traíras. Faz Tudo, distrito de Niquelândia, em cuja área rural localiza-se a comunidade de Acaba Vida, tem por topônimo oficial o nome Taveira. Todavia, os habitantes só se referem ao lugar por meio do nome Faz Tudo.

PNI, pois o que determina seu grau de cristalização não é, propriamente, sua função sintática, mas sua natureza arbitrária.

Os nomes de santo se estruturam a partir da anteposição dos itens ‘santo/a’, a um nome próprio (*Santo Antõin*), ‘divino’, a isprito santo (*Divino Isprito Santo*) e pai eterno (*Divino Pai Eterno*), e da posposição dos itens ‘santo’, a isprito, e ‘eterno’, a pai, (respectivamente *Divino Isprito Santo* e *Divino Pai Eterno*). Como denominação de divindades, estas estruturas são fixas.

A forma de tratamento pessoal realizada pelo Qv ‘véi/véio/a’, como todo Qv, ocorre sistematicamente diante de nome próprio. Nas amostras da fala rural de Goiás, sob análise, não foi registrada ocorrência do adjetivo ‘véi’, na ordem AN, funcionando como PNE ou PNI.

O processo de cristalização de cada combinação entre adjetivo e nome, nas duas ordens, será descrito nas seções a seguir, a partir de cada um dos grupos apontados acima, de acordo com os princípios descritivos propostos anteriormente.

5.2 O efeito de contraste entre AN e NA nas estruturas cristalizadas

Nesta seção, com base na descrição da natureza do adjetivo e do nome nos SN rígidos e não-rígidos, realizada no capítulo anterior, analisam-se os pares mínimos ou quase pares mínimos, para estabelecer o peso da carga funcional de alguns contrastes lingüísticos, desde as estruturas menos até as mais cristalizadas, do *corpus* sob análise.

Conforme o exposto no capítulo (2), a carga funcional de um contraste em uma determinada língua é entendida como o grau de importância do contraste entre duas ou mais unidades. Se um dado contraste for necessário para distinguir enunciados diferentes em sentido, sua carga funcional será considerada alta; se ocorrer o contrário, a carga funcional do contraste será considerada baixa.

A importância da carga funcional dos contrastes entre EC/AN e EC/NA, como categorias distintivas na língua, pode ser medida por meio (i) da distribuição das unidades lingüísticas (A/N e EC/En-C em AN/NA), (ii) da frequência de ocorrência das unidades lingüísticas (A/N e AN/NA) em contraste e (iii) do conteúdo de informação de cada elemento e de cada ordem (para mais detalhes sobre o Princípio da Carga Funcional, veja capítulo (2)).

5.2.1 Distribuição dos elementos na EC e estabelecimento do contraste entre AN/NA

A análise dos SN rígidos e não-rígidos, realizada no capítulo precedente, permite deduzir que as estruturas nominais podem ser cristalizadas na ordem AN e na ordem NA. Apesar disso, nos dados sob análise, a presença de EC em AN é quase categórica e, em algumas EC, formadas pela combinação dos mesmos elementos, a interpretação do enunciado em AN se opõe à sua interpretação em NA, sugerindo que a distribuição dos elementos (adjetivo e nome), no SN, opõe AN à NA, podendo, por isso, influenciar no processo de cristalização das estruturas.

Diante do exposto e dado que a distribuição dos elementos nas estruturas é um critério importante na verificação do grau de contraste entre estruturas e enunciados de uma língua, nesta subseção, será verificada a importância da carga funcional dos contrastes (EC/AN e EC/NA), por meio da análise da distribuição dos elementos nas EC, considerando-se cada um dos grupos de EC apresentados anteriormente (cf. subseção (6.1)).

Como ponto de partida da análise, consideremos as seguintes combinações do adjetivo ‘mau’, nas ordens AN e NA:

- (1) a. **mau** ambiente (enunciado (26))
- b. **mau** entendimento (enunciado (8))
- c. espírito **mau** (enunciado (9))

- (8) (...) Lá é um cento agitado ... um **mau** **intendimento** ‘contece essas coisa ... mai lá não ... num teve isso não’ ... (AV/p. 359/lhs. 62-63)
- (9) cumeçô esse **isprito mau** nas fazenda que era do meu pai no Veredão e lá er’um sítio e cumeçô dá/ jogá pedra e depois ... é/é ... veiz im quand’ um tapa num né (PO/p. 505/lh. 1-2)
- (26) () Gente’acha que era **um mau ambiente** né (PO/p. 402/lh. 121)

Nos enunciados (8), (9) e (26), a palavra fonológica ‘mau’ não constitui propriamente diferentes palavras gramaticais² ao ser combinada com os nomes ‘ambiente’, ‘intendimento’ e ‘isprito’, ou conforme ocorra em AN ou em NA. Há diferentes nuances de sentido, mas não há contraste nem formal nem de sentido entre os adjetivos em cada combinação ou entre as combinações em AN e NA. Pode-se considerar, então, que o adjetivo ‘mau’, em (8), (9) e (26), é a mesma palavra gramatical, tanto na ordem AN quanto na ordem NA.

Consideremos, agora, o seguinte par mínimo:

- (2) a. **boa** pessoa (enunciado (4))
 b. pessoa **boa** (enunciado (5))
- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic’ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa** **pessoa** ... Aqùi todas iscol’ajud’ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit’ aí lá no Uruaçú pu’que inricô logo os/foi prefeito eee gent’ ia lá er’ um movimentão é ùa **pessoa boa** mais foi ‘caban’ ‘caban’ e morreu logo os fii morer’ tamém novo num sei se tem argum (TR/p. 529/lhs. 92-95)

Da mesma forma que ‘mau’, o adjetivo ‘boa’ não forma diferentes palavras gramaticais em (4) e (5). Trata-se da mesma palavra gramatical, embora com diferentes

² Os conceitos de ‘palavras fonológicas’ – formas que apresentam um mesmo segmento sonoro – e ‘palavras gramaticais’ – formas que apresentam as mesmas funções gramaticais ou, pelo menos, produzem o mesmo efeito de sentido se combinadas a outras formas da língua – estão apresentados e discutidos no capítulo (2).

nuanças de sentido, de acordo com sua distribuição no SN. A importância do contraste nas combinações apresentadas em ((1) a, b, c) e em ((2) a, b) é mínima, indicando que as ordens AN e NA, nos enunciados (8), (9), (26) e (4), (5), não estão em relação contrastiva. Portanto, sua carga funcional é considerada baixa.

O par mínimo com o adjetivo ‘santo’ indica uma situação diferente:

- (3) a. dia **santo** (enunciado (2))
- b. **todo santo** dia (enunciado (3))
- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)

A distribuição de ‘santo’ no SN cria, claramente, uma oposição de sentido entre os enunciados (2) e (3). Trata-se de dois enunciados diferentes, pois a palavra fonológica ‘santo’ realiza duas palavras gramaticais, uma em AN, enunciado (2), e outra, em NA, enunciado (3). As duas palavras gramaticais estão em distribuição contrastiva, uma vez que uma (PNI) só ocorre antes do nome e a outra (ModI) só ocorre depois do nome. O mesmo pode ser dito de ‘santo’ combinado a um nome próprio, conforme nos enunciados (43) e (44), a seguir.

- (43) Aí 12 de junho é a festa () **Santo Antonho** Sábado d’ Alilua é a festa de **São Binidito** e lá no Pombal é festa de Nossa Senhora da Cunceição () ... (PO/414/lhs.31-33)
- (44) Esse que é nosso sistema véi antigoh é fulia de Nossa Senhora D’Abadia fulia de **Divino Pai Eterno ... Divino Ispuirto Santo ...** é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)

A forma ‘santo’, em “Santo Antõin”, não é equivalente a ‘santo’, em “Ispiuerto Santo”, são duas palavras gramaticais, cada uma com sua própria função e seu próprio sentido. O item ‘santo’, então, cria oposição entre as ordens AN e NA, como em (2)/(3) e (43)/(44), por contrastar as funções gramaticais PNI e Qv, em AN, com ModI, em NA.

Todavia, nos enunciados (2) e (3), nota-se que a combinação “dia santo” está em contraste com “*todo* santo dia” e não apenas com “santo dia”, ou seja, a EC em (3) não é constituída somente de adjetivo (santo) e nome (dia), mas de: pré-determinante (PDet)-*todo* + pré-núcleo interno (PNI)-*santo* + núcleo (NSN)-*dia*. A importância da carga funcional do contraste parece depender da distribuição dos elementos no SN e do conteúdo de informação de toda a estrutura. Esta questão será retomada e detalhada em (5.2.3).

Consideremos, agora, a forma ‘véi~véio’, nas ocorrências (12), (13), (45) e (46), de (4), a seguir:

- (4) a. **véi** Aldo (enunciado (12))
 b. pai **véi** [“avô”] (enunciado (13))
 c. **sinhô** Zico (enunciado (46))
 d. sistema **véi** ... antigo (enunciado (45))
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu’ ela ... mais eu fiquei sabên’ que o/num sei se foi o **veí Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu’ ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (13) Foi ... ele naceu ... ‘tava cum ... um ano de idade minha mãe morreu ... Aí ... quando ela ‘tava duente p’a morrê ... (ela cismô de dá ele a **pai véi**) ela falô assim "ó ... se eu morrê ... Seixas eu num vô dexá não purque vai dá muito trabai pr’oçais" ... (PO/468/lhs. 26-28)
- (45) Esse que é nosso **sistema véi antigoh** é fulia de Nossa Senhora D’Abadia fulia de Divino Pai Eterno ... Divino Ispiuerto Santo_... é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)

- (46) Essa festa minha sinhora foi cumeçada num sei nem cumo porque cond' eu vi a/a/o d'onde cumeçô () né eu era menó eu 'tava piqueno má eu cunhici quem tocv' ela é/é a véa Ro/ véa Raimunda e o **sinhô Zico** () na Água Quente ... Sinhora já 'viu falá na Água Quente? (PO/388/lhs. 60-63)

Em (12), 'véi' funciona como uma forma de tratamento pessoal (Qv) e está em distribuição equivalente com 'sinhô', de (46). Em (13) e (45), 'véi' funciona como um ModI e, mesmo ocorrendo depois do nome, realiza duas palavras gramaticais diferentes: "pai véi" é uma palavra composta, equivalente em sentido à palavra "avô", portanto, com referência única (avô); e em "sistema véi", em que o sentido do adjetivo 'véi' é reforçado pelo adjetivo 'antigo', há a modificação nominal do nome pelo adjetivo.

O item 'véi', nos enunciados (12), (13) e (45) realiza diferentes palavras gramaticais, não necessariamente por sua posição no SN, mas pela natureza do nome com o qual estabelece a combinação. Neste caso, assim como acontece na combinação (3), com os itens 'santo' e 'dia', a distribuição dos elementos no SN é importante, mas não é suficiente, para o estabelecimento do contraste entre as formas e entre as combinações.

É importante destacar, ainda, que, exceto por 'divino', todos os adjetivos que ocorrem em EC/AN ocorrem também em NA, tanto em EC como em En-C. Isto sugere que o grau de contraste, nas EC, entre as ordens AN e NA, é estabelecido também em virtude da alteração no conteúdo de informação das EC, uma vez que a posição ocupada pelo constituinte no SN, por si só, não altera sua interpretação no enunciado ou a interpretação do enunciado.

Em outras palavras: se para 'santo' combinado ao nome 'dia' a distribuição dos elementos no SN é distintiva e, portanto, fundamental para o estabelecimento do contraste entre AN e NA, para 'véi' a distribuição não é o fator mais importante, pois o contraste formal, com este adjetivo, pode ser observado entre duas ocorrências (enunciados (13) e (45)), na mesma ordem, com alta carga funcional.

Ademais, mesmo na distribuição de 'santo', em combinação com 'dia', claramente relevante para o estabelecimento do contraste, a presença de um terceiro

constituente na EC “*todo santo dia*” chama a atenção para algo mais, além da distribuição dos elementos na estrutura.

Conclui-se, pois, que a distribuição dos elementos no SN pode ser importante para o estabelecimento do contraste entre AN e NA, em algumas combinações, entre determinadas classes de adjetivos e de nomes, mas não em todas as combinações, evidenciando que a distribuição dos elementos no SN, por si só, não é suficiente para aumentar a carga funcional de um contraste.

5.2.2 Frequência das unidades lingüísticas em EC e En-C

As estruturas mais freqüentes, no total dos dados, são as En-C (207/401), predominantes na ordem NA (93/296); na ordem AN, predominam as EC (101/105). No quadro das EC, conforme apresentado na seção (5.1), as estruturas mais recorrentes são as mais cristalizadas, apresentando um pequeno número de itens lexicais resultando em um número considerável de combinações.

Considerando-se as classes propostas para agrupar as EC, a mais freqüente, em AN, é a dos nomes de santo (grupo 2), seguida pela dos topônimos (grupo 3) e pela das formas de tratamento pessoal (grupo 4). O grupo das expressões cotidianas, o (1), é o que apresenta freqüência mais baixa e menor grau de cristalização. Na ordem NA, o grupo com freqüência mais alta é o dos topônimos, seguido pelo grupo dos nomes de santo e pelas expressões do cotidiano; não há formas de tratamento pessoal na ordem NA.

Com relação aos adjetivos, os mais freqüentes são: ‘santo~são/a’: 71 ocorrências, sendo 59 em AN e 12 em NA, todas em EC; ‘véi~véio/a’: 42 ocorrências, sendo 13 em AN e 29 em NA, as 13 ocorrências em AN formam EC e, das 29 ocorrências em NA, 3 formam EC e 26 formam En-C; ‘bom~bão/boa’: 27 ocorrências, sendo 11 em AN, 9 em EC e 2 em En-C, e 16 em NA, 1 em EC e 15 em En-C; ‘quente’: 22 ocorrências em NA, formando EC; ‘alto/a’: 19 ocorrências em NA, formando EC;

‘branco/a’: 16 ocorrências em NA, 3 em EC e 13 em En-C; ‘novo/a’: 15 ocorrências, 7 em AN, formando EC, e 8 em NA, formando En-C; ‘antigo/a’: com 11 ocorrências em NA, formando En-C; ‘eterno/a’: 11 ocorrências em NA, formando EC; ‘divino’: 10 ocorrências em AN, formando EC; ‘grande’: 9 ocorrências em NA, 2 formando EC e 7 formando En-C; ‘bonito/a’: 5 ocorrências em NA, todas em En-C; ‘maió’: 5 ocorrências, 3 em AN, sendo que 2 formam EC e uma forma En-C, e 2 em NA, formando En-C; ‘passado’: ocorre 04 vezes, em NA, formando EC; ‘vivo’: 4 ocorrências em NA, 1 forma EC e 3 formam En-C; ‘azu’, ‘preto’ e ‘pequeno’ ocorrem 4 vezes cada um, todas as ocorrências em NA, formando En-C; ‘mau’: ocorre 3 vezes, sendo 2 em AN, uma formando EC e a outra não, e 1 em NA, formando En-C; os itens a seguir ocorrem 3 vezes cada um, em NA, sendo que ‘caída’ e ‘verde’ formam EC, e ‘soltero’, ‘moça’, ‘moreno’, ‘forte’, ‘inchado’ e ‘difíci’ formam En-C; os adjetivos que se seguem ocorrem 2 vezes cada um, em NA, formando EC: ‘vermei’, ‘limpa’, e em NA, formando En-C: ‘sobterrâino’, ‘ruim’, ‘robada’, ‘quadrado’, ‘puro’, ‘particulá’, ‘liso’, ‘caçula’, ‘diferente’, ‘duente’, ‘errado’, ‘galego’, ‘isquisito’, ‘maicado’; 58 adjetivos ocorrem 1 vez cada, em NA, sendo que 4 deles, ‘brabo’, ‘seca’, ‘serena’ e ‘direita’, formam EC e o restante forma En-C.

Os adjetivos mais freqüentes, nos dados sob análise, ocorrem em AN, constituem EC, funcionam como Qv ou PNI e estão relacionados à religiosidade católica (santo, divino, eterno) e ao passado, seja por meio da referência ao passado (antigo/a ↔ véi/o/a), seja como forma de tratamento dos mais velhos (véi/véio/véia ↔ sinhô/ra), que representam, na atualidade, “os tronco mais véi” (os antepassados) da comunidade, da forma indicada pelos enunciados (3), (4), (12), (43), (44), (45), (46), citados anteriormente e repetidos a seguir.

- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)
- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fíia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei sabem' que o/num sei se foi o **vei Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)

- (43) Aí 12 de junho é a festa () **Santo Antonho** Sábado d' Alilua é a festa de **São Binidito** e lá no Pombal é festa de Nossa Senhora da Cunceição () ... (PO/414/lhs.31-33)
- (44) Esse que é nosso sistema véi antigoh é fulia de Nossa Senhora D'Abadia fulia de **Divino Pai Eterno ... Divino Ispurto Santo**... é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)
- (45) Esse que é nosso **sistema véi antigoh** é fulia de Nossa Senhora D'Abadia fulia de Divino Pai Eterno ... Divino Ispurto Santo... é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)
- (46) Essa festa minha sinhora foi cumeçada num sei nem cumo purque cond' eu vi a/a/o d'onde cumeçô () né eu era menó eu 'tava piqueno má eu cunhici quem tocv' ela é/é a véa Ro/ véa Raimunda e o **sinhô Zico** () na Água Quente ... Sinhora já 'viu falá na Água Quente? (PO/388/lhs. 60-63)

Por sua vez, as EC mais freqüentes são, de forma geral, os topônimos, seguidos pelos nomes de santo (cf. enunciados (33), (43) e (44), a seguir), que são as estruturas mais cristalizadas.

(33) Já tirei ... já tirei no Pombá ... já tirei fulia de Reis aqui ... no Capão Verde... lá onde a/lá no/perto/Santa Rita lá de **Novo Destino** ... po lá tudo nós circula tiran' fulia de Reis (PO/p. 475/lh.186-188)

- (43) Aí 12 de junho é a festa () **Santo Antonho** Sábado d' Alilua é a festa de **São Binidito** e lá no Pombal é festa de Nossa Senhora da Cunceição () ... (PO/414/lhs.31-33)
- (44) Esse que é nosso sistema véi antigoh é fulia de Nossa Senhora D'Abadia fulia de **Divino Pai Eterno ... Divino Ispurto Santo**... é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)

Com relação à ordenação dos constituintes no SN, predominam, na ordem AN, os nomes de santo, seguidos pelos topônimos, a forma de tratamento com 'véi + nome próprio' e as expressões do cotidiano, nas quais predomina o adjetivo 'bom'; e na ordem NA, os topônimos lideram, seguidos dos nomes de santo e das expressões do cotidiano.

Nas EC do grupo ‘expressões do cotidiano’, o item mais freqüente é ‘boa’, em “boa pessoa” e “pessoa boa” (cf. enunciados (4) e (5) da combinação (2)), de média freqüência no total das EC, e cujos enunciados estão relacionados ao discurso cristão, na expressão das virtudes e qualidades dos fiéis, e na forma de cumprimento, como em “boa tarde” (cf. item (1) do Quadro (5), no capítulo (4)).

Estes resultados confirmam, em parte, as análises de Cohen (1990) para a LP, que mostram que a freqüência da ordem AN, nos dados do século XIV ao XX, estava atrelada a dois adjetivos (*itens gatilho*), ‘bom’ e ‘grande’, que eram os mais freqüentes na anteposição, e os resultados de Lima (2000), que apontam como itens gatilho, em dados escritos do catalão, os adjetivos ‘bon’, ‘gran’, ‘noble’, ‘notable’ e ‘bel’.

Na LP, segundo Cohen (1990), do século XIV ao XX, à medida que a freqüência de uso de AN diminuía, caía também a freqüência de uso dos itens gatilhos, tendendo a anteposição a ser preenchida por vocábulos compostos (*compounds*) e frases-feitas (*set phrases*), contendo os itens gatilhos, com sentido subjetivo (qualificativo para autora). Ou seja, os adjetivos mais freqüentes foram conservados na ordem AN porque sua estrutura foi cristalizada naquela ordem. Os resultados da autora, portanto, indicam que os SN que contêm adjetivos de alta freqüência, combinados a determinadas classes de nome, tendem à cristalização.

Nos dados sob análise, a ordem AN ocorre quase categoricamente em EC, contendo os adjetivos mais freqüentes nos dados, chegando mesmo a resultar em um processo não só de atribuição de status de lexema às estruturas, como em “santo dia” (enunciado (3)), “dia santo” (enunciado (2)) e “pai véi” (enunciado (13)), mas também de mudança de função gramatical de alguns adjetivos, como ‘santo/a’ e ‘véi/a’ prepostos a nome próprio (enunciados (15) e (12) respectivamente), confirmando a hipótese de Cohen, constante do parágrafo precedente.

Dado que o uso da ordem AN na LP, de acordo com os resultados de diferentes análises (cf. capítulo (2)), vem diminuindo gradativamente, restringindo-se a ocorrências de estruturas cristalizadas, com a ordem AN enrijecida, a hipótese de Cohen

parece se sustentar também para a fala urbana. Esta questão é aprofundada posteriormente, no capítulo (6).

Lingüistas e gramáticos que se dedicam ao estudo dos processos de mudança, por meio da atribuição do *status* de lexema a estruturas complexas e da emergência de funções gramaticais oriundas de formas lexicais plenas³ (cf., por exemplo, LYONS, 1968, 1981; NOBRE, 1989; NEVES, 2000, 2001), apontam a frequência de uso como uma condição importante para a formação de lexemas a partir de sintagmas, que é um dos aspectos da capacidade de ampliação e modificação das línguas, dentro das possibilidades e da produtividade de cada sistema lingüístico.

Lyons (1981, pp. 277-280) ilustra esse ponto de vista com os SN “neve poenta” e “neve primaveril”, que, dado seu uso continuado entre os esquimós e os esquiadores, foram adquirindo uma denotação fixa até atingirem o status de lexema para aqueles grupos.

Nessa linha de raciocínio, considera-se que a alta frequência de uso de algumas estruturas complexas, dentro de um determinado grupo, leva à fixação de sua denotação, que passa a ser interpretada como uma denotação única. Essa possibilidade, de acordo com Lyons (1981), pode não ser constante nem uniforme por toda uma comunidade de fala.

Nas amostras da fala rural goiana, algumas combinações mais frequentes, com características específicas, têm o sentido dos constituintes alterado, criando um contraste entre AN e NA, do tipo de “*todo* santo dia” e “dia santo”, ou simplesmente modificando o conteúdo do adjetivo e, por isso, de todo o SN, como em “pai véi”, chegando, por fim, à mudança de função do item, como em “Santo + N próprio” e “véi + N próprio”.

³ Para as abordagens funcionalistas, trata-se dos processos de lexicalização e gramaticalização, respectivamente (cf. NOBRE, 1989; NEVES, 2000, 2001; GONÇALVES, S.C.L., LIMA-HERNANDES, M. C. e CASSEB-GALVÃO, V. C. (ORG.), 2007).

Os adjetivos mais freqüentes, portanto, tendem a ter seu conteúdo semântico esvaziado e, em conseqüência, a perder sua individualidade semântica, passando a depender do nome modificado e do contexto de uso.

A freqüência de uso, desta forma, por alterar o sentido dos itens e das combinações, aumenta o grau do contraste entre AN e NA, elevando sua carga funcional e indicando que a freqüência de alguns itens é um importante passo no caminho da cristalização das estruturas, por levar os constituintes a um forte grau de rigidez, conforme defendem Cohen (1990) e Nobre (1989), e à denotação fixa (LYONS, 1981) ou referenciação única (WAUGH, 1977).

5.2.3. Conteúdo de informação das EC no contraste AN/NA

Nesta subseção, analisa-se o conteúdo de informação das EC em relação ao grau de contraste entre AN e NA, em estruturas com constituintes idênticos ou semelhantes. Para tanto, retoma-se os pares mínimos e os quase pares mínimos analisados nas subseções anteriores, mantendo-se a mesma numeração das combinações e dos enunciados.

- (2) a. **boa** pessoa (enunciado (4))
 b. pessoa **boa** (enunciado (5)).
- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiaa do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçu pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ùa **pessoa boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem argum (TR/p. 529/lhs. 92-95)

Conforme demonstrado na subseção (5.2.1), em enunciados do tipo de (4) e (5), a possibilidade de ocorrência de “boa pessoa”, em princípio, é a mesma de “pessoa boa”, tendo em vista que o grau de contraste entre (a) e (b), em (2), é baixo, isto é, uma estrutura não se opõe a outra de modo a distinguir os enunciados, pois o contexto de ocorrência das combinações é o mesmo, ainda que haja nuances de sentidos diferentes de enunciado para enunciado.

Neste caso, as duas estruturas, de (4) e de (5), estão em distribuição equivalente e possuem o mesmo conteúdo de informação. Assim, o conteúdo de informação de AN e NA, das combinações apresentadas em (2), é mínimo, por não estabelecer contraste entre (4) e (5), não sendo, portanto, funcional na fala rural goiana.

Passemos à segunda combinação.

(3) a. dia **santo** (enunciado (2))

b. **santo** dia (enunciado (3))

(2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)

(3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)

A estrutura “dia santo”, no enunciado (2), significa “um dia específico, consagrado a um santo, em particular”; e a estrutura “*todo* santo dia”, no enunciado (3), equivale a “diariamente”. Neste caso, na combinação (3 a, b), o conteúdo de informação de (a) é totalmente diferente do conteúdo de informação de (b), indicando que o contraste entre as duas combinações é funcional na língua e destacando a importância do contraste entre AN e NA, com essas combinações, para o funcionamento da língua.

Considerando que, em (3), a EC é constituída de ‘todo’ + ‘santo’ + ‘dia’, não se pode dizer que a EC ‘*todo* santo dia’ mantém o mesmo conteúdo de informação se o

item ‘todo’ for retirado, ainda que a ordem dos constituintes seja preservada, pois a combinação ‘*todo santo dia*’ perde o efeito de sentido do enunciado, isto é, ‘diariamente’. Enfim, o item ‘todo’ é elemento constituinte da EC e parte integrante do conteúdo de informação da referida combinação e de todo o enunciado.

Dessa maneira, assim como ocorre com outras combinações, analisadas na subseção (5.2.1), e a despeito da importância da distribuição dos elementos do SN, a combinação ‘todo’ + ‘santo’ + ‘dia’ destaca a relevância do conteúdo de informação das combinações para elevar a carga funcional dos contrastes.

As combinações em (5), a seguir, ajudam a elucidar o papel do conteúdo de informação dos contrastes na análise da carga funcional da oposição AN/NA nas EC.

- (5) a. “**Santo** Antõin” (enunciado (43));
- b. “**Divino Pai Eterno**”/“**Divino** Ispurto **Santo**” (enunciado 1));
- c. “**Novo** Destino” (enunciado (33));
- d. “estrada **nova**” (enunciado (7));
- (1) () é **Divino** Pai Eterno () é canturia é o canturia quas' é tud' é um só ... 'gora ... só que um fala num e ota é ôto né ... ã'a fal' é **Divin'** Isprito **Santo** e ôt' é **Divin'** Pai Etern' () (PO/ p. 392/lhs. 139-141)
- (7) ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é **istrada nova** viu () (AV/p. 340/lhs. 105-106)
- (33) Já tirei ... já tirei no Pombá ... já tirei fulia de Reis aqui ... no Capão Verde... lá onde a/lá no/perto/Santa Rita lá de **Novo Destino** ... po lá tudo nós circula tiran' fulia de Reis (PO/p. 475/lh.186-188)
- (43) Aí 12 de junho é a festa () **Santo** Antonho Sábado d' Alilua é a festa de **São Binidito** e lá no Pombal é festa de Nossa Senhora da Cunceição () ... (PO/PUOL/lhs.88-89)

O fato de as combinações em (43) e (1) estarem em distribuição contrastiva, conforme demonstrado em (5.2.1), em que a palavra fonológica ‘santo’ realiza diferentes palavras gramaticais, indica que cada combinação possui um conteúdo de informação diferente.

No enunciado (43), ‘santo’ combinado a um nome próprio funciona como um título, qualificativo do núcleo (Qv), é um título especializado, específico dos nomes de santo. Em (1), ‘santo’ combinado ao nome ‘ispiurto’ funciona como modificador do núcleo, qualificando-o e conferindo-lhe um atributo sagrado. Portanto, o conteúdo de informação da combinação ‘santo’ + ‘Antõï’ é diferente do conteúdo de informação da combinação ‘Ispuurto’ + ‘santo’. O conteúdo de informação do contraste AN/NA, neste caso, é médio, pois as estruturas não estão em relação de oposição uma com a outra.

O item ‘novo/a’ integra uma EC (topônimo), em (33), e uma En-C, em (7). A palavra gramatical ‘novo’, de (33), não pode ocorrer nos mesmos contextos que a palavra gramatical ‘nova’, de (7), não só porque estão em contraste gramatical, com relação à flexão de gênero, mas porque o conteúdo de informação de uma é diferente do da outra: um ‘novo destino’ indica um outro destino, ao passo que uma ‘estrada nova’ é uma estrada recente. O conteúdo de informação de ‘novo/a’, em (33) e (7), indica que, neste caso, há contraste entre AN e NA e que este contraste é funcional na fala rural goiana. Além dos mais, em AN a estrutura é cristalizada e em NA, não.

O conteúdo de informação de uma EC ou de uma ordem pode ser mais alto ou mais baixo, dependendo da natureza lingüística da combinação entre adjetivo e nome e não, necessariamente nem somente, da distribuição dos elementos no SN.

A frequência e, por isso, a previsibilidade de um elemento, em um dado contexto, diminui o conteúdo de informação daquele elemento naquele contexto, levando ao enfraquecimento semântico e à necessidade de clareza do enunciado. Combinações como “boa pessoa” e “pessoa boa”, que não estão em relação contrastiva, se for necessário, exigem esclarecimento da interpretação do enunciado ou de reforço do sentido do adjetivo, como ocorre com ‘bom’, em (41) e ‘véi’, em (45), a seguir.

- (41) Pássa ... mais é a pessoa que sabe nadá e do **animal bom ... forte** ... passava lá ... ficav' assim meis intero sem ninguém travessá o rii ... (AV/p. 325/lh. 93-94)
- (45) Esse que é nosso **sistema véi antigoh** é fulia de Nossa Senhora D'Abadia fulia de Divino Pai Eterno ... Divino Ispuerto Santo... é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)

Em (41) e (45), o esclarecimento do sentido dos adjetivos 'bom' e 'véi' é necessário, dado que os referidos adjetivos podem conotar, respectivamente, diferentes qualidades de um animal e diferentes distâncias no tempo. Por isso, o falante deixa claro que um "animal bom", para ele, naquele contexto, equivale a um "animal forte", evitando possíveis ambigüidades ou mal entendidos. O mesmo ocorre com 'véi, em (45), que é reforçado pelo adjetivo 'antigo', como forma de deixar claro seu sentido de passado.

A necessidade de reforço do sentido dos adjetivos, que são adjetivos freqüentes nos dados sob análise, indica que o sentido destes itens está enfraquecido, embora os adjetivos ainda não tenham perdido totalmente sua individualidade semântica ou sua função de modificador nominal. O enfraquecimento semântico do item 'véi' o atinge, inclusive em seu funcionamento nominal, como em (47), em que o nome 'véi' é modificado pelo SPrep 'de idade', como uma forma de evidenciar o sentido de 'véi'.

- (47) Chama Córgo do Puba ... Aí () uns quat' home incontrô um terno desi 'tava discansan'... na bera do corgo aí chegô um **véi já de idade** chamava o véi Tiãozinh' que é o pai do Cipriano ... ar vez 'cêis já cunhece (PO/p. 401/lhs. 92-94)

Por outro lado, combinações como "dia santo" em oposição a "todo santo dia", em que a posição do adjetivo no SN define tanto o sentido do adjetivo quanto a interpretação de todo o enunciado, dispensam qualquer explicação ou reforço de sentido.

De acordo com Cohen (1990), algumas classes de adjetivos, na LP, se especializaram em alguns sentidos, em uma determinada posição. É o caso do adjetivo

‘grande’, por exemplo, que possui sentido subjetivo, em AN, e objetivo (dimensional), desde que combinado a um nome mensurável, em NA (veja capítulo (2)).

Nos dados sob análise, não foi registrada ocorrência do adjetivo ‘grande’ na ordem AN, embora tenham sido registradas 3 ocorrências de ‘maió’; a ocorrência de ‘grande’ foi registrada somente na ordem NA, com sentido objetivo (dimensional), como em (27), seguindo o padrão descrito para a LP (vide capítulo (2)).

- (27) () ajudass’ ele miorá que era p’ra ele tirá a fulia ... e era p’a dexá o cabel’ dele grande p’a/p’a batizá nos pé de Senhora D’Abadia lá ne Muquém e cortá o cabel’ lá ... aí ele ficô grandão assim **cabelo grande** ... Aí a gente falava qu’era muié ((risos)) ... ficô inquanto num batizô nos pé de Senhora D’Abadia num cortô o cabelo (PO/p. 454/lhs. 489-493)

Ainda que nas línguas românicas o adjetivo subjetivo possa ocorrer na anteposição e na posposição, na LP, há um uso do adjetivo ‘grande’ específico para cada ordem: na anteposição ele é subjetivo e na posposição ele é objetivo, conforme indicam os enunciados (19 a, b), retirados de Nobre (1989, p. 45).

“(19) a. (...) aí ele se tornou um grande lutador.

b. Ele é um lutador grande. Tem mais de 1m e 90 de altura.”

Há, entretanto, nos dados da fala rural goiana, sob análise, um caso em que o sentido de ‘grande’, na posposição, parece ser, no mínimo, ambíguo, como mostra o enunciado (30).

- (48) Vi ... eu vi ... vi ... eu vi ...vi eis passan’ aí no ... pá ... subin’... pá riba ... é ... vi .../n/ () No dizê da /da/ dêis/ ês falava que ia adond’ tav’o **Papai Grande** que é o govern’ né ... (PO/p. 386/lhs. 09-11)

O adjetivo ‘grande’, em (48), não diz respeito à dimensão do referente do nome (“governo”), como em geral ocorre na LP. Não se trata de um ‘governo’ ou de um ‘papai’ que seja um homem alto, grande, mas de uma “figura grandiosa”. Na combinação entre o adjetivo ‘grande’ e o nome ‘papai’, o SN “Papai Grande” adquire

uma referência unificada equivalente a “governo”, que é a interpretação dada à expressão pela comunidade de fala.

Cohen (1990) registra, nos textos do século XIV ao XX, ocorrências de ‘grande’, com sentido objetivo (dimensional), anteposto a nome mensurável, assim como notifica a ocorrência de ‘grande’ posposto, com sentido subjetivo, conforme demonstrado na tabela (20), a seguir:

Tabela (20)
Sentido do adjetivo ‘grande’ por posição no SN por século na LP

| SÉCULO ADJETIVO/ ORDEM | XIV | XV | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX |
|------------------------------|-----------------------|----------------|-----------------------|----------------|----------------|-----------------------|----------------|
| GRANDE/AN | subjetivo objetivo | subjetivo - | subjetivo objetivo | subjetivo - | subjetivo - | subjetivo objetivo | subjetivo - |
| GRANDE/NA | objetivo | objetivo | objetivo | - | - | - | - |

Fonte: dados de Cohen (1990, pp. 34-64)

As ocorrências citadas, a seguir, retiradas de Cohen (1990, pp. 37-48), ilustram e confirmam os dados da tabela (20):

“(7) mui fremosa e grande hasta” (subjetivo/dimensional);

“(8) gram montanha” (objetivo);

“(15) hasta grande” (objetivo).

“(57) grandes arvoredos” (subjetivo/dimensional)

“(60) hũũ gram dedo polegar” (objetivo)

“(62) grande pecado” (subjetivo)

As informações de Cohen (1990) evidenciam que, no século XV, ‘grande’ ocorre anteposto, com sentido subjetivo, e posposto, com sentido objetivo. No século XVI, ‘grande’ ocorre anteposto, com sentido subjetivo, (enunciado (62)), objetivo (enunciado (60)) e subjetivo/dimensional (enunciado (57)).

Nos séculos XVII e XVIII, ‘grande’ ocorre apenas anteposto, com sentido subjetivo; no século XIX, ‘grande’ ocorre apenas anteposto, podendo ter, nesta ordem, sentido subjetivo, objetivo e subjetivo/dimensional, da mesma forma que ocorre no

século XVI (cf. enunciados (57)-(62)), estando o sentido subjetivo/dimensional restrito aos compostos e frases-feitas, conforme mostram as ocorrências (125) e (126), registradas em Cohen (1990, p. 60) e citadas aqui:

“(125) grande parte”

“(126) grandes demoras”

No século XX, a autora registra a mais baixa frequência da ordem AN e do adjetivo ‘grande’, com ocorrência de ‘grande’ somente anteposto, com sentido subjetivo e, em geral, compondo uma frase-feita ou um vocábulo composto.

O adjetivo ‘grande’, na fala rural goiana, sob análise, reflete a tendência descrita para a LP, no século XX, ou seja, apresenta baixa frequência, ocorrência categórica em NA, com sentido objetivo, exceto pela ocorrência do enunciado (48), que é uma EC, com o adjetivo ‘grande’ posposto, com sentido subjetivo. Dado que, para essa classe de adjetivos, a ordem é fundamental para a definição do sentido, a retenção do sentido subjetivo de ‘grande’ na ordem NA pode gerar ambigüidade, necessitando que a interpretação do item seja elucidada pelo contexto.

No caso específico da estrutura apresentada em (48), trata-se de uma EC, portanto, com denotação fixa, o que elimina as possibilidades de interpretações ambíguas na comunidade de fala que a emprega. Embora na LP haja oposição de sentido para o adjetivo ‘grande’, conforme esteja na ordem AN (subjetivo) ou na ordem NA (objetivo), o enunciado (48) apresenta ‘grande’ com sentido subjetivo, em NA, configurando um caso de resíduo histórico, com retenção do sentido subjetivo, portanto, não dimensional, na ordem NA.

O conteúdo de informação dos topônimos e dos nomes de santo, por sua vez, enquanto topônimo e nomes de santo, é mínimo, porque a posição dos elementos na estrutura é totalmente previsível. Entretanto, o conteúdo de informação do contraste estabelecido pode ser mais alto, se a importância do contraste para distinguir enunciados na língua for alto, como é o caso, por exemplo, do topônimo “Novo Destino”, no enunciado (33), em que o item ‘novo’ contrasta com o item ‘nova’, de (7), não porque (33) seja um topônimo, mas porque a mesma palavra fonológica, apesar do contraste

gramatical na flexão de gênero, realiza diferentes palavras gramaticais, com conteúdo de informação diferente para cada uma, definido pela posição do adjetivo no SN, ou seja, definida, antes, pelo contraste entre AN e NA.

Assim, os enunciados (33), (41) e (45), mostram o processo de enfraquecimento semântico dos adjetivos, que poderá fazer com que sua interpretação se torne dependente do contexto de ocorrência, alterando o conteúdo de informação dos itens e dos enunciados que os envolvem, resultando na oposição AN/NA com esses adjetivos.

5.3 Situação de modificação e cristalização de estruturas nominais

A situação de modificação, conforme proposta por Waugh (1977) e aplicada por Cohen (1990) à análise da LP, compreende os traços ou propriedades lexicais dos itens e das classes semânticas dos constituintes do SN, a partir dos quais pode ser descrita.

Nesse sentido, a situação de modificação é criada quando um adjetivo, com determinados traços, entra em combinação com um nome, com traços específicos, resultando em um efeito de combinação, que pode rigidificar a estrutura.

Segundo Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), os falantes de uma língua constroem e interpretam mensagens lingüísticas, por meio da seleção e da combinação de elementos e estruturas. A seleção compreende a escolha que o falante faz de elementos e estruturas lingüísticas disponíveis no sistema lingüístico de uma comunidade de fala, de acordo com os efeitos de sentido e as expressividades comunicativas que ele deseja emitir. A combinação entre constituintes, por sua vez, pode ser estabelecida através da concorrência de entidades lingüísticas simultâneas e da concatenação de entidades lingüísticas sucessivas.

Os constituintes sentenciais possuem traços invariantes, que os definem como um ‘substantivo’ e como um ‘adjetivo’, que, uma vez associados a uma classe de palavra, ou parte de discurso, são os traços lexicais combinatórios dos itens, estabelecendo, ao mesmo tempo, o contraste entre as classes distintas.

No processo sintático de modificação nominal, determinados traços do substantivo interagem com determinados traços do adjetivo, criando um efeito de combinação, que pode ser total ou parcial. Quando este efeito é total, o contraste entre adjetivo e substantivo, enquanto classes de palavras, é anulado e o resultado é uma palavra composta, com unidade de forma e sentido, ou seja, uma estrutura rigidificada.

Os traços combinatórios dos constituintes podem ser de natureza morfológica, que caracteriza a classe como um todo, subclassificando seus elementos, e referencial, que distingue e identifica cada item, em particular. Os traços morfológicos e semânticos (referenciais) constituem e definem a natureza lexical de um item ou classe.

Segundo Waugh (1977), com base no francês, na posposição, o adjetivo modifica o substantivo como um substantivo (parte do discurso ou classe de palavra), e não, necessariamente, como um item lexical com um significado em particular. Por outro lado, na anteposição, o adjetivo modifica o substantivo (item lingüístico, em particular, classificado como substantivo), com um significado lexical e um conteúdo referencial específicos. A modificação preposicional, ao contrário da posposicional, está limitada ao contexto lexical do modificado (nome).

Nesta linha de raciocínio, a situação de modificação é entendida como a interrelação lexical e a interação semântica/referencial entre o adjetivo e o nome, na relação de contigüidade entre esses dois constituintes, em uma ou outra ordem, impondo determinadas interpretações a todo o SN.

A situação de modificação é definida, portanto, pela combinação morfossintática estabelecida entre os constituintes, a partir das propriedades lingüísticas, isto é, dos traços lexicais, e pela referência e interpretação dadas a cada item. Em situações de modificação específicas são criados os efeitos de combinação e de sentido que levam à referenciação única das estruturas.

Para a descrição da situação de modificação nas EC registradas na fala rural goiana, a partir das propriedades lexicais dos constituintes, parte-se dos quadros (9) e (10) (cf. capítulo (4), com base nos quais se propõem os quadros (13) e (14), contendo as características das EC em AN e em NA. Retoma-se, ainda, os pares mínimos, já apresentados e analisados em subseções anteriores, considerando-se os traços e as classes dos constituintes de cada combinação.

(13)

| ORDEM AN | ORDEM NA |
|------------------------------------|--------------------------------|
| <i>A menor que N e A igual a N</i> | <i>A maior que N</i> |
| <i>A no grau superlativo</i> | <i>A no grau normal</i> |
| <i>A GRADUÁVEL</i> | <i>A GRADUÁVEL</i> |
| <i>Função Gramatical PNE</i> | <i>Função Gramatical Mod E</i> |
| <i>A com sentido Subjetivo</i> | <i>A com sentido Objetivo</i> |
| <i>N no grau normal</i> | <i>N no grau normal</i> |
| <i>N [IMATERIAL]</i> | <i>N [MATERIAL]</i> |
| <i>N [CONTÁVEL]</i> | <i>N [CONTÁVEL]</i> |
| <i>N [COMUM]</i> | <i>N [COMUM]</i> |
| <i>N [NÃO- HUMANO]</i> | <i>N [NÃO- HUMANO]</i> |
| <i>N [INANIMADO]</i> | <i>N [INANIMADO]</i> |

Quadro das estruturas não-cristalizadas nas ordens AN e NA.

Fonte: *Corpus* da tese.

(14)

| ORDEM AN | ORDEM NA |
|---|--------------------------------|
| A <i>menor</i> que N | A <i>igual a</i> N |
| A no grau <i>normal</i> | A no grau <i>normal</i> |
| A <i>NÃO-GRADUÁVEL</i> | A <i>GRADUÁVEL</i> |
| Função Gramatical <i>Qv</i> | Função Gramatical <i>Mod I</i> |
| A com sentido <i>Subjetivo</i> | A com sentido <i>Objetivo</i> |
| N no grau <i>normal</i> | N no grau <i>normal</i> |
| N [<i>IMATERIAL</i>] | N [<i>MATERIAL</i>] |
| N [<i>NÃO-CONTÁVEL</i>] | N [<i>CONTÁVEL</i>] |
| N [<i>NÃO-COMUM</i>] | N [<i>COMUM</i>] |
| N [<i>SAGRADO</i>] e N [<i>HUMANO</i>] | N [<i>NÃO- HUMANO</i>] |
| N [<i>SAGRADO</i>] e N [<i>ANIMADO</i>] | N [<i>INANIMADO</i>] |

Quadro das estruturas cristalizadas nas ordens AN e NA.

Fonte: *Corpus* da tese.

O Quadro (13), das características das En-C, mostra que alguns traços opõem AN a NA, tais como: ‘a dimensão dos vocábulos’, em que AN é preenchida por adjetivo *menor* ou *igual* ao nome e NA é preenchida por adjetivo *maior* que o nome; na ordem AN, predominam os adjetivos no grau *superlativo* e na ordem NA, predominam os adjetivos no grau *normal*; a função gramatical e a classe semântica do adjetivo são PNE e subjetivo, em AN, e ModE e objetivo, em NA; o núcleo é imaterial, em AN, e material, em NA. As demais características são iguais em ambas as ordens.

O quadro (14) mostra que as EC apresentam uma configuração para a ordem AN – adjetivo *menor* que o nome, não-intensificável e com sentido subjetivo; nome imaterial, não-contável, não-comum, sagrado ou humano – e outra para a ordem NA – adjetivo *igual* ao nome, intensificável e com sentido objetivo; nome material, contável, comum, não-humano ou inanimado.

Nas EC, todos os traços do adjetivo e do nome, exceto pelo grau das duas categorias, opõem a ordem AN à ordem NA, indicando um alto grau de contraste entre as duas ordens. Os traços dos constituintes das EC/NA são semelhantes aos traços dos constituintes das En-C, AN e NA. O que distingue, na ordem AN, as EC das En-C são

os traços ‘não-intensificável’ do adjetivo, ‘não-contável’, ‘não-comum’ e ‘sagrado’ ou ‘humano’ do nome, que são caracterizadores das EC, seja em AN ou em NA. A classe semântica (subjetivo/objetivo) do adjetivo e o traço semântico (material/imaterial) do nome estão na base das EC, distinguindo as EC/AN das EC/NA, mas não distingue as EC das En-C, nem em AN nem em NA. Este resultado indica que os traços lexicais, embora criem a situação de modificação necessária à cristalização das estruturas, por si só, não são suficientes para que a cristalização ocorra.

Diante disso, passa-se a verificar os efeitos de combinação resultantes de diferentes situações de modificação nominal.

5.3.1 O efeito de combinação entre adjetivo e nome nas ordens AN e NA

Para o Princípio da Carga Funcional, o grau (total ou parcial) de um efeito de combinação depende da carga funcional de cada constituinte, refletida no grau de contraste entre as formas em oposição e na frequência de uso das combinações.

No que se refere à combinação entre adjetivo e nome, especificamente, Waugh (1977), apoiando-se na noção de *invariante*, propõe que o significado de um item lexical permanece o mesmo em qualquer uma das posições que ele ocupa no SN. O que muda são as coordenadas da situação de modificação, devido às marcas associadas com a anteposição, que levam a mudanças na interpretação do enunciado. Ou seja, há uma invariante para o significado lexical do item e outra para cada posição do adjetivo no SN. A interação dessas duas classes invariantes produz as conotações (interpretações) particulares e a frequência dessas conotações produz o enriquecimento do SN em uma dada ordem, dependendo da função semântica atribuída àquela conotação.

Desta maneira, pode-se dizer que a cristalização das estruturas, com AN ou com NA, resulta da total compatibilidade entre a invariante do significado lexical de um adjetivo e a invariante da posição ocupada por esse adjetivo no SN, de modo a contrastar AN e NA, com os mesmos constituintes.

Com relação aos constituintes do SN, a situação de modificação que os envolve possibilita uma maior ligação entre adjetivo e nome, evidenciada pela imobilidade e não possibilidade de intensificação do adjetivo, principalmente se o adjetivo estiver diante de um nome próprio. O resultado, neste caso, é um efeito de combinação total e ambos os constituintes são percebidos como uma única unidade lexical.

Assim, a análise de um efeito de combinação depende do entendimento da situação de modificação, que compreende os traços ou propriedades lexicais invariantes dos itens relacionados, das classes semânticas dos constituintes do SN e das marcas associadas com a anteposição, isto é, as invariantes da posição ocupada pelo adjetivo no SN.

Na presente análise, parte-se do pressuposto que o efeito de combinação é a perda de contraste formal e semântico entre dois ou mais constituintes de uma estrutura, entendidos como um item ou como uma classe de palavras (partes do discurso), em decorrência da integração entre os traços lexicais dos constituintes de um sintagma.

Os quadros (13) e (14) indicam que alguns traços lexicais do nome e do adjetivo são comuns às EC, às En-C e às ordens AN e NA. Nesta discussão, são focalizados os traços do adjetivo e do nome, predominantes ou não, presentes nos elementos constituintes das EC. Os traços das En-C só são considerados se forem absolutamente necessários para a clareza da análise.

Diante disso, retomo os pares mínimos e os quase pares mínimos das EC que ocorrem nos dados, a fim de verificar os efeitos de combinação resultantes de diferentes situações de modificação nominal.

- (2) a. **boa** pessoa (enunciado (4))
b. pessoa **boa** (enunciado (5)).

- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (5) cabô tudo ... ele morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçú pu'que inricô logo os/foi prefeito eee gent' ia lá er' um movimentão é ùa **pessoa boa** mais foi 'caban' 'caban' e morreu logo os fii morer' tamém novo num sei se tem argum (TR/p. 529/lhs. 92-95)
- (3) a. **santo** dia (enunciado (3))
- b. dia **santo** (enunciado (2))
- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (3) ... e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... iii ... mais crama () 'tão ... a gente hoje 'tá cum cinqüent'eisseis anos ... Trabalha **todo santo dia** ... né ... (AV/p. 362/lhs. 29-31)

O par mínimo em (2) apresenta combinações constituídas de adjetivo *menor* que o nome, *intensificável*, *subjetivo* e nome *material*, *contável*, *comum* e *humano*. O par mínimo em (3), por sua vez, apresenta combinações de adjetivo *igual* ao nome, *não-intensificável*, *subjetivo* e nome *imaterial*, *contável*, *comum*, *não-humano*, *inanimado*.

(15)

| | Combinação (2) | Combinação (3) |
|--------------------------------|--|--|
| Traços dos constituintes A e N | A [<i>menor que N</i>] [intensificável] [<i>subjetivo</i>] N [<i>material</i>] [<i>comum</i>], [<i>contável</i>] [<i>humano</i>] | A [<i>igual a N</i>] [não-intensificável] [<i>subjetivo</i>] N [<i>imaterial</i>] [<i>comum</i>], [<i>contável</i>] [<i>inanimado</i>] |

Quadro dos traços dos constituintes nas combinações (2) e (3)

O adjetivo 'boa' e o nome 'pessoa', em (2), apresentam os mesmos traços, em AN e NA. A oposição lexical entre os dois constituintes é mantida e a referência de um não se funde à referência do outro, além do mais, tanto em AN quanto em NA, o

adjetivo ‘boa’ admite intensificação. O grau de cristalização das combinações (a) e (b) de (2) é baixo.

Na combinação (3), o adjetivo ‘santo’ e o nome ‘dia’ apresentam os mesmos traços, nas ordens AN e NA. Entretanto, diferentemente das combinações em (2), o adjetivo ‘santo’, em “dia santo” e “*todo* santo dia”, não admite intensificação, o que o torna mais ligado ao nome que modifica. Por isso, o grau de cristalização dessas estruturas é alto. Até aqui, parece que o traço ‘não-intensificável’ do adjetivo está associado às EC e não à ordem AN.

Retomemos agora às combinações listadas em (1) e (4), repetidas a seguir, destacando que em (4) são consideradas somente as expressões cotidianas, por razões já apresentadas:

- (1) a. **mau** ambiente (enunciado (26))
 b. **mau** intendimento (enunciado (8))
 c. espírito **mau** (enunciado (9))
- (8) (...) Lá é um cento agitado ... um **mau intendimento** ‘contece essas coisa ... mai lá não ... num teve isso não’ ... (AV/p. 359/lhs. 62-63)
- (9) cumeçô esse **isprito mau** nas fazenda que era do meu pai no Veredão e lá er’um sítio e cumeçô dá/ jogá pedra e depois ... é/é ... veiz im quand’ um tapa num né (PO/p. 505/lh. 1-2)
- (26) () Gente’acha que era **um mau ambiente** né (PO/p. 402/lh. 121)
- (4) a. **véi** Aldo [N-próprio] (enunciado (12))
 b. pai **véi** [avô] (enunciado (13))
 c. **sinhô** Zico [N-próprio] (enunciado (46))
 d. sistema **véi** ... antigo (enunciado (45))

- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei sabem' que o/num sei se foi o **veí Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (13) Foi ... ele naceu ... 'tava cum ... um ano de idade minha mãe morreu ... Aí ... quando ela 'tava duente p'a morrê ... (ela cismô de dá ele a **pai véi**) ela falô assim "ó ... se eu morrê ... Seixas eu num vô dexá não purque vai dá muito trabai pr'oceis"... (PO/468/lhs. 26-28)
- (45) Esse que é nosso **sistema véi antigoh** é fulia de Nossa Senhora D'Abadia fulia de Divino Pai Eterno ... Divino Ispurto Santo_... é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)
- (46) Essa festa minha sinhora foi cumeçada num sei nem cumo purque cond' eu vi a/a/o d'onde cumeçô () né eu era menó eu 'tava piqueno má eu cunhici quem tocav' ela é/é a véa Ro/ véa Raimunda e o **sinhô Zico** () na Água Quente ... Sinhora já 'viu falá na Água Quente? (PO/388/lhs. 60-63)

Nas combinações (a) e (b) de (1), o adjetivo 'mau' está anteposto ao nome, funciona como PNI e não admite intensificação; em (c), o mesmo adjetivo está posposto ao nome, funciona como ModE e admite intensificação. A estrutura de (a) é cristalizada, a de (b) é semi-cristalizada e a de (c) é não-cristalizada. Em (1), (a) e (b) apresentam as mesmas características e graus de cristalização diferentes, pois (a) é uma EC e (b), embora seja também um PNI, é menos cristalizado que (a); e (c) se distingue de (a) e (b) pela posição do adjetivo no SN, pela possibilidade de intensificação do adjetivo e pelo grau de cristalização da estrutura.

Nas combinações (b) e (d) de (4), da forma como ocorrem nos enunciados (13) e (24), o adjetivo 'véi' está posposto ao nome, funciona como ModI e não admite intensificação em (b), e funciona como ModE e admite intensificação em (d). A estrutura de (b) é cristalizada e a de (d) não é.

Desta forma, de acordo com o que se apresenta nas combinações (1)-(4), pode-se dizer que o traço 'não-intensificável' associado à anteposição do adjetivo possibilita a cristalização de estruturas. Todavia, dado que pode haver cristalização também na ordem NA e que, nesta ordem, as EC apresentam adjetivos 'não-intensificáveis', este traço identificador das EC pode estar associado a outros traços ou marcas, como, por exemplo, a frequência das expressões.

A análise do efeito de contraste entre AN e NA, na seção (5.2), mostra que as estruturas mais frequentes são também as mais cristalizadas e que, por isso, a frequência de uso das combinações é um importante fator no aumento da carga funcional das expressões na língua.

A situação de modificação descrita – adjetivos não-intensificáveis combinados a nomes de diferentes naturezas – associada à frequência de ocorrência e à alta carga funcional da estrutura cria um efeito de combinação total entre adjetivo e nome, em AN ou NA, levando à perda da individualidade formal e semântica (referencial) dos itens, os quais passam a ser percebidos como um único item lexical.

5.3.2 O efeito de sentido entre adjetivo e nome nas ordens AN e NA

Segundo Jakobson (*apud* WAUGH E MONVILLE-BURSTON, 1995), conforme exposto no capítulo (2), a escolha que o falante faz dos recursos disponíveis em seu sistema lingüístico, de acordo com o repertório lingüístico de sua comunidade de fala, produz efeitos de sentido, isto é, significação e interpretação compartilhada pelos membros da comunidade lingüística, visando às expressividades comunicativas que o falante deseja emitir.

Um efeito de sentido, nos termos apresentados anteriormente, pressupõe seleção e combinação específicas, compartilhadas pelos membros da comunidade de fala, e reflete um efeito de combinação – a anulação de um provável contraste formal entre os elementos –, uma vez que um SN constituído de dois ou mais elementos, que, em princípio, possuem traços lingüísticos – formais e semânticos – distintos, é interpretado como uma unidade.

Os traços semânticos dizem respeito à natureza do referente dos constituintes, imprimindo-lhes algumas particularidades, de modo a identificá-los como um item, em particular, e não como partes do discurso ou classes de palavras.

Assim, retomando Waugh (1977), pode-se dizer que cada elemento de um enunciado é uma unidade da língua, com uma referência própria. No discurso, através do processo de modificação, que é uma combinação sintática, se opera uma *referência unificada*, ainda que complexa, a partir da relação entre dois ou mais itens lingüísticos.

O efeito de sentido obtido por uma combinação resulta da interação entre os processos sintático (efeito de combinação) e semântico (interreferenciação), possibilitados por uma situação de modificação específica.

A interreferenciação, que é a interação entre as referências dos itens lexicais adjetivo e nome, possibilitada pela interação entre os traços lexicais do adjetivo e do nome e pela freqüência de uso de uma determinada combinação, pode resultar na denotação fixa da expressão, levando à cristalização da estrutura.

O processo de interreferenciação ocorre quando o efeito de combinação entre os constituintes eleva o conteúdo de informação da estrutura, a qual passa a denotar um só referente. Ou seja, os referentes de adjetivo e nome são unificados.

De acordo com a descrição da fala rural goiana, na subseção (5.3.1), a situação de modificação caracterizada pela interação entre os traços lexicais e semânticos do adjetivo e do nome, que, em geral, contrasta as ordens AN e NA, aumenta o grau de ligação entre os constituintes do SN e o adjetivo perde a possibilidade de intensificação, perdendo, conseqüentemente, sua mobilidade no SN.

Com isso, ocorre um enfraquecimento semântico do adjetivo, que passa a depender de seu contexto de ocorrência e a requerer o reforço de um modificador nominal para esclarecer seu sentido, como pode ser visto nos enunciados, a seguir.

- (41) Pássa ... mais é a pessoa que sabe nadá e do **animal bom ... forte** ... passava lá ... ficav' assim meis intero sem ninguém travessá o rii ... (AV/p. 325/lh. 93-94)
- (45) Esse que é nosso **sistema véi antigoh** é fulia de Nossa Senhora D'Abadia fulia de Divino Pai Eterno ... Divino Ispiuerto Santo_... é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)

- (47) Chama Córgo do Puba ... Aí () uns quat' home incontrô um terno desi 'tava discansan'... na bera do corgo aí chegô um **véi já de idade** chamava o véi Tiãozinh' que é o pai do Cipriano ... ar veiz 'cêis já cunhece (PO/p. 401/lhs. 92-94)
- (48) Vi ... eu vi ... vi ... eu vi ...vi eis passan' aí no ... pá ... subin'... pá riba ... é ... vi .../n/ () No dizê da /da/ dêis/ ês falava que ia adond' tav'o **Papai Grande** que é o govern' né ... (PO/p. 386/lhs. 09-11)

Em (41) e (45), os adjetivos 'forte' e 'antigo' são enunciados para esclarecer os sentidos de 'bom' e 'véi', pois estes itens, dada sua alta freqüência de uso (cf. subseção (5.2.2), neste capítulo), tiveram seu conteúdo semântico enfraquecido e até mesmo esvaziado. O enunciado (47) mostra o modificador "já de idade" reafirmando o sentido de 'véi', na função de nome, permitindo afirmar que o enfraquecimento semântico atinge o item lexical 'véi' e não o adjetivo (classe de palavra) 'véi'.

No enunciado (48), o significado da expressão "Papai Grande" é esclarecido pela sentença "que é o govern' né", indicando que se trata de uma palavra composta, com referente único. Neste caso, o conteúdo semântico de 'grande' se esvaziou durante o processo de interreferenciação entre os conteúdos de 'papai' e de 'grande', culminando na referência unificada "governo". O mesmo ocorre com 'véi' no enunciado (13), retomado a seguir.

- (13) Foi ... ele naceu ... 'tava cum ... um ano de idade minha mãe morreu ... Aí ... quando ela 'tava duente p'a morrê ... (ela cismô de dá ele a **pai véi**) ela falô assim "ó ... se eu morrê ... Seixas eu num vô dexá não purque vai dá muito trabai pr'oceis"... (PO/468/lhs. 26-28)

Em (13), a expressão "pai véi" significa "avô", mostrando que o efeito de combinação da interação entre 'pai' e 'véi' foi total, levando ao esvaziamento semântico dos itens e à interreferenciação total entre os conteúdos semânticos de 'pai' e de 'véi', resultando na referência unificada e fixa "avô".

A última fase no processo de interreferenciação é a mudança da função gramatical do item, devido ao total esvaziamento semântico do mesmo. Os itens 'véi' e 'santo', como em (12) e (15), em que são combinados a um nome próprio, e o item 'maió', como em (18), em que é combinado a um nome comum, imaterial, perderam o

status de adjetivo (funções PNE e PNI) e passaram a funcionar como uma forma de tratamento pessoal (função Qv) e intensificador, respectivamente.

- (12) () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei sabem' que o/num sei se foi o **veí Aldo** ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... (PO/p. 487/lhs. 81-83)
- (15) Então no dia 12 que é dia de **Santo Antone** () deve que a senhora sabe que no dia 13 é o dia santo do **Santo Antone** (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (18) nós tem o **maió gosto** de/dessa festa sê tão ... (cumprida) ninguém nunca ach' que num vai tê fim essa festa pur causa que aí vem fii vem neto vem bisneto ... é ... antão ... eu acho que ... nunca vai tê fim () não. ... (PO/p. 426/lh. 58-60)

As combinações de adjetivo mais nome, nas estruturas constantes de (12), (15) e (18), não formam vocábulos compostos, resultantes dos efeitos de combinação e de sentido, com referência única. Pressupõe-se que, pela freqüência de uso da combinação, naquela situação de modificação, com aquela denotação, a estrutura se cristalizou e, dado o efeito de sentido produzido pela combinação, houve mudança na interpretação do enunciado, que levou a reinterpretar a função gramatical dos itens. A relação entre os dois constituintes e as duas classes diferentes se mantém.

Desta maneira, a análise dos dados da fala rural goiana permite afirmar que as propriedades lexicais dos itens e das classes de palavra possibilitam a retenção do adjetivo na ordem AN, ao passo que o processo de interreferenciação e a freqüência de uso de uma determinada estrutura, seja com a ordem AN ou com a ordem NA, levam à sua cristalização.

CAPÍTULO 6

A MUDANÇA AN > NA E O CONSERVADORISMO DA FALA RURAL GOIANA

Tradicionalmente, defende-se que a área rural, por estar isolada, tende a conservar padrões lingüísticos que nos centros urbanos, sob pressão das avaliações sociais, da escrita e da escola, inovam mais rapidamente (TEIXEIRA, 1944; MELO, 1946; BORTONI-RICARDO, 2005; BORGES & SALLES, 2005; ANDRADE, 2007).

Entende-se, na presente discussão, que o *isolamento* atribuído às áreas rurais pode ser *geográfico* (distância dos centros urbanos desenvolvidos e falta de estradas transitáveis), que leva ao isolamento *social* e/ou *cultural* (baixa ou nenhuma escolaridade e distanciamento de contextos e situações de letramento), resultando no *conservadorismo lingüístico*.

O *conservadorismo lingüístico*, por seu turno, decorre dos diferentes tipos de isolamentos e, em geral, é entendido como a manutenção de características ou tendências lingüísticas de períodos anteriores da língua.

Em geral, no PB, são considerados *conservadorismos* os traços lingüísticos característicos do *português arcaico tardio* (*século XVI*), conforme Melo (1946), os quais já foram inovados no português europeu e em alguns padrões lingüísticos urbanos do Brasil.

Neste sentido, defende-se na presente discussão, que o *conservadorismo lingüístico* pode ser encontrado nas áreas rurais tanto quanto nas áreas urbanas, e que o *isolamento cultural* não caracteriza apenas as áreas rurais, que são geograficamente mais isoladas que as urbanas. Da mesma forma, a *deriva secular da LP* pode seguir mais rapidamente em áreas consideradas mais isoladas.

Com respeito a Goiás, conforme exposto no capítulo (1), afirmações apoiadas em resultados de pesquisa dialetológica (TEIXEIRA, 1944), na historiografia

local das décadas de 70 e 80 (cf. BORGES & SALLES, 2005; ANDRADE, 2007), as quais, por sua vez, seguem o olhar dos cronistas viajantes europeus (cf. PALACÍN, 1981; PALACÍN & MORAES, 1989; PALACÍN, 1994; PALACÍN *ET AL.*, 1995), apontam para seu isolamento, nos séculos XVIII e XIX, e, conseqüentemente, para o conservadorismo dos hábitos sociais, culturais e lingüísticos dos goianos.

Assim, o objetivo do presente capítulo é discutir o conservadorismo da fala rural goiana, verificando se há diferenças entre a oralidade e a escrita e entre a fala rural e a fala urbana, no que diz respeito à frequência de ocorrência das ordens AN e NA. Para tanto, serão comparados os resultados da análise da posição do adjetivo no SN na fala rural goiana, apresentados no capítulo (4), os resultados das análises do mesmo fenômeno na fala rural de Barra Longa, Minas Gerais, que apresentaremos a seguir, e em dados urbanos, orais e escritos, tais como os apresentados por Nobre (1989), Cohen (1990), Boff (1991) e Müller *et al.* (2002).

A noção de *continuum rural/urbano e oralidade/escrita* e as noções de *deriva histórica*, conforme expostas no capítulo (2), guiarão a discussão dos resultados da comparação entre rural e urbano, no que diz respeito à ordenação do adjetivo em relação ao nome no SN, que se propõe realizar neste capítulo.

6.1 Comparação entre as frequências de ocorrências das ordens AN e NA em dados urbanos e rurais do PB.

A análise comparativa entre a frequência de ocorrência das ordens AN e NA, em dados urbanos, orais e escritos, e na fala rural, parte dos resultados da análise da posição do adjetivo no SN da fala rural goiana, apresentados no capítulo (4), do levantamento da frequência de AN e NA nos dados da fala rural de Barra Longa-MG, realizado neste capítulo, e das análises de Nobre (1989), Cohen (1990), Boff (1991) e Müller *et al.* (2002).

No que concerne aos dados urbanos, a partir das informações apresentadas pelas autoras consideradas nesta análise, é possível e importante verificar a influência da modalidade de uso lingüístico, do gênero textual, na escrita, e padrão de uso lingüístico, na oralidade, sobre a posição do adjetivo no SN, o que se propõe fazer, a seguir.

As modalidades de uso lingüístico são a oralidade (análises de Nobre (1989) e Müller *et al.* (2002)) e a escrita (análises de Cohen (1990), Nobre (1989) e Boff (2002)), as quais constituem dois sistemas, ao mesmo tempo, distintos e interrelacionados, empregados em situações e para finalidades diferentes. Assume-se, nesta discussão, portanto, que há um diálogo fundamental entre escrita e oralidade, resultando no *continuum oralidade/escrita*.

A escrita, considerada uma força unificadora da língua, tem sido apontada, ao lado da escola, como um dos fatores que dificultam a implementação e a totalização de mudanças lingüísticas (MELO, 1946) avaliadas negativamente pela sociedade, retardando a *deriva histórica* da língua, ao mesmo tempo em que possibilita a atualização da língua em direção à norma padrão.

A oralidade, uma prática social menos conservadora e com normas diferentes da escrita, é o palco por excelência, onde as mudanças tomam seus lugares. Por isso, pressupõe-se que as mudanças lingüísticas começam e se instalam na oralidade, podendo ou não, atingir a escrita.

Por outro lado, a tensão entre padrões escritos e padrões orais gera conflitos lingüísticos e sociais, refletidos nas escolhas lingüísticas dos falantes. Deste ponto de vista, o esperado é que, em áreas urbanas, onde há uma maior ação unificadora da escrita, na escola ou fora dela, o padrão formal exigido na escrita retarde as mudanças estigmatizadas socialmente.

Os gêneros textuais considerados são os identificados e apontados, a partir das análises de Nobre (1989), Cohen (1990) e Boff (1991), mencionados no capítulo (2). Assim, a escrita apresenta três gêneros textuais: científico (artigos acadêmicos e

obras historiográficas), literário (contos e romances) e epistolar (cartas oficiais e pessoais).

A hipótese de Nobre (1989) é que os contos e as cartas pessoais, por serem mais subjetivos, podem apresentar uma frequência mais alta da ordem AN, uma vez que os adjetivos que ocorrem nesta ordem, em geral, possuem sentido avaliativo.

A fala urbana apresenta dois padrões de uso: *culto* e *coloquial*. Considera-se padrão culto da oralidade, no PB, nesta análise, os dados do NURC analisados por Müller *et al.* (2002), e parte dos dados de Nobre (1989). O principal critério utilizado para classificar um padrão de uso da linguagem como culto ou coloquial é o grau de escolaridade de seus falantes. Na composição do corpus do projeto NURC, foram selecionados falantes com curso superior, a fim de documentar o padrão culto do PB. Nobre (1989) utilizou os dados do projeto Censo-RJ e entrevistas do banco de dados Elites Políticas, da Fundação Getúlio Vargas. Em ambos os *corpora*, há falantes com diferentes graus de escolaridade, considerando-se como padrão culto as amostras de fala de informantes com curso superior, completo ou incompleto, e como padrão coloquial as amostras de fala de informantes com os demais graus de escolaridade.

A análise sugerida nos parágrafos anteriores tem a finalidade de verificar se a distribuição das ordens AN e NA, nos dados urbanos, tende a ser influenciada por alguma força externa à estrutura sintática dos dados em questão, pois, sendo a mudança lingüística um produto da atividade do falante, em contextos sociais, não pode ser analisada apenas por meio das propriedades internas ao sistema lingüístico. Todavia, nem todo estágio de uma mudança lingüística reflete, de forma explícita, a ação do falante (cf. capítulo (4), seção (4.3)).

Do ponto de vista sincrônico, portanto, de acordo com os resultados das análises sobre a posição do adjetivo no SN, em amostras urbanas de fala e escrita do PB, no século XX, o quadro é como se apresenta na Tabela (21):

Tabela 21
 Frequência das ordens AN e NA nos dados do PB urbano contemporâneo

| FONTE | GÊNERO TEXTUAL | PADRÃO/ ESTILO | FREQÜÊNCIA DE AN | FREQÜÊNCIA DE NA |
|-----------------------------|-----------------|----------------|------------------|------------------|
| Nobre (1989) | científico | - | 41/438 (9%) | 397/438 (91%) |
| | literário | - | 52/195 (27%) | 143/195 (73%) |
| | - | culto | 68/403 (17%) | 335/403 (83%) |
| | - | coloquial | 218/1140 (19%) | 922/1140 (81%) |
| Cohen (1990) | científico | - | 93/442 (22%) | 349/442 (78%) |
| Boff (1991) | cartas pessoais | - | 41/106 (39%) | 65/106 (61%) |
| Müller <i>et al.</i> (2002) | - | culto | 136/1170 (12%) | 1034/1170 (88%) |

A Tabela (21) mostra a predominância da ordem NA, nos dados do PB, no século XX, independentemente da modalidade de uso da língua (oral, escrita), do gênero da escrita (científico, literário, epistolar) e do padrão de uso lingüístico (culto, coloquial). Pode-se notar, ainda, uma significativa tendência à ocorrência da ordem AN, na escrita mais subjetiva, isto é, nas cartas pessoais e nos textos literários, que estão mais próximos da oralidade, no *continuum oralidade/escrita*, confirmando a hipótese de Nobre (1989), apresentada anteriormente.

No que se refere à frequência de ocorrência das ordens AN e NA, especificamente, relacionada à modalidade de uso lingüístico, nas amostras orais e escritas, urbanas, do PB contemporâneo, os resultados são como o exposto na tabela (22), a seguir.

Tabela 22
 Frequência das ordens AN e NA, em dados do PB urbano contemporâneo, por modalidade de uso da língua

| ORDEM \ MODALIDADE | AN | NA | TOTAL |
|--------------------|------------------|--------------------|-------|
| ESCRITA | 19,2% (227/1181) | 80,8% (954/1181) | 1.181 |
| ORALIDADE | 15,6% (422/2713) | 84,4% (2.291/2713) | 2.713 |
| TOTAL | 17% (649/3894) | 83% (3.245/3894) | 3.894 |

$$\chi^2 = 7.7, \text{ df: } 1, p \text{ } 0.0055, \underline{S} = 0.0452$$

Nas modalidades *escrita* e *oral*, considerando-se a média de frequência de AN, tem-se: 19,2% (227/1.181) de ocorrência na escrita e 15,6% (422/2.713) na oralidade. O que se percebe, com os dados da tabela (22), é que, de forma geral, oralidade e escrita apresentam padrões de ocorrência das ordens AN e NA semelhantes, com predominância da ordem NA em ambas as modalidades e uma vantagem de 3,6 pontos percentuais (19,2 – 15,6) da frequência de AN na escrita, mostrando que a oralidade está à frente no processo de mudança AN > NA.

Apesar disso, o resultado do cálculo do *Chi Quadrado* ($\chi^2 = 7.7$, df: 1, $p = 0.0055$, $S = 0.0452$) mostra que a distribuição das ordens AN e NA, por modalidade de uso da língua, não é significativa, indicando que, no que diz respeito ao uso das ordens AN e NA, oralidade e escrita tendem a se igualar no processo de mudança.

Callou & Serra (2003) e Callou *et al.* (2002) apresentam resultados da análise, em pesos relativos, da aplicação da regra de anteposição em dados escritos da imprensa brasileira, que confirmam a predominância da ordem NA, na LP escrita dos séculos XX e XXI, reiterando os resultados apresentados na tabela (22).

A tabela (23), a seguir, apresenta a frequência de ocorrência das ordens AN e NA, na escrita, por gênero textual.

Tabela 23
Frequência de ocorrência das ordens AN e NA, na modalidade escrita do PB,
por gênero textual

| ORDEM GÊNERO | AN | NA | TOTAL |
|-----------------|------------------|------------------|-------|
| CIENTÍFICO | 15,2% (134/880) | 84,8% (746/880) | 880 |
| LITERÁRIO | 26,7% (52/195) | 73,3% (143/195) | 195 |
| CARTA PESSOAL | 38,7% (41/106) | 61,3% (65/106) | 106 |
| TOTAL | 19,2% (227/1181) | 80,8% (954/1181) | 1181 |

$\chi^2 = 41.85$, df: 2, $p < .0001$, $S = 0.1882$

De acordo com os resultados apresentados na Tabela (23), os textos científicos são os que apresentam a frequência mais baixa de ocorrência de AN, 15,2%

(134/880), depois, vem a escrita literária, com 26,7% (52/195), e, por fim, as cartas pessoais, com o mais alto índice de ocorrência de AN, 38,7% (41/106).

Diante disso, pode-se dizer que a ordem AN, de fato, tende a ocorrer mais nas cartas pessoais e nos textos literários, que apresentam uma linguagem mais próxima da oralidade e mais subjetiva, do que nos textos científicos, que utilizam uma linguagem mais objetiva, confirmando as hipóteses aventadas por Cohen (1990) e Nobre (1989), conforme mencionado anteriormente.

Embora haja maior diferença entre os percentuais de frequência de um gênero para o outro, com a liderança das cartas pessoais, no gênero epistolar, o resultado do cálculo do *Chi Quadrado* ($\chi^2 = 41.85$, df: 2, $p < .0001$, $S = 0.1882$) indica que a distribuição da ordem AN por gênero textual não é significativa. Assim, a tendência é que a ordem NA seja predominante em todos os gêneros textuais. Por outro lado, pode-se inferir dos resultados constantes da Tabela (23) que a escrita científica está retardando a totalização da mudança AN > NA.

A tabela (24), a seguir, apresenta a frequência de ocorrência das ordens AN e NA, nas variedades urbanas orais da LP, em correlação com o padrão de uso lingüístico.

Tabela 24
Frequência de ocorrência das ordens AN e NA, na modalidade oral do PB contemporâneo, por padrão de uso da língua

| ORDEM \ PADRÃO | AN | NA | TOTAL |
|----------------|------------------|-------------------|-------|
| CULTO | 13% (204/1573) | 87% (1369/1573) | 1573 |
| COLOQUIAL | 19% (218/1140) | 81% (922/1140) | 1140 |
| TOTAL | 15,6% (422/2713) | 84,4% (2291/2713) | 2713 |

$\chi^2 = 18.59$, df: 1, $p < .0001$, $S = 0.0838$

Os percentuais de ocorrência dos padrões de uso culto e coloquial, nos dados, de acordo com a tabela (24), são os seguintes: 13% (204/1.573) de ocorrências de AN na fala urbana culta, e 19% (218/1.140) na fala urbana coloquial, mostrando que a frequência de ocorrência da ordem AN tende a ser mais alta no padrão coloquial e mais baixa no padrão culto.

Dado que a fala coloquial pode apresentar contextos mais avaliativos e mais subjetivos que a fala culta, o que favorece a ocorrência da ordem AN, é compreensível que esta ordem ocorra mais no padrão coloquial que no culto. Confirma-se, portanto, mais uma vez, a tendência de maior ocorrência de AN em contextos mais avaliativos.

O resultado do cálculo do *Chi Quadrado* ($\chi^2 = 18.59$, df: 1, $p < .0001$, S = 0.0838), entretanto, indica que a distribuição de AN por padrão de uso não é significativa. Assim, a tendência que se configura é a predominância de NA nos dois padrões de uso da língua.

Os dados apresentados nas tabelas (21)-(24), complementados pelos resultados do cálculo do *Chi Quadrado*, sugerem que a frequência de ocorrência das ordens AN e NA, nas amostras urbanas do PB, de acordo com o exposto na Tabela (21), não representa assimetria significativa entre os padrões culto e coloquial, nem entre as modalidades oral e a escrita, nem entre os diferentes gêneros textuais.

É entendido e difundido que a escrita está mais presente na área urbana que na rural, condenando esta área ao isolamento cultural. Assim, a relação oralidade e escrita remete a outra relação: *rural-urbano*, que passo a expor.

Para a discussão da relação rural e urbano foi considerada a frequência de ocorrência das ordens AN e NA, na fala rural de Barra Longa, em Minas Gerais, por nós levantada, com a finalidade de comparação com os dados de fala da área rural de Goiás e das áreas urbanas, já apresentados.

A frequência de ocorrência das ordens AN e NA, na fala rural de Barra Longa, é como segue, na Tabela (25):

Tabela 25
 Frequência das ordens AN e NA, na fala rural de Barra Longa-MG

| AN | NA | TOTAL |
|-----|-----|-------|
| 52 | 116 | 168 |
| 31% | 69% | 100% |

Fonte: Banco de dados do projeto “Pelos trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas gerais” - FALE/UFMG/FAPEMIG

De acordo com a Tabela (25), nos dados de fala de Barra Longa, predomina a ordem NA, com 69% (116/168) das ocorrências, contra 31% (52/168) de AN; são registradas 52 ocorrências de 9 (nove) adjetivos adnominais antepostos e 116 ocorrências de 45 adjetivos adnominais pospostos (cf. corpus em anexo); predominam os adjetivos de sentido subjetivo na anteposição (cf. enunciados (50) e (51)), e os de sentido objetivo na posposição (cf. enunciados (54)), embora tenha sido registrada a ocorrência do particípio passado ‘falecido’ diante de nome próprio, com sentido objetivo, na anteposição, conforme atesta o enunciado (52), a seguir.

- (49) ah:... ê é muito bom pa pobreza aí... ê tev[e] um sítio aqui per[to] de mim... ê vinha todo dia aí... foi muito bão... ago[r]a o **atuá prefeito** também é ã’ boa pessoa... muito iducado” (BL/p. 556/lhs. 438)
- (50) “(...) foi... de megacolo em mil novicen[tos] sessenta em **Belo Horizon[te]** no hospital São Lucas... e ele... ele também tem probrema de vista... é míope” (BL/p. 546/lhs. 94-95)
- (51) eu falo assim "em lovô do meu Deus do céu eu tomo esses cinco golo d'água em lovô do meu Deus do céu em lovô de nosso sinhô Jesus Cristo em lovô da VIRgem Maria Santíssima em lovô do meu **gorioso santo Antônio** em lovô das treis pessoa da santíssima trindade FAZ essa caridade abençoa esses cinco golo d'água pra me livrá de todo sofrimento " (BL/p. 587/lhs. 49)
- (52) nasci aqui... nasci... e depois... a minha mãe mo/morô lá no Corgo das Quintas...onde é de... quando Craudionô ... **falicido Craudio** ((ruídos)) era ali que era a terra do meu pai (BL/p. 568/lhs. 107)
- (53) não ... é: ... isso foge .. da mente ... É o antigo testamento é isso me[s]mo é isso qu'eu quiria dizê ... novo e **véio testamento** ... (BL/p. 588/lhs. 67)
- (54) ês vem... ês vem agora... agora... a **Fulia de Reis antiga** vinha cu’a **bandera vermeia**... quele horror de gente... com... chapé:eu de/infeitado de fi:ta... batia na ca[sa] da gen[te] cantava a gen[te] dava ismola né?... vinha na ca[sa] da gen[te]

aquea turma... agora tem aquelotro... agora tem congado... né Fúlia de Reis não... congado (BL/p. 549/lhs. 194)

Os itens mais freqüentes, na anteposição, constituem estrutura cristalizada, na maior parte de suas ocorrências. São eles: ‘santo/a’ (20 ocorrências), bom/bão (16 ocorrências) e ‘belo’ (9 ocorrências). Os adjetivos ‘santo/a’ e ‘belo’, em todas as suas ocorrências, integram estruturas cristalizadas, sendo que ‘santo/a’ forma nome de santo e ‘belo’ forma o topônimo Belo Horizonte; a grande maioria das ocorrências do adjetivo ‘bom/bão’, o único particípio passado anteposto (‘falicido’) e a ocorrência do adjetivo ‘véi’ anteposto (‘véi testamento’) estão integrando estruturas cristalizadas.

No que se refere à freqüência das ordens AN e NA, na fala rural de Goiás, conforme exposto no capítulo (4), foi registrada uma baixa freqüência de adjetivos antepostos ao nome. Do total de 401 adjetivos adnominais registrados nos dados, 105 (26%) estão antepostos e 296 (74%) estão pospostos ao nome. Todos os adjetivos antepostos são avaliativos (cf. enunciados (3)) e, dos pospostos, 22% (64/296) são avaliativos e 78% (232/296) são descritivos (cf. enunciados (2), (13) e (45)).

- (2) Então no dia 12 que é dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que no dia 13 é o **dia santo** do Santo Antone. (PO/p. 399/lhs.41-42)
- (13) Foi ... ele naceu ... ‘tava cum ... um ano de idade minha mãe morreu ... Aí ... quando ela ‘tava duente p’a morrê ... (ela cismô de dá ele a **pai véi**) ela falô assim "ó ... se eu morrê ... Seixas eu num vô dexá não porque vai dá muito trabai pr'oceis"... (PO/468/lhs. 26-28)
- (45) Esse que é nosso **sistema véi antigoh** é fulia de Nossa Senhora D’Abadia fulia de Divino Pai Eterno ... Divino Ispurto Santo... é/é o que nós canta ... (PO/413/lhs. 7-8)

Nas amostras da fala rural goiana, sob análise, não há ocorrências de expressões notariais, próprias da escrita oficial e da administração; há, por outro lado, registros de expressões relacionadas ao discurso religioso cristão, das comunidades sob estudo, e expressões do cotidiano, como as apresentadas nos enunciados a seguir.

- (4) (...) óia a Dora que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dic'ali né ela te ajuda ... a professora de lá/a professora de lá do Reberão é a fiia do Zeca ... **boa pessoa** ... Aqui todas iscol'ajud'ocê (PO/384/lhs. 26-29)
- (55) chega lá suado ... c'aquela aligria cum a gente ... aquela **boa vontade**: “não ... ceis merece ... ceis num pode ficá desse jeito não ... ceis'tá sofreno dimais aqui (AV/p. 337/lh. 42-43)

Não foram registradas, na fala rural goiana sob análise, ocorrências de participios passados na anteposição, nem mesmo nas estruturas cristalizadas, da forma como ocorre nos dados da fala rural de Barra Longa (cf. enunciado (52)).

Entendendo que características lingüísticas são influenciadas por características sócio-culturais e históricas das comunidades de fala e dos falantes, foi considerada e verificada, no capítulo (4), a distribuição das ordens AN e NA por comunidade de fala, na área rural de Goiás, conforme mostra a tabela (5), repetida aqui.

Tabela 5
Posição do adjetivo no SN
por comunidade de fala em Goiás

| COMUNIDADE \ POSIÇÃO | ANTE | | POS | |
|----------------------|---------|----|---------|----|
| | | % | | % |
| POMBAL | 73/232 | 31 | 159/232 | 69 |
| ACABA VIDA | 14/90 | 16 | 76/90 | 84 |
| TRAÍRAS | 18/79 | 23 | 61/79 | 77 |
| TOTAL | 105/401 | 26 | 296/401 | 74 |

$$\chi^2 = 9.08, \text{ df: } 2, p \text{ } 0.0107, S = 0.1505$$

Os resultados do cálculo do *Chi quadrado* ($\chi^2 = 9.08$, df: 2, p 0.0107, $S = 0.1505$), com base nos dados da tabela (5), indicam que a distribuição da ordem AN, por comunidade de fala, não é significativa.

Na seção (4.3) do capítulo (4), verificou-se a possibilidade de influência do perfil sociocultural dos falantes entrevistados – idade, grau de escolaridade, ocupação e grau de mobilidade interna e externa às comunidades – sobre a frequência de ocorrência da ordem AN, nos dados.

O resultado dessa análise, apresentado na tabela (19), mostra que, apesar de alguns informantes com alto grau de interação intra e entre comunidade apresentarem a mais alta frequência de AN, um número considerável de informantes com alto grau de interação intra e entre comunidade apresentam baixas taxas de frequência de AN. Conclui-se, diante disso, que a posição do adjetivo no SN não é influenciada, nem negativamente nem positivamente, pelo perfil social do informante, na fala rural goiana, corroborando a conclusão da análise da fala do Rio de Janeiro, com base nas análises de Nobre (1989).

Desta forma, para efeito de comparação entre o padrão urbano e o rural, com relação à posição do adjetivo no SN, nos séculos XX e XXI, amplia-se a tabela (21), introduzindo os resultados da análise dos dados das falas rurais de Goiás e de Barra Longa, Minas Gerais, conforme o exposto na tabela (26), a seguir.

Tabela (26)
Distribuição do adjetivo no SN do PB contemporâneo rural e urbano

| FONTE | GÊNERO TEXTUAL | PADRÃO/ ESTILO | FREQÜÊNCIA DE AN | FREQÜÊNCIA DE NA |
|------------------------------|-------------------------------|----------------|------------------|------------------|
| Nobre (1989) | científico | - | 41/438 (9%) | 397/438 (91%) |
| | literário | - | 52/195 (27%) | 143/195 (73%) |
| | - | culto | 68/403 (17%) | 335/403 (83%) |
| | - | coloquial | 218/1140 (19%) | 922/1140 (81%) |
| Cohen (1990) | científico | - | 93/442 (21%) | 349/442 (78%) |
| Boff (1991) | Epistolar: cartas pessoais | - | 41/106 (39%) | 65/106 (61%) |
| Müller <i>et alii</i> (2002) | - | culto | 136/1170 (12%) | 1034/1170 (88%) |
| Fala rural goiana | - | coloquial | 105/401 (26%) | 296/401 (74%) |
| Fala rural mineira | - | coloquial | 52/168 (31%) | 116/168 (69%) |

A tabela (26) mostra que, a partir das médias de frequência de AN, nos dados da área urbana – 15% (422/2733), na modalidade oral, em geral, e 19% (218/1140) na modalidade oral coloquial – nos 26% (105/401) de AN, na fala rural goiana e nos 31% na fala rural mineira, nota-se que as falas rurais apresentam a mais alta taxa de frequência de AN em comparação aos dados urbanos.

No entanto, mantendo-se a decisão tomada no capítulo (4), deve-se considerar que 69% (71/105) das ocorrências de AN na fala rural goiana são da combinação entre ‘véi/a’ e ‘santo/a’ + nome próprio, e que, nestas combinações, os referidos itens não possuem o estatuto gramatical de adjetivo.

A combinação ‘adjetivo + nome próprio’ de pessoa, principalmente, o adjetivo ‘véi’, não está presente em nenhuma das amostras analisadas nos trabalhos referentes ao PB urbano nem na amostra da fala rural de Barra Longa. Diante disso, para se desenvolver uma discussão mais coerente da frequência de ocorrência de AN, nos dados da fala rural goiana, em comparação a dados da fala urbana, é mais adequado excluir, das amostras de Goiás, os SN que contenham a combinação ‘adjetivo + nome próprio’ de pessoa.

Desta forma, restaram, na fala rural goiana, 10% (33/329) de ocorrências de AN, e 19% na fala rural mineira, contra 19% de AN na fala urbana, coloquial, informal. A fala rural de Barra Longa apresenta o mesmo percentual de ocorrência de AN que a fala urbana, enquanto a fala rural de Goiás apresenta uma taxa mais baixa.

Se, por um lado há, no que se refere à posição do adjetivo no SN, uma semelhança entre o padrão lingüístico da fala urbana (culto/coloquial) e o padrão lingüístico das falas rurais goiana e mineira (coloquial), pois ambos apresentam baixas taxas de ocorrência de AN, por outro lado, a fala rural mineira apresenta um padrão semelhante ao da fala urbana, se observada a frequência de ocorrência de AN (19% para ambas), e semelhante ao padrão da fala rural goiana, considerando-se o contexto de ocorrência da ordem AN, ou seja, a ordem AN, em ambas as falas rurais, ocorre *quase categoricamente* em estruturas cristalizadas.

Por fim, dado que, na fala rural goiana, o perfil do falante, principalmente no que diz respeito ao grau de mobilidade interna e externa, não influencia a ocorrência da ordem AN, infere-se que a posição do adjetivo no SN, na referida fala rural, não sofre avaliação social, nem negativa nem positiva, sugerindo que o fenômeno descrito, na fala rural goiana, encontra-se *planificado*, isto é, não apresenta assimetria de uso.

6.2 Mudança na posição do adjetivo no SN e o conservadorismo da fala rural goiana

Teixeira (1944, p. 7) afirma que, para a realização de seu estudo dialetológico sobre a fala de Goiás, visitou “... as áreas de maior densidade demográfica, quais as zonas sul, leste, centro e pré-norte [pois] segundo os princípios de Bartoli de caracterização das áreas, verifica-se que apresentam caracteres mais arcaicos as regiões pré-norte e leste, por seu isolamento maior”.

O referido autor, que tinha por objetivo encontrar, em Goiás, aspectos lingüísticos conservadores da LP, constatou que “o estudo da morfologia social goiana revela uma sociedade mais simples e menos complexa do que as de outros estados de maior população e maior progresso”. Constatação equivalente a dos cronistas europeus com relação ao cenário encontrado em Goiás, no período pós-aurífero (cf. capítulo (1)).

Considerando o grau de instrução da população de Goiás de então (década de 30), período do advento da estrada de ferro, signo do progresso e da prosperidade, Teixeira propõe a seguinte estratificação sociocultural para a sociedade goiana: 1. os analfabetos: a grande massa rural, que não sabe ler nem escrever; 2. os semi-analfabetos: alguns camponeses, os fazendeiros em geral e parte da população urbana, aqueles que mal sabem ler, escrever e contar; 3. os alfabetizados: pequena porção da massa urbana, aqueles que sabem ler, escrever e contar e que, em geral, ocupam espaços de prestígio na sociedade urbana; e 4. os letrados: profissionais graduados como juiz, promotor, escrivão, professor, padre, farmacêuticos e dentistas, ainda que entre os dois últimos houvesse muitos profissionais práticos, e figuras públicas ou autoridades, embora, houvesse muitos prefeitos, delegados, coronéis e majores analfabetos e semi-analfabetos, assim como havia muitos fazendeiros graduados.

Segundo o autor (1944, p. 9, destaque do autor), a diminuta camada dos letrados, juntamente com a escola, constituía “o núcleo conservador da língua, de uma língua *brasileira*”.

Tendo em vista que a economia goiana, nos anos 30, de natureza eminentemente agropecuária, absorvia 80% da população do Estado, retendo-a no campo, e que dos 20% da população urbana, uma camada considerável encontrava-se à margem das forças unificadoras da linguagem, pode-se concluir que, em Goiás, mesmo durante a modernidade, na fase mais intensa do período agropastoril, sob os ares do progresso trazido pela estrada de ferro, no que diz respeito à linguagem, rural e urbano estavam praticamente no mesmo nível, apresentando os mesmos padrões de uso lingüístico. Pode-se dizer, então, que, nas áreas rural e urbana, o uso do PB, “livre da força disciplinadora” da linguagem, representada pela escolarização (TEIXEIRA, 1994, p. 9), seguia o mesmo padrão, exceto pela “diminuta” camada de *letrados*, que poderia ser encontrada tanto na cidade quanto no campo, ainda que, neste, em menor quantidade.

Para a presente análise, conforme o exposto no capítulo (3), foram selecionadas comunidades rurais goianas, situadas nas atuais regiões do centro e do norte de Goiás, áreas mais isoladas e de menor densidade demográfica, embora expostas, mesmo que em menor grau, aos agentes unificadores da linguagem, como a escola e a mídia.

O fenômeno lingüístico selecionado para objeto de análise no presente estudo é a posição do adjetivo no SN, um fenômeno que, nas comunidades rurais goianas, sob estudo, não sofre avaliação social nem se situa no conflito entre certo vs. errado, na normatização do uso da língua, pela atual Nomenclatura Gramatical Brasileira, salvo os casos de restrição semântica.

A comparação entre os resultados das análises da posição do adjetivo no SN, nas falas rurais de Goiás e de Barra Longa, em Minas Gerais, e em dados lingüísticos urbanos do PB, indica que as variedades lingüísticas analisadas apresentam a mesma tendência: a posposição do adjetivo ao nome, sendo que, na fala rural, as ocorrências de

adjetivo anteposto se restringem a estruturas cristalizadas, o que ainda não ocorre, com a mesma dimensão, na área urbana, independentemente do padrão lingüístico, na oralidade, ou do gênero textual, na escrita.

Tendo, portanto, como ponto de partida, os pressupostos de Cohen (1990) e adotando-se a noção de *continuum* diacrônico de Cohen (2007), já apresentados no capítulo (2), pode-se considerar o fenômeno sob análise como o “extremo contemporâneo de um *continuum* diacrônico”, encaixado na mudança AN > NA, que faz parte do realinhamento tipológico das línguas românicas.

O fato de, por um lado, a fala rural de Barra Longa apresentar freqüência de AN igual à da fala urbana e superior à da fala rural goiana, e, por outro lado, se igualar a esta, qualitativamente, quando se trata do contexto de ocorrência de AN, em estruturas cristalizadas, mostra que o que evidencia o ponto final do *continuum* diacrônico é, muito mais, o contexto que a freqüência de ocorrência do fenômeno.

Neste sentido, tendo em vista o contexto sintático particular de ocorrência da ordem AN na fala rural goiana – as estruturas cristalizadas – que ainda não se aplica da mesma forma e na mesma medida à fala urbana, a fala rural de Goiás encontra-se em um ponto mais adiantado do *continuum* diacrônico AN ↔ NA românico, configurando um estágio final da mudança AN > NA.

Assim, a fala rural goiana das regiões mais isoladas e conservadoras do Estado, no que diz respeito à posição do adjetivo no SN, especificamente, não conserva, mas inova, e mais rapidamente, que a área urbana, sugerindo que, para alguns fenômenos lingüísticos, o isolamento geográfico relativo da comunidade de fala, com pouco contato externo, nem sempre consegue impedir ou mesmo retardar o curso de uma mudança lingüística.

Por outro lado, a posição do adjetivo no SN não sofre avaliação social, portanto, não é uma preocupação da escola normatizar seu uso. Desta forma, o fenômeno fica livre da padronização prescritivista do ensino de Língua Portuguesa ou da pressão unificadora da escola e da sociedade. A área rural, que embora já não esteja mais tão distante da escola e que já conta com a presença da mídia, está ainda um pouco

livre da padronização lingüística, o que lhe permite caminhar mais rapidamente neste tipo de mudança.

Com relação ao isolamento social e cultural dos membros das comunidades rurais goianas, a descrição realizada na seção (4.3) do capítulo (4) mostra que falantes com alto e baixo grau de mobilidade interna e externa e de escolaridade, portanto, com diferentes graus e tipos de interação social, apresentam alta e baixa taxa de frequência da ordem AN e de EC em suas falas.

Assim, diferentemente do que ocorre nas áreas urbanas, em que o padrão coloquial, na oralidade, e os gêneros literário e epistolar (cartas pessoais), na escrita, ainda que minimamente, aumentam a frequência de AN, na fala rural de Goiás, o grau e o tipo de isolamento e de interação social que envolve os falantes não influencia a frequência de ocorrência nem da ordem AN nem de EC, fortalecendo a hipótese de que, na fala rural goiana, a ocorrência da ordem AN pode ser favorecida pelo tipo de estrutura em que o adjetivo ocorre anteposto ao nome.

Estes resultados sugerem que o uso lingüístico, ou a *atividade do falante*, de acordo com os dados da área urbana, considerados nesta análise, está influenciando minimamente o ritmo da *deriva histórica* do PB, no que concerne ao fenômeno em questão.

O resultado da presente análise, portanto, mostra que a fala rural pode ser conservadora em muitos aspectos, mas também pode ser inovadora tanto quanto qualquer outra variedade lingüística, a despeito do grau mais alto de isolamento geográfico das comunidades rurais.

O conservadorismo lingüístico da fala rural deve ser relativizado, da mesma forma que o isolamento das áreas rurais, conforme sugere Souza (1998), pois há alguns fenômenos, que constituem o que Melo (1946) definiu como “tendências latentes, embrionárias” ou “velha corrente da língua”, que fazem parte da deriva histórica da língua e que vêm, gradativamente, se implementando na mesma, ao longo de muitos séculos, e se encontram *planificadas*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se, nesta tese, discutir o *conservadorismo da fala rural goiana*, a partir da descrição e análise da posição do adjetivo adnominal no SN, em amostras de fala de três comunidades rurais de Goiás: Acaba Vida, Pombal e Traíras. Como parâmetro, na discussão do conservadorismo da fala rural de Goiás, considerou-se uma outra fala rural, a de Barra Longa, em Minas Gerais, a escrita em LP do século XX e dados urbanos, orais e escritos, do PB contemporâneo.

A descrição dos SN com adjetivos adnominais, nos dados de Goiás, tendo em vista nosso esquema (3), conforme apresentado no capítulo (2), e a descrição feita no capítulo (4), mostrou que, nos dados sob análise, as posições dos itens e as funções gramaticais dos adjetivos no SN compõem uma *escala de rigidez* das posições do SN, que vai das funções menos ligadas ao nome e, portanto, menos rígidas até as mais ligadas ao nome e mais rígidas, retornando às menos rígidas, por serem menos ligadas ao núcleo:

(3)

PNE – PNI – Qv NSN MODI – MODE.

Escala de rigidez das posições do SN

Na fala rural goiana, portanto, ocorrem adjetivos antepostos (105/401) e pospostos (296/401), em dois tipos de SN, os rígidos (194/401), com constituintes imóveis, e os não-rígidos (207/401), com constituintes móveis, nas duas posições.

Nos dados sob análise, predominam a posposição do adjetivo no SN, com 74% (296/401) das ocorrências, e o SN não-rígido, com 52% (207/401) dos registros; os SN rígidos são predominantes na anteposição, com 96% (101/105) das ocorrências, e os SN não-rígidos são predominantes na posposição.

Com base no referencial teórico proposto (cf. capítulo (2)), foram consideradas 9 características, a fim de apontar as diferenças entre a anteposição e a posposição, e entre os SN rígidos e os não-rígidos, para, então, verificar se tais características distinguem as duas posições do adjetivo no SN e os dois tipos de SN com adjetivos adnominais.

Os resultados da análise mencionada no parágrafo anterior são os seguintes: os adjetivos antepostos possuem sentido subjetivo, são menores que seus núcleos, precedem nomes imateriais, não-contáveis, não-comuns, sagrados e predominam em SN rígidos; e os adjetivos pospostos possuem sentido objetivo, antecedem nomes materiais, contáveis, comuns, inanimados e predominam em SN não-rígidos; os SN rígidos, por sua vez, são constituídos das funções gramaticais mais ligadas ao nome (Qv e ModI), de adjetivos não-intensificáveis, antecedendo nomes com o traço sagrado; e os SN não-rígidos são constituídos de funções gramaticais menos ligadas ao nome e, na anteposição, por adjetivos no grau superlativo; nos SN rígidos, predomina a anteposição e nos não-rígidos predomina a posposição.

Dos traços lingüísticos apontados na literatura sobre o tema como influenciadores da ocorrência da anteposição, na LP e no PB, nas amostras da fala rural goiana, portanto, apresentaram-se como mais freqüentes, na anteposição, aqueles que constituem os SN rígidos e que estabelecem uma ligação mais estreita entre adjetivo e nome, ou seja: os adjetivos não-intensificáveis, nesta análise, confirmados pelas funções Qv e PNI, e os adjetivos menores que o nome.

A dimensão dos vocábulos opõe tanto a anteposição à posposição, quanto SN rígido a SN não-rígido: na anteposição, em SN rígido e não-rígido, predominam os adjetivos menores que o nome; na posposição, os adjetivos de mesma dimensão que o nome são mais freqüentes em SN rígidos, ao passo que os maiores que o nome são mais freqüentes em SN não-rígidos.

Desta forma, conclui-se que a *anteposição* está relacionada ao grau de rigidez da estrutura onde ela ocorre e que, dada a função gramatical do adjetivo, predominante na anteposição, isto é, a função Qv, em que os itens perderam o *status* de adjetivo, a posição do adjetivo no SN, na fala rural goiana, com base nas três amostras

analisadas, não deixa escolha ao falante, pois este não pode preferir uma posição a outra. Esta conclusão é confirmada pela análise da relação entre a ocorrência da anteposição e o perfil sociocultural do informante, que revelou que a atividade do falante não influencia a anteposição do adjetivo nos dados.

Uma análise rigorosa das funções que ocorrem à esquerda de NSN nos dados, permite afirmar que, da mesma forma que a função Qv, as funções PNE e PNI perderam o status de adjetivo, concluindo que, a rigor, não há adjetivos antepostos.

Trata-se, portanto, da mudança de posição do adjetivo no SN, ou seja, mudança da ordem AN para a ordem NA, em que a alternância (AN~NA), ainda presente em outras variedades da LP e do PB, não ocorre na fala rural de Goiás.

De acordo com os resultados da presente análise, portanto, defende-se que a posição do adjetivo no SN no PB insere-se no “extremo contemporâneo de um *continuum* diacrônico” da LP. A mudança AN > NA é uma tendência geral das línguas românicas e vem se desenvolvendo na LP ao longo de, pelo menos, 7 (sete) séculos (XIV-XX), conforme demonstram as análises de Cohen (1990), como parte de uma mudança maior, envolvendo o realinhamento tipológico geral dessas línguas.

Assim, as ocorrências das funções PNE, PNI e QV, nas amostras da fala rural de Goiás, constituem resíduos lingüísticos de fases pretéritas do PB e até mesmo da fala rural sob análise. A alta frequência de SN rígidos com as funções PNI e Qv, por sua vez, indica um estágio avançado da mudança, na fala rural goiana, em que os itens e as estruturas mais frequentes encontram-se cristalizados pelo uso. Desta maneira, as estruturas, sincronicamente consideradas como SN rígidos são, na visão diacrônica, estruturas cristalizadas da língua.

A descrição do processo de cristalização das estruturas nominais (capítulo 6), por seu turno, mostrou que a *distribuição* dos elementos no SN (anteposição e posposição), por si só, não é suficiente para o estabelecimento de um contraste com elevada carga funcional. O aumento da carga funcional de uma estrutura ou de um contraste depende, fundamentalmente, da natureza da combinação entre os itens em relação e não somente da posição de cada elemento no SN.

Com relação à *freqüência*, na ordem AN os itens mais recorrentes nos dados sob análise são os que formam nomes de santos, topônimos (muitos deles constituídos de nomes de santos) e formas de tratamento pessoal. Na ordem NA, os itens mais freqüentes são os que integram topônimos e nomes de santos. Os adjetivos mais freqüentes integram EC, sendo que as EC que funcionam como forma de tratamento pessoal são as menos cristalizadas e as menos freqüentes.

A alta *freqüência* de uso de uma combinação entre classes específicas de adjetivo e nome leva ao esvaziamento semântico dos itens, acarretando a perda de sua individualidade semântica e formal, tornando seu sentido dependente do contexto de ocorrência e resultando, por fim, na cristalização da estrutura.

Por outro lado, a natureza lingüística de uma combinação entre adjetivo e nome, associada à freqüência de ocorrência da estrutura, estabelece o *conteúdo de informação* de uma estrutura ou de um contraste na língua. Portanto, um grau mais alto ou mais baixo do *conteúdo de informação* de uma EC ou de um contraste entre AN e NA depende tanto da freqüência de uso da estrutura quanto da natureza da combinação entre adjetivo e nome no SN.

Outra constatação decorrente da descrição do processo de cristalização de estrutura é que os traços lexicais dos nomes e dos adjetivos, por si só, não são suficientes para que as estruturas sejam cristalizadas. Nos dados sob análise, a *situação de modificação*, formada pela combinação de adjetivos *não-intensificáveis* e nomes com diferentes traços lexicais, associada à *freqüência* de ocorrência e à alta *carga funcional* da estrutura, cria um *efeito de combinação* total entre adjetivo e nome, em AN e NA, levando à perda da individualidade formal e semântica dos itens, os quais passam a ser percebidos como um único item lexical.

As propriedades lexicais dos itens e das classes de palavra possibilitam a retenção do adjetivo na ordem AN, ao passo que o processo de *interreferenciação* ou *referência unificada* e a *freqüência* de uso de uma determinada estrutura, com AN ou NA, levam à sua cristalização.

Desta maneira, o fato de as EC representarem 96% (101/105) do total das anteposições não indica que a anteposição favorece a cristalização. O que ocorre é que estruturas com a ordem AN, formadas por adjetivos muito freqüentes, ocorrendo em contextos específicos, foram cristalizadas pela alta freqüência de uso, como é o caso dos nomes de santos, retendo, pela cristalização, a ordem AN.

O estudo da fala rural goiana mostra que a cristalização, que torna imóvel a ordem dos elementos na estrutura, é responsável pela retenção da ordem AN e não que a ordem AN leva à cristalização das estruturas.

Decorre desses resultados que, em qualquer ordem e em qualquer tipo de estrutura, os adjetivos mais freqüentes são os que estão relacionados com o imaginário da comunidade, envolvendo o discurso religioso cristão e o passado da mesma, e são os que possibilitam a cristalização das estruturas.

A presença da ordem AN, nos dados sob análise, por sua vez, indica que combinações de alta freqüência de uso foram cristalizadas em um momento em que a ordem AN ainda era produtiva na fala daquelas comunidades, confirmando o que Cohen (1990) propôs para a escrita da LP e que Nobre (1989) propôs para a escrita e a oralidade do PB, com amostras do Rio de Janeiro.

Cohen (1990), em sua análise, atentou para o fato de os adjetivos mais freqüentes ficarem restritos a ocorrerem em compostos e frases-feitas, na anteposição. A presente análise, então, representa um avanço em relação à análise de Cohen, pois considera também a cristalização de estruturas na ordem NA, em que os itens mais freqüentes são aqueles que constituem topônimos, nomes de santo e expressões do cotidiano, sendo que as expressões do cotidiano são as menos freqüentes e as que apresentam um grau de cristalização menor.

Parece claro também que os “contextos particulares” de ocorrência da ordem AN são as EC, e os adjetivos de sentido “especial”, “problemático” ou “particular” (cf. capítulo (2)) são os *itens gatilho*, que estão passando por um processo de esvaziamento semântico e/ou perda da individualidade semântica e formal, e por redefinição de sua função gramatical.

Na fala rural goiana, a posição do adjetivo no SN está fixada, de acordo com as restrições estruturais da língua e pelo uso de estruturas mais frequentes, independentemente de avaliações sociais. A não relação entre o perfil sociocultural dos informantes e a ocorrência da ordem AN nos dados indica que o fenômeno sob análise possui *distribuição contínua* nas comunidades de fala.

A análise comparativa entre os resultados de análises com dados da fala rural de Goiás, da fala rural de Barra Longa, Minas Gerais, e do PB contemporâneo, urbano, nas modalidades oral e escrita, esta em diferentes gêneros e aquela em diferentes padrões, confirmou que o fenômeno sob análise possui *distribuição contínua* também no PB urbano. O fenômeno da posição do adjetivo no SN encontra-se em processo de *planificação* de seu uso lingüístico, no PB, do rural para o urbano.

Diante disso, questiona-se o caráter conservador da fala rural goiana, no que diz respeito à posição do adjetivo no SN, e defende-se que, nesta fala, as ocorrências da anteposição, em EC, constituem resíduos lingüísticos de fases anteriores do PB, conferindo-lhe um caráter de *inovação lingüística*, no que diz respeito, especificamente, à mudança AN > NA.

Assim, pode ser que o contato lingüístico intenso acelere a deriva de uma língua, mas isso não quer dizer que o maior isolamento geográfico e cultural possa retardar sempre a deriva lingüística.

Os resultados da presente análise permitem afirmar que alguns fenômenos de variação e/ou mudança lingüística podem ter seu uso planificado socialmente, desde que não sofram nenhum tipo de avaliação social. Este é o caso do fenômeno da posição do adjetivo no SN, na fala rural goiana e no PB urbano, neutralizando dicotomias, tais como rural/urbano, escolarizado/não-escolarizado, oralidade/escrita.

Os fenômenos que constituem regras contínuas, imunes às pressões padronizadoras do uso da linguagem e às marcas sociais, seja de estigma ou de prestígio, do ponto de vista de sua estrutura, são planificados, ou seja, apresentam o mesmo padrão de uso em comunidades mais isoladas, como é o caso das comunidades rurais de Goiás e de Minas Gerais, e em comunidades menos isoladas, como as urbanas

consideradas nesta análise. Um mesmo padrão de uso pode ser descrito também para falantes com diferentes perfis socioculturais.

Estes resultados fornecem mais uma evidência de que o conservadorismo do povo, da cultura e da fala dos *roceiros* deve ser relativizado.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. e RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do Português Falado**. v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas-SP: Editora da Unicamp, p. 227-316, 2002.
- ADAMS, J. N. A typological approach to Latin Word Order. 1977.
- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Latina**. São Paulo: Saraiva, 1995.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Casa Editora “O livro”, 1920.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC/Brasília: INL, 1982.
- AMERICANO DO BRASIL, A. **Pela história de Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1980.
- ANDRADE, A. L. de. Formas de transmissão lingüística: um estudo de caso sobre documentos goianos. **Estudos Lingüísticos**. XXXVI (2), maio-agosto, p. 200-209. Campinas-SP: IEL/Unicamp (disponível em: www.lafape.iel.unicamp.br, acesso: 31/08/2007), 2007.
- BAIOCCHI, M. N. **Kalunga** – o povo da terra. Brasília-DF: Ministério da Justiça/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- BAXTER, A. e LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. Em: **Estudos Lingüísticos e Literários**. Salvador: Instituto de Letras/UFBA, v. 19, p. 65-83, 1997.
- BERTRAN, P. **História de Niquelândia** – do Distrito de Tocantins ao Lago de Serra da Mesa. Brasília: Verano Editora, 1998.
- BOFF, A. M. **A posição dos adjetivos no interior do sintagma nominal**: perspectivas sincrônica e diacrônica. Tese de Doutorado, inédita, Campinas-SP: Unicamp, 1991.
- BORGES NETO, J. **Adjetivos** – predicados extensionais, predicados intensionais. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1991.
- BORGES, D. V. C. & SALLES, H. M. M. L. O Centro-Oeste na história do português brasileiro: primeiras reflexões. **Anais do IV Encontro Internacional da Associação Brasileira de Lingüística**. Brasília (disponível em: www.abralin.org.br), 2005, p. 1541-1548.
- BORTONI-RICARDO, S. M. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística. Em: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas-SP: Unicamp/Pontes, p. 167-180, 1989.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna** – a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola. E agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

BRITO, M. H. de O. **A colônia alemã do Uvã (1924-1954)**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CALLOU, D. *et al.* **A posição do adjetivo no sintagma nominal**: duas perspectivas de análise. Rio de Janeiro (disponível em: www.clul.ul.pt, acesso: 06/05/2007), 2002.

CALLOU, D. & SERRA, C. A variação na ordem dos adjetivos nos últimos quatro séculos. Em: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. **Português brasileiro** – contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 191-198, 2003.

CASTELEIRO, J. M. **Sintaxe transformacional do adjetivo**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

CASTILHO, A. T. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas-SP: Unicamp, 1989.

CASTILHO, A. T. (Org.). **Gramática do português falado**. v. I: A ordem. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1991.

CASTILHO, A. T. (Org.). **Gramática do português falado**. v. III: As abordagens. Campinas-SP: Unicamp/Fapesp, 1993.

CASTILHO, A. T. e BASÍLIO, M. (Org.). **Gramática do português falado**. v. IV: Estudos descritivos. Campinas-SP: Unicamp/Fapesp, 1996.

CASTILHO, A. T. (Org.). **Para a História do português Brasileiro**. v.1: Primeiras idéias. São Paulo: Humanitas, 1998.

CASTRO, Yeda Pessoa. **Os falares africanos na interação social do Brasil colônia**. Salvador: UFBA, 1980.

CASTRO, Yeda Pessoa. **Falares africanos na Bahia** – Um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás** – da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2002.

COHEN, M. A. A. M. **Syntact change in portuguese**: relative clauses and the position of the adjective in the noun phrase. Tese de Doutorado, inédita, Campinas-SP: Unicamp, 1986-1989.

COHEN, M. A. A. de M. Mudança diacrônica na colocação dos adjetivos do português. **Comunicação oral: Encontro Nacional sobre adjetivos**. Brasília-DF: UnB, 18 e 19 de maio de 1996.

COHEN, M. A. A. de M. et al. Filologia Bandeirante. *In Filologia e Língua Portuguesa*, 1. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, p. 79-94, 1997.

COHEN, M. A. A. M. & RAMOS, J. M. (Orgs.). **Dialeto mineiro e outras falas** – estudos de variação e mudança lingüística. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002.

COHEN, M. A. A. M. Estudos da fala rural: a retroflexão do erre e a neutralização rural/urbano. Em: **V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística**. Minas Gerais, Caderno de Resumos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, p. 407-408, 2007.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, A. G. da. (Ed.). **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1997.

DIAS, M. T. **A questão do rótulo categorial do particípio passado: função predicativa e adnominal** – Dissertação de Mestrado, inédita, Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FARACO e MOURA. **Gramática**. São Paulo: Ática, 2000.

FERREIRA, C. e CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GONÇALVES, S. C. L., LIMA-HERNANDES, M. C. & CASSEB-GALVÃO, V. C. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

GREENBERG, J. H. **Universals of human language**. v. 1: Method & Theory. Stanford, California: Stanford University Press, 1978a.

GREENBERG, J. H. **Universals of human language**. v. 4: Syntax. Stanford, California: Stanford University Press, 1978b.

GREENBERG, J. H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. Em: GREENBERG, J. H. **Universals of Language**. The M.I.T. Press, 1966.

GUIMARÃES, M. T. C. **Formas de organização camponesa em Goiás (1954/64)**. Goiânia: CEGRAF, 1988.

GUMPERZ, J. John. Introduction. Em: HYMES, D. e GUMPERZ, J. J. **Directions in sociolinguistics** – the ethnography of communication. New York: Basil Blackwell Inc., p. 1-31, 1986.

HARRIS, A. C. e CAMPBELL, L. **Historical syntax in cross-linguistic perspective**. Cambridge University Press, 1995.

HAMEL, E. R. La política del lenguaje y o conflicto interétnico – Problemas de investigación sociolingüística. Em: **Política Lingüística na América Latina**. Campinas-SP: Pontes, p. 41-73, 1988.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). www.ibge.gov.br. (acesso: várias consultas em 2006 e 2007)

ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. v. II: Níveis de análise lingüística. Campinas-SP: Unicamp, 1992

JAKOBSON, R. Implications of Language Universals for Linguistics. Em: GREENBERG, J. H. **Universals of Language**. The M.I.T. Press, 1968.

JAKOBSON, R. **Lingüística. Poética. Cinema**. São Paulo-SP: Perspectiva, 1970.

JAKOBSON, R. A afasia como problema lingüístico. Em: CHOMSKY, N. *et al.* **Novas perspectivas lingüísticas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.

JAKOBSON, R. **On Language**. (Org.: Linda R. Waugh e Monique Monville-Burston). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1995.

JOTA, Z. S. **Dicionário de Lingüística**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

KATO, M. A. (Org.). **Gramática do português falado**. v. V: Convergências. Campinas-SP: Unicamp/Fapesp, 1996.

KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. v. VI: Desenvolvimentos. Campinas-SP: Unicamp, 1997.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Modelos Sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedras, 1983.

LABOV, W. On the mechanism of linguistic change. Em: HYMES, D. e GUMPERZ, J. J. **Directions in sociolinguistics** – the ethnography of communication. New York: Basil Blackwell Inc., p. 512-547, 1986.

LEITE DE VASCONCELOS, J. **Estudos de Filologia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1961.

LEHMANN, W. P. **Syntactic Typology** – studies in the phenomenology of language. Austin: University of Texas Press, 1981.

LEHMANN, W. P. **Historical Linguistics** – an introduction. Austin: University of Texas Press, 1978.

LEME, M. L. de A. **Dio, che brut estudá ...** – um estudo lingüístico da comunidade tirolino-trentina da cidade de Piracicaba. Campinas-SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória-Unicamp, 2001.

LIBERATO, Y. G. **A estrutura do SN em português:** uma abordagem cognitiva – Tese de Doutorado, inédita, Belo Horizonte: UFMG, 1997.

LIMA, B. F. Z. Análise da ordem dos constituintes adjetivo e substantivo em textos catalães dos séculos XIII, XIV, XV e XX – Dissertação de Mestrado, inédita, Belo Horizonte: UFMG, 2000.

LONGO, B. O. & CAMPOS, O. S. A auxiliabilidade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. Em: **Gramática do Português Falado**. v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas-SP: Editora da Unicamp, p. 445-477, 2002.

LUFT, C. P. **Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1987.

LUCCHESI, D. A variação na concordância de gênero em dialetos despidginizantes e descriolizantes do português do Brasil. Em: ZIMMERMANN, K. (Org.). **Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa**. Biblioteca Ibero-Americana, 1999.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). *Delta*, 17:1, p. 97-130, Campinas-SP: Unicamp, 2001.

LYONS, J. **Lingua(gem) e Lingüística**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1981.

LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MAGALHÃES, C. de. **Viagem ao Araguaia**. São Paulo: Editora Três, 1974.

MAROUZEAU, J. L'Ordre des mots dans la phrase latine 1: les groupes nominaux. Paris: Champion, 1922.

MATEUS, M. H. M. *et. al.* **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1989.

MATTOS e SILVA, R. V. de. A concordância verbo-nominal facultativa no português arcaico. Comunicação oral, no **IX Congresso ALFAL** – GT de Lingüística Histórica, Seção Acadêmica de Lingüística Histórica. Campinas-SP, 1990.

MATTOS e SILVA, R. V. de. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. Em: **Caderno de Estudos Lingüísticos**, v. 20 (jan-jun), p. 59-74, 1991.

MATTOS e SILVA, R. V. de. Português brasileiro – raízes e trajetórias. Em: **Revista Ciência Hoje (SBPC) – América: conquista e colonização**, v. 15 (nov-dez), n.96, p. 76-81, 1992.

MATTOS e SILVA, R. V. de. A propósito das origens do português brasileiro. Comunicação oral na Mesa Redonda: **As origens do português brasileiro**, no Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística. Salvador, 1999a.

MATTOS e SILVA, R. V. de. **Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas revisitados**. Comunicação oral, no Concurso Público para a classe de Professor Titular, na Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999b.

MATTOS e SILVA, R. V. de. O ‘Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR)’ e sua inserção no Projeto nacional ‘Para a história do português brasileiro’. Comunicação oral no **Seminário do Projeto ‘Para a história do português brasileiro’**, Salvador, 2000 a.

MATTOS e SILVA, R. V. de. **Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro**. Comunicação oral, Évora-PT, 2000b.

MATTOS e SILVA, R. V. de. **O português arcaico – morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2001.

MATTOS e SILVA, R. V. de. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MAURER Jr., T. H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MAURER Jr., T. H. **O problema do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MEGALE, H. **O horizonte da língua bandeirante**. www.revistapesquisa.fapesp.br (acessado em 25 de agosto de 2008).

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

MELO, G. C. de. **Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

MENDES, S. T. P. Qualificativo ‘dona’ e nomes próprios: análise diacrônica de dados do português mineiro de Barra Longa – MG. Em: COHEN, M. A. A. M. & RAMOS, J. M. (Org.). **Dialeto Mineiro e outras falas – estudos da variação e da mudança lingüística**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ UFMG, p. 141-153, 2002.

MENDES, E. A. M. *et al.* **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MENDES, S. T. P. **A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?** Dissertação de Mestrado, inédita, Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MENUZZI, S. **Sobre a modificação adjetival do português:** uma teoria da projeção dos adjetivos. Tese de Doutorado, inédito, Campinas-SP: Unicamp, 1992.

MIAZZI, M. L. F. **Introdução à Linguística Românica.** São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

MILROY, L e GORDON, M. **Sociolinguistics – method and interpretation.** Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

MILROY, J. **Linguistic variation and change.** Oxford: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, L. **Language and social network.** 2nd ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MIRANDOLA, N. S. A. **As tecedeiras de Goiás – estudo lingüístico, etnográfico e folclórico.** Goiânia: CEGRAF/UFG, 1993.

MONTEIRO, J. M. **Negros da terra – índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOURA, M. M. **Camponeses.** São Paulo: Ática, 1988.

MÜLLER, A. L. *et al.* Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores? Em: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do Português Falado.** v. VIII: Novos Estudos Descritivos. Campinas-SP: Editora Unicamp, p. 317-344, 2002.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. Em: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-31.

NARO e SCHERRE. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. Em: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 147-177.

NARO, A. J. e SCHERRE, M. M. P. **Origens do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2007.

NEVES, M. H. M. **Gramática do português falado.** v. VII. Campinas-SP: Unicamp/Pontes, 1999.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- NOBRE, M. M. R. **Posição do adjetivo no sintagma nominal na fala do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, inédita, Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.
- NUNES-PEMBERTON, G. M. **Os adjetivos antepostos do português falado no Brasil**. Dissertação de Mestrado, inédita, São Paulo: USP, 2000.
- PÁDUA, H. R. de. **Linguística e História em Acaba Vida**. Brasília: Ministério da Integração Nacional/Universidade Federal de Goiás, 2002.
- PALACÍN, L. e MORAES, M. A. de S. **História de Goiás (1722-1972)**. Goiânia: UCG, 1989.
- PALACÍN, L. **Sociedade Colonial**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1981.
- PALACÍN, L. **O Século do Ouro em Goiás**. Goiânia: Editora da UCG, 1994.
- PALACÍN, L. *et al.* **História de Goiás em Documentos – I. Colônia**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1995.
- PEDROSO, D. M. R. **O povo invisível**. Goiânia: Editora da UCG, 1994.
- PERINI, M. A. **Princípios de Linguística Descritiva – introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2004.
- PERINI, M. A. *et al.* **Revista de Estudos da Linguagem**. Faculdade de Letras/UFMG. Ano 5- n. especial, jul./dez. 1996, 180 p. Relatório final de projeto de pesquisa sobre a estrutura do SN português. Belo Horizonte: FL/UFMG, 1996.
- PERINI, M. A. **Sintaxe portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994.
- PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: USP, 1995.
- PRADO JR. Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- QUEIROZ, R. S. **Caipiras negros no Vale do Ribeira: um estudo de Antropologia Econômica**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.
- REZENDE, T. F. **Discurso e identidade etno-cultural em Pombal-GO**. Dissertação de Mestrado, inédita, Goiânia: UFG, 2000.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- ROCHA, L. M. **O estado e os índios: Goiás 1850-1889**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1998.
- RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras** – para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo-SP: Loyola, 1986.

RODRIGUES, J. H. **A vitória da Língua Portuguesa no Brasil colonial**. Humanidades, vol. 1, n. 4, p. 21-41. Brasília: UnB, 1983.

SAINT-HILAIRE, A. **Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz**. Tome Premier. Paris: Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur, 1847 (disponível em <http://del.icio.us/nimuendaju/saint-hilaire>).

SAINT-HILAIRE, A. (Trad. Regina Regis Junqueira). **Viagem à Província de Goiás**. São Paulo: Itatiaia, 1975.

SALLES, Gilka V. F. de. **Economia e Escravidão na Capitania de Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

SAPIR, E. **A linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHWARTZ, S. B. **Escravos, roceiros e rebeldes**. (Trad. Jussara Simões). Bauru-SP: EDUSC, 2001.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodles** – variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, M. M. P. e NARO, A. J. **Sobre as origens estruturais do Português Brasileiro: crioulização ou mudança natural?** *Papia*, 11, p. 40-50. Brasília: Tesaurus, 2001.

SILVA, B. V. **Aspectos fonológicos da fala de homens do campo e profissionais de Ciências Agrárias goianos**. Monografia de final de curso, inédito. Goiânia: UFG, 2000.

SILVA, C. T. da. **Borges, Belino e Bento** – a fala ritual entre os Tapuios de Goiás. São Paulo: Annablume, 2002.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1950.

SOUZA, A. C. de M. e. **Os parceiros do Rio Bonito: um estudo de caso sobre a região de Bofete**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

TARDE, G. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1994.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. Em: ROBERTS, I. e KATO, M. A. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas-SP: Unicamp, p. 35-64, 1996.

TEIXEIRA, J. A. **Estudos de dialetologia portuguesa** – linguagem de Goiás. São Paulo: Anchieta-SA, 1944.

TIBALLI, E. F. A. **A expansão do povoamento em Goiás século XIX**. Dissertação de Mestrado, inédita, Goiânia: UFG, 1991.

TOTARO, J. H. R. **Mudança de ordem dos constituintes adjetivo e nome em textos espanhóis dos séculos XIII a XX**. Dissertação de Mestrado, inédita, Belo Horizonte: UFMG, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Catálogo de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística** – 1972-2003. Faculdade de Letras. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2005.

VALE, O. A. *et al.* **Constituição de um corpus de língua falada de diálogos entre profissionais de Ciências Agrárias e homens do campo no interior de Goiás**. Projeto de pesquisa, inédito, Goiânia: UFG, 1997.

VILAS, P. C. Crianças, tambores e escola - uma experiência de troca pedagógica em Pombal-GO. Em: **Humanidades** – consciência negra. Brasília: Editora da UnB, p. 117-140, 1999.

VILEFORT, M. T. **Aspectos sintáticos do dialeto caipira na região de Morrinhos**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1995.

WAUGH, L. R. **A semantic analysis of word order**. Cornell University, 1977.

WAUGH, L. R. & MONVILLE-BURSTON, M. (Orgs.). **On Language, Jakobson**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1995.

WEINREICH, U., LABOV, W., e HERZOG, W. Empirical Foundations for a theory of language change, Em: LEHMANN, W. e MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, p. 1-99, 1968.

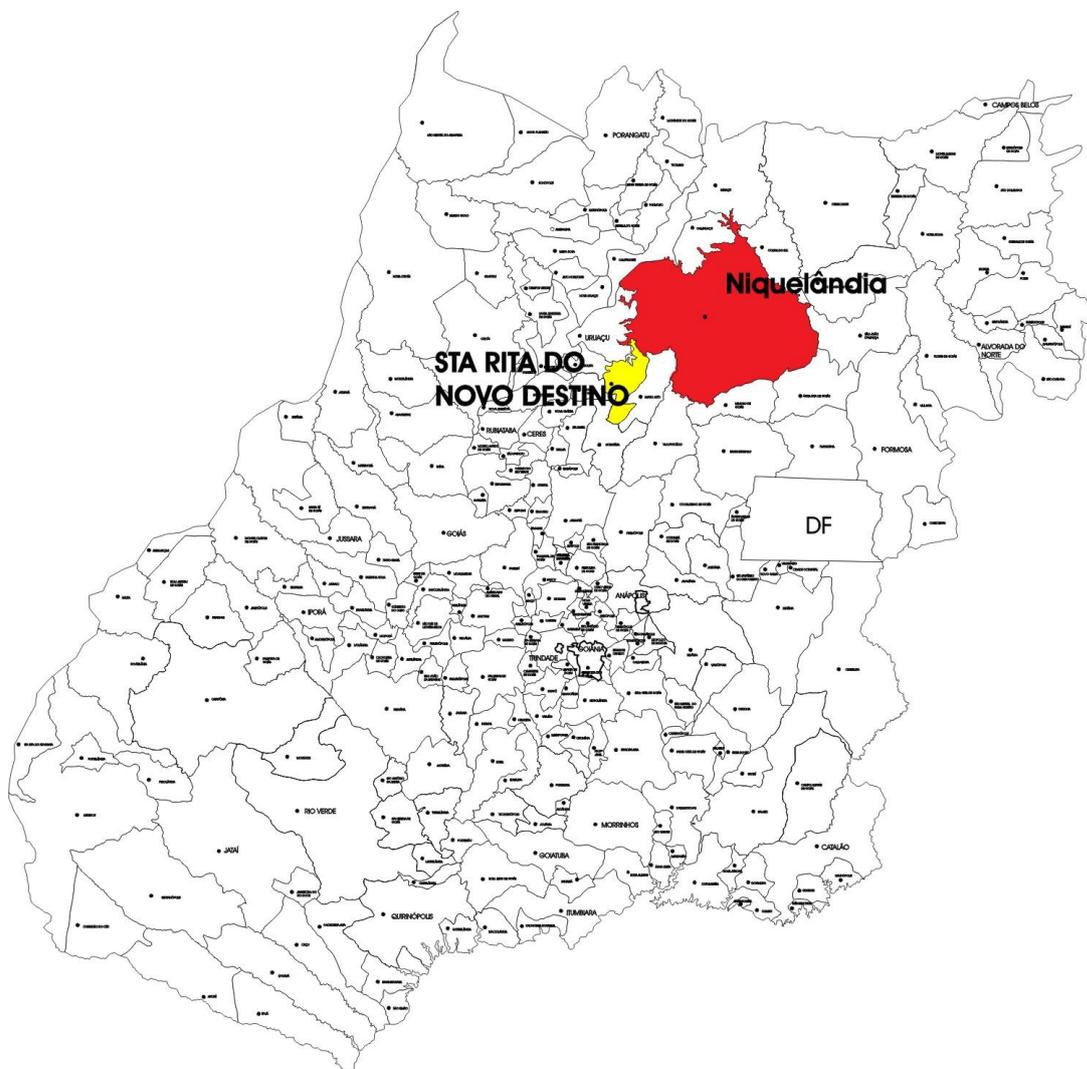
1 MAPAS:

1.1 Mapa etnogeográfico do Brasil

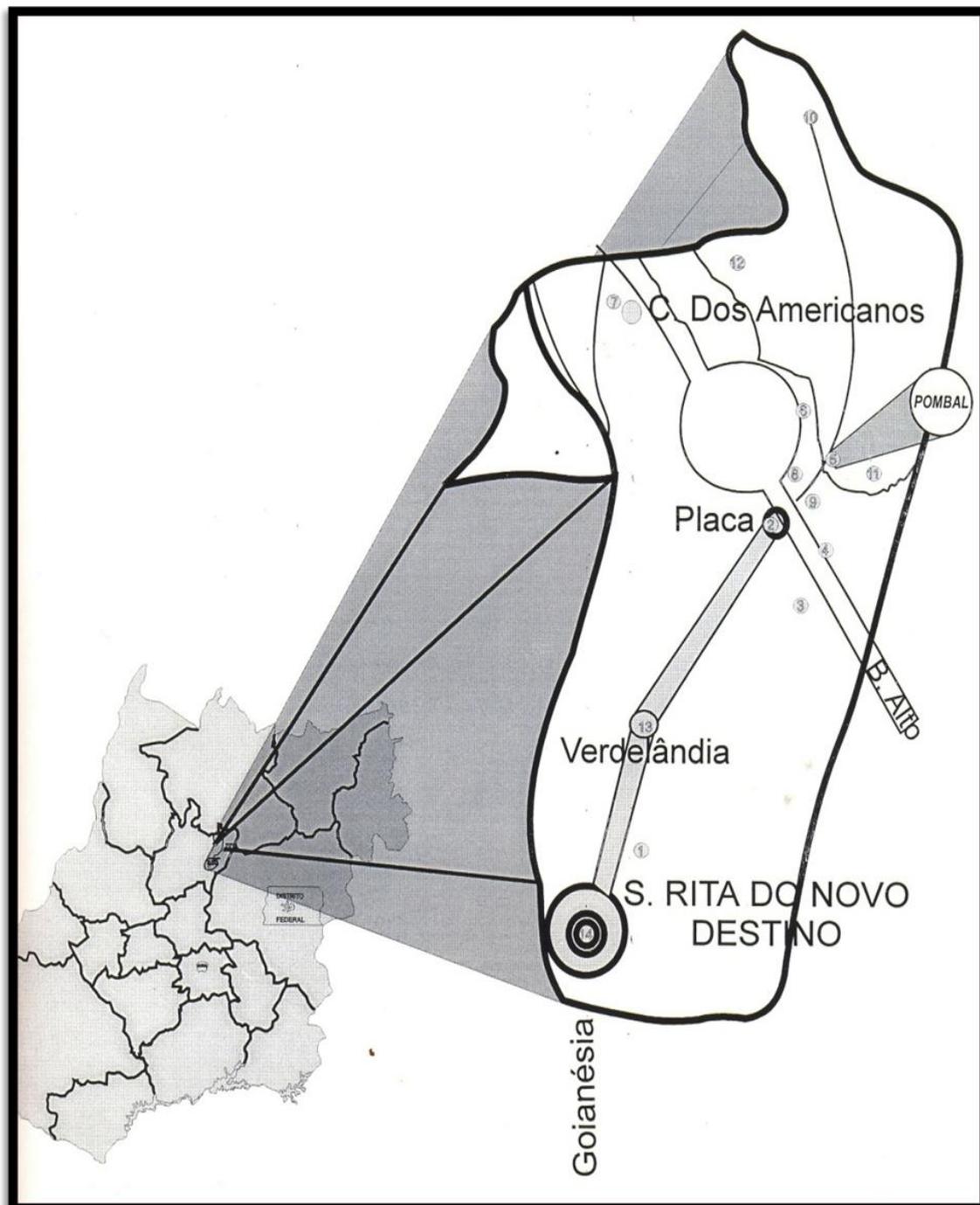


Fonte: RIBEIRO (2006)

1.2 Localização das comunidades sob estudo em Goiás

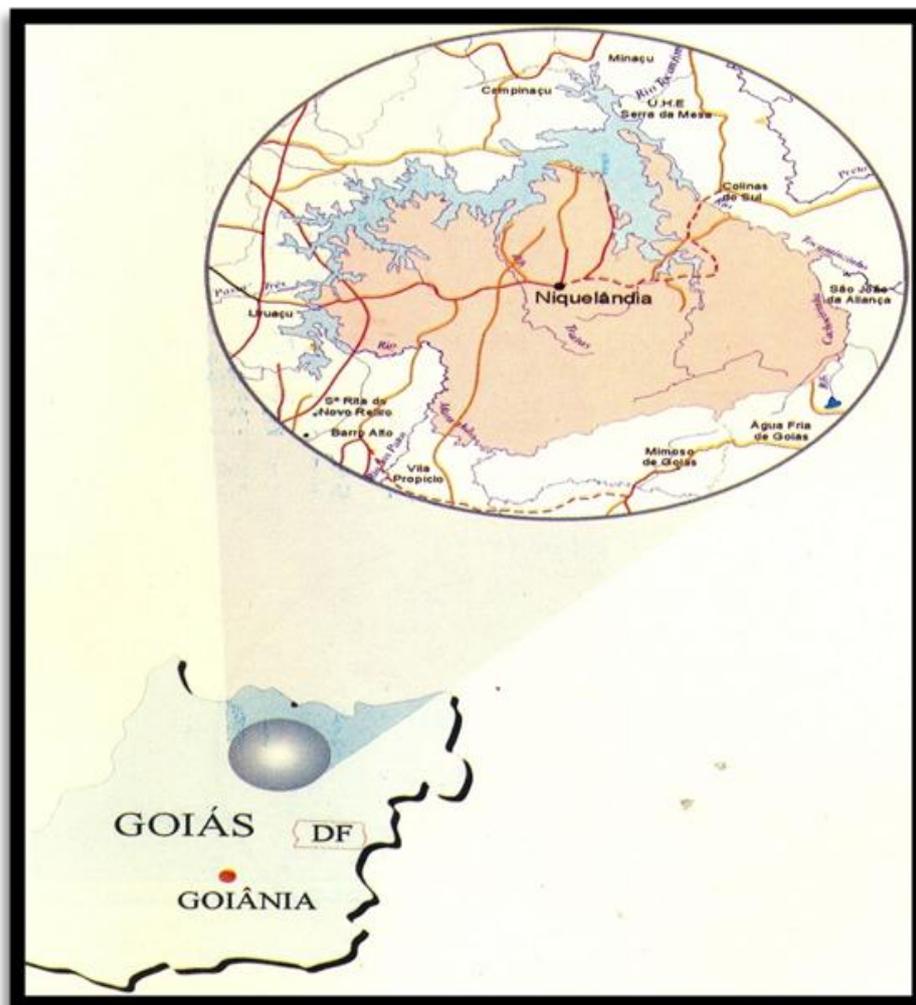


1.3 Localização de Santa Rita do Novo Destino em Goiás e da comunidade de Pombal no município de Santa Rita do Novo Destino.



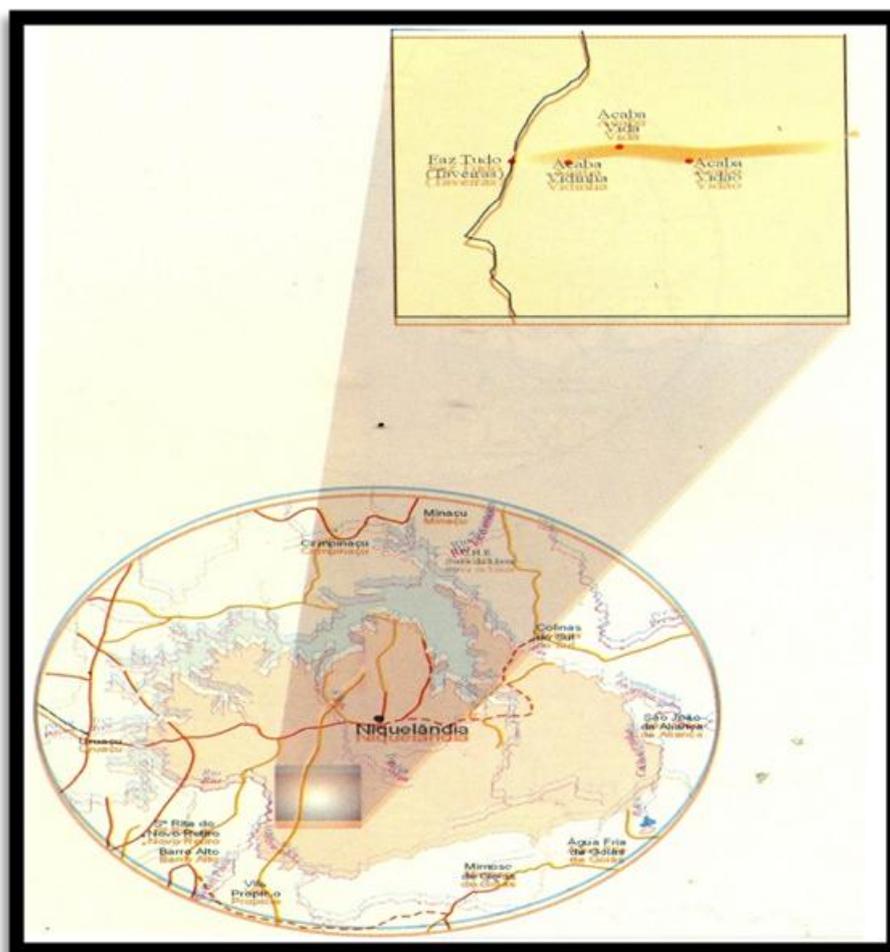
Fonte: REZENDE (2000, p. 92)

1.4 Localização do município de Niquelândia em Goiás



Fonte: PÁDUA (2002, p. 105)

1.5 Localização da comunidade de Acaba Vida em Niquelândia



Fonte: PÁDUA (2002, p. 105)

2 Quadros e tabelas

2.1 Tabela de valores para *Chi Quadrado*

| $\nu \backslash \alpha$ | .995 | .975 | .9 | .5 | .1 | .05 | .025 | .01 | .005 | .001 | α / ν |
|-------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|----------------|
| 1 | 0.000 | 0.000 | 0.016 | 0.455 | 2.706 | 3.841 | 5.024 | 6.635 | 7.879 | 10.828 | 1 |
| 2 | 0.010 | 0.051 | 0.211 | 1.386 | 4.605 | 5.991 | 7.378 | 9.210 | 10.597 | 13.816 | 2 |
| 3 | 0.072 | 0.216 | 0.584 | 2.366 | 6.251 | 7.815 | 9.348 | 11.345 | 12.838 | 16.266 | 3 |
| 4 | 0.207 | 0.484 | 1.064 | 3.357 | 7.779 | 9.488 | 11.143 | 13.277 | 14.860 | 18.467 | 4 |
| 5 | 0.412 | 0.831 | 1.610 | 4.351 | 9.236 | 11.070 | 12.832 | 15.086 | 16.750 | 20.515 | 5 |
| 6 | 0.676 | 1.237 | 2.204 | 5.348 | 10.645 | 12.592 | 14.449 | 16.812 | 18.548 | 22.458 | 6 |
| 7 | 0.989 | 1.690 | 2.833 | 6.346 | 12.017 | 14.067 | 16.013 | 18.475 | 20.278 | 24.322 | 7 |
| 8 | 1.344 | 2.180 | 3.490 | 7.344 | 13.362 | 15.507 | 17.535 | 20.090 | 21.955 | 26.124 | 8 |
| 9 | 1.735 | 2.700 | 4.168 | 8.343 | 14.684 | 16.919 | 19.023 | 21.666 | 23.589 | 27.877 | 9 |
| 10 | 2.156 | 3.247 | 4.865 | 9.342 | 15.987 | 18.307 | 20.483 | 23.209 | 25.188 | 29.588 | 10 |
| 11 | 2.603 | 3.816 | 5.578 | 10.341 | 17.275 | 19.675 | 21.920 | 24.725 | 26.757 | 31.264 | 11 |
| 12 | 3.074 | 4.404 | 6.304 | 11.340 | 18.549 | 21.026 | 23.337 | 26.217 | 28.300 | 32.910 | 12 |
| 13 | 3.565 | 5.009 | 7.042 | 12.340 | 19.812 | 22.362 | 24.736 | 27.688 | 29.819 | 34.528 | 13 |
| 14 | 4.075 | 5.629 | 7.790 | 13.339 | 21.064 | 23.685 | 26.119 | 29.141 | 31.319 | 36.123 | 14 |
| 15 | 4.601 | 6.262 | 8.547 | 14.339 | 22.307 | 24.996 | 27.488 | 30.578 | 32.801 | 37.697 | 15 |
| 16 | 5.142 | 6.908 | 9.312 | 15.338 | 23.542 | 26.296 | 28.845 | 32.000 | 34.267 | 39.252 | 16 |
| 17 | 5.697 | 7.564 | 10.085 | 16.338 | 24.769 | 27.587 | 30.191 | 33.409 | 35.718 | 40.790 | 17 |
| 18 | 6.265 | 8.231 | 10.865 | 17.338 | 25.989 | 28.869 | 31.526 | 34.805 | 37.156 | 42.312 | 18 |
| 19 | 6.844 | 8.907 | 11.651 | 18.338 | 27.204 | 30.144 | 32.852 | 36.191 | 38.582 | 43.820 | 19 |
| 20 | 7.434 | 9.591 | 12.443 | 19.337 | 28.412 | 31.410 | 34.170 | 37.566 | 39.997 | 45.315 | 20 |
| 21 | 8.034 | 10.283 | 13.240 | 20.337 | 29.615 | 32.670 | 35.479 | 38.932 | 41.401 | 46.797 | 21 |
| 22 | 8.643 | 10.982 | 14.042 | 21.337 | 30.813 | 33.924 | 36.781 | 40.289 | 42.796 | 48.268 | 22 |
| 23 | 9.260 | 11.688 | 14.848 | 22.337 | 32.007 | 35.172 | 38.076 | 41.638 | 44.181 | 49.728 | 23 |
| 24 | 9.886 | 12.401 | 15.659 | 23.337 | 33.196 | 36.415 | 39.364 | 42.980 | 45.558 | 51.179 | 24 |
| 25 | 10.520 | 13.120 | 16.473 | 24.337 | 34.382 | 37.652 | 40.646 | 44.314 | 46.928 | 52.620 | 25 |
| 26 | 11.160 | 13.844 | 17.292 | 25.336 | 35.563 | 38.885 | 41.923 | 45.642 | 48.290 | 54.052 | 26 |
| 27 | 11.808 | 14.573 | 18.114 | 26.336 | 36.741 | 40.113 | 43.194 | 46.963 | 49.645 | 55.476 | 27 |
| 28 | 12.461 | 15.308 | 18.939 | 27.336 | 37.916 | 41.337 | 44.461 | 48.278 | 50.993 | 56.892 | 28 |
| 29 | 13.121 | 16.047 | 19.768 | 28.336 | 39.088 | 42.557 | 45.722 | 49.588 | 52.336 | 58.301 | 29 |
| 30 | 13.787 | 16.791 | 20.599 | 29.336 | 40.256 | 43.773 | 46.979 | 50.892 | 53.672 | 59.703 | 30 |
| 31 | 14.458 | 17.539 | 21.434 | 30.336 | 41.422 | 44.985 | 48.232 | 52.191 | 55.003 | 61.098 | 31 |
| 32 | 15.134 | 18.291 | 22.271 | 31.336 | 42.585 | 46.194 | 49.480 | 53.486 | 56.329 | 62.487 | 32 |
| 33 | 15.815 | 19.047 | 23.110 | 32.336 | 43.745 | 47.400 | 50.725 | 54.776 | 57.649 | 63.870 | 33 |
| 34 | 16.501 | 19.806 | 23.952 | 33.336 | 44.903 | 48.602 | 51.966 | 56.061 | 58.964 | 65.247 | 34 |
| 35 | 17.192 | 20.569 | 24.797 | 34.336 | 46.059 | 49.802 | 53.203 | 57.342 | 60.275 | 66.619 | 35 |
| 36 | 17.887 | 21.336 | 25.643 | 35.336 | 47.212 | 50.998 | 54.437 | 58.619 | 61.582 | 67.985 | 36 |
| 37 | 18.586 | 22.106 | 26.492 | 36.335 | 48.363 | 52.192 | 55.668 | 59.892 | 62.884 | 69.346 | 37 |
| 38 | 19.289 | 22.878 | 27.343 | 37.335 | 49.513 | 53.384 | 56.896 | 61.162 | 64.182 | 70.703 | 38 |
| 39 | 19.996 | 23.654 | 28.196 | 38.335 | 50.660 | 54.572 | 58.120 | 62.428 | 65.476 | 72.055 | 39 |
| 40 | 20.707 | 24.433 | 29.051 | 39.335 | 51.805 | 55.758 | 59.342 | 63.691 | 66.766 | 73.402 | 40 |
| 41 | 21.421 | 25.215 | 29.907 | 40.335 | 52.949 | 56.942 | 60.561 | 64.950 | 68.053 | 74.745 | 41 |
| 42 | 22.138 | 25.999 | 30.765 | 41.335 | 54.090 | 58.124 | 61.777 | 66.206 | 69.336 | 76.084 | 42 |
| 43 | 22.859 | 26.785 | 31.625 | 42.335 | 55.230 | 59.304 | 62.990 | 67.459 | 70.616 | 77.419 | 43 |
| 44 | 23.584 | 27.575 | 32.487 | 43.335 | 56.369 | 60.481 | 64.202 | 68.710 | 71.893 | 78.750 | 44 |
| 45 | 24.311 | 28.366 | 33.350 | 44.335 | 57.505 | 61.656 | 65.410 | 69.957 | 73.166 | 80.077 | 45 |
| 46 | 25.042 | 29.160 | 34.215 | 45.335 | 58.641 | 62.830 | 66.617 | 71.201 | 74.437 | 81.400 | 46 |
| 47 | 25.775 | 29.956 | 35.081 | 46.335 | 59.774 | 64.001 | 67.821 | 72.443 | 75.704 | 82.720 | 47 |
| 48 | 26.511 | 30.755 | 35.949 | 47.335 | 60.907 | 65.171 | 69.023 | 73.683 | 76.969 | 84.037 | 48 |
| 49 | 27.249 | 31.555 | 36.818 | 48.335 | 62.038 | 66.339 | 70.222 | 74.919 | 78.231 | 85.351 | 49 |
| 50 | 27.991 | 32.357 | 37.689 | 49.335 | 63.167 | 67.505 | 71.420 | 76.154 | 79.490 | 86.661 | 50 |

| ν \ α | .995 | .975 | .9 | .5 | .1 | .05 | .025 | .01 | .005 | .001 | α / ν |
|------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|------------------|
| 51 | 28.735 | 33.162 | 38.560 | 50.335 | 64.295 | 68.669 | 72.616 | 77.386 | 80.747 | 87.968 | 51 |
| 52 | 29.481 | 33.968 | 39.433 | 51.335 | 65.422 | 69.832 | 73.810 | 78.616 | 82.001 | 89.272 | 52 |
| 53 | 30.230 | 34.776 | 40.308 | 52.335 | 66.548 | 70.993 | 75.002 | 79.843 | 83.253 | 90.573 | 53 |
| 54 | 30.981 | 35.586 | 41.183 | 53.335 | 67.673 | 72.153 | 76.192 | 81.069 | 84.502 | 91.872 | 54 |
| 55 | 31.735 | 36.398 | 42.060 | 54.335 | 68.796 | 73.311 | 77.380 | 82.292 | 85.749 | 93.168 | 55 |
| 56 | 32.490 | 37.212 | 42.937 | 55.335 | 69.918 | 74.468 | 78.567 | 83.513 | 86.994 | 94.460 | 56 |
| 57 | 33.248 | 38.027 | 43.816 | 56.335 | 71.040 | 75.624 | 79.752 | 84.733 | 88.237 | 95.751 | 57 |
| 58 | 34.008 | 38.844 | 44.696 | 57.335 | 72.160 | 76.778 | 80.936 | 85.950 | 89.477 | 97.039 | 58 |
| 59 | 34.770 | 39.662 | 45.577 | 58.335 | 73.279 | 77.931 | 82.117 | 87.166 | 90.715 | 98.324 | 59 |
| 60 | 35.534 | 40.482 | 46.459 | 59.335 | 74.397 | 79.082 | 83.298 | 88.379 | 91.952 | 99.607 | 60 |
| 61 | 36.300 | 41.303 | 47.342 | 60.335 | 75.514 | 80.232 | 84.476 | 89.591 | 93.186 | 100.888 | 61 |
| 62 | 37.068 | 42.126 | 48.226 | 61.335 | 76.630 | 81.381 | 85.654 | 90.802 | 94.419 | 102.166 | 62 |
| 63 | 37.838 | 42.950 | 49.111 | 62.335 | 77.745 | 82.529 | 86.830 | 92.010 | 95.649 | 103.442 | 63 |
| 64 | 38.610 | 43.776 | 49.996 | 63.335 | 78.860 | 83.675 | 88.004 | 93.217 | 96.878 | 104.716 | 64 |
| 65 | 39.383 | 44.603 | 50.883 | 64.335 | 79.973 | 84.821 | 89.177 | 94.422 | 98.105 | 105.988 | 65 |
| 66 | 40.158 | 45.431 | 51.770 | 65.335 | 81.085 | 85.965 | 90.349 | 95.626 | 99.331 | 107.258 | 66 |
| 67 | 40.935 | 46.261 | 52.659 | 66.335 | 82.197 | 87.108 | 91.519 | 96.828 | 100.55 | 108.526 | 67 |
| 68 | 41.713 | 47.092 | 53.548 | 67.334 | 83.308 | 88.250 | 92.689 | 98.028 | 101.78 | 109.791 | 68 |
| 69 | 42.494 | 47.924 | 54.438 | 68.334 | 84.418 | 89.391 | 93.856 | 99.228 | 103.00 | 111.055 | 69 |
| 70 | 43.275 | 48.758 | 55.329 | 69.334 | 85.527 | 90.531 | 95.023 | 100.43 | 104.21 | 112.317 | 70 |
| 71 | 44.058 | 49.592 | 56.221 | 70.334 | 86.635 | 91.670 | 96.189 | 101.62 | 105.43 | 113.577 | 71 |
| 72 | 44.843 | 50.428 | 57.113 | 71.334 | 87.743 | 92.808 | 97.353 | 102.82 | 106.65 | 114.835 | 72 |
| 73 | 45.629 | 51.265 | 58.006 | 72.334 | 88.850 | 93.945 | 98.516 | 104.01 | 107.86 | 116.092 | 73 |
| 74 | 46.417 | 52.103 | 58.900 | 73.334 | 89.956 | 95.081 | 99.678 | 105.20 | 109.07 | 117.346 | 74 |
| 75 | 47.206 | 52.942 | 59.795 | 74.334 | 91.061 | 96.217 | 100.84 | 106.39 | 110.29 | 118.599 | 75 |
| 76 | 47.997 | 53.782 | 60.690 | 75.334 | 92.166 | 97.351 | 102.00 | 107.58 | 111.50 | 119.850 | 76 |
| 77 | 48.788 | 54.623 | 61.586 | 76.334 | 93.270 | 98.484 | 103.16 | 108.77 | 112.70 | 121.100 | 77 |
| 78 | 49.582 | 55.466 | 62.483 | 77.334 | 94.373 | 99.617 | 104.32 | 109.96 | 113.91 | 122.348 | 78 |
| 79 | 50.376 | 56.309 | 63.380 | 78.334 | 95.476 | 100.75 | 105.47 | 111.14 | 115.12 | 123.594 | 79 |
| 80 | 51.172 | 57.153 | 64.278 | 79.334 | 96.578 | 101.88 | 106.63 | 112.33 | 116.32 | 124.839 | 80 |
| 81 | 51.969 | 57.998 | 65.176 | 80.334 | 97.680 | 103.01 | 107.78 | 113.51 | 117.52 | 126.082 | 81 |
| 82 | 52.767 | 58.845 | 66.076 | 81.334 | 98.780 | 104.14 | 108.94 | 114.69 | 118.73 | 127.324 | 82 |
| 83 | 53.567 | 59.692 | 66.976 | 82.334 | 99.880 | 105.27 | 110.09 | 115.88 | 119.93 | 128.565 | 83 |
| 84 | 54.368 | 60.540 | 67.876 | 83.334 | 100.98 | 106.39 | 111.24 | 117.06 | 121.13 | 129.804 | 84 |
| 85 | 55.170 | 61.389 | 68.777 | 84.334 | 102.08 | 107.52 | 112.39 | 118.24 | 122.32 | 131.041 | 85 |
| 86 | 55.973 | 62.239 | 69.679 | 85.334 | 103.18 | 108.65 | 113.54 | 119.41 | 123.52 | 132.277 | 86 |
| 87 | 56.777 | 63.089 | 70.581 | 86.334 | 104.28 | 109.77 | 114.69 | 120.59 | 124.72 | 133.512 | 87 |
| 88 | 57.582 | 63.941 | 71.484 | 87.334 | 105.37 | 110.90 | 115.84 | 121.77 | 125.91 | 134.745 | 88 |
| 89 | 58.389 | 64.793 | 72.387 | 88.334 | 106.47 | 112.02 | 116.99 | 122.94 | 127.11 | 135.978 | 89 |
| 90 | 59.196 | 65.647 | 73.291 | 89.334 | 107.56 | 113.15 | 118.14 | 124.12 | 128.30 | 137.208 | 90 |
| 91 | 60.005 | 66.501 | 74.196 | 90.334 | 108.66 | 114.27 | 119.28 | 125.29 | 129.49 | 138.438 | 91 |
| 92 | 60.815 | 67.356 | 75.101 | 91.334 | 109.76 | 115.39 | 120.43 | 126.46 | 130.68 | 139.666 | 92 |
| 93 | 61.625 | 68.211 | 76.006 | 92.334 | 110.85 | 116.51 | 121.57 | 127.63 | 131.87 | 140.893 | 93 |
| 94 | 62.437 | 69.068 | 76.912 | 93.334 | 111.94 | 117.63 | 122.72 | 128.80 | 133.06 | 142.119 | 94 |
| 95 | 63.250 | 69.925 | 77.818 | 94.334 | 113.04 | 118.75 | 123.86 | 129.97 | 134.25 | 143.344 | 95 |
| 96 | 64.063 | 70.783 | 78.725 | 95.334 | 114.13 | 119.87 | 125.00 | 131.14 | 135.43 | 144.567 | 96 |
| 97 | 64.878 | 71.642 | 79.633 | 96.334 | 115.22 | 120.99 | 126.14 | 132.31 | 136.62 | 145.789 | 97 |
| 98 | 65.694 | 72.501 | 80.541 | 97.334 | 116.32 | 122.11 | 127.28 | 133.48 | 137.80 | 147.010 | 98 |
| 99 | 66.510 | 73.361 | 81.449 | 98.334 | 117.41 | 123.23 | 128.42 | 134.64 | 138.99 | 148.230 | 99 |
| 100 | 67.328 | 74.222 | 82.358 | 99.334 | 118.50 | 124.34 | 129.56 | 135.81 | 140.17 | 149.449 | 100 |

Reproduzido de Rohlf, FJ & Sokal, RR. *Statistical Tables*, 2nd ed., USA, 1981, disponível em: <http://med.fm.usp.br/dim/mpt164/1998/pratic14/tabchi2.htm>

2.2 Quadros, tabelas e figuras dos autores consultados

2.2.1 Anexo 13 de Salles (1992, p. 275)

ANEXO 13
ESCRAVOS – DISTRIBUIÇÃO EM GOIÁS

| REGIÃO | 1736 | 1737 | 1738 | 1740 | 1741 | 1742 | 1748 | 1749 (1) | 1783 (2) | 1804 (3) | 1808 (4) | 1824 (5) | 1832 (6) |
|--------------------------|---------------|---------------|---------------|--------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Região do Sul | | | | | | | | | | | | | |
| 1. Vila Boa | – | – | – | 2.378 | 4.252 | 4.461 | 4.836 | 4.720 | 4.689 | 4.162 | 4.432 | – | 3.023 |
| 2. Meia Ponte | – | – | – | 1.334 | 1.336 | 1.316 | 1.086 | 1.086 | 1.682 | 2.281 | 2.282 | – | 1.800 |
| 3. Crixás | – | – | – | 1.076 | 2.736 | 2.559 | 1.292 | 1.432 | 1.207 | 634 | 634 | – | 384 |
| 4. Pilar | – | – | – | – | – | – | – | 2.762 | 1.567 | 1.575 | 1.845 | – | 1.033 |
| 5. Santa Cruz | – | – | – | – | – | – | – | 206 | 723 | 997 | 704 | – | 1.084 |
| 6. Santa Luzia | – | – | – | – | – | – | – | 262 | 899 | 1.264 | 1.264 | – | 741 |
| 7. Sertão | – | – | – | 267 | – | 330 | 389 | 422 | – | 660 | 660 | – | – |
| 8. Bonfim | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – |
| 9. Outros | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – |
| TOTAL | 7.330 | 7.191 | 7.370 | 5.055 | 8.324 | 8.666 | 7.603 | 1.890 | 11.066 | 11.573 | 11.821 | – | 8.065 |
| Região do Norte | | | | | | | | | | | | | |
| 1. Tocantins | – | – | – | – | 2.666 | 3.817 | 2.936 | 3.191 | – | – | – | – | – |
| 2. Traíras | – | – | – | – | – | – | – | – | 3.790 | 2.807 | 2.742 | – | 1.441 |
| 3. São Félix | – | – | – | – | 432 | 1.165 | 926 | 1.017 | 823 | 641 | 641 | – | 331 |
| 4. Natividade | – | – | – | – | 730 | 1.010 | 701 | 1.827 | 648 | 1.529 | 925 | – | 879 |
| 5. Cavalcante | – | – | – | – | – | – | – | – | 923 | 1.191 | 1.209 | – | 474 |
| 6. Arraias | – | – | – | – | 3.169 | 970 | 293 | 229 | 363 | 569 | 419 | – | 792 |
| 7. Porto Real | – | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 844 | – | – |
| 8. Conceição | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 684 | 584 | – | 210 |
| 9. Carmo | – | – | – | – | – | – | – | – | – | 840 | – | – | 156 |
| TOTAL | 2.933 | 5.960 | 5.128 | – | 6.997 | 6.962 | 4.856 | 6.264 | 6.547 | 8.261 | 7.364 | – | 4.283 |
| Total de Cada Ano | 10.263 | 13.151 | 12.498 | – | 15.321 | 15.628 | 12.459 | 17.154 | 17.613 | 19.834 | 19.185 | 13.375 | 12.348 |

FONTES DO ANEXO 13

(1) MAPPA das Matrículas e Capitação. 1.736, 1.737, 1.738, 1.741, 1.742, 1.748 e 1.749. Lisboa, A.H.U., Goiás, Maços 1 a 5.

(2) NOTÍCIA Geral da Capitania de Goyaz. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Cod. 183.36, Passim.

(3) ESTUDO da População da Capitania de Goyaz no ano de 1804. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Cod. 9.4.2.

(4) O PATRIOTA. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1.813. nº 3.

(5) SAINT-HILAIRE, t. 1., p. 296-297.

(6) CENSO da População da Província de Goyaz. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Cod. 808, v. 1, Il. 96.

2.2.2 Tabela (1) de Cohen

TABLE 1
Classes of Adjectives

| century adj. | 14th C | 15th C | 16th C | 17th C |
|-----------------|---|--|--|--|
| GRANDE | Dimension Subjective | Dimension Subjective | Dimension Subjective | ----- Subjective |
| BOM | Subjective | Subjective Set Phrases | Subjective Set Phrases Objective | Subjective Set Phr. |
| Other adj. | Value Objective: Age Hum. Prop. Phys. Prop. Colour | Value Objective: Phys. Prop. Hum. Prop. | Value Objective: Age | Value Objective: Phys. Pr. Colour |

| century adj. | 18th C | 19th C | 20th C |
|-----------------|---|---|---|
| GRANDE | Subjective | Dimension Subjective Set Phrases | ----- Subjective ----- |
| BOM | Subjective Set Phrases | Subjective Set Phrases | ----- ----- |
| Other adj. | Value Objective: Phys Prop. Hum. Prop. | Value Objective: Phys. Prop. Age Dimension Colour Set Phrases | Value Objective: Phys. Prop. Age |

2.2.3 Tabela (8) de Cohen

COHEN, M. A. A. M. (1986-1989). Syntactic Change in Portuguese: Relative clauses and the position of the adjective in the noun phrase. Campinas-SP: IEL/Unicamp. *directacpõ de doutorado.*

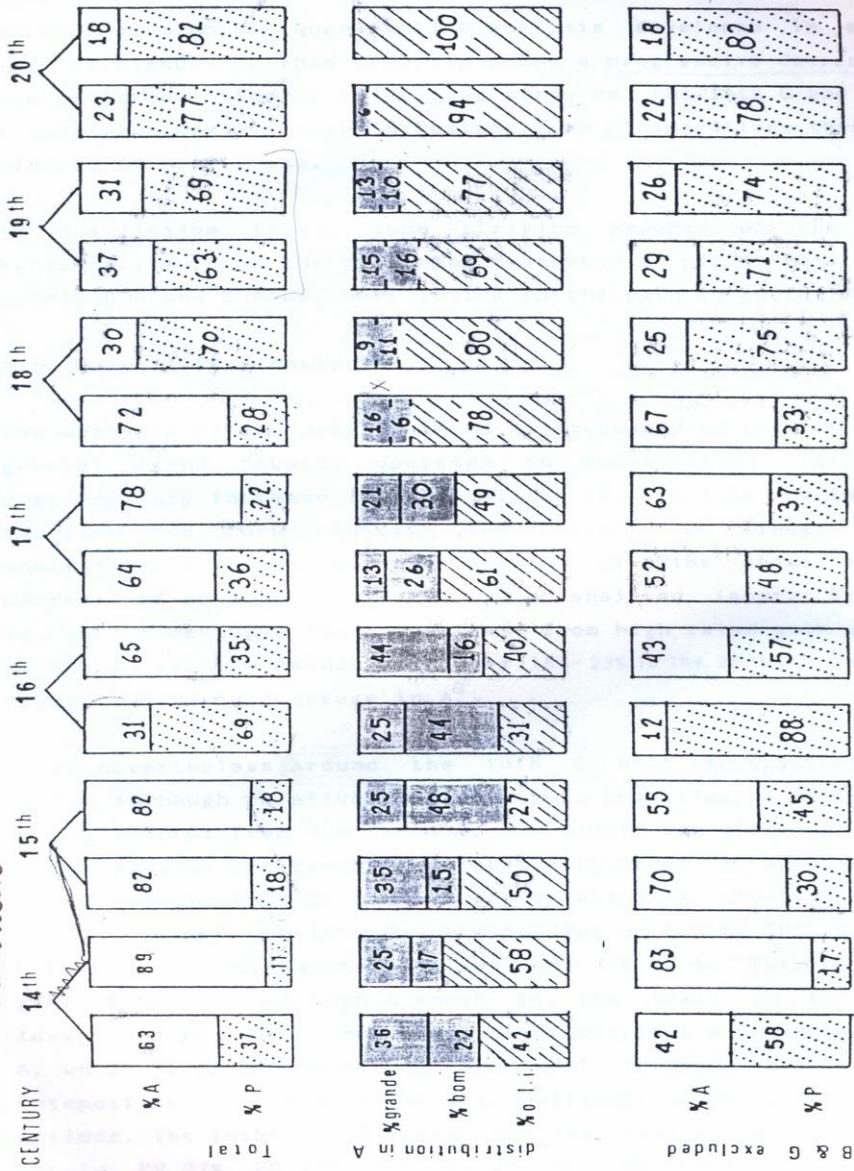


FIGURE 8^y
64

2.2.4 Tabelas de Müller et al. (2002)

Tabela 1
Distribuição dos adjetivos no *corpus* do português falado

| | Adjetivos | Número de ocorrências |
|----------------------|-----------|-----------------------|
| Adjetivos antepostos | 42 | 136 |
| Adjetivos pospostos | 457 | 1.034 |
| Total | 499 | 1.170 |

Fonte: Nunes-Pemberton (em preparação).

Os adjetivos que ocorrem em posição posposta ao núcleo nominal formam uma classe variada — são muitos adjetivos (457), cada um deles ocorrendo poucas vezes (ver Tabela 2, abaixo).

Já os adjetivos que ocorrem antepostos ao núcleo nominal formam uma classe restrita e pequena: apenas 43 adjetivos ocorrem antepostos ao núcleo no *corpus*, por oposição a 457 adjetivos que ocorrem pospostos. Por outro lado, cada um deles ocorre várias vezes (ver Tabela 3, mais adiante).

2.1 Os adjetivos pospostos

Os adjetivos que ocorrem em posição posposta ao núcleo nominal no *corpus* estudado e seu número de ocorrências estão apresentados na Tabela II. Observe a variedade de itens lexicais e o número pequeno de ocorrências de cada item quando os adjetivos encontram-se nesta posição.

Tabela 2
Frequência dos adjetivos pospostos no *corpus* do português falado

| Adjetivos | Adjetivos | Adjetivos | Adjetivos | Adjetivos | Adjetivos | | |
|-----------|-----------|-------------|-----------|----------------|-----------|------------|---|
| Jurídico | 36 | Histórico | 3 | Mestras | 1 | Destrutivo | 1 |
| Social | 27 | Branco | 3 | Mamilar | 1 | Homônimas | 1 |
| Japonês | 18 | Topográfico | 3 | Temporal | 1 | Horrível | 1 |
| Superior | 12 | Caro | 2 | Pernambucana | 1 | Homem | 1 |
| Simples | 11 | Normativo | 2 | Imprescindível | 1 | Roxo | 1 |
| Especial | 10 | Violento | 2 | Íntimo | 1 | Regressivo | 1 |
| Econômico | 9 | Conjugal | 2 | Raríssimo | 1 | Razoável | 1 |
| Mamária | 9 | Harmonioso | 2 | Rude | 1 | Marrom | 1 |

(continua)

| | | | | | | | |
|----------------|---|--------------------------|---|----------------|---|---------------|---|
| Enorme | 9 | Diferente | 2 | Secundário | 1 | Marcante | 1 |
| Específica | 8 | Direto | 2 | Salutar | 1 | Rotineiro | 1 |
| Comum | 8 | Naturalista- realista | 2 | Estável | 1 | Rigorouso | 1 |
| Industrial | 8 | Traquéio- brânquio | 2 | Esotérico | 1 | Vigente | 1 |
| Anterior | 8 | Triste | 2 | Monstruoso | 1 | Vasto | 1 |
| Salarial | 8 | Trabalhadora | 2 | Cervical | 1 | Vegetativo | 1 |
| Infeliz | 8 | Positiva | 2 | Conjuntivo | 1 | Docente | 1 |
| Inteiro | 8 | Popular | 2 | Impressionante | 1 | Deserto | 1 |
| Torácico | 8 | Imobiliário | 2 | Infindável | 1 | Seguinte | 1 |
| Americana | 8 | Medonho | 2 | Brasileiro | 1 | Seqüencial | 1 |
| Interno | 7 | Familiar | 2 | Brilhante | 1 | Subseqüente | 1 |
| Normal | 7 | Cutâneo | 2 | Cognitivo | 1 | Ginasial | 1 |
| Importante | 7 | Barato | 2 | Colegial | 1 | Grave | 1 |
| Geral | 7 | Gastronômico | 2 | Cosmopolita | 1 | Cortais | 1 |
| Externo | 7 | Imediato | 2 | Descendente | 1 | Convencional | 1 |
| Venoso | 7 | Primitivo | 2 | Definitivo | 1 | Sebácea | 1 |
| Arterial | 6 | Muscular | 2 | Dinâmico | 1 | Periférico | 1 |
| Democrático | 6 | Maligno | 2 | Presidencial | 1 | Peitoral | 1 |
| Universitário | 6 | Terapêutica | 2 | Preciso | 1 | Pré-hilares | 1 |
| Prática | 6 | Trágico | 2 | Público | 1 | Relativo | 1 |
| Técnico | 6 | Misto | 2 | Rígido | 1 | Retro-hilares | 1 |
| Científico | 6 | Ideal | 2 | Reinante | 1 | Rico | 1 |
| Sério | 6 | Indígena | 2 | Redação | 1 | Silencioso | 1 |
| Central | 6 | Intuitivo | 2 | Gastadeiro | 1 | Silvestre | 1 |
| Direito | 6 | Idéia | 2 | Gradativo | 1 | Sintético | 1 |
| Internacional | 5 | Bibliográfica | 2 | Fino | 1 | Tímido | 1 |
| Capitalista | 5 | Barroco | 2 | Frênico | 1 | Teste | 1 |
| Humana | 5 | Bonito | 2 | Introspectiva | 1 | Tropical | 1 |
| Duro | 5 | Subcutâneo | 2 | Integrantes | 1 | Linear | 1 |
| Tranqüila | 5 | Solteiro | 2 | Plano | 1 | Laborioso | 1 |
| Cultural | 5 | Cheio | 2 | Monótono | 1 | Telegráfico | 1 |
| Branquicefálic | 5 | Curioso | 2 | Terrestre | 1 | Tradicional | 1 |
| Médica | 5 | Artesanal | 2 | Marcado | 1 | Conclusivo | 1 |
| Forte | 5 | Aponeurótico | 2 | Mágico | 1 | Crescente | 1 |
| Feudal | 5 | Agradável | 2 | Individual | 1 | Coletivista | 1 |

(continua)

| | | | | | | | |
|--------------|---|------------------|---|-------------|---|-----------------|---|
| Feminino | 5 | Quadrilátero | 2 | Indutivo | 1 | Completa | 1 |
| Inicial | 5 | Química | 2 | Bélico | 1 | Constitutivo | 1 |
| Exótico | 5 | Completo | 2 | Selvagem | 1 | Considerável | 1 |
| Famoso | 5 | Rendoso | 2 | Suficiente | 1 | Calmo | 1 |
| Religioso | 5 | Afetivo | 2 | Clássico | 1 | Carinhoso | 1 |
| Necessário | 5 | Antigo | 2 | Agrícola | 1 | Dito | 1 |
| Política | 5 | Permissivo | 2 | Afirmativo | 1 | Dedutivo | 1 |
| Difícil | 4 | Precípuo | 2 | Axilar | 1 | Dissemelhante | 1 |
| Clínico | 4 | Geográfico | 2 | Alegre | 1 | Duradoura | 1 |
| Moderna | 4 | Conceitual | 2 | Quente | 1 | Emocional | 1 |
| Financeiro | 4 | Escuro | 2 | Radical | 1 | Experimental | 1 |
| Final | 4 | Ocidental | 2 | Confortável | 1 | Educacional | 1 |
| Total | 4 | Preventivo | 2 | Contínuo | 1 | Expositiva | 1 |
| Profissional | 4 | Autêntico | 2 | Certa | 1 | Físico | 1 |
| Interessante | 4 | Interior | 2 | Relapso | 1 | Federal | 1 |
| Real | 4 | Intercostal | 2 | Rítmico | 1 | Familiar | 1 |
| Estranho | 4 | Velho | 2 | Referente | 1 | Folclórico | 1 |
| Absurdo | 4 | Vital | 2 | Aquisitivo | 1 | Largo | 1 |
| Natural | 4 | Superficial | 2 | Absoluto | 1 | Litigioso | 1 |
| Esquerdo | 4 | Sensacional | 2 | Positivo | 1 | Lucrativo | 1 |
| Exato | 4 | Suspensor | 2 | Perfeito | 1 | Legislativo | 1 |
| Estética | 4 | Contábil | 2 | Gostoso | 1 | Linfático | 1 |
| Odontológica | 4 | Diário | 2 | Global | 1 | Lombar | 1 |
| Puro | 4 | Horroroso | 2 | Existente | 1 | Lindo | 1 |
| Profundo | 4 | Respiratório | 2 | Essencial | 1 | Liberal | 1 |
| Escolar | 3 | Monetária | 2 | Executor | 1 | Lingüístico | 1 |
| Executivo | 3 | Rápido | 2 | Rigoroso | 1 | Literal | 1 |
| Inferior | 3 | Hospitalar | 2 | Sagrado | 1 | Mensal | 1 |
| Nacional | 3 | Cefálico | 2 | Cotidiano | 1 | Mundial | 1 |
| Adiposo | 3 | Porosodiastínico | 2 | Cru | 1 | Lógico-abstrato | 1 |
| Didático | 3 | Responsável | 2 | Evolutivo | 1 | Luminoso | 1 |
| Comercial | 3 | Sistemático | 2 | Estúpido | 1 | Leve | 1 |
| Horizontal | 3 | Urbana | 2 | Explícito | 1 | Lateral | 1 |
| Hormonal | 3 | Lógico-normativo | 2 | Fervoroso | 1 | Prejudicial | 1 |
| Formal | 3 | Lógico-formal | 2 | Feliz | 1 | Prioritário | 1 |
| Filosófico | 3 | Traqueiral | 2 | Fixo | 1 | Péssimo | 1 |
| Raro | 3 | Independente | 2 | Relativo | 1 | Próximo | 1 |

(continua)

| | | | | | | | |
|---------------------|---|-----------------|---|--------------|---|----------------|---|
| Sindical | 3 | Semelhante | 2 | Recente | 1 | Sedentário | 1 |
| Empírico | 3 | Transitório | 2 | Rural | 1 | <i>Sapiens</i> | 1 |
| Médio | 3 | Justo | 1 | Naval | 1 | Significante | 1 |
| Maravilhoso | 3 | Judiciário | 1 | Negro | 1 | Sujo | 1 |
| Fundamental | 3 | Sociológica | 1 | External | 1 | Uruguaia | 1 |
| Convexo | 3 | Simbólico | 1 | Elaborador | 1 | Útil | 1 |
| Incrível | 3 | Escuro | 1 | Etnográfico | 1 | Universal | 1 |
| Básico | 3 | Equânime | 1 | Estrangeiro | 1 | Único | 1 |
| Complexo | 3 | Empolgante | 1 | Oposto | 1 | Visual | 1 |
| Dependente | 3 | Corriqueiro | 1 | Nômade | 1 | Vertical | 1 |
| Patronal | 3 | Cansativo | 1 | Perigoso | 1 | Vertebral | 1 |
| Retromamário | 3 | Ideológico | 1 | Picante | 1 | Têxtil | 1 |
| Galactófago | 3 | Numerosa | 1 | Vascular | 1 | Inestimável | 1 |
| Favorável | 3 | Areolar | 1 | Total | 1 | Integral | 1 |
| Posterior | 3 | Ditatorial | 1 | Obrigatório | 1 | Insalubre | 1 |
| Pré-mamário | 3 | Unitário | 1 | Olindense | 1 | Significativo | 1 |
| Masculino | 3 | Úmido | 1 | Oral | 1 | Sistemático | 1 |
| Teórico | 3 | Psicomotora | 1 | Excessivo | 1 | Substantivo | 1 |
| Moral | 3 | Pediatra | 1 | Energético | 1 | Alta | 1 |
| Intenso | 3 | Psicológico | 1 | Particular | 1 | Ambiental | 1 |
| Socialista | 3 | Iconográfica | 1 | Árduo | 1 | Atômica | 1 |
| Novo | 3 | Imobiliária | 1 | Aconchegante | 1 | Pré-guerra | 1 |
| Naturalista | 3 | Coletivo | 1 | Insuportável | 1 | Precário | 1 |
| Principal | 3 | Demonstrativo | 1 | Ileso | 1 | Poderoso | 1 |
| Pessoal | 3 | Trabalhista | 1 | Vitalício | 1 | Pertinente | 1 |
| Vivo | 3 | Terciário | 1 | Verbal | 1 | Percentual | 1 |
| Oblíqua | 3 | Conjunta | 1 | Soviético | 1 | Paternalista | 1 |
| Europeu | 3 | Comunitária | 1 | Chave | 1 | Analógico | 1 |
| Profissional | 3 | Classificatório | 1 | Comerciário | 1 | Artístico | 1 |
| Ampla | 3 | Bom | 1 | Comercial | 1 | Arqueológico | 1 |
| Mental | 3 | Bruto | 1 | Médico- | 1 | Terreal | 1 |
| Dorsal | 3 | Chinês | 1 | odontológica | | Dirigente | 1 |
| Tremenda | 3 | | | | | | |
| Total geral = 1.034 | | | | | | | |

Fonte: Nunes-Pemberton (em preparação).

Tabela 3
Adjetivos que ocorrem antepostos ao nome-núcleo

| Adjetivos | Ocorrências na anteposição | Ocorrências na posposição | Adjetivos | Ocorrências na anteposição | Ocorrências na posposição |
|---|----------------------------|---------------------------|-------------|----------------------------|---------------------------|
| Grande | 30 | 22 | Suma | 1 | 0 |
| Bom | 17 | 23 | Máxima | 1 | 0 |
| Último | 11 | 0 | Justas | 1 | 0 |
| Única | 8 | 1 | Respectivos | 1 | 0 |
| Diferente | 7 | 14 | Magnânimo | 1 | 0 |
| Pequenas | 6 | 14 | Inúmeras | 1 | 0 |
| Novas | 5 | 11 | Sucessivos | 1 | 0 |
| Imensa | 4 | 3 | Ilustre | 1 | 0 |
| Diversas | 4 | 0 | Extrema | 1 | 0 |
| Principal | 3 | 8 | Antigo | 1 | 4 |
| Excelente | 3 | 0 | Seguintes | 1 | 1 |
| Verdadeiro | 2 | 0 | Possível | 1 | 0 |
| Simple | 2 | 11 | Rápido | 1 | 2 |
| Futuro | 2 | 1 | Atual | 1 | 3 |
| Mau | 2 | 0 | Senhora | 1 | 0 |
| Baixo | 2 | 5 | Vil | 1 | 0 |
| Largo | 2 | 2 | Célebre | 1 | 0 |
| Velho | 2 | 2 | Constante | 1 | 0 |
| Mínimo | 1 | 3 | Relevante | 1 | 0 |
| Próximo | 1 | 8 | Ótimo | 1 | 5 |
| Bonito | 1 | 6 | Alto | 1 | 5 |
| Total geral das ocorrências antepostas: 136 | | | | | |

Fonte: *Corpus* mínimo do Projeto da Gramática do Português falado.

O número restrito de adjetivos que ocorrem antepostos ao núcleo, somado a sua freqüente mudança de significado nessa posição, parece indicar uma diferença em seu papel sintático e semântico. Algumas vezes, essa diferença é gritante. No exemplo (31a), *antigo* não significa necessariamente velho, mas algo/alguém que “não é mais...”, contrastando com (31b), em que *antigo* significa *velho*. Em (32a), a ocorrência anteposta de *diferente* tem um efeito de quantificação equivalente a outro; já em (32b), *diferente* significa de um outro

3 Normas de transcrição dos dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
NÚCLEO DE ESTUDOS DA HISTÓRIA LINGÜÍSTICA DE GOIÁS
NORMAS PARA COLETA E TRANSCRIÇÃO DE DADOS

Neste documento, apresentam-se algumas orientações básicas para coleta, organização e armazenamento de dados e as normas para a transcrição de dados orais, nas pesquisas integradas ao Núcleo de Estudos da História Lingüística de Goiás (NEHLGO) e no curso de desenvolvimento do projeto de pesquisa “Das trilhas do ouro aos trilhos de ferro: entrada e difusão da língua portuguesa em Goiás”, bem como de quaisquer outros projetos propostos e executados pelo NEHLGO.

1. Instruções para a transcrição dos dados:

1. Ao transcrever os dados, coloque os enunciados do pesquisador em negrito e do pesquisado normal: Ex.: **E - Como foi isso?** (E, de entrevistador)
P - Foi trapaiado, foi.(P de participante);
2. Os participantes devem ser numerados, de acordo com as fichas catalográficas de cada interação: Ex.:

Participante 1(PUAN): D^a Maria (esposa do sr. Pedro; analfabeta, lavradora, dona de casa e merendeira da escola); 50 anos; entrevista semi-estruturada, em 27/07/1997;
Evento: cotidiano familiar. Local: Córrego Puba (Vendinha), em Pombal.
Tema: emancipação do município de Santa Rita do Novo Destino.

3. As linhas que contêm a fala do informante serão numeradas e cada informante deve receber um código. Ex.: PUAN;
4. Tipos de transcrição: (a) Fonográfica – transcrição da fala, respeitando e reproduzindo, na medida do possível, a oralidade; (b) Convencional – adaptação da ortográfica aos objetivos pretendidos; (c) Ortográfica – ajusta os dados da

fala em transcrição ao padrão de escrita culta da língua portuguesa; (d) Fonética – representação da realização de cada som, seguindo as convenções do Alfabeto Fonético Internacional; (e) Fonológica – representação dos sons da fala, de acordo com o sistema fonológico da língua portuguesa. Neste projeto, adotaremos, em princípio, as transcrições fonográfica e convencional. As demais transcrições serão realizadas, de acordo com as necessidades e exigências de cada análise;

5. Orientações gerais¹:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos e deve ser adequada aos fins previstos;
 - b) a transcrição deve permitir a compreensão do significado do texto;
 - c) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica;
 - d) deve procurar facilitar ao leitor a criação de uma 'imagem' do texto elaborado no plano da oralidade;
6. O alçamento das postônicas não será registrado. Ex.: carne = carni; namorado = namoradu (a idéia é: o que é categórico, não-marcado no dialeto não precisa ser registrado);
7. Será obrigatoriamente registrado:
- a) alteamento/abaixamento das pretônicas: Ex.: perdi = pirdi; ribeirão = reberão; primero = premero;
 - b) a monotongação dos ditongos [ow]; [ey]; [ay], serão grafados ortograficamente conforme pronunciados: Ex.: doutor = dotô; falou = falô; primeiro = primero; ribeirão = riberão;
 - c) o cancelamento de -r no final dos nomes e dos verbos: Ex.: doutor = dotô; comer = comê; e no meio dos vocábulos: Ex.: pra = pa; madrugada = madugada;
 - d) queda de -m final, desnasalização: Ex. : homem = home; garagem = garage;
 - e) nasalização de segmentos normalmente não nasalados deverão ser marcadas com til (~); assim, temos: ilusão, eizame (Clicar em: inserir → símbolos → latim estendido; lá há as possibilidades de inserção de ~ com vogais como e, i, u - Times New Roman);

¹ As orientações gerais constantes deste item tomaram por base as normas de transcrição de dados do projeto Pela trilha de Minas: as bandeiras e a língua nas gerais, já mencionado neste trabalho.

- f) as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas: Ex.: Zé = Izé; eu = ieu; lembrar = alembrá;
- g) a supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais será marcada com ('): Ex.: mais ~ mai'; ago' ~ agora;
- h) o paragoge será mantido na transcrição ortográfica: mal = mali;
- i) a iodização será grafada com i: filha = fia; joelho = jueio/juei;
- j) a aglutinação será marcada com apóstrofo: Ex.: deixa eu = dex'eu; para eu = pr'eu;
- k) os pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* serão grafados como realizados: Ex.: Ei/ê, ea, eis/ês/esi, respectivamente;
- l) os casos de uma, alguma, nenhuma, etc. serão marcados com til (~): üa, algüa, nenhüa, respectivamente;
- m) a variação fonética de -s será grafada como efetivamente realizada: mesmo = mermo ~ mehmo ~ memo;

8. Para as indicações de:

- Pausa, usar-se-á reticências ...;
- Inaudível ou hipótese do que foi ouvido, usar-se-á parênteses simples ();
- Comentários do transcritor, parênteses duplos: (());
- Sobreposição de falas, chaves: { };
- Discurso direto, aspas duplas: " ";
- Ênfase, letras maiúsculas;
- Truncamento de discurso, barras simples: /;
- Alongamento de som, repete-se o segmento alongado;
- Iniciar os períodos com maiúsculas;
- Pontuação: apenas interrogação ?;
- Interjeições serão marcadas com h.

4. CORPUS

4.1 Amostra de fala da comunidade de Acaba Vida

ENTREVISTA 1: FATUA

Participante 1 (FATUA): 74 anos de idade, sexo masculino, casado, semi-escolarizado.

Tipo de entrevista: semi-estruturada

Data da entrevista: 17/04/1998

Evento: cotidiano familiar.

Tema: A vida na roça.

E – Sr. podia cumeçá (falan') 'ssim o/o/o nome do sr. ...

1. P1: E. F. S.

E – Quantos ano sr. tem?

2. P1: Tô cum 74

E – 74 anoh?

3. P1: Fi/já fiiz agora dia () de março.

E – E o senhor é/é/ o sr. istudô ... lá no Acaba Vida?

4. P1: Não ... lá eu/a/a já istudei o tempo qu'era minino ... mais aí qu'eu () istudá e/e

E – ... de puxá na inxada {mesmo, né ...

5. P1: puxan' inxada }... puxan' inxada ...

E – Hunrumh

6. P1: ... a gente trabaiava ... até o dia qu'eu duici ... eu saí da roça de tarde ... lá ia p'ra

7. casa ... quando eu entrei dent' do meu pasto e/eu caí ... aí lá ia passan' um subriim

8. ... meu o Vando ... lá ia passan' eu falei/oiei pra ele eu cunhici ... falei ó lá vai

9. passan' o Vand' ó ... chama ele ... chamô ... ele vei ... me pegô ... pois im cima do

10. animal me levô até lá im casa ... Aí ... desse dia p'ra cá ... até fim de maio ... num

11. tem/num tem recordação de nada que passô cumigo ...

E - Hunrum

12. P1: É ... a minha mulhé falava ... muitas pessoa ia lá no hospitale ... falava: “Ah ...

13. ele num amanhece amanhã”... otro: “Aqui ... ele num vorta cá mais”... mais Deus

14. num falô ... () e graças a Deus somo crente né ... confio ne meu Deus ... Aí ...

15. ele/ele ... passei lá p'o Hospital de Base ... fiquei lá mais uns dias ... aí um dia falei
 16. p'ra minha filha: "Ó ... 'cê arranja um carro e vem me tirá daqui que eu vô Morrê lá
 17. na sua casa ... eu num vô ficá 'qui não ... que num dá nada p'ra gente cumê ... é só
 18. soro no braço ..." (Aí fui passan' ali) ... num tem vontade de cumê também não mai
 19. a gente vai pra lá (vêiz) invent' ãa coisinha ... um leite um pão(zinh') a/a/adoçado

E – É ...

20. P1: ... a gente pudia cumê argüa coisa mais ... () aí eu fu/fui lá num/num post' de
 21. saúde ... cunversei lá cum médico ... me levaro den' do carro poi' na cadera de roda
 22. ... levô na casa do médico ... troxe p'a den' do carro ... e chegô cá na casa da minha
 23. filha ... eu falei () o médico ... falô assim: "Ocê vai tomá um remédio p'ra
 24. cort/pra aumen/ abri o apitit' e cortá ãa tosse" ... Eu sentia ãa tosse ... só que num
 25. tinha dor de nada no corpo ...

E – Só a tosse né?

26. P1: ... só a tosse e fart' de apitit' ... Aí ... eu peguei ... tomei esse remédio ... comprei
 27. um vid'o de/é de ... fortificante ... cumecei a tomá ... cand' feiz oito dia cumecei
 28. senti vontade de cumê um feção cum arroz { ... cumê um pedacim de carne }

E – Huuummm ... aí abriu o apitite?

29. P1: ... aí cumeçô abri o apitite ... () tomei oito aplicação de injeção conta
 30. pileumunia ... tomei as injeção ... e ... () cum po'co peguei já sentá na cama ...
 31. quiria sentá { num sentava não

E – () (cansado)}

32. P1: ... ficav' aquele mulambo im cima da cama ... Aí ... minha filha ... minha neta
 33. minha () tamém parava ía lá p'ro portão ... sentava na porta da rua lá e ficava lá ...
 34. Aí ... cum po'co dia peguei a andá iscorad' num pauzim ... peguei a andá na rua ...
 35. e já/já/ já ía passíá lá no Santo Antõe Discuberto ...

E - Huuummm

36. P1: ... fiquei po lá a semana toda ... lá na casa dum/a na igue/igreja ... E aí quand/
 37. peguei a andá ... fe/foi no dia quatorze de/de julho que eu vim imbor' aqui p'o Faiz
 38. Tudo ... Cheguei aqui fiquei na casa d' ãa neta ... passei uns tempo cum ela ... acho
 39. que uns cinco mês ... Aí ... ela mudô de casa ... eu comprei ãa casa () passei tô
 40. moran' aí nessa casa

E – Ah o sr. tá moran' aqui né?

41. P1: ... Tô moran' aqui

42. Aí ... (nóis foi lá p'o 'Caba Vida) ... trabaiei lá trint'ei cinco anos ... graças a Deus

43. tinha muita fartura ... deixei lá um farturão medonho acho que () tem dia qu'eu

44. fico ... ispia ficá amolado ... assim ... ficá à toa ... num trabaiaí mais ...

E – Unrum ...

45. P1: ... 'tav'acustumado trabaiaí de sigunda a sábado ...

E – Ah vai ino vai cansan' né?

46. P1: É (cansa) eu 'tô cum setent'ei cinco ano ... eee eu num prciso trabaiaí mais não

47. (ganha só) ... o meu salarzim ... é só eu mais a véia ... nos/nossa dispesa é coisa

48. muit'insignificante ...

**E – E o sr. é sr. falô ... o povo perguntô pur que que tem o nome “Acaba Vida”
{(agora eu que pergunto pro sr.)}**

49. P1: () } ... lá eles perguntaro ((refere-se a alguns repórteres que foram à região))

50. pur que que tinha nome de Acaba Vida ... eu disse: pur aqui morava um senhor ...

51. ele fabricava cachaça ... e ... e tinh' as impregada ...

E – Isso foi isso foi im que ano sô/sô ...?

52. P1: Isso foi há muitos ano ... () lá tem maderá ... jacarandá dessa grussura dent' da

53. istrada dos banderante ... tempo dos banderante já andô por lá ... né ... fazia aquela

54. istrada de carroção ... dissia lá ... lá ele samp' ... fabricava cachaça

E – Intão fabricava mais cachaça lá?

55. P1: É cachaç' e rapadura ... Os índio ía lá ... eles dava cachaça ... dava rapadura p'ra

56. eles ... E aí ... um dia mudô de/de impregado ... e foi viajá ... e num ispicô ese que

57. num podia judiá dos índio ... os índio che'gô () ... jogaro melado quente nos índio

E – O povo láh?

58. P1: É os impregado ...

E - Aaah

59. P1: ... que 'tava na fazenda ... lá ainda tem o rotero ... a/aquese rêgo d'agua ... ()

60. acharo o bico do capet' do alambique ... () inda tem casa lá ... e foi colocado o

61. suspiro do fugão ... e fizero o bico do alambique ... tĩ ' ãa tacha que pusero num

62. jiquitibá ... achô só o formato dela ... o zinabe tinha cumido ela tudo ... () tem telha

63. lá ribuçado das teia que foi achad' lá ...

64. E – 'Inda tem coisa lá?

65. P1: Tem a tem a ca/

E – Desse tempo?

66. P1: ... da teia que que era do tempo que tinha lá

E – Ah êh eu quero cunhecê ess' história ()?

67. P1: ... () tinha formado aquese prego ... prego im casamento ... só o formato del' ...

68. só batê nele el' ... êle dibuia ... Aí ... esi jogaro melado quente nos índio ... e o patrão

69. chegô naquela hora ... “os índio tev' aqui e nós jogô melado” ... “E ... nós tam' é

70. tudo morto ... vam'” (ele caçô) tinha ãa isfriadera qu'ele batia o melado ... um coxo

71. cumprid' assim ó... ele dibruçô e deitô dibraxo ... um infiô den'dum forno de assá

72. broa ... e alí ... iscapô esses dois ... e iscapô esses dois ... e infim que foi assim ...

73. cumo eu falei pra eles foi assim ... E infim que pode i' tomano o nome por esse

74. mutivo pur esses índio matá o pessual lá e ... depois disso já morreu dois na água lá

75. também ... afogado ...

76. E – Morreu índio né?

77. P1: É ...no rio ... morreu n'água () foi os índio é que matô ... Eu acho que pur esse

78. mutivo é que tomô o nome de Acaba Vida já pelejamo p'á mudá ...o pade ... pade

79. Luis tive lá ele falô: “G. ... vam'mudá o nome ... Ganha Vida” ... ele é um

80. velho já: “Vamo dar o nome de Ganha Vida”(imitando)) Eu falei (Padre) () num

81. tem jeito não ... () tá no mapa todo mundo cunhece () é 'Caba Vida memo ... e o

82. 'Caba Vidão ... e tem o 'Caba Vidinh' aqui também

E – Pois é ... pur que que tem o Acaba Vida, Acaba Vidinha e o Acaba Vidão?

83. P1: Eu num ... sei purque que tem o Acaba Vidinha ... sei que a água é piquena ... né

((risada))

E – Uai será que é purque a água é piquena será? ((risos))

84. P1: Num sei mai lá () ... o corgo é piqueno ...

E - Ah

85. P1: ... de lá o corgo é grande ... dá/dá oito metro ... deiz metro im argum lugar ... lá

86. mais p'ra baxo ... até mais de deiz metro ...

87. P2: O rii lá ... quando 'tá chei ... ninguém {passa

88. P1: rii lá} ... quando 'tá cheio ... se tivé ãa artura de águ' assim ... num entra não

89. porque ... a água é ... é dispen/é dispenhada memo () ã'as pedra {redonda ... ()

90. P2: Diz que lá mata a pessoa memo ()}

91. P1: ... mata ... morreu (doi' () ... irmão/do meu cun/meu cuncunhado) e morreu um

92. ...um otro amigo ... foi 'travessá a cavalo ... {o animal rodô cum ele e e e() ...

E – Num pode né ...} Quer dizer que quando está chaveno pur ali num tem jeito de ... de ...?

93. P1: Não ... Pára ... Passa ... mais é a pessoa que sabe nadá e do animal bom ... forte

94. ... passava lá ... má ficav' assim mêis intero sem ninguém travessá o rii ...

E – Ânã ...

95. P1: {()

E – ... O povo ficav' isolado lá ... num tinha jeito ...

96. P1: ... só vinha p'ra cá ... do lado de lá ficava p'ra lá ... (num vinha ninguém ...)

97. passav' na cidade ... pu'que num ... num travessav' o corgo ... 'Inda fiz o meu

98. aniversav' lá ... () 'tá c'uns quatro ano (mai deu ... foi na hora do aniversav') foi

99. chuva ... foi chuva ... chuva ... e aí ... tinha convidado ãas ... ãas quatr' igreja que

100. vinha tudo reuní lá cumigo

E – Hunrum ...

101. P1: ... ninguém pode vim ...

102. E - Iih

103. P1: ... fiz ã'a dispesa grande (no meu aniversário) ... e a/e num/num teve jeito

104. de apruveitá ... jogô tudo fora

E – Pois é ... Intão intão por ali ... su/pelo que o senhor sabe tinha índio ()?

105. P1: Tinha índio {(nessa 'casião) tinh'os índio ...

E – Os índio é} os índio é que morav' ali?

106. É ... os índio é que morava na mata ... a gente via rasto dese quando tinha

107. festa do Muquém ... a festa de Sra. d' {Abadia ...

E – Humrum ... já ovi falá ...

108. P1: ... e tinha rasto pelas praia do corgo {assim ... via rasto dese ...

E – O senhor sabe que que ques} índio que era que morav' ali?

109. P1: Não ... eu num fiquei subeno a qualidade dos índio não ... ese falava

110. qu'era os índio .. né ... es' ía na festa lá no Muquém ...

E – Quer dizer que fo/é é os banderantes que/intão que vieram pra cá né ...

111. P1: É ... lá tinha rotero dos banderante ... rotero dos banderante ...

E – Hum ... E o senhor sabe se tem documento ... assim sob/sobre esses banderante {pur aí ... n'algum lugar?

112. P1: Não ... tinh' ãa ... ()

E – ... algũ'a cois' iscrita ... dessa história?

113. P1: ... ()} esse ... cumo chama? ... Na cabicêra do coigo tinh' ãa/ ãa/ ãa ária

114. ... de mais ô meno cinqüenta arquero de terra que a a Companhia Niquis

115. Tocantin ... essa Companhia ... acho que é a Niquis Tocantins ... é que diz

116. que tinha um direito lá ... Aí ... ês pelejaro p'a tirá nói di lá ... mais

E - Humhhh

117. P1: ... () um adevogado im (Goiânia que era o () do governo) ... protejeu

118. nói num dexô ês tirá nói ... e dero outra ária p'ra/prá Niqui e e ficô nós queto

119. lá nesse lugá

E – Mais assim ... quand' eu falo documento assim ... que que que iscreveu sobre a história desses bandeirantes lá alguém {algũ'a pessoa ...

120. P1: Não} iss' eu num 'vi falá não ...

E – Não né?

121. P1: Não sei que () falava que os banderante ... iss'é aqui a dona Paula (num

122. sei ... acho que num istá í) ... tá im Niquelândia ... o mari' dela ... me fugiu o

123. nome da/do dos pai dela ... que que contava o caso certinh' desse negócio ...

E – Ah é?

124. P1: É ...

E – E ês mora aonde?

125. P1: Ês mora a mora aqui na rua de bax' ali ... mai dona P. ... cum'é que

126. cham' ô ô ... Sra. sabe 'qui o o (Z. de P.) marid' da da dona P. não? ...

127. (Tem o fii da P. ali ó ... {é fii dela)

128. P2: ()} eu sei que ele chama J. né {()

129. P1: ... é Z. ...

130. P2: ()}

131. P1: é Zé num sei de quê o nome dele ... (é ês que compraro a casa ())
132. P2: Mais a dona P. nunca morô lá no 'Caba Vida não cumpade
133. P1: Mais o marid' dela era desse temp' aí {() }
134. P2: () nôi mudam' pr'aí ela morav' () }
135. P1: () era do tempo do {() }
136. P2: () }
137. P1: () banderante ...
138. P2: () tá lá 'té hoje né

E – Ês mesmo sabe essas história né

139. P1: Aqui na fazenda do Z. F. () informar () o Z. F. é don' dessa fazenda lá
140. ... (mora nessa) fazenda 'té hoje ...

E – Humh

141. ... (ele mor' aqui () aqui)

E – Hunrum

142. P1: ... (ond' é a casa) do Z. F. todo mundo dá informação dele ...

E – J. F.?

143. P1: É ... J. F. de O.
144. P2: Eu falei p'ra ela que lá quem pode dá informação é aqueise mais velho ...
145. Aquela cunhada do sinhore ... a dona O. ... que mora lá muitos ano ... né
146. (esses dá) {mai ... os mais novato num dá não ... os mai novato ...
147. P1: () é proprietário} fazendero () }
148. P2: ... os mais novato num cunheceu ... muito não pu'que já chegô já 'tava
149. melhorano o 'Caba Vida ... né ...
150. P1: É () meu sogro () e os filho meu e () meu genro () P. ... vei
151. um tii o J. B. que era ... que era recunhido como o maior lá
152. dent' do 'Caba Vida né

E – Hunrum

153. P1: Esse morreu ... Já morreu muitos dos mais antigo ... () mudaro tudo p'a
154. Rondôha ... tem po'ca gente aí dos antigo ... Os antig' aí é (M.) F. que tava
155. lá ... os oto tud' é tudo inovato (só tem o Z. F.) que tem a fazenda lá mais ele
156. mor' aqui no 'Caba Vidinha ... tem () fii dele que mora lá na fazenda

E – E/o/é/ o povo de ... vei de onde esse povo de lá ... {os antigos?}

157. P1: Vei () vei} lá de/de Valadares ... municíp' de/de Minas Gerais

E – De Minas Gerais?

158. P1: É ...

E – {Governador Valadares?}

159. P1: ()} Valadares ...

E – Aaaaah

160. P1: (Vim) do município de Governadô Valadare ... Nós viemo de mudança

161. de lá ... daqui po rii dos Bicho () ... o'via falá nessa tar Mata Serena ... aí ...

162. nós juntemo ã'a turma de nove home ...

163. P3: {Boa noite

E – Boa noite

164. P1: e vei cum animal} até onde pôde vim animal ... e nós fizemo (carcá) e

165. botava nas costa e facão () ... chegava nói dicia de ... assim mei de quato pé

166. ... siguran' nos pau e de fasto assim p'a decê aquela ladêra de pedra né ...

167. rolava cadas pedra enorme ...

E – Que corage hemh

168. P1: ... eee infrentamo a dureza ... mai'... graçaz a Deus ... lá tinha muita

169. fartura

E – Aí ... Vierum e num voltaro mais p'a/p'a Governadô Valadares?

170. P1: Eu vô lá de passei () ...

E – Sr. tem parente lá né?

171. P1: Tem ... tem minha mãe ... dois irmão ...

E – Ah

172. P1: 'Gora se Deus quisé ... sigunda-fera (vô parti de) viagem pra lá

E – Ah é? Belezah

173. P1: Vô vê minha mãe ela tá com 93

E – Nooossa genteh

174. P1: Só tem ela de resto ... era onze irmãos só tem ela (agora)

E – Nossah ... Faiz an'/faiz tempo que o sr. num vê ela?

175. P1: Tá cum ... era p'a interá de dois im dois ano eu vô lá vê ela ... Agora eu

176. ... gora fiquei duente no hospital ... ('casião d'eu í' tava no hospital) ... Agora
 177. eu ... se Deus quisé 'gora vô lá vê ela ... 'Gora vem ãa irmã de Mato Grosso
 178. ... a irmão mai ... nós dois é mai velho ... ela (diz que) tá lá ... lá im lá im
 179. Bel' Horizonte na casa o meu irmão () vié ãa certeza que ela ia chegá ainda

E – Hunrum

180. P1: ... ele falô comigo que ainda ontem ela chegava ... Agora ele telefonô
 181. 'traveiz e eu num o quê que ele qué falá comigo

E – Hum ... Pois é ...

182. P1: Mai já foi/ já deu muita fartura {()

E – E agora num tá dan' mais}?

183. P1: () povo tudo prantaro foi capim braquiara e o gado () e e
 184. braquiara Acaba ... () 'Caba Vida ... tem lá um bananera que () quantidade
 185. de banana ... munta lavora de café ... munto gado ... Inda tem um filho que
 186. mora lá inda ... ele cheg' aqui amanhã ... Se Deus quisé amanhã ele chega

E – P'a í' lá po Acaba Vida ... daqui ... va/vai de quê?

187. P1: Vai de ônibus pela ...

E – De ôñibush?

188. P1: ... tem um ôñibu aqui que vai ...

E – Ah tem ôñibus que vai lá?

189. P1: tem ... no pé da serra ... só no pé da serra
 190. P2: Buscá os aluno

E – ã?

191. P1: Vai buscá ... {vai buscá os aluno ...
 192. P2: () buscá os aluno (do) Acaba Vidinha}

E – Ah os aluno

193. P1: É

E - Ah

194. P1: mais ês vai a gente vai junto

E – Aha ... cêis pega ã'a carona

195. P1: É ...
 196. P3: Condo ês tiraro a istrada por cá po/pos Lopes ... foi que o o o ano passad'

197. ês fizero ... () { ()
 198. P1: () istrada ()}
 199. P3: () aquele que falô que lev' ocê amanhã ...
 200. P2: Amanhã é capaz dele num í pu'que amanhã num tem iscola uai ... né

E – Hunrum

201. P3: ()

E – É

202. P3: () ela vai lá ()
 203. P1: () assim que () tamém é dos antigo

E – Hunrum

204. P1: ... el' é bem antigo lá

E – É que eu tô perguntan' aqui pa don'/pa don' I. porque eu quero cunversá é cum pessoas mais velha pessoas que moraro muito tempo ... não com os os jovens não sabe ... é pu'que a história do local ... da região (tudo) quem vai sabê é as pessoa mais velha né que morar' ali ...

205. P2: (Meus minin' é bem novato né?)

E – Pois é {agora por exemplo ... se num ...

206. P2: Mais velho é ()

E – se num tivé} gente mais velha moran' ali aí num num nem adiant' eu í lá

207. P1: Aqui im Niquelândia tem o (irmão B.) que é dos antigo também

E – Anran

208. P1: ... ô é ... () parte tá tudo im Rondonha ... e os os antigo tá tudo im
 209. Rondonha

E – É né ... Saiu tudo

210. P1: Eu tive lá mês de julho do ano passado ... sabe ... eu tive lá im
 211. Rondonha ... istive lá na casa deles lá ... Ali já foi muito bão ... hoje é bão
 212. pra quem num qué criá gado ... Eu meu minin' mora lá ... inda inda tem um
 213. resto (eu vindi) um pedaço da terra podê comprá ã'a cas' aqui porque gente
 214. ficô duente larg/gente ficô disprivinido () vendê um pedaço da terra ()
 215. podê comprá ã'a ã'a casa ... Aí tem um resto lá 'gora lá eu quero vendê lá
 216. tamém ... (hora que ele saí) ... fica ele sozinh' lá ()

E – Fica sozinh' é ruim né

217. P1: () tem um gaduzim lá ... um cumeço de gado ... () de de cabá c'esse
 218. gadim dele ... saí de lá ... Tô achan' que ocê vende ... primero cê and' aqui im
 219. vorta ... cê ach' aqui ã'a ária aqui d' um d'uns 5 a 6 arquero que dá pa 'rumá
 220. um pasto mantê as criaçãozinh' aquilo o leite que saí ... lá não o leite ()

E – É ... Sa/sra. é é daqui mesmo ô é de ...?

221. P1: É {a sogra
 222. P3: Sô sogra dele

E – É ... mais a sinhora é é de onde?

223. P3: Eu sô de Minas Gerais
 224. P1: {É de Minas

E – Minas Gerais... que belezah}

225. P1: ... minero aqui ... 'Caba Vida é minêro puro ...

E – Pois é né ... povo de Governadô Valadares vei tudo pra cá ... tem muita gente de Minas por aqui intão uai

226. P2: () dela é ... pra lá de/de Belo Horizonte né () Mina Gerais lá () o
 227. istado que ela morava () quando nós mudô pra cá nói morava era lá num
 228. era Minas não né () vim pra cá pra terra dele ... de lá nói vei pra 'qui ... (nóis
 229. é minero mais é de lá né

E – Hunrum

230. P2: () tá lá im Valadares

E - Anran

231. P1: Minha terra é cidade de Alvarenga
 232. P2: () a mãe

E – Nossah

233. P2: (no norte né)

E - Anran

234. P2: (no norte eu) criei e casei

E – E no norte ficô ((risos))

235. P1: () mais tem um ditado que ... que ... minero ... se jogá um queijo p'ô
 236. morro abaxo ele morr' istrepado ... mais agora aí aí e goiano ... se armá ã'a

237. ispingarda de baxo d'um pé de piqui aí mata goiano ((rindo))

E – E mata mesmo ((rindo))

238. P1: Agora num pode armá mai não pu'que mata minero também ... minero

239. tudo viciô cumê piqui ((rindo))

E – Piqui ((rindo)) não má um piquizim é bão né?

240. P1: (Piqui cum frango)

241. P2: Sra. gosta?

E – Adoorohh Nossah ... lá im casa ... pov' é tarado num piqui ((risos))

242. P3: E eu nunca cumi

E – Ah nãoh ... num criditoh

243. P1: () eu de primero ... ãa veiz fui levá um cumpade p'a aposentá ne

244. Aruaçu ... cheguei lá vi aquele chero de piqui ... falei “ô dona ... pel'amor de

245. Deus ... num põe esse trem no meu prato não” ... já tava repunano o chero ...

246. Fui na casa d'um amigo morav' aqui () ... ele feiz um frango cum piqui ... e

247. eu cumi foi só o car/o cardim () ... nem cumí aquesa pelota não ... Aí achei

248. gostoso ... chegue' im casa fui fazê ... e peguei a cumê ... ah! eu vô buscá no

249. mato ... tô rebentan ele ...tô mastigano ()

E – Nossah ... mais ... cru?

250. P1: É ... cru

E – ((risos)) Isso é que é gostá de piqui heimh

251. P2: Eu num gosto e (meu fii mai velho) tamém num gosta ...

E - Hunrum

252. P2: ... né ... o chero faiz dor de cabeça nim nós

E – Aaaah passa mal

253. P2: É ...

254. P1: É sete e meia ... todo dia sete e meia {eu () í na igreja ... eu sô crente d'

255. Assembléia

256. P2: () 'gora tem um ot' aqui que gosta

E – Ah }

257. P1: ... todo dia sete e meia entra

E – Sr. já tá ino intão?

258. P1: (É tá fartan' aqui dizenove minuto)
 259. P2: () aqui na mesa
 260. P1: Heim? Ah tá.
 261. P2: (Eu fechei a venda) () quebrô o braço ()

E – Como foi que ele quebrô?

262. P1: ()
 263. P2: Caiu do cavalo ... o cavalo capotô 'ssim ó ... caiu
 264. P3: Cavalo caiu im riba dele

E – Iich ... que dor heim

265. P1: Eu quebrei eu quebrei esse braço tamém aqui ó {()
 266. P2: () (Goiânia) () }
 267. P1: Fui brincá cum as minha minina ... tinh' ã'a bananera assim na na grotá
 268. ... e meu cunhado morav' aqui pra baxo () mais pra cima () num tinha
 269. colocado no lugar certo () fui trabaiá ... Aí o o () vinha de lá 'ssim ()
 270. sigurei a (foia) () procaria () quand' eu oiei na minha mão tinha ã'a na
 271. minha mão () fiquei lá noventa dia () fui imbora pra casa () num deu
 272. pra tirá porque num parava queto () foi (inté) tirei ()

E – É ... por aqui sem machucá é difícil né?

273. P1: {()

E – Aqui aqui ... mai aqui tem posto de saúde aqui no Fa...?

274. P1: Tem ... Aqui tem ...

E – Aqui no Faiz Tudo tem né?

275. P1: Tem ... tem

E – Ah não ... intão tá bão ...

276. P1: Oia ã'a porção de nome de posto
 277. P2: (Mai num tem nem ninguém) né cumpade

E – ãh

278. P1: () lá no Machadinh' tem um ... que é no Machadinh' tem () ... lá tem
 279. tem ene/energia tem tudo lá ... Nas eleição aqui todo sempre () Machadim

E – Intão o post' aqui fica vazii?

280. P1: Ah não () aí óia é pa Niquelândia memo ... Nem Niquelândia ... lá o

281. posto ... la na Osego () uns remedinh'

E – Às veiz ... tem que í pa Goiânia né às veiz?

282. P1: É

E – É difíci mesmo

283. P1: Lá tinh' ã'a mulhé lá ... ela foi trepá num pé de manga

E - Hum

284. P1: ... e iscurregô lá e caiu () o gaio ácho que puxô assim ... rasgô a barriga

285. dela ... ela 'juntô as tripa na saia 'ssim ... Lá tinha um dentista lá ... o dentista

286. ... pois as trip' p'a fora ... deu nestesia ...deu'os ponto ... custurô ... sarô lá

287. memo

288. P2: Curuizh

289. P1: sarô lá memo ... depois disso ela ganhô nenê ... Diz que agora ela arruinô

290. lá ... e diz que tá cum tumor assim ... isso vai sê previniente daquele negóce

E – Ah capaizh

291. P1: ... () tá na/'tá na UTI ... Capaiz que num vai {iscapá não

292. P2: (El' é) quem cumpade?

293. P1: ()

294. P2: Ah ... num cunheço não ... Num cunheço ()

295. P1: É duas que trepô na arve e caiu ... ãa/a ãa subrinha/ãa prima minha ...

296. trepô num pé de abacate ... quebrô o gai ... caiu ... acho que quebrô o braço

297. P2: ()

E – O pov' aqui gosta de trepá né ...

298. P1: () ... a muié do () é ãa muié já de idade ... trepada im pé de laranja ...

299. ... lá nas ponta do pé de laranja p'a panhá laranja ... ainda qué buscá laranja

E – Corageh

300. P1; ... a véia lá nas ponta do pé de laranja ((risadas)) ... ()

301. aqui cunversan' () chegan' im cima da hora

ENTREVISTA 2 – FATUB:

Participante 1 (FATUB): 57 anos de idade, sexo masculino, casado, semi-escolarizado.

Tipo de entrevista: semi-estruturada

Data da entrevista: 17/04/98

Evento: cotidiano familiar.

Tema: a vida na roça

E – É ... eu quiria que o sr. que o sr. falasse o nome do sr. ... () o seu nome

1. P1: Já ligô?

E – Já ((risos))

2. P1: É ... o meu nome é A. H. do V. ... mais cunhido (po A. do S.) que meu pai era ...

3. S. ... né

E – Pois é ... quand' eu telefonei pra cá a moça falô "Sô A. S. cunhece ... (tudo)

4. P1: Certo ... O pessual me cunhece po A. S. que meu ... por causa do nome

5. do meu pai né ... Meu pai chamava S.

E – Quantos ano o sr. tem seu A.?

6. P1: Eu tô cum cinquenti sete ano ...

E – E quanto tempo o sr. morô lá im/no Acaba Vida?

7. P1: No Acaba Vida ...

E – Sr. foi novim pra lá ... naceu lá?

8. P1: Não ... eu vim de Minas ... {de Minas

E – Ah ... o sr. vei de Minas} ... de onde?

9. P1: Nói mudemo po Acaba Vida im mil novecento setentei um ...

E – Hunrum ... De on/de onde {de Minas Gerais

10. P1: Quais' trinta anos } (Itabiri de Mambena) ...

E – Hunrum ... E e depois sr. vei pra cá pa/po Faiz Tudo ... faiz quantos ano que o sr. mor' aqui no Faiz Tudo?

11. P1: Aí intão a gent' mudô lá p' esse Acaba Vida ... intão ... a gente era mais novo ... né

E - Hunrum

12. P1: a gente tinha mais força né

E - Hunrum

13. P1: ... mais corage pa trabalhá né

E – Hunrum

14. P1: e lá é ãa terra im que produz ... boa pa produzi ... terra de premera ...terra boa ...

E – Ah é?

15. P1: É ... lá a terra lá é boa ... Intão a gente culhia muito milho ... feção ... arroiz ...

16. tudo ... e e ... cumecemo a prantá uns cafezaizim ... né ... e era aonde a gente

17. recursava ... rumava um dinherim mais fácil era cum essas coisa que sempre

18. sobrava né ... Agora ... hoje ... hoje num 'tá sobrano mais ... hoje nu/num 'tá dano

19. mais ... a pessoa peleja lá na/na dificurdade ... e ota ... num tem istrada ... não tem

20. transporte ... num tem jeito de iscuá aa produção da gente ...

E – Hunrum

21. P1: ... 'tão ... a produção da gente tem que saí na cacunda de animal ...

E – Hunrum

22. P1: ... e os animais fica com os ombo tudo pisado ... na carne viva ... né

E – Hunrum

23. P1: ... pu'que num dá conta ... agora mesmo paremo de prantá as otas coisa ...

24. paremo não ... prantamo uns poco só só pa dispesa né e... inventemo de formá

25. banana ... A banana produz ... produz muito ... mais cumé que tira ess/ess/essa

26. banana né?h ...

E – ()

27. P1: Tem que tirá na cacunda do animal ... né

E – Ahh

28. P1: ... Tem que carreg'áí ... deiz ... quinze ... até vinte quilômeto na cacunda de

29. animal p'ra podê chegá até o ponto onde o carro pega né ... 'tão ... é muita

30. dificuldade ... a gente sofre muito e a gente vai isgotano ... isgotano ... chega um

31. ponto que a gente num 'güenta mais ... Aí ... falei p'os meus minino: "Oh s'ocêis ...

32. a gente já 'tá cansado de isperá promessa de istrada aqui óh ... já vai ã'a ã'a pulítica

33. ... 'caba ã'a vem ota ... caba ã'a vem ota né ... e só as proposta ... só cunversa ... só

34. mintira ... né ... Vam' fazê o siguinte ... se ocêis ... quisé ... eu vô dexá essa terr' aí

35. ... cêis quisé ficá trabalhan' aí ... cêis 'tá novo ainda ... Agora se ocêis não quisé ...

36. eu vô vendê essa terra nói vamo saí daqui ..."

E – Hunrum

37. P1: A gente já 'tá p'a num 'güentá mais iscutá mintira ... né ... A gente ajuda a
38. pessoa ... até ajuda fazê campanha pa pessoa ... depois que ele panha eleito nem
39. lembra da gente mais ...

E – Hunrum

40. P1: ... Chega na época de pulítica eles vão ... vão até de a pé pu'que num tem istrada
41. ... né

E – Aí é ũ'a boa {vontade né

42. P1: ... chega lá suado}né ... c'aquela aligria cum a gente ... aquela boa vontade: “não
43. ... ocêis merece ... cêis num pode ficá desse jeito não ... cêis'tá sofreno dimais aqui
44. ... e tal ... se eu fô eleito a istrada vai saí 'que eu vô trazê máquinas pesada ... vam'
45. cortá essa istrada pr'ocêis aí né” ... Bão ... a gente fica naquela ... achano que vai
46. mesmo e acaba a gente fica seno é enganado desse povo ...

E – Hunrum

47. P1: ... 'tão a gente chega num ponto que dá vontade 'té de nem votá p'ra ninguém ...
48. Aí meus filho disse assim: “Não meu pai ... senhor vai lá po Faiz Tudo ... aí o senhor
49. discansa ... pode discansá mais e ... já 'tá ficano velho ... aí ... nós fica aí ... vam'
50. pelejano ... vam' isperá cum paciência ... às veiz essa istrada inda vem ...” e até hoje
51. ess'istrada num entrô lá ainda ... já pensôh? né ...

E – Faiz quanto {tempo que ês tão prometem' essa istrad' aqui p'r ocêis?

52. P1: ()} ... 'Tá cum vinte anos ...

E – Vinte anos?

53. P1: ... vinte a vinte e cinco anos ... né ... Quais que é o tempo que ... qu'eu tenho
54. de/de/de de vim de mudança p'ra 'í ... po Acaba Vida ... Já tinha cunversa da istrada
55. né ...

E - Hunrum

56. P1: ... Já tinha cunversa da istrada ... e isso nunc' aconteceu ... né ... Quando vem ũ'a
57. máquina de lá p'ra cá ... na/na ... na véspera de pulítica ... ês vai ... vai rueno essas
58. beradinh' aqui ...'té no/no pé da serr' aí ... e tal aí ... e fala c'aquilo inguiçô e nu/num
59. vai cortá mais ... nisso chega o dia da eleição ... Aí vem a pulítica ... Aí ês'tira as
60. máquina ...

E – Hunrum

61. P1: Ot'a hora ês já/já/já dexa p'ra cumeçá já logo na intrada das água ...

E – Hunrum

62. P1: Cê vê ... entrô as água num tem jeito de cortá não ...

E – Ah num tem jeito não

63. P1: Aí pega chuvê ... levanta as máquina vai imbora ... E a gente fica naquela ...

64. isperano a boa vontad' dê's' e nunca 'conteceu 'té hoje ... o nosso sofrimento alí no

65. Acaba Vida é ... a pessoa pricisa de vê p'a acreditá ...

E – Acreditá ... Por isso que eu ... eu quiria í lá pa vê de perto e sinti esse sofrimento um poquinh' tamém sabe

66. P1: () agora quem tem o custume de andá de à cavalo né ...

E – ()

67. P1: ... vai bem ... né ... pu'que ... como diz ... num vai carro ... () animal tem muito

E – Hunrum ... Acho que eu vô tê que aprendê primeiro a andá de cavalo pa depois vim cá

68. P1: () 'cê podia 'tê vino de helicóptro ... ()

E – Pois é ... não mai ... eu num sô pulítica né ((risos)) eu num sô candidata a vereadora

69. P1: () vai sofren' mais ainda né pu'que ... sem istrada né ... ()

E – () o que ocêis precisam urgente pr'aqui é a istrada né?

70. P1: Ah istrada ...

E – Se vié istrada vai melhorá pr'ocêis ()?

71. P1: ... () ... a istrada é a principal ... é principal pu'que

72. P1: () melhora né

E – Aí cêis vão ... aí cêis vão plantá otras coisa sem a banana né?

73. P1: É ... nós fica muito mais fácil p'ra gente iscuá a produção né ... e os que tão os

74. que tão lá ... queto ... qué' dizê qu'ês' fica mais satisfeito ... trabalha com mais cum

75. mais prazer ... né ... e alí a pessoa trabalha ... mais ele pricisa de cumê e bebê ...

76. intão pur isso é que trabalha ... mais ...

E – Se plantá muito perde né porque num tem jeito de saí de ônibus ...

77. P1: ... () se num tivé o jeito de transportá ... perde ... né

E – É ... É ã'a dó né vê as coisa perden' na ...

78. P1: O povo tá mudan' de lá pur causa disso ()

E – Pur causa da istrada?

79. P1: Por causa da istrada

E – Muita gente já/já mudô intão?

80. P1: Mudô ... muita gente já mudô ()

81. P1: (tem gente) mudô ... pa mais de deiz famia ()

E – Família né?

82. P1: (Mai lá 'inda tem muita gente) tem muitas família lá ainda lá ... tá ten' lá

E – Intão a única forma de ... que o povo ganha dinheir' assim lá é ... é o quê sem sê plantação?

83. P1: (Ah é) muitos formaro lá um pedacim de pasto né ... cumeçô lá c'ũ'as bizerrinha

84. ... né ... tem lá um gadim ... o dia que aperta as coisa ... vende lá ã'a bizerra ... duas

85. ... né ...

E – Hum ...

86. P1: ... vai recursano ... arguns que tem ... num é todo mundo não ... né ...

E – E cêis plantam/cêis plantam lá cum quê assim ... seu ... Adão ... ééé?

87. P1: A gen' planta mêsm' de inxada mêsm' ...

E – (De) inxada né?

88. P1: ... é na mão meso ...

E – Ninguém tem trator?

89. P1: Não ... não ninguém ... só de matraca mêsm' ... manual ... sabe

E – Matraca né?

90. P1: É () num tem trator nem foice () um trator lá ... lá () istrada né ...

E – Num tem istra/ aí ... mais ã'a veiz a istrada né ...

91. P1: É difícil viu

92. P1: Ten' a istrada as pessoa () plantá roça ... pode plantá ã'a horta né ... e ... quando

93. tivé no ponto de colhê pode (trazê pra cá) vendê né ...

E – Hum

94. P1: (tudo ele) faiz um dinherim né ...

E – Hunrum

95. P1: (E sem istrada num tem jeito) cum'é que vai plantá ã'a roça lá ã'a horta e vai ...

96. trazê pra cá né ... pa vendê?

E – E cont/conta pra mim a história ... como é que foi a história do/do moço lá que machucô ... e a dificuldade que foi pa trazê ele pra cá?

97. P1: Olha ... eu ... uns quinze dia atraise eu saí p'ra passíá lá na casa do meu irmão ...

98. saí de manhã ... 'tão fui p'ra ficá o dia inter/o dia todo lá ... sabe

E – Hunrum

99. P1: Aí eu chegano lá ês ...

E – É im Acaba Vida né que seu irmão mora?

100. P1: É Acaba Vida ...

E – Tá

101. P1: Aí eu chegan' na casa do meu irmão ... ês 'tava cheg/'cabô de chegá ...

102. cum cabôco lá na rede ... carregan' ele na rede ... né

E – Hunrum

103. P1: ... ã'a turma de home ... uns deiz ... doze homes carregan' ele na rede ... E

104. e ele sintino muita dor ... e ês já tinh' andado uns quinze quilômetro cum ele

105. na rede ... né ... e ês ía andá mais uns deiz quilômet' p'a chegá no ponto de

106. carro ... porque ess' {istrada lá do Antônio ... meu irmão ... é istrada nova viu

E – () hunrum

107. P1: (ês fizero) () mais ... ês ía andá mais uns uns deiz quilômetro p'ra

108. fren/p'a frente ... qu' eles ía ... Aí eles íam carregá esse home uns vinte cinco

109. quilômetro

E – Hunrum

110. P1: ... até chegá o ponto do carro ... né

E – Nossah ... Isso im quantas hora que dá esses vinte ... esses cinco quilômetro andan' aí o sr. acha que quantas horas que dá?

111. P1: Nããão ... istrada muito ruim ... ês vai quase a noite {toda ... o dia todo ...

E – Nossah

112. P1: ... que lá num tem hora adueceu ... é pa saí na rede ... sai de {noite ... sai de dia ... anda dibaxo de chuva ...

E – Andan' direto}

113. P1: ... sai de/de/cum sol né ...
114. P1: O pai dele mem' foi dibaxo de chuva ... {o meu marido
115. P1: ... num tem/num tem pobrema}... né ... Meu pai mesm' foi carregado na
116. rede ... saímo cum ele dibaxo de chuva ... meu filho foi carregado na rede ...
117. foi acidentado tamém lá ... né () foi carregado na rede ... maise ... tal'veiz se
118. ele ... tivesse na istrada de carro ... p'a socorrê ele na hora imediata ... talvez
119. ele tinh' iscapado mais carreguemo ele na rede até aqui no/no/na bera do
120. riachim ...

E – O quê que foi que aconteceu cum seu filho?

121. P1: ... ele fô/ele foi atirá num passarinh' ... e o cartucho vortô na testa dele ...

E – Ah

122. P1: Meu ... o meu pai mesmo ... foi saino tamém na rede carregado ... porque
123. num tinha istrada de carro ... m/me/meu pai ês carregar' ele vinte quilômetro
124. ... né ... até chegá no ponto de carro ... Quand' chegô no ponto de carro ...
125. esse carr' inda demorô a chegá ainda ...

E – Hum

126. Quando ele chegô no hospital im Anápolis ... tin/já 'tava passano de hora ...
127. né ... passô de hora ... o médico falô que tinha passado de hora ... ele ficô uns
128. dizoito dia no hospital e ... faleceu ... né ... Meu filho também foi socorrido
129. também carregar' na rede também uns vinte quilômeto também por farta de
130. istrada ... né ... porque vinte quilômetro
131. p'ra gent' carregá ãa pessoa na rede ... ela corresponde quase um dia intero
132. de viagem ô ãa noite intera ...

E – Isso vai pes/vai pesando né ... {cada veiz mais ...

133. P1: Pu'que pesa ... tem que í cum muito jeito pa num machucá né ... e pa
134. num caí tamém ... pu'que fica naques'triero de animal ... num tem num tem
135. istrada ... E assim por diente ... a dificurdade ... lá é muitos que sofre dessa
136. maneira ... Û'a cobra pega a pessoa lá tem que saí cum ele na rede né ...
137. Muitos até o've o/o o choro né ... im casa ... socorre algũ'as pessoa ... mais
138. muitas pessoa às veize num ... () de comprá né ... ô intão fica ... quando fô
139. ofindido de cobra ... lá tem muita cobra ... (tem muita) () ... tem muita

140. cascavel lá () intão quando peg' ãa {pessoa ... ()

141. P1: E a cumade tá boa?}

142. P1: A mãe tá boa tamém

143. P1: ... é prciso corrê às pressa ()

E – É ... É difícil mesmo

144. P1: E ten' a istrada cê vê tud' ajuda ... 'quê (um) deseja de tá compran' um

145. carro ... oto (pode) comprá oto ... (tá intenden'?)

E – Sim

146. P1: Agora ... depois da istrada ... depois da istrada ... aí vai entrano os oto

147. benefício né ...

E – É

148. P1: Por exemplo ... a energia vai entrano ... é o telefone ... otas coisa ... né ...

E – É

149. P1: ... e vai só melhorano o lugá ... mais o principal é a istrada ...

E – Tá certo

150. P1: E lá num tem

151. P1: () (a minina tá istudano)

E – Ah é ... a iscola ... tem isocla lá?

152. P1: A iscola ...

153. P1: Isocla lá é só terceira e quarta sére só ...

E – Ah é? Num tem a alfabetização ... {primera ...

154. P1: Tem nada ()}

E – Até a quarta sére?

155. P1: Não ... O pessual de lá mesmo ... meus minino lá faiz tudo a quarta sére ()

E – Peraí ... Cum' é que é seu nome?

156. P1: Isaías.

E – Isaías ... quantos ano cê tem?

157. P1: Tenho 27 ano

E – 27?

158. P1: 27 ano

E – E e e cê/cê istudô até quarta sére po/por falta de iscola lá né?

159. P1: Ele ía daí da casa o meu pai mais minha mãe lá "Não ... () num tinha jeito né

160. ... nós trabalhan' cum muita dificuldade ... lá o povo lá é tud' pobre () anafabet' ...

161. () cum filho ...

E – Ah é ...

162. P1: ... pa istudá um os oto tem ficá sem istudá intão ... ()

E – Fica todo mundo trabalhan' né na terra ...

ENTREVISTA 3 – AVIC:

Participante 3 (AVIC): 62 anos de idade, sexo masculino, casado, não-escolarizado.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 18/04/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: a migração de Minas Gerais para Goiás

E – Bom ... nós tamo na casa do seu seu A. ... Cum' é que é o nome do sr.?

1. P1: Meu nome é A. R. de A.

E – E o sinhooor mor' aqui há muitos anos?

2. P1: É há vinte dois anos

E – Quantos anos que o sr. tem?

3. P1: Tô cum 62 ano

E – 62? E o sr. é de onde?

4. P1: Lá de Minas Gerais

E – Que/Qual cidade que é?

5. P1: (Mendes) Pimentel

E – E assim ... como que o sr. vei pra cá ... como que foi assim pro sr. vim pra cá e e ficá aqui nesse lugar ... Sr. pode contá a história?

6. P1: Posso ... muito bem ...

E – Ôh ... Belezah

7. P1: Aqui ... gente vei pra 'qui por ne'ssidade né

E – Hum

8. P1: ... 'tão lá im Minas gente num tinha nada né ... Aqui graças a Deus a gente tem

9. um cumeço ... né ...

E - Hunrum

10. P1: ... e lá vomo ... né ... da forma né que Deus quisé ... né ...

E – Hunrum

11. P1: ... 'tão ... a gente trabalha cum honestidad' ... cum boa intenção ... né ...

E – Hunrum ... hunrum

12. P1: ... e lá vom' vivoeno ... né

E – Hunrum

13. P1: ... de acordo c'as vontad' ... não só da gente ... né ... mais cum a vontade de
14. Deus primero ... primero lugá ... né

E – E o senhor ... sente assim muita dificuldade ... im vivê aqui ...?

15. P1: Aaah ... bastante ... né ... Bastante ...

E – E e e e o quê que faltaria para melhorar essa região aqui que sr. acha?

16. P1: Ah ... im primero lugare é os ... aqui 'tá muito fraco ainda ... né

E – Hunrum

17. P1: ... Faiz Tudo aí pricisava municipá ... né ... tê um gruplo ... não ... um glupo não
18. ... já tem aliás ... né ... tê um post' de saúde ... assim ... uma coisa mai necessária ...
19. que aqui tem o recurso mais dipressa ... né ...

E – Hunrum

20. P1: ... ô sinão ... tê um post' de saúde aqui dento que é bem distante ... né ... Eu
21. acho assim ... num seio né ...

E - Hunrum

22. P1: ... tê um posto de saúde aqui dento né ... que é bem distante pra gente í procurá
23. um recurso pr' essas coisa né ...

E – Aqui faltaria um posto de saúde ()?

24. P1: É aqui eu acho que pricisava né

E – E as estrada p'ra cá ... cum' é que ...?

25. P1: Ah ... (isso foi) ã'a coisa lôca de boa ... né ...

E – É néh?

26. P1: ... evem chegan' divagarim... né

E – Hunrum

27. P1: ... iss' é ã'a coisa que a gente agradece a Deuzo im primero lugá e os chefe ... né
28. ... do lugá né ...

E – Hunrum ... Mais as istrada inda tá ... num tá boa não né? 'Tá pricisan' de

29. P1: É é é é divagarinh' ... né

E – Hunrum

30. P1: ... ês vão reparan' e vai ... divagarim trabalhano ... né que ... (iss' é) divagarim ...
31. o lugá é novo ... né ... distante () ... 'tão es' tem oiado algumas coisa que é

32. necessára fazê ... é diversas e otas e otas ... né ... que ... la/lazer é ã'a ota coisa ... né

E – Hunrum

33. P1: ... gasta muito ... gasta tempo ... né ... () 'tão ... geralmente ... vai se

34. aprivinino ... né

E - Hunrum

35. P1: ... de poco a poco ... né

E – E e e e ... Que sr. teria pa contá ... quantos filhos o sr tem?

36. P1: Tem dois ... tem ã'a filha lá im Brasília e tem dois rapaizim 'qui comigo

E – Hunrum ... E sr. mor' aqui so/o sr. tem isposa 'qui ...?

37. P1: Tem não

E – Tem não ... mora sozinh' mesmo ...

38. P1: Só os filhos ...

E – Sr. sr. 'tá bem de saúde?

39. P1: Ah ... gente ... gente vive ... sab' ...

E – Anrã ... Anrã ...

40. P1: ... mai' num é tão bão nada ... né

E – Quê que o sr. sente?

41. P1: Aaaah ... semp' é resfriado ... ã'a coisa ... otra ...né

E - Hunrum

42. P1: ... ã'a coisinha ()

E – Hum ... E aqui o sr./sr. já passô algum pirigo aqui assim de/de/de morte ... de/de/de/de de bicho pican' ... de cobra ... essas coisa?

43. P1: Não ... Graças a Deus ... isso não ()

E – Sr. tem algũ'a história pra contá pra gente que já passô por ... por um pirigo aqui assim ... sabe ... de morte ... de/de/de duença graaave ... algũ'a coisa?

44. P1: Não ... Graças a Deus

E – Não?

45. P1: Não

E – Nunca teve nada?

46. P1: Não

E – Sr. tem mais algũ'a coisa pra falá?

47. P1: Nããão ... {num tem tanta coisa ...

E – Qué contá algũ'a coisa?}

48. P1: ... pra falá nada que ... gente ... trabalha ... vive mais ã menos né ...

E – Hunrum

49. P1: ... num vive bem não mais tá cum/cumeçan' a melhorá

E – Hunrum

50. P1: ... dois anos pra cá ... três anos ... cumeçan' a melhorá ... () só ispera de

51. milhora né

E – Hunrum

52. P1: ... algũ'a coisa ... ota ... ota ... ota ... ota ... né ... só milhora ... Tudo prãino da

53. gente só ispera de melhora ...

E – Hunrum ... Sr. ... planta ... Cum'é que o sr. vive aqui ... Sr. planta ()? Sr. planta ô sr. cria gado cum'é que é que o sr. tira assim ... {o recurso?}

54. P1: Tem um começo } É ... tem um começo

E – Hum

55. P1: (Intão) o recurs' aqui pra se mantê a gente tira da ... lavora mermo ... da terra né

E – Hum hum

56. P1: ... um cumecinh' ... criaçãozinha né cumecim.... né ... cumecemo a plantá

57. (algũ'as coisa) sabe ... e lá vomo divagarim né

E – Quê que o sr. planta aqui?

58. P1: Aqui é milho arroiz é café ... é capim () ((meio rindo))

59. P2: Mandioca ...

E – Mandioca ...

60. P1: Quais' de tudo ...

E – Hunrum

61. P1: ... é banana ... é im geral né

62. P2: Cana ... capim

63. P1: ... é ... im geral a gente procura ... um mei de se mantê

E – Hunrum

64. P1: ... () cê compra né ... algũ'a coisa que ... depende né ... dinheiro ...

E – Hunrum

65. P1: dinher' é só na cidade ((rindo)) ... aqui num tem

E – Aqui num tem dinher/num aparece dinheiro?

66. P1: () aparece né

E – Hunrum

67. P1: Num aparece dinheiro ... tudo que a gente se vende () ... Isso geralmente im

68. todo lugá né ... (tudo tudo)

E – Intão ... assim ... se ocêis precisa de ũ'a coisa num tem cum' é que ocês/cêis fazem aqui?

69. P1: Ah tem buscá longe né

E – Buscá longe ...

70. P1: Intão aqui precisava d'um recurso né

E – Hunrum ... é ... mais aí tem os vizinh' aqui perto né ... cê/cê/cêis troca coisa assim ... cum' é que é?

71. P1: Ah ... geralmente ... gente procura um mei de num trocá né ...

E – Hunrum

72. P1: ... Procura mês sempre í' lá na rua e buscá né ...

E – Hunrum

73. P1: Num é isso?

E – Aí quando vai na rua buscá sr. ... Aí tem que tê o dinheiro na mão né?

74. P1: É claro que dinheiro precisa né ((rindo))

E – É

75. P1: ... dinheiro precisa de tê ((rindo))

E – Que geralmente ne ... ne roça assim a gente ... pensa que as pessoa os vizinhos ... né trocam as coisa ... (igual) dá um ũ'a carn' ali im troco dum ... nã/não pensan' im troca né

76. P1: Troca ... berganha ...

E – É é é é {isso

77. P1: ... ũ'a gambirinh' aí} d'ũ'a coisa pela ota ... né

E – É

78. P1: A gente pens' assim ... mais aqui condo ... a gente limp' um cafezim aí ... leva lá

79. na rua ... vende ... recursa um oto recurso que precisa in casa aqui né

E - Hunrum

80. P1: ... intão ... geralmente a vida é assim ...

E - Hunrum

81. P1: ... a gente vai levano a vida de acordo ... cum as força da gente né

E – Hunrum

82. P1: ... sem sacrificá o viziim ... né ... pêlêja ... né ... pêlêja ((rindo))

E – E e e a sua isposa num sei se eu posso perguntá ... {a sua isposa ela ...

83. P1: Pode ... muito bem } ... ô gente ...

E – A sua esposa ela ela faleceu?

84. P1: Ela faleceu é

E – Faz muito tempo?

85. P1: Faiz ... dizoito ... dizenove anos ...

E – E cum'ê que foi a história ... assim?

86. P1: A história é isso: qu'ela ... ela ganhô ã'a primera minina ... mininona forte

87. qu'era ãa beleza ... ãa mininona ... moreninha ... do rosto finim ... o cabelo pretim ...

88. vinh' assim ... mai' ãa minina ... num er' porque é minha filha não ... ãa minina ...

89. eu num sei que interval foi 'quela naceu e ficô duas horas ... viva... deu tempo p'ra

90. batizá ...

E – Hunrum

91. P1: ... intão ... faleceu ... e gente () ... intão depois ela ficô grávida ... de novo ...

92. mais forte ... () 'tava gorda ... os braço dela 'ssim chega tava gordo ... vermelha

93. (vermelhinha) ... forte ... forte ...

E – Hunrum

94. P1: Aí ela foi assim p'ra cama ... assim ... às oito hora ... lidano do memo jeito ... aí

95. falô: "Taíde vem cá" ... aí eu fui no quarto vê o quê qu'ela quiria ... "Cê vai alí fala

96. c'a cumade Juana p'ra vim cá" () Eu tenho ãa irmã minha que mora im Brasília ...

97. muito boa partera ... a primera veiz ela tinha sido muito feliz ... eu num isperav' por

98. aquilo ... né ... fui lá e chamei ... ela vei ... entrô no quarto: "Ah ... êsse negócio é

99. p'ra hoje" ... A gente é bobo ... num sabe de nada ... né ... aí ela ... passô ãas

100. horas ... e'a falô: "vô lá in casa depois eu vorto" aí ela disse assim: "Cê num

101. vai nada boba" ... 'Quela palavra mim amerd'/mim amedrontei um poquim ...

102. que a gente quondo ... né ... Nosso Deusoh ... até nem gosto de falá ... ‘tão
103. ela falô: “Num vai nada” fui p’ra cozinha ... fui pensá aquele “num vai nada”
104. ... de que manêra ... que ía sê ... que a gente acisma ... né ... ã’a palavra
105. diferente ... né ... “Cê vai nada” ... falei: “Uai ... quê que será essa palavra?”
106. Aí ela foi lá na cozinha ... feiz um chá de aipo ... foia de/de horta ... sabe ... e
107. deu ela ... ela bebeu ... aí ela isforçano p’ra ela ganhá o nenê ... Daí a
108. poquim ... ela cumeçô a torcê o olho ... tem misericórdiah ... coisa qu’eu
109. nunca ví ... e num desejo vê ... Uns fala qu’ê () otos fal’ qu’ê acesso ...
110. Deus que nos defende ... pelo amor de Deus até ... nunca vi ... num desejo vê
111. ... num desejo que ninguém vê ... ô Deus poderosoh ... num guento nem
112. pensá ... intão dali foi as duas hora da madrugada ... só repitino ... sabe ...
113. Aí ela num falano cum ela mais tamem aquelas palavra tamem ... foi duas
114. hora da madrugada ela discansô ... intão a gente passa por esses inteval ... a
115. gente pede muito a Deus ... Nossa Mãe do céu que ... a gente dê ãa boa
116. direção né pu’que todas mulhé ... geralmente o mundo de hoje ‘tá um pô’co
117. diferente ... mas todas mulhere ispera de passá por isso ... né ... as moça tudo
118. ... né () A mãe desse daqui ... foi lá im Mina ... foi quase do memo jeito ...
119. no interval de terça-fêra até na sexta-fêra uma febre repintina ... É uma
120. mulhé clarinha ... ‘tão ... é ‘quele negoço ... e fei ((veio)) três farmacête ...
121. um que intinde de fazê até operação im casa ... e num têve jeito ... ‘terval dũa
122. semana qu’ela ‘dueceu ... na mema semana ela foi ... num têve manera ...
123. num adiantô corrê igual curria ... ‘tão fico até cum medo de casá ... Deus até
124. mim perdoa po qu’eu ‘tô falano ... E – É que o senhor passou por uma
125. situação difícil, néh P1: Duas veiz ... né ... tem medo ... einh gente tem medo
126. de casá ... no séro mes’ ... eu tem medo de casá ... peço a Deus todo dia ... fô
127. da vontade de Deus ... a veiz um dia eu caso ... mais se num fô ... eu tenho
128. medo até de casá ... no séro mesm’ ... peço perdon a Deus por essa palavr’ ...
129. que aí eu num siguro vid’ de ninguém ... né ... () ãa fraqueza que a gente
130. pensa um poquim ... né ... () essa fraqueza ... só Deus que resolve ela ...
131. intão ... a bem a gein’ vê muitas pessoas ... iguale esses dias eu ‘tava viajano
132. lá p’ra Mina vê minha mãe ... a ein’ vê tanta bunequinha bunita ... que () dá

133. vontade de casá ... no séro memo uai ... num é? Todas pessoa tem coração ...
134. né ... () sente prazere ... talvez de tê um amore ... num é? ... sente prazere
135. talvez um dia tê um amore ... né ... perto da gente ... é iss' aí ... 'tão ...
136. muitaz veiz gente pensa ... sabe lá um dia ... Deus sabe ... né ... ()

ENTREVISTA 4 – FATUC

Participante 4 (FATUC): 53 anos de idade, sexo feminino, casada, não-escolarizada.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 18/04/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: a migração de Minas Gerais para Goiás

()

E – Como a senhora chegou aqui?

1. P1: Nói seguemo aqui que nói vei do istad' de Minas ... Aí ... Já tinh' um vizinh'
2. nosso que morav' aqui () né ... que ele vei primero que nós ... noss' terrinh' era
3. muito piquinininha ... num dav' p'ra nós vivê ... aí ... assim qu'essi home vei p'ra 'qui ...
4. eu isposo vei ... né ... e nói moremo até cum esi uns dia ... até comprá esse pedacim de
5. terr' aqui ... aí ... nós compremo e ficamo ... pu'que num acha um oto lugá mais fáce de
6. vivê ... puque aqui é difíce ... ma' a gente sabe que tem otos lugá mais difíce ainda ...
7. intão ... a gente vai infrentano a vid' aí ... do jeito que Deus qué ... né ... um dia soffreno
8. ... oto dia mais im paiz ... né ... e vai viven' assim ... né ... agora ... a gente 'tá mais difíce
9. que já 'tô véia ... num guenta trabaiá mais ... muit' duença ... semp' pobrema de coluna ...
10. () pobrema de menopausa agora ... eu vivo mais no hospital ... (Fui internada) quato ...
11. cinco veiz dent' Niquelând' den' dum ano ... e meu véi tamém sofre pressão arta ... num
12. pode mais trabaiá mais ... tem quato garota im casa de minore ... num tem ninguém que
13. tlabaiá ... Assim ... p'ra falá que tlabaiá mesm' ... né ... e que tudo é um bucado istuda ...
14. um bucado é de minore ... sei que a vida fica custosa .. né ... meu véi aposentô ... mais
15. cento e vinte real pa quem num tlabaiá ... como diz ... num dá conta mais ... tlabaiá fica
16. tudo lá ... né ... e a gente 'inda passa farta ... Uai ... inclusive quem comprô o meu
17. remédio foi o () o veriador do Faiz Tudo ... Qu'eu saí cu'a receita ... num tinha

18. remédio ... num tinha dinheiro ... Aí falei p'ra ele ... ele falô: “Não ... dexá lá qu'eu
19. pago” Falei: “Dispoi meu marido paga quand' ele recebê” A vitamina num tomei até
20. hoje ... ‘tô numa fraquesa () ... Num ‘tava teno dinheiro ... isperá recebê um dinherim
21. pa comprá ... né ... E assim ... gent' vai levano a vida ...
()

ENTREVISTA 5 – FATUD

Participante 1 (FATUD): 63 anos de idade, sexo masculino, casado, não-escolarizado.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 18/04/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: a migração de Minas Gerais para Goiás

E – Como o senhor chegou aqui (em Acaba Vida), como ficou sabendo desse lugar aqui?

1. P1: Uai ... meu cumpad' que morav' aqui ... né ... foi passia' na minha casa lá im Minas
2. () ... Semp' mim contava cum' é que er' aqui ... né ... as dificurdad' ... facilidad' ... né
3. ... 'Tão eu vim e 'tô aí ... 'té hoje ... () Achei bom porque 'tava num lugá véi lá ... vim
4. pr'un lugá mai novo ... muito difíce aqui ... mais ... eu achei bom ()

E – O que o senhor sente de doença?

5. P1: Sinto a pressão arta ... isso num cura tamem n/ ... melhora né ... 'Tão direto eu tenho
6. que 'tá no medicamento ... O lugá é bem ... mei dificutoso ...

E – Vocês têm histórias de perigo de morte para contar?

7. P2: Até de morte a gente tem muito caso ... crusive um genro meu ... nói levô ele na rede
8. ... morreu na istrada ... () vumitano sangue ... num guentô chegá até no recurso não ...
9. morreu () ofindido de cobra num tem quantidade que sai aqui ... e morre nesse mei
10. de caminh' aqui ... ó ... carregado saiu um minino meu tamém na rede ... vizinh' aqui
11. num tem conta ... o povo fazia é firida ... assim no ombo de carregá gente () aqui pa
12. fora ... Eu memo ... dumingo tlasado () ... fiquei ruim rapidamente assim ó ... es' im
13. vorta de mim assim ó: "A senhor' aguenta i' de a cavalo 'té no ponto?" () ... "Eu vô
14. saino ... onde eu num guentá ceis () e dexa lá ... e vorta pa traiz e leva uma rede" Aí o
15. minino foi na frente buscá carro ... fretô um carro pa levá eu ... e ... aí ... Deus abençô

16. que um vizinh' aí deu um cumprimido p'ra mim ... eu tomei ... miorei um tiquim e

17. guentei vazá lá ()

E – Então o recurso é levar o povo na rede? E como vocês fazem?

18. P1: () 'Marra no pau ... marra uma rede lá e cá assim ó () e vai levano ...

E – Do Acaba Vida a Faz Tudo são quantos quilômetros?

19. P2: Sabe qu'eu num tem base ...

E – Mais ou menos quantas horas a pé?

20. P2: S'imbora ... de a pé?

21. P1: Gente num tem base que ... condo sai daqui po Faiz Tudo ... vai é contano passo ...

22. que ninguém 'güenta corrê ... intão senta ... discansa ... matula ... () nós inclusive já

23. foi milhares de vêiz ... mais foi assim ... num tem nem base de fazê isso não ... é

24. carregano criança duente no braço ... aquela dificuldade ... veno a hora que murria ... e

25. o ríi antigamente cercava ... né ... a gente chegava c'a criança duente na bera da istrada

26. ... o ríi 'tav' tudo chei ... ()

E – A senhora tem vontade de mudar daqui?

27. P1: Não ... eu acho aqui até muito bõo ... apesar de tanta dificuldade ... eu acho aqui

28. muito bõo puque é sussegado ... né ... nada pertub' a gente ... Eu sô mãe de quatorze fii

29. ... sinhora num perguntô ... eu sô mãe de quatorze fii ... Tem doze filho vivo e tem dois

30. morto dos mais véi ... Ganhei tud' im casa ... só tem um que foi ganhado no hospital ...

31. o resto tudo im casa ... () inclusive a minha caçulinha 'tá até na casa d'uma vizinha

32. pa rib' aí ()

E – Vocês já estudaram?

33. P1: Nós ... no tempo nosso ... condo eu conseguí istudá ... eu já 'tava cum dizesseis ano

34. ... nós era muito pobrim mes' ... Nós tabaiava na inxada se quisesse cumê e vistí ãa
35. chita ... né ... meu pai era pobrim ... intão ... é ... ele pois um professor/pagô um rapaiz
36. pa insiná nós um poquim ... Qu'ele tinha ãa inteligência muito boa ... intão ... daqueles
37. seis meis de iscola c'aquele rapaiz mim deu ... eu aprendí um poquim ... né ... e dispois
38. nós foi istudá na rua mai num agüentemo ... pu'que era longe ... e a pobreza ... sabe
39. ... pobreza condo é muita ... os fil' num tem nem condição de istudá ... chegava in casa
40. ... tinh' ãa bacia assim de ropa pa lavá ... e as inxada tano incostada lá p'os'oto capiná
41. A gente chegava tão fraco que ispiava aquela bacia de ropa ... dava vontade de deitá
42. ... isso num é vida de gente não ... dexá d'istudá é bem mió ... Aí parei tamém ... nem a
43. primera prova qu'eu entrei eu num fiz ()
44. P1: Se eu perdê aqui um tiquim ... ela fica doidinha 'qui caçando a mãe compra o que
45. farta ... o que farta puxa no braço ... ninguém mexe cum muage de cana mais... gostaria
46. que o povo ajudasse nós mais na istlada ... né

ENTREVISTA 6 - AVICA

Participante 1 (AVICA): 47 anos de idade, sexo masculino, casado, semi-escolarizado.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 19/04/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: doenças e mortes na região

()

1. P1: Essa mulher ... ela adueceu cum pobrema de penfra ... uma duença ... né ... e essa
2. duença ... condo batia nela forte ela se'ntrevava ... e tinha que sê na cacunda da gente pa
3. carregá ... intão pa carregá ela na rede num tinha condições ... qu'ela virava aquela
4. machucadaêra né ... no corpo dela ... chaga pura no corpo dela ... a gente pegava ... fazia
5. imbarcamento de tauba pregad'im cima de dois varão ... pa pegá um no ombo daqui e
6. daqui ... pu'que um só num tinha jeito ... né ... num guentava ... ela pesada ... fazia ...
7. juntav' a turm' e saía na caminhada ... doze ... treze homes na caminhada ... levano p'ra
8. o conforto ... até ... ô mandav' um na frente buscá um carro pa v'incontrá ... condo num
9. incontrav' ia 'té o Faiz Tudo ... no patrimone próximo ... que sinhora passô nele ... e aí
10. daí botava no ônibus ... ía pa Goiânia ... essa muiê ficô internado seis mêis ... e lá ...
11. pur'ess' enfermidade ela vei a falecê lá ... la'gô quato criança ... duas mocinha e dois
12. garotinho ... esses garotinho tudo piqueno ... o pai 'cabô de criá esses filho ... ()
13. tadinha ... a gente lutano cum ela lá no hospital ... ela falava assim: "Ô Zezé ... tem
14. misericór'de mim ... eu vô morrê aqui ... num vô vê meus fio" el' falô: "Minha irmã ...
15. vamos orá ao Senhor ... vamos pedí que Deus abençoa que 'cê volta ... regressa a sua
16. casa ... po 'cê cuidá do' seus filho" ... Mai lá ... era o tempo dela ... né ... ela vei a falecê
17. ... coitada ... depois do sofrimento ... ela morreu cum vinte nove ano de idade ... nova a
18. mulhé ()

19. P1: A gente viajava p'ra e buscá as coisinha ... né ... pa o pricizo pa casa ... né ...
20. a gente num tinh' aqui ... buscá o açúca ... o café ... e o remedinho ... pu'que dava uma
21. gripe ... tinh' o cumprimidinho ... né ... “Vai ... meu fii ... vai lá buscá isso p'ra mim” a
22. gente tinha ((que ir)) ... muito obediente ... né ... toda vida foi (assim) ... até hoje ... eu
23. mim ... eu mim incontro eu hoje ainda ... () dois dia de viaje pa e lá no Pade Bernado
24. () lá travessava a barsia ... conde o rio 'tava muito cheio ... 'tavessava na hora que
25. chegava ... se num tivesse muito cheio ... tinha qu'isperá isvaziá ... Aí chamá o barquero
26. p'ele vim pegá a gente ... travessá ... p'quê lá é quarentei tês braço de largura o corgo
27. ... Aí ... 'travessav' a barsia ... ía lá ... comprav' as coisinha ... e vinha nessa vil' e
28. passava nessa tar serra ... lá é deiz parmo de largura ... um lado e oto é abismo ... se rolá
29. ... não tem onde pará não ... tem lugá que o oto é deiz ... trinta metro (as)sim no áre
30. tombano ... assim ó ... () antigamente ... o tempo que... o nome do velho do pé da
31. serra ... ele contava p'ra nós ... chama Demeto ... Demetro Viera da Sirva assinatura
32. deli () ele vei mais um cabra buscá uns porco nessa virada () e lá égua num guentô
33. ... tombô ... morreu porco ... cum égua ... cum tudo ... nem foi buscá não ... la'gô lá
34. p'ra dentro ... que num adiantava buscá ... é pur'isso que tomô nome de rela ... rola égua
35. lá ... () rolô a égua lá ((risadas)) () e assim pur diente é esse sofrimento ... toda vida
36. assim ... mai agor(a) 'tá bom ... que sempre ese dão um risquim de tratô aí ... mai nunca
37. sintimo cansado ... oprimido não ...
38. P1: Eu 'tô lá im Anápolis ... eu 'tav' cum dizoito anos ... Nesta época qu'eu levei essa
39. mulhere ... a gente sentô numa pensão () p'ra armuçá ... aí sentô dois sinhere ... na
40. gravata ... tudo tranquilo ... né ... aí um virô p'r'o oto ... falô: “Rapaiz ... 'cê já 'viu falá
41. um tal de Caba Vida?” ... “Não rapai' ... nunca 'vi falá ... não” ... “Bão ... se ocê vê falá
42. ... nem pensá no sonho 'cê num vai lá” Aí o oto falô assim: “Pur quê?” ... “Rapaiz ... diz

43. que o trem lá é pirigoso ... só mora jagunço ... um povo que vei do tal ... uns minêro ...
44. diz que lá mata mesmo ... mata um cedo e marra oto pa matá de tarde” ... Eu ‘tô lá
45. iscutano ... né ... Aí ... ele falô ... falô ... falô ... né ... Aí eu ‘cabei de armuçá ... falei: “Ô
46. senhor ... senhor é de onde?” Aí ele falô p’ra mim ... é gente jovem e tem muitas palestra
47. p’ra cunversá ... né ... Falô assim: “Eu moro im Brassília ... mais ‘tô vino de
48. Niquelândia” ... “Quem o senhor ouviu falá essa história desse (A)caba Vida ... que lá
49. marra um cedo e mata um ... e marra um pa matá de tarde?” ... “Um cara lá im
50. Niquelândia ... nem cunheço ... falô isso p’ra mim” ... “O (senhor) nunca ... esse cara
51. será que cunhece lá dento ... esse amigo ()? ... “A ... deve que cunhece ... né” ... “Ô
52. meu amigo ... será que lá é tão pirigos’ ... intão ... um lugá desse ... eu não vô é nunca ...
53. eu moraria aqui senho’ vê ... eu tem dizoito ano ... cheguei cum doze anos de idade” ...
54. morav’ aqui dento ... () Aí falei: “Meu amigo ... sen(hor) sabe d’uma coisa ... qu’essa
55. história é mal contada” ... Ele oiô p’ra mim ... Falô: “Purque ... meu fii?” ... Já é um
56. home de idade ... né ... “() Eu moro lá dento () cheguei cum doze anos ... e ‘tô nessa
57. idade ‘qui ‘tô ... e lá () num éxiste isso não () se ‘cê (chegá) lá na minha casa ... e
58. falá assim ó: “Hoj’ eu quero cumê um porco assado lá ... ô dois que sej’ é na hora ...
59. Todo mundo somo boa pessoa ... Eu sô de Minas Gerais ... Fui nacido dent’ de
60. (Governador) Valadares ... e ‘tô aqui den’ do Goiais ... e sinto muito bem e feliz lá ...
61. Lá num existe isso não sinhore ... iss’ é lero ... iss’ é comentário ... Iss’ é pu’que o lugá
62. tomô fama lá ... sinhô sabe que todo lugá morre ... né ... Lá é um cento agitado ... um
63. mau entendimento ‘contece essas coisa ... mai lá não ... num teve isso não” ... Fa(lô):
64. “Sin(hor) tem prova disso?” ... Falei: “Provo ... qu’eu moro lá dento” ... Aí ... ‘ranquei
65. meus documento ... mostrei p’ra ele: “Aqui ó” ... Mostei um retato qu’eu ‘tava cum ele

66. den' da cartera ... d'um montão de café () ... Ele falô: "É ... é cunversano que

67. s'intende" ... Fal(ei) (): "Pois eu 'tô falano p'ra o sinhore ... sinhô pode passia lá" ()

ENTREVISTA 7 – AVID

Participante 1 (AVID): 56 anos de idade, sexo masculino, casado, semi-escolarizado.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 19/04/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: a migração de Minas Gerais para Goiás

1. P1: A gente chegô pr'aí co'a maió dificurdade ... cū'a mulher e três filho ...
2. e sobrô p'ra gente condo comprô as coisa p'ra passá três mês ... sobrô ùa notinha de
3. um conto de réis ... Aí ... a gente luitava quase que dia e noite ... durmia só um poquim
4. ... e levantava de madrugada ... e chegava no siviço ... e luitano p'ra num dexá faltá ...
5. daí a gente comprô um pedacinho de terra ... Um direito de posse pur seis mil (na)quela
6. época ... Aí a (g)ente deu essa notinha de um conto de réis im sinal de negócio ... e ficô
7. deveno cinco pa pagá cum duas prestação ... a (g)ent' foi luitá p'ra trabaiá ... Eu
8. geralmente até hoje num sirvo pa ficá deveno os'oto ... A gent' quase que num dorme
9. direito ... E aí a gente foi luitá p'ra trabalhá ... pa ganhá ... pa pagá essa terra ... A gente
10. pagô ... daí a minha isposa aduece ... foi piciso d'eu levá pa Niquelând(ia) ... De
11. Niquelândia nói vei pa Anáp' ... De Anáp' levei pa Goiâna ... Lá ela ficô sessenta dias
12. ... Aí ganhô a saúde ... voltô ... Depois meu filho mais véi aduece ... Eu levei pa Anápis
13. ... Lá ficô dizoito dias internado ... sarô ... () E aí a gente foi luitá pa construí as coisa
14. ... p'ra num deixá passá falta im casa ... né ... E aí a família foi crescendo ... () E aí ... a
15. gente foi luitano ... trabalhano ... e encarô logo um café ... né ... Aí ... a (g)ente plantô ...
16. formô trinta mil cova de café ... parcelado ... plantava três mil cova esse ano .. ano que
17. vem mais ... e coisa ... e coisa ... foi plantano ... né ... e de lá ... a (g)ente foi tirano ... e
18. vendeno ... e socorreno im casa ... e foi compran' aqui os pedacim ... porque o praino da

19. gente era de colocá todos filho ... que são deiz filho vivo ... doze ... mais dois ... Deus
20. levô ... e aí foi comprano os pedacim aqui () Até que comprô essa séde toda ... e hoje a
21. gente ‘tá aí quase que ... só mais a velha ... num é ... ‘tá cum essa garotinh’ aí pu’que
22. esse ano ela num pôde istudá ... né ... porque a ispos’ adueceu ... e a gente ficô im
23. tratamento ... ‘Inda ‘tá ainda ... coitada ... Eu tem que levá ela ainda p’ra Goiânia
24. p’ra ‘cabá de fazê os ixame mais () ...

E – Qual é o problema dela?

25. P1: Ela deu colesterol bem alto ... pressão muito arta ... coração mei inxado ... e deu
26. anemia ... e reumatismo ... ‘celerado ... Tão tratô de ... da pressão ... remédio muito caro
27. ... né ... ‘Crusive cumeçô com dizessete reais a caxinha () de vinte cumprimido ...
28. hoj’ ela ‘tá im quarent’eisete ... Agora qu’ela parô de tomá esse remédio ... Agor’ ela
29. sente muito é o pobrema do reumático ... () e ela trabaia o dia ... quando é à noite ... e
30. ... mais crama () ‘tão ... a gente hoje ‘tá cum cinquent’eiseseis anos ... Trabalha todo
31. santo dia ... né ... Agora memo ... essa semana ... ‘tava contano po subrim meu: “Tô’ ‘í
32. dividido porque o () saiu p’ra lá ... o () vai p’ra baxo ... Fica eu só aí ... mais a mãe e
33. ela ((a filha mais nova)) ... E o tanto de sirviço p’ra fazê ... tem que í fazeno () tem o
34. milho alí pa puxá ... tem que fazê um par de balaio pa puxá esse milho ... tem o resto
35. do cafezinho p’ra capiná ... tem o resto de milho p’ra quebrá ... Vai fazeno aí ... o que
36. dé certo ... né ... Deus dano a saúde ... eu num injeito sirviço não () ... Essa cas’ aqui ó
37. ... foi a gente que feiz ... Cumeçô do/imbaxo até im cima ... né ... sozinho e Deus ... Esse
38. curral tudo foi a gente que feiz ... num pagô ninguém pa fazê () E ôtra coisa qu’eu
39. num () contei p’ra você ... A gente lá im Minas () era acostumado na comunidade ...
40. na igreja todos os dumingo ... Aí ... mudamo p’ra ‘qui .. num ixistia isso aqui ... Aí ... a
41. gente cumeçô a celebrá os curt’ aqui na casa ... convidan’ o povo ... e o povo gostô ... e

42. ‘tava convidano p’ra casa deles ... Aí a gente pensô ... foi tê que fazê ãa igreja ... e
43. combinamo com o padre ... padre vinha uma veiz no ano ... A gente ía lá quais per(to)
44. do Faiz Tudo buscá de a cavalo ... ‘Crusive ... uma veiz ... vei até o Dom Jusé fazê
45. umas crisma aí na minha casa ... E aí ... a gente cumbinô com o padre ... e foi fazê a
46. igreja central ... que podia vim toda a comunidade ... né ... ficava melhore ()
47. P1: () de modos que a gente criô os filho ... casô ... é ... uma primera ... morô aqui
48. doze ano ... hoje ela mor’ im Goianáp’ () São seis mulere ... seis home e quatro mulere
49. ... () A gente sente tão feliz ... tão prazeroso ... mai num () realizô aquele sonho ...
50. porque a (g)ent’ quiria que todo mundo tivesse junto aqui ... nas terra que a ‘ente lutô
51. p’ra comprá ... mai num tem cumo ... né ... Cada um tem que procurá o destino ... ()
52. tem o filho é ... do meio () Ele ‘tá im São Paulo ... mora lá ... trabalha ... istuda ... e
53. veve lá ()

ENTREVISTA 8 – AVIE

Participante 1 (AVIE): 50 anos de idade, sexo feminino, casada, não-escolarizada.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 19/04/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: custo de vida

E – A senhora estudou?

()

1. P1: Não ... fiquei analfabeta de tudo ... que meu pai num gostava de pô na iscola () Aí
2. ... depois qu'eu casei ... qu'eu já tinha o quarto filho ... foi qu'eu istudei um pôco no
3. Mobral ... aprindí a iscrevê o nome mais ô meno ... Lê cum dificurdadizinha ... mais a
4. gente lê ... Gente ren' num ribarranca argum nome ... Só cum nome assim mais difíce
5. que a gente tem dificurdade ... maise ... os pai era muito carrasco naquela época ... num
6. era ... há cinquenta ano atrás ... Ele num dexô mesmo ... de jeito nenhum ... “Aqui
7. mulhé num pod' istudá não ... istuda só os home” ... Foi aquele sofrimento ... aquele
8. sofrimento ... Tem dia qu'eu reclam' aqui ... se o pai tivess' istudado a gente ... a gente
9. num tinh' esse sofrimento que tem ... 'güenta impusão de home ... né ... pur muito
10. bão que seja ... né ... pode nem ... pode nem contá pr'ocê direitim ()

E – Como vocês ficaram sabendo lá em Minas deste lugar aqui?

11. P1: Uai ... foi um amigo nosso que vei p'ra 'qui ... e voltô p'ra comunicá c'uns parente
12. dele ... e comunicô cum a gente ... El' é muito cunhecido nosso ... falô: “Não ... lá a
13. gente vai p'ra lá ... e lá é muito bom lá ... perde as coisa ()” ... É muito fracassado de
14. mantimento lá (em Minas) Aqui ... no ano nói mudô p'ra 'qui ... nós viu muito/monte
15. de mii perdeno () pur causa da fartura né ... A gente trabaiá só no que é dos'oto lá im

16. Minas ... tabalhamo oito ano no que é dos'oto ... Quando era na colhêta sobrav' aquele

17. poquim ... Quase num tinha jeito nem de comprá ropa ... Aí ... a gente vei p'ra 'qui ...

18. Aí foi bom p'ra 'qui ... nós conseguiu comprá a terrinha () Aí ... nesse mei de tempo

19. os minin' foi ispaiano () Tem seis fii casado ... três home e três mulé ... ()

E – Seus pais são de Minas? Pergunto porque vocês têm os olhos claros ... parece gente do sul

20. P1: O meu pai é intaliano ... minha mãe é purisada ... Intão é aonde sai muito minino

21. moreno né () ... Eu puxei muito intaliano ... mais eu tenho irmã moreninha mesmo

22. () ... Depois eu vô te mostrá o foto dele ... É cinco do olho azu e cinco que não é

ENTREVISTA 9 – FATUF

Participante 1 (FATUF): 46 anos de idade, sexo feminino, viúva, não-escolarizada.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 05/11/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: doenças e morte na região

()

1. P1: Que a senhora vê ((a identidade)) aí a senhora fica sabeno dereitim ((da idade)) ()
2. Meu povo nenhum mor' aqui não ... mora tud' im Mina ... Aqui eu só tem minha mãe e
3. ... fora é ... dois irmão ... aqui no istad' de Goiás' ... Mais meus povo mora tudo im
4. Mina ... tem ninguém mai meu aqui não ...

E – A senhora morou muito tempo em Governador Valadares?

5. P1: Governador Valadár nós morô muito tempo ... Aí a base d'uns vinte ano mais o
6. meno ... Aí dipoi' nós vei p'ra qui () num quiria vim p'ra 'qui não ... meu pai danô
7. p'ra vim p'ra 'qui ... () nós vei p'ra cá ... mais eu num quiria não ()

E – A senhora lembra de histórias prá contar?

8. P1: Não ... história eu num lembro ninhã não ...

E – Alguma música então ou história?

9. P1: Não ... históri' assim ... negó(ce) de trem assim eu num lembo nenhum não ... Minha
10. mãe quais' num contava nada 'sim de história nem nada p'ra nóise ... Tem gente quais'
11. num conta né ... qual é a história ... nem nada pos fii não ...

E – Já aconteceu algum acidente com a senhora ou sua família?

12. P1: () cumigo memo? Não ... cumigo não ... () pois é agora com/na minha família
13. também nunca aconteceu nada não ... Mais no meus povo morreu quais' tudo né ...

14. Minha família po lado da minha mãe () morreu quais' tudo ... só ficô memo esses
15. quato ... são quato irmão ... o resto morreu tudo ... morreu meu pai ... morreu todo
16. mundo ... um subrim ... a minha irmã ... e mai morreu gente ... foi morreno 'sim sem
17. pará ... Do la(do) do meus povo ... né ... morreu quais' que uns cinco duas veiz ...

E – Morreu de que esse pessoal?

18. P1: () meu irmão foi pau que matô ... pau caiu nele e matô ... Meu pai morreu matado
19. ... () meu pai foi matado memo ... Gente matô ele com tiro ... coitado ... na roça ...
20. matô meu pai ... Agora minh' irmã foi negóce de/de ... ela 'tav' isperano pa ganhá nenê
21. ... Aí foi na/ 'quela/ num 'tava na hora dela ganhá o nenê ainda ... o marido dela
22. apertubô e apricô aquel' injeção nela que aprica pa ganhá pa dá força () foi im casa
23. memo ... morava na roça ... Aí apricô e ela ficô ruim memo e morreu ... coitada ... a
24. minha irmã ... Num interrô a criança não ... Morreu cum nenê na barriga ... agora ... o
25. meu () irmão foi assim cum pau ... Agor' o minino foi duença memo ... o subrim ...
26. adueceu aí ficô duente ... duente ... () foi 'té que morreu memo ... Agora meu marido
27. tamém foi/é/fei/minigite ()

E – O primeiro marido?

28. P1: É ... o primero marido né ... Aí ele dueceu ... foi pa Goiana ... Aí lá ele morreu ... Eu
29. nem vi ... A minha vid' era chorá tamém no mato ... Pidi a Deus pa podê/diz que quiria
30. morrê tamém pa podê i' p'ra lá ... pa ficá junto cum ele no lugá qu'ele 'tava ... Ai que
31. bobera né ... Aí a minha vid' é chorá no mei dos mato e pidi que quiria morrê tamém
32. () Aí até hoje 'inda num murri né ... 'tô aqui soffreno ainda ... E esse minino que 'cê
33. 'tá ven' aí ... Esse duente ... ficô cum seis dia de nacido () Não ... oito mêis ... seis
34. mêis ... 'tava cumeçano a sentá quando o pai dele morreu () Num cunhece o pai não ...

35. tadim ...

E – Ele já nasceu doente?

36. P1: Ficô com dois ano ... Quan’o ele interô dois ano ele ficô desse jeito ... E aí na hora

37. qu’ele dá raiva ... ele bilisca nós ... ele pega os trem e joga tudo no mato ... Até a

38. panela de cumê ele pega no fogo e joga no mato ... “Eu vô distrancá esse cumê aqui

39. sinão ... () diliga o bujão sinão vai quemá” ((falando com a filha)) Aí na hora qu’ele

40. dá raiva até a televisão ... se dexá ... dexá ele entrá den’ de casa ... ele peg’ esses trem

41. joga tudo no mato ... é fita ... é tudo contuá ... Aí dois ano de idade ele ficô desse jeito ...

42. até hoje ...

E – Vocês sabem porque ele ficou desse jeito?

43. P1: Uai num sei não ... nói num sabe mode quê que é não ... () Alguma coisa né deve

44. que deu ... Aí nunca pode tratá né ... que num tem dinheiro né ... É ‘posentado mai o

45. dinher’ é poco ... num dá quais’ nem pa cumê ... purque os trem subiu de mar né ... o

46. dinheiro é poco ... Ninguém trabaia pa ganhá pa interá ... Aí nunca tratô não ... coitado ...

47. Aí ta’í sofrero ... A gente e ele aí tamém do jeito que ta’í ... () tem veiz que até ele

48. levanta da cama dele pa batê nim nós ... na cama de noite ... óh... cum’ê/cum’ê qu’eu

49. ‘tô toda maicada de unha dele óh ... Iss’ aqui tud’ é unha dele que mim bilisca po todo

50. lado ... E ... mais é brabo só ‘cê veno cum’ê qu’ele é ... Deus me livre ... eu tem sofrido

51. nessa minha vida ... () Agora o home aqui num importa cum ele purque num é pai né

52. ... () () Agora im dezembo eu quiria í lá levá na Goiana ... pa podê fazê um

53. tratamento p’ra ele ... qu’eu num ‘tô ‘güentano mai não ...

E – Quantos anos ele tem?

54. P1: Ele tem vinte seise () Agora muita gente fala ... diz que a duença dele num é de

55. dotô ... Aí eu tô pensano d’eu i’ ... gastá dinheiro á toa e num rumá nada né ... () muita

56. gente fala qu'isso aí num é duença de dotô não ... Dotô num trata dessas coisa não ...
57. tem que i' p'oto lugá p'que é um incosto qu'ele tem na hora daquela raiva dele ... aquel'
58. trem isquisito ... do jeito qu'ele fica ... É um incosto que incosta nele ... Aí passô
59. daquelas hora ele fica bão ... () im Anáp' tem né ... essas coisa tamém assim de tratá
60. assim ... ispiritivo ... essas coisa né ... vai eu 'tava quereno ... Aí se arranjá o dinheiro ...
61. agor' im dezembo ... Deus ajudá () im dezembo meu dinheiro dáva pa podê i' ... 'rumá
62. uma pessoa pa mim levá ... Aí eu vô ... Agora sozinha eu num vô não ... 'qu'eu num
63. posso andá sozinha ... eu perdo á toa ()
64. P2: Ond' 'tá o isquero? ((a filha mais velha pergunta a mãe))
65. P1: "Caç' aí na partilera ... 'tá den' d'ũa vaziinha atrais aí" ... () rumei esse oto
66. marido ... Esse otos fii tud' é desse sigundo marido né ... Ês'era cinco ... morreu um
67. ...tem quato vivo ... Cum esse duente aí do primero ... cinco né ... sô mãe de seis filho ...
68. mai só purque nói num é casado não ... nói mora junto ... Agora cum premero era
69. casado memo ... que é o pai del' aí ...

E – A senhora tem vontade de mudar daqui?

70. P1: Colé ... se eu tem vontade mudá ... Ah eu num tem nada ... () num mudei munto
71. não ... que nós só feiz ãa mudança ... de Mina p'ra 'qui ... daqui do/do Jozia pa
72. Niquelândia ... Aí de Niquelândia p'ra 'qui de novo ... Agora tem vontade mudá mar
73. não ... Agora ficá queto 'qui 'té ... fim da vida agora ... () saí mar não ... quebrá cabeça
74. não ... que num dienta né ... () ... ()

E – O seu filho morreu de que?

75. P1: O minino foi febe tamém que deu ... Aí eu acho que foi remédio errado ... Aí tinha o
76. farmacêto 'qui no Faiz Tudo ... Aí o pai dele vei buscá reméde p'ra ele ... Aí o home

77. passô o reméde ... Aí levô o reméde ... Quand' deu o remédio ... aí ele ficô pió ... Aí ele

78. piorô memo ...

E – Que remédio? A senhora lembra?

79. P1: Eu num lembo o remédio que foi não ... () Aí quand' chegô lá ... que deu o

80. remédio ... o minino piorô ... Aí piorô ... nós saiu cum minino pa i' pa Niquelând' pa

81. podê tratá ... Aí quand' chegô lá per' de casa memo ... numa grotinha que tem 'sim p'ra

82. cá da casa ... Aí ele morreu ... Aí nói num vortô tamém não ... nói siguiu cu' ele () ()

83. Eu fico pensano de i' ((na festa)) ... laigá ele ((o filho doente)) ... Láiga ... ((falando com

84. o filho)) cham'ele ... ((falando para a filha)) ()

ENTREVISTA 10 – AVIG

Participante 1 (AVIG): 60 anos de idade, sexo feminino, viúva, não-escolarizada.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 05/11/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: a migração de Minas Gerais para Goiás

1. P1: Cond' () o ano ... Eu fiz im abril' ... mais eise feiz os meu documento errado
2. mim pois eu bem mai' nova ... mai eu tem que contá o do documento ... que 'tá no
3. posento é o ... ess' idade ... se eu pô' a idade compreta do/do () batistele ... e eise
4. ainda mim some o batistel ainda ... () minha idade memo compret' é sessenta ()
5. Eu vô fazê cinqüentei' sete ainda ... ô tem ô feiz ... num seio ... ()

E – Tem muitos anos que a senhora mora aqui?

6. P1: Tem ... vinte oito ano ... que eu morei im Caba Vida ... né ... Aí ... morei no
7. Machadim ... d'pois eu morei na Mata Seca ... Dispois eu morei e fui po Caba Vida ...
8. no Caba Vida fiquei deiz ano ... de deiz ano aí eu mudei p'ra 'qui ()

E – A senhora gostava lá de Acaba Vida?

9. P1: Gostava mais eu sufria dimais ... 'inda era muito duente ... inferma ... Meu marido
10. faleceu lá ... e eu num dei conta de ficá lá ... Aí eu zelei d'um véio ... Aí ele foi trox'eu
11. p'ra 'qui ... e comprô essa casa e mim deu ... 'gora ... dia dizoito agora fazê seis' mês
12. qu'ele mor'/qu'ele faleceu aqui ... Era muito sofrida ... e sô sofrida dimais ... soffro
13. dimais ... 'ssa cas' istragô ... quan' nói moramo dibaxo ... foi piciso d'eu dá dois lote pa
14. fazê a mão-de-oba ... pagano a mão-de-oba ... Pois as mesma teia ... eu 'inda fiquei
15. deveno bastante dessas maderá ...

E – A senhora tem filhos?

16. P1: Tem ... sô mãe de deiz fii ... Era mãe de dizoito filho ... mai tem só deiz vivo ...

17. tem quato cumigo () duas ‘tá pa Brasila ... mais é quato que mora cumigo ... () é
18. quato fia e mair’ doi’ netim ... o sem veirgonha d’um genro ingravidô duar ... uma de
19. minore e istupô a ota ... e ela ficô gravi’... o nenê dela feiz dois mêis () o da ota dia
20. vinte feiz três ... () As duas minina que ‘tá cons dois nenê mora cumigo ... Foi im
21. Brasila p’ra vê s’esa co’/ acha/ruma um serviço lá p’esa trabaiaá ... puquê ‘tá muito
22. pesado p’ra mim ... esse genro sumiu cum a fia ... desapareceu que nem notícia a gente
23. num sabe ...

E – A senhora se lembra de histórias ou músicas da infância?

24. P1: Sei nada na cabeça ... que deus’ quand’eu dei derrama ... eu num sei falá nada é os
25. passado ...

E – Antes do derrame a senhora não lembra?

26. P1: Num lembo de nada ... tem a facha d’uns doze ano ((que deu derrame)) ‘té minha
27. língua é pesad’ ... tem hora qu’eu vô falá um tem picis’ d’eu fazê força pa podê falá ()
28. é mai minha língua eu sinto o peso dela () e durmece o corpo de fora a fora ... () vô
29. cum toda sastifação ((na igreja)) sô difice saí ... só memo eu sai assim ... quand’é pa
30. buscá meu ‘posento ... quand’é pa buscá a cesta eu fui sem podê hoje ... ()

E – Quando a senhora precisa ir a Niquelândia a senhora vai de ônibus?

31. P1: É ... eu vô de ônbu ... iguale sábadu ... sigunda-fera memo picisa d’eu i’ ... pi(cisa)
32. d’eu i’ qu’eu vô com ãa consurta maicada lá p’ra mim pa/pa dia deize () tudo contê
33. peça do coipo ês’ vai’ fazê ixame ... puque eu sinto dîmais () e aquela zuêra ... ‘tô
34. cunversano co cê assim ... mair minha cabeça ‘tá ‘quela zuêra rodano ... e aquela
35. durmençaiada que dói ... dá ‘quesa fîsgada ... ‘té minha língua deu pa dá fîsgada ... ()

ENTREVISTA 11 – AVIH

Participante 1 (AVIH): 63 anos de idade, sexo feminino, viúva, não-escolarizada.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 05/11/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: vida dos familiares

()

E – Qual a data de nascimento da senhora?

1. P1: Ô minha fia isso só no decu/só no documento meu né ... as'era é qu'eu num sei ...
2. () meu dicumento ficô im casa ... um qu'eu tuxe o minino levô ...

E – Quantos filhos a senhora tem?

3. P1: Eu tem seis ... tem teiso/tem três muié e três home ... Agora home só tem dois
4. cumigo den' de casa sortero ... ()

E – A senhora mora aonde? É aqui mesmo?

5. P1: Ieu ... moro longe minha fia ... Machadim ... cabiçera do Machadim ... () 'cê já foi
6. num cumercim lá no Machadim ... () pois é moro bem pa riba ... É ãa dificuldade p'ra
7. mim vim aqui ... () ieu vim qu'eu fui lá no hosprital né ... e vim 'tô isperano um
8. minino meu ()

E – A senhora foi consultar?

9. P1: Fui ... 'inda bat/bate ãa questã minina ... 'sim ... diz ês/diz o dotô que é os nervo ...
10. Bati aquela questã ... 'sim ... qu'eu 'tô boa ... já bateu duas veiz ... 'tô boa ... cum poco
11. eu num vejo nada ... num vejo nada ... diz ês que é pessão baxa e os neuvo ... ()

E – O médico passou algum remédio?

12. P1: Passô um vi(dro) de reméde e duas cassinha só de cumpremidio () e da vez qu'eu
13. fiquei ruim lá qu'ês luitô cumigo memo ... eu fiquei ruim lá ... levei uma fia pa tratá ...

14. ieu memo (fi)co 'í ruim ... () fiquei por morta minha fia ... sete hora do dia fui recordá

15. poi' já er' nove hora da noite ... Agora bateu num aturô muito não ...

E – Tem alguma história de acidente que a senhora gostaria de contar?

16. P1: Não ... assim de acidente não ... graças a Deus 'tá tudo bão ... 'tá tudo alego né ...

17. tem meu netim ... tudo alego ... muito neto ... ()

E – Quantos netos ?

18. P1: Virge minha fia ... lá per' de mim tem () três () e essa Sant' aí que aperô tem

19. quato ... Agor' tem muito ... mais 'tá longe de mim ... o ot' 'tá lá per' do Machadim ...

20. lá imbaxo ... interô onze ... e a muié dele duente coitada ... mais ele já pelejô cum ela...

21. pa vim pa tratá ... mai num vem nem ... eu zoio assim ... fi(co) cum dó ... mais a muié

22. num vem memo na marra ... num vem ... só se tirá amarrada ... até as infermera já foi lá

23. buscá ela ... e num deu conta trazê ... e ele doido pa tratá dela mais ela num sai ()

E – A senhora quer falar sobre seu esposo? Pode falar

24. P1: É o (nome) veve aduente ... saiu uma () dor no pescoço assim ... () sent' assim ...

25. um bucadim igual eu 'tô cunversano co cê assim ... ele sent' e já pircisa e lá deitá ó ...

26. num güent' a dor no pescoço ...

E – Quantos anos ele tem?

27. P1: Ih minina ... já é bem de idade ... eu isquéço ... num sei ... virgeh... já é bem de

28. idade já ...

E – É mais velho que a senhora?

29. P1: Muitio ...cunhece(u) eu piquena ... é ... agor' eu num vô cum zano dele não () já

30. foi dimais (no médico) já remexeu até cum num pircisa Agora memo o minino já

31. tox'el' aí e já vortô p'aquele dexô im casa ... Chegô lá eu arruinei ... o pobe do minino

32. vortô cumigo ... () É que veve luitano qu'esses véio ... () ês'é dois veve luitano com

33. os véi ...

ENTREVISTA 12 – FATUI

Participante 1 (FATUI): 78 anos de idade, sexo feminino, viúva, não-escolarizada.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 05/11/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: a migração de Minas Gerais para Goiás

E – Quantos anos a senhora tem?

1. P1: Setentei oite () eu tem o rigiste ... ‘tá véi ... no rigiste maica ... ()

E – A senhora tem filhos?

2. P1: Tem só ãa ... e munto sem sorte a coitadinha ... esse ano e seis mêis c’ o meu véi
3. morreu ... na famíl’ dela só veve levano arte ... o dia qu’interrô meu veinho mêis’ ... cum
4. ãa () hoje ... cum ãa amanhã o fii dela isbagaçô ãa ...um braço ... a perna ... e perdeu
5. um neto inorme ... o fii dela ... dipois de agora miorô ... ‘tá cum três mese ... o marido
6. foi lá pa Niquelân’ ... foi piciso sê operante () a oto netim dela () levô o isbarro de
7. carro ... ‘tá lá ... diz que vai caminhá de aparelho ... Agora ontonte o fil’ dela ficô lá ...
8. quebrô a perna ... ‘tá c’ele lá ne Niquelân’ ... ‘tá munto sem sorte a vida dela ... ()

E – Como é que a senhora está de saúde?

9. P1: Eu ‘tô ‘sim ... d’uns dia pa cá ‘tô mai miozim ... reimt é que meu véi dueceu e
10. morreu qu’eu só veve duente ... hor’ ‘tô c’as perna inchada ...ota hor’ ‘tô cum rosto
11. inchado ... num ‘güent’andá ... () ficá den’ de casa ... num posso fazê na(da) ... ‘tô lá
12. ... ficá uma lenha ... () num vale nada ... () tem os amigo ... mais tudo é uma maloca
13. de véia ... né ()

E – Por que vocês mudaram prá cá ?

14. P1: Uá ... é assim ... um lugá tarra ((tava)) bão e compava ot’ pedacim p’ra lá qu’era
15. mió ... cum poco lá tarr’ assim compava ot’ mais p’ra cá qu’era mió né ... quereno í’ im

16. São Loren'... Santa Helenda memo quem virô fazendero puro ... Aí vendero tudo ...
17. povo qov(?) pobrizim no mei dos fazendero ... Num güentava fazê ceica né ... Aí
18. vender'as tirrinha tudo e viemo po Santa Helena ... Aí compô cad' um um pedacim de
19. terra ... () Aí virô fazendero tudo ... num 'tava dano nada ... plantav' as coisa ... num
20. dava ... Goiais 'tava muito bão de fartura como 'tava memo ... quan' nós chegô ... Aí
21. nói vei p'o Goiais ... fiquem' aí até hoje ...

E – E aqui em Faz Tudo como vocês ficaram sabendo daqui? Que aque tinha terra pra vender ?

22. P1: Nói morava lá no () Machadim ... Aí sabia ... aqui ninguéim compra terra não ...
23. cada um compa () sua casinha p'ra morá ... terrene daqui ninguéim num compra ...
24. p'que fazendero compra ... compa ãa casinha pa morá ...

E – Como é ?

25. P1: Fazendere ... tud' derredé é fazendere ... num vende pedaço pa ninguém ... quem fô
26. mais fraquim compa ãa casinha pa morá né ... pa num ficá po muito julgado ... nós aqui
27. comprô essa casinha ... entrei p'r' aqui dia onze ... dia onze de julio intera douze ano
28. qu'eu entei nessa casa ... Agora passô pa treze ... Quan' fô onze de julio intera treze ano
29. certim qu'eu 'tô aqui nessa casa ... 'tô 'qui imprestado ... c'a casinha num é minha ... casinha de herdere ... condo os herdere chegá é hora de limpá eu ... dex' aí ...

E – Quem são esses herdeiros ?

30. P1: Fíi do véio ... el'era viúvo né ... () uns mor' im Rondôinha ... otos mor' im Brasília
31. ... () Eu zelei ele vinte ano ... todo mund' aqui ... todo mund' aqui fala qu'eu/c'a casa
32. é minha pu'que eu que cuidei dele ... num vei nenhum pa zelá dele ... Ía p'spitale ía eu
33. pa zelá dele qu'ele num inxeigava ... Aqui den' de casa air cormord' ele que ... ele num
34. impatav' eu é só no cumê ... maise a ... o cafezim er' na mão ... cumê er' na mão ... zelei

35. até o dia que morreu ... eu ‘inda de bãe ... ‘inda rapei a baiba ... que ía levá n’oto dia p’o

36. ‘spital’ ... falô: “Cum’ é qu’eu vô baibudo e xujo ‘simh?” Não ... Deus dá um jeite ...

37. Infiei a gamela d’água ... dí ele bãe ... rapei a baiba dele ... Quan’ foi de noite ele

38. morreu ...

E – Então ele nem chegou a ir para o hospial ?

39. P1: Não ... chegô não ... ía saí no oto dia ... mai rá [já] cansemo d’ levá ele ... () tinha

40. jeito não ... (além) de sê/era cego ... ‘inda sufria () tinha chiadô ... chiava munte ...

E – Ele fumava ?

41. P1: Ih ... cumiah ... ((sorrisos)) () Brasila tudo levei ele pa tirá ixame de vista e batê

42. chapa ... eu via na chapa ... ês’ num dava pa nóise ... mais eu via a chapa cada mancha

43. assim ... de vista bateu ne têis lugá ... num deu nada ... ãa febe que deu nele qu’ele

44. entrô im Rondonha ... acho que cuzinhô a míinha [menina] dele de dento p’ra fora ...

45. zoiav’ assim ... ele era bão que o zói () assim a vista dêreitim ... coisa qu’ele num

46. ‘tava cego ... mai num inxergava nada ... acho que a febe cuzinhô ele de dento p’ra fora

47. assim ... ()

ENTREVISTA 13 – FATUJ

Participante 1 (FATUJ): 77 anos de idade, sexo masculino, viúvo, não-escolarizado.
Tipo de entrevista: semi-estruturada
Data da entrevista: 06/11/98
Evento: cotidiano familiar.
Tema: problemas de saúde

E – Quantos anos o senhor tem?

1. P1: Passei pa setentei sete agora no dia vinte de jan’/de otubo ()

E – E os filhos do senhor? Conte sobre seus filhos.

2. P1: Os fio ... um ‘tá im Goiana e ... e dois ‘tá im Brasília () tinha quato mais um

3. morreu n’água () o mais véio () morreu na qualidade de cinquenta ano () ‘tão dois

4. fio ... um fio sorterão e oto ()

E – O senhor estava falando das estradas lá (de Acaba Vida), poderia repetir?

5. P1: É ... é pu’que ... nós antigamente passava por dento aí ... sobe serra pa incardí ...

6. virava lá na fazenda do () e essa por’ái cond’é que ocêis passa () eu nem cunheço

7. ela não ... só eu rrá fui ‘té no pé da serr’ alí pa tráis ... () p’ro caras passá foi lo ecalipe

8. ... lá é ãa ecalipada ... ãa fazendão que dá ecalipe puro ... () uma calipad’ medonha ...

9. mais antão ... eu ‘tô aí parado ... Agora im dezembo vai fazê um ano qu’eu/qu’eu tive lá

10. no ... im Goiana tratano e ruim lá na cas’ da minha minina ... lá na Curitiba ((bairro de

11. Goiânia)) ... e foise aí vim ... e foi im dezembo qu’eu vim ... e num vortei lá mais ainda

12. ... Eles liga p’ra mim direto ... peleja pa mim imbora pa lá ... mais aqui é mais fáce pa

13. mim vivê de que lá ... que aqui não ... tem dia qu’eu mioro um bucado ... eu deço aí

14. imbaxo ... proso um bucado qu’esse pov’ aí ... e vorto pa tráis ... ‘tô quet’ aqui ... e lá im

15. Goiana eu num posso ‘tavessá ãa pista daquel’ qu’eu num tem jogo no coipo né ... se eu

16. lá vô in’o p’ra lá se eu virá o coipo de press’ assim ... eu caio ... tem que andá firmano e

17. só oian' o pa frente () e lá não ((em Goiânia)) lá carro é aquela istêra direta ...

E – Aqui o senhor tem muitos amigos?

18. P1: Ih dimais ... ói eu num pago ãa tustão de lavage de rop' aqui ... cuzinhá eu num

19. cuzinho ... as cuzinhera vem aqui e faiz p'ra mim ... otra hora faiz lá e tráiz aqui ... é

20. desse jeito é ... 'inda agora saiu ãa minina daqui quei 'tá aqui deus' de cedo ... ela vai

21. im casa ... vorta ... mora log' aí ... foi criad' aqui im casa memo ... hoj' é mãe de fii

22. tamém () gor' chegô ãa imã dela lá da Peda Branca ... a mais véia ... () ()

23. de veiz im conto ela 'tá lá passano a perna cum/cum trem ... é oto ((risada)) eu acho

24. graça dela é qu'ela é munto sastifeita ... ()

E – O senhor acha que aquela pinga vale mesmo dois reais?

25. P1: Não ... num 'tá valeno não ... Aí im todo canto é do/é um e cinquenta né ... onte é

26. qu'ela 'tava cum essa história de doi riale ... tem um moç' aí imbaxo só ven(di) de doi

27. ... mai ninguém veve comprano na venda dele ... Agora hoje/onte ela 'tava c'essa

28. história de doi riale tamém ... três o lito ()

E – O senhor se lembra de alguma festa que gostou?

29. P1: Ih ... já gostei muito de festa ... Agora hoje não ... minha festa é só a cama e sentá

30. nesses banco aí na somba ...

E – Como eram estas festas? Eram aqui mesmo?

31. P1: Não ... Aqui não ... Aqui nunc' assisti festa ... Agora no tempo qu'eu 'tava mai

32. novo ... no istad' de Mina ... lá nós farriemo munto ... mais vai ficano véi ... vai

33. perden' a graça né ((risada))

E – O senhor gostava de dançar?

34. P1: Gostava ... no tempo d'eu sortero ... e de mar novo ... Agor' ... dispois que casei

35. não ... Fui assim numas duas festinha só ... pá num dá inxemp' pa famía ... () ela num

36. gostava ((a esposa)) ... num ía ... Eu vai tamém dexei de festa ... nem comicio aqui den'

37. dessa rua eu num 'sisto ... () piurdi a graça ...

E – O senhor gosta de reza, de rezar? ()

38. P1: Antigamente er' na igreja ... minha mãe era devota dimais e catóica ... todo dia ...

39. mês de Maria nóise andav' era/era duas légua ... pa i' no Gumercino assisti reza ... ía

40. de noite ... vortava ... () ()

E – E as namoradas? O senhor quer falar alguma coisa?

41. P1: () de veiz im conto mor' uma aqui ... fic' aqui uns dia ... cum poco num dá certo ...

42. sai ... aqui ficô uma agora a pocus dia ... mais tratá d'um cavalo a pão ér' mió que tratá

43. dela a cerveja e cigarro ... qu'eu nunca vi pitá daquele jeito ... sent' aí cum isparruzim

44. ela pita ãa cartera de cigarro ... e cerveja se dexá po conta dela é o dia intero ... é ... mais

45. eu nunca (vi) bebê desse jeito... mais otas mais que tem morad' aqui não ... é muito

46. trabaiadera ... cum' antonte memo 'teve ãa aqui ... ficô aqui im casa ... arrumô as vazia

47. tud' aí () trabaiadera pá diabo mai bebe dimais tamém ... () ((risadas)) tem que

48. mandá caçá rumo logo né ... mais hoje minina ... quaise que pa ranjá ãas pessoa pa

49. cuidá da/da/da gente ... é uns trem assim memo ... que ninguém 'tá quereno ... que as

50. boa memo 'tá tud' acupada né ... e essas bicha não ... um vai p'um lugá ... num pára ...

51. vai pa oto ... num pára ... é andan'o né ... e assim a en(gente) vai levano a vida até

52. inquanto pode ... Agor' eu vô vivê é queto ... sozim mesmo ... eu tem feito uma dispesa

53. de () três quato pessoa den' dũa casa ... e esse tem num dá certo não ...

E – O senhor vive de que?

54. P1: É só do aposento () é memo só pa gente cumê o feijãozim cum arroz e lá um

55. pedacim de carne de veiz im cuondo né ... e criá minhas galinha ... eu crio minhas

56. galinh' aqui () a única coisa que mim interte é as galinha ()

E – O senhor estava falando sobre os pés de frutas. Poderia continuar?

57. P1: Iguale tem esses gueirob' aí ... das otas fruta tudo eu já cumi ...

58. falei ... gente acho qu'eu num vô isperá meus gueiroba dá fruta p'ra mim cumê ()

59. agora (...) pocos dia pa táis sortô um cacho ... já tá cumeçan a madurá ()

60. agora um tem qu'eu lerdei ... a sinhor passô per' d'um lugá que foi meu ...

61. p'ro baxo do grupo lá tem ãa cháca () comprei o chãõ lá ()

62. fui eu mai a muié que plantemo ()

63. urtimamente moremu ali (...) naquela casa branca

64. lá nos ot'o lugá tudo eu vindiu

65. morei na birinha daque'a represa

66. ficô tudo chei de pranta ... doidô pá vorta prá traiz

67. laiguemo foi pranta ness' 'Caba Vida aí

68. antão dexei ali maicado pá fazê ota casa mió

69. o povo prá mim são tudo bãõ

70. quand' chega ã'a pessoa aí prá mim prosá cum ele é qu'eu fico sastifeit'

71. fundar' el' (o chapéu) no canto ali ó ... e jugaro pan' in riba

72. eu num güent' ess' chapéu cum ess' sol quente não

73. iss' aí isquenta (o chapéu) que neim um ... que neim ã'a panela freve(no) no fogo

74. a gente ... fica discarculado dimais

75. iss' aqui (o dinheiro da aposentadoria) é só (...) a ein' pegá ...

76. ispiá el' e intregá ele p'os amig' aí

4.2 Amostra de fala da comunidade de Pombal

ENTREVISTA 1 – PUAN:

Participante 1(PUAN): 50 anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data da entrevista: 27/07/1997.

E – ()

1. P1: Ele diss' que da Praca pra cá ele vai ... ele vai tirá ess' manicip' ... Ói daqui inté in
2. Reberão ... oi ... tem quat'iscola Tem essa no Pombal ... manicip' Nov Destin' ... tem
3. ess'aqui manicip' Nov Destin' ... ãa lá no ... no Reberão da Mangabera manicip' Nov'
4. Destin' ... no Coh'Chiquero ali no... no... no... seu Zeziin ... Ali no ... in frente o rebe ...
5. o Robertão tamém tem ãa iscola ()

E – E o pov' de forma geral ... ninguém conformô muito c'essa... ()

6. P1: Hum'hum ... Ninguém ninguém ninguém ... Fazender'... tem fazender'aí pra bax'aí
7. banda de Machadin aí 'cê precisa de vê... tant' de fazender' mais ... tudo diss' que ...
8. diss'que 'tá fartan' dá só a bax'assinada d'ot'os fazender'pra Grimaldi revortá ess'
9. manicip'aqui [O quê minha fiia?] → ((a informante se dirige a uma criança, sua neta, que chega chorando))
10. Os fazender'tá tudo dispóst' assiná p'ra Grimaldi ... Pu'iss' qu'eu fal' pr'ocê aqui vai sê
11. do Barru'Art' 'tra'veiz

E - E nas'ot'as'iscola também o pov' num tá conformad' não?

12. P1: Hum'hum ... Iscola ninhunha iscola ninhunha ... só porque o manicip' mudô má o
13. pov' num conforma ... () povo só 'güenta Nov'Destin'... ()

E - Num tem muito recurso tamém, né?

14. P1: Hã??

E – Num tem muito recurso tamém?

15. P1: Não ... lá num tem recurso é p'ra nada
16. Lá tem recurso ... tem dia que farta inté água
17. po pov'bebê lá ness' Nov' Destin'
18. É ãa serra ... 'Cê cunhece ... 'cê já passô lá né?

E - Passei ãas duas veiz.

19. P1: É ãa serra num é?

E - É

20. P1: 'Cê num vê saída 'cê num vê entrada {() ()} Revortá o pedaç'
21. Dizen'ele cum fê im Deus ele nunca disfeiz'aqui do pov'aqui de ele num tomá ess'
22. manicip' Da Praca pra cá né () da Praca pra lá fica pro Nov' Destin' Maih ele diss'
23. qu'ess' fund'aqui Mangabera Machadinhi qu'ele vai tomá ess'manicip'
24. Pede a Deus que é ... [Vai isfriá o leite pra ela ó o leite ... dá mamaderah]
25. () 'Cê pode consigui seu trabai mema coisa ... mema coisinha Ajuda
26. A cumade Caim'ajud'ocê que é da iscola do Machadinh' ela te cunhece ocê óia a
27. Diná que é a no ... é ... é ... é nora do véi Dirs' ali né ela te ajuda a professora de lá
28. a professora de lá do Reberão é a fiia do Zué ... boa pessoa ... Aqui todas iscol'ajud'ocê
29. [Ah marrocê heim Vaninha vai isfriá o leite pra ela muleca] → ((a informante se dirige a uma de suas filhas))

ENTREVISTA 2 – PUOL:

Participante1(PUOL): 57 anos de idade, masculino, casado, semi-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data da entrevista: 27/07/97.

E – Guia?

1. P1: Guia

E – Guia a fulia?

2. P1: Guia a fulia

E – Ahh ... E o sant' de devoção?

3. P1: Lá é o Pai Eterno

E – Pai Eterno?

ENTREVISTA 3 – PUAG 1:

Participante 1 (PUAG): 88 anos de idade, masculino, viúvo, não-escolarizado, natural da comunidade.

Participante 2 (PUAN): 50 anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data da entrevista: 31/08/97.

E – É coisa demais p'ra lembrá né?

1. P1: É ... É ...

E – ((rindo)) vai viven' muit' é é muita coisa pra lembrá ...

2. P1: É ... É ((rindo também)) Vai fican' véi vai fican' fraco ... ()

E – Quand'o sr. 'tava maiorzim pur'aqui o sr. chegô a vê os índio que morav'aqui nessa região?

3. P1: Quem? Ah não ...Tinha muntos'indi'aqui má ... eis cumulava mai é pa banda da
4. barra ... da barra do rii né que tinha ... tinh'aldeia pra lá intão eis cumulava p'ra lá
5. Eis saía'qui no ... nessa ... nessa redondeza má era só de vez'im ... de ... de ... casião im
6. casião () Eis fazia barui ... ês ... ês subia ... subiava jaó né Era 'sim dess' jeit' né
7. () ali no ... no post'ali onde tá moran' Vicente () passô muita vez passava de canoa
8. barco

E - O sinhô chegô a vê eles passan'?

9. P1: Vi ... eu vi ... vi ... eu vi ...vi eis passan' aí no ... pá ... subin'... pá riba ... é ... vi .../n/
 10. () No dizê da /da/ dêis/ ês falava que ia adond' tav' o Papai Grande que é o
 11. guvern' né? ... ()

E - ... Papai Grande?

12. P1: É ... êis que falava

E - Os índio?

13. P1: É ... os índio ... é () ...

E - E o Papai Grand' er' o guvern'?

14. P1: É o governo ... qu'ia adond' tav' o Papai Grande

E - Ah ... E aldeia o sr. num chegô a i' não?

15. P1: Ardeia?

E - É

16. P1: Não sinhora ess' aí num cheguei vê não Só via eis () Só via eis ... esi passan'
 17. ô ot' o iss' aí eu vi () Subiava tud' que nem jaó té hoj' ind' assubia É ... ()
 18. () Os home () medrontá cu'esi né eis pegava subia *fon ... fon ... fon ...* a pessoa é
 19. Purque se ele passa os monte né os barco passa mai vai () p'ra trais
 20. Agor' o Rumano vem fazen' aquela poipaganha chamando o que tivé pur' aí p'a bera
 21. de istrada qualqué um lugá má ... oh/oh ... qualqué ... Eis fazia aquela poipaganha
 22. má ele abria o lugá mod' ... inquant' eis passava ... carr' ... os brabo passava

((Os pombalenses se referem aos índios sempre como 'o bravo' ou 'os bravos'. Sempre que essa menção é feita o vocábulo BRAVO é usado em forma de substantivo.))

E - Tinha muito índio brabo intão?

23. P1: Tinha ... Tinha muito índio brabo

E - O quê que eles fazia?

24. P1: ãh...?

E - O quê que eles fazia ()?

25. P1: Uai ... êis pegava né

E - Pegava gente?

26. Pegav' é ... é ... p'á pegá ... Pegava minino

E - Pegava carregava os minino?

27. P1: Carregava

E - E num devolvia mais não ()?

28. P1: Não Risuvia não Pegô um inté ... () Aê ... ei panhô um minino ficô cu'ele a/a

29. ... cu'ele pur'ali beran' beran' p'a vê se/se/se ... vê o quê que o pai dele mais a
30. mãe vai fazê pr'ele podê ... () sortá ele má pegô fican' brabo ele num quis dá o
31. minin' mais ... foi imhora cu'ele

E – (Era parente do sr?)

32. P1: Era era parente ... era/era/era fii dũa/dũa tia minha ... é ... o minin' ()
33. p'a criá ... 'tava crian' ele dispois nói teve nutiça dele é
34. passô uns aí esses aí era (mórto) dispois que tocô o coipo () ei falô ()

E - Ahhh Ês que der'o nome?

35. P1: É ... êi que falô que o minin' 'tava lá

E - Ah

36. P1: é ... no seu/na aldeia deis () É 'tava na aldeia deis ()

E – {Ah 'tava na aldeia ()?}

37. P1: Ã?

E – Gostô do minin' {()?}

38. P1: Gostô del' () levô memu pu' gostá né?
39. Depois casião de festa o minino saiu p'a/p'a/p'a brincá na bera do coigo ... ()
40. Ess'aí eu num vi ... eis fazê macriação

E - Não né

41. P1: Não ... O neto dele nũ'ocasião ele/eu/ele ... saiu aí () aí eu chamei ele na
42. bera do coigo panhá (água) ... ()

E – ()

43. P1: Não ... sinhora pai não

E – Pai tamém não?

44. Só a/a mãe ... da minina ()

E – {()}

45. P2: Cêis aceita café?

46. P1: () a mãe ... tamém ...

E – O pai do sinhô?}

47. P1: Não

E - Num chegô a vê tamém não?

48. P1: Não sinhora

E – E sr. tem ... cunhicimento se alguém ... algum parente do sr. ()?

49. P1: () {()}

E – {()}

50. P1: ()

E – Foi antes do sr.' intão ... o pad' Daniel?

51. P1: Foi ... Foi ...

52. () O Pad' Danié eu num sei nem contá () era piquen' ainda num sigurava nada

53. na idéia né? Pois' é num cheguei vê o quê que ele falô nem o quê que ele num falô

E – Éh? ()

54. P1: Não ... Ess' daí eu sei minha sinhora ...

55. Ess' é festa boa 'té po'co temp' ind' usava agora num 'tá usan'

É – É?

56. P1: É ...

E - Cum' é que era essa festa?

57. P1: Cum' é que era?

E - É

58. P1: Uai ... é/é ... o tambô ... é/é/é ... dois toco ãssim ... oh ... dona que incorr' eis

59. põe/põe o cor' ali ... 'perta ... arroch' ele e/e ... () ãa festa boa é

E – ()

60. P1: Essa festa minha sinhora foi cumeçada num sei nem cumo porque cond' eu vi a/a/o

61. d'onde cumeçô () né eu era menó eu 'tava piqueno má eu cunhici quem tocav'

62. ela é/é a véa Ro/ véa Raimunda e o sinhô Zico () na Água Quente

63. Sinhora já 'viu falá na Água Quente?

E – () Água Quent' o'vi

64. P1: Pois' é/é/é ... p'a ond' é Água Quente

E - Água Quenteh

65. P1: É ... Aí da Água Quente ela mudô p'ra cá mudô 'té ali ond' é/ hoje é a ponte oh

66. Ali () eis chamava () Ali tem o/o véi Tumaiz () ... o véi Tumaizinh' ()

67. p'á o véi Tumaizinh' e o véi Tumaizinh' foi e trox' eis p'ra cá ... Até po'co tempo eis

68. 'inda fazia a/a ... () festa () Ilusãohhh

E - É?

69. P1: É

E – ()?

70. P1: ã?

E - Que santo que é?

71. P1: É Sinhora da Cunceição

E - Ah intão é festa de Sinhora da {Cunceição?}

72. P1: É ... Senhora ...} Senhora da Conceição ... () Bate o tambore canta né

E - Canta?

73. P1: Aquel' a/a/aquela ... cant'/ aque'a ... tuada ...

E - Ããh

74. ... p'á 'cumpanhá o tambore né e aí o pov' vai pulá

E- Ah o povo pula?

75. P1: Pula Dança mem'

E - Ãããh

76. P1: É ... É dançan'

E - E é bem antiga intão essa festa?

77. P1: É véia Vó bisavó

E - É?

78. P1: É

E - Ah sr. chegô ... () vó do sr?

79. P1: Cunhici e dimais era piqueno má eu cunhici ela

E - Cum'era o nome dela?

80. P1: Era Rosa ãa e'a Rosa e ot'a/a/a/ a Duminga

E - Ah

81. P1: É

E - E de onde que eles vierum?

82. P1: Da ond'é qu'eis era?

E - É

83. P1: Daí memo aqui mem'óh

E - Dessa região?

84. P1: Dessa região mem' de () sinhora já 'viu falá nos festejo de Senhora do

85. Livramento?

E - Já

86. P1: Pois'é ... é aí¹

E - Cum'é que é ess' festejo de Senhora do Livramento?

87. P1: Uai ... é de/de ... Romaria

E - Aaaah simh

88. P1: É de Romaria

¹ A festa de Senhora do Livramento acontece em Água Quente, antigo arraial, de onde possivelmente vieram alguns habitantes de Pombal (Cf. Rezende, 2000, cap. 3).

E - É lá na Água Quente?

89. P1: É ... na Água Quente ()

E – ()

90. P1: Não A bera do rii a/a bera do rii () ficô lá p'a bera do rii lá p'á barra do rii

91. p'ra lá

E - Ah intão é mais p'ra lá?

92. P1: É ... é mais p'ra lá

E - E aí 'cêis num berava lá não né?

93. P1: Não Berava não ... Eis que de vez inquanto ()

E - Eles que vinha p'ra cá?

94. P1: Eis já vinha () ()

95. () ... num tá bunita mais ... eis ... dismanchar'ela né²?

E - Dismanchô?

96. P1: Ah ... uai o/o/o êis feiz barrage a água subiu támpô tudo cabô

E - Ah sim ()

97. P1: É ... Támpô tudo

E – ().

98. P1: Ahhh num sei não sinhora ...

99. Eu vejo ... eu 'vi falá que deu munto o'ro má num tô lembran' que épuca que foi

E – ãhã

100. P1: Sim sinhora () ... () ... Dan' de mamá eu dava ele tamém o Tumaiz É

101. má nói som' é primo () Tudo d'ũa idade só ... só que eu eu El' é mais nov' que

102. eu só um ano ... () A dona num tomô café ainda

103. P2: Beb'aqui óh Tãina óh eu arrumei pr'ocê

104. P1: () 'Per'aí ... Tonha

105. P2: Ou ...

106. P1: Essa don' é a/a/a/a Tonha ...

107. P2: A Tãina

108. P1: {Tãina?

E – Tânia}

109. P2: É

110. P1: Má num é essa que andav' aqui 'casião de ãleição foi?

² O informante está se referindo à Cachoeira do Machadinho, cartão postal da região, que foi coberta pela inundação da hidrelétrica de FURNAS, em Serra da Mesa, município de Minaçu-GO.

E – Não ... sinhô

111. P1: Não?

E – Não

112. P1: ‘Quel’ é ot’a?

E – Aquel’ é ot’a Tânia é a Tânia do Novo Destin’ né?

113. P1: É

E – Não eu sô daqui do Barro Alto mesm’ mai tô moran’ muitos’an’ im Goianésia

114. P1: Ah () Ah sim ...

E – () Destino Não é ot’a Tânia

115. P1: Ah intão s’ora discuipe’ eu ... ‘tava pensan’ ((risadas)) qu’ era ela ((risadas))

E – Não é ot’a ‘quela lá

116. P1: É pois’ é ... intão senhor’ é memo daqui de Barro Alto?

E – É eu sô nascida ‘qui no Barro Alto

117. P1: ... ‘Tá certo ... senhor’ é daqui memo tamém ...

E - Quantos filho sinhôr tem?

118. P1: Oitcho fii

E – { oito fii?

119. P1: quat’ home e quato muié} É agora de resto ficô só os quat’home ‘ta’í ... as

120. muié morreu tud’()

E – ()

121. P1: () El’ ixplicô depois lá p’a sinhora né?

E – É ele falô muito ... () ele tinha ‘té um tambor ...{()

122. P1: ()} {er’ da festa

E – É da festa}

123. P1: É ... da festa ...

E – É ... parece qu’el’ é tocado né na festa?

124. P1: É ...

E – Senhor tocô tamém na festa?

125. P1: Ieu?

E - É

126. P1: Não eu andei baten’ () má eu num sô mestre bão não ... eu batia ...

E – Ããã...

127. P1: ... é ... má tem os mestre que bate bom memo né

E – Ah intão tem os mestres?

128. P1: Tem tem os mest' ()

E – Ah ()

129. P1: () tambô a zabumb'a caxa tud' é/ é/ é/ é a musca

E – Ah e essa fest' parece que tinha ãa rainha ()

130. P1: () fest' senhor' () tinha rainha imperadô

E – Ah

131. P1: É ... tinha o rei a rainha e imperadô ... a festa sinhora () 'cabô tudo

E – E a fulia? ((choro de criança))

132. P1: ã?

E – A fulia?

133. P1: A fulia ... ês fazia () de premer' er' dīvensão né a fulia maicava o temp'

134. p'ra ela ... er' dīvensão aí maicav' o poso e aí saía c'a fulia é giran' ()

E – Sr. Era fulião?

135. P1: Eu?

E – É.

136. P1: Era eu fui fulião mūt'aqui nessa redondeza aqui do ot'o lado do rii aí ó ()

137. viu cum'é que é a fulia?

E – Não ... Não

138. P1: Uai eu achei ... achava que aí no Barro Alto saía fulia ... não?

E – Parece que tem né mais eu nunca vi

139. P1: () é Divino Pai Eterno () é canturia é o canturia quas' é tud' é um só

140. 'gora só que um fala num e ot'a é ot'o né ãa fal' é Divin' Isprit' Santo e ot' é

141. Divin' Pai Etern' ()

E – Cum'é que é?

142. P1: () giro vai é/ é/ é de noite ...

E – Ah é de noite ... () os índio coisa qu'ês fazia ...?

143. P1: Não sinhora ()

E – Não?

144. P1: () ess'aí é do tempo dos nego né

E – É

145. P1: É ... era tempo dos nego () num sei falá p'ra senhor' eu num cunheço

146. quais' história nãa ...

E – É né ...

147. P1: É só 'via falá nes' ...

E – O quê que o sr. 'via falá?

148. P1: () não ques' era/falava ques' er' iscravo né ... agor' num sei de cert' que
 149. era ... o iscravo p'ra mim era sem dúvida que era tud' impregado né de trabaiá
 150. né de trabaiá fazê naquei tempo trabaiava de furação de rego essas coisa né era/
 151. era isso ...

E – () Na lavo'ra?

152. P1: () tirá o'ro né

E – Ah () e tirá o'ro?

153. P1: É

E - Ah

154. P1: () furação de rego tirá o'ro essa coisa né

E - Com o gado tamém ês num mixia não?

155. P1: Não () ... eu era católico ... aí passei p'a sê crente () muito tempo coisa
 156. base d'uns/ d'uns oito ano ... () ... É

E – Pur'isso que a festa 'cabô ()?

157. P1: 'Cabô tud' óh festejo 'cabô tudo ... tem quais festejo nũ tem algũa fulia 'qui
 158. de im roda () mais acabô os festejo tud' () É/ é/ é Senhora da Conceição

E – Senhora da Conceição

159. P1: É

E – Ah

160. P1: () cum'é que é heim ... um fala ãa coisa d'um jeito ot'o fala de ota má no
 161. meu intindimento o qu'eu já passei fô a/a/a religião de/de/de católico né () eu
 162. tinha um ãas amizade aí ... aí eu fui lá no/no/no Barro Alto passá p'a religião de
 163. crente () purqu' eu 'tava duente aí eu () num ponto achei bão

E – No qual?

164. P1: É a/a gente num chinga ... a gente num bebe aico num/num mexe cum festa
 165. num/num/ nũa né

E – E antes sr. ()?

166. P1: () errado é/é ... a bibla né a riligião de crente é/é/é tudo () né e aí gent'
 167. tomav'aico coisa gente fica mais celerado só crente fai só/ num faiz nada de
 168. ação ruim nũa né o crente

E – E o católico faiz?

169. P1: () dês é muito preversa né o jeito que () esse que mor' aqui passô
 170. dipois laigô

E – O Olídio?

171. P1: O Olídio é ele passô () uns temp' ele 'tava cumpanhan' até hoj' el' inda
172. cumpanha má é/é já num é cum' el' era mai não

E – Num gostô intão?

173. P1: () tira né a fulia é mêis de junh'/juio

ENTREVISTA 4 – POAG 1:

Participante 1(POAG): 65 (?) anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

Participante 2 (POSEL): 82 anos anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: aberta.

Data da entrevista: 11/04/98.

()

1. P1: Era p'a dá a chave mode ele recebê a casa né daí que deu né daí que foi

E – Ess' eu quero que a sinhora conta ... Conta tudinh p'ra mim a história do Eliseu ((risadas))

2. P1: Eliseu era ignorante que não pode sê né El' era pedrero da casa e daí cond' ele

3. recebeu/intregô a casa () ela deu um pulo caiu no chão e num falô mais Daí qu'ês feiz

4. prumessa de í' p'o Muquém () né () ah cond' ela viu ele ela falô: “Ó mãe Eliseu lá”

5. Falô né aí pronto cumeçô falá () Num tinha remédio nũ ... os médico ficava tudo sem

6. graça ... Quiria deitá durmi né () () na hor' que nói saía tamém atiçava ped' nĩ nóis

E – Pudia sê de noite ô de dia?

7. P1: De dia tinha dia que atacav' assim no mei do mato d'ũa hora p'a ot'a tacava de mão

8. de dia nói apanhava de ped' até chegá ()

E – E era só pedra?

9. P1: Só pedra ... () o pov' d'Água Quente vei 'í 'inda rezô aí Oficio e Anjo da Guarda

10. () quem sofreu mais foi cuma' Dita cuma'Dita pinicav' ela êis batia nela ess' daí

11. sofreu gente e e'a sofre até agora porque ... que os minin' num dá gost' p'ra ela né

12. cuma'Dita sofreu () saía p'um vizinh' posava lá ninguém durmia ... tamém

E – Era atrás dela intão?

13. P1: Er' atrás dela ... batia nos'ot'o batia nela

E – E o que será que era isso?

14. P1: Eu num sei ()

E – Era só o seu Binidito que num/que num sufria que num levava pedrada?

15. P1: () Pudia 'tá chuyen'dona pudia 'tá chuyen' a peda caía nĩ nóis inxutinha e a ped'

16. era do () aí que er' a pedra ()

E – Que era atormentada?

17. É ... só/só ela vim pos'aí mixia tudo ... () é um toc'ãssim incorado .. lá hoje tem ó ...

E – Hũ ... lá hoje vai tê () E o sr. Sabe contá?

18. P2: Eu sab' ... sabia não sei aí 'tava oian' p'a muié p'a muié im volta ()

E – () ele num 'tá fazen' a festa dele mais não?

19. P1: 'Tá não laigô ... laigô () num podia nem rezá e levantá o mastro () Senhora da

20. Cunceição () cabô tudo ... or minin' laigô êl' aí 'tá num taperão ((a informante está falando de sr. S.))

21. P2: lá rez' assim ó ele cumeçava no dia ()

ENTREVISTA 5 – CHBE 1:

Participante 1(CHBE): 46 anos de idade, masculino, casado, semi-escolarizado, natural da comunidade.

Participante 2(CHIMB): +/- 70 anos de idade, feminino, viúva, não-escolarizada, natural da comunidade.

Participante 3(CHIAB): +/-49 anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

participante 4(CHITO): 40 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data da entrevista: 11/04/98.

E – Hoj' é que dia?

1. P1: Hoj' é onze

E – Onze né?

2. P1: Onze.

E – é o dia da

E – A isposa do sr. como que chama?

3. É Analice

E – Analice?

E – Analice ...

E – Analice Boge dos Santo?

4. P1: Analice Boge ...

E – A fest' é de Senhora da Cunceição?

5. P1: Essa de hoj' é sim ... de Senhora da Cunceição

E – Seu Bertino é/é/é com' é que foi que cumeçô essa festa? Cum' é/ quando/ cum quem cumeçô cum' é que foi que cumeçô a festa?

6. P1: Realmente ... cumeçô a festa pelos tronco mais véi da gente

E – É os tronco mai véi

7. P1: É pai cumeça no pai do pai passa p' os avô da gente é intão aí gent' evém que

8. 'gente é relegioso né sempre tocan' ... finalmente essa é/essa don' aqui é minha

9. mãe ficô viúva e evém tocan' a divução né ().

10. P2: () 'tava muit' duente pegô ãa rodada muito rúim aí ele pegô assim se (ele)

11. ajudasse que ele num morresse dessa vez ele ía fazê o/fazê a reza todo ano ness' dia

E – Tem quanto tempo/quanto/ que o sinhô é/tem quanto tempo que 'tá fazen' a festa?

12. P1: Ah ... isso realmente isso 'tá cum a base duns cinqüenta ano

E – Cinqüenta ano?

13. P1: É ... que quand' eu me intindi pur gente/depois que eu intindi pur gente eis já
14. festejava muitos anos atrás E do meu tempo p'ra cá eu tô cum 40/ 'tô cum 46 ano de
15. idade e é festejan' direto

E – Desde que o sr./desde que o sr./é qual fo/a/sr. lembra qual foi a primeira veiz que o sr. foi na festa e/e pelo que as pessoas/os parente do sr. conta/ é cum'é que sr. tem noção é/é/é/ sr. mais ô meno cum'é que foi que/cum'é que criô a festa cum'é que ela sugiu?

16. P1: Se sugiu {aqui?}

E – É cum'é } que ela surgiu aqui quem troxe p'ra cá quem foi os primero que vei?

17. P1: Iss' aí é mei difici para mim

E – É?

18. P1: É purque realmente os mai véi num passava p'a gente como sugiu

E – {Não né?

19. P1:Não} a emoção da festa

E – É ... E o que o senhor sabe da festa? E assim como sugiu qual é a história que o senhor sabe dela?

20. P1: Uai a história () que é religioso é/é que tem muita fé com o Santo é o nosso

21. padruero intão graças a Deus gente é faiz tudo p'a sigui a divução da gente

E – Lá no Pombal a festa acontece porque eles 'tavam passano por ùa tormenta né?

22. P1: Por uma tromenta justamente

E – Aí eles fazem todo ano/todo ano a festa que foi p'ra ispantá né?

23. P1: É ... foi sim

E – Ess'aqui num tem nada a vê com essa tormenta?

24. P1: Não sinhora ess'aqui graças a Deus () ês passarum pur'ũa tormenta e aí ês

25. fizero vot'ô para Nossa Senhora da Conceição que se desaparecesse ês festejava

26. durante a vida desi inquanto tivess' um na famia ele festejava (...) p'a Nossa Senhora da

27. Conceição

E – E foi levada p'ra lá por um pessoal da Água Quente senhor sabe né?

28. P1: Da Água Quente

E – P'ra cá tamém vei da Água Quente?

29. P1: É ... essa daqui vei sim da Água Quente

E – A família do sinhô é de onde?

30. P1: famia minha é daqui mesmo ... tudo natural daqui

E – Daqui? O pai do sinhô é daqui?

31. P1: Daqui

E – A mãe?

32. P1: A mãe tamém ... Tud' é natural daqui

E – E o vô?

33. P1: O vô tamém tud' é natural ... Daqui de Goiais mesmo

E – É ... Dessa região do Pombal? Aqui dessa região?

34. P1: Dessa região

E – Sinhô é parente também da Maria Baiana ... do Joaquim Alves?

35. P1: Maria Baiana?

E – É a vô do seu Binidito Borges ... Num tem parentesco não?

36. P1: () Nóis é Borge mais já de ot'a linha esi lá é Borge Viera nóir samo Borge dos

37. Santo

E – A festa do tambor sinhô já o'viu falá?

38. P1: Já o'vi falá

E – Sinhô cunheceu a festa dançô o tambor?

39. P1: Aqui nós dança mostro p'ra sinhora até os tambô () Dia doze realmente é bem

40. intindido no dia de hoje ((Sábado de Aleluia)) nós reza só mei dia num tem festa

E - Hunhun

41. P1: Então no dia doze que é Dia de Santo Antone () deve que a sinhora sabe que

42. no dia 13 é o Dia Santo do Santo Antone

E – É ... de junho?

43. P1: De júnio intão nós festej' aqui do dia doze p' o dia treze levant' o mastro tem a

44. fuguera e aí de madrugada cumeç' a dança do tambô

E – Por que que é de madrugada?

45. P1: É porque realmente o costume dos mais véi gente aicançô 'ssim né intão

46. quand' era de madrugada aí se tivé dançan' ot'a dança aí pára com aquela vamo pô

47. ot'a música que é fonção dos mais véi gente aicançô dess'tip' intão gente

48. 'cumpanh' aquela fonção

E – Sinhô num sabe pur que que eles começaram com esse costume?

49. P1: {Num sei

E - de só fazê na madrugada?}

50. P1: Num sei ()

E – O sinhô sabe cum quem que eles aprenderam a dançar o tambor onde que foi?

51. P1: Ah isso/iss' aí é mei difcil de ixpricá p'ra sinhora

E – É?

52. P1: É ... Iss'áí ninguém num ... () Realmente gente samo dos mais novo quand' a
53. gente aicançô já aicançô esi brincan' assim gente num tinh'aque' intindiment' de ()

E – Sinhô 'tá cum quantos'ano?

54. P1: Quarent'e treis'ano
55. E – Quarent'e treis?
56. P1: É

E – E sinhô o'viu contá algũa história dos índio lá da Água Quente?

57. P1: É 'vi sim

E – Quê que o sinhô sabe desses índio?

58. P1: Não ... Os índio lá é sempre festejav' a fest' assim ês ficav' ocurto quand' ãa
59. mutidão ía p'ra romaria porque há muito tempo na Água Quente era ãa romaria

E – De Senhora do Livramento?

60. P1: É Nossa Senhora do Livramento São Sebastião ... É e Senhora do Rusaro eu fui
61. batizado lá n'Água Quente intão ... os índio num/ num cumparicia durante a romaria
62. depoi c' o povo ía isparramano que ficav' um (...) poca gente aí que esi ía festejá im
63. redó da Igreja de Nossa Senhora do Livramento aí esi ía fazê a festa desi só os índio

E – Era diferente a festa?

64. P1: Não mermo comum do noss' aí esi/aí esi ía cantá assim os canto desi né im
65. redó da Igreja né lovan'a Santa

E – Cantava na língua deles ô na nossa língua?

66. P1: Não na língua desi memo assim que os mair véi cantava e gent'iscutava ur
67. mai véi contá que era dess' tipo ês cantava na língua desi mermo

E – Sinhô sabe a história do minino que foi robado pelos índio?

68. P1: Eu sei

E – Sinhô conta ess'historia p'ra nós?

69. P1: Conto ... Eu ... eu vô passá p'ra sinhora direitim ripitivamente que o
70. minin'que er robô era meu tii ... Meu tii chamav'ãté {Antonin
71. P2: Boa p'ra nós ((Chega na casa o tambozero Tumé))}
72. P1: Boa

E – Cum'é que foi?

73. P1: O/O Antunin er'um caboquinh' um minino do porte dess'assim ((ao dizer, apontou para um menino de nove anos, mais ou menos))
74. sinhora sabe que minin' é bicho custoso a/a mãe dele ... que ... foi p'a fonte lavá

75. ropa e falô p'a's'irmã ... falô p'as irmã dele falô “óh 'ceis ... Antonin num vai p'o
76. corg' mais'eu não 'ceis ói'el'ái” e ela deve que foi p'o coigo e aí ar minina ...
77. moçar discuidô e ele pegô a istrada p'ra incontá a mãe lá na fonte lavan' ropa aí
78. quando pensa que não a mãe lavô a ropa tudo lá no corgo o minin' num 'pariceu
79. aí chegô im casa “minin'cadê Antunin?” “Uai mãe Antunin foi p'ra lá p'o corgo
80. p'ra ond' que a sinhora ‘tava” “Minha Nossa Senhorah” No ela vim de lá p'ra cá
81. já iscutô um minin'choran' na bera da istrada ... os índio já tinha panhad'ele ...
82. e aí ficô doida disisperô e aí/é/o/o meu bisavô chamava Rimualdo que é
83. o pai do minino meu bisavô era mei neivoso que diz que
84. tinha sãingue de índi' tamém passô mão nũa/nũa/nũa 44 “É aonde eu
85. incontrá meu fiio é eu passo fogo mair meu fii eu quero eu tenh'aqui oit'
86. cachorro aonde eu achá eu ponh' os cachorro p'a rasgá e eu vô fazê fogo” e aí os índio
87. infezô c'aquilo cond' a véia ia sozinha chamava Mariona que é a mãe do Antonin quand'
88. a véia ia sozinh' pocuran' rogan' pidia que quiria o minin' ... o minin' chorava
89. incostadin'ela e ela num via o Antunin ... aí juntô o pessoal ... p'á caçá ...aque'as
90. pessoa de idade ... aí incontrô um (terno) desi bem aqui ... num corg'aqui ... 'Cê já
91. num passô da venda p'ra cá num passô nũa ponte?

E – Hunhun

92. Chama Córgo do Puba ... aí () uns quat' home incontrô um terno desi 'tava
93. discansan'... na bera do corgo aí chegô um véi já de idade chamava o véi
94. Tumaizinh' que é o pai do Simprício ar vez 'cêis já cunhece
- E - Irmão do seu Anjo?

95. P1: Não

E - O Tumaizinh' primo do seu Anjo?

96. P1: Sogro

E - Sogro? Ah ... já 'vi falá

97. Aí cum jeito ele chegô cunversô cum eles nũa boa e falô não que tava cum minin' ...
98. que 'tava cum minin' mar num/num 'tava ness' terno não os'ot'o que 'tava cum minin'
99. 'tava mais imbaxo e era os brabo mandô es'imbora “pod'imbora pod'imbora qu'ele 'tá
100. c'or brabo se vê ocêis' aqui rarg'ocêis tudo num dá o minin' mair não purque
101. pai del' é brabo pai del' rastô aima nóir vai levá p' ardeia vai morá cu'nóis ()
102. nunca mais depois agora cum ispaço de ano nós'incontrô o minin' na Ilha
103. do Bananal ... aqui no Barro Arto a fiia del' tinha ido p'a Brasília trocá um o'ro
104. e ele ficô na serra de Ped'a de Fogo ali amoitado e aí foi vino foi vino foi no dia

105. do cumiço no tempo do Araújo foi vin' até deceu o rii e ficô aí no trev' () aí
 106. ele contô que esi cunhicia o minin'ness' época tinh'um irmão de Antuninh' e el'
 107. queria levá ele lá nas agrícola (CANG)³ cunhecê já tinha fiia moça ... um
 108. punhado de fiia moça lá nas agrícola ... nóir nunca mais viu o Antuninh'

E – E lá ês der'ot'o nome p'ra ele?

109. P1: Deu ot'o nome

E – Sinhô sabe com' er' o nome?

110. P1: Num sabe

E – E sobre aquele/o sofrimento do povo lá do Pombal sinhô chegô a 'cumpanhá lá a tormenta {deles ... jogava pedra ... era pequen'né? Sinhô 'viu contá como que foi?

111. P1: Não sinhora eu era muito piqueno

E – Era piqueno né?} Sr. 'viu contá cum'é que foi?

112. P1: () Já 'vi contá

E – Sinhô sabe contá p'ra nós como que foi que aconteceu lá como que acontecia?

113. P1: É realmente a sinhora 'tá interogan' ... como passaro munto/argum pedaço
 114. né tudo/gente né intão o véi chamava Antõin Borge ... cumeçô entrá sim nũa
 115. linha mei diferente ... passô um (desertivo) de/ ...lá corqué na/fora da linha e
 116. naquilo cumeçô ... saí mermo sinhor' intende cum'é que é cumeçô saí fora da
 117. linha um po'co depoir ele caiu im ripindimento aí cumeçô nele 'repêndê aí a
 118. coisa já cumeçô turmentá ele ... cumeçô 'turmentá ele e (num tinha como fazia)
 119. tinha/tinha ãa rezader' alí da Água Quente esi chamar'ela p'ra vim rezá o Ofício
 120. p'a vê se/se distraía talvez' a tentação né

E – A tentação era/er'o quê?

121. P1: () Gente'acha que era um mau ambiente né

E – Que linha foi essa que ele entrô?

122. P1: Iss'áí ... num sei contá p'a sinhora não ... num sei

E – Aqui agor'é município de Santa Rita do Novo Destino né?

123. P1: É ... É sim

E – Mudô né era do Barro Alto passô p'ra Santa Rita?

124. P1: Santa Rita

E – Quê que o sinhôr achô 'tá milhó 'tá pió?

125. P1: Uai p'ra nós'aqui realmente parece que 'tá 'té bom ... Miorô muito o
 126. prefeito 'tá trabaian' bem

³ Colônia Agrícola Nacional de Goiás, no município de Ceres, no centro norte goiano.

E – Quem é o prefeito?

127. P1: É o ... Vicentinh'

E – Intão o sinhôr acha que 'tá bom?

128. P1: 'Tá bom ... eu acredito que ... 'tá... assim ... num 'tá muito bão maisi tamém

129. num 'tá rúim né? 'Tá ajudan' assim o povo

E – E se mudá a situação se passá p'ro Barro Alto de novo?

130. P1: Uai realmente é ùa bênça purque meu título é do BarruAlto eu nunca tinha

131. (tid' a oportunidade)/feito título ... ()

E – Sinhôr acha que pode acontecê?

132. P1: ((meio rindo ironicamente)) Rá eu ... num acho difícil não ... assim

E – Mar voltan'naquele negócio da linha aí sinhô disse que tinha um home é o Zé Borge né/ é o Antonio Borge ele cumeçô saí fora da linha né?

133. P1: É or mai véi sempre a gente 'via or mai véi () que sim né

E – A mãe do sinhô conhece a história?

134. P1: Ah não ... ela deve de num guardá ... na ép'ca ela num/quase num saía ... de

135. casa ()

E – Será que ela fala cū'a gente ... a mãe do sr?

136. P1: A fala ... que ela/que ela sabê ela fala ()

E – É sobre ... aquel' história lá do Pombal ... que eles andava levan' tapa biliscão pedrada sra. cunhec'essa história?

137. P2: Eu 'vi or mai véi falan' má eu num {vi...

E – Num é da época da sinhora também não?}

138. P2: Não eu/ieu era minina

E - É?

139. P2: É ieu era minina

E – O quê que a sinhora oviu ês falan'?

140. P2: Uai era iss'aí daí memo

E – Como é que acontecia?

141. P2: Uai eu 'vi eis falan' assim do jeit' c'a sinhora falô aí óh

E – E pur que que era ... sra sabe?

142. P2: Ieu num sei ... Eu num sei qu' eu era minina

E – Er' o tempo do pai da sinhora intão?

143. P2: Era ... era ...Eu era minina () num sabe de nada não p'a 'tá dizen' ar coisa

144. né?

E – E a história de Eliseu sinhora cunhece?

145. P2: Hum?

E – A história do Eliseu?

146. P2: Eliseu?

E – É ... O que quiria casá cū'a moça e o pai mandô matá ((risos))

147. P2: Ah minina ((rindo)) eu num sei

E – Senhora num cunhec' essa história não?

148. P2: Não sinhora

E – Maria Baiana sinhora já 'viu falá?

149. P2: Maria Baiana? Cum'é que chama?

E – Maria Baiana a que casô cum Joaquim Alves é a vó de Benedito Borges

150. P2: Eu 'vi falan' temp' d'eu minina eu 'vi or mai véi falan' ... Maria Baiana

E – Pai da sinhora de onde que é?

151. P2: É daí ... Barreirinh ...

E – Ah Barrerinh?

152. P2: É ...

E – Essa fest'aqui tamém sinhora'acumpanha todo ano?

153. P2: Eu 'cumpanho que er'o marido meu que/{que fazia} ... é ... aí ele pidiu se

154. el'morresse num era p'a mode interrá inquanto tivesse ãa raiiz de decendência

155. era p'átocá ... el'pegô/... deu na hora de morrê ele pegô cum Santo né p'a valê

156. ele ... se ele miorasse () aí ele ... miorô mandô cunsertá () ... (o milagre

157. porque ele num morreu) ele pidiu se ele morresse num era p'a interrá ... pois'é

158. bem dess' jeitio

E – Aí o fii da sinhora 'tá dan' continuidade?

159. P2: 'Tá

E – Todu'ano'ele faiz?

160. P2: Fair ... fair todo ano né

E – Senhora tem mais fii além dele?

161. P2: Tem /tem ... êis são treis

E – Ah Mais 'cêis fazem a festa junto ô cada um faiz ãa?

162. P2: ()

163. P1: Não sempre faiz junto ()

E – Aí vem a família toda p'a festa?

164. P1: Vem ... vem a famia toda

E – E tem im março tamém?

165. P1: Tem im março ()

166. P3: () E'a 'tá perguntan' se tem im março eu tô falan' no dia 12 de junho tem

167. agora

E – Aí tem o capitão do mastro tamém?

168. P1: Tem

E – Quem que vai sê o capitão do mastro?

169. P2: É o fii do Vitô que foi acidentado ... feiz vot'o

E – Ah ele feiz vot'o né?

170. P2: Feiz ... o Senhor Sant' Antone ajudô () que ele num morreu do jeito que

171. ele ficô disacordado quais ùa semana () milagre cu'ele

E – Senhora já recebeu algum milagre tamém? ((Risos))

172. P2: Ieu já ...

E – Já? Conta p'ra mim intão ((risos))

173. P2: É de Deus oh qu'eu tô véia ... oh 'inda vivo

E – Senhora 'tá cum quantos'ano?

174. P2: Iiii ... () uns cinqüenta pr'ái

175. P1: E esse trabai rente fic' assim mei cismado má eu já cunheço sinhora qu' eu vi

176. a sinhora lá na festa intão ... fica 'ssim ar veiz falá trem demais ((Risos som do

177. tambor)) Heim agor' eu vô interrogá sinhora um po'co tamém ((risos)) ...

178. sinhora 'tá falan' se é pussiv'o municpi voltá tem/tem/tem cum' voltá p'a Barro

179. Alto?

E – Tê tem né num sei se vai 'contecê má tê jeito tem

180. P1: Tem?

E – Tem num sei se iss' acontece mais tem jeito sim ()

181. P1: () a sinhor' acha?

E – ... já aconteceu né im outros lugares ... aconteceu ((rindo)) agor'aqui eu num {sei né () eu num tenho cunversado cum ()

182. P1: Senhora/{sinhora surpirô muito fundo tô achan' que a sinhora 'tá um po'co

183. mei pur dent'o do assunto}

E – Não ((risos)) eu 'tô é mei gripada ((risos))} ... não eu num tenho cunversado cum

Grimaldi qu'eu sô amiga do Grimaldi né ... e ... aí a gente ás vezes cunversa ... quando

separô nós cunversamo sobre isso né () eu cumecei fazê a pesquisa antes de separá e aí

depois o Grimaldi foi eleito prefeito cunversei cū ele né se ele podia mim ajudá a vim p'ra

cá ... me apresentá p'o povo qu' eu num cunhicia né ... 'tava cumeçan' e ele mim ajudô dimais ... aí quando separô cunversei cū ele falei “Grimaldi cum'ê que fic' agora ((rindo)) ês passaro p'a o Novo Destino num é mais de Barro Alto cum'ê que vai ficá?” ... ele “não mesma coisa num muda nada” aí eu cuntinuei fazeno trabai mesma coisa ... Depois disso num tive mais ... incontrei cum Grimaldi lá im Goianésia, mais num pudemo cunversá porque 'tava ...

184. P2: Senhora me dá licença?

E – Senhora fica à vontade 'tá ... num teve jeito de nóis cunversá lá né im Goianésia e depois num vi ele mais ... é num andei cunversan' sobre isso não ... eu cunversei foi ali cum seu Olídio cum Da. Antonha né e ela falan' que quiria/pelo jeito quiria que voltasse ... e aí depois disso eu nem conversei mais com ela intão num 'tô saben' não... que tem jeito tem bast' o povo querê

185. P1: () derradera foi o véi ... muntos ano ... iss'aquí tem ummmm/no mínimo eu

186. acho que 'tá beran' uns cem an' esse tambor mais é zelado ... num móia é dent'

187. de casa direto 'gora no caso do coró eu quem/quem pois foi eu mermo ()

E – Iss' aí 'tá deis intão do/do pai do sr. do avô já tem quais cem ano?

188. P1: Iiiih tem ... falo p'ra senhora que tem iss'aquí já evem do meu bisavô depois

189. passô p'o avô depois passô p'o/p'o meu pai depois agora ... 'tá cum nóis ()

E – Olha só o toque ((risada do tambozeiro)) ... só p'ra sabê cum'ê que é

190. P2: ()

E – ã?

191. P4: ... o bumba e a caixa todo mundo bate nela é João Caidoso ieu () no tambor

192. é João Cardoso agor' dia que João Cardoso num 'tá ieu que bato eu bato na/a/a

193. caixa eu bato no bumba eu bato no tambô

ENTREVISTA 6 – CHJV 1:

Participante 1(ZECA): 20 anos de idade, masculino, solteiro, semi-escolarizado, natural de Uruaçu-GO.

Participante 2 (PUMAJE): 32 anos de idade, casada, escolarizada, natural da comunidade.

Participante 3: (PULU): 20 anos de idade, masculino, solteiro, semi-escolarizado, natural de Uruaçu-GO.

Tipo de entrevista: aberta.

Data: 12/06/99.

1. P1 - Ess' aqui é o Luciano

2. P3 - ... ela me conhece

((Risadas))

E - O senhor 'tá bom?

3. P4 - Jóia

4. P1 - 'Cê já sabe do trabaio qu'ela 'tá fazen' aí né?

5. P4 - Não ... num procurei que ...

6. P1 - Ela explica pr'ocê aí

E - Eu tive na casa dele ... eu tô fazen' um levantamento ()

7. P4 - ãh?

E - Tânia

8. P4 - ãrãh

9. P1 - Ela tá fazen' um trabai aí certo?

10. P4 - Certo

11. P1 - Pela comunidade ... aí ()

((Chega uma outra pessoa)).

E - Ess' é quem?

12. P1 - É Jesmair ((ou Ismair))

E - Jesmair ((ou Ismair)) é filho de quem?

13. P1 - Fii do Bernado

E - Mora pur' aqui também?

14. P1 - Não não mora im Uruaçu

E - Ah 'tá certo

15. P5 - Quê que é/que trabaio que ocê 'tá fazeno?

((Outra pessoa chega e é apresentada; a conversa é interrompida))

16. P5 - Ess'aqui é minha vó

((O assunto anterior é retomado))

17. P5 - Que trabaio que é que 'cê desenvolve?

E - É da Universidade

18. P5 - Universidade?

E - É

19. P5 - Sobre o quê?

E - As tradições

20. P5 - ()

E - Você veio de Uruaçu p'ra festa? Só p'ra festa?

21. P5 - Foi

22. P1 - Tem esses daqui tamém que mora tud'aqui Mor'ali pertin

E - Como que vai?

23. P6 - Jóia

E - Tudo bem

24. P6 - Vam' sentá

25. P1 - Não

((Risadas))

26. P6 - Óh essi/ess'aqui é meu irmão

E - Ah seu irmão?

27. P1 - Ess'aqui é minha cunhada ess'aqui é meu irmão ess'aqui é meu filho

28. ess'aqui é minha filha

29. P6 - Aqui todo mundo é parente de todo mundo

30. P1 - Éhhh

31. P1 - Ôu ess'aqui é a Tânia ela faiz um trabaio sabe sim tipo festa 'ssim...

32. Aí ela qué' conheçê o pessoal todin da região ()

33. P7 - É o mundo 'tá perdido mem' o mundo 'tá perdido

34. P2 - Aqui óh

35. P2 - Aí você vai Aí você fala () Nunca viu? Nunca viu? () Só 25 de ()

36. 26 é o () de Santa Luzia ()

E - Não

37. P2 - Vardim né

38. P8 - É lá no Vardim

39. P2 - É meu que é o () ((Risadas)) Da fulia é ele () de a cavalo ainda

40. Ah eu acho tão bunito () Nunc' assistiu? Intão você tem que chegá () É o primero
41. poso dia 26 dá no sábado Dá no sábado Dia 26 'cê vem de manhã () Aí p'ra te levá lá
42. p'r'o poso 'Cê tem que chegá mais cedo pr'ocê dá uma organizada porque lá faiz o ()
43. () P'ra acampá. () Esi faiz a chegada faiz' a chegada lá dano pelas volta de acavalo
44. Não () mais bunita eu nem sei como ixplicá E aí depois diss' todo mundo aí vai
45. procurá a pinga que 'tá iscundida no mato né Aí quand'incontra aí vai tomá aí vai ()
46. () Vai catá () Vai p'ra bera do altá Depois janta Depois reza Depois a catira Quais' a
47. noite toda Ah não 'cê tem que vê Tânia É ... MARAVILHA í lá ()
48. Sei que é muito bunita Tânia Você vai adorá Tenho certeza
49. Eu 'tava te procurano () Eu tava te procurano ()
50. Eu 'tava beben'ũa cachaç'ali () Disgrama cadê o Ro o Josmair?
51. 'Tava te caçano
52. O Josmair num 'tá inxergan'ela não
53. 'Cê veio cum quem?
54. Vam'imbora vam'imbor'agorahhh
55. Que hora qu'esi vão cumeçá a rezá?
56. Já rezôhhh
57. Não rezô nãohhh
58. Que hora que reza?
- ()

ENTREVISTA 7 – CHSB 1:

Participante1(CHSB): +/-70 anos de idade, feminino, viúva, não-escolarizada, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: aberta.

Data: 12/06/99;

()

1. P1: () e aí correu (suspendeu) e agora ês já discubriu iss'aquí ... que num qué' mim
2. dexá a/a/a neta minha ... (agor' um papelãoh)
3. P2: () os mai nov' aprendê né. ...
4. P3: (Os mai véi vai morrê se num/s'os mai novo num aprendê) ((risos))
5. P1: () ês judia c'á gente minina ... p'a dançá ã'a dança de tambô bem dançada n'ê
6. fáci não ... é só quem tem ... / já tem o/o jeito memo de dançá ... Isturdia nói dançô foi
7. muito aí no/no grup' aí () que salvô minha viage ... mai não ()

E - Cansô?

8. P1: Não num canso

E - Nãoh?

9. P1: (Eu danç') tambô aí ... e se pricisá d'eu trabaia eu/eu ... é/é pu'que eu num tô
10. trabaian' mair ... má se pricisá d'eu andá ... fazê coiqué um trem (eu faço)

E – (Grande força néh)

11. P1: () Inda bom qu'eu 'tava cum juei rúim num prestava p'a dançá mesmo ... aí Deur
12. mim ajudô que'o juei num tapaiô não ... Eu gosto muito de 'tá mechen' c'um poico ((risos))
13. eu tem um poic' aí ... aí ele quiria tomá a vazia de mii e eu num quiis dexá ... ei garrô (o
14. saco de mii) ele puxa eu puxo ele puxa eu puxo aí num deu não ... aí ele tirô (ã'a ispiga)
15. quand'ele assafanô a 'spiga eu jueiei lá no chãô ((risadas)) eu gosto muito de poico ()
16. aí ...(interte) cum esses poc' aí () O nom' do sr.?

E – Gilmá.

17. P1: Gilmá?

E – Gilmá ... É

18. P1: E da sra.?

E - Tânia.

19. P1: Tânia?

E - É ... Tânia.

20. P1: () ôta Tânia ...

E – Éh .. ‘quela é ôta Tânia ...

((risos))

21. P1: Será que ela vai voltá aqui hoje?

E – Eu num sei ...

22. P3: É capaiz de num vim não.

23. P1: ()

E – É mais faiz parte né ((risos))

24. P1: () é aqui num tem nada ... num tá ten’ nada ... é pu’que juntô aque’a cojinha (que

25. quis bebê) ... esse rapaiz que tava muntad’ aí ó ... el’ é fii d’ũa ... subrinha minha mais

26. e’a “conta pra mim tia Bartianinha” ... a ora que ele tá nũa doida assim ... () aqui no

27. Barro Alto/é só chegá no Barro Alto ... el’ mor’aqui ó ... pai dele tem um/tem um ãa

28. fazendinh’ aí ... el’ vai pra lá má a hora que ele beb’ pinga mai nu respeita ninguém ...

29. () (‘gora ele rependeu) ieu/ieu tamém ... tem um negóç’ aqui (‘sim vai fazê ãa

30. cunversinha) junta aquele povão (da/da/da/da) aí eu fui topá cu’ele cunversemo cu’ele

31. “faiz assim não ... Cê num tá cunhecen’ eu não?” ... “Tô sra. é minha tia” ... Falei “Puisé

32. ... mimm dá o pau” ... Ele tava cum pedacim de pau na mão ... Aí ele mim deu ... eu

33. falei “Cê qué í lá pra casa? Vamo pra lá eu vô fazê aimoço pr’ocê lá ... vô dá um cardim

34. pr’ocê lá” ... “Não eu vô imbora” ... Aí o minimo muntô na garupa dele (quais que todos

35. dois cai) aí saiu (nas carrera) ... Ah feiúrah ... num gosto disso não ... vem as pessoa de

36. fora pra cumpr/a/pra cumprimentá (num pode sê assim) ... a mãe dele () ... () que o

37. povo já tá falano im marrá ele ... num marrô purque eu cheguei lá () ... tem os pai de

38. famia () ((risos)) agora eu num fiquei sabem’ se é ele que tava puxan’ () ô se foi o

39. oto num sei não ... agor’ eu digo “Não ieu num sei cumé que/que/que ()

E - Sr. um/é/é católico?

40. P2: (Eu num gosto não)

E – Gosta não?

41. P2: () mai novo ... () mei bebo e eu cáí () cu’ele na garupa e el’ envém () foi a

42. derradera veiz

E – Derradera vei?

43. P2: Derradera veiz.

44. P3: Bebeu mair não.

45. P2: () Fique ruim tamém no ot’o dia (vumitei ... levantei bibi quais’um copo d’água)

((risos))

46. P1: Bebeu memo

47. P2: ... iss' é ignorância né ... () (tem pessoa) que beb' um golim na hora da cumida ()

48. ãa pinga ... ()

E – Ah de veis im quand' eu tomo uns ((risos))

49. P1: Ah éh? ((risos)) ... Esses minin' meu é só esse mais véi que/que semp' el' beb'

50. que/que toca safona ()

E – Só de veis im quando ((risos)) Veiz im quando cai ((risos)) ... () Mais é ruim () no ot' o dia num presta não ... cabeça dói ... ((risos))

51. P1: () El' tava botan' fogo num tale de/de cumpad'/um tale custeio e ela tava

52. trabaian' aí na fazenda do Tunico aí ó () ... Êh () tem que trabaia pra ficá bunita ...

53. (pa 'rumá memoh) ... Cê foi p' dond' tá seu avô hoje? (Aí é que tem rapaiz) ... () Mai

54. ficô bunito heim () o capitão? () o pai sai o fii fica ... Tava bunita mai tava (ũa

55. florinha)

E – Ela tem quantos anos () rainha? Sete anos?

56. P1: (Ês dorm' aí memo?) ()

E – Iscolh' é no dia? ...

57. P1: Sr.?

E - Iscolhe no dia o capitão?

58. P1: Tem veiz () pidi

E – Capitão/capitão dura quanto/quanto tempo?

59. P1: (Um ano) ()

E – Vamo?

60. P3: Não uai tá cedo

61. P1: Tá cedo

E – Nós tamo fazen' um trabai de iscola e aí ...

E – Nós tamo passan'

62. P1: () dançan' lá na sala () bichinha ... ea quiria 'ranjá er' um () cu'ela ()

63. cumpade meu () ((risos)) ... iss' assim diz que é crente ... ()

E – As vezes ... usa tê ãas igreja de crente que dexa dançá né ((risos)) ()

ENTREVISTA 8 – PUOL 2:

Participante1(PUOL): 59 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data da entrevista: 20/09/99.

E – ()

1. P1: Hein?

E – () todo mund' ajuda

2. P1: ((risos)) ess' aqui é um canturii de fulia () é agor' eu vô/vô cumo se diz num

3. tem a parceria p'a cantá eu vô cantá 'ssim mem' aqui 'cê qué que eu canto eu vô

4. cantá ... é el' é ãa canturia de Senhora D'Abadia é mesma coisa de São Sibastião ali

5. ... aí eu vô/aí eu vô tocá quem quisé me ajudá cantá canta quem num me ajudá me

6. iscuta né () É essa?

E – É

7. P1: Esse que é nosso sistema véi antigoh é fulia de Nossa Senhora D'Abadia fulia

8. de Divino Pai Eterno Divino Ispurto Santo ... é/é o que nós canta ... eu canto viu

9. direto eu canto quem nasceu cum instinto de cigarra tem que fazê zuera né 'tá igual

10. o Milionário e José Rico quando a gente tem um pracer' é bom demais eu (gosto) muito

11. quem me ajuda cantá ... () nós é criado tudo nós é criado junto nós cantava

12. direto junto ele trenô cantá mais eu mar ele num pára ele mora in Uruaçu num pára

13. aqui ...a gente cantá sozinh' assim é rúim dimais

E – Mais olha só: a gente quiria também que o sr. falasse sobre as festas aqui em Pombal

14. P1: Nossa as festa de Pombal aqui é boa dimaishhh ... {toda a vida ... toda ...

E – todas agor' Paula ... acho que 'cê 'tá muito agarrada nel'aí}

15. P1: () {Tem a festa lá do/do ...

E – Per'aí dex' eu dá} ãa olhadinha só um poquinh ... Mais ... assim... sobre a importância das festas do Pombal ... () 'Peraí/Per'aí eu vô combiná com o sr. sr. fala olhan' p'ra cá 'tá agora não 'per'aí um poquinh' 'tô só cumbinan' ... {num precisa gravá agora não ...

16. P1: Festa do Pombal é a mesma coisa de essa que nós tinha} ... quando noisi tocava

17. essa festa era onze dia de festa cumeçava no dia vinte e nove de novembro até nove de

18. dezembro er'o tambô caxa viola pandero sanfona ... tud' igual ... aí meu povo foi caban'

19. a metade ... e daí meu tii⁴ ‘bandonô a festa ... ficô logo viúvo né ... num tinha quem
20. arrumasse as coisa p’ra ele a muié dele passô sê crente um tempo ... ele ficô sozinh ...

E – O Simplício?

21. P1: O Simpriço é/aí ele ficô () ele () a muié dele passô sê crente muito tempo ele
22. tocav’ a festa ‘ssim memo aí minha tia que era a véia Libânea tocava a festa que ela
23. gostava muito da festa ... intão ele ficô tocan’ a festa quand’ ela morreu daí ele bandonô
24. num tocô mais a festa ... aí nói fiquemo nói treinam’ na festa nói foi treinad’ cantá nessa
25. festa de fulia .. onze dia ... todo dia nói dançav’ e farriava e bibia num tinha nada que
26. fazia que num prestava ...agora hoje ninguém pode mais fazê ãa festinha mais que o
27. povo tá fazen’ ingrisia .. é tant’ qu’ eu num gosto de festa ... eu naci na festa () 'inda
28. mais () a festa de São Sebastião igual essa aí da Olímpia e do Santo é a do Pombal e
29. do Bertino que é o Bertino faiz no dia de Sábado de Aleluia e dia 12 de nov/de ot/de
30. junho ...

E – E quando fô gravá eu vô pidi p’ra ês pará de falá lá dentro viu ...

31. P1: ... Aí 12 de junho é a festa () Santo Antonho Sábado d’ Alilua é a festa
32. de São Binidito e lá no Pombal é festa de Nossa Senhora da Cunceição () ...
33. e toda vida o povo brincava e num ... num tinha nũa fusaca ...

E – E porque que tem tanta festa’ssim seu Olídio?

34. P1: Moça quando eu na/quand’eu cheguei na/já cheguei já tinha a festa

E – Já tinha?

35. P1: ... É do tempo de meus avô ‘inda... minha vó minha bisavó ... êis tudo que era dono
36. dessa festa... quando dexô nói foi crian’ toda vida tocan’ p’ra frente

E – E esses avô bisavô sempre morar’ aqui?

37. P1: Morava tud’ aqui

E – Tud’ aqui ness’ lugá?

38. P1: Tud’ é dos índio véio ...

E – Ah era índio que tinh’ aqui?

39. Era ... era índio ... povo tud’ é dos índio ... minha vó mem’ era índia a mãe dela foi
40. pegada ali naque’a tribo ali na frent’/na/co/ ... () no tempo do povo dos antigo né ... aí
41. passô sê mĩa vó

E – E cum’ é que os nego chegar’ aqui?

42. P1: Cum’ é que é?

E - ... () os nego chegar’ aqui juntaro c’os índio que os índio já ‘tav’ aqui né?

⁴ O tio a que o informante se refere é o sr. Simplício Cardoso, irmão de Isidora Cardoso, a mãe do informante.

43. P1: Não mais os nego chegar' que 'cê sabe toda vida os nego trabaiaiva
 44. nessa/nessa/nessa linha de Brasil ... é tant' que tem um rego véi que naceu lá de Ceres⁵
 45. traçô o Maranhão⁶ tocô p' esse mund' abaxo lá po/p'a banda de rii Traíra⁷ tudo tem esse
 46. rego e todo solo tem lugá de monchão dos índio ... trabaiaiv' ... os nego trabaiaiv' ali ...
 47. intão ês 'tava tentan' puxá água do rii Aima⁸ p'o Maranhão e traçô p'o rii Traíra

E – Qué dizê que misturô né os nego com os índio ...

48. P1: É () os nego os índio

E – Ûh e de branco tem de quem aqui?

49. De branco? Ih não se fô falá im famia de branco ... galego igual essa don'aqui 'quel' ali
 50. tem galeguinh na minha famia ... galego do cabelo inroscado e a cabeça branca ...

E – É memo?

51. P1: É memo ... eu tem ... ês mora tud' ni Uruaçu eu tem () falá p'ra sinhora que nós
 52. tem uns nego branquin do cabelo/a zói azul na famia... famia noss' é grand' dimais

E – Tudo misturad' né?

53. P1: Tud' misturado ... Tem caboco galeguinh memo igual'esse minin'aqui Minha famia
 54. é grand' dimais ... tem esse pov' que mora na Bucáina lá in Uruaçu Corgo D'Água lá no
 55. ... Rii Vermei tudo tem famia só de gente galego memo ...galego do zói azu ... eu falo
 56. galego 'ssim é ess' igual você 'ssim do zói pardo

E – E os galego num vem às festa não?

57. P1: Não argum tempo vinha agora num anda vino mais que é ... todo mundo
 58. preocupado ... é ... vai formano vai ten' seus trabai dês p'ra lá né ...

E – Ahh fica mais afastado ...

59. P1: ()

E – E esses galego são filhos de portugueses fazenderos?

60. P1: Não são filh' aqui da/do interiô memo daqui da ...

E – Daqui mesmo mais tem algũa mistura cum portuguêis aí né os portuguêis dono das fazenda?

61. P1: Não() teve portugueis ... que tinha um tii meu que era chamado Antoni Gomes
 62. el' era ()

E – Sempre plantan' essas coisa memo {milho mandioca ...

⁵ Município situado no Centro-Norte goiano, vizinho a Pombal.

⁶ O rio Maranhão é um dos principais rios da região, foi bastante explorado pelos mineradores, e corta as terras de Pombal.

⁷ O rio Traíras fica no município de Niquelândia, e foi muito explorado durante o Período Aurífero em Goiás.

⁸ O Rio das Almas vai de Pirenópolis a Niquelândia, no centro-norte goiano. Também muito explorado pelos mineradores durante o Século do Ouro, em Goiás.

63. P1: Tudo ... planta tudo... arroiz} feijão míó banana e cana mandioca e nói colia e meu
 64. pai toda vida farturento minha tia farturenta é tanto que nós num sobe criá ãssim sem ...
 65. fartura ... capadaria porco vaca aí no/no past' aí tirava leite à vontade num tinha esse
 66. negócio de vendê nem nada 'gora hoje um pov' isquisito 'cê num pode nem criá mais
 67. nada ... naquele tempo criava tud' era voluntaro o mundo era laig' e agora 'tá tudo
 68. fechad' ... aí é só ãa vaquinha de leite memo p'a bebê e pronto

E – Intão vai falan' das festa agora repete tu'das festa

69. P1: De novoh?

E – É porque num 'tava gravan'...

70. P1: Ah meu Pai do céuhhh ...

E – E eu vô pidi e'as p'a calá a boca aqui sinão ...

71. P1: E'a qué que eu conto o caso da festa/da históra da festa nos/do Puba?

E – É ... e de todas as festas ...

72. P1: Nossa ... de todas as festa ...

E – Aquilo que o sr. falô agora memo mais ele num 'tava gravan'

73. P1: Não ... da festa do Bertino da festa do/do Pombal aqui do Puba ...

E – D'Abadia do São Sebastião da fulia de tudo ...

74. P1: É a festa de Senhora D'Abadia ... de Fulia ... nós ia muito no Muquém⁹ ...

E – Intão 'tá intão dex'eu ().

75. P1: Aiai...

E – Isso ...

76. P1: Nós ia muito no Muquém ... agora vô contá ot'a história já vai imendada ãa na ot'a

E – 'Tá bão

77. P1: ... Que nós ia na rumaria de Senhora D'Abadia do Muquém nós festava lá três dia
 78. de festa ... Aí nós tinha festa de Senhora da Cunceição onze dia de festa cumeçava dia
 79. vinte e nove ia até dia nove de nov/de dezembro .. aí nós ... tem a reza aqui de noss/de
 80. Senhora da Cunceição ... é ... dia 31 ... er' a fest' tinha falha nela ...nói faiava lá dançava
 81. brincava cantava pulava tambor catira e danç' e baile e aí tem a festa do Bertin' no
 82. Sábado de Alilua toca ... bailes reza toca o baile tambor catira festava dia e noite ... aí
 83. ficô p'a a festa agora de Sábado dia 12 de junho ... é a mesma festa de Santo Antóin ... é
 84. festano ... farriano ...sambano tocano viola cantano levantano mastro ... () e tamém

⁹ Trata-se da Romaria de Muquém, em louvor a Nossa Senhora D'Abadia. Muquém fica no município de Niquelândia e, segundo o historiador Paulo Bertran (1989), há duas hipóteses para a origem de Muquém: uma que afirma ter sido aquele lugar uma tribo dos índios Avá-canoeiro; a outra defende que lá era um quilombo.

85. que eu sei é só ... 'té agora ... 59 ano num é 59 dia 'tô aí e quero jogá p'ra frente ... 'tô
86. compretano 60 e eu quero interá centivinte ... ((toque de viola)) nós é fulião toda vida
87. ... Fulia de Divino Pai Eterno Senhora D'Abadia e São Sebastião e São Binidito ... e ...
88. Ispirto Santo e eu canto direto ... quarqué ãa épca da/do meis de junho ... aí tem a fulia
89. de São/de Divino Pai Etern' aqui Ispirto Santo ... aí nói vai e/e pega o núm'ro do
90. telefone de vocês vamo inconvidá p'oceis vim pr'oceis vê nós fazê ãa chegada de fulia
91. ... eu gostaria que ocêis viesse

E – Quando vai sê?

92. P1: Meis de junh' aí cêis me dão o telefone eu ligo lá cêis vêm na festa ... tem festa dia e
93. noite ... cumeça tem de cinco dia tem de três dia tem de quato dia esse cinco dia direto
94. cantano faiz chegada faiz saída canta dent'o de casa canta do lado de fora canta na saída ()

E – E nas cas' ainda distribui cumida?

95. P1: Não ... distribui cumida ... tem o poso né tem as cumida do poso armoço janta ...é
96. nois faiz saída faiz chegada tem brincadera coreto nós canta () o catira nós canta ...
97. desse jeitio aí

E – E o tambor?

98. P1: 'Gor'o tambor aquele que nós dançô onte/bateu onte ... aquele só faiz na festa
99. comum igual na festa do Pombal nessa festa que teve onte ali no/no Sant'ali/no
100. minin'ali na bera dos três ranch' e tem no Bertino são esses três ponto que tem
101. o tambor ... aí nós corrige cu'ele quem pede p'a nós i' nós vai 'té im Ceres vai
102. im Goiana vai im Brasila nós leva ele ... é faiz diferença que ninguém cunhece
103. tambor ... o tambor é do tempo dos neg' antigues 'qui da festa do Pub' aqui do
104. Pombal e do Coh'Chiquero e ... da Varedinha aí nós toca ... nós é dispunive
105. () só chamá nós vai e nós acumpanha

E – É tia do sr. a dona Sebastiana?

106. P1: A Sebastiana ô a/a dona Libânia?

E – Aquela que dançô ontem ... a ... ()

107. P1: A Bartianinha ... essa ... é lá da festa do Coh'Chiquero ...

E – Dança bunito né?

108. P1: Nosso Deur aque'a muié é boa dimais ... cond' eu bati o tambor qu'ela viu
109. que eu 'tava bateno ela pulô na dança num 'güentô não ((risos))

E – E tem nome os tambor?

110. P1: Tem é só tambor ... nós toc' é tambore

E - ... Num tem cada um um nome não?

111. P1: Não não é só tambor'e cax'e zabumba ... agor' zabumba ês num batero
 112. zabumb' aqui ontem não ês batero só no tambor e as caxa ês tinha cortad' as
 113. corda do tambor ... da zabumba ficô ruim dimais ... aquilo cond' dançava na
 114. banca ...zabumba misturada cum tambor ... Nosso Deushh aí quadra tudo
 ((toque de viola))

E – E a dona Sofia dançava também ... (antes)?

115. P1: Dançava

E – Quando/quando moça?

116. dançava toda vida ... a festa desi tinha tambor toda vida ... 'quea véia Sufia
 117. que era dura no tambor que a mãe dela era/era a véia Vitora fazia festa todo ano
 118. Ela dança bem o tambor ... ((toque de viola))

E – E o sr. acha que 'tão insinuando as criança agora ... {()}?

119. P1: () ... 'tá...}

E – As meninas e os mininos?

120. P1: Uai aqu'es que vê interessa sai pulan' junt' é mema coisa de dançá
 121. discoteca ... quando um pega dançá todo mundo dança ... é o tambor é tipo d'ũa
 122. discoteca num é? Ali de primero nós tinh'o chorado ... batia o chorado primero
 123. depoi' que entrava cum tambor junt' ... antão aí todo mundo dançava Agor'
 124. quando gente vai dançá o tambor separamo a dança ... quando vai dançá ...
 125. sinhora mais de/de/mas veia aí os nov' arrecuava pe'as dançá mode dexá
 126. adivirtir

E – Como é que é o chorado?

127. P1: O chorado tem que batê a caxa a zabumba e a viola junto 'cumpanhan' ...

E – ãhn

128. P1: ... 'gora ia banten' a caxa e a zabumba e cantava ... mesmo caturii do tambô
 129. cantava na/ ... chorado ()

E – Hum... mais todo mundo dançava ...?

130. P1: Todo mundo dançava ... e agor' cond' nós ripicav' o tambor ... já ali
 131. dançava aque'as mai véia e os minin' recuava p'um lado

E – Ah

E – ... sr. pode fazê a viola não?

132. P1: Hein?

E – Sr. num pode fazê a viola não?

E – A viola do chorado?

133. P1: Cum'é que é?

E – Num dá p'a fazê a viola do chorado?

134. P1: Ah não

E - ... só a viola sozinh'ái ... num dá ... num dá p'a fazê sem os tambor ... chorado?

135. P1: Tocá?

E – É ... tocá ... 'tão ... 'tão toca por favor

((chorado solado na viola))

136. É 'ssim memo? Aí

E – Olha só ... e depois desse chorado ... é/é/ ... depois dos tambores e tudo/quando 'tá tudo junto ... aí/é ... o violero entra com o ponteio tamém incima desse chorado não?

137. P1: Não ...

E – Algum ponteio não?

138. P1: ... o batedô é o Simpriço num quisé ele num bate ... {só bate só zabumba e a

139. caixa ()

E – Só a base mesm' né

140. só a base só a base }

E – A táh

141. P1: 'gor'o chorado põe viola põe caixa e o zabumb' e agora quand' é o tambor

142. tira viola porque sinão ... o tambor rebenta viola ... ((risos)) aí ninguém

143. mistura ... num vê o tom da viola nem ... num iscuta nada ...

E – E essa viola tamém é benta?

144. P1: Ess' aqui é benta

E – Num é qualqué um que pode tocá não?

145. P1: Quarqué um pode tocá mais el' é benta ...

E – Os tambor tamém são bento?

146. P1: Tud' é benta

E – Quem benze?

147. P1: Cum'é que é?

E – Quem benze os tambores e a viola?

148. P1: Quem benze os tambor e a viola? Nóis benze é benta aí cada um pode pegá

149. e tocá né 'prenden' ... () tudo junto

E – Tá mais vem/vem cá você falô que qualqué pessoa pode tocá mais pur'exemplo é/é/ ãa pessoa que num tem nada a ver pur'exemplo... eu ... se eu chegá e fô tocá eu posso tocá na sua viola?

150. P1: Pode tocá ...

E – Não lá na/na/na/ lá na/na/na ...

151. P1: No tambore?

E – Não lá na/na/na/na hora da/da

E – Da festa?

E – Não na hora da festa eu posso tocá?

152. P1: Pode tocá ...

E – Posso tocá?

153. P1: ... el' é comum

E – Ah tá ...

154. P1: ... é comum ... iss' aí cê pode tocá ot'o pega pode tocá pode cantá pode

155. sambá só num pode é brigá

E – Ontem/ontem/ontem/ontem um rapaiz/ eu vi um rapaiz 'tava pidin' a viola aí sr. falô não feiz assim cu'ele assim ()

156. P1 – Não não ... aquela hora ele quiria que eu tocasse p'ra ele má aí eu num

157. tinha prazo não ...

E – ... mais parece que ele quiria pegá a viola ...

158. P1: () eu dei a viola p'ra ele ... ele quiria que eu tocasse p'ra insiná ele má eu

159. 'tava sem tempo

E – Ah tá ... Aí sr./sr. pegô a viola eu vi que o sr. pegô a viola

160. P1: Eu peguei a viola que ele quiria que eu cantasse junto cu'ele e eu num tinha

161. tempo né “'gor' eu num tem tempo” 'tava na hora já cumeçan' a reza né ()

E – É 'tava na festa

162. P1: 'Tava na festa ... mai viola minha quarqué um pode tocá nela ...

E – Ah 'tá jóia

163. P1: ... num tem problema não ... iss' aqui nós pega um canta ot'o dança ot'o

164. pul' ot'o toca e aí ... é o pau quebran' direto

E – E o ponteio cum'é que é? Dá p'a tocá um ponteio?

E – Sr. Pode tocá um ponteio?

165. P1: Ponteio?

E – É sr. tava levan' agorinh' aí ũa/ũa ()

E – () ele num sabe qual é esse nome....

E – Esse/esse estil' assim sr. 'tava/sr. 'tava tocan'

166. P1: Cum'é que é?

E – É isso ... é isso

E – Mas ele num sabe o que é esse nome Pergunta a ele é o contrário cum'é que é isso

E – Como é que o sr. chama iss' aqui/aqui ... essa/essa/esse estilo de levá a viola/de tocá a viola 'ssim?

167. P1: Cum'é que é?

E – É o quê que o sr. 'tá tocan'?

E – Como é que chama esse jeito de tocá?

168. P1: É só pontiado

E – ()

((pontiado na viola))

E – a viola 'tá afinada im quato pont' aí né?

169. P1: Cum'é que é?

E – Ela 'tá afinad' im quato pontos né?

170. P1: Quato ponto ...é

((som da viola))

171. P1: Iss'aqui a hora que nós 'tá na fulia ... ess' é um canto ... canturii de

172. dispidida do poso/do dono da casa

173. P1: Iss' aí hora que nós vai fazê dispidida de saída nós cant' esse versinh'

E – Como é que disse a letra aí?

174. P1: É ... dispidida de fulia intão nói vai fazê dispidida do poso que nós posemo

175. nós agradece o posero no canturii ... aí nós agradece tudo qu'ês fizer' ali

176. aque'a dispesa () vai imbora aí vai p'ot'o poso na frente chega lá nós tem a

177. cantiga de chegada tem a cantiga de saída ... Né João Pebahhh?

E – E nessa fulia tem quantas pessoa? Se veste de/de algũa ropa diferente?

178. P1: Não ... é comum

E – É ropa comum?

179. P1: É igual nós tam' aqui ...

E – Humhum ...

180. P1: só que é toda divisada inclusivemente eu tenho a divisa no meu chapéu 'té

181. hoje ((risos)) põe na ropa põe no chapéu pinta tud' assim ...

182. P2: () us'um lenço dessa mesma core ...

E – ã ... um lenço vermelho no perscoço

183. P1: ... usa lenço

E – Hum ... tem paiço?

184. P1: Não paiaço só tem na fulia de Reis agora Divino Ispirto Santo Sinhora
 185. D'Abadia São Sebastião nói num usa paiaço só na fulia de Reis agor' fulia de
 186. Reis nóis usa paiaço

E – E o chapéu tem que sê novo na épua?

187. P1: Pode sê um boné ... () é comum ... é comum () ... é/é ... pode sê até um
 188. boné nói num/ é chã ... fulia antigues

E – Hãm ...

189. P1: p'que hoje nói tem muita buniteza e algum tempo o povo qué fazê porque
 190. nós tinha a/aquela fé po/po inteligência ... o povo intão hoje/nói vai fazê/que
 191. o povo de primero os mai véio es/es num tinh' orgulho agor' o povo 'tá sen'
 192. muito orgulhoso se num tivé bem vistido bem calçado bem ajeitado num vai ...
 193. e agora () um cavalo bem arriado é ponta capa brandana cuxunile pelego
 194. naquele tempo nós usava tudo agora hoje num usa mais ... só eu mem' mai o
 195. Dito puxan' ... nói gira fulia de apé nói gira fulia muntado ... agora memo nói
 196. girô ãa fulia na Laguna boa dimais ... nosso Deuh deu 'té monção nim nós o
 197. dia que saiu da fulia ... lá a turma do Faiz Tudo nosso Deus ... uns parente
 198. nosso lá/lá os caboco era tudo/era de fulia mermo já vei cum traje de faiá
 199. () incarretar' os caval'lá no Faiz Tudo ês incarretaro junto cum nóir
 200. ... cum noss' aqui e tamém pronto

E – E muié num canta na fulia não?

201. P1: Canta se 'judá cantá canta ((risos))

E – E entr' im casa nas casas entra ... má o palhaço num entra né?

202. P1: Palhaço ... nã/não na fulia de palhaço o palhaço entra primero que nós

E – Ah é?

203. P1:... qu'el' é/ele vai infrente ... (frigueis) ele vai im frente ... currigi a casa ...
 204. dipois intão que deu certo lá el' vai lá busca o fulião e entra p'a dento ... agor'
 205. aqui a hora que nós chegá na porta ele já 'tá p'ra cuzinh' afora já 'tá catan' ovo
 206. é caçan' galinha no ninh' e argum ... torremin que tivé frito na panela ... ãa
 207. chicaquinha de (bolo) cum poc' ele vem p'ra fora ma vem p'ra agradá os
 208. fulião ali que 'tá trabaian' ((risos)) ... paiaço é bom dimais ...

E – Quem é o paiaç' aqui ... na fulia de Reis?

209. P1: Nói num tem/num tem isculhido ... é aquele que interessá trabaia ...

E – Hum ...

210. P1: que tem um paiaço trabaia'ssim aquele que tem queda p'a sê paiaço intão

211. ele vai sê ele vai e trabaia na fulia ... agora aquele que num tem queda intão ele

212. já fica sen' fulião

E – E ele fala verso tamém?

213. P1: Não ...

E – Não ele num fala ele só faiz o/o...

214. P1: Ele só fica só ... mascarado pos'ot'o ...

E – Humm

E – A mãe do sr. cantava?

215. P1: Quem?

E – A mãe

216. P1: Minha mãe? Ela era rezadera ...

E – Ah é mesmo?

217. P1: Era rezadera e boa

E – Assim como a dona Maria ... rezadera ()?

218. P1: Mesma coisa ... minha mãe ... esa era duas colega de reza ... 'gora minha

219. mãe morreu e só fica ela e ela é a rezadera que nós 'tá ten' aqui no cas' é ela e

220. ãa Tonha lá do Reberão que tá trenan' que é mai nova hoje é professora ... é/é

221. ãa minina que sabe ajudá cantá na reza intão és trenaro e tem a cumad' Nailde

222. que é subrinha dela 'quela que 'tava lá ontem que ajuda ela ... aquela rezadera

223. véia que ela minha mãe que trenô ... e'a trenó cum minha mãe

E – Hum ...

224. P1: El' é prima da minha mãe aquela mulé ... ((som da viola)) ... Ehhh

E – Muito bem ...

225. P1: Muitio bem e agora tem jeito de caçá um jeito de armuçá que ... ((risos))

ENTREVISTA 9 – SOGOF 1:

Participante1(CHSB): 75 (?) anos de idade, feminino, viúva, não-escolarizada, natural da comunidade.

Participante 2 (SOGOF): 75 (?) anos de idade, feminino, viúva, não-escolarizada, natural da comunidade.

Participante 3 (SASOFE): 25 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado.

Participante 4 (PUAN): 50 anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: estruturada.

Data: 20/09/1999.

E – Por favor dona S. a sra./aah ... olhand' aqui p'ra mim p'ra onde eu 'tô/aah/p'ra onde 'tá sain' minha voiz ... seu nome por favor

1. P1: S. B. N.

E – A sra. nasceu aqui nessa terra?

2. P1: Naci aqui ...na/naci aqui 'qui memo município de/de Barro Alto

E – 'Tá ... Quem é seus pais?

3. P1: Meus pai/minha mãe chamava R. B. N.... agor' o meu pai eu

4. num sei o subrinome dele dereito ... mais 'vi falá que é T.C. T.

5. C. ... da Silva

E – Per'ai só um poquinho dona Sebastiana ... () de nov' óh ... pode continuá hein Pur favor repete ... seu nome

6. P1: S. B. N. ... minha mãe R.. B. N. ... e o pai

7. T. C. da S.

E – () e a senhora dona S.?

8. P2: (Ieu) meu pai eu num cunhici ele não ... eu cunhici minha mãe ... meu pai eu num

9. cunhici

E – Cum' é seu nome todo?

10. P2: Meu nome é/é/é S. G. de F.

E – E você S.?

11. P3: S. de S. F.

E – Agora a sra. ... conta a história da festa por favor dona S.?

12. P1: A que minha sogra cuntinuô fazê?

E – É ... a história toda cumo é que cumeçô a festa ...

13. P1: É a/a ... festa de onte p'ra hoje?

E – É a festa de São Sebastião de 19 de setembro cumé que ela cumeçô aqui? ... Agora conta “cumeçô cum minha sogra ...”

14. P1: É ... ela cumeçô assim ela diz que/que

E – Ela quem?

15. P1: {A minha sogra

E – ... fala “a minha sogra cumeçô ...”}

16. P1: A minha sogra cumeçô fazê essa festa po conta disso ... pur causa que ... el’era

17. viúva ... antão tinha os fii tudo piquen’ ... aí evinha dan’ ãa duença nos minin’ e ela num

18. tinha cum que tratá dos fii ... e tava corren’ muito minin’ imhora ... aí ela ficô ... cum

19. medo de dá nos fii dela ... aí ela num tinha jeito p’a dá e feiz esse vot’o p’ra São

20. Sebastião ... p’á num dexá dá nos fii dela se os fii dela saísse feliz que ela ia rezá

21. enquanto vid’ ela tivesse ... se os fii dela não desse essa duença ... e de fato não deu a

22. duença nos fii dela ... aí cond’ ela tava fazen’ ... feiz o vot’ ela falô “não cond’ eu

23. cunsigni meu vot’o a saúde dos meu fii corqué meis qu’eu os meus fii vê qu’eis ‘tá livre

24. do pirigo da duença eu faç’a reza p’a/p’a são Sebastião ... rez’ o terço” aí ela cumeçô

25. rezá im setembro e ela feiz o vot’ assim de se os fii dela num tivesse nada ela pidi um

26. ortivo p’ra ajuda fazê a/o terço ... aí ela pidiu e rezô do dia 19 p’o dia 20 ... ficô rezan’

27. toda vida ...

E – E aí dona Sufia a sra. como é que fica nessa festa quanto tempo que a sra faiz essa festa?

28. P2: Uai ... essa festa nós faiz que ela pidiu quand’ ela ‘tava muito ruim p’a/p’a/p’a

29. morrê né aí ela pidiu que nós não dexasse inquanto tivess’ um da famia né é ... era p’a

30. fazê

E – E há quantos anos a sra. é que toma conta dessa festa?

31. P2: Iiii ‘tá cum (vinte ano) ... já ‘tá cum uns vinte ano né ... ‘tá cum muitos’ano que ela

32. morreu ...

33. P1: Ah não ‘tá cum muitos’ano ... uns quarenta ano

E – E de quê que consta a festa?

34. P2: O que c’a sra falô?

E – Como é que ... ()?

35. P2: () que o povo ajuda nós dimais né ... aí tinha muit’ajuda daqueas pessoa que vêm

36. sempre dá ajuda p’ra nós né ... cum’agora memo a metade foi de ajuda.

37. P1: A minha sogra morreu ofindida de bicho ruim ... ela tinha ãa horta aí ãa muié

38. mandô pidi el’um remédio ... ela foi buscá o remédio ... aí a cobra pegô ela de

39. tardizinha ... aí isgot'ava sangue dimais foi no dia dessa festa que ela morreu p'a
 40. manhecê hoje ela morreu já de madrugada ... isgot'ava sangue dimais e ela pidia p'ra
 41. não pará cum essa festa ... quiria vê ãa vorta de tambô ... aí tocô dançô tambor ... p'ra
 42. ela vê ... aí ela ... quando foi (lá) de madrugad' ela cabô ... isgot'an' muito sangue, mais
 43. num teve remédio tamém p'ela miorá ()

E – Aqui dona Sufia ... vamo lá a festa cumeça ...

44. P2: A fest'aqui nós dam' armoço ... se fô/se fô () nói dam'a janta ... o que tivé é do
 45. povo ... aí à noite noise ... tem tambor tem dança de/cum som ... ali a brincadera tem
 46. catira ... que tem que'a dança tudo purque num tem modo de 'comodá o pessoal ... então
 47. tem que tê a brincadera ... cumeça do levant' o mastro vorta vom' jantá depois da janta
 48. nós reza depois da reza aí vamo fazê a brincadera depois da reza tem o lelão aí depois
 49. do lelão tem a brincadera ... tem de catira tem de/de tambor ... tem de som

E – E porque que aqui tem tanta festa?

50. P2: Uai ... sabe que as fest'aqui sempre as festa tud' é de divução né ... 'queas divução
 51. véia que os povo fazia né os mai véi fazia ... antonce os mai véi foi acaban' ... os que
 52. ficô os mai novo os fii neto bisneto vai fazen' cumeç'aqui no corg' do Avilin' ... nós
 53. cumeçô fazê meu marido morreu nós ... os fii meu tá ajudan' tá fazen' e eu ispero que
 54. os fii dêis vão fazê do memo jeito neto bisneto vai cresceno e vai continuan' fazê p'a vê
 55. se num acaba Er'o gosto da vó dêis ... de premero era ... dipois c'a/c'a minha sogra
 56. morreu fiquei cumandan'a festa ...aí agora fiquei sem inxeigá num inxeigo nada então
 57. ela fic'aqui com os minino ... eu tô aí maisi num inxergo nada fico sentada só memo
 58. p'a/p'a tá prusian' mai nada num inxehgo ... nós tem o maió gosto de/dessa festa sê tão
 59. ... (cumprida) ninguém nunca ach' que num vai tê fim essa festa pur causa que aí vem
 60. fii vem neto vem bisneto ... é ... então ... eu acho que ... nunca vai tê fim () não.

E – Os que tão fora vêm tamém?

61. P2: Vem não ... num é tudo () purque tem dêis que mora bem longe ... purque tem dêis
 62. que mora 'té no Mato Grosso ... mais os que 'tá 'qui pur pert' ni Uruaçú vem amigo
 63. vem parente subrinh primaiada ()

E – E quais são as festas que tem aqui im Pombal?

64. P2: Ah no Pombal aqui que eu sei é/é ess' aqui de São Sebastião é ... da véia Caiminha
 65. que é de/de Senhora da Cunceição dia/dia/dia não lá da/dêis é Senhora da Cunceição ...
 66. só que êis faiz é dia 30 de/de/dia 31 de outubro ... dia 12 é aqui no Corg' Chiquero ... de
 67. junho dia 12 de junho ... mais certa/mas certa que 'tá ten' aqui ()/aqui no fundão de
 68. São Sebastião dia 12 de janero.

()

69. P4: Tem que aprendê né....

E – Tem que aprendê mesmo?

70. P2 – () aprende tem que aprendê porque os mai véi vai acaban' tem que tê os mais

71. novo ... eu memo ... eu moro lá na Goianésia mais condo fô chegan' pert'da festa eu 'tô

72. aqui ... se Deus quisé.

E – E a catira?

73. P2: Tem catira tem tambor tem a dança do som ...

E – E ... e as reza ... o quê que tem nas reza?

74. P2: Tem a reza ... reza o teuço ... tem lelão

E – Tem algũa mocinha que isteja aprenden' cum a/ cum a dona Maria Rodrigues?

75. P2: Uai já tem delas que 'tá cumeçan' aprendê né () é ... que a reza e'as pricisa de

76. aprendê porque sinão daqui uns dia quem que vai rezá né ... tem que sê a/as minina que

77. já 'tá aprenden' ...

E – Ainda ... reza/reza todo mundo ... pode rezá todo mundo?

78. P2: Pode rezá todo mundo.

E – E nos tempos antigo não tî/ não tinha canto com o tambor não?

79. P2: Tinha ...

E – Cantava?

80. P2: tinha ... cantava ... () tambor quem cantava tinha de tocá ele e dançá

E – Ah éh? E quem cantava com o tambor?

81. P2: Agora cantá eu num sei

E – E como que ele se canta?

82. P2: Do jeito que cantô mem' aqui cantô aqui de noite

83. P*: Cantô baxin' ninguém iscutô

E – Quem era que cantava?

()

84. P2: Agora só ... cantá ... cantá eu nunca fui de ... assim cantá

E – A sra. sabe cantá as reza né?

85. P2: Não não sei eu não sei rezá ... sei assim que nem esse pov'aqui ess' pessoale que ...

86. tudo sabe rezá () o teuço tudo sabe rezá () 'cê já 'viu a rez'aqui essa noite?

E – () a reza de São Sebastião p'ra gente?

87. P2: () eu num sei ... a reza eu num sei ... que sempre tem as rezadera certa que vem né ... aí

88. ela já foi imbora ()

E – ‘tão ‘tá bom () cadê o Santo? {() }{“Meu nome é” ...

89. P3: Nome completo?}

E – e aí fala sobre a festa fala o quê que ‘cê é na festa ... você fic’ aqui

90. P3: Meu nome é Santo de Souza Fernandes é ... eu sô hoje eu sô proprietário da festa ...

91. é ... na osência do meu pai eu sô/na osência do meu pai eu sô/eu sô ele né ... intão ... só

92. isso mermo ... aí nóis tem ãa vontade de o/eu/o/ os meus filhos o meus irmão de dá

93. cutinuidade na festa ‘té p’o resto da vida né ...

E – Que festa é?

94. P3: São sebastião ... aí ... eu acho que ... inconte nóisi ixisti ela vai cuntinuí ... e ...

95. talvez a gente num pode falá assim nói vai dá ... fazê ... nói vai fazê o negoço é que

96. tem que tê ajud’/ ajuda dos amigo ... a gente tem que tê ajuda dos’ amigo p’ra podê fazê a

97. festa ... pu’que festa num se faiz só cum ãa pessoa faiz cum muita gente ... né

ENTREVISTA 10 – PUAG2:

Participante 1(PUAG): 90 anos de idade, masculino, viúvo, não-escolarizado, natural da comunidade.

Participante 2 (PUNB): 51 anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

Participante 3 (PUDAC): 12 anos de idade, masculino, solteiro, cursando o Ensino Fundamental, natural da comunidade.

Participante 4 (CHITO): 40 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada

Data: 12/06/99;

E – ()?

1. P1: Cum'ê?

E – É.

2. P1: Há... iss' aqui é... nói vei... é até fácil viu Agora sinhora já viu falá... a/ lá/ sinhora

3. já passô lá naque'a ponte/ponte do rii? Já passô lá? Pois' é de lá nói vei pra'qui óh dali

4. aque'a ponte

E – Como cham' aí?

E – Na ponte do ()?

5. P1: De lá é Riama ... é ... é ... de lá...

E – Rii das Almas né?

6. P1: É da barsa é/é de lá

E – ãã intão sinhor vei de lá p'ra cá?

E – O sinhô nasceu lá?

7. P1: Ieu ... nasci lá ... fui cumecei criá e 'cabá de criá p'ra cá

E – Por que que o sinhô vei de lá p'ra cá seu Anjo?

8. P1: P'ro quê?

E – É

9. Não é or mai véi né mĩa sinhora ... era mãe/era mãe () eu sô ãssim óh eu sô criado

10. assim voluntar'... eu num tem pai eu só te/só tem mãe que ess'eu cunhici né { mais

11. pai não ...E – Quem é a sua mãe?}

12. P1 – Hã?

E – Qual o nome da sua mãe?

13. P1: A Maria

E – Maria de quê?

14. P1: Boge

E – Maria Borges?

15. P1: É

E – E o pai?

16. P1: Pai num sei quem ...

E – Ah num tem nome não é que nem eu ... eu tamém não

17. P1: É ... {É ... Raimundo

E – Raimundo de quê?}

18. P2: Não é pu'que a mãe num ...

19. P1: a minha mãe num casô né } mãe er/er/er sô/sortera né antão eu/eu cri/ naci lá

20. naque'a ponte e de lá vim tombano ... vai p'ra'qui vai p'ra li vai p'ra culá 'té pará 'qui ...

21. é

E – Ô ô seu Anjo

22. P1: S'ora

E – Iiii ... cum'é que era ... ela era/ ela foi iscrava os {pais dela foi iscravo?}

23. P1: NÃO SINHORA ... NÃO SINHORA NÃO NÃO }

E – Nem os pais nem os avós?

24. P1: NÃO NUM TEVE ISCRAVATURA NINHUMA

E – Não né

25. P1: Não sinhora el' é dur mair véi mai num foi isca/iscaiva não

E – Hum ...

E – O sinhô cunhece alguém aqui que seja dessa {época?}

26. P1: Dessa ép'a d'iscravatura?

E – É que cunhece que tem da família que já foi?

27. P1: Ô mña sinhora eu aqui num cunheço nenhum

E – Nenhum?

28. P1: Não ... qu'eu cunheço não s'ora

E – E essa terra 'qui che/ficô p'ra vocêis pur conta de quê?

29. P1: Por quanto?

E – Quem doou essa terra?

30. P1: Quem duô? ... Iii minha sinhora a terra' qui foi duada de muntos'ano

E – Mas pur quem?

31. P1: É pur quê? É porque or/{or mair véi

E – Por quem?} Quem Quem ? Qual pessoa? Qual pessoa que dôo?

32. P1: Aha sinhora é/é/é ... pessoa munt'antigo munto véi

33. P2: é porque tem hora qu'eu tem que entrá no {mei ... num gos' de entrá no mei de

34. cunversa ...

E – Má pode entrá}

35. P2: () a terra ... essa terr'aqui foi o pai da/da m/da isposa dele que comprô ...

E – ... da Maria Boge?

36. P2: {Não

37. P1: Não}

E – Ah

38. P2: O pai da isposa dele

E – {Maria Borg'é mãe?

39. P1: Tumá Cardoso}é Tumá Caidoso que é o pai da/da/da ...

40. P2: Pai da esposa dele

E – Cum'é/é o nome?

41. P1: É ... Tumaiz ... Tumaizin Caidoso/Caidoso/Caidoso ... É Tumaizin Caidoso

E – E a sua esposa cum'era o nome?

42. P1: É a Isidora ... Caidosa tamém

E – Isidora Cardoso?

43. P1: É Cardosa

E – Ah 'tá ... intão

44. P1: É a fia do véi Tumaizin Caidoso ... É ...

E – 'Tá e aí ele duô essas terras p'ra quem?

45. P1: Uai el'aduô ela premero ficô p'o/ô/ô ... fii mai véi né Bindito Necleto ... Bindito

46. Necleto ficô p'o Sumpriço

E – P'ro Simpriço?

47. P1: É es'é a ermã a Isidora Cardosa Arcanja Ambrosa qual'é a ot'a? Forentina esses é

48. irmandade ... é ... tudo ãa irmandade ... essa daí/ess' daí ... tamém é só ...

E – Todas essas que o sinhô falô é da mesma família?

49. P1: Da mesma famia ...

E – irmão {irmandade

50. P1: Da mema famia}ermandade da mesma famia é uma irmandade só... É a Isidora

51. Aicanja e Ambrosa e Forentina ... as três irmã ... e irmão é o Benedito Necleto e

52. Simprício e um ô'to chamava Antõni tamém irmão é dũa irmandade só dessa mesma

53. famia dessa mesma ermandade

E – Benedito Antônio e Simplício?

54. P1: E Simpriço é

E – Então eram quantos irmãos?

55. P1: É de home? Hom'era/era Simpriço Antô e Binidito né

E – É três né?

56. P2: Era três home

57. P1: É Tratava de Binidito Neclito mair el' chamava Binidito Cardoso é

E – E de mulé?

58. P1: Muié é Aicanja é a premera mai véia daí Isidora daí Libânia daí Ambrosa daí

59. Forentina

E – Intão na irmandade

60. P1: Muié era mais ...

E – cinco e três oito irmãos né?

61. P1: É/ é oito

E – Hum.... E aí esse Cardoso duô a terra p'a/p'r'os filhos?

62. P1: É

E – Hum....

63. P2: 'Tá ruim das vistahhh

E – 'Tá bom agor' aí vei todo mundo p'ra cá intão?

64. P1: Dessa famia lá dessa irmandade vei

E – Hum?

65. P1: Vei tud' p'ra 'qui ...' cabô tud' aqui

E – Issa já faiz muito tempo né?

66. P1: Já faiz unr dois ano

E – Dois anos?

67. P2: Hunr ... dois ... ()

68. P1: É ((rindo)) tem uns dois ano dona ... faiz tempo/faiz tempo/faiz tempo mña sinhora

69. ... é

E – Quer dizer o sr. veio p'ra cá ... filho da Maria ...

70. P1: Borge

E – Boges ... depois é que o sr. casô cña Isadora que {era

71. P1: Isso

E – dona dessa terra}

72. P1: dona [da] terra que o pai dela era don' da terra viu/ {era don' da terra é

E – Ûmmm ...} e quantos alqueires tinha essa terra?

73. P1: Ó mĩa sinhora eu ‘vi ele falá que ele falô muitas veiz p’ra mim era/era de/de copa

74. era vinte aiquer’ só vinte era vinte aiquer ...

E – Vinte alqueires?

75. P1: É vinte aiquero

E – Ûmmm e hoje ‘inda tem vinte alqueros aqui?

76. P1: HOJE? Tem não ()

E – Pur quê?

77. P1: Uai porque um vende ãa garra ot’o vend’ ot’a () vai fican’ tud’ái ... ispiticado

E – Quer dizer que ... eu só sei que ‘tá ‘qui o Simplício e o sr. né?

78. P1: Aqui agor’ é mai é a fiarada e neto e neto ...

E – Só/só os parente da Isadora e do Simplício que ‘tão aqui?

79. P1: É

E – Os parente dos’ot’o vendero tudo?

80. P1: O do/do/dos’ot’o?

E – Do Antônio do Binidito Florentina?

81. P1: Não esse daí só vendeu o/o/um

82. P2: O Benedito Nune num vendeu não

83. P1: Não o Benedito memo num vendeu não

84. P2: Um fii dele ()

85. P1: Só um fii ... é um fii dele vendeu não que er’ o Binidit’ Necleto ... os’ot’o

86. vendeu tudo

E – Aind’ existe algum desses filho pur’ aqui?

E – É o Simplício né?

87. P1: É o Simpliço ...

88. P2: Num tem nem ãa ... aqui

E – Dessa parte o Simplício só o Simplício

89. P2: Só o Simplício

90. P1: Só o Simpliço

91. P2: ‘gor’os’ot’ irmão dele morreu tudo ... ()

E – Hūmmm

E – E ele tem quantos’ano mais o menos? Sr. tem quantosanos ()?

92. P1: Ieu? Dona eu já tem uns dois ano ... eu tô na basa de uns oitenta e nove pur’ái assim

E – Disseram p’ra mim que o sr. tinha cent’ e tantos ano

93. P1: É?

E – É ((rindo))

94. P1: Ieu? Não sinhora ((todos rindo)) ()

E – O sr. é desse século?

95. P1: ã?

E – O sr. nasceu nesse século?

96. P1: Foi uai ... foi nesse séc'lo

E – Intão pronto intão o sr. num tem mais de cem ano ((todos riem)) sr. tem registro?

97. P1: Tem

E – Ah intão pelo registro a gente sabe ... cadê o registro?

98. P1: 'Tá 'í

E – Ah intão a gente vê logo

E – Intão o sr. deve cunhecê muita história daqui né seu Anjo?

99. P1: Iiihhh graças a Deus

E – Sr. conhece a história desse lugar aqui tudo né?

100. P1: Graças a Deus cunheço bem

E – Era iss' era um po'co disso que a gente quiria também ouvi do sr.

101. P1: É? Pois'é

E – É

E – Sr. quisé contá pode contá que a gente vai iscutan'

102. P1: Não eu o qu'eu tem p'a contá é o qu'eu tô contan' p'a sinhora né ... é/é

103. só é já tem uns dois ano m'ia sinhora ... já

E – Aqui na casa do sr. tinha festa tamém sô (Anjo)?

104. P1: Festa?

E – É

105. P1: Aqui memo não só tinh' ali no/ali no Simpriço lá tinha festa de Nossa

106. Sinhora da Cunceição

E – Ah e a Isadora num fazia festa não?

107. P1: A/a/a

E – A finada sua esposa?

108. P1: Não ... fazia má er' assim morava tudo riunido antão na ep'a da festa és

109. tudo brincava né um intrava c'ua cois' ot'ô intrava c'ot'a e 'rumava a festa né

110. daí m'ito desi laigô ... parô ... pois'é

E – Já faiz tempo que ele parô?

111. P1: Já faiz faiz tempo ()

E – E qual era a festa?

112. P1: Era festa

E – Festa ... im quê que consistia essa festa cum' é que era essa festa?

113. P1: Quê que consistia essa festa ...

E – Juntava todo mundo nessa festa ()?

114. P1: Agor' aí qu'eu vô falá p'a sinhora ... aí qu'eu num dô a sinhora bem

115. indagação pu'que naque'a ep'ca/ é pu'que era festa memo viu mĩa sinhora

E – Mais de quê? Era/a/a ladainha?

116. P1: É ladainha era de/de reza ... era de reza

E – E o quê mais?

117. P1: Mai era só o curucucu do tambô e/e caixa e zabumba e/e viola e tudo

E – Ah iss' é qu'eu quiria sabê ((todos riem)) e o sr. 'tá isconden' o leite

118. P1: Não num tô isconden' eu 'tô/lá vô 'cumpanhan' a pusição da sinhora né o

119. que a sra. fô indagan' e o que eu sabê eu falo

E – Intão 'tá

120. P1: Pois'é

E – Intão a festa era de todo mundo junto

121. P1: Todo mundo junto er' um festão {mĩa sra.

E – família toda

122. P1: Toda famiage era famia toda

E – E rezava

123. P1: reza

E – Ladainha

124. P1: ladainha }

125. P2: era oit' dia de/de novena

126. P1: Era oit' dia

E – Oito dias?

127. P2: Oito dia ... oito dia

128. P1: Nove dia ... nove dia c'o dia da festa

E – No nono dia qu'era festa?

129. P1: É

130. P2: É

E – E aí/e aí depois da ladainha tinh' o quê?

131. P1: Depois que passasse a ladainha tudo aí agor' é só surucucu de tambô e
132. zabumba e caxa tudo

E – Mais p'ra dançá o quê?

133. P1: Dança? Ichih dança () dava na idéia de dançá era a/a pulan' era passe era
134. catira pulan' memo o tambô ocê e/e/e já viu? Pulan'

E – A gente viu um poquinh' só ((risos)) () a gente quiria vê mais é a gente quiria vê mais tambor mais a gente só viu um poquinh'

135. P1: Pois'é ... é ess' daí o qu'eu sei é

E – E o sr. dançava tambor tamém?

136. P1: Iiii eu pulei foi mûto
137. P2: El' era um dançadô minina e um cantadô de tambô ()

E – Ah daí foi que os filho ...

E – Foi aí que seu Olídio aprendeu né?

138. P1: É é é ((todos riem))
()

E – O Santan' é filho do sr. tamém né?

139. P2: É ... o mais véi é o Santana

E – O Santan' é o mais velho dos filho?

140. P1: É de/de fii hom' é/é o mai véi de tudo

E – Qantos filho o sr. tem?

141. P1: Ieu? Eu tem quat' home ... era/era quat'home e quat' muié era oito fii
142. P2: As muié morreu tudo
143. P1: As muié morreu tudo num ficô nem ãa ... só os home que ficô os quato má
144. os ot'o 'cabô ... as muié

E – Muito bem ... iss' aqui é a certidão de casamento do sr. que nós tam' olhan' aqui

145. P1: Éh? ((risos))

E – Pois'é ... sr. casô/ sr. casô im mil novecentos e trinta cum vinte e um ano

146. P1: Justamente

E – Num é?

147. P1: É

E – Ela cum dizenove

148. P1: É isto ... podê ... cumpará ((rindo))

E – É ... Intão sr. naceu im mil novecentos e nove

149. P1: Mil novecens e noveh

E – Muito bem

150. P3: Boa tarde

E – Boa tarde tudo bom? Como vai o sr.?

E – (Sr. tem) noventa ano

151. P1: É?

E – É sr. fez noventa ano im junho ‘x’eu vê que dia ... vê se aqui tem o dia

152. P1: Aha intão já num é oitenta mais né

E – NOVENTA

153. P1: Oitenta?

E – NOVENTA

154. P1: Noventa

E – Sr. pode dizê que tem noventa ano 'tá 'qui na certidão

155. P1: Aí ó ... 'tá véi num 'tá?

E – Nem tanto ((risos)) 'tá falan' 'tá cunversan' 'tá cum saúde num ()?

156. P1: Graças a Deus ... zangô meu é/é/é a vista minha vista que zangô

E – A vista?

157. P1: É num inxeigo é

E – É né?

158. P1: É minha vista que zangô

E – Faiz operação de catarata ... num é catarata não?

159. P2: É o dotô falô

160. P1: Dotô falô fiz ãixame o dotô diss' qu' é catarata

E – É/é/é

161. P1: É diss' que tem que fazê operação né ieu/eu fui no dotô e ele mim ãxpricô

162. que era mod'eu fazê a catarata má eu fico disanimad' dona

E – Não ... minha sogra fez cum oitenta e quatro ano ficô boa ven' TUDO parece um milagre viu

163. P1: É? Será qu'eu/será qu'eu fazisse eu ficav' assim?

E – Fa/tenta ela fez e ficô boa

164. P1: Hein eu 'inda (hei) de tentá 'té trabaiá pu'que eu nem trabaiá num trabaio

165. mais a vista num dá né má s'eu fazesse a operação da vista e se minha vista

166. voltasse eu ia vê se plantava o meno uns dois pé de mandioca né

E – Seu Anjo sr. dex'eu tirá ãa foto do sr. ãa fotografia?

167. P1: Tem 'portança não ... já 'tá véi memo né ((risadas))

E – Falô que já 'tá velho mesmo ... num tem problema não ((risos))

E – Tira d'aqui ó num é melhó não? {Seu Anjo

168. P1: (Pode tirá dona tem p'/portança não}já tá véi memo

E – Não eu ia perguntá seu nome eu num me lembro

169. P1: ã{Senta ... senta

E – Cum'é seu nome? } E a sua nora também ess'é neto e o neto tamém

170. P1: É ess' aí tud' é/é/é um é neto

171. P2: Tud'é neto

172. P1: É todor dois' é neto

173. P2: 'inda tem o ot'o/o ot'o 'tá lá dento ((meio rindo))

E – Aqui cum' é seu nome ... você?

174. P4: Danival

E – 'cê istud' aonde?

175. P4: Ali ni tii Olidio

176. P2: {Ali naquele colégio

177. P1: É ni Pombá ... no colege do Pombá}

E – Aqui num é Pombal tamém não?

178. P1: ã ã?

E – Aqui num é Pombal tamém não seu Jô/seu Anjo?

179. P1: Aqui?

E – É

180. P1: Aqui só trata Pombá é travessô Pombá p'ra cá é lá no Pombá

E – Ah

181. P1: É

E – El'é neto ô bisneto do sr.?

182. P1: {É neto

183. P2: É neto} El'é fii do fii do seu ()

E – É neto do filho

184. P1: É ééé

185. P2: El'é fii do caçulo dele ... D.

E – D. e você gosta de catira?

186. P4: {Gosto

187. P1: Ichi Nossa Sinhorah}

E – 'Cê sabe dançá?

188. P4: Sei

E – Sabe tocá o tambor

189. P4: Não

E – Sabe tocá o quê?

190. P4: Nada

E – E num tem vanta' de aprendê não?

191. P4: Tenho

E – E na iscola insina? E ... e/e/e D./ é D.?

192. P2: É D.

E – D. e/e/e lá na iscola de veiz inquand' dança catira?

193. P4: Dança não

E – Não?

194. P4: Não

195. P2: () na festa assim ó que sai na fulia hor' que ()

E – Ah você sai na fulia?

196. P4: Sai

E – Oiah que bunitoh eu quero vim aqui vê a fulia A fu/fulia im julh' né?

197. P4: É

198. P1: É im juilo

199. P2: O Tumé vai tirá ùa

E – Vai tirá um? Óiah pagament' de promessa?

200. P3: É

E – Qual promessa que 'cê feiz?

201. P3: A promessa () intão agor' vô tirá a fulia ()

202. P2: () teve pu morto a/a gent' achava qu'ele tava morto ()

203. P3: Cum quem? ()

E – Intão fizeram voto da fulia do Divino Pai Eterno p'ra ele?

E – Aqui num tem fulia no natal e no (dia) de Reis não?

204. P1: Tem não algum ano mais é de prumessa né ... senta dona

E – E aí cum' é que 'tá sen'essa fulia () hein cum' é que faz essa fulia cum' é que ond' é que cumeça ond' é que acaba

205. P1: Uai cumeç' é na casa dele né e/e/e 'caba na casa de quaiqué um lá ond'

206. 'remata fulia'í 'caba

E – E quanto/quantos fuliões vão na fulia?

207. P1: Uai aí () sempre usa ‘cumpanhá muito mĩa sra.

E – Num tem limite certo né?

208. P1: Num tem não ()

E – Pode sê deiz pode sê vinte

209. P1: Pode iss’ aí contia que Deus ajuda que dé () é

E – E toc’o quê na fulia?

210. P1: É caxa é viola essar coisa pandero se tivé ‘cumpanha tudo

E - Ah

E – E sr. sabe tocá ... ah num troxeh

E – Aqui o sr. sabe cantá os canto da fulia seu Anjo?

211. P1: Eu?

E – É

212. P1: A’gum/a’gum vers’ eu sei mĩa sra e ot’os não

E – Intão cant’ aí p’ra nós

213. P1: Aqui agor’ num dá

E – Purquê?

214. P1: Eu num dô conta mais

E – Ah é? Sr. ‘tá/ele ‘tá ... porque que num dá conta tem que tê ãa voiz ispecial?

215. P1: É não (tem que tê voiz ... eu sei) que num dá mais

E – Ah ((todos riem)) () p’ũa reunião ()

E – Ô seu Anjohhh

216. P1: S’óra

E – Gostaria que o sr. falasse sobre a Terra Branca

217. P1: É? Terra Branca?

E – É

E – Ela fala meio inrolado ... é porque falaro p’ra gente ...

218. P1: Ah Terra Branca?

E – É

219. P1: Pois’ é lá cunhici lá muito ainda festei lá muito fazia festa lá tamém de

220. casamento Nossa Sin’ora né () Terra Branca

E – Porque que é Terra Branca?

221. P1: Aonde? Fic’ aqui im baxo ()

E – Lá pert’ do Maranhão?

222. P1: P’ra lá de Maranhão lad’ de lá/de lá do Maranhão é que é a Terra Branca ...

223. Maisi a/a Terra Branca memo fica do lad' de cá na bera do Maranhão imbaxo

224. ... a sin'ora já foi na Taniollo?¹⁰

E – Fui não ... cum' é o nome que o sr. falô?

225. P1: Taniollo

E – Taniollo?

226. P1: É

E – Não num fui () é casa é/é/é uma pessoa que mora lá?

227. P1: É gente que {morava lá é e mor' até hoj' ' inda tem um pessuá que vei de/de

228. fora que vei pr' aí () Pois' é

E – Ah tá } Ã.....

E – E essa Terra Branca tamém pertencia ao pessoal de Pombal?

229. P1: Não sin'ora

E – Não né?

230. P1: Não ... e'a pirtincia só memo o povo de lá do/do ot' o lado do Rii Maranhão

231. (já 'viu falá n' Água Quente?)

E – Já {Água Quente

232. P1: Pois' é}

E – Mais ia 'té lá? Pombal ia 'té lá ()?

233. P1: Não não ()

E – (Imendava) onde?

234. P1: Lá toda vid' é Maranhão e/e/e má lá total' ali que amarra mem' é a/a/é Água

235. Quente é o nome de lá né

E – E o sr. tem parente pur lá tamém (pr'aquelas banda)?

236. P1: Iiii mĩa sra eu tem parente pur' esse mund' aí tudo ((risadas))

E – Muito grande né?

237. P1: É ()

E – A famíli' é grande né

238. P1: É/é/é

E – (De) quem é agora a Terra Branca?

239. P1: Ah a Terra Branca 'gora' é da/da Toniollo

240. P2: é da Toniollo

E – Tonioll' é home ô muié?

¹⁰ Toniollo Busnello era uma empresa gaúcha de terraplanagem que veio a trabalho para Goiás e, sabendo que na região da Cachoeira do Machadinho havia muito ouro, comprou as terras que vão de Lagoa Seca até a Cachoeira do Machadinho, com a finalidade de extraírem ouro e investirem na agropecuária, de 1981 a .

241. P1: É/é/é o nome do lugá

E – É o nome do lugá ... ah Toniollo é o nome do lugá?

242. P1: É o nome do lugá

E – E o dono quem é?

243. P1: O don' agor' é eu nem cunheço o pessoá de lá () direito sin'ora ... é tud'

244. de fora eu quais num labuto p'ra lá ... né eu num fico sabem' quem é nem quem

245. num é

E – E quem vendeu p'ra eles?

246. P1: Quem vendeu p'ra eis foi o ... 'té isquici o nome do/do/do/do que vendeu aí

247. que vendeu aí p'a eis num lembro mais ()

E – (Manuel) Borge quem é?

248. P1: Hũ ?

E – Manel Borge?

249. P1: Manel Boge?

E – É

250. P1: Maneli Boge?

E – É

251. P1: Uai eu cunheç' um Maneli Bog' aqui é/é eu num lem/'té é um subrinh' meu

252. né

253. P2: Quê que tem o Manel Boge?

E – Filho de Quem?

254. P2: Mais num sabe qual Manel tem muito Manel

E – Ah tem muito Manel () tud' é rípitido né Manel Boge Binidito Boge ()

255. P1: Iii aqui tem é muito é ...

256. P2: E o quê que tem esse/esse Manel Boge?

E – A () mor' aqui ainda?

257. P2: Não

E – Mor' aonde?

258. P2: Eu/eu cunheço dois Manel Boge

E – ã?

259. P2: Um inclusive (é meu irmão) um dê's num mor' aqui mais não ()

E – Ele que tem muita terr' aqui?

260. P2: Não ()

E – Má tem ot' o Manuel Boge que tem muita terra 'qui?

261. P2: Não aqui Manuel Borge eu num cunheço não ()

E – E Benedito Boges? Tem terra? Muita terra?

262. P2: (tem) má eu num sei s' é muita não ((risos)) ()

E – É o/el' é que sabe viu ()

263. P2: Ah ele/ele que é o mais véi né

E – Quantos ano () o Binidito Boge?

264. P1: Binidito Boge dona a/ah terra dêis era tudo no (comum) agor' dispois que o

265. véi fartô êis deve 'tê repartid' ela mais eu num fiquei sabem' quanto que saiu por

266. herdero né agor' () veinha eu num sei quanto saiu p'os herdero

E – Áãã E esse Binidito Boge tem algũa coisa a vê cum o Binidito Anacleto?

267. P1: O Necleto?

E – É o Cleto o Cardoso que era Binidito Cardoso?

268. P1: A e/êis tratav' el' assim uns tratav'ele de Binidito Necleto ot'os tratav'ele

269. de Binidito Cardoso

E – Mais e o Binidito Boge é parente?

270. P1: Não num é

E – Não intão eu acho que a pergunta 'tá errada ... Quais as família que têm aqui no Pombal? {Quais as família que têm aqui no Pombal?

271. P1: Hein?} Dent' do Pombal?

E – É

272. P1: Pois' é ãa é do Bindito Boge e ot' a é o/o/o tem muito mĩa sin' ora a fãmia

273. dent' do Pombal tem muito

E – Sr. lembra de todas?

274. P1: Lembro d' um muncado que eu cunhici lembro ot'os a idéia foge e eu num

275. dô conta de ixpinicá quem num é nem quem que é ... aqui ô vô falá p'ra sin' ora

276. aqui tem o Bindito Boge ês é/é/é () Bindito Boge ... é o mĩa sin' ora ês é um

277. bucado eu num dô conta de (reduzi) tud' agora ... a minha idéia infraqueceu ()

278. era don' da festa ()

E – E Macedo tem também?

279. P2: Tem não

280. P1: Maceda?

E – Macedo

281. P2: Tem não {tem/tem Bartião Macedo

282. P1: Macedo?} Tem Bartião Macedo

E – Ah é lá () seu Sebastiãohhh

283. P2: É

284. P3: É

E – () não tem Rodrigues?

285. P2: Tem Rodrigue lá ()

E – Ah a 'tá ... ess'aqui é a dona Maria?

286. P2: É tia minha irmã do meu pai () famia minha tamém só tem essa ()

E – A dona Maria 'tá boa?

287. P2: 'Tá boa graças a Deus

E – A gente 'tá indo lá () agora vamo ficá né

E – E quantos filho sr. teve sr. ()?

288. P1: Eu?

E – É quantos filho sr. teve?

289. P1: Quantos quilo?

E – Filho

290. P1: Fii ah eu fii eu tiv' unr oito

E – Oito?

291. P1: É

E – Cadê eles?

292. P1: A metade já morreu tudo ... ficô só aí os que t'ái memo ... era quat'home e

293. quato muié

E – Húmm

294. P1: É

E – E quem que 'tá viv' ainda?

E – Quais que tão vivo?

295. P1: Ah que 'tá viv' só esses quat'hom'ái ()

E – O nome

296. P1: Ah o nome é/é/é/ é Santana Ulídio e/e/e Siliveste e o Antôi

E – Mora tud'aqui no Pombal?

297. P1: Mora tud' aqui im Pombal mora tud' ali óh naque'a região ali ó sra. vei sra.

298. vei aí né

E – É o Olídio eu tive lá na casa dele

299. P1: Pois'é um é ess' aí os'ot'o 'tá tud' lá incostado

E – E eles trabalh' im quê?

300. P1: Ês tud' trabai' é im lavora de roça

E – Na roça?

301. P1: É na roça

E – Aqui memo (mai perto)?

302. P1: É aqui memo

E – () o quê que 'ceis plant' aqui?

303. P1: Aqui é/é míi e arroiz mandioca banana e laranja e cana só

E – Só p'a cumê ô p'a vendê tamém?

304. P1: Não é só p'a cumê

E – Num dá p'a vendê?

305. P1: {Num/ num vende/ num vende

306. P2: Nói nunca vendeu não }

307. P1: Nunca vendeu não ... só memo p'a p'a minin' divirti (c'as coisa) ((risos))

E – E gad' aqui num tem gado não?

308. P1: Não sinhora

E – Ninguém tem um gadin?

309. P1: Aqui não ... já criei muito dona despois 'cabô tudo () tud' 'cabô

E – É memo?

310. P1: É já criei 'té bem má agor' num tem não

E – E ũa vaquinha faiz falta né?

311. P1: Faiz dimais faiz ... faiz dimais

E – () já teve?

312. P1: Já ... graças a Deus

E – Só o sr. que tinha ô/ô/ô ()?

313. P1: É/é/é ieu e argum dor minin' andô teno má os'ot'o (de resto) só o Simpriço

314. 'tava crian' tamém êis agora ()

E – O Simplício cri' ainda?

315. P1: 'Cabô tamém

E – 'Cabô tamém?

316. P1: 'Cabô ... só or minin' dele que cria

E – Cria gado?

317. P1: Cria

E – E/e/e/e porco todo mundo tem? Qu'eu 'tô veno porc' aqui

318. P1: Poico?

E – Porco?

319. P1: Poico ... eu mem' só de ingorda mĩa sin'ora nós num cria tamém

E – É?

320. P1: Ess' daí é da/ é da minina/ess' daí é/é a Nestina que 'tá () c' esses leitão

E – E com' é que come?

321. P1: Cond' é? Ah daqui uns seis ô oito mês im diente vai matan' aí e cumen'

E – Ah num tem um dia ispecial?

322. P1: É

323. P2: Num tem dia marcado não

E – Não? (Num é dia) de festa não?

324. P2: Não.

E – Eu cunheço ãa comunidade lá im (Curiaú) eles cria e faiz ãa festança no dia matá boi matá porco matá ()

325. P1: Aqui tamém já feiz assim tamém mata boi mata vaca mata porco mata bode

326. mata tudo () é

E – Sr. já 'viu fala im vaca recheada? Aqui tem vaca recheada?

327. P1: Não sin'ora eu nunca 'vi ((risos))

E – É lá im Minas ês faiz

328. P1: É?

329. P2: () a vaca recheada?

E – Eu num sei que meu marido que fala que el' é que é de lá eu só fic' imaginan' é ãa vaca recheada de quê? ((risos))

330. P1: De quê?

E – De farofa? Num dá néh

331. P1: Farofa? Pode sê farofa ... pode sê farofa né

E – Quantos quilo de farinha?

332. P1: É uns/uns deiz quil' dá muncad' de/de/de ((risos)) é

E – Né? Num dá não ... acho qu' é brincadera () o quê que com' aqui? O quê que come no dia a dia?

333. P2: Na festa?

E – É ... no dia a dia

334. P2: Assim igual' assim hoje?

E – É

335. P2: Ah com' arroiz feção

336. P1: Mandioca (quan'o) tem { abroba
 337. P2: quand' pode compra carne
 338. P1: quand' pode ... dá jeito comprá ãa carinha compra é
 339. P2: abroba quiabo
 340. P1: quiab' abroba jiló é}

E – E aqui num caça não () tem caça?

341. P1: Não sin'ora ess' aqui 'cabô
 342. P2: {Num 'tá podeno caçá
 343. P1: num po' matá tinha caça tinha muito má agor' num () num caço

E – Caçav' o quê?

344. P1: O quê? () bichin

E – Mai que bicho?

345. P1: E'a er' catitu e'a anta viado é/é/é essas cois' ãssim que cachorr' levantava

E - Húmm mai ainda tem né?

346. P1: ã ainda tem muito po'co racionado má a/ainda 'ranj' algum

E – Mais não num pode caçá

347. P1: Mai num pode caçá

E – Pur que seu Anjo?

348. P1: Uai pu'que o/o/os' imbam' aqui num dexe

E – Ah ês num dexe não?

349. P1: É dexe não

E – No dia que a gente foi na festa na casa da don' Agustinha ele/ tev' um sr. lá que conseguiu pegá um tatu

350. P1: É?

E – É um tatuzão () ele/el' usav' ãa/ãa cestinha cum' é que é o nome da cesta

351. P2: Arapuca?

E – Não

352. P2: Gaiola? {tem ãa gaiolinha que é jiqui que fala

E – Não} ... é ... jiqui ixatamente

353. P1: É jiqui é

E – De quê que é feito aquele negócio sr. sabe?

354. P1: Eu sabe () faiz é/é ()

E – É né? () farofa de tatu?

355. P1: Hein?

E – Mais aí se caçá vai ‘cabá né ... pur’isso que eles proíbe será?

356. P1: É?

E – Num sei tô perguntan’ ... porque que o sr. acha que eles proibiram?

357. P1: Ah iss’ aí p’a cumê uai

E – Não pur que que o Ibama proibiu de caçá?

358. P1: Ninguém sabe é/é num sei cum’ é qu’ é iss’ não dona

E – Pur que que () ‘caba? Pa cumê?

359. P1: É ... uai só p’a mantê ês num pudia fazê isso não uai né ... mais’ ês num

360. dexa não êis inventar’ isso (que de premero num tinh’essas coisa não aqui pelo

361. meno não) é

E – () ‘oceis cumiam no dia a dia p’a cumê assim naquei dia né?

362. P1: É a/a quaiqué dia

363. P2: Agor’ ficô difíci porque ()

364. P1: Agor’ ficô difíci viu

E – ‘Ceis tem que comprá carne no açougue?

365. P1: É se num comprá num come

E – Oi ess’ aqui que lindoh tir’ũa foto

E – Ess’ aí já faz tempo que num é usado né? Com’ é que é ixplica p’ra gente ele entr’ aí dentro aí puxa portinha?

366. P2: É porque ()

E – Cum’ é que abre? () cum’ é que amarra?

367. P3: (Assim coloc’ela no burac’ assim aí põe logo o pau nela)

E – () de quê?

368. P2: () tem cachorro bão que ()

E – Pegav’ era na unha né?

369. P1: {E’a

370. P2: () ‘ssim oh}cachorro pega pelo rast’ e/e corr’ ele ... ele toca no buraco e

371. ‘cê vai e tira ()

E - Ahhh

E – () mei do terror’ ali () Ahh intão a gent’ tinha que ajudá ela caçá o tatu

E – () quando num tinha jiqui era na unha né

372. P1: () era na unha

E – E o sr. tamém pegav’ o tor’ à unha? ((risos)) Hein seu Anjo?

373. P1: Sin’ora

E – O toro tamém pegav' à unha?

374. P1: Na unha?

E – É é éh

375. P1: toro? {{{risos}}

E – É é éh} Cum'é que faiz p'a pegá onça paca essas coisa?

376. P1: Uai é esses cachorro

E – Ah intão 'tá bão ... num tinh' ispingarda não?

377. P1: Tinha

E – Ah tinh' ispingarda?

378. P1: Tinha

E – Sr. tem ispingard' aí?

379. P1: Eu?

E – É

380. P1: Tem não

E – O sr. nunca tocô os tambor não?

381. P1: Tambô?

E – É

382. P1: Iiii já bati foi muito

E – Bateu muito?

383. P1: Já

E – E quem é o dono dos tambor {()}?

384. P1: Ah tambô er' de nós memo} () que fazia

E – Ã?

385. P1: () er' de nós memo

E – Quem fazia?

386. P1: Er' nós

E – É?

387. P1: É

E – O sr. fazia?

388. P1: Ah ah o/o ... tirav' o pau ocad' aí o ()

E – De qual madeira?

389. P1: Hein?

E – Qual madeira? Pau ocado de qual madeira?

390. P1: É qualqué ma' esse (uru) roxo esse () peg' o machado () jacaré aruera

391. ... que tivess' tivess' oco ... fazia ... né ... é.

E – E/e quem é que aprendeu a fazê? ()

392. P1: Êh iss' aí eu num dô conta não iss' aí já evem de muito longe

E – Ê né?

393. P1: Ê

E – Sr. aprendeu cum quem?

394. P1: Eu?

E – Ê

395. P1: Ah eu aprindi foi cum me/me/meus avô me/me/meu/meus avô ... é fazia

396. esses/ 'rumav' esses/sempe ês fazia a festa né ... preparô p'a 'rruma esses trem

397. e (êsi) deu certo né bati' aí e o pov' pulav' e batia parma e cantava e er' muito

398. viu

E – Noit' intera?

399. P1: Noit' intera inté manhicê ... 'té o dia manhicê ... noit' ' intera

E – Êta tempo bão heinh

400. P1: Aquei temp' era bão

E – Sr. dançava cum quem?

401. P1: ã?

E – Cum quem o sr. dançava?

402. P1: Corqué um ((risos; muitos risos))

E – E a Isidora num ficava cum ciúme não?

403. P1: ã

E – A Isidora (muié dele)?

404. P1: Não não e'a num 'portava e'a/e'a tamém dançava ... e'a tamém dançava dona

E – Ah ela tamém dançava cum qualqué um?

405. P1: Corqué um

E – O sr. dexava tamém?

406. P1: Dexava ... tinha 'portança não ... eu dançav' uai ela tamém podia dançá ((risos))

407. () é uai cum respeito ...

E – Num tem problema nũ ... tud' im família tamém né

408. P1: ã?

E – Tud' é na família tamém né

409. P1: Ê a famia mem' ... a famia/famia e muitos cunhicido né ... é e gostava de/do

410. divirtimento ... né ()

E – 'Cê mor' ali naquela casa?

411. P2: Eu? Mor'ali

E – Ah ... () a festa durav' a noit' intera só dançan'

412. P1: É noit' intera ... 'té o dia manhicê ... 'té o sol saí

E – Mai sempre tinha reza antes da dança?

413. P1: Tinha a reza ... er' necessaro ... rez' era premero

414. P2: Aí levantav' o mastro depois rezava e daí jantava

415. P1: {Daí ia jantá e depois ia pulá

416. P2: Depois que passav' o leilão intão ia jantá}

E – E jantav' o quê?

417. P2: Arroiz {fejão

418. P1: Arroiz fejão caine

419. P2: Catulé ()

420. P1: Catulé ... mandioca}

E – Catulé é o quê?

421. P2: É aquilo {qu'eu tava pican'}

422. P1: Gueroba

E – Guariroba

E – Ah é guerobah Uai mudô de nom' intão?

E – Não catulé ()

423. P1: Um trata um d'um jeit' ot'o trata {d' ot'o

424. P2: Um fala gueroba ot'o fala catulé do campo

E – Catulé do camp' é gueroba

E – E aí toca p'a dançá era só tambor e catira?

425. P1: É ()

426. P2: Toca ot'as música ()

E – Toca tamém ot'as música ()?

427. P1: Cantava

E – Quem que tava tocan'?

428. P2: Nessa época num tinha ()

429. P1: Tinha não tinha não ()

430. P2: Tinha não uai () mais era só de sanfona

E – 'Cê inda pegô essa época ô () ô N.?

431. P2: Iiii essas fest' aí () má nós dançav' até

E – Hein?

432. P2: Dançav' até (o sol raiá)

E – Mais só dançava no último dia da novena?

433. P2: {Não ()

434. P1: Não não () da novena tudo }

E – Nove dia de dançah?

435. P2: () o dono queresse dançava

436. P1: É ((risos)) não er' divertimento mem' dona

E – É memo?

437. P1: É er' () bão

438. P2: Pov' dançava di' interinh' assim ó

E – É dançava de dia num era só (de) noite não?

439. P1: Não dançava de di' e noite

440. P2: () pov' dançava d'iiiinterinh' e era de faia () di' intero dançan' noit' intera ia

441. terminá n'ot'o dia ()

E – Ah eu num intindi o quê que era de faia não

442. P2: Nãoh?

E – Quê que é?

443. P2: É assim óh de faia assim igual a fest' aí era de dia até manhecê (onte)() aí

444. n' ot'o dia tinh' a festa d'interio noit' intera de novo

E – Hũh ... Nossa Senhora da Cunceição ... im dezembro?

445. P2: Nossa Senhora da Cunceição dia oito de dezembro

E – Sete p'ra oit' de dezembro? Mais antes a/a novena já tinha cumeçad' dia dia 30 de novembro?

446. P2: Já...

447. P1: Já o/é dia 29 de novembro

E – Dia 29 de novembro?

448. P1: É

E – () dia oito ... aí no dia oit' é que cantava ()? E foi diminuin' aos po'co

449. P1: Foi caban' tud' de vagarzinh'

450. P2: A famia foi 'caban' é

451. P1: Parô ... () o don' da casa que é o Simpricio ... muié dele passô sê crente ...

452. e largô de fazê a festa

E – Hũh ... Seu Simplício é crente tamém ô ele dexô de sê?

453. P2: ()

E – Só a muié dele que/diz que passô sê?

454. P2: Só a muié dele que era

E – Iss' já faiz muito tempo né?

455. P2: Já

E – Quantos ano mais ô menos?

456. P2: Que ... qu' ele parô c'a festa?

E – É

457. P1: (Faiz é) tempoh

E – E ninguém ()?

458. P2: ()

E – E as promessa heim ... cum'ê/cum'ê que era ... porque tem a igual/igual a dele ... naquela época tamém se fazia a/o/o/o pidido/a promessa antes da festa? Num é promessa que chama não né ... é voto?

459. P2: É uns fala voto ot'os fala promessa né ... porque ele/el'aqui foi pur caus'

460. que ele 'dueceu aí ele ficô ruim¹¹ ... aí meu cunhado Bertino que é ... fii da Maria

461. Boge tamém () aí foi pegô levô ele p'a Barro Alto ... levô ele p'á Barro Alto aí

462. voltô ele num tarra cuidan' dele nada ele tava cada veiz pió ... num tarra

463. mioran' aí meu cunhado pegô ele e levô p'a Uruaçu ... ligô p'um irmão meu que

464. mora im Uruaçu aí levô ele p'ra lá ... aí ele foi siguin' ruim ruim 'ssim memo

465. num cunversava num cumia num mixia nadinha deitad' assim quetinh' 'cê oiava

466. falava que tinha murrido ... aí nós foi lá oiá ele () ah ess' aqui pode sê que vai

467. tê vida mais ... depois meu irmão mexeu lá cunversô c'os () p'a operá ele ()

468. de/de derram' ... ele/elevô ãa queda de animal e alí sintiu ãa dor de cabeça e

469. aí provocô o derrame.

E – Deve tê dad' um coágulo né?

470. P2: É ... aí operô ele Deus ajudô que/ pegô cum Deus ... Deus ajudô que deu

471. vida p'ra ele ... aí ele tem esse voto p'a cumpri

E – () todo ano? Todo ano ele cumpre não?

472. P2: Não ... só esse ano

E – Só esse ano?

473. P2: Ei tem a idad' de/de trinta e po'cos ano né Tumé?

¹¹ A informante está se referindo ao tambozeiro Tomé, seu irmão, que sofreu derrame e prometeu tirar fulia de Divino Pai Eterno em sua casa se fosse curado.

474. P4: Ieu?
475. P2: Ocê
476. P4: () quanto ano?

477. P2: TRINTA
478. P4: Quarent' e dois

E – Quarenta e dois né?

479. P2 Ele tem ... quarenta e dois ano

E – Intão ()

E – E ele teve esse negócio quando ... tem quanto tempo ... que ele foi operado?

480. P2: () ano ... feiz agor' im im junho

E – Ah ... Igual a história dele tem muitas outras aqui na região? É tê/tê que pagá voto por problema de saúde?

481. P2: Iiii tem é muit' aí que faiz

E – É? Na famíli'aqui tem alguém?

E – Na sua família {()

482. P2: () } e muitos já cumpriro muitos vot' aqui ... eu memo um irmão meu
483. caçula cumpriu um ()

E – Pur quê?

484. P2: Purque/pu'que minha mãe morreu ele ficô piqueninh' ficô ... ele/ele num
485. tem lembrança de minha mãe p'ra nadinha () porque minha mãe ganhô ele ...
486. 'dueceu aí ela ficô duente muuuuito ruim ... aí ela morreu aí pegô e nós ... zelô
487. dele cuidô dele aí ele 'dueceu ficô ruinzinh mem' na hor' de morrê aí a iimã
488. minha feiz o voto p'ra ele

E – De quê?

489. P2: () ajudass' ele miorá que era p'ra ele tirá a fulia ... e era p'a dexá o cabel'
490. dele grande p'a/p'a batizá nos pé de Senhora D'Abadia lá ne Muquém e cortá o
491. cabel' lá ... aí ele ficô grandão assim cabelo grande aí a gente falava qu'era
492. muié ((risos)) ficô inquanto num batizô nos pé de Senhora D'Abadia num cortô
493. o cabelo.

E – Ele tinh' o cabel' lisinh' assim que nem o seu?

494. P2: Lisinh' () aí ele cortô o cabel' lá e batizô

E – Cum' é o nome dele?

495. P2: Aurélio

E – Aurélio ... E o Muquém é onde?

496. P2: (Iiii é p'ot'o lado)

E – É longe?

497. P2: É longe ...

E – E lá tamém há um grupo de negos que mora lá?

498. P2: Lá parece/parece que é né ()?

499. P1: Hum?

500. P2: Lá no Muquém parece que er' os nego?

501. P1: É ... {lá er' lugá dos nego

502. P2: Eis () os índio

503. P1: É os índio

504. P2: que fazia 'que'a festa lá antigamente} ()

E – E que dia que é Nossa Senhora D'Abadia?

505. P2: Dia quinze

506. P1: Dia quinze ... dia quinze nós festej' ela ()

E – Os de lá num tem parentage c' os daqui não né ô tem?

507. P2: O povo daqui e lá?

E – É

508. P2: Tem não

E – Tem não né?

E – Muquém é im que municipo?

509. P2: Município de Niquelândia né (meu sogro)?

510. P1: É

E – É longe hein ... quê que é issoh?

511. P1: É longe

512. P2: Gente sai daqui cedo ... sain' daqui cedinh' hora dessa já 'tá lá

E – A cavalo?

513. P2: Não de carro ... a cavalo iiiih ...

E – A caval' lev' é dia né?

E – É im agosto () a festa do Muquém?

514. P2: É ... agosto

E – Sabe pur que qu'eu 'tô perguntan'?

515. P2: Hum?

E – Porque lá im Alagoas lá no Nordeste ... tem ãa/ũa/ũa

516. P2: Ûa romaria

E – Não ... tem ã/ã/ã/ã/ã comunidade (formada no tempo)/ã comunidade negra também (formada no tempo)

517. P2: ((tosse)) pois'é

E – () tem índi' aí também?

518. P2: Os mai véi falava que tinha né () agor'/' gor' () qu' eis nem num vai lá

519. mais porque deu p'a juntá muita gente

E – Na festa?

520. P2: É ... na festa Intão os mai véi que fala né ... eu memo nunca vi ês' aí não

E – () negro? Como que é negro ... () que mora lá?

521. P2: Ês/ês/ês fala que depois c' a gente vem ... imbora agor' qu' êis vai fazê a

522. festa dêis lá ()

E – E quê que é a festa lá?

523. P2: O quê que é?

E – Cum' é que é a festa lá?

524. P2: Uai a festa lá é {reza é ... reuni ês

525. P1: É reuni êis lá mesm' né ... riune ês lá memo né e leva comes e bebes dês ()

526. desi lá né ()

527. P2: Eis faiz festa lá tem casamento tudo lá

E – E quais os instrumentos deles sr. lembra seu Anjo?

528. P1: ã?

E – Quais os instrumento que eles usa lá?

529. P1: Ah ess' aí qu'eu num sei não

E – Sabe não né?

530. P1: Não sei não ... o instrumento desi eu num sei não né ... (mai qu' êis faiz

531. faiz) ... fazia agor' num sei (se ainda continua) má ês fazia ()

532. P2: () cooperativa? De lá da Goinesa? Não

E – Na cooperativa aqui do/do Pombal?

533. P2: Não

E – Pessoal 'qui produz?

534. P2: Não ... porque ês/ês aí diz que feiz né essa roça (p'ra lá) comperativa mair

535. num num ()

E – Como é que é essa roça () chama roça da cooperativa?

536. P2: Eu num sei eu/eu 'vi falá de que êis feiz essa roça // a comperativa feiz ()

537. eu 'vi falá que êis feiz essa roça p'ra lá mais eu num cunheço não ... eu nunca

538. fui lá não ... num sei ond' é que é não viu ... 'vi falá que ês feiz essa roça p'ra lá

539. mais nós aqui num () não

E – () associação de produtores daqui de/do ... Pombal que tinha?

E – Associação de moradores né?

E – Produtores ... heim ... me falaro Associação de Produtores de/de Pombal ... 'inda tem?

540. P2: De produtores?

E – É ... ô moradores sei lá ... do povo daqui

541. P2: Sei não

E – Hein seu A.?

542. P1: Si'ora

E – Num tinh' ũa Associação aqui de moradores hein?

543. P1: De ...

E – Aqui im Pombal

E – Aqui do Pombal

544. P2: 'suciação () {de roça?

545. P1: De roça?}

E – É

546. P2: Ah fazê roça ... o ano passad' o/o () ninguém ... o/o prefeito feiz o ano

547. passad' roça cumunitara () o que 'ocêis fal' é roça que êis passa a dá p'os p'a

548. pessoa não?

E – Não não ... é vocês se juntarem se organizarem re/resolverem cunversarem sobre os problemas da/da comunidade de Pombal () SE ORGANIZAREM se quisé vê negoço da/de/de vende as coisa que produz aqui vai vende se quisé resolve o negoço das terra já sabe que tem que legalizá as terra legalizá () reúne todo mundo p'ra discuti

549. P2: {Não ()

550. P1: P'a discuti não

551. P2: Aqui pu' inquanto não}

E – Num tem não né?

552. P1: Tem não tem não

E – Seu O. é que vai lá {na

553. P2: É é ... de vez inquan' ele vai lá é p'á 'Sociação p'ra {lá ()

554. P1: Na roça}

E – E aqui va/aqui vocês plant' o quê aqui nessa () onde vocês mora?

555. P2: Aqui o que nós planta é mii () p'a ará iss' aí ó capim que () num vei ará

E – E quem que planta?

556. P2: É nós mesm' que planta

557. P1: É nós memo ()

558. P2: Ieu e meu isposo que planta

559. P1: Plantadera ()

E – Antigamente aqui acontecia como/assim quando num tinh'aínd' o trator o pessoal num juntava p'ra fazê um ajuda o outro? Iss' ixiste?

560. P1: () da () e inxada

561. P2: 'Té hoje faiz

562. P1: 'Té hoje 'inda faiz ... é

563. P2: Assim ... os irmão que 'cê 'tá falan' {um vai 'juda um

E – É mutirão}

564. P1: Mutirão ... é mutirão

565. P2: Aqui 'inda faiz

566. P1: Faiz é

E – Qual época que faiz?

567. P2: Faiz im setembro {otubro

568. P1: É ///} setembr' outubro novembro é hora

E – Nessa época tem festa quando termina/quando termina de fazê {todo mundo ... num tem festa não?

569. P1: Não

570. P2: Tem dia que () 'sim o mutirão ês dá baile né ... a pessoa vai faiz o sirviço

571. de noite tocav' o baile p'a ()

E – Humh ... e nessa num tem reza () mutirão?

572. P2: Não ... ês fala que num compensa rezá p'a depois dançá né ((risos))

E – Aí ês já pega logo intão ... na dança né?

573. P2: É aí só peg' a dança () quand' é/quand' é baile de mutirão num tem reza

574. não ... só a (diversão) memo

E – Olh' aqui ó e/e {()

E – E a (Patrina)} e a Patrina num tinh' ũa reza/ũa/ũa/ũa festa tamém não? Quando culhia ... na colheita?

575. P2: () Não p'a colhê não ... p'a colhê ()

E – É ... mais num faiz festa não {nem dança?

576. P2: P'a colhê não}... p'a colhê não

E – O mutirão é só p'ra plantá depois cada um colhe a sua?

577. P2: Aí troca dia um vai ajuda um ot'o vai ajuda o ot'o ... termina d' um passa

578. p'o ot'o

E – Quer dizê iss' 'inda ()

579. P2: É

E – E tem nessa ep/ tem algũa reza p'ra protegê as plantaço 'cê conhece ... quand' tem assim nem que seja só/o só quem 'tá plantan' que faiz num tem/num tem mais?

580. P2: Não

E – Não ... tem lugar que tem/tem lugar que num tem né? () alguns lugares que têm essa a/a/ũa reza que faiz antes de plantá p'ra podê num dá praga ... p'ra podê

581. P2: É nós' aqui num sabe não eu tem vontade de aprendê

E – A dona Maria sabe?

582. P2: Maria Boge Maria Rudrigue? ... Pu'que tem duas Maria () todar duar é tia

583. minha () não pu'que a Maria Boge aque'a c' a sua mãe deu abroba é irmã do

584. meu pai e a Maria Rudrigue aque'a rezader' é irmã da minha mãe ((risos))

E – () Aqui é difici né seu Anjo?

585. P1: É ... aqui é

E – Se a gente num cunhece bem as pessoa

586. P1: {{{(rindo)}} é ... aqui é difiço

E – A gente não sabe distingui bem as pessoa}

587. P1: É

588. P2: A Maria Boge ... ela num é rezadera não ... só a Maria Rudrigue ... aque'a

589. ot'a Maria aque'a {()

E – Ah 'tá} ... E a Maria Rudrigue sabe?

590. P2: E'a sabe rezá () fazen' calô rapaiz ((risos)) ()

E – Cura p'ra curá

E – P'ra curá quand' a gente 'tá duente

591. P2: Não ...

E – Ela rez' ela só rez' o quê?

592. P2: Ela rez' o terço memo ladainha {()

E – Num é benzedera?}

593. P2: Não

E – Tem benzeder' aqui?

594. P2: Que eu sei não ()
595. P2: Ele faiz ()
- E – Faiz? ()**
- E – ()**
596. P2: Não eu 'tô falan' / é eu 'tô falan' é benzê quebrant' {()
- E – É iss' aí} qu'eu 'tô perguntan'**
- E – Quand' 'tá cum quebranto ô 'tá cum muita febre ()**
- E – É fica lá no fuundo ... na hora agá ((risos)) () é crente é crente mais ()**
597. P2: É el' é muito (dozenta) né el' é muito boa pessoa ... el' é crente mais ()
598. pidi ela p'a rezá p'a/ p'a fazê binziment' e'a {()
- E – Quem é essa} que 'cê 'tá falan'?**
599. P2: Veronca
- E – Verônica ... Quem é a ot'a que benze?**
600. P2: É
- E – () dos três ranch' é quem?**
601. P3: É Jusé
- E – {Jusé?**
602. P2: Aquei roxinh'} aquei que mora sozinh' ali ond' tem ãa festa ... a aquel' ali
603. num tem muié não ... mora sozinh' ... que a mãe dele mora lá na {()
- E – Dona Josefa?**
604. P2: ZÉ ... é home
- E – Ah é home**
605. P2: É é Zé
- E – () ele benze de quê?**
606. P2: Quebrante e aica caíd' ele sabe ()
- E – É mais ela num falô ispinhela caída ... falô?**
607. P2: Aica caída ... que muntos fala né
- E – Aica?**
608. P2: É ... aica caída ... é ispinhela mema coisa né
- E – É ... mema coisa ... e/e/e que mais () quem mais benze?**
609. P3: Ti Juão
- E – Ti Juão mor' aonde?**
610. P3: Ali na/na ...
611. P2: Mora p'ra cá do Olidio ... p'ra lá daque'as ()

E – Hum ... quem mais {que 'ocê sabe?

612. P3: Só} ... que eu sei é só

E – 'Cê já foi binzido lá é o/o/o ((risos)) {Ah isquici o nome dele

613. P3: Não}

E – D. ... eu pensei que era David

614. P2: D.

E – Hein D. 'cê era piquinininh' 'cê nem viu () levav' ocê p'á benzê... é sérioh () 'cê era nenen

615. P2: (Levei) ãa vez quand' el' era piquen' eu dismamei ele dueceu ficô ruuim ...

616. ficô internad' uns oit'/uns nove dia ...

E – É memo? Cum' é que 'cê dismamô ele () tirô leite ()? ((risos)) ()

617. P2: () num sei ... depo' eu 'ripindii

E – Cum' é que 'cê feiz () cum' é que 'cê feiz (p'á dismamá)?

618. P2: É porque é bobera minha () dismamá ele ... dismamei ele

E – Tirô o peito () ele 'tava cum quanto tempo?

619. P2: Ele 'tava cuuummm quais dois ano ... e aí ... e aí ele 'dueceu depois qu'eu

620. dismamei/tirei ele do peito ele 'dueceu ... aí eu fiquei n'ũa dó dele depois qu'eu

621. dismamei ele ... fiquei na/no Barro Arto internad' c' ele muitos dia e el' obran'

622. o puro sãigue () e eu c' ãa dó má eu oiava ()

E – E o seu leite secô?

623. P2: Secô ... ieu num sei p'ra quê qu' eu fui dismamá meu fii ... subesse qu' ele ia

624. 'duecê eu num tinha {dismamad' ele

E – Ess' é o último?}

625. P2: É ... eu tem só três ... dois' hom' e ãa moça

E – Quantos anos?

626. P2: Quem?

E – Que os minin' tem?

627. P2: Ess' aqui ((Danival)) tem onze () má a moça tem dizesseis e o ot' o tem

628. quinze ((a mãe pisou na cachorrinha e ela gritou))

629. P3: Coitada mãeh

E – É cachorra?

630. P3: {É

631. P2: É}

E – 'Cê 'tá istudan'?

632. P3: 'Tô

E – Ah 'cê já me falô que 'tá istudan' lá () cham' iscola do seu Olídio é? Hein? Cum' é o nome da iscola?

633. P3: Iscola ()

E – ãhã ... Você já iscreve?

634. P3: Já

E – Ah ... Já lê?

635. P3: Já

E – E quem é sua professora?

636. P3: 'Badia

E – (Que série que) 'cê 'tá?

637. P3: Tercera

E – O do/do/o ... 'x'eu te perguntá aqui num tem aquelas duença que dava que ... () pur causa da mata não ... tem? Num tem não né?

638. P2: Maleita que o povo fala () febre?

E – É } Mais já deu muito?

639. P2: Já ... já deu muito ... má agora graças a Deus ess' lug' aqui mem' eu nunca

640. vi ... graças a Deus nós quais {num 'duece

E – P'ra onde}/p'ra onde que tinha mais maleita?

641. P2: (lá) do ot'o lad' do rii p'ra lá

E – Mais lá perto do rio que tem que o pessoal ()?

642. P2: () aí depois pegô vim da malaia p'ra cá ... quais num dava não... aí direto ês

643. vinha () dá remédio e quais num tem () mais não

E – (Quando tinh' aqui) quê que fazia ... quê que o povo d'aqui fazia quando tinha?

E – Cum' é que curava maleita?

644. P2: Uai ... bibia remédio {né

E – Qual remédio?}

645. P2: Ficava sofren' im casa ... (bibia um bibia ot'o até que dava cert' e miorava)

E – El' aí que é sua filha?

646. P2: É

E – Tudo bom?

647. P5: Jóia

E – Istuda na iscol' aqui tamém ela?

648. P2: Istuda lá no Capão Verde¹²

E – Capão Verde ()

E – Quem é que intende aqui de erva (usada) p'ra duença ... aqui na/no Pombal?

649. P2: De erva?

E – É () matruci ...

650. P2: Quem qu' intende?

E – É ... todo mund' intende ô tem ùa pessoa qu' intende ... que é mais responsável po sabê mais ... ah essa folha serve p'ra isso ... essa folha serve p'ra ...

651. P2: Ah essas pessoa mais véia que sabe mais né ... eu ... po'ca coisa que eu sei ...

652. num sei quais nada

E – Quem é por'exemplo ()?

653. P2: Ah essas pessoa mai véia igual'o meu sogro memo ... Maria Boge Maria

654. Rudrigue ... dessas pessoa mai véia qu' eu sei ()

E – E eles tão passando isso p'os mais novos ... os mais novos tão aprendendo cum eles?

655. P2: Passa

E – (Quem dos filho dele que sabe dessa coisa de erva?)

656. P2: Num sei ... aí num dá nem p'a sabê ()

E – Eles pricisava de passá p'a iscola tamém passá p'os minin' né () passá p'os minin' insiná

657. P2: É ... insina p'a fazê né

E – É insiná p'a fazê (num pricisava tomá) remédio de farmácia

658. P2: É memo ... tem muita hora que sra. laig' o remédio na porta p'a i' bebê de

659. fãimaça e (tav' aí ar vez sra beb' o de lá) 'inda num miora

E – É

660. P2: E ar vez dex' o remédio no terror' ó vai caçá farmaça ... só tem preço só

661. mais nada () e beb' ele ar vez num miora nada ()

E – ã?

662. P2: Ele 'tá mandan' a minina tirá foto cond' ela vem andan' de lá p'ra cá ((risos)) ...

663. Daqui até junho ... só tem um terço meio dia ... só mem' à tarde

E – Que dia?

664. P2: Sáb'do d'aleluia

E – Sáb'do de aleluia que o seu O. falô

665. P2: É ... que tem é só isso mesmo

¹² Capão Verde é um pequeno distrito, no município de Santa Rita do Novo, próximo a Pombal.

E – Nesse dia do terço num tem festa ... só tem a reza mesm'?

666. P2: Só tem a reza {tem ano

E – Sáb'do d' aleluia mei dia?}

667. P2: É ... tem ano que o povo (dana cum ele) ele faiz a brincadera de noite

668. ... 'gor' mei di' é só terço num tem () ... Tem ano né que o povo dana cum ele

669. ... aí ele resorve faiz bricandera à noite mai sáb'do mei di' é só o terço

E – Aqui 'cêis usa fazê o Judas tamém ... p'ra malhá Judas?

670. P2: Não

E – Não ... num malha não?

671. P2: (Não)

E – E depois/e depois de junho?

672. P2: Depois de junho? É só algũa fulia que fô saí ()

E – E depois de julho tem ///

E – Setembro

E – Setembro? Ô tem algũa coisa antes? Tem na casa do Santo?

E – Dizenove de setembro né?

E – Tem/tem 31 de outubro na casa da/da (don' Agustinha)? () ()

673. P2: Ô meu Deus tirá foto aí dent' não ... aí 'tá fei dimaish

E – Nada ... 'tá lindoh ... Aqui num tem barbero não?

674. P2: (Não) ... graças a Deus

E – Graças a Deus (mesmo) ()

675. P2: () é diret' os amalaia faiz o percurso ()

E – E já teve algũa veiz ... barber' aqui?

676. P2: Já ... iii antigamente tinh' era muito

E – () tinha que fazê o tratamento () que geralmente antigamente dava muito quando tinh' a cas' assim igual ... é feit' assim ...

677. P2: {De barro

E – De barro né

678. P2: É ... aí ês junta

E – Iscond' dibaxo do cochão né?

679. P2: É ... justamente

E – 'Cê tamém tinha cochão de capim?

680. P2: Tinha

E – Agora tem mair não?

681. P2: Não

E – Cum' é que fa/ você merm' que fazia o cochão ô

682. P2: Era ((risos))

E – Lá im casa tamém ... {tinha cochão de capim

683. P2: 'Cê tamém fazia?}

E – Minha mãe que fazia () um dia né foi comprá um cochão de ispuma

684. P2: {É ... é memo}

E – Lá im casa teve desses três ... teve cochão de capim cochão de mola ... e depois o cochão de ispuma

685. P2: ()

E – O de mol' até já 'cabô ... ixiste mais não ... nem ixiste mais () faiz muito barulho

E – Er' horrível eu tinh' um () quand' eu mudei p'ra Brasília que el' er' assim ó () no mei ... eu grávida caía p'ra cá caía p'ra lá ((risos)) () fazi' um cochão vagabundo ... fiquei cum tanta raiva ... passei tanta raiva naquele cochão () ele era mai baxo d'um lado mai baxo do ot'o () é inda tinh' o barulho

E – (Você já naceu pur'aqui perto tamém?)

686. P2: Eu naci foi ()

E – Onde 'cê naceu?

687. P2: Aonde qu'eu naci? Eu naci do ot'o lado do corgo ... do ot'o lado ()

E – Qual corgo?

688. P2: () ((risos)) ()

689. P2: Depois da manhã?

E – () depois da manhã ô/ô quarta/quinta-fera ()

690. P2: () 'ocêis vai fica'í até quinta-fera?

E – Sim ... se não saímos na quinta vamo vê cū'a Tânia ... sabe a Tânia ... lá do/do

691. P2: Capão Verde?

E – Capão Verde ... vam' arrumá um aparelho de vídeo vamo assisti

692. P2: 'Tá bom ... nói vai lá/eu vô lá ... Que hora?

E – () a gente trouxe a/a ela () a festa ... intão? Depois que a/a/a que ela tirá ũa cópia na casa da Valentina né () saiu nada

693. P2: Saiu não?

E – Nada ... num saiu nada

E – Não ... porque a gente abriu a/a máquina e queimô todo filme ... numm podia 'tê aberto

E – () a primera feita lá no Santo

694. P2: Uai

E – Nós temos a fita do/do vídeo né ()

ENTREVISTA 12 – PUBB:

Participante1 (PUBB): 67 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Participante 2 (PUAN): 53 anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada

Data: julho de 1999.

E – () a gente foi ontem? A gente foi lá na Zagaia ... a gente foi conhecê o seu Barbosa ...

1. P1: É...? É...? Lá na Zagaia ... do ot'o lado dos Bois?

E - Fomos lá no Rio dos Boi.

2. P1: Nossah ...Vê ele né? () é gente minha

E – () falô () parente né

3. P1: É prim'

E – Primo?

4. P1: É ... a/o pai del' é irmão da/do meu pai ... os dois' é irmão ... igual eu mais' o Olídio

5. ali ... meu pai é o pai dele

E - A gente conheceu o pai do senhor ... o seu Anjo

6. P1: Meu pai? Ele ta'í uai

E - A gente conheceu ... fomo lá na casa dele

7. P1: A senhora foi lá?

E - El' é muito simpático.... {()

8. P1: Ah é ... e é mermo }

E - Ele ficô encantado contô muita história ... Sabe o que a gente viu? A gente viu a certidão do casamento dos pais do senhor

9. P1: Do casamento deles?

E - Do casamento do/dele cū'a/cū'a dona Isadora a mãe/a mãe do senhor

10. P1: É ... É ... Minha mãe

11. P2: Ah e tem o certidão del'/do casamento {del' ainda?

E – A gente viu ... gente viu}

12. P1: Tem uai

13. P2: Meu Deushhhh

**E – Ele não 'tava lembrando que ano ele tinha nacido ... num 'tava lembrano ()
"quantos anos qu'eu tenho?" ... Intão a gente viu/a gente viu que ele vai/vai fazê noventa
anos este ano**

14. P2: Noventa anoh?

E – Noventa ano

E – Pois'éh

15. P2: Quê que é isso Lucianohhh () ... e tem o certidão ainda?hhh

16. P1: Tem uai ... Tem certidão sim ... Ele casô foi im trinta uai

E – É ... 1930

17. P1: É ... 1930 meu pai casô

E – Intão sr./o sr. é o fi/é o filho mais velho dele?

18. P1: Sô ... {mais véi ...

E – Ahhh}

19. P1: sô de trinta'e um

E - Ahhhh

20. P1: Compreendeu agora? ((risadas e sons confusos))

21. P1: () nós somo quat' irmão ... eu mais Olid' ... Silivest' mais Antoin ... Antoin (mem')

22. mor' ali im cima ... mar a/a cuncunhada minha ... ('gor' o rest') viv' esparramad' aí ...

23. cumpad' Olide lá ieu aqui o pai mora mais o Siliveste () ah ... antão sra. foi lá na

24. cas' do pai ... Siliveste mora lá ... Aquel' é o caçulo ... é irmão caçulo meu

E – Ah o marido da N.?

25. P1: É ... marido da Nestina ... Aquele nasceu quem criô ele foi eu

E – Ah é?

26. P1: Foi ... ele naceu ... 'tava cum ... um ano de idade minha mãe morreu ... Aí ... quando

27. ela 'tava duente p'a morrê ... (ela cismô de dá ele a pai véi) ela falô assim "ô ... se eu

28. morrê ... Seixas eu num vô dexá não porque vai dá muito trabai pr'oceis"... (Aí eu

29. falei) ah o que que é isso ... bobage sua ... mãe ... bão ... e aí va'in' va'in assim ela

30. morreu quando foi no dia que ela morreu ... aí eu pidi () eu falei "não ... num precisa

31. preocupá cum Seixas não ... po' dexá ele cumigo ... qu' eu vô cui/eu vô criá ele ...

32. comigo" ... eu já tinha casado né ... aí eu tinha minha casa ... falei "pode dexá Siliveste

33. qu'eu vô levá ele p'ra lá p'ra casa ... ninguém vai judiá cu'ele nem ele vai sê judiad' de

34. ninguém... e aí criei ele/criei ele foi viran' rapaiz ... casô ...

E – Seu Santana?

35. P1: Oi

E - E de quat' irmãos só o sr. mais seu Olídio que tocava (que saía pelo mundão tocan')?

36. P1: Foi ... só nós dois

E – Só vocês dois?

37. P1: Só nós dois

E - Os ot'o nunca tivero vontade não?

38. P1: Hum?

E – Os ot'o nunca tivero vontade não?

39. P1: Não ... Antóin toca

E – O Antoin toca tamém?

40. P1: Toca ... Silivero tamém toc' um poquinh mair é mair ()

E – É viola?

41. P1: Ham?

E – É viola?

42. P1: É viola é ...viola violão ... tud' ês toca

E – Ah ...

E – E Como foi que o seu Olídio e o sr. aprendero?

43. P1: Ah nós aprendeu pur causa da festa que nós tinh'aqui uai ... Antão nós

44. tinh'ũa/tinh'ũa divução d' ãa festa igual' aquel' ali ó ...(dos Três Rancho) ... aí ... minha

45. vó ... que era don' da fest' ... aí tinh' a viola da festa né ... Aí nós'era mulecote' assim ...

46. rapizinh e num tinha cantadô ... p'a cantá na/na mes' assim da/a gente dava a janta ... na

47. mesa aí tinha/tinha mesa ...tinh' aquês/aquês cantadô na mesa né aí foi 'cabano ... foi

48. 'caban' 'quês cantadô e nós/ieu botan' sintido naquilo ... foi ven'aquilo ... ven'aquilo ...

49. aí meu pai/aí meu pai era fulião ... meu pai era cantadô tamém ... aí () cum fulia ()

50. fui iscutan' aquil' né ...fui guardan' ... Aí quand' eu peguei ãa idade de 18 ano ... meu tii

51. comprô uma viola nova ... nós'era dois ... é/é era eu e um tii meu ... irmão de minha

52. mãe ... de criação ... aí el'era mai véi do que ieu ... pegava a viola 'finava el'e ... foi

53. tocan' ... foi tocan' e/e aí foi me dan' aquel' influencia tamém ... pegá na () aí nói

54. danava quebrá corda da viola a viola ficava sem corda incostava p'ra lá (o véi danava)

55. "Ah agora num vô comprá corda não () quebra as cord' da viola ... () Aíii fo'in' fo'ino

56. ... eu tava cum idade de 20 an'eu comprei um violão ... falei agora ... ()

E – E onde sr. comprô ... onde?

57. P1: Eu comprei 'qui mem' (d'um home que passava aqui) ... comprei dum prim' meu

58. aqui ... Aí ele me vendeu o violão (eu fui p'ra lá) ... Aí toquei violão atéé () até el'

59. 'cabô ... ness' temp' num tinha casa de teia ... ranch' de paia ... danô goterá nele naquil'

60. foi discolan' bandaian' bandaian' 'tê 'cabô ... () Aí (cumpanhei) a fulia 'judan' eis tocá

61. ... pegav' a viola dus'oto () ... aí eu fui comprei ãa viola tamém ()

E – E madô vêhhh?

62. P1: Mandô vê

E – A diferença é que a viola tem dez corda {né tem mais cord' e a cord'é mais fina

63. P1: Tem ... dez corda} É mais fina ... o violão é seis e ela é dez

E – Ah ... Humhum ... É mais difícil de tocá né viola?

64. P1: É não ...

E – É não?

65. P1: Eu ach'o violão mais difici que ela ... E acho o violão muito mais bunito p'a tocá

66. () que ni viola ... p'a quem sabe tocá n'um violão eu acho muito mais bunito ... Eu ...

67. num sei tocá num 'prindii não () fazê zuada mais ... p'a tocá memo ... igual'esses cantor

68. da rádia ... Aqui no mat' é/é munto difiço ... pode tê argum mair é munto difiço ... Faiz

69. barui né (gente cont' o caso mai num ixprica não) faiz barui ... que tocá é aqueis da rádia

70. memo aqueis'é qu' é tocadô () aquesi cantadô véi ...

**E – Pois'é mais'a gente gosta muito da música () a gente vem de Brasília pr'aqui ()
achamos lindohhh**

71. P1: Não aqui ... nessas fest' aqui ... aqui no mato tem muito cantadô aí () até bem ... ah

72. ieu/ a ieu até largá de tocá viola larguei ... laiguei de cantá laiguei de tocá viola...

E – E o sinhô fazia algũa festa aqui na casa do sr. tamém?

73. P1: Hi ... fazia ... era direto ...

E – Era?

74. P1: Naquei temp' aqui ah ... agora ... 'tá ... aqui agora tá fazen' festa mais não ... 'cabô

75. tudo ... de'reitim ... fest' aqui 'cabô 40% ... num 'tá ten' mais ... só tem ess' aqui ni meis

76. de setembro ... meis de junh' ... Aqui quando dava meis de junho meis de mai ... maio

77. tinha festa junho tinha festa dia 12 dia/dia 20/24/29 de junho ... tinha jogo tinha festa ...

78. E as fulia agorahh? Eu tinha veiz eu mais cumpad' Olídio meu irmão nós passava 25

79. dia sem vim im casa vê as muié ... e'as quisesse vê nós e'as'ia no poso ((risadas)) ...

80. eas'ia no poso n'adond' nós 'tava na fulia

E – No poso?

81. P1: No poso ... na festa lá né ...

E – Heita trem bãohhh

82. P1: Mair nói num tinha tempo de vim im casa não ... a fest' era só fechá o giro d' ã lá

E – E a festa era direto todo dia tinha?

83. P1: O dia ... Todo dia (tinha) festa ... Agora nós num dançav' ãssim não ... eu ... nós

84. tinh' obrigação ... (mair tinh' as' hora né) ...aqueas' hora nói num dançava ... 'gora na

85. hora de nós durmi tamém vamo durmi ...

E – E cum' é que era que o sr. chegava cum' é que ... i xplica p'ra gente cum' é que era ... cêis já chegavam nas casas cantan'o ... cum' é que era?

86. P1: Não nós chegava dav' ãa pauzinha depois nós ia cantá ... Ar vez nôi chegav' assim
87. n'ũa casa ... as vez a dona da casa ...o dono da casa 'tava isperano mai num 'tava sabem'
88. que hora que nós ia chegá né ... num 'tava preparad' ainda ...Aí ia 'rrumá um minin' ar
89. vez ia 'rrumá um almoço ... prepará lá p'a dento ... nôi ficava discansan' refrescan' do
90. soli quente né ... Aí gente refrescava batia um papim bibi'um café ali ... (jazinh' gente ia
91. ... e o pau caía)

E – Mandav' a viola cantá

92. P1: Man/dexav'a (puer' e o) pau caí ((risadas))

E – () O sr. ainda tem a viola seu Santana?

93. P1: Tem ... a violinha aí ... ()

E – Eu viii

94. P1: Tem/tem duas ...

E – Tem ... duas? Mar é um violão e ãa viola ô as duas viola?

95. P1: Todar duar viola

E – Olhah Passô p'or minino?

96. P1: Passei p'or minino

E – Tá insinano eles já?

97. P1: Não ... êis já aprendeu ...

E – Já aprendeu?

98. P1: Eis 'tá mió que ieu

E – Quem é os minino?

99. P2: {Aquele que 'tá/que/que passô aí

100. P1: Aquele que passô 'qui}

E – () cadê ele? () Cham' el' lá ()

E – Uai ... se ele puxá um toque de viola que o sr. insinô sr. canta cum ele?

101. P1: Ieu?

E - É

102. P1: Ieu (num posso forçá não)

E – () num pode nem ()?

E – Mais pur quê?

103. P1: Oi ... eu vô contá pr'uceis ... Sabe pur que que eu parei de tocá viola? Eu

104. tarra ... eu 'duici né ...

E – Hã ...

105. P1: Aí eu duici fiquei munto ruim fiquei dois ano ruim ... () sem tocá ... Aí (o
 106. médico me dexô internado) me levou p'a Goiânia ... lá () fiquei internado lá
 107. muitos dia ... dav' remédio () o caração 'tava inchado () "tem que pô aparei"
 108. ... Aí eu coloquei o aparei e aí Deur me ajudô ... e é pur causa disso qu'eu tô bão
 109. de novo ... divid' o aparei

E – O sr. usa o aparelho até hoje?

110. P1: Uso

E - Ah eles colocaro den'/dento do sinhô? Ah...

111. P1: É ... Antão pur causa desse apareio ... eu num posso tocá viola e nem isforçá
 112. ... A viola ... é purque eu vô tocá a/a corda é de aço né ... e ele tamém é ... aí
 113. dá/dá choque ...

E - Ahhhhh

114. P1: ... dá choque aqui na custel' o braço isquece ... cai o braço ... É ...
 115. P2: É pur caus' intão ... num pode mod' isso né?
 116. P1: É ... pur causa diss' ó ... aqueis de/de a pila ... num ... coloc' a pila num/num
 117. tem nada mair ess' aqui é o aço ... é de aço os ot' o troca né ess' aqui num troca
 118. mais nunca () é só num pegá peso mod' ele num iscapuli do lugá ... mode
 119. ...num () ele ... mais num/num pegá peso... () que vô ... é tempo eu vô lá ni
 120. Goiana ... sra. sabe lá im Goiânia né? ... cunhece ... Goiânia?

E - Sei

121. P1: Pois'é ... eu fui im Goiâna ... lá fiz ãxame ... no aparei ... vi que tá certinh' ...
 122. má sigunda-fera memo eu vim de lá
 123. P2: Uai sr. foi lá 'gora a po'co?
 124. P1: Ah ess' seman' ... sigunda-fer' agor' num 'tava lá? Saí daqui ... fui lá e vortei
 125. P2: E ... 'tava legalzim né?
 126. P1: 'Tarra ... meu coração num tem nada não
 127. P2: Coisa boahhh
 128. P1: 'Tô sadi graças a Deus ... igual'eu tô aqui ... coração ... ei 'tá tranqüilo agora

E – Graças a Deus né?

129. P1: É ... Graças a Deus ... Aí eis marcar' p'ra mim de três im três mês ...
 130. Agora quais'eu perde o ônbu mod'eu vortá lá () eu fui lá im mês de julho ...
 131. Eu fui o'tra veiz ... im janero ... 'gor'/aí eu perdi a viagem ... o dotô ...que/que
 132. trabaia p'ra mim lá num 'tava no dia do/de trabaia não ... ele trabaia sigunda e

133. eu fui terça ... na terça-fera pirdi a viagem aí num ... aí lá nem ...

E – O sr. tem alguém lá em Goiânia?

134. P1: Ieu?

E - É

135. P1: Tem não ... Tem é cunhido

E – Cunhido?

136. P1: É ... Cunhido' eu tem lá muito ... Ah entrô lá no hospitali ... tem muito já

137. tem muita gente lá que me cunheci ... Aí o/a/a/a secretária do dr. falô "não 'gora

138. ... ieu que vô marcá o dia do sr. vim agora ... no dia 08 () Aí quando foi agora

139. segunda-fera eu fui ... e fui chegan' pan pan ... é rape rape ()

E – E como que o sr. acha que 'tá a fulia 'gora 'qui ... em julho /em julho do ano passado foi boa?

140. P1: Eu 'vi falá que foi boa 'gor' eu num fui ... E esse ano tem de nov' ... e agora

141. sai aqui óh ... 'tá sain'aqui ó

E – Aqui onde?

142. P1: Aqui óh () na casa do pai aí vai sai ã daí ... ã fulia

E – Em julho né?

143. P1: É ... em julh' é ()

144. P2: () de julh' aí ()

E – Na/casa de quem dona Antonha?

145. P2: Do Tumé

E – Ah...

146. P2: Do Tumé irmão da/do... {()

147. P1: De Nestina

148. P2: De Nestina}

E – Ahhh Ele vai tocá fulia?

149. P1: Vai

150. P2: Vai ... Ele vai ... Bem perto da casa do véi Anjo lá () ()

E – () ah a gente conheceu o Tumé ... é aquele que tav'/aquele' tav'/que anda c'um cajado num é?

151. P1: É

152. P2: Éhhhh

E – Que ele tev' um derram' agora ele {()

153. P1: É ... é ele

154. P2: É ele

E – É ele que é o Tumé

E - Ahhhh

155. P1: É el' é que vai tirá a fulia

E – É porque ele prometeu num foi? Ele prometeu tirá a fulia agora

156. P2: É ... Tirá a fulia

157. P1: Ele prometeu (mode girá cum a bandera do Divino)

E – Quem é que guard' a bandera daqui?

158. P1: Aqui noih ...

E – Purque tem ãa bandera num tem?

159. P1: Tem

E – Quem é que guard' a bandera?

160. P1: Aqui im casa guarda ãa

E – Aqui tem ãa?

161. P1 – Tem ...

E – Será que depois a gente pode vê ... porque agora 'tá iscuero né?

162. P1: É ... amanhã né ... a muié tem el'ái

E – Aqui tem/tem ... ele guarda a bandera da fulia aqui na casa dele...

E – Que legalhhh

163. P1: Não pu'qu' eu/eu ganhei ela ... ieu ganhei ela faiz muuuunto tempo ...

164. muntos ano ... Aí eu nunca mais quis disfazê dela ... 'tá 'í

E – É bom que... protege a casa tamém

165. P1: É ... Eu parei c'a fulia mais num jog' ela fora não

E – Não?

166. P1: ()

E – E qual foi a última fulia que o sr. participô seu Santana?

167. P1: Ah cumo foi? Ah foi/foi bem qu'eu/aí eu vi qu'eu/eu fui cantá nela ... cantei

168. maisi eu cantei () duença ... que eu 'tava duente ainda ...'tava sofrêno ãa dô na

169. perna ... eu fiquei intê cum medo de ficá intrevado dessa perna ... É ... Aí ...

E – Quando 'tá cum problema no coração assim dói tudo né ... dói perna dói braço ... num dói?

170. P1: Não ... até que num dói...

E – Não?

171. P1: ... duía a perna porque era ãa dôr memo que tinha lá na perna e ela quiria/ela

172. quiria er' mim intrevá ... mair Deus mim ajudô ... que eu/ela num/ miorô É ...

173. miorei da perna graças a Deus heim

E - ()

E – ‘Tava coçan' assim as costa ()

174. P1: Aí (a istampa) É ...

175. P4: A do Tumé vai sê dess' jeito ()

E – É de Divino Pai Eterno também?

176. P4: Ãhã ... aí a gente vai lá e {(beja)

E – E tem Ispírito Santo} também ô não?

177. P4: {Ã?

178. P1: Tem

E – Tem também}

E – Ispírito Santo?

179. P1: Tem ... tem e muit' aqui ... Isprito Sant' agor o ano passad' memo ês tirar'ũa'

180. í ...e aqui agor' eu num sei ... eu vi falá que vai tirá um muncad' de fulia ... num

181. sei se é de Pai Eterno se tem ‘inda ar duar

182. P4: A de Tumé num é dar duar não?

183. P1: Não ...

E – E a fulia de Santo Reis sr./sr./sr. num/num/num tira não?

184. P1: Não ... Já tirei mais tamém num tiro mair não...

E – Já tirô aqui mesmo?

185. P1: Já tirei ... já tirei ... {()

E – ()} aqui no Pombal?

186. P1: Já tirei ... já tirei no Pombá ... já tirei fulia de Reis aqui ... no Capão

187. Verde¹³...lá onde a/lá no/perto/Santa Rita lá de Novo Destino ... po lá tudo nós

188. circula tiran' fulia de Reis

E – O sr. se incomodaria se a gente tirasse ũa foto da/da/() do sr. com ela?

189. P1: (Ah iss' aí nós num dexa não)

E – Sr. pode dexá?

E – ()

190. P1: Não ...vamo dexá o foto p'ot'o dia

E – Ah pr' oto dia?

191. P1: É ()

¹³ Capão Verde é o antigo nome do distrito de Verdelândia, município de Santa Rita do Novo Destino.

E – a gente vai ‘tá 'qui até sexta-fera sr. pode marcá tamém um dia p’ra gente tirá foto

192. P1: Pois'é cond' fô ot'o dia nós tira

E – Intão a gente tira outro dia () ... Mais sr. deve sinti falta né da fulia/da fulia que sr. percorria pur'ai?

193. P1: Ah é ... mais agor' num posso né

E – Num pode né ()

E – Hein ... aqui o ... Essa imagem nunca tinha visto né com/com ...

194. P1: Divino Pai Eterno?

E - Pai Filho 'pírito Santo e a Nossa Senhora?

195. P1: É ... é o/o ...Isprito Santo óh / é o Divino Iprito Santo né

E – Huhum...

196. P1: É Isprit' Sant' ... é o pai e o fii e o isprito

E – Em seu/seu Santana ... sr. lembra / sr. poderia lembrá p’ra gente algum daquel'/dos canto que o sr. cantava naquela época?

197. P1: Ah agora num dô conta não

E – Num lembra mais não?

198. P1: Não

E - Lembrá sr. lembra mais num vai consigui cantá?

199. P1: Não ... dô conta mais não

E – Hum ... faiz muito tempo né?

200. P1: Tem muitos'ano já que eu (dexeí disso) ... () (mand'ela cantá pr'ocê)

201. P3: Ah sô né assim nãohhh

202. P1: ()

E – () a gente fica cum/cum vontade de ver os dois né?

E – É ... ixatamente

203. P1: Ah

E - Ahhhhh

E - O duo famoso aqui do Pombal ...

204. P1: ã?

E - Os dois famoso

205. P1: (nói era memo)

E – Os dois conhecidos foliões ... do Pombal

206. P1: É ... os dois famoso mem' aqui do Pombal ... mar eu ‘tava falano da idade

207. deis

E – Pois'é... (é o que 'tô falan')

208. P1: Aqui a/a/a ... Eis vinha de carro bucá nois aqui uai

E – Pois'é ... nossah ... é seu O. falô

209. P1: Iii ... ii já andei dimais

E – Essa ... é ... bander' aí 'tá há quantos'ano cum sr.?

210. P1: Quantos'ano? ... num ... tem muito tempo não mais já 'tá fazen'o vinte ano

211. né

E – Nossah Quase minha idade uaih ((risos)) tem bastante tempohh

212. P1: Foi um amigo meu que me deu essa bandera ... Ah () ele/e/ele tirô a fulia

213. era 'té um voto que eu/qu'ele tinha cumprido... Aí mandô (el' foi na igreja)

214. rematô a ess' pan' ... franela ... aí ele foi e colocô na bandera ... e nói/aí nós virô

215. (fuliero) ... Ah bãoh ... Aí passô ... passô aí minha muié feiz/fiz um/um voto

216. mais' a muié que (a muié 'tava duente) ... Aí eu fui lá falá p'ra ele me arrumá a

217. bandera ele (disse) "não eu dô ela pr'ocê ... Aí vei a bandera e tudo ... Aí

218. Bartiana foi girô cum ela ... aí (minin' girô dois minin' meu girô a mãe girô) ... E

219. aí/e aí é muita gente é (muitia ajuda) ...

E – Depois que o sr. ganhô ela ela gi/ ela saiu giran' pur'aí?

220. P1: Não ... ela num queta não () ... Aí diretão a/ a fulia deu mêis de julh' aqui

221. todo ano tem fulia ...

E – Todo ano tem fulia?

222. P1: Tem

E – E eu achan'o que a fulia daqui era a fulia de Reis no início do ano

223. P1: Hum?

E – Eu achei que era im dezembro a fulia ...

224. P1: Não ... É im janero ... é

E – Ainda bem

225. P1: É do dia 31 de dezembro p'ro dia 1º de janero

E – Ahhh ... E essa/essa de julh' é quando ... quais os dia?

226. P1: Uai depende o voto né

E – Hum

227. P1: Que uns faiz cum três dia ... ot'o faiz cum cinco dia ... tem veiz que faiz até

228. cum oito dia deiz dia tamém ... faiz ... É daí p'ra trais ... mais eu cunhici () a

229. fulia mem' que saí'aqui era só quato fulia () mais era trinta dia ... era tint'/

230. trinta dia ... er' um meis giran'o

E – Mais era no tempo mais antigo né?

231. P1: Ah era no tempo mais antigo naquele tempo era/era de tropa ... arriava um
 232. burro botava um carguero ... p'a carregá ropa de fuliããõ ... um lanche p'ra ês
 233. né ar veiz dava fome vontade de cumê ... cumia ... e tud' ia era na/no caiguero ...
 234. na cumitiva num era caig/ num falava caiguero ... falava a cumitiva da fulia né o
 235. (caigueiero) ... (era/era só armuçá lá no poso e aquilo () era cedo 'tav'aqui) ...
 236. chegav'aí desarriava dibaxo d'um pau aí ... ia durmi pu'que num ia drumi ...
 237. drumia noit' intera memo né ...no ot'o dia cedo gente levantava e óh ((faz com
 238. as mãos o movimento de partida))

E – Cuntinuava

239. P1: Ia imbora ... p'o poso ... (de cá num dava vorta não) 'gora (os ot'o tira a
 240. fulia) dá vorta c'um moradô () aí ali quando dava p'a mei dia 11 hora 12 1
 241. (onde chegava disarriava eis dava poso)

E – E quand' a gente/quando/quand' o sr. chegava/quando chegava no fim no último dia onde é ... geralmente a festa voltava p'o lugá onde {tinha saído?}

242. P1: Não ... não ... A fest' inda durav'/ argüa veiz ... nói voltava p'o memo lugá
 243. que saiu ... que ar veiz a/o dono falava "não eu quero tirá ela mais a festa é aqui
 244. im casa memo" ... intão girav' saía daqui girava lá e voltava p'a 'quele memo
 245. lugá de novo

E – Ahhh

246. P1: Agora tem gente que fala "ah mais a fulia num pode ()" ... mai cum'é que
 247. tem gente boba (desse jeito) ... Toda fulia que sai da igreja ela gira vinte trinta
 248. dia po lá e ela vem voltá é p'a igreja 'tra'veiz ... É pu'que ... essa fulia qu'eu tô
 249. falano p'a sinhor' aqui ... que girava de trinta dia ... e'a já vinha de São Bentinh
 250. ... sra. já 'viu falá de São Bentinh? Aqui no rii () essa/essa capel'é que nóir
 251. num/é/é a igreja do Pai Eterno ... aí sai fuli' assim lá do Pai Eterno da igreja do
 252. Pai Eterno e girava disci' aqui ela rudiava nessas terra aí ó ... passava na (porta
 253. da Raquel) e discia o Maranhão abaxo e saía aqui ... daqui ela girava p'ra li
 254. 'tra'veiz e voltava p'o São Bentinh de novo ... o'tra veiz trinta dia ... ia/ia p'a
 255. igreja' ... Agor' no dia /eas saía ar duas num dia e chegava ar duas tudo num dia
 256. só ... era trinta dia 'qui p'ra baxo e trinta dia lá p'ra cima ... lá p'o lado de
 257. Goiania lá po lad' de ...

E – () muito grande hein?

258. P1: Nããõ ... era muitos dia uai ()

E – Seu Santan' e quan/ quando/no tempo que o sr. era ... muleque que ot /que ot'as () festa a /o/o/o/o pai e a mãe do sr. fazia festa?

259. P1: Fazia

E – () p'ra quê que era festa?

260. P1: Ah ah p'ra quê que era a festa? Uai ... eu num sei contá p'ra sinhora ...

261. quand' eu/ieu/quand' ieu intindi pur gente já havia essa fest' aqui ... () fazê ...

262. meu pai/ sra. viu el' lá num viu? Quand' ele naceu já achô essa festa também

E – () que tinha festa?

263. P1: () Ah aí agor' num sei contá p'a sinhora não ... eu num sei contá a idade

264. não

E – Agora tem 12 de junho tem 19 de setembro tem 31 de outubro que é a/a Senhora da Conceição

265. P1: É

E – Tem p'ra São Sebastião...

266. P1: São Sebastião é dia 20 ... () e'a passô agor' esses dia 'gora

E – Pois é ... E tem é/é/é Santo Antônio né?

267. P1: Sant' Antõin dia 12

E – e tinh' algũa/ũa outra/tinh' ãa otra/tinh' algum otro santo que tinha festa?

268. P1: Tinha .. nessa época deis óia ... aqui eis festejava São João ... festeja São

269. Pedo Sant' Antõin Santa Rita ... tinha a festa dela

E – Nossah

270. P1: né ... aí tinha de/de Senhora de Santana ...

E – Nossah ... Igreja tinh' aí?

271. P1: Num tinha não...

E – Senhora de Santana era quando?

272. P1: Senhora Santana é dia 24 de julho inda tem/inda tem as () hoje ainda

273. que é/é dia 24 de julho

E – Ainda faiz aqui a festa?

274. P1: Faiz/faiz aqui na Lagun'aí

E – Na Laguna?

275. P1: É ... Naquela vino de/de Barro Alto p'a Niquelândia

E – Mais é longe daqui né?

276. P1: Não

E – Não?

277. P1: Não ... daqui lá num é muito longe não ... é perto

E – Hum ... Mais lá tamém faiz parte do Pombal ô num faiz não?

278. P1: Hum?

E – Lá tamém é Pombal?

279. P1: Não ...

E – Não?

280. P1: Lá é Laguna

E – Laguna?

281. P1: É ... Laguna Mais faiz festa

E – E/e/e ... E os tambor?

282. P1: Lá num tinha tambô não...

E – Nos tempo antigo ... tinha tambor?

283. P1: Tinha/tinha lá ar dança que tinha era só de tambô ... era tambô má era tambô

284. memo

E – Tinha muitos tambores?

285. P1: Era três

E – Três?

286. P1: É

E – Os três tocava no mesmo tempo?

287. P1: No mermo tempo

E – Os três juntos?

288. P1: Três tambô e três caxa

E – Três tambores?

289. P1: E três caxa

E – Nossahhh ... E agora quantos tambores ficaram?

290. P1: Dois

E – Quê que aconteceu com otro ... com o terceiro?

291. P1: Uai ... pu'que o ot'o 'cabô e num (cunsigniu) mais né ... ficô só os dois só

292. ...ficô dois tambô e duas caxa ... era três tambô e três caxa ... 'cabô ãa caxa e

293. um tambô ... ficô duas caxa e {os tambô

E – Purque} ... pur que acabô ... O que aconteceu?

294. P1: Uai pu'que dismanzelô ()

E – O sr. tocava tambor tamém?

295. P1: Tocava

E – Tocava?

296. P1: Batia era muito

E – Batia tambor?

297. P1: E era demais

E – Zabumba ô era tambor?

298. P1: Nói tocô toda coisa ... tambô caxa zabumba tud' eu batia ... nome de instrumento

299. P2: Sanfon' e tudo

300. P1: Sanfon' e tudo () ((risos))

E – E agora nada ()

301. P1: Caxa tambor viola violão cavaquinho pandero ... {tud' eu mixia cum esi

E – Eitahhh}

302. P1: Eu era festero memo

E – Nossahhh () sô' ia gostá de vê essa mininada todinha hoje que tá crecen'o ... tocá tudo de novo?

303. P1: Rã ... Ah ês num vai tocá porque ês num cunhece nem quê qu' é isso

E – () Desse pessoal mais nov' agora quem que faiz?

304. P1: Hum?

E – Desse pessoal mais nov' agora quem que bate tambor bem?

305. P1: A senhora num viu baten' lá?

E – () Pois' é ... mais é só um poquinho ... pessoal reclamô () né?

306. P1: Ah mais novo ()

307. P2: () dos mais novo ()

308. P1: Dos mais nov' aí é o Cardosim ali Antunin Siliveste ... cumpade Olídio meu

309. irmão lá/aí ó ... ele bate tambô também ... tem Arquino ... tem Bertino lá na

310. festa lá que é batedô ... tem Tião Rudrigue que num é don' da festa mais tamém

311. bate tambô ... bate a caxa ... Tumé bate

E – Aaaahhhh

312. P1: Nããõ tem muit' aí

E – Ah graças a Deus

E – Agora se a gente trouxesse um panderinh' aqui o sr. insinava gente a tocá? Eu tenho um pander' im casa um qu' eu comprei d'um baian' e eu num sei tocá o danad' do bicho nem rezan' () ((risos)) Pois' é ... eu só num troxe dessa veiz porque eu 'tava c'ũa / ãa mala tão cheia d'aqui a po'co () o pov' vai pensá que eu vô morá lá p'ra sempre ... tamanh' da mala ((risos))

313. P1: Não (iss' aí tamanh' da mala) tem nada não uai

E – Aí eu num troxe má eu tô pensan' im trazê c' a gente vem aqui de novo depois né

314. P1: Traiz' uai

E – aí se eu truxé sr. insina p'ra mim?

315. P1: Não ... nem qu'eu num insiná mai tem os minin' aí que insina sra. uai

E – Ahhh ... intão eu vô trazê meu pandero ué

316. P1: O qu' eu 'prindi ... eu pelejei pr' ês' aprendê ... se ês num 'predeu é porque

317. ês num quis

E – Porque o sr. insinô né?

318. P1: Insiná eu insinei os instrumento qu'eu comprei

E – Ahhh

319. P1: Toda vid' eu tem viola dent' de casa ()

E – Sabe o que acontece seu Santana? Que a gente 'tá vindo lá de Brasília da Universidade ... porque a gente acredita que tem/que tem muito/muita coisa de bom né nessa/nessa tradição do tambor da zabumba na festa ... Essas duar mininas 'tão istudando arte ... 'tão istudano arte na Universidade ... Então elas/a gente/a gente tem muita vontade de aprendê a fazê aquilo ... pur'isso que a gente vai fazê ãa visita p'ra a tia/a tia do sr. tia Bastianinha ... a gente qué aprendê a dançá ()

320. P1: Ali na naquele ranchinh' ali num tem dança de tambô não ... aonde a sra. vai

321. achá é lá ne Bertino ... lá é ãar duas hora de tambô

E – Ahhh

322. P1: Aqui no/no ranchin' ês tinha muito instrumento () ... É ... E aí é pu'que ês é

323. muito é rapaiz c'o/c'os véi as moça as muié né ... vem as muezada de/de

324. Goianésa esa quando vem assim toma conta da casa ... " é fulana põe a varsa

325. num põe tambor não ... () catira ... (nóis dançava) catir' aqui de viola muito ...

326. aí num dança () e lá no Bertino lá a dona da casa ... véia lá (antiga) ela prepara

327. p'a tocá o tambô p'a dançá

E – A dona Maria?

328. P1: É

E – E ... de lá fomos p'ra casa dela e aí ela 'tava toda animada né () cê lembra dona A.?

329. P2: Eu alembro

E - Pidiu pur favor pidiu pur favor () ()

330. P1: E aqui quando nós fazia ... () convite não... Aí era nove dia de festa

E – Nove dias?

331. P1: Nove dias ... duas semana de festa aí ó

E – Nossah

332. P1: É ... só tinha pulo de dia ... de noite não ... e era só o tambor ... Não () ...

333. nove dia ... interava onze dia ... nove dia de novena com o dia da festa deiz e

334. tinh'ũa faia no dia da festa ... onze noite de festa

E – Nossah que beleza heimh

335. P1: Oh ... cumeçava no dia vinte e nove de novembro ... rematava no dia nove

336. de dezembro

337. P3: () jant' agora () ... depois conta mais caso E - O sr. Estudou seu S.?

338. P1: Não sinhora num istudei não ... Oh sofrimento é sê cego... Quem num sabe lê é

339. cego ... Mais ante sê surdo que sê cego ... Eu queria

340. sê surdo mais sabê lê ... Sabe o que é sofrimento? É sofrimento

341. memo ... Eu trabaiei deiz meis na inxada p'a pagá a leitura p'a quato

342. fii ... Professô particulá ... os ot'o o prefeito pagô ... Antigamente a

343. pessoa andava 'té ãa semana c'um conto no borso pricuram' arguém

344. p'a dá ciência do assento ... Só tinha dois home que sabia a leitur'

345. aqui na redondeza ... Era meu 'vô e um parentado del' Eu tenh' um

346. sentimento de num sabê lê ... É a coisa mais trist' i p'a Goiâna e num

347. intendê nada daquil' tudo ... Meu irmão mais novo era privilegiado

348. p'ra meu pai ... pagô p'ra ele 'prendê ... o ôto aprendeu mais foi

349. robado ... Invocô c'os papé e aprendeu priguntan' p'os amigo ...

350. Meus fii que num aprendeu num foi curpa minha ... A dor maió que

351. eu tenh' é num sabê assiná o nome.

ENTREVISTA 13 – BAGE:

Participante1(ABAGE): 50 (?) anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

Participante 2 (BAGE): 58(?) anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data: 27/07/2000.

E – ()

1. P1: Ela ‘tava durmino cum aquela minininha ((apontando para um retrato na parede))
2. e com ot’o nenenzin de dois dia e eu só vi o fogo na casa

E – Ela ‘tava durmin’ nessa casa que quemô?

3. P1: Foi ... e se eu num chego ela tinha quemado ...

E – Aí a sra. tirô ela ...

4. P1: Aí eu fui e chamei ela de vagarzim ... () ... Aí eu peguei e falei assim ... Aí ela
5. pegô/Aí eu fui e falei assim oh “Madalena acorda c’a casa ‘tá pegan’o fogo ...
6. E ela levantô () pegô a sacola ... (sacola) do nenê ... falei “Peg’o nenê” ... e eu entrei
7. ... sabe ... p’ra pegá a mala que ‘tava com os papel ... da pres/da presentaduria dele ...
8. aí eu peguei e truxe pr’a fora ... e alembrei de pegá os ma/os cheque ... Aí quand’eu fui
9. p’a pegá um/o rádio e ãa cuberta ... e coisa que eu oiei e a minininha já ‘tava atrás de
10. mim ... e eu fui p’a levá a mão o fogo já ‘tava pertin de nós duas (sabe) ... A valença
11. que num quemô ... né ... sô ...
12. O fogo já ‘tav’im cima ((indicando a distância do fogo com as mãos)) ...
13. Aí eu só fiço pegá ...
14. Eu tirei ãa cuberta ... e um lençol só ... e os papel da pusementaduria dele que caiu de/
15. imbaxo do fogo ... já num deu mais prazo ... e a sacola dos pano que ela jogô quemô
16. tudo ... cada um de nós ficô c’ũa ropa (só a do corpo) ... Só de cheque ... quemô três ...
17. dô/dois cheque n’aquele temp’ era dinheiro (aúfa) ... que/quemô um () um cruzero e
18. ot’o de vinte e cinco cruzero ... e um rádi novim que/que ... qu’eu tinha comprado
19. mod’eu ligá p’a sabê a hora ...
20. Marr quemô tudo ... Oh ... só de/só de () ... ()/de ropa ... foi tudo ... El’ ficô c’um
21. parein de ropa ... eu fiquei c’ot’o e ela () ... Mais eu vô falá foi um prijuízohhh ()

E – Aí ‘cêis sairo de lá ... quand’ a casa quemô?

22. P1: Aí nós pegô feiz/tinh’um barraquim lá ... nós ficô dibaxo lá ... aí nós pidiu tanto
23. p’a mod’ ês tirá paia p’ra nós fazê ot’o rancho ... ninguém quis dá ... Aí o Dr. W. ...

24. mais eu sei qu'ele 'tava () p'ra nós saí de lá ... aí o Dr. W pegô e vêi e comprô essa
25. casa ... aí el' vêii consagrô essa cas' aqui e deu p'ra nós ... mais eu quiria ãa casa maiórrr
26. pu'que aí cabia

E – E antes o Dr. W. já tinha falado que era pr'ocês saí de lá?

27. P1: Já

E – Já?

28. P1: Já

E – A terr' era dele?

29. P1: É ... dizen'ele que é purcausa () É..É...

E – E essas terr' era da mãe do sr.?

30. P1: {É ...

31. P2: É}

32. P1: Ele comprô arredó e nós 'tava no mei ... então ele pidiu p'ra nós saí

33. P2: Ele comprô tud' arredó ãssim e quiria o/o/o meio

34. P1: Aí eu falei assim “nããã ... eu num quiria vendê”

35. P2: Eu num quiria vendê ... Eu vindi agora pu'que ... êis mandar' um poico

36. me pegá ... quaise ... () mim matava ... () Agora tem ãa coisa ... () aquele

37. poico in/ingordan' aquele poico ... já 'tav' um poicão ãssim óh ((mostrando

38. com as mãos o tamanho do porco)) ... deu duas lata de banha mais () na

39. istrada p'a me dirrubá ... Veiz im quand' () me cortá ()

E – Cortava cum quê? Faca?

40. P2: () ... É ...

41. P1: Cortô no rumo desse mei vão dele assim óh ((indicando com o dedo o

42. local onde foi ferido com a faca)) ... c'a tripa saiu p'ra fora

E - Nossahhh

43. P2: Me pegô ... () ãas três veiz ãssim óh ... e eu fiquei mei ... parece que

44. fiquei mei discuidado () e muntô bem na/na veia ()

E – E o sr. não saiu ... num mudô de lá?

45. P2: () fiquei lá ... má ... eu num 'tava ... aí ... foi na base de oito ano (povo

46. quiria me trazê 'qui) () ... aquel'labuta de gado na roça () tem que comprá

47. ãa casa p'ra mim lá na rua ()

48. P1: Não ... é pu' conta que o Raimund' er' o gerente de lá

E – R.?

49. P1: É ... Que é o fii da dona Leda

E – Casado cum a N.?

50. P1: Ê ... el' er' o gerente de lá ... e eu () o/o Badii foi atrais dele ... aí eu fui
 51. atrais dele duas veiz ... e ele 'tava p'a Goiânia ... ele tinha (vind' aqui) () foi
 52. p'a Goiânia () Aí eu peguei ... vortei lá de noite ... ele num tinha chegado
 53. ... aí quando foi cinco hora ... aí que eu fui que diz que ele já tinha chegado ...
 54. aí eu cheguei lá ele falô "Não ... é agor' eu cheguei agora mais eu vô levá ele"
 55. ... aí eu ti/aí ele foi () aí ele ficô internado três dia
 56. P2: Aí () im casa noit' intera ... isperan' () Deus me abençuô que eu
 57. 'guentei (í p'ra vê) () (eu cansei de lá) pu' causa diss' aí que é () ... (povo
 58. ... chamava rede) ... ceica de quat' mil arame ... e arame liso () quat'/ quato
 59. mil de () tudo ceicad' de arame liso ... o gad' inda entrava e cumia a roça da
 60. gente ...

E – A roç' era cercada de arame ... e o gad' entrav' e cumi' a roça?

61. P2: Cumi'a roça

E – E o sr. num via cum'é que entrava?

62. P2: Ê/eu via/ eu ia lá 'tava tudo ... 'rancad' ãssim orr grampo ... () aquê's
 63. gramp' ãssim do mei (que bot' ãssim óh) e o arame bambiav' e ês intrava

E – E ... o gado dava conta de tirá os grampo?

64. P2: Uai ... num foi o gado não ... foi gente que ia lá () 'rancá o grampo (da
 65. ceica) mode o gad' invadi a roça ... () tinha sorte ... né ... entrô p'o mato ()
 66. toda roça qu' eu plantava pegava era ... p'a/p'a dá fartura ... né ... roça ...
 67. criação ... tud' é ... () e gado ... () rindia mermo ... e aí o povo ()
 68. mutirão/fazia mutirão prantav' a roça ... um () de roça ... pranta pegava ...
 69. que pegava ãa maravia ... () e era noit' e dia que fazia ... 'tá doidohhh ...
 70. (punh'o gado p'a cumê) quando manhicia o dia 'sim 'tava só o chão () lá
 71. formadim de tudo lá ()

E – Mais o sr. mudô mesm' quand' a casa quemô?

72. P2: Foi ... (eu cacei paia) e êis num quis dá paia p'a () a casa ... (veí aqui)
 73. no ... no prefeitio () ... ei falô (que nóis memo) que tinha tocado fogo na
 74. casa p'a ganha ot'a ... Aí eu falei "Não ... () 'tô lá doidio de tocá fogo na
 75. casa cum tanto () lá dent' da casa ... aí depois ele mim deu a teia ... () num
 76. dav' ar paia ... () aque'a labuta () largô a fazenda... Ah ... esses lá do Pub'
 77. é () comprô dois par de égua e todo mundo tratava de porco ... e nóis/nóis
 78. nunca () nossa terra ... nacid' e criado lá nóis nunca () nossa terra ()

79. P1: A ... agor' a po'co a Delina 'tava/'tava queren' que benze ()

E - A D.?

80. P1: É

E - É?h

81. P1: () Iô/iô nunca mais incontrei cu' ela ... mais eu fiquei saben' que o/num

82. sei se foi o veí Aldo ô foi o véi/o Seixas ... é que correu cu' ês de lá ... é tii

83. dela que é/é/é irmão do Antônio que é pai dela ()

E - Seu Simplício fez muitos'ano ùa festa lá de Senhor' ... Nossa Senhora da Cunceição, né?

84. P1: Hãhã ...

E - Na época 'cêis divia morá lá?

85. P1: Já

E - Morava né?

86. P1: Já. 'Gora el' ...

87. P2: Eu alembro (derradera)

E - Eu num cheguei i' ... na festa do seu Simplício eu nunca fui não ... p'que depois que ele ficô viúvo ele num fez mais ... né?

88. P2: É ...

E - Eu tive lá na festa da dona Agustinha ...

89. P2: Hum ...

E - lá no Pombal ...

90. P2: Sei

E - Fui na festa lá no Corg' do Chiqueiro ... na casa do seu B.

91. P1: {È ...

92. P2: Sei ... }

E - Que é p'ra Sant' Antônio né?

93. P1: É

94. P2: É

E - Fui lá nessa também ... Tem a festa do Santo ... faiz na ... p'ra São Sebastião

95. P2: É ... Sei

E - Mai no seu Simplício eu num ...

96. P1: Pois é ... () ele laigô de fazê ela logo assim quand' a irmã dele ()

97. derradero ano que ele fez ela a/a irmã dele já 'tava duente sabe ... aí () falô

98. assim "eu vô ... nossa () mim dá vontade de i' nessa festa ... e aí eu não sei

99. () Aí feiz essa festa e quando foi no dia 27 de mai' aí ela morreu

E – E a festa foi quando?

100. P1: Ah ... a ... foi meis de novembro ...

E – Ahhh

101. P1: ... e quando foi dia 27 (do/mais um ano que/que passô a/a fest' ela

102. morreu ... aí pur'isso () Era onze dia de festa ... oito di/onze dia (de

103. festa) mais era bão ...

E – Como que er' a festa?

104. P1: A festa?

E – Humhhh

105. P1: Uai ... era de novena sabe ... fazia ela ()

106. P2: () e ele interessava de comprá ãa casinha p'ra mim aqui (ia sê)

107. ãa mão na/mão na roda ... é ... () e prantava ... e mandioca e tudo

E – Sr. istudô?

108. P2: Ah eu/eu cumecei istudá ... eu fui laigui qu' eu fui p'a roça ...

109. cumecei istudá daí eu fui p'a roça ()

110. P1: Agora eu num istudei porque meu pai/a iscola era no () e ele

111. dizia () ... a isocla ... naquele tempo tinha que pagá () ... porque eu

112. crici ... um () cunheço muntas letra mair num dô conta de suletrá

E – Os filho da sra. istudaro?

113. P1: () naquele tempo tamém era pagado mais eu sufri p'ra trabaiaá

114. p'ros'ot'o p'a comprá caderninh' ... eu já pelejei ... e num aprendeu

115. muito não mais (dá o meno p'a) ... () Agora ess'aí os documento

116. dele tud' é batid' o dedo que tem vergonha de iscrevê ... e ele iscreve

117. bunito ... () mais tem vergonha ... de iscrevê ... dizen' ele ()

E – Ess' aí é o/ é o filho da sra.?

118. P1: É ... Eu sô mãe de sete mais Deur levô dois ficô só () ()

119. P1: Ês' é muito acanhad' demais ... () mais dizen' ele que 'inda num

120. pegô o/o carro () ... de motorista ... p'a vê se/se dismancha ()

E – () era promessa também?

121. P1: Essa festa lá?

E – É

122. P1: Já foi ... () mai eu num fiquei sabem' que prumessa que foi

123. qu'eis feiz ... eu sei que () essa prumessa ... sabe ... pu'que ieu

124. nunca pricurei el' ... (eu mais ele cunversa) dimais que eu tem ele
125. cum'um pai ... sabe ... mais eu isqueço de pricurá ele ... eu intéрто
126. c'ot'os caso ... toda veiz que ele vem aqui na rua ... p'a recebê a veiz
127. dá num dia que tô/que eu chego lá ... ali ele tem que pagá um guaraná
128. p'ra mim ... um () de bolo... dess' jeito

E – Purque lá ... a don' Agustinha 'tava me contan' que a festa qu'ês faiz é purque diz que diz que eles passaro pur'ũa tormenta muito grande ... lá/lá no Pombal

129. P1: Humhhh

E – Aí ês pegaro cum Nossa Sra. da Conceição p'ra livrá () sr. cunhece?

130. P2: Quale?

E – Lá do Pombal ... da festa lá ... festa de Nossa Sra. da Conceição?

131. P2: Não ...

E – Sr. num sabe não?

132. P1: Ah ... Sra. pricura ele ... ele tá surdohhh

E – Hãhhh

133. P2: E'a 'tá pricurán' assim ó ... que cum'é que/pricurán' qu'ês feiz

134. a/a/ fazia a festa ... que era lá da/da priumessa que ês feiz ... s'ocê

135. cunheceu cum'é que foi ...

136. P1: Não ... num cunhici não ...

137. P2: Cum'é que foi a priumessa da festa lá ... qu'êis passava na/a

138. (trebulação)

E – É a tribulação

139. P1: É capaiz que nesse tempo quando êis feiz essa prumessa el' era ...

140. tamã ... cumo diz ... quais tamã de cachorrim cum gato ((risos)) ...

141. É ... só sei que eu/quand'eu casei cu'ele ... nois casamo im sessenta e

142. sete ... eu num cunhicia essa festa não ... Aí eu levei mair de ano sem

143. i' ... dois ano sem i' nessa festa ... Ele sabia mais ele num quisi mim

144. levá ... (só) dípois que nós mudô lá ... que nós morava longe lá no

145. (Dito) Rudrigue ... aí ... foi aí qu'ele deu p'a mode ... () ficá dois ano

146. tamém ...

147. E – Na festa? Ahhh

148. P1: Mais era bão mininah mais er'um/er'um tambô que ôôôhhh ...

149. aquilo chega/chega () no chão ... e o povo (sabia) e dançav' o tambô

E – A sra. dançava?

150. P1: Dançava tambô mais o povoh ... sabe ... nessa na/nos dois ano
151. que eu ‘sisti tinha muita gente boa que dançav’ o tambô ... o negoço
152. que eu quais num cunhicia ninguém né ... vi o povo dançá lá mais ...
153. É .. mais era
154. bunito dimais

E – Rezava ... dançava ... e cantava tamém?

155. P1: Cantava

E – Sra. lembra como que era lá?

156. P1: Hã?

E – Sra. lembra como que era que cantava?

157. P1: Ah ‘quele caboquim lá eu cunheç’ ele dimaishhh

ENTREVISTA 14 – POAG:

Participante 1 (POSEL): 82 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Participante 2 (POAG): 67 anos de idade, feminino, casada, não-escolarizada, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: estruturada.

Data: 31/10/97.

E – Tinh' um trem jogan' pedra?

2. P1: ()

E – Na casa?

3. P1: É ... na casa ... né ... na muié minha na irmã dela ... () na casa () só num

4. jogava no véi pai dela ...

E – Só num jogava no véi?

5. P1: ()

E – De dia e de noite?

6. P1: De dia ...

E – Só de dia?

7. P1: () a ped'a vinha e a gente num via quem jogava

8. P2: Jogava mais de noite ... jogava de dia e de noite ()

E – Como é que era o nome do pai da sra.?

9. P2: Er' Antõin Borge

E – Antônio Borges?

10. P2: Antoine Boge Viera

E – E ele veio da onde ... sra./sra. Lembra?

11. P2: () da Laguna

12. P1: Morava na Laguna

E – Da Laguna?

13. P2: É ...

E – E o Antônio Boge é filho de quem? Cum' é que é o nome do pai/do avô da sra.?

14. P2: É ... Zé Aive

E – Zé Alves?

15. P2: É

E – E ... o nome da mãe?

16. P2: Mãe dele?

E – É ...

17. P2: Maria Baiana ...

E – Maria Baiana ... Essa Maria Baiana que é a que era iscrava?

18. P2: É

E – É simhhh?

19. P2: É ...

E – Ah qué dizê intão que a sra. é neta de iscrava?

20. P2: É ... sô neta ...

E – E iscrava ... ela/ela/ ... Iscut' aqui ... ele/el' era/el' er' o fazendero ()?

21. P2: Era ... (meu avô) era fazendero

E – Cum' é que er' o nome da fazenda lá? Sant' Antônio da Laguna?

22. P2: É

E – Sra. Lembr' assim quando ... a vó da sra. falava da onde que ela veio ... da cidade que ela veio ... ela falava?

23. P2: Ela vei lá do/() lá do/ ... (sempr' ali onde) ês comprava cativo ... né ...

E – Sei ... mais ela vei/ ... no caso ... ela vei da Bahia?

24. P1: El' era da África

E – Ês/ês chamav' ela ...

25. P2: É ... da África

E – Er' africana?

E – Da África?

26. P1: Era

27. P2: É

E – Ah

28. P1: O avô ... a 'vó

E – A 'vó dela veio direto da África pr'o Brasil?

29. P2: É ... da África ... Eis comprava neg' é lá né

E – Ah ... sei

30. P2: Na época que os neg' era da África

E – Aí ... ês falar' assim ... da onde que era ... a cidade ... algũa coisa?

31. P2: Não ... ês num tinha cidade né ... era todo mundo cativo () num tinha nacid'

32. ainda ()

33. P1: Ês rezav' o ofício ()

E – Rezav' o ofício ...

34. P1: Quem livrô ês foi o Anjo da Guarda ... o Anjo da Guarda

E – Sei ...

35. P1: Vei o povo lá d'Água Quente ... do Maranhão

E – Áhhh

36. P1: Feiz o vot' aí ... veio ... fazê/fazê ... essa rez' aí ... p'a Sra. da Cunceição

E – Sei ... Nossa Sra da Cunceição?

37. P1: É ... p'a ivitá esses trem ... parô ...

E – Certo ... E de lá p'ra cá ... mais ô meno quanto tempo tem isso ... () cumeçaro? Uns 55 ano?

38. P1: Cinqüent' e cinco ano

E – Sei ... E aqui tem quanto tempo ... só aqui?

39. P1: Quarent' e quato ano

E – 44? E os parente ... os irmão ... os amigos vêm todos p'ra cá ... todo ano?

40. P1: Vem ... o que 'tá 'qui vem ()

E – Então ... basicamente ... é/é durante ... esses anos todos aqui ... faiz o quê? Rez' o terço ... o quê que faiz?

41. P1: Rez' o terço ... e/ e/ e o povo dança

E – E o povo dança?

42. P1: É ...

E – () (faiz a festa p'o povo? Iss' é bão dimais né?)

43. P1: ()

E – Ah ... primero/ primero levant' o mastro ... depois reza ... depois

44. P1: A janta ...

E – Janta ... Festa?

45. P1: Festa ...

E – Aí tem o lado festivo ... Intão ... na verdade ... daquela época p'ra cá ... Já que acabô ... já que acabô aquela/aquela ...

46. P1: Parô

E – Aquela pirsiguição que o sr. 'tá falan' ...

47. P1: Parô ... Parô ... Parô

E – Agora ... Eu pergunto pr'o sr. ... Daquela época p'ra cá ... intão ... cuntinua rezan' ... só agradicen' a Deus?

48. P1: Só ... Só

E – E ... nessa festa ... tem/tem/tem algũa coisa ... durante esse tempo de fest' aí ... nesses anos todos ... o povo briga ... tem algũa confusão ô é tud' im paiz?

49. P1: Cumeçô 'tê algũa briguinha né ... dispois parô ... purque eis fazia ãa faia

E – Fazia o quê?

50. P1: Faia

E – Que é isso?

51. P1: É assim oh festa de hoje p'a manhã ... manhã o dia intero e à noite ôtra' veiz ...

52. mais manhecê o dia de finado num presta

E – Ah ... aí/aí ... discambava ...

53. P1: ()

E – Quem feiz o tambor?

54. P1: () num tinha festa mais p'a manhecê ()

E – Certim

E – Quem feiz o tambor

55. P1: Cumo é?

E – O tambor? Quem toca ele ... qual que é a tradição dele?

56. P1: Tambô?

E – É

57. P1: Não ... O tambô ... é/ ... uns e ot' aí bate

E – Sr. lembra quem feiz ele?

58. P1: Não ... lembro não

E – Como ele su'giu?

59. P1: Quand' eu vim pr'aqui já tinha ele já

E – Ele ... já tinha?

60. P1: Já

E – Esse tambor é antigo?

61. P1: É ... É ...

E – A festa ... quantos anos mais ô meno ... sr. sabe ... que ele tem?

62. P1: É que ... os tambor mesmo num vem pr'aqui ... a festa é do Puba ... né

E – Pumba? É Pumba né?

63. P1: É ... só ... () mai os tambô' memo num vei não ... Aí tem muito ... p'ra lá ... oh ..

64. p'otas festa p'ra lá () depois 'cabô a festa lá ... 'cabô a festa lá ... 'bandonô ... o povo

65. ... 'bandonô tudo ()

E – Iscuta ... Os mais antigos ... que cumeçar' essa festa ... o sr. 'tá no mei deles ô não?

66. P1: De quarent' e quat' ano p'ra cá (eu 'tô)

E – E quem mais?

67. P1: D'ái p'ra traiz eu ()

E – Quem é o mais antigo da turma que vem rezá 'qui ... no caso ... é quem é ... dos mais anti/as família mais antiga ... a do sr. mesmo?

68. P1: É ... aqui mesm' é ... aí mora minha muié aí ... minh' isposa ... Bindito Boge ...

E – Aqui ... o vizinh'?

69. P1: É ...

E – Binidito Bog' é ... irmão ...

70. P1: É ... dela ... é

E – Da isposa do sr.?

71. P1: É ... Antonce ... el' até/el' é sócio aquí ... nessa fest' aqui ...

E – Ah ... sei ... Intão os dois é que/que/que comprô essa devoção?

72. P1: É ...

E – E o sr. acha que essa devoção vai cuntinuá?

73. P1: Uai ... inquanto ... () dos mai véi ... que er' o pai dela () foi morren' ...

74. morreu/ morreu mãe ... morreu padrasto () ficô os fii fazen' ... agora ... se morrê

75. nós mai véi ... os mais novo ... se quisé continuá ()

E – Mais aí sr. ... pelo que o sr. vê ... pelo que o sr. vê da participação dos mais novos ... dos filhos do sr. ... os netos ... tudo ... o sr. acha o povo tudo tem ainda amor à N. Sra. e agradece sempre?

76. P1: Tem sim ... é ... tem sim ...

E – Quer dizê intão que aquela/aquela/aquela perseguição ... que tinha 'cabô?

77. P1: 'Cabô ... parô ()

E – E o sr. acha que o povo/o povo/o povo/vocêis aqui um pov' unido?

78. P1: É unido ... unido () só qu' eu pens' assim ... se parasse talvez vortaria ()

E – Se Pará /se Pará de fazê essa festa ... o sr. acha que/que pode sê que volta?

79. P1: ()

E – Então ... tem que pegá firme?

80. P1: Tem ... pegá firme ...

81. E – Perseverá direto?

82. P1: É ... ()

E – Oh ... tem um pessoal aqui ... esse pessoal ... diz isso p'ra eles sobre a questão da festa de vocês aqui ... É algo importante? Tem valor p'ra vocês ... cultural ... religioso?

83. P1: Ah ... tem ... p'ra nós aqui ... (a fé é firme) ... premero im Deus depois im Nossa

84. Senhora ()

85. E – Vale a pena ficá fazen' esse negócio de/essa rez' aí todo ano?

86. P1: Vale a pena

87. E – Acha que Deus proteje vocês?

88. P1: Protege ... Ele protege ... (Nunca) farta p'ra mim não ...

E – Nada? Se hoje im dia/ se o sr. tivesse oportunidade ... SE ... num vai ixisti isso ... mas se existisse a oport/a possibilidade do sr. istudá ... cunhecê mais as coisa ... o sr. acha que ... porque ia istudá ia cunhecê muita coisa ... intelectualmente ... o sr. acha que ia largá esses negócio de festa ... de rezá e tudo?

89. P1: {Ah ... eu ...

E – O sr.} faria isso?

90. P1: Não ... Acho que ... () (a po'ca ... fraca ... idéia qu'eu tem) ... acho que num tem

91. idéia de largá nunca

E – Nunca? Mesmo que tivesse ot'o tipo de cunhicimento?

92. P1: ()

E – Sr. acha que se ùa pessoa (é) inteligente ... intelectual ... sabe muitas coisa de muitos livros ... o sr. acha que cabe Deus na mente dessa pessoa ô basta só os istudo?

93. P1: Cabe ... É Deus primeramente ... PRIMERAMENTEhhhh

E – 'Tá bom ... passe adiante

ENTREVISTA 15 – POVB:

Participante 1 (POBV): 74 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data: 31/10/97.

E – Por que que cumeçô?

1. P1: Uai ... foi ixistin' parece que um tipo ... isso qu'eu falei ... eu vô cunversá cum o
2. padre ... Ixistia um tipo de naturez' assim ... dava tapa n'ũa pessoa 'cê oiava e num via
3. ninguém ... né ... Pega' ota pessoa jogava p'ra 'culá ... ninguém nem sabia quem que era
4. ... né ... atoa ...
5. Depoisi ... a maió coisa que eu tive foi um dia na casa do meu pai ... O sujeito chegô e
6. falô "Ô seu Binidito ... ieu/ ieu sei rezá ãa oração ... vô tirá esse trem do sr."

E – Binidito era o pai do sr.?

7. P1: Não ... meu pai era Antoine Boge ... né ... Aí cumeçô rezá lá ... o sujeito foi rezan'
8. um São Marco ... mai ess' sujeit' apanhô ... viu ... e ninguém viu ... Agor'eu ...

E – Cumeçô rezá o quê?

9. P1: O Sr. São Marco ... Esse caboco chamava 'té Justino ... Ele cumeçô ... jueiô lá no
10. mei da sala ... cumeçô rezá e tapa cumeu ... né ... aí ficô pió ... né ... esse/esse dia ... o
11. povo ninguém durmiu ... né .. Agora ... eu ... graças a Deus ... ni mim num incostava
12. nada ... né ... é tanto que hora que eu 'tava num lugá ... ãa comparação ... a turma
13. rudiava ... im roda de mim ... "Ó ... me pinicô" ... curria p'ra junto de mim 'cabô né ...
14. Graças a Deus ... nim mim nunca incostô nada viu ... Agora ... minhas irmã ... teve ãas
15. que ês cumeçô a futricá né ... Agora tem essas irmã particular ... essas cumeçô sofrê ...
16. tapa ... veiz inquanto uns pinicão e pedrada né

E – Essas irmã particular é/é/é o quê?

17. P1: É porque é fia d'ota muié ... lá ... Eu sô fii da Francisca ...ês era fii da Constança ...
18. né ... Eu era fii do/da premera nação ... é ... Afinali de conta/ mai Deus ajudô que depois
19. eu/ pruximô essa/essa () falô ... é/ é pega cû'a Sra. da Conceição ... que sinão ... do
20. jeito que é que 'tá ... ninguém sabia o que é que fazia ... porque ot'as reza ...
21. pur'inxempro ... rezava num dia ... no ot'o dia o trem ... de novo né ... E ninguém via ...
22. Padre Eu fico pensan'nisso

E – Será que num era algũa coisa ligada a algũa serra dessas pur'ái ... algũa cois' assim ... algum tipo de barulho?

23. P1: Não ... num sei Padre ... cumeçaro lá ... a hora que cumeçô ... que cumeçô ... rezá as
24. oração ... isso desapareceu ... desapareceu cum Ofício e Anjo da Guarda ... Eu lembro ...
25. cumo hoje ... logo que rezô ... dali im diente ninguém num/num incostô mais ... o trem
26. foi sain' aí ... quer dizê que ele saiu ... quebrô pote na cabeça de gente ... que usava
27. muito ... pote ...

E – E tinha/tinha gente que mixia cum coisa de ispiritism' aqui?

28. P1: Não ... num iexistia essas coisa não

E – Num tinha nada?

29. Nada ... né ... nossa/a nossa religião

E – E o pessoal/o pessoal mais antigo por'exemplo ligado à dona/a vó do sr. a Maria Baiana?

30. P1: Não ... essa ...

E - ... tinh' algũa cois' assim ... ligada ... a/o pessoal que veio da África tal tinha algũa cois' assim ô não?

31. P1: Não ... é ... acho que não ... mais ... porque isso cumeçô pur'inxempro já foi só dent'
32. da famia ... que era/ cumo diz do meu pai né P'a trais ... os ot'os parente ...

E – Nunca tinha tido nada disso?

33. P1: Nunca acunteceu nada né ...

E – Ah ... (certo)

34. P1: Intão ... 'cunteceu só intremei essas duas famia ...

35. P2: E o seu pai cramava tamém disso?

36. P1: Não ... o meu pai num mexeu cum ele tamém não

37. P2: Não?

38. P1: Mais os fii e esses ot'o fii da muié e depois ... veiz inquanto dava num vizinh' ãa

39. comparação e dava um tapa num lá um impurrão né e ninguém via quem que é ...

40. chegav' e jogava ... sujeito 'tava cunversan' assim dava pedrada né ni caboco aí/e iss' aí

41. corr' im cima corr'im baxo ... e cadê nada ... né ... Eu primer' achei que era índio né

42. ieu/ieu era um/um rapaiz novo naquele tempo e eu andava/andava/andava falan' "cadê?"

43. Eu quero vê quem que é" né "cadê?" Né? Era só iscurecê cumeçav' essa baderna mai

44. Deus ajudô que {() que ãa comparação ...

E – Má o sr./sr./sr. falô um negócio de índio ...} Agor' eu quero ... é ... ãa pergunta ... esse pessoal aqui dessa região ... tem alguém que é descendente de índio? A família do sr. pur'exemplo ... tem algũa ligação com {índio?}

45. P1: Não ...} não ... tinha ... tinha ... A/a/ a vó dessa mulé minha memo era/era/é índia

E – Ahhh ... a vó da dona/da dona ...

46. P1: Da Valentina ...

E – El' é índia?

47. P1: Era ... a bisavó ... que a vó dela era Aniceta e a Aniceta é que era fia d'ũa índia

E – Ah ... simhhh? Então a bisavó dela é que era/era

48. P1: É ... que era índia

E – Ah ... sei ... mais ela ... ela foi pêg' aqui nessa região?

49. P1: Não ... Aqui a/ iss' aí ... eu vejo contá a história ... ês pegar' el' aqui pr'esse mundado

50. de Amaro Leite e truxer' essa índia

E – Amaro Leite? Mais é aqui p'ra baxohhh

51. P1: É ... 'qui p'ra ... é 'qui p'ra baxo

E – É perto de/é perto de Mara Rosa?

52. P1: É ... pur' aí ...

E – Decen' a Belém-Brasília?

53. P1: É ... Diz que esse caboco/pegar' essa fulana lá e depois ... garotinha e depois

54. truxer' ela e ... né ... e ... ficô essa nação dessa índia aí ... É tanto que tem ãas/ũas

55. pesso' aí que tem esse sãigue né ... veiz im quanto pux' um que parece né ...

E – Ah ... éhhh?

56. P1: É ... nãoohhh ... parece ... tem o tipo da/da/da natureza memo

E – Iscuta ... pur que que esse pessoal tem olhos claro pur exemplo a fia/ o sr. tem ãa/ ãa neta que tem a/a fia da Marina tem o olho verdimhhh ... Quem é que tinha o olho claro?

57. P1: É só o meu avô o/o Joaquim Boge

E – Joaquim Boge?

58. P1: É

E – El' era/ el'era o quê?

59. P1: El' era minero

E – Minero?

60. P1: Minero ... É

E – E el' er' um home claro?

61. P1: Clar' e ... do zói azul'

E – E aí ele casô cū'a ...

62. P1: Ele/ ele ... 'juntô

E – Ele 'juntô cū'a ...

63. P1: Ele 'juntô ... naque'a ép'ca

E – Cũ'a Maria Baiana?

64. P1: Ele/ ele vêi/ vêi de Minas sortero ... comprô essas terra e 'teve pur'ái uns anos

65. depois era/ era daquele tempo de cativero né

E – ãhhh

66. P1: ... só ele mesmo teve num sei quantos nego ... num lembro pu'que num era do meu

67. tempo né El' era/ el' é que era o sr. dos cant/dos cativero ... viu

E – O avô do sr.?

68. P1: Meu avô

ENTREVISTA 16 – CHIBE:

Participante 1 (CHIBE): 46 anos de idade, masculino, casado, semi-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data: 31/10/97.

E – Essa celebração de 31 de outubro ... o quê que ela representa ... o quê que significa ela?

1. P1: Uai ... eu no meu modo de pensá ... a cebe/ a celebração é im lovor da/da nossa
2. padruera ... que é N. Sra. da Conceição

E – N. Sra. da Conceição ...

3. P1: Humhhh

E – Cêis fazem aí ... no caso ... ãa procissão em torno do mastro e depois põe a bandera e depois faiz o astiamento ... O quê que significa isso?

4. P1: Uai no/no sintido ... gente é ... im lovore dela que gente faiz essa prucissão ...

E – Esse canto ... essa música que vocês cantaro ... o que ela significa?

5. P1: Uai ela significa é um/ é um/ ãa celebração um/cumo fosse ãa missa ... que noise
6. canta

E – Há quantos anos o sr. tem acumpanhado/ desde quantos {ano

7. P1: Íchiiihhh}

E - ... o sr. tinha quantos ano quando o sr. vêi a primera veiz ... nessa festa?

8. P1: Eu ... idade de 12 ano ... de idade ... que eu vem nessa festa ..

E – Sr. ‘tá cum quantos an’ hoje?

9. P1: Hoje ... eu ‘tô cum 47 ano

E – Sr. vem im todas festa?

10. P1: Toda fest’ eu vem

E – Pur que essa/essa/essa cruz/esse/esse símbolo ... o quê que signific’ aí ... p’ra festa?

11. P1: () Significa bem ... Iss’ aí é intenção da/da nossa padruera e aí já vai d’aqui já vai
12. im lovore da/ da nossa padruera

E – É ... Este lovor à padruera ... ele siginifica o quê ... esse lovor ... por exemplo: é contr’ algum mau ... é/é ... o quê que siginifica esse lovor?

13. P1: Uai é/é contra/ contra algum mau que/que iexistiu na famia intão é/ é que formô ... ()
14. Tem sim ... tem significado ... É que ... atualmente tem que fazê ... a xiquinha dele

E – Faiz a xícra dele depois? E essa xícra ... depois dela feita ela vai p'ra onde? Qual o sintido dela ... ela fica guardada ... cum' é que é?

15. P1: Fica não ... fica não ... Ess' aí ... fic' aí ...

E – Certo

16. P1: É fic' aí manhece o dia ... é só a cruzinha que 'ranca e guarda ...p'ra o ano sirvi de

17. novo

E – Me diz ùa coisa ... quando a bandera foi irguída vocêis deu viva e sr. Bertino disse o seguinte ... a primera coisa que o sr. disse “viv' o Capitão do mato”

18. P1: Isto

E – Que significa essa expressão?

19. P1: Uai ... ali ... é im lovor de ele sê um capitão que pegô a bandera da N. Sra. que deu a

20. oportunidade p'ra ele p'ra levantá o mastro no dia de hoje

E – Quem que foi o capitão ... quem era o capitão?

21. P1: Ahhh ... a ... a ...

E – Er' ùa pessoa de ... ()

E – Não ... Quem foi o capitão do mato?

E – Quem foi o capitão do mato?

22. P1: Quem foi o capitão do mastro ... nome dele chama Jão ...

E – [O] primero?

E – Foi o primero que ergueu o mastro?

23. P1: Não ... não ... não ... não ...

E – Nãohhh?

24. P1: Iss' aqui já/ essa festa no mínimo é/ é já tem repassado muito capitão do mastro

25. nesse dia ...

E – Ah ... intendi ... A pessoa responsável pelo mastro a cada ano ... é o capitão {do mastro?

26. P1: É o capitão do mastro

E – Ô seja} a pessoa que levant' {o mastro ... como se fosse o festero?

27. P1: Isso } ... Ixatohhh ... a fest' é dele ... Hoje aqui é do capitão e o don' da casa

E – Ahhh ... corretohhh ... Muit' obrigado o sr.

28. P1: De nada

ENTREVISTA 17 – POJOB:

Participante 1 (POJOB): 30 anos de idade, masculino, solteiro, semi-escolarizado, natural do município de Pirenópolis-Goiás.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data: 31/10/1997.

E - ()

1. P1: A dança do tambor? Não ... essa dança do tambor ... no meu tempo ela não existia
2. Essa fest' agora no/ (eu não cunheço el' aqui) dia 31 que é hoje mai () essa festa de
3. tambô tem a festa de tambô () tem mais im ot'a região aqui na/no ot'o lado num lugá
4. com o nome de Puba onde 'tá esse pessoal que 'tava tocan'o lá tem essa festa de tambô

E – Mais 'cabô há muito tempo ô todo ano tem?

5. P1: Não agora () no tempo dos pessoal mais velho intão tinh' essa festa de tambô
6. agora ()

E – O sr. chegô a participá del' algũa veiz embora sen' criança ... ãa veiz ô ot'a?

7. P1: Participei ... Participei dela que eu fui nacid' e criado () {na região

E – Ah éhhh?}

8. P1: Que o meu cunhad' é fii do/do don'/don' da casa ... el' é é fii do don' da casa () Eu
9. cunhici a festa do tambô mais hoje já não tem mais essa festa do tambor hoje

E – Tem muitos ano que dexô de existi ela?

10. P1: Tem ...

E – Uns vinte ano?

11. P1: Não ... tem mais ... tem mais ... iss' aí ... eu 'tô cum/cum trinta anos tem a média de
12. trint' e cinco anos ... que foi a ... já 'cabô essa festa do tambô ... que num tem mais essa
13. festa de tambô ...

E – Já tem/ já tem trint' e cinco ano que acabô?

14. P1: Já ... Já tem trint' e cinco ano que já não tem mais essa festa ... Que essa fest' aqui de
15. hoj' aqui 'tá cum cinquent' e parece que quato ano que ela vem prossequin' todo ano
16. mai essa festa de tambô já foi a/ parada há mais tempo ...

E – Essa festa de hoje no caso significa o quê?

17. P1: Uai essa fest' aqui de hoje que ela significa que no tempo d' eu criança eu ouvia
18. meus pai falá e depois que eu crisci já os proprietário dessa casa dizia que antes na/no
19. tempo dos dos mais/dos velho do/do pai da don' Agustinha do seu Binidito haveria ãa
20. perseguição dent' é na família ... diz que a/a um bicho () jogan' pedra () dent' de casa

21. ... Pindurava um tip' assim d' um macaco pindurava bem dizê do lad' de fora né e
22. colocav' aquele rabo p' o lad' de dent' da parede intão aonde causô essa festa para que
23. continuasse p'ra não 'tê mais essa perseguição

E – ũa reza ...

24. P1: Essa reza né p'ra todo ano 'tê essa reza até (passá) essa perseguição hoje num tem
25. ela mais no lugá já foi acabada essa perseguição hoje já num temos mais esse tipo de
26. coisa que tinh' antigamente já num tinha mais essa perseguição () (como diz) hoje só

E – É ... apesar do sr. não tê cunhici' essa festa do tambô assim a fundo o quê que essa festa do tambô antiga representava? Sr. sabe dizê p'ra gente?

27. P1: Não ... Iss' aí eu num se/ eu não posso explicar que eu cunhici ela essa festa do
28. tambor eu era (um po'co) criança mais eu num sei cum' é que foi o início dela vino
29. como foi o/na/o nacente dela aí eu num sei i xplicá p'ra vocês como foi o nacente dessa
30. festa ...

E – ũa o'ta pergunta ... quero sabê o seguinte o sr. disse que naceu aqui né nessa região e os pais do sr. também naceu aqui?

31. P1: Não ... meus pais são de Bahia ... Santana do Brejo

E – Santana do Brejo?

32. P1: É

E – Mais tem muitas pessoas idosas que os pais nacer' aqui ... né?

33. P1: Nascid' aqui ... nascid' aqui

E – Ahhh sim

34. P1: São nascid' aqui ... (nessa região)

ENTREVISTA 18 – POBEV:

Participante 1 (POBEV): 74 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data: 31/10/97.

1. ('Cunteceu) ... cumeçô esse isprito mau nas fazenda que era do meu pai no Veredão e lá
2. er'um sítio e cumeçô dá/ jogá pedra e depois ... é/é ... veiz im quand' um tapa num né ...
3. veiz im quando pegav' ãa moça tamém dav' ãa turiada nela e jogava p'ra lá mais num
4. feiz certas istravagança que er' ãa coisa que ninguém via né eu achava ... logo no
5. cumeço eu achei que era índio eu pegav' um/eu/ieu ... graças a Deus eu parece que toda
6. vida eu tive corag' e força ieu era um dos rapaiz que () quando chegava essa turma
7. chegava p'ra perto de mim e 'tá gritan' cum medo de pinicão no caso chegava perto de
8. mim ninguém mixia mais né foi 'cunticid' esse assunto ... depoise a/antão
9. peguemo/pegô cū'a Sra. da Cunceição feiz essas oração e aí tinha uns rezadô ... aí
10. desapareceu mais isso er' uns dois treis an' o povo sofren' c' esse assunto viu ... Intão
11. nós/nóis tem' essa ora'/ é eu sô um da/dos que conta a história e vi né ... 'Gor' o/o/dos/
12. ot'as pessoa que tão aí festan' que num sabe nem purque que foi feito né essa prumessa

E – Mais com o sr. num chegô acuntecê nada?

13. P1: Não cumigo não ... graças a Deus

E – O sr. tem o corpo fechad' intão?

14. P1: Graças a Deus ... cumigo nunca acunteceu nada

E – E ... Sr. falô que achô que fosse índio né na época intão tinha índio pur' aqui?

15. P1: Não ... iexistia aigum índio passagero () antão (pensava) não ... índio and'iscundid'
16. e tal né Eu até fazia istravagança um dia .../ depois falava "Ah Binidito num faiz isso
17. não" "Eu s'eu vê quaiqué coisa eu atiro né" Nesse temp' eu era criado nos gerais aí
18. pur'inxemplo eu er' um sujeito mei forte e graças a Deus ... 'gora tem ãa coisa depois
19. mim dissero "Ah ocê é batizado purque nunca num 'cunteceu nada cum ocê nem (cum
20. respeito) né Isso foi acunticido e nós temos/e num vamo dexá não ... purque ... já teve
21. ãas ot'as coisa parece tê impurrado desse/ desse trem memo mais aí já num apariceu
22. mais tapa nem impurrão nem/nem ... né e afinali de conta é um trem invisive mai agor'
23. eu fico pensan' assim ... num via quem () as coisa né num via quem ...

E – Bom ... é/é ah mai o sr. chegô a tê contato cum algum índio a vê assim?

24. P1: Não não não num iexistia Iexistia o índio má é purque o povo fala que "Éh o índio

25. anda e ninguém num vê? mai nada nunca tinha ()

E – O sr. num chegô a vê?

26. P1: (Pegô um cachorro no latido) tinha cachorro na fazenda ... o cachorro divia sê

27. um/um quarqué um cachorro sempre late né ...

E - Ãhãhhh

28. P1: Não ... nunca aconteceu ...

E – Animal num sumia ...

29. P1: Animal num sumia num curria daqui

E – Nunca matô ninguém não?

30. P1: Não

E – Ahh Seu Binidito e sobre a festa do tambor sr. deve tê participado da festa do tambor

31. P1: Ah ... o tambôhhh?

E – É

32. P1: Não Aqui óhh foi muitos ano dançan' tambor

E – Éh?

33. P1: Cêis podia inté 'tá/ o tambô podia 'tá inté 'í que ocêis podia até dançá tamém ((risos))

E – Mais cumo que ela é ... como que é ... como que é essa dança do tambô?

34. P1: O tambô é dois pau furad' e aquela zabumba essa/ a zabumb' inda tem aí né é

35. aquele batuque de batê *pan pan pum/pan pan pum* e ali óh vai cumeçan' e pega fogo viu
((risos))

E – ()

36. P1: Esse tambô?

E – É

37. P1: Não ess' aí eu/quando foi/ 'pariceu esse negoço do tambô isso eu num dô nutiça

38. cum' é que foi cumeçado né

E - Ãhã

39. P1: Nessas festa já tinha ... lá na festa d'Água Quente já dançav' o tambô agora passô a

40. dançá nessa/nessas que fizer' aqui pur'inxempro nóis fazia dançô o tambô muitas veiz

E – N'Água Quente tinha esse costume ... intão?

41. P1: Agora pararo passô só p'aquela varsa ()

E – A Água Quente num faiz mais a festa?

42. P1: A festa ... a reza nóis continoa ... mesma coisa

E – É? Mais num tem tambor?

43. P1: Não tambô ês (parô cu' ele) e tambor é um moviment' até bão né

E – O sr. sabe pur que que parô?

44. P1: Não num sei purque ... os/os batedô de tambor/ 'tão foi/foi morren' aque'as pessoa

45. mais véia {aquês preto ...

E – Ah e num foi passan'o p'os ...

46. P1: Né?} Esse povo muderno que dia qu'ês vai iscorá na cabeça d'um tam/d'um coro

47. mode batê 'tão 'quês mais véi foi 'caban' ... cabô o assunto

E – Ah 'tá foi 'caban' assim naturalmente?

48. P1: Naturali né num foi ninguém que/ninguém que tirô nem nada não Hoje tem a

49. zabumba aquela qu'êis bater' aí 'inda danç' algum batuque né

E – E como que era a dança do tambô ... era dançad' de dois?

50. P1: Não ... dançava de um só

E – Ãããhhh no ritmo do tambor inquant' tambô tocava cêis dançava?

51. P1: E aí a turma dançava eu memo num era dançadô de tambô não nem essas ot'a dança

52. eu num gosto bem delas

E – Sr. num dança não? ((risos))

E – Cum essa zabumba que 't'ái será que não tem como fazê ãa demonstraçãõ da dança p'ra gente vê?

53. P1: Ahhh s'ocêis me pagá minina eu vô fazê/mandá (batê um batuque) ((risos))

E – Paga se fô bem baratinh' a gente paga

E – O quê que é que o sr. qué recebê?

54. P1: Aí aí cêis via um nego que nem ess'ái ot'ái dançá né ((rindo))

E – Intão será que tem jeito de fazê ãa demonstraçãõ p'ra nós?

55. P1: Depois' eu vô sabê da turma

E – É? 'Tão 'tá.

E – O sr. num sabe o significado desse tambor?

56. P1: Não O significad' é aque'as cantiga aque'as coisa eu num sei o significado eu sei

57. que era brinquedo

E – Tem alguém viv' ainda que canta a/a cantiga do tambor?

58. P1: Ahhh deva tê né mais é/é muito po'co deles

E – É né?

E – Num tinh' ãa épuca x/ num tinh' ãa épuca só p'ra/que canta/que fazia essa festa não?

Num tinh' ãa épuca que fazia só essa festa de/do/do tambor {não?

59. P1: Não ... não ... não}

E – Era qualqué ocasiãõ?

60. P1: É/é/é não quarqué ocasião não Essas festa são feita só nessa reza de Sra. da

61. Cunceição

E – Ahhh só no dia 31 de otubro?

62. P1: É

E – É nas reza de Sra. da Cunceição ... mais têm dias diferentes?

63. P1: Nas ot'a festa num tem tambor não Antão a N. Sra. da Conceição aqui tinha duas

64. festa ess' aqui e ùa ot'a num lugar pur nome de Puba Antão tinha o tambor

E – Lá no Puba?

65. P1: É

E – É ... essa da Água Quente quem que era/qual que er' o santo de devoção?

66. P1: É de Água Quente/de Água Quente era uns véi/nego véi que tinha lá ... 'quilo 'cabô

67. tamém num sabia nem o nome deles

E – Sr. sabe qual era o santo de devoção lá?

68. P1: Do/do/do

E – Da festa da Água Quente?

69. P1: D'Água Quente?

E – É

70. P1: Não ... lá/ lá êis/ era Santa Rita

E – Ahhh

71. P1: ((risos))

E – Ahhh Santa Rita Aqui é Sra. da Conceição e nos Puba qual que é?

72. P1: É a Sra. da Cunceição {tamém ...

E – Também?}

E – ()

73. P1: ã?

E – Quando?

E – Ah o quê? Ah na Água Quente quando que er' a festa?

74. P1: Ah aquilo/aquilo passô aquilo ()

E – Mais o sr. num sabe a época que era feita não?

75. P1: Não

E – E no Puba?

76. P1: No Puba é/é dia oito de/de dezembro

E – De dezembro?

E – E ot'a coisa o seguinte parece que eu 'vi falá que hoje/dessas festa que comemor'aqui durante esses ano tudo parece que foi hoje que foi a primera veiz que feiz ãa missa?

77. P1: É Justamente Hoje foi a primera veiz que tev' a missa Mais é só os rezadô reza
78. rezadô e reza e () Mais é/ ês 'tava queren' 'té tomá conta das festas pu' que eu/eu sô
79. um dos fulan' que 'juda zelá do povo e nunca me feiz falta é na épua nós mata vaca
80. mata capado dá cumida p'o povo na/na/né Agor' a pinga nós 'tá queren' tirá ela do/da
81. turma de/de venda de pinga que tem um povo/ um pessoal dess' uso uns vêm p'ra 'sisti
82. ot'os vêm beb' beb' ãas pinga fica doido

E – E brigam né ... tem briga?

83. P1: Não Anté/ anté/ pelo muvimento anté nunca teve briga pu' que né cumeçaro dá uns
84. tapinh' aí ãas veiz ê/ê tem paciênciah ... Agor' eu tenh'um negoço eu chego na turma aí
85. rapaizhhhh ... sô quais que nem o padre {chego e dô conseio ...

E – O sr. impõe respeitoh} ((risos))

E – E o sr. acha que com a missa melhorô algũa coisa a/o dex'assim a/a cultura que vinha disinvolgen' é agora cû' essa implantação da missa num mudificô não?

86. P1: Eu acho que/ é capaiz que vai mudificá pur inquanto ...

E – Num perde um po'co o costume?

87. P1: É vamo vê se o povo pega mais cultura já teve um/ um assunto ãa comparação fartô
88. ãa'devertêça n'ãa turm'aí mais iss' acontece né ... é ...

ENTREVISTA 19 – PUSC:

Participante 1 (PUSC): 77(?) anos de idade, masculino, viúvo, não-escolarizado, natural da comunidade.

Participante 2 (POBEV): 74 anos de idade, masculino, casado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: aberta.

Data: 31/10/97.

1. P1: () (eu trox'el' aqui) ((risos)) ... Eu num trox' ele pr' aqui ...

E – Má o sr. dá conta de dançá o tambô 'inda ... seu S.?

2. P1: Ieu? Não ... dô não ... 'gora as perna 'tá ruim ...

E – ()

3. P1: Ainda 'tô ((risos))

E – Sr. já dançô seu Simplício ... o tambô?

4. Iiiihhhh ... ieu? Já dancei foi munto ... Cum' evai? ((cumprimentando sr. Benedito

5. Borges Vieira, seu amigo e compadre)) Cumpade óh ... (qué mandá) trazê tambô

6. pr' aqui ((rindo muito)) () ((risos)) Sra. qué mandá trazê ...

7. P2: Ê ... tem que arranjá os cantadô

8. P1: É ... mexê () Barro Alto ... ((risos))

E – Cadê os cantadô?

9. P1: Os cantadô 'tá pr' aí ... ((risos))

E – E a música ... tinha/tinha voiz ... cantava ô era só o barui do tambô?

10. P1: Só barui do tambô e tinha o cantadô tamém ()

E – Sr. cantava também ... seu S.?

11. P1: Não ... eu cá nunca cantei não sra.

E – Sr. gostava de dançá ... né?

12. P1: É ... veiz im quand' dav' uns pulim ((risos))

E – E quem é que canta?

13. P1: Ah ... um mucad' desi

E – Sô/ Sô O. canta?

14. P1: O. é/é ... el' num 'tá 'qui um muncad' des' aí canta má eu tamém num canto não

E – Seu A.? Seu A. canta?

15. P1: É el' agora (cum essa mania de) passá p'a crente ...

E – Má pode dançá uai crente tamém pode dançá

16. P1: Será que pode? Não dança não Crente num gosta de (união) ((risos))

E – Sr. é crente sô ...

17. P1: Não Eu tamém sô ()

E – Má intão sô/má/ má pode dançá num pode não? Crente num pode dançá? Pur quê que num pode dançá?

18. P1: Não num sei num gosta de união né a união é só desi ((risos))

E – () que dia que nós vai vim cá p'ro sr. buscá seu tambô p'ra nós?

19. P1: Êêêhhh minino iss'ái é maicad' sempre é lá p'ra mês de jũ ((risos)) agora mês de

20. jũ a/Bertin' faiz tambô lá mais o tambô vai sem chamado ((risos))

E – B. é aqul'ali?

21. P1: É aqul' ali óhhh aqul'ali é que é don' do tambô

E – Qual é o ritmo da música? () Num tem nenhum tocadô aqui será?

22. P1: Tem não e nem o tambô tamém num 'tá 'qui não

E – Sr. tem quantos ano seu/seu Cum' é o nome dele? S.?

23. P1: Eu?

E – É

24. P1: Pode falá não

E – Pode não né

25. P1: Sinão 'cê susta

E – Sr. já feiz 50?

26. P1: Ieu?

E – É

27. P1: Humhum 'tô cum/cum setent' e/e oitcho

E – Quantos neto sr. já tem ... bisneto?

28. P1: Iiiichiihhh Dimaihhh

E – Já perdeu 'té as conta?

29. P1: ()

E – Ahh mai o sr. 'tá de chapéu uai cum' é que nós vai vê tira p'ra nós vê cum' é que 'tá

30. P1: Não é modo num vê o cabelo

E – O sr. tamém (toma pinga) p'a rebatê o suor da ()

31. P1: É/É preciso tomá p'a mod' isquecê da idade ((risos))

E – Quantos ano sr. tem seu Simplício? Sr. 'tá queren' isquecê?

32. É uai que sinão num tem jeito ficá sem tomá ãa pinga p'a isquecê que sinão num pode

33. nem cunversá (que 'tá) munto véio é (minin') 'cê 'tá cunversan' (de cunversan') eu 'tô

34. é piadist' aqui no mei dur minin' ... ((risos))

E – Nói vai vim cá p'a/ p'a dançá o tambô cum sr. e o sr. num vai ()

35. P1: Mai agora 'cêis num chamô ... O tambô num vai vim s'ocêis num chamá ((risos))

E – Mai se um dia eu vim cá sr. insina eu dançá esse negoç' aí?

36. P1: Ah ... sei lá ...

E – Eu sô é bão na dança viu eu sô gord' assim má eu sô é bão na dança

37. P1: É bão mais é ()

E – Mais eu só quer' aprendê cum sr.

38. P1: É o tambô num vai sem num chamá ele

E – Nós tamo chaman' nós tamo chaman' o tambor

E – Nós num sabe chamá não o sr. é que tem que chamá p'ra nós

39. P1: (Nóis) 'tá brincan' mai é memo ês já andaro cu'ele lá p'a Barro Arto tudo levô tudo

E – E se a gente chamá ocêis p'ra um dia í' lá na Faculdade fazê ãa apresentação p'ra gente 'cêis vai?

40. P1: Vai uai

E – Vai mesmo?

41. P1: Vai ei/o don' dele vai

E – O sr. tamém vai dançá p'ra nós vê?

42. P1: Mais nós num sabia que ocêis ia vim aqui óh sinão tinha trazido né Florindo? (E

43. num tav' aqui) de mão p'a riba

E – Vamo lá buscá el' intão

44. P1: Não ... é longe ((risos))

4.3 Amostra de fala da comunidade de Traíras

ENTREVISTA 1 – FOJOPE:

Participante 1(FOJOPE): 70 anos de idade, masculino, separado, não-escolarizado, natural da comunidade.
Tipo de entrevista: semi-estruturada.
Data: 17/03/2004.

1. P1: Diz que foi surgido aqui ês brigô daqui/o pessoal daqui ... cumeçô ãa briga cum
2. pulítico né ... daqui .. Intão de lá brigô com os de cá ... Esse num alembro qual é a
3. famia ... sei que daqui um muncado da famia daqui foi imbora pa Uruaçu ... Aí foi
4. pa Uruaçu diz que a briga foi ali no Corgo do Buriti ... sempre meu pai falava isso
5. né aí foi aonde (virô) o município daqui pra lá, (sabe cum'ê que é), ficô município de
6. Niquelândia ... Pessoale saiu aí ês tomô daqui pra lá ... Aí ficô isso aí ... Um
7. muncad' da gente/ o pessoal mudô pa Uruaçu ... lá ni Uruaçu tinha o nome até de ...
8. era de ... Santana ... né ...

E – Er' o nome de Uruaçu?

9. P1: Er' o nome de Uruaçu ... Santana ... Êis mudô pra lá aí feiz ãa igrejinha e botô
10. Nossa Senhora Santana ... Ali na bera do corgo () na parte de cá ... Aí daí é que
11. mudô pra Uruaçu ...

E – E o nome dessa família sr. num sabe ... (como que era)?

12. P1: Ora ... isquici cum'ê que er' o nome ... depois eu lembro pra sra.

E – Umrum ... Me cont' essa história do nome aqui ... Traíras ... Tupiraçaba ... cum'ê que foi isso ... essa troca?

13. P1: Não ... pois'ê porque ... de premer' era Traíra ... né aí (quando vei/) que mudô
14. os nome de Uruaçu mudô o nome de Niquelândia que era São Jusé do Tocantins né
15. aí mudô o nome aqui também pa Tupiraçaba né que aqui era Traíra ali Niquelândia
16. era São Jusé Uruaçu era Santana né aí mudô o nome de lá pa Uruaçu aqui pa
17. Tupiraçaba e aí pa Niquelândia ... iguale mudô os nome da ot'a cidade tudo ... Ali
18. im Ceres era Barranca né ...

E – Barranca?

19. P1: É ... Barranca ... Anapi era Anta

E – Hum

20. P1: Intão nesse tempo que mudô ih já faiz muntos ano ... intão foi mudô os nome

21. tudo ... E aí quando vei um/um pessoal aqui da Federal pa/pa restorá aquel' igrej' ali

22. e a ot'a lá de cima ... isso tá cum a bas' duns ... ah uns seis ano marr'o meno

E – Hum ...

23. P1: ... que era pa vim restorá 'qui foi aonde im Goiais Véio deu aquele prijuízo

24. aquela casa que a enchente derrubô né

E – Certo

25. P1: Cora Coralina né?

E – Unrum

26. P1: ... antão era pa vim pa 'qui pa restorá 'qui ... não restorô ... 'tá parad' até hoje

27. ... Aí ês falô que é Traíra novamente

E – Unrum

28. P1: ... (assinaro) na porta da igreja né ... vai vortá pra Traíra novamente ... Antão nói

29. tá ... na mente que seje Traíra otra vez e isperano esi pa restorá as igreja

E – Unrum ... São duas igreja?

30. P1: Duas igreja antiga

E – E quais são os santo?

31. P1: É a daqui eu num sei qual'é que é não ... de lá é Nossa Sra. da Conceição ... a

32. daqui ... o home que vei achô os documento diss' aqui lá im Portugal

E – Hum

33. P1: El'até é (lá do Rii de Jan/) é professor lá do Rii de Janero ... antão achô os

34. documento daqui os retrato daqui tudo im Portugal

E – Hum

35. P1: Porque lá im Portugal diz que com tinha/ que aqui era cidade aí diz que o Rei

36. daqui mandô ãa (pipita) de oro p'o Rei lá de Portugal de 15 quilo tirad' aqui ... (de

37. lá ês) mandô um santo de marfim/o de lá mandô um santo de marfim p'o Rei daqui

38. ele dexô na igreja lá de cima de 95 centímeto de altura esse santo de marfim ... intão

39. diz que teve essa troca né

E – Hum

40. P1: ... era () Portugal ... e ele foi lá im Portugal e achô o documento daqui tudo lá
41. com foto das igreja tudo ... aí ele vei reuniu com o prefeito com o bispo ((bispo))
42. com o assessor do Governador né

E – Unrum

43. P1: vei tudo pra ‘qui (riuniu) na porta da igreja antão falô que ia levantá ‘quilo
44. novamente ()

E – E eles não voltaram mais não?

45. P1: Não voltaro mai não depoi voltô mais três homens falô que vai/que vai vortá
46. mais já foi o’tros diferente ... antão ... (cum isso) nós tá isperan’ até hoje pa vê ...
47. o quê que vai dá ... mai nôi num sabe se vai cunsigui ...

E – Ah mai vai ... iss’ é porque coisa de govern’ demora mesm’

48. P1: Demora ... depois teve aquela ... quemô a igreja tamém de/de de Pirinóp’ ... sra.
49. sabe disso?

E – Sei ...

50. P1: O ano passado né?

E – é tem acunticido muita tragédia ...

51. P1: ... antão a/é ês tá arruman’ assim lá ... de Goiais Vêi pra cá já vei pa Pirinópe já
52. rumô de lá ... vamo vê se vem é pr’ aqui ... vê se nós consegue aqui ... tá desse jeito
53. aqui tá um lugarzim isolado igual sra tá ven’ aí né ... (gent’ ‘tá) viven’ aqui é de
54. teimoso ...

E – É ((risos))

55. P1: ... é de teimoso tá tud’ isolad’ (aqui pra nós) ...

E – E tem festa pra/prá Sra. da Conceição aqui?

56. P1: Semp’ tem ... todo ano ...

E – Todo ano?

57. P1: É ...

E – Quando é?

58. P1: É im dezemb’ ... é dia 8 de dezembo

E – Éh? Dá muita gente?

59. P1: Dá ... um muncado de gente ... naque’a taperinh’ ali ó

E – Hum

60. P1: Mais a Sra. da Conceição foi robada ...

E – Ah

61. P1: É ... e o São Sebastião é o due/padrueiro daqui sabe ... Antão robaro (aqui) e os
 62. pad' trocô o São Sebastião ... ês trocô tirô o () que era daqui do Traíra ... ês trocô e
 63. vei ot'a imaginha piqueninha ... aí ês trocô (que era ãa image grande sabe) ... e
 64. Sra. da Conceição foi robad' aí ... Aí robaro depois diz que ela saiu no Ratim o
 65. Ratim mostrô né ... e os padre () num interessô a vortá cum ela pra cá ... () liga a
 66. televisão semp' tá dano né image robada né ... image robada mai ela nói num viu
 67. mais nóis viu só ãa veiz no Ratiin () num interessô ... nóis ficô sintido sabe ... é ãa
 68. santa do século XXI ... SÉCULO XX

E – Já tem um tempiin que robaro?

69. P1: Tem ... tem um muncad' de tempo ... tem ... tem uns 8 ano ... tem 8 ano que ela
 70. foi robada () eu vi um cara sain' cum el' aí ... ãa hora da manhã ... um mais baixo
 71. oto mais arto o mais baxo saiu cum ela nas costa e o mais arto de pareia ... ãa hora
 72. da manhã ... aí eu (cumpanhei) chamei um cumpanher' meu ele num tava ele tava
 73. fora ele tava viajan' aí eu chamei a cumad' falei "Cumad' cumad' tão roban' a
 74. santa" ês "Corr' atrais cumpad' Chico dá uns tir' atrais" ... Aí quando eu saí né ês já
 75. tava lá na ponte ... e eu cheguei na ponte ... não ... ês tava na ponte não ês já tava lá
 76. im cima onde tem ãa olaria pra lá da ponte tem ãa olaria num tem?

E – Unrum

77. P1: o carro tava () quando eu cheguei na ponte ês bateu () o carro lá e ... () foi
 78. imbora () ... No oto dia cedim eu manhici im Niquelândia fui lá na delegacia dei
 79. parte falei com's padre né aí ês vei aqui oiô ... () o pad' só falô pra mim assim "Ó
 80. ela tinha que tá na sua casa pa ninguém robá" ... ah na minha casa não uai ela num
 81. é minha ela é da igreja cum'ê que eu vô panhá ãa santa da igreja e botá na minha
 82. casa ... num é? Num podia pegá nunca né e se robasse na minha casa falava que eu
 83. que er'o ladrão né que eu tava 'suciado cum ladrão pa robá na minha casa mai não
 84. ela é da igreja cum'ê que eu panhá ãa image lá da igreja e botá dent' da minha casa
 85. ... eu num podia fazê isso ... só o que ele respondeu pra mim foi isso () fui pra
 86. delegacia né ês tinha ãa (ficha) lá ês vei oiô oiô pronto ficô pur isso (parô) ... ê é
 87. custoso né ... gente todo mundo ficô sintido caba êis vei trocô São Sebastião tamém

88. () tem ãa imagenzinha mai é piquena num é a ligítima não ...

E – Ah ... e a ligítima tá aonde?

89. P1: Quem que sabe ...

E – Quem que levô ela?

90. P1: Um padre

E – Ah

91. P1: ... né agora num sei qual' é dos padre que panhê ... um panhê daqui levô pra

92. Niquelândia de Niquelândia ela tá ne Uruaçu ... que as image da igreja lá de cima tá

93. tudo ne Uruaçu ... o Bispo levô tudo pra lá o sino daqui tudo levô pra lá ... o sino

94. daqui tem ãa purcentage de oro e muita (s' ora via assim) aque' as borboia assim

95. quando (feiz ele ficô) aque' as borboinha ói' assim é marelinha é oro puro tá lá na/na

96. igreja lá de Uruaçu () lá e o santo de marfim tamém diz que tá lá

E – Im Uruaçu?

97. P1: Im Uruaçu

E – Hum

98. P1: É ... toda riqueza (de oro) aqui tá lá

E – Aqui deu muito oro seu F.?

99. P1: Deu ... deu munto or' aqui () té hoje inda dá oro (vez im quando) tem

100. uns garimperim que trabaia pur aí ó tira oro ... Aqui foi afundado pelos

101. banderante diz que aqui antigamente quando fundô aqui a cidade aqui ... aqui

102. no municipio tinha deiz mil iscravo ... só aqui im Traíra

E – Só aqui im Traíras?

103. P1: Só

E – Deiz mil iscravo?

104. P1: Deiz mil iscravo

E – E pra onde foram os decedentes deles?

105. P1: Uai veio Portugal né ... muncado vei de Portugal agora num sei pra onde

106. que foi o restante

E – Quand' acabô o oro eles ... for' imbora?

107. P1: for' imbora foi sain' pr' um lado pra oto ... desse jeito

E – E os banderantes ... {que vieram

108. P1: For'imbora }

E - pra cá for' imbora tamém?

109. P1: For'imbora tamém

E – Num tem nem parente deles aqui mais?

110. P1: Não tem não ... parente longe longe mem'assim ... que minha bisavó era

111. de/era fiia lá de/de ãa muié lá de Portugal (puisé) minha bisavó era de lá era

112. de lá ... é ... intão minha bisavó é que era dessa raça de pessoal de Portugal ...

113. antão ela sempre contava esses causo pra nós sabe mai a gente era minino

114. ninguém nunca que (botava) na cabeça (assim firme) ... ela era ãa veinha

115. assim piqueninha lora ... miudinha ... morreu cum cento e cinco ano

E - Nossah

116. P2: Bom diah

E – Bom dia

117. P1: Bom dia

118. P2: Tô caçan' quem troca dinheiro pra mim

119. P1: Iiih cumade ()

E – Vamo gravá a história da mãe do oro intão ... Quê que é a mãe do oro seu F.?

120. P1: Ah ess'ái eu num sei o que é a mãe do oro mair o meno ... sei que do tipo

121. dum aparei né é 'sim levantava um fogo num lugá né e aquele fogo vinha

122. oiava assim paricia que er'um ... quela cabeçona vermeia soltan' fásca

123. assim feito ãa istrela pra trais...'tão sempre ês falava que era a mãe do oro né

E – Sr. chegô a vê isso?

124. P1: Vi muitas veiz aqui ... ãa veiz mesm' eu mais meu pai tava (vin'assim)

125. nós evinh' boca da noite de lá pra cá aí (fomo vin') de lá pra cá assim ó

126. (me) puxô n'ũa pern' aí ó na ponta da perna () aí meu pai falô assim "Olá

127. olá ond'é que tá o oro ó () a mãe do oro"

E – Onde ela dicia é onde tav' o oro?

128. P1: É ... E quando passa ... (se) passava daqui pur exempro dois três

129. quilômeto aqui crariava tudo sabe craria () Intão aonde dicia falava que

130. era/que er'o oro mudano ... era a mãe do oro

E – O oro mudava de um lugar pro otro?

131. P1: Mudava de lugá ... diz que é o oro mudano de lugá ... ‘gora ninguém sabe
 132. se é né ... sempr’ é contado dos véi os véi sempe contava isso quando via esse
 133. trem er’ o oro mudan’ e eu conformo purque num tem ot’o aparei que imita
 134. aquele né ... eu conformo que sej’o oro mudano ... que toda vida aí essa
 135. serr’ aí é cheia de oro os banderante cortô ela dum lado e do oto ... que os
 136. banderante antigamente ês trabaiava era cum água ... é ês fazia um reg’ aqui
 137. na bera da serr’ aqui ó e jogava água na terra né (naquês monchão)
 138. P3: Bom diah

E – bom dia

139. P1: Aí ia jogan’ a/a água naquês monchão pra baxo e puxan’ aquela terra
 140. com as ferramenta e formava ... lá teve muita lavra na bera da serr’ assim
 141. dum lado e do oto ... tiran’ o oro ... intão pra cima onde ês num pode jogá
 142. água ficô ... é aonde o povo tá cavucan’ agora cum trator né ... cum apareio
 143. não ... mai todo lugá aqui/aqui im roda do Traíra tudo foi tirad’ oro cum
 144. água ... com rego ês fazia rego fazia ‘quês tanque no mei do (campo) né no
 145. pé da serr’ assim aquês tanque grande juntava c’ a água e daí () ar lavra ()
 146. veiz im quando nóis garimpava nas lavra dês aí achava ã/ ãa ferramentinha
 147. tortinh’ assim meu pa/que era (mucafo) né meu pai falava que era
 148. (mucafo) dos banderante ... eu tinha dois () mostrá p’os povo ()

E – Chamava mucafo?

149. P1: Mucafo ... ferramentinha () era dos banderante rapá o cascai

E – Sr. num sabe pra onde levaro esses mucafo?

150. P1: Num sei ... eu tinha dois que eu achei dois né

E – Hum

151. P1: ... e me panhar’ eles num sei quem pegô ... veiz im quando gente arraj’
 152. assim ãas cois’ antiga tempo dos banderante ... feiz né () que num seja dos
 153. banderante mai o pessoal mais antigo daqui ... vô mostrá pa sra um negocim
 154. que um colega meu achô () esse (infeite) aqui é dos tempo dos banderante
 155. ó temp’ antigo

E – Iss’ é infeite de cela?

156. P1: Não eu (noto) que seja de ãa caxa

E – Ah

157. P1: Pode sê de cela também né

E – Mais pode sê dũa/ũa tip' ũa arca né um baú?

158. P1: É ... é um trem assim ... dum baú tem aqui as prisias aqui ó ... né ... el'

159. achô iss' aqui furan' ũa fosse 'culá dessa fundura ()

E – É bunito bem trabalhado né muito bunito

160. P1: () aí eu tava cu'ela no borso e eu sentei () ela intortô () Parece que é

161. banhada a oro num parece?

E – Parece

162. P1: Num é?

E – É parece um metal banhad' a oro ... Cum tanto tempo 'inda amrelinh' aqui né?

163. P1: Desse jeito ... aí quiria lavá ela cum limão eu falei "não num lava não" aí

164. depois pegô vendeu ela pra mim ... falei pra ele que num lavasse cum limão

165. não sinão pirdia a cor né

E – Pricisava fazê um museu aqui né pra colocá essas coisa

166. P1: () os trem daquel' igreja as moldura tem moldura bunita dimais sabe aí

167. o Bispo vei e falô pra mim se eu quiria pegá de impreita pa tirá a moldura da

168. igreja lá passá pr'aquela capelinha ali ea num tinha nem rebocado não ... Aí

169. o Bispo de Uruaçu aí eu peguei dele impreitado por 35 mil naquele tempo aí

170. eu chamei um cumpanhero meu Antônio Ramos nós trabaiô duas semana

171. ele (imendava) iscada subia im riba dispregava tudo dicia na corda muntuava

172. dipois chamava os cumpanhero carregava no andor né aqueas moldura e

173. botav' aí carregamo tudo e ele pegô e vendeu esses trem tudo pr' um sr. Jusé

174. Pedro lá de Brasília tá no museu lá e eu fiquei sem recebê até onte ((risos))

175. () o mundo todo sabe disso ... o pessoal do Rii de Janeiro tudo já vei e eu

176. sempre falo isso né ... fiquei sem recebê ... trabaiá duas semana (intendeu)

177. por 35 mil e ele num mim pagô até onte e saiu um caminhão chei de

178. moldur' aí foi imhora pa Brasília () e meus 35 mil ficô ... até onte e eu que

179. se quis pagá o cumpanhero meu eu fui p'o rabo da inxada pagano dia de

180. serviço na roça pr'ele num ficá no prejuízo ... só eu ... o Bispo de Uruaçu

181. feiz isso cumigo

E – E nunca mais apareceu aqui também?

182. P1: Já vei mais tem ‘té raiva dele ... num gosto dele não ((rindo)) Murri de ri
 183. sabe eu falo qu’eu num gosto de padre eu falei eu tem razão de num gostá de
 184. padre trabaiá duas semana aí num é pai meu né se fosse pai meu tá certo má
 185. trabaiá p’os ot’o aí ... só sei que eu falo isso tem meu nome falano (aí dele)
 186. pa todo lugá do mundo ... todo lugá do mundo ... mim judiô ... desse jeito

E – E os índio seu F.?

187. P1: Índio?

E – É {tem índio pur aqui ...

188. P1: Não} índi’ {aqui não

E – já teve?}

189. P1: Já teve aqui já teve ... tempo de eu minino iss’aqui num tinha nem um
 190. pasto formad’ aqui sabe tud’ era mat’ aqui transformô tud’ im mato né agor’
 191. aqui pra cá tud’era certidão ‘qui de casa pra cá essas fazenda tud’ aqui im
 192. rod’ aqui é certidão de casa que já teve ne cidade que er’ aqui ... aqui pra
 193. baxo ... os índio passava minha mãe falava “Ó cuidado que os índio evém”
 194. casião de Muquém ... Ês subiava né dav’ aquês’ apito ês fazia um apito de
 195. taboca né aí ficava subian’ minha mãe falava “Ó () é os índio ó” (e’a)
 196. iscutava subii dos índio ino po Muquém ... agor’ da onde que vinha acho que
 197. dessa bera de Maranhão aqui ... ía po Muquém ... veiz im quando ês apitav’
 198. aqui perto
 199. E – Na época da festa que (eles vinha pra cá)?
 200. P1: Na época da festa (tudo) aqui po lado aqui do Morro Sapatero tudo os
 201. índio passava sabe ês era muito que ia po Muquém que lá no Muquém diz
 202. foi formado lá pelos índio né ... ocasião da festa ês ia pra lá ... Inclusive
 203. tinh’ũa ardei’ aqui quando fechô a barrage ês teve que tirá esses índio daqui
 204. passô lá pra baxo da /pra baxo da Colina ah cum’ é que chama lá o lugar lá
 205. inda tem um muncado de índio ainda tem ã’ ardeia lá ora cum’ é que chama
 206. () é/é perto do/do Rii Paranã sei que é perto do Rii Paranã tem ã’ ardeia lá
 207. p’ra baxo da barrage

E – Sr. sabe que/que índio que era (que etnia)?

208. P1: Não ês falô oto dia até na televisão o Governo foi lá o Governo Federal
209. vei aí ó no Cavarcante

E – Ah nos Kalunga?

210. P1: É KALUNGA ... é nos Kalunga ... é nos Kalunga ... é tem cumpanhero
211. meu aqui que tem (balsa) garimpo né () tá lá cum ês lá já foi lá ()

E – E o quê que ele conta deles?

212. P1: Não () muito bão foi bão pra eles .. foi ês ficar' alegre sabe ... 'tão os
213. garimpero pegô deu ãas teia lá pra eles tamém (ês cuidar) dos garimpero ...
214. num ficô lá porque num tinha oro num compensava balsa () achô bão os
215. Kalunga lá ... e agor' oto dia vi na televisão o Guvern' Federal lá foi lá

E – Foi lá né

216. P1: Foi ... é pa ajudá ês né?

E – É picisa ... E a romaria de Muquém seu F.?

217. P1: Hum?

E – E a romaria de Muquém cum' é que é?

218. P1: A romaria de Muquém é ... lá de primero diz que foi achad' a santa lá
219. nũa gruta de pedra né ... é ... aí achô ela nũ/nũa gruta de pedra aí ês tirô tiraro
220. ela fizer' ãa igreja tirarum ela de lá e botaro na igreja ... e passava quando
221. oiava a santa sumiu (de cá) quando oiava ela tava lá de novo (desse jeito) aí
222. até que diz que um dia a gruta fechô ... né ... que ãa pedra deceu e tampô ...
223. aí ês fizeram ãa igreja cá e botô ãa image lá no Muquém (similhante) a
224. Nossa Sra d'Abadia né ... ea foi achada n'ũa gruta de pedra mais diz que
225. fechô ()

E – Ah e ela fica lá dent' da gruta?

226. P1: Aí ea fica dent' da gruta ... assim meus pai conta ... contav' assim ... aí
227. fizer' a igreja cá e botô ot'a image similhante ela ...

E – Aí cumeçar' a festa?

228. P1: Aí cumeçar' a festa (tá) 'té hoje (lá) ... e a fest' é boa lá ...

E – É? E cum' é que é essa festa lá?

229. P1: É dia 15 de agosto ... () ... pega cum ela sempre algũa coisa gente pega
230. cum ela e é ... é valido

E – É? Sr. já feiz algũa promessa?

231. P1: Já

E – Já? Me conta cum' é que foi ...

232. P1: Na ép'ca a caminhonete 'tava tomban' cumigo aculá ... caminh' de

233. Uruaçu ... e eu gritei pur ela ... e meu cumpanhero morreu ... () eu fiquei

234. {machucado

E – Sr. mim falô}

235. P1: ... eu fiquei machucad' e eu sarei né ... fui a pé pagá o voto ((rindo))

E – Ah sr. foi a pé pra lá?

236. P1: Fui a pé ... daqui lá é 55 km

E – Aí pagô seu voto?

237. P1: Foi ... () 'tão sempr' eu vejo gente aí que pega cum ela ... muita pessoa

238. duente que seja de canç' assim né ... igual' aqui na rua memo tem o Laziim

239. cê cunheç' o Laziim? Tem o Laziim 'tão vai a pé todo ano ... o Laziim quais

240. morreu e hoje tá sadii graças a Deus tá sadii

E – A santa curô ele?

241. P1: A fé c'a gente tem né ... o milagre dela né e a fé c'a gente tem eu acho

242. que cura a gente viu ... com os poder dela ela ajuda a gente ... 'tão é ãa festa

243. que num acaba nunca ... lá dá ãa base assim d' ãas 15 a 20 mil pessoa

E – Nossah é muito grande né?

244. P1: É ... e é dent' d' ãa (bucâina) lá ()

E – E é ãa cidade lá o Muquém cum' é que é?

245. P1: Não ... tem ãa currutelinha fora assim aí os pad' feiz um ... fechô feiz ãa

246. cerca lá pra dent' tem só quem zela lá dento que mora lá ... mai pu lad' de

247. fora assim tem ãa rua 'ssim ... tem o asfart' de Niquelândia lá () lá é bão ...

248. aí só que/um trem qu' eu achei errado a igreja que os banderante feiz ... o

249. pessoale dismancharum ela né ... o Istado mandô dismanchá

E – Lá no/lá no Muquém?

250. P1: Muquém ... aquela igreja antiga cabô né que era de taip' assim 'quela

251. igrejona cabô agor'ês fizer' ot'a de ferro sabe armaro aque' mundo de trem

252. tamém cabe munta gente

E – Intão essa festa cumeçô com os banderantes?

253. P1: Com os banderante ()

E – Muit' antiga né ...

254. P1: 'Gora fizer' ot'a igreja lá e as cas' assim incostad' onde os padre fica né

255. de parei cum a igreja ... má a igrej' antiga mem' dismanchô ... é ...

256. dismanchar' ela

E – Os índio continuam in' lá na festa?

257. P1: Hã?

E – Os índios? Continuam in'o?

258. P1: Diz que 'inda vai

E – É?

259. P1: Vai ... diz que inda vai ... poco mais vai ... ah que os índio hoje tá/tá

260. igual nós memo né ...

261. P3: Civilizado

262. P1: ... 'tá civilizado num vai mais ne ... igual era né ... 'tão ... so/sra tá

263. cunversan'cum índio intende puque a língua del é mai trapaíad' um poco né

264. gente já cunhece pur isso ... mais ind' agora ... inda mais que essa ardeia lá

265. perto dos Kalunga né de veiz in quando diz que ês vem aí

E – E esses índio nunca robaro minin' aqui não?

266. P1: Não

E – Im Traíras não né?

267. P1: No tempo d' eu minin' nós tinha medo dimais né ... minha mãe falava

268. que ês robava né ... que ês carregava minin' pra lá pa ficá junto com ês ...

269. nesse tempo era pirigoso aqui ... aqui era mata pura né aí era pirigoso ... e ês

270. passav' assubian' os cachorro latia ... "ó os índio ó os índio" mar cuidado

271. todo mundo tinha medo ((rindo)) ()

E – Mais ês num fazia mal pa ninguém não né?

272. P1: Fazia não ... fazia mal nenhum não

E – Sr. 'viu falá na Chica Machado?

273. P1: Unrum

E – Já?

274. P1: Já.

E – Quê que o sr. ouviu falá dela?

275. P1: Na Chica Machado ... ieu sei até do lugá ond' é que é que ... tem um lugá

276. 'qui pu nome Chica Machado né ãa fazend' aqui Chica Machado eu já passei

277. lá ... má el' era ãa iscrava né

E – Ah é?

278. P1: El'er' ãa iscrava ... agora assim sabê o quê que é que/o quê que ela fazia

279. eu num lembro mais () iss' aí eu num sei não ... sei que eu já passei lá ...

280. tem ãa fazendinha lá cum nome Chica Machado ... passei lá ... pert' aqui do

281. Cocal

E – E essa fazend' era dela intão?

282. P1: A fazenda dela () fazenda dela

ENTREVISTA 2 – VIROVI:

Participante 1(VIROVI): 77 anos de idade, masculino, solteiro, não-escolarizado, natural da comunidade.

Participante 2 (FOJOPE): 70 anos de idade, masculino, separado, não-escolarizado, natural da comunidade.

Tipo de entrevista semi-estruturada.

Data: 17/03/2004.

1. P1: ((rindo)) Vai gravá é?

2. P2: É gravado

E – Pra num isquecê

3. P1: A cadeia daqui de Traíra... um porão sobterrâneo... um porão sobterrâneo... era

4. de taipa ... as parede grossa forrada de (champão) de/de jatobá ô aruera ... forrada/

5. além de sê grossa ainda forrada ... agora ela era ... era de um () né ... andar ... subia

6. pela iscada de ladum até lá im cima ... agora lá im cima ... tinha a parte de baxo e a

7. ota mais de baxo ... a ota mais de baxo era sobterrane de tudo agora tinha um isgoto

8. que saía pert' da casa dele ... um isgoto que saía/ pel' esse isgoto saía lá ... mais o

9. preso que pusesse lá oito dia deiz dia tava inchado ... era frii demais né ... e aí essa

10. cadeia desse tipo ... morava n' ãa fazenda daqui ãa légua ... meu pai ... onde eu naci

11. ... de lá eles viu ãa fumaça subin' ... subiu aquea fumaçona preta ele foi falô “Vô lá

12. na () oiá o quê que é ‘quilo tá ãa fumaçona preta lá’ ... naquele tempo a cavalo né

13. selô um cavalo lá () chegô ‘qui ea já tava incendiada queman’ ... quemô tinh’ um

14. preso dent' quemô (esse) não teve jeito de tirá ... esse pobrema que eu sei contá

15. mais é/é isso ...

E – Cum' é que foi esse incêndio? Quem que botô fogo?

16. P1: É ... ali {tinha

17. P2: Ele num iscuta ()}

18. P1: ... três igreja: ãa daqui dos preto e tinha ãa onde er' o sumitero véi lá que ()

19. diz que cunheceu dos moreno ... agora lá aculá tem um paredão ainda um resto dum

20. paredão lá ele num cunheceu ... já era/ele cunheceu a parede daquele jeito ... num

21. cunheceu mais a igreja de lá ele ainda cunheceu ela cain' ... tapera ... ‘quilo era de

22. Niquelândia ... Minha mãe era daqui aí ês casô passô pa fazenda na fazenda ele

23. licionô aqui 25 ano ... de professor ... 4 de juiiz de paiz ... aposentô ficô aqui queto

24. aqui dexô essa tapera véi' aqui pra mim ((rindo)) é a história que eu sei contá pra

25. sra. num sei mais ((rindo)) Chico inter' o resto

26. P2: E ela queimô im 1910 né?

27. P1: Quanto?

28. P2: 1910

29. P1: Que/que

30. P2: Que a igreja/a cadeia queimô

31. P1: É () eu num sei isso daí não

32. P2: É foi no ano que meu pai naceu ele sempre falava que ela queimô no ano que

33. ele naceu ... 1910

34. P1: ()

E – Como que queimô?

35. P2: ã?

E – Como que foi que queimô?

36. P2: Queimô que diz que lá tinha os preso ... aí diz que os preso ... povo passava

37. chupan' cana ês pidia cana né aí pidia cana diz que ia chupan' cana e ês muntuan' o

38. bagaço lá canto... aí naquele tempo ês usava fumá né (de certo) pidiu um isquero

39. pur lá 'ssim ô aquele trem de tirá fogo ... sra. já 'viu falá ... artifício?

E – Artifício?

40. P2: É

E – Não

41. P2: ãa pedra ... é um pedacim de lim' assim e enche ãa ponta que fic' assim de

42. argudão né aí aquele argudão e aí bot' ãa pedra na mão assim e pass' um pedacim

43. de lim' assim 'tchap' e o fogo sai pega no argudão ... intão chamav' artifício ()

44. intão diz que botaro fogo nesse bagaço de cana (no monte) de bagaço de cana que ês

45. chupava botô pa secá lá () pa podê quemá ... e quem entrasse lá já sabia () diz

46. que foi quemada cum isso cum bagaço de cana ... im 1910 ... meu pai (contô o

47. caso) foi no ano que ele naceu el'era de 1910

()

48. P1: Essa dos/dos pret' eu cunhici ... tinh'um sino ... duas pessoa () mode arcançá o

49. bujão dele ... im/im Jeraguá tem fotografia dele () tem fotografia lá desse sino ...
50. desse tamãim... im baxo dava ãa pancada () nele com tempo cumo tá agora
51. iscutava duas légua e a fazenda daqui chamava (Silivera) ele me contava cê iscutava
52. lá
53. P2: Era
54. P1: ãa pancada nele ‘pããã’ iscutava longe

E – Por causa do tamãim dele?

55. P1: É
56. P2: É desse tamãim ... Pudía ficá duas pesso’ assim ficá dibaxo dele assim botá
57. ‘ssim cabia duas pessoa dibaxo ... esse eu judei pô no caminhão () judei pô no
58. caminhão (carregô pa Uruaçu)

E – ‘Tá lá im Uruaçu intão?

59. P2: ‘Tá ne Uruaçu
60. P1: () Uruaçu
61. P2: E ‘tá lá ‘té mei de band’ assim ... Quando eu vô ne Uruaçu que eu iscuta a
62. pancada dele mim dá (ãa recordação tão ...)

E – Quê que o sr. lembra?

63. P2: ã?

E - Quê que o sr. lembra?

64. P2: Lembro del’ aqui tempo de eu minin’ as festa (que tinha)
65. P1: ... Uns home e ãas muler ... tinha ãa/ãa irmã moça ... aí chegô um baian’ de lá
66. da/da Bahia ... ele chegô aqui ... (deu de gostá) dela ... gostar’ um do oto e aí ês ()
67. ês vinha cá pa combiná cum meu pai chegô aqui falô cum meu pai “Cum’ é que é
68. meu pai o/o Macionildo qué casá com a/c’a Mariquinha ... é um baiano nóis num
69. cunhece mais ela tá invocada queren’ casá cu’ele quê que o sr. acha?” Meu pai falô
70. ‘ssim “Fazê o casamento ... pois se ela qué ... cêis tem ela pa casá ... el’ é rapaiz
71. soltero ... é casá” “Oh mais nóis num tem nada” “Má é assim mesmo mai vamo
72. trabaiá” ... Aí () meu pai ajudô casô ... aí () nessa épua ... casô ... aí morano
73. p’ãa casinha pra cá ... Ela tinh’ um cavaliim de herança do pai dela ... mais num ()
74. mais () de vento ele foi ... aí ela pegô o cabresto e diz que saiu assim ... ele contô
75. p’ra mim dipois aí nóis viu o movimento ... e deceu a/o (rumo) pa pegá o cavalo pra

76. baxo e que a vista dele oiô assim no muro lá viu um pescoço d'ũa garrafa () ... ele
 77. foi lá pegô 'quilo sacudiu ãa garrafa cheiinha de oro ... que guardaro lá no/no muro
 78. interraro ela 'pareceu cheiinha de oro ... aí () zap naquilo ((rindo)) vazô el'era
 79. sapatero ali () um pregozim aí guardô ele arrumô a mudança cum/(foi) po Uruaçu
 80. ... cum' é que é ... cum' é que é ... os irmã/os cunhado ajudô o meu pai imprestô
 81. animal' pu' que aquel' temp' era tud' a cavalo né ... animale e/e saiu foi imhora pa
 82. Uruaçu ... Cum po'co aí a/a/a () cum po'co prazo oh a nutiça que ele tinh' abrido
 83. ãa lojona lá ne Uruaçu e de fato abriu ... Cê cunheceu ela?
 84. P2: Cunhici
 85. P1: Eu cunhici (memo) () ãa lojonah grandeh e um po'co 'rumô casa ãa chácra
 86. quan' um dia chegô 'qui ... cum caminhãozão de motorista cum caminhão novo já
 87. pa pegá trem lá de cima ... "Êh Macionildo tá rico tá rico" () priguntei ele () o
 88. caminhão: "Macionildo me cont' ãa coisa ... povo cont' aí diz que ocê 'rancô um oro
 89. aí 'rancô?" Ele pertô o ôi () rãh ... Aí ele contô a histora cum' é que é pra ma/meu
 90. pai minha mãe que () sem sonho sem nada el' ia pegá o cavalo eee e viu e arrancô
 91. esse oro e (mandô) pa Uruaçu e lá cum movimento de/de chácra e de loja e ele num
 92. mexeu virô mai no fim da vida 'cab' tudo e ficô tudo no zero ... 'cabô tudo ... ele
 93. morreu ma/ ele foi prefeit' aí lá no Uruaçu pu' que inricô logo os/foi prefeito eee
 94. gent' ia lá er' um movimentão é ãa pessoa boa mais foi 'caban' 'caban' e morreu
 95. logo os fii morer' tamém novo num sei se tem argum
 96. P2: Tamém num sei
 97. P1: Eu acho que tem ãa chama Júlia ne Urua/in Goiânia a ele só tem ãa fia muié ...
 98. mais os home morrero tamém novo e foi morren' e no final' da história el/ela/a/a
 99. viúva morreu pobrezinha ... 'cabô tudo num valeu na esse oro valeu pu' que
 100. uns/passô uns tempo bem né ...
 101. P2: É
 102. P1: ... de vida ... mais 'cabô tudo ... panhad' aqui ... achô () um garrafão/ũa
 103. garrafa cheia de oro ... iss' daí foi verdade mesmo ele contava histora
 104. contava eee via o movimento pu' que quem saiu daqui num tinha nada chegô
 105. lá no Uruaçu tinh' o movimento ãa lojooona ... tem lá ... a casa que ele
 106. morava nela/que era dele é é é um primo meu cunhado dele comprô ela aí ele

107. tamém já morreu a viúva mora lá ... na casa ... tem a casa lá no vir' assim no
 108. rumo do hospital' Santana
 109. P2: É ... tem ... a casona
 110. P1: é cê sabe dela
 111. P2: Sei
 112. P1: mai no final' da histora num/num 'cabô (tud' im nada) podia tê ficado
 113. muito rico ... não mais apruveitô uns tempo é () ... achad' aqui e () otas
 114. pessoa mais andô achan' ... a mãe do oro
 115. P2: Eu num sei s'eu contei pa sra. o caso da/lá da casa de fundição ali ...

E – Não

116. P2: ... onde foi feit' esse sino né ... lá perto da casa minha lá tem ã casinha
 117. lá que é da parede de pedra depoi eu mostro a sra. aí nessa casa lá eu lembro
 118. premero meu pai lembra d' uns maranhense que vei lá do estad' do Maranhão
 119. né sonhô cum oro nessa casa aí insinô pra ele lá no mei da sala que ele
 120. botasse ã cord' assim cant' a canto nos quat' canto aonde a corda cruzasse
 121. tav' a garrafa de oro e ês vei pr' aqui e ficô nãa casa ficô n'ota até que
 122. conseguiu alugá essa casa ... (bom) Aí a casa caiu tudo ... conseguiu alugá
 123. ficô moran' um ano (garimpava mair meu pai insinô meu pai garimpá) esses
 124. maranhense ... Aí no dia dê imbora dê 'rancá o oro ês mostrô pa meu pai o
 125. oro que ês tinha tirad' aqui né e uns diamante aqui dava diamante dimais
 126. tamém ... E falô po meu pai assim "Oh Ramiro quand' eu fô imbora nói
 127. vamo dexá um sinal aqui nói vei aqui nói tev' um sonho lá im Maranhão ()
 128. cê num conta pra ninguém não ()" Aí ele vei () e arrancô ã garrafa de
 129. oro e falô pa meu pai que já ia imbora () já tinh' arrancado né e foi imbora
 130. ... o buraco no mei da sala () largô os trem que tinha trazido tudo saiu só
 131. cum a ropa e o home cascô fora ... Aí depois disso a irmã dele casô e ... aí
 132. morava lá no sobradim que é a casa da minh' irmã sabe aí tav' um dia 'ssim
 133. de chuva meu pai falô assim ... mai () marid' dela seu Didico é viv' ainda
 134. cunhado del' é vivo aí morava lá ... Hã?

E – O cunhad' dele mor' aqui?

135. P2: Mora im Niquelândia ... Aí tava moran' ne/nessa casa lá né aí meu pai

136. falô ‘ssim “Cumpade” el’ era cumpade “Cumpade Didico naquel’ adob’ lá
 137. garanto que tem um oro ... vô caçá ãa iscada pra nói subi lá ãa iscadinha pra
 138. nós subi lá tirá o oro ... aí a irmã dele falô “Que oro o quê cambada de bobo
 139. cêis só fica só sonhan’ im oro cêis num vão trabaiá não” e ficô brincan’ né ...
 140. Num foi nada não ... quando passô três dia um caboco que trabaiava na
 141. fazenda Água Limpa lá sonhô c’ũa pelota de oro lá no adobo ... caboco vei
 142. de lá pra cá trox’ iscavadera subiu lá cavucô arrancô a pelota de oro num sei
 143. de quantos quilo passô na Água Limpa só panhô a ropa () tamém ... e vazô
 144. ... Diz que foi pres’ im Pirinope né ficô preso lá uns dia () esse oro pensô
 145. qu’ era robado né e até ontem nunca mais ... Sei que arrancô esses dois oro lá
 146. ... O meu pai lembra de um e eu lembro de o to era minin’ piquen’ e me
 147. lembro ... ‘tão (ficô) todo mundo só oian’ lá o buraco ond’ é que tirô o oro ()
 148. buraco lá na parede ... E depois disso um o to véi morava lá tem parente dele
 149. im Niquelândia ... nome Caranguejo Zé Caranguejo sabe ... Aí ele sonhô
 150. cum oro ... foi na casa dele lá ... vei um cachorro preto () desse tamãim
 151. assim () depois que chegô na casa dele el’ assombrô depois ele sonhô de
 152. novo com o oro dent’ do pasto dele () Aí ele pegô sonhô três veiz aí ele
 153. pegô panhô a cavadera mei dia foi lá no pasto () pegô arrancô duas pedra
 154. nas três tava o vidro de oro assim um vidro quadrado contô pra nós ... Aí
 155. tirô a camisa inrolô o vidro na camisa e vei ... É um véi que faiz ponto
 156. lá/no/lá im Niquelândia na Rua Direita sô Abilo ... tava na casa ... Ele chegô
 157. com (esse vidro) de oro no braço seu Abilo na janela ... Seu Abilo viu ele
 158. chegan’ né () Aí ele pegô e ficô cum medo de dexá esse or’ aí com ele e o
 159. povo sabê e tomá dele aí ele passô esse oro p’um véi lá im Niquelândia por
 160. nome Abilo ... Abilo () Aí ele passô esse oro dexô guardado () do Piauí ...
 161. ês viero do Piauí () de confiança () Aí quando chegô no tempo de
 162. procurá pelo oro Abilo disse “Não cê num dexô oro cumigo não” () foi pa
 163. Niquelândia ... quand’ ele falô assim () morreu a véia tamém morreu ...
 164. Cum oito dia que ele morreu a véia morreu ... sete dia no dia que fez sete dia
 165. que ele morreu a véia morreu ... e o oro ficô () Um vidro quadrado
 166. iscundido () sabe () Só lá nessa casa já foi três oro ... é três oro ... a casa

167. da fundição onde feiz o sino tudo cum oro tudo quant' é trem né a casa de
 168. fundição () el' é feita de pedra ... Tem essas histora má ess' aí do oro tem
 169. que/(esse) da parede já foi do meu tempo sabe (esse) da parede o oto não foi
 170. antes do meu pai casá () do Maranhão 'gora esse ot' aí eu lembro foi o véi
 171. que contô p'ra mim contô po meu pai p'a minha mãe sabe morav'aqui perto
 172. (onde o oro foi tirado) que tinha/tinha que passá um ano e tinh' um caso cum
 173. ele que ele ia passá um ano pra podê mexê no oro e tinha/que ele podia contá
 174. o causo só daí um ano tamém "Tem mais coisa má eu posso contá pr'ocê só
 175. daqui um ano" () Diz que quem 'ranca oro num tem sorte

E – É?

176. P2: É ... tem sor/tem sorte é igual' êl' 'tava falan' midiato ali e aí acaba
 177. (tudo) ... É isquisito

E – Morre pobre?

178. P2: (Morre) pobre
 179. P1: Sra. mor' im Brasília?
 180. E – Im Goiânia

181. P1: Im Goiana?

E – É

182. P2: É ... trem ... é 'ssim mesmo né?

E – E história de fantasma sr. conhece alguma? FANTASMA

183. P1: Lá de Bra/in Goiana?

E – Não ... aqui

184. P2: Fan/assombra/assombração
 185. P1: É é é ...
 186. P2: Ea qué sabê d'ocê se ocê sabe d'algũa histora de assombração aqui
 187. P1: Ah ((risos)) Não dessas () eu vi contá ... eu nunca vi nada não

E – Não?

188. P1: Não ... () 'queas coisa má/mai véia que aparicia mai eu nunca vi nada

E – Sr. sabe algũa seu F.?

189. P2: Não ... Assombração que eu vi depois eu fui sabê era/era histora né ... (A
 190. corage dava gente ia lá via 'ssim) ... Só meu pai que passô ãa 'sombração

191. com ele ... Ele chegô ... iss' eu lembro minha mãe pa tirá a mão del' assim da
 192. réde' assim do/do cavalo teve que dá água ele primero ... Ele chegô choran'
 193. duro im riba do cavalo siguran' a rédea ... foi ... ele viu ... aqui tinh'ũa
 194. istradinha ... pensa bem cum' é que é o trem né ... e um cara tinha dado pra
 195. ele im sonho ... um oro ... aqui po lado do cimiter' aqui ... e ele pegô diz que
 196. arrumô as ferramenta ele mair minha mãe né arrumô a ferramenta e ... tinha
 197. comprad' a vela e ele tava c'um cavalo sumido ... Aí boca da noite ele iscutô
 198. polaquim ... sra. sabe o que é polaque né?

E – Sei

199. P2: Iscutô polaquim tocan' minha mãe falô pra ele “Ramir' óh ond' é que tá
 200. o caval' óh ... polaque tocano” ... Ele pegô ot' o arriô o que tava na porta ...
 201. arriô e foi buscá o ot' o cavalo ... quando passô na istrada aculá ... e tinh' um
 202. véi que tinha murrido aí ... Bruno ... e aí diz que esse Bruno tinh'ũa rocinha
 203. p'ra lá né ... aí quando ele chegô na saída do cerrado p'ra lá 'ssim sain' do
 204. mato p'ra entrá no cerrado no campo o véi tava deitado no mei da istrada ()
 205. o cavalo rifugô e diz que o véi saiu gungunan' ... ieu conto eu arrupei tamém
 206. sabe ... diz que o véi saiu gungunan' p'ra ele e vai daqui vai dali a sorte que
 207. ele num caiu do cavalo e aí já () por fora e chegô na porta de casa chorano
 208. e a/a mão dura na rédea ... e aí cabô a rancação de oro tamém que ele num
 209. foi mexê com oro por causa disso el' assombrô ficô muito tempo (duente)
 210. meu pai ... ele num passava lá de jeito nenhum passava não

E – Será c' o véi tava vigian' o oro?

211. P2: Ninguém sabe o quê qu' isso ... diz que levantô cunversan' cum ele né
 212. diz que levantô do chão assim cunversan' cum ele e o cavalo só (rufano) ...
 213. Diz que a minha mãe teve que dá água/botá água na boca dele e abri a mão
 214. dele da rédea (do cavalo) drumeceu tudo sabe ... Ah ieu memo nunca vi
 215. esses trem não

E – Sr. acridita nisso sombração?

216. P2: Não ieu aquerdito que tem né ... mai ieu aquerdito que um muncado de
 217. assombração a gente é que faiz ela é o medo da gente é que faiz ... se a sra.
 218. tivé medo de passá num lugá as veiz tá de noite (esses) trem se a sra. tivé

219. medo “Ah eu/eu num vô passá na bera do cimiter’ ali de noite e aí se a sra.
 220. passá de vagaziim ar veiz a sra. num vê nada ... se a sra. passá ligero aquela
 221. mente da gente aquele medo que a gente faiz ... faiz a gente vê as coisa ... se
 222. a sra. corrê parece que tem um corren’ atrais ... se tivé c’ũa lanterna ... lumiá
 223. sra. (faiz que) lumeia p’a frente tá lumian’ é p’ra trais pu’que tá cum medo ...
 224. intão sombração dimais é o medo da gente é que faiz ... Ûa veiz eu vi ãa/um
 225. trem ... num sei o quê que é sei que um pudrim desse tamãim branquiim ...
 226. eu ia/freqüentav’ um centr’ aqui im Niquelândia ... quand’ a gente separa da
 227. muié da gente a gente fica ... tudo pirado né ... tudo quant’ é trem a gente tá
 228. caçan’ mei pa vê se ... ‘inda mai eu que toda vida fui doido por causa da
 229. minha muié sabe ... intão ea mim disse que num quiria eu mais e eu fiquei
 230. um ano duente ... (por caus’ dela) ... Tinh’ um centr’ aí da don’ Irani aí ea
 231. falô assim “Óh seu Francisco meia noite sr. vai botá essas vela ... dois pacote
 232. de vela grande ... sr. vai pô lá na primera catacumba sr. entrá no cimitero lá
 233. no () meia noite” (falei) “Tá bom” falô “Tem corage de pô?” falei “Tem” ...
 234. Quando chegô no dia ... sexta-fera ... aí eu fui pra lá né ... quando foi meia
 235. noite antes de meia noite um poquiim eu saí ... quando foi meia noite eu tava
 236. chegan’ lá ... aí perto do cimitero na istrad’ antes d’eu largá a/a istradinh’ ali
 237. p’a i’ lá p’o portão do cimitero (vei) assim ‘pareceu um pudriim branquiim
 238. assim p’ra mim no mei da istrada ‘ssim bem na incruziada () pudriim
 239. branquiim () quand’ apareceu ‘quele trem branco que oiô p’ra mim eu
 240. vortei p’ra trais um po’co sabe aí eu vortei assim aí aquilo sumiu d’ũa veiz ...
 241. falei “Ah” Quand’ eu vortei um po’quiim eu falei “Ah eu vô assim memo vô
 242. vê o quê que é” aquilo sumiu saiu caminhan’ assim passô a istrada do
 243. cimitero no passá de baxo das/d’um arame sumiu ... o pudriim sumiu ... eu
 244. fui larguei ‘queas vela lá ... faiô uns dia ... é na sigunda-fera que eu vortei lá
 245. no centro novamente aí um guia baxô falô p’ra mim “Cê pas/o quê que cê
 246. viu lá?” Aí eu falei “Uai num vi nada lá no cimitero num vi nada ... eu só vi
 247. um trem branco um pudriim branco ... lá perto” () “E ocê teve corage de í?”
 248. “Ieu fui uai” ... “È e eu tava te oiano pa vê se ocê tinha corage () ieu que
 249. tava lá te oiano ()” ... Era ele que tava lá p’a vê se eu ia né ... () cum’a

250. gente sabe cum' é que é ... se o medo meu fosse dimais eu virava pra trais na
 251. carrera () eu falei “Ah ()” ... Ess' aí passô cumigo eu conto isso pa todo
 252. mundo () minha ex-muié memo eu contei pra ela né “Ah cê tava fazen’
 253. macumba pra mim né” eu “P’r’ocê vortá p’ra mim num era eu que fazia não
 254. iss’ era mandado” ((risos)) desse jeito viu ... Ieu mais él’ é separado mais ‘té
 255. hoje nósis gost’ um do ot’o sabe nósis num ficô de mal não

E – Seu V. é viúvo ô ...

256. P2: Não é sortero

E – Ah é soltero?

257. P2: É ... nunca casô não

E – Num casô não? Num quis casá não seu V.? Casá não?

258. P1: Nã/não

E – Purquê?

259. P1: Ah ... fiquei inrolad’ aí ... primero tinh’ um/um casalzim de véio meus
 260. pai ... (morrero) aí oiá ês e eu falei “Hoje amanhã ...” Tava namoran’ c’ ãa
 261. moça (vai) po rest’ eu vô casá co’ela cum po’co ‘paricia ot’a p’ra ‘li eu ah
 262. ((rindo)) paricia que era pa/memo pa num casá ... era só eu firmá n’ ãa cum
 263. po’co ‘paricia ãa ota p’ra ‘li eu ficava gostan’ da ot’a acabava ... ía acabava
 264. tudo e no final foi in’assim assim até ficô/fiquei véi já num quis mais ...
 265. Falei “Não agora tamém já tô véi num vô mais ... Má tem ãa véia ... Duas
 266. qu’eu tive mei inrolado cû’eas ninhã tamém casô ... ãa mora im Goian/lá
 267. im Goiânia e a ot’a mor’ aqui im Niquelâina ninhã de’as também casô ...
 268. P2: Casô não
 269. P1: ... n/n/nem eu nem elas ... ficô aí ficô inrolad’ aí

E – As veiz ‘inda casa ((risos)) ... Né?

270. P1: (Passan’) aí no final () ... Depois qu’eu perdi meu pai minha mãe ‘inda
 271. ficô sete ano cumigo ... Eu ficava cum medo de casá e num dá cert’ ela
 272. véinha picisava de oiá ela ... no final passô sete ano ... passô sete ano ela
 273. tamém ... n/n/n/eu fiquei soziim tá cum quatorze ano que ela ‘cabô ... intão
 274. tem ãa impregad’ aí que faiz as cois’ aqui ãa hor’ é um ô ota faiz ãas/até
 275. fazê o armoço ... vai imbora ... fico soziim até amanhã ... manhã ced’ é que

276. ela volta ... a/a/a parte da janta é ieu memo que ajeito ... lá vai ...
E – Como que seu pai morreu?
277. P1: Eu ... tenh' ãa irmã que mora lá ne Niquelândia
278. P2: () é de veiim memo
E – É?
279. P1: ... era dois casal ... um casal mai véi' acabô ... temo eu e ãa irmã ... 'gora
280. subriim tem dimais ... só im Goiana tem sete casa de subriim lá corqué um
281. eu chego tô im casa ... lá im Goiana ... tem aqui im Niquelândia tem ... Sra.
282. trabaiô no/no Hospital o/onto/ontologe/zologisma não?
E – Não
283. P1: Trabaiô não?
E – Não

ENTREVISTA – DAPESI:

Participante 1(DAPESI): 72 anos de idade, feminino, viúva, não-escolarizada, natural da comunidade.

Tipo de entrevista: semi-estruturada.

Data: 17/03/2004.

1. P1: Eu sufri muitos ano () muitos ano mermo eu/eu ... labirintite dessa que a gente
2. cai né ... () minha cabeça tinh' aquela fraqueza eu num durmo ... eu num tem sono
3. pa durmi não qualqué hora que cheg' aqui eu tô acordada ... (sintia) aquela fraqueza
4. na cabeça ... aquela fraqueza ... aquela fraquez' assim parece que eu num tem ()
5. parece que eu num tem nem coração parece que num tem nada ... eu sinto muita
6. fraqueza () Daí eu passei uns quinze ano (sintin' a dor no figo) ... aí eu tomei muito
7. remédio tô mió mais um mió esse que num/que num miora essa tal de () num
8. miora e durmi eu num durmo nada

E – Nem de dia nem de noite?

9. P1: Não eu deit' assim parecen' sapo () muit' assim eu deito eu deito fech' o olho
10. assim pa discansá a mente cê sabe né pa discansá a mente (tirá dor no coipo) mai
11. durmi eu num durmo não assim s'eu tom/s'eu tom' ãa madr/ ãa madorninha lá
12. 'ssim pas cinco seis hora ar veiz mim dá aquela madornin' assim né () eu vej' o dia
13. que Deus lembra de mim d'eu durmi um tiquiim no dia a/e/eu fico boa pa traba/até
14. pa trabaíá né ... o corpo acha a mun/acha a mente assim mair mió ()

E – Sra. já isprimentô tomá um remédio pra ajudá durmi um chá?

15. P1: Que mané chá mãia fia eu/eu/eu tom' é reméd/eu tom' é muito remédio que/eu
16. fiz consulta nim Aruaçu é Cere e tudo quant' é lugá () ês fala que isso num mior'
17. assim a/é/ diz êis que a minha/a minha fraqueza ... qu'eu infraquicii () mai êis fala
18. cumigo “Ó a sra. tem que tomá esses remédio que eu passo pa sra. e a sra. tê muito
19. repouso” ... E eu num tem repouso () quem tem famia num tem repouso ... é/é
20. preocupação im cima de preocupação (é sirviço) toda responsabilidade minha e
21. minha idade já tá avançada que 72 ano num é 72 dia né?

E – É

22. P1: ‘Tão tô isperan' é im De/por Deus ... o dia que Deus quisé é isso () Tô milhó

23. mais parece que minha vista () oi' assim tô ven' ocê assim ó cê num sabe

24. quando cê tá no sole quente cê entr' assim ó ()

E – Sentá mais perto da sra. intão sra me vê direito ((risos))

25. P1: ã?

E – Sentá 'qui mais perto pa sra me vê direito ((risos)) Mais a sra. acridita im benzeção?

26. P1: Não eu/eu já fiç' isso dimais ieu sô crente graças a Deus

E – Gora sra. é crente?

27. P1: Eu sô

E – Num acridita mais?

28. P1: Má eu sei que ixiste tudo que eu já fiz isso tudo já fui benzedera dos oto aí ...

E – Mais agora sra. num tem fé mais assim ...

29. P1: Não () male de mim se num fosse Deus ... Male de mim se eu num fosse crente

30. () acho que eu já tinh' até ixpludido ... compreende?

E – Hunrum ... Tem benzedô aqui no Traíras?

31. P1: Tem gent' aí que/que/que/que fala que é

E – A sra. acridita im oração intão?

32. P1: Nããão ... eu oro mar não iss' aí/ iss' aí/ iss' aí () já fiiz dimais ante d'eu sê crente

33. eu cunheço/eu cunheço tudo que 'cê pensá da vida (cunheço) de ispiritismo catóico

34. () eu cunheço tudo isso ... e aonde eu incontrei/incontrei firmeza foi im Cristo

35. (pronto)

E – ()?

36. P1: Hunrum ... Aí () male de mim s' eu num fosse crente (o que eu já fiço foi isso)

37. ... Tem/tem ãa Maria aculá qu' ela/que ela/diz que e'a benze

E – E cura?

38. P1: Se cura num sei mais benzê ela benze ... cê sab' a cura é/é que/muito/muita

39. gente faiz ar veiz cê fala assim "Ah eu quero ãa pessoa que mim benze iss' assim

40. a/a/a ..." ocê benze aí cê tá c'aquela fé né inda cura ... talvez a pessoa nem benze ar

41. veiz a pessoa/a pessoa vai lá falá "eu te benzo cum pau cum isso cum aquil' oto"

42. mintira lá e fala "eu binzi ocê" que nem tem muito que faiz "eu binzi" 'gora ocê que

43. é/ocê que tem a sua fé recebe ... compreende?

E – E tem muito tempo que a sra. é crente?

44. P1: Eu tem graças a Deus

E – Por que que a sra. passô pa crente?

45. P1: Eu passei porque cuma/ eu/eu peguei a biblia e vi que tudo certo tá na biblia na

46. palavra de Deus ... e/e/e/e fazê as coisa pelas metade in/n/na/num interessante ...

47. eu/eu fui catoica quarent' e tantos ano na/naci na catoica fui rezadera fui/cunheço

48. tudiiim mais pa sa/a sua sarvação tud' é igual ... ãa coisa cum ota tud' é igual (intão)

49. ãa coisa firme (muita pessoa) ... que TUDO FAI' MILAGRE minha fia num pricis'

50. ocê pensá que tudo num faiz milage que tudo cura ... TUDO ... Eu sei que nós lá

51. p'o Aranha pra lá nós vivia fazen' festa é São Sebastião Sra. Santana São Binidito e

52. São/São Marco tudo de TUDO () tudo tudo tudo ... e tudo faiz milage num precisa

53. cê pensá que num faiz não {que faiz

E – Faiiz né}

54. P1: ... é 'ssim ... a tal da sarvação eterna não a palavra de Deus num confirma não

E – A sra. recebeu algum milagre {desses santo?

55. P1: Graças a Deus} que o/o o qu' eu vivo receben' de Deus minha fia só ele

56. mesmo pu'que graças a Deus a minha duença (c'ontos num vêm) falá “Essa num

57. iscapa não essa num tem mais jeito essa num tem mais jeito” só por Ele mutiplicá

58. meus dia de vida p'ra mim é importante ... meu fii vivia/vivia c'ũ saguaria no nariz

59. aquea coisa ... intreguei nas mão de Deus ... Deus libertô intão tud' é importante ...

60. E além disso vêm as trabulação os combate e a proteção de Deus faiz rebatê tudo ...

61. soffro mais soffrê muito mais do que isso Deus soffreu né ... é importante fazê

E – E quand' a sra. era católica sra. fazia promessa voto essas coisa?

62. P1: Ah fazia uai ((meio rindo))

E – Fazia?

63. P1: Fazia ((ainda meio rindo)) ... num era catóico num tem sua fé? Aonde tem

64. sua/a/te/a/a Deus fala “Aonde tá sua fé tá seu tisoro” uai bem 'ssim ué ... s'ocê tem

65. fé c'ũa coisa cê faiz voto nela ... cê tem fé ne São Sebastião ... vamo supô ... cê tem

66. a fé ne São Sebastião cê fa/ essa coisa ah cê num faiz voto cum ele? Pois é a/a/a

67. ali onde tá sua fé tá seu tisoro

E – Que promessa que a sra. feiz quand' a sra. era católica?

68. P1: Ah minha fia era qualqué ãa coisinha que tinha quand' a sra. vive mal qualqué
69. ãa coisinha que tinha fazia () Eu memo eu fui/fui iss' aí foi minha mãe eu era muito
70. duente muito quand' eu era piquena (judiava dimais da mãe judiava dimais) aí ela
71. feiz voto/feiz voto que se eu iscapasse ... miorasse ... miorasse qu' eu era novenera
72. São Sebastião inquant' eu/eu vida tivesse fiz/fiz/fiz/fiz/fiz/fiz/ noven' até 'té cansei
73. no fim ele/ele Sebastião morreu quemado purque tacô fogo na/a igreja pegô fogo até
74. ele quemô ((rindo)) ... Aí cabô

E – Aí sra. parô de rezá?

75. P1: Aí cabô a festa né

E – É ...

76. P1: Aí cabô a festa cabô cabô ((rindo)) cabô tudo

E – Será que num foi por isso que a sra. ficô duente?

77. P1: Nãoh

E – Foi não?

78. P1: Não ... não foi não ()

E – Iss' é ilusão?

79. P1: É iss' aí é/ eu era mocinha

E – Ah

80. P1: Num foi por isso não

E – A sra. é casada?

81. P1: Sô viúva

E – É viúva? Tem muito tempo?

82. P1: Agor' im abril agora no dia 26 de abril vai fazê 7 ano (que eu fiquei viúva)

E – Como foi que o marido da sra. morreu?

83. P1: Cumo foi?

E – É

84. P1: Coração

E – Do coração?

85. P1: Foi ()

E – Quantos filho sra. tem?

86. P1: Sô mãe de nove mais Deus me ... criei só seis ... tem dua/tem um que mor' im

87. Niquelândia e um mora'im Brasila e quato tudo mora/mor' aqui ... () iss' aqui

88. (mora mair eu) dent' de casa

E – Dent' de casa só ess' aqui que a sra. tem agora?

89. P1: É tem um que pos' ali mais é lá e cá

E – Ah ... Os pais da sra. viero de onde?

90. P1: Meus pai é daqui mesmo

E – De Goiás?

91. P1: É

E – Dessa região aqui mesmo?

92. P1: Nacid' e criado tudo junto ... O povo fala que meu avô diz que era baiano mair

93. ãa coisa que dizem né

E – Hunrum ... Sra. num cunheceu ele?

94. P1: Cunhici ... cunhici mar ês falava eu num/mair ... ês falava que ele que (dizia)

95. que era/que era baiano

E – E a/e a/a vó?

96. P1: Minha vó tamém tud' é daqui

E – Daqui né? ... Sra. istudô?

97. P1: Istudei ... um po'co

E – Até que série?

98. P1: Naquele tempo num tinha negoço de série minha fia ... sei qu' eu istudei seis

99. mêtis só ... meus seis mêtis sirviu p'ra quem hoje istud' um ano

E – É ((risos)) é tem isso né? Sra. inda tem algum sonh' assim ãa coisa que a sra. inda queira fazê?

100. P1: Cê fala cumo? Fazê o quê?

E – No futuro ...

101. P1: Não ... hoj' im dia/hoj' im dia eu/o futur' é Deus mutiplicá meus dia de

102. vida mar () (o cumê que faiz) (puveitá o meno o que tem) trabaiei dimais

103. trabaiei passad' da midida {graças a Deus

E – Trabalhô im quê?} Im casa?

104. P1: In casa na roça fazend' dos oto

E – Na roça tamém sra. trabalhô?

105. P1: Ichih

E – Quê que a sra. fazia lá?

106. P1: Fazia/fazia capiná cum inxada fazê ceica

4.4 Amostra de fala da comunidade de Barra Longa-MG

PROJETO FILOLOGIA BANDEIRANTE

Equipe da Universidade Federal de Minas Gerais — Fitas 12, 13-B e 14

Ficha da Gravação

Data: 28/01/98.

Duração: 60 minutos.

Local: Barra Longa/MG.

Tipo de gravação: diálogo entre informante e pesquisador.

Pesquisador: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Ficha do Informante

Nome: MFC

Sexo: feminino.

Idade: 85 anos

Estado civil: solteira

Naturalidade: Barra Longa - MG

Outras residências: não teve.

Formação escolar: curso de adaptação no Colégio Mariana

Pesquisador: istou em Barra Longa... Minas Gerais... hoje são vinte e oito de janeiro de mil novcentos e noventa e oito... istou na Cuvanquinha... Cândida Seabra

1. *Informante:* perdi minha mãe ea/ea tinha... eu tinha dez ano... ((tosse)) fiquei na
2. fazenda da Onça muitos anos... dipois mudamo... pa fazenda do Rancho... terra de meu
3. pai... de lá... nós num/papai comprô um sítio aqui... esse sítio... nós viemo pra qui mil
4. novcentos e trinta... têm sessenta e sete/oito... sessenta e oito ano vai fazê em março
5. que nós moramo aqui... (foi) mil novcentos e trinta... tive no Colégio Mariana... tive
6. MUItos namorado... diMAIS... só um rapaz eu namorei vinte e cinco ano

Pesq.: é:?

7. *Inf.:* (cabô)... ele casô com otra... morreu já... ((tosse))... e a ota é sua parenta... é
8. subrinha de sua mãe... de sua avó... é Norma... {casô com Lalado...

Pesq.: {ah...

Pesq.: a sinhora namorô com ele vinte cinco anos?

9. *Inf.:* namorei ((tosse)) agora eu tive muito na Ponte No/ia muito a Ponte Nova ago[r]a
10. tem muito tempo que eu num vô... fazia muito croché... vindia MUIta colcha de

11. croché... eu estudei no Colégio Mariana no tempo de:... Iolanda... ((boi)) no tempo
12. de:... Nair Garcia
Pesq.: a senhora estudô até/que ano?
13. *Inf.:* mil novicentos e trinta e dois
Pesq.: mas... senhora fê/terminô... o ginásio?
14. *Inf.:* não... terminei... terminei a:... o:... era... curso de adaptação né que chamava...
15. terminei a adaptação e passei primeiro ano normal... primeiro ano normal eu concuri ele
16. mas... vim [em]bora num voltei mais... fiquei aqui... aqui... vivo aqui... gosto daqui...
17. gos[to] de roça
Pesq.: essa casa foi o pai... da senhora que construiu?
18. *Inf.:* a casa velha... nós achamo a velha aqui... agora a nova foi nós que construímo
19. dipois que papai morreu... foi construída em mil novicentos e:... cinqüenta e oito...
20. ((boi)) a ota ali
Pesq.: sei... e a/e aqui que que cês fazem?... cês mexem com:...
21. *Inf.:* aqui eu faço... que eu trabalho aqui?... eu fa/eu cuzinho...faço quitan:da... lavo
22. ropa... às vez lavo/às vez/às vez ropa até eu lavo... faço biscoito... e:... tenho criação
23. também... criação de gado... vendo leite... faço queijo...
Pesq.: ah... a senhora manda (pa) cooperativa?
24. *Inf.:* leite é... ((boi))
Pesq.: é:... hoje tá... tá dura a vida na roça né?
25. *Inf.:* NOssa senhora... na roça também num tem... tá muito ruim de vivê né?... nada
26. tem preço... NAda tem preço...
Pesq.: o leite tá baixando né?
27. *Inf.:* já baixô muito né?... tá valen[do] nada não... mas que que vai fazê?... tem que
28. fazê é muito cumé que vai fazê queijo com/com o leite todo?... num tem jeito né?
Pesq.: é... tem que vendê né?... ma/mas a senhora passô a infância... na fazenda da Onça?
29. *Inf.:* não... fiquei na fazenda da Onça até os doze ano... (aos) doze ano eu passei minha
30. infância na fazen[da] do Rocha... quando eu mudei pa qui eu tinha dizoito ano
Pesq.: e a senhora... gostava lá da Onça?
31. *Inf.:* gosta:va... gostava de meu/gostava mui[to] de lá... dipois que nós mudamo... a
32. minha vó chorô muito... minha vó... que é a mãe de sô Miro, mãe de ((boi)) minha
33. mãe... minha mãe chamava Carmilita... intão... era muito amiga de Don[a] Zizim... é é
34. madrinha/batizô Zé Rola... minha mãe que batizô Zé Rola... é madrinha de Zé
35. Rola...e:... quan[do] nós saía de casa/quan[do] minha mãe mudô/morô na ru:a...

36. nós/quand[o] ela saía quem ficava lá era Lurdes... e Zarita... ficava conosco
Pesq.: o pai da senhora era o capitão Manuel Carnero?
37. *Inf.:* meu avô
Pesq.: avô
38. *Inf.:* meu pai é Manuel Afonso Carnero... é Carnero também... é primo do oto...
Pesq.: ah... irmão do sô Miro
39. *Inf.:* irmão do sô Miro e minha mãe ... Carmilita... meu pai é irmão de... de...
 Dolor...
40. do Rancho... que é:... é irmão de Boaventura... é irmão de... Quinca do Corgo
 dos
41. Pilões... é/é/é ti[o] de Fafá... de nhô de Quinca... cê cunhece Fafá?
Pesq.: cunheço
42. *Inf.:* pois é
Pesq.: e... a senhora tem medo de ficá sozinha aqui?
43. *Inf.:* não... aqui nada vem não bob[a]... num vem nada aqui... NADA turmenta a
 gente
44. aqui...é mui[to] sossegado aqui... essa viúva às vez dorme muito/gosta muito de
 45. dormir aqui... ea dorme aqui tamém... aqui morava um rapaz mais... ê foi imhora
Pesq.: a senhora tem medo de assombração?
46. *Inf.:* não... num ixiste sombração não
Pesq.: não
47. *Inf.:* tenho medo não... nem... eu/eu/a minha irmã teve/ficô cega... morreu cega...
 ficô
48. cega... mais de/é a caçula... ANte da caçula puque a caçula memo morreu na
 fazen[da]
49. da Onça... a minha irmã chamava Francisca... Zina... que era/era muito amiga
 é:... num
50. saía da ca[sa] de Mimita mai[s] Chichico... quas[e] morava lá... ea ficô cega...
 que era
51. diabético sem sabê... ficô cega... ficô seis ano cega... morreu em mil novicentos
 e
52. noventa e um... poco tempo agora... cega de TUdo... num inxergava nada
Pesq.: e:... e:... ela... morava aqui com a senhora?
53. *Inf.:* morava... era eu ela e meu irmão...
Pesq.: ah... é...
54. *Inf.:* e ea morreu... ela morreu e eu num tive nenhum (pin)/eu durmia no quarto
 com
55. ela... eu levantei... num vi que ea ia morrê não... levantei cuei o café... tinha uma
 moça
56. morano aqui comigo... eu fui... falei com a moça assim de note... ((tosse)) “oh...
 ocê...
57. ocê num/num/num dorme lá fora não dorme aqui no sofá que eu tô achano que
 Zina
58. hoje num tá boa não...” foi/quan[do] foi de noite ea falô “ô Sinhá tô cu'a dor
 aqui...”
59. ((tosse)) eu fui e falei assim com ela... “te dá Novagina...” dei ea Novagina (ea)
60. “miorô: Zina?”... “miorei...” (falei [a]ssim) “cê qué doce?”... () pur conta de
 doce...
61. iscundia até na/na/no/na... na... cumé que fala?... na instalação pa cumê doce...

62. iscundido... intava lá... levava o doce iscundido na mão... ea falô “QUERO...” eu num
63. tinha doce aí eu fiz um/um... docei muito a/o leite e levei e dei ela... ela falô assim...
64. “hum que gostoso”... eu fui levantei... quando eu fui/fui cuá o café pra/prá levá pra
65. ela... olhei ea ta(va) só assim... eu gritei ela num respondeu mais... tava morta...
66. morreu feito um passarim... agora a ota minha irmã morava/era... ela tomô u'a...
67. filha/ua... prima nossa... subrinha de meu pai pa criá que é Irene... cê cunhece né?... Zé
68. de Noca
Pesq.: ah sei
69. *Inf.:* intão Irene... ea morava/ea casô com Salim morava no Baú... Irene ficô...ela criô
70. Irene...Irene morava aqui... casô... foi pa rua... e os mini[no] de Irene são três... Zezim
71. Alexandre e São... intãoeu/eu/eu gos[to] mui[to] dê[s]... ês vêm muito aqui... me ajuda
72. muito... vem dimais aqui até puquê/até pu/fiz duação do sítio pa eles... pus minino... e
73. a Naná que criô () morreu... morreu de câncer
Pesq.: e a sinhora... a sinhora já teve algum pirigo... já passô algum... algum aPERto assim... algum pirigo de vi:da?
74. *Inf.:* GRAÇAS a Deus nada ((boi)) nada... nada... nunca tomei tombo... nunca tive
75. duente... nunca tive fe:bre
Pesq.: e esse irmão?
76. *Inf.:* agora eu/eu levei um tombo di[a] Santa Luzia... até tem/tem até a marca aqui ó...
77. ma[s] eu num gosto de médico nem remédio... ma[s] deu um rachado aqui ó... na
78. cozinha... num sei cumé que eu fui lá... num sei se eu () iscurreguei na chine:la...
79. caí... abriu aqui... mas eu num quis... tratá não... num fui na rua nem nada... passei
80. remédio e pronto... hoje/cheguei lá... um dia () falô assim... oh cê precisa de i[r] na
81. rua puquê... cê tomá ao meno injeção conta téta[no]... eu fui... dotô... eu só trato
82. com... Antônio... Nonô da farmácia... [in]tão Nonô me/apricô injeção conta tétó[no]...
83. e ... fez um... tratamento aqui oh... () os remédio que eu tomei... ma[s] num... num
84. tenho duença não... graças a Deus... (agoia) eu num tem[ho] nada na vista puquê eu
85. rezo todo dia pa Santa Luzia... TO:do dia eu peço a ela
Pesq.: a sinhora é diabética também?
86. *Inf.:* não:... graças a Deus
Pesq.: e o irmão da sinhora?
87. *Inf.:* não... eu fiz ixame poco tempo agora... fiz ixame... de orina... de sangue... de
88. orina e de sangue...(que) o dottor Mauro (Mansur) mandô fazê... a minha...
89. a/diabete/a/o meu grau de/de gricose é oitenta

Pesq.: tá ótimo

90. *Inf.:* é oitenta

Pesq.: e o irmão da senhora esse... como que ele chama?

91. *Inf.:* Jusé

Pesq.: Jusé

92. *Inf.:* Gomes Carnero

Pesq.: é... ele... a se/ele já pas/teve algũ'a... {alguma situação

93. *Inf.:* {ele já foi operado

Pesq.: é?

94. *Inf.:* foi... de megacolo em mil novicen[os] sessenta em **Belo Horizon[te]** no hospital

95. São Lucas... e ele... ele também tem problema de vista... é míope

Pesq.: ahn... mas ele num tem problema de diabetes não

96. *Inf.:* não... nada nada

Pesq.: e/e ele que tira o leite... {quem que tira?

97. *Inf.:* {não... esse rapaz que vei[o] falá com cê aqui... ele e o

98. fio dele

Pesq.: ahm...

99. *Inf.:* ah ele num mexe com nada aqui não... nada... mexe com nada... que tudo que

100. administra é ele

Pesq.: o sítio é da senhora?

101. *Inf.:* sítio... eu tenho doze arquere aqui... ele tem... lá do o to lado... naquele

102. mato lá... mas tá tudo em comum... e Zé de Noca tem um pedaço aqui que foi

103. da... da minha irmã... ele compô na mão de Salim... a que criô Irene...

Pesq.: e a senhora gosta da vida aqui?

104. *Inf.:* gosto... eu num gosto de rua porque num tem assento na rua... eu fico

105. assim... num tem jeito... ento nũ'a casa num demoro saio... gos[to] de rua

106. não...

Pesq.: mas e/e o/e esse moço que a senhora namorô o... Lalado né?

107. *Inf.:* é... namorei iscondido puque... puque ele era moreno né?... ês num quiria

108. não... minha gente num quiria não... namorei ele iscundido

Pesq.: é? vinte cinco anos iscundido?

109. *Inf.:* iscundido... não num falava que num era namoro

Pesq.: mas puque que a senhora num casô com ele?

110. *Inf.:* ah num casei puque... ele era mui[to] se/levado... cada dia ê rumava ã'a

111. namorada... dipois começô a namorá Norma né?... ele falô que num casava

112. comigo... puque eu era branca... num sei (que) que tem lá cumé... que ele... mas

113. casô com Norma também que é branca né?... casô com ela

Pesq.: mas é muito tempo né?

114. *Inf.:* tem vinte... o minino dea/o mini[no] dea tem problema né?

Pesq.: é

115. *Inf.:* tem vinte seis ano o mini[no] dea... vai fazê vinte sete... é da idade de
116. Alexandre... de Alexandre de Irene
Pesq.: a senhora namorô vinte cinco anos com ele?
117. *Inf.:* a:cho que foi... só não/namorava largava arrumava otro... ma[s] num foi
118. vinte cinco mes[mo] direto não puque... tinha ispaço né?
Pesq.: e a senhora teve otros namorados?
119. *Inf.:* muitos... (muito) demais... namorado mesmo que num deixô eu concurí
120. istudo... puque eu arrumei muito namorado/ANtes dele né que... quando eu
121. cumecei a namorá ele eu já tava mais velha... já/já tinha trinta ano... cumecei a
122. namorá Lalado... ante dos trinta tinha mui[to] namorado
Pesq.: é... é bom né?... foi bom né?
123. *Inf.:* foi
Pesq.: e/e o/e esse irmão da senhora? o Zé... ele também teve muitas namoradas?
124. *Inf.:* não... ele não... num gostava mui[to] de namoro não
Pesq.: e senhora tem muitos subrinhos?
125. *Inf.:* só os mini[no] de Irene né que... a minha irmã casô Naná num teve filho
126. né?... ela criô Irene... que é a subrinha de papai... Irene tem três filho... ês vêm
127. muito aqui... tem Zezim que tem cachuera... tá lá no/lá no Santa Rita né?... que
128. é muito bão pra mim... mandô té eu rumá impregada... ma[s] eu num gos[to] de
129. mandá... eu gosto é de fazê... mandá num sei mandá não
Pesq.: e a senhora faz doce aqui?
130. *Inf.:* fa:ço
Pesq.: manga:da
131. *Inf.:* não mangada eu num gosto muito não... gos[to] de chupá elas... manga/eu
132. num gos[to] de mangada não cê gosta? ((bois))
Pesq.: gosto
133. *Inf.:* eu fi/onte eu fiz foi doce de... foi mingau mi[lho] verde... agora... lá na/eu
134. faço goiaba:da... faço goiaba em calda... faço... doce de:... banana... bananada...
135. faço bananada também... até Afonso cumeu aqui otro dia
Pesq.: e:... a sinho[ra] tem um pomar grande
136. *Inf.:* de fruta?
Pesq.: é
137. *Inf.:* tem horta... pomar que tem/tem/tem os pé de laranja tem... tem abil...
138. tem... muita banana... mas... pomar mesmo... Alexandre comprô... umas
139. quarenta muda... ma[s] ea num prestô alá os pé... num cresceu direito alá
Pesq.: hum... ingraçado né?
140. *Inf.:* pois é... tem mais de dois ano aqueas fruta ali alá

Pesq.: pur que que será?

141. *Inf.:* num sei... foi tratada... foi/foi a EMATER que até que prantô

Pesq.: e:... Semana Santa... a sinhora gosta de Semana-santa aqui da Barra?

142. *Inf.:* NOssa Senhora... Semana Santa aqui na Barra era ua/era um gozo...
ũ'a

143. vez eu fui nũ'a quadrilha seu pai tava dançano com sua mãe dançô
dimais

144. cum ela... eu lembo a feição dela NOva... cê cridita que eu lembo que eu
lembo

145. da feição de sua mãe NOva... ela tava buni:ta minha fia... com um
visti[do]

146. vermeio dançô quadrilha com o seu pai... naquela casa hoje que é de...
aquela

147. casa que é Dona Pim cê sabe qualé né?

Pesq.: sei sei

148. *Inf.:* Elisio até tem ã'a venda imbaixo né... agora ela é de Elisio né
comprô

149. ela... é lá em cima... eu lembo seu pai dançano quadrilha com ela

Pesq.: e/e/e a Semana Santa?

150. *Inf.:* ih eu adorava Semana Santa

Pesq.: aqui tem as procissões né?... tem Procissão das Almas né?

151. *Inf.:* procissão da/eu ia/eu gostava muito é da Procissão de/dos Passo e de

152. Interro

Pesq.: a Procissão dos Passo é quarta-feira?

153. *Inf.:* é... dia de Sexta-feira da Paxão

Pesq.: a Procissão das Almas segunda-fera é... é a gente quase que num vê mais né?
na cidade né?

154. *Inf.:* tocava um trem... cumé que chamava... é um trem... cumé que é
gente?...

155. cumé que é?... eu sabia até a cantiga

Pesq.: é? cumé que é?

156. *Inf.:* cumé que é a cantiga mesmo?... qué vê?... dexovê se eu lembro

157. *Pesq.:* ah lembra aí

158. *Inf.:* ô meu Deus... tocava um/um trem... uma palmatória assim... batia e
cantava

159. *Pesq.:* um tambor... um surdo... maTRAcA?

160. *Inf.:* é matraca... isso mes[mo] matraca... ago[ra] cê falô verda[de]...
matraca... e cantava

161. *Pesq.:* na procissão? {eles cantavam

162. *Inf.:* {na Prucissão das Alma... ora/parava punha ã'a
cruz no chão... e cantava

163. *Pesq.:* tocava matraca?

164. *Inf.:* tocava matraca... dipois tornava... oto espaço ota cruz no chão e
cantava... agora eu quando ia a festa do Bonfim eu namorava dimais e cantava
assim... "Ave-Maria cheia de graça Senhor é convosco bendita sois vós:... entre
as mulhere bendito é o fruto do vosso ventre amém Jesus:... ama:do Jesus:...
Jusé: e Mari::a... eu vus dô o meu coração... a:mai e vi:da:"... e/aqueas
procissão can/cantava a prucissão toda... "Pai-Nosso que estáis no céu...
santificado seja vosso nome"... cantava tudo

165. *Pesq.:* ora... que bunito né?... mas essa procissão do Bonfim era/é qual procissão? das Almas?
166. *Inf.:* NÃO... a procissão de/de festa que tinha lá...
167. *Pesq.:* ah
168. *Inf.:* eu num pirdia ã'a festa lá eu ia...
169. *Pesq.:* que bunito...a/as procissões daqui são muito concurredas né?... as pessoas
170. *Inf.:* não ma[s] agoa num usa cantá mai[s] não... agora cabô... coro que canta né?... e o Bonfim cantava é da prucissão da/de pad[re] Jusé Pifânio tinha essa prucissão cantava “*Ave-Maria cheia (sois) de graça Senhor é convosco bendita sois vós... entre as mulheres bendito é o fruto do vosso ventre amém Jesus*”... eu ta(va) só namorano... ((risos)) é prucissão
171. *Pesq.:* e como que é a música que canta/que cantava na procissão das Almas... ((ruídos))
172. *Inf.:* ah eu num lembro mais... xô vê se eu... cumé que é gente?
173. *Pesq.:* porque hoje a gente
174. *Inf.:* “ô:: de ca:sa... ô de fo:ra”... ah boba eu num lembro mais... cumé que é meu Deus... é espécie da Via Sacra...é [a]quela cantiga da Via-Sacra... mais eu isquici... eu/eu/eu e[r]a muito silêncio né?... ninguém cunversava...era só o padre... cum vistido de preto... e aqui um quado cã'a cruz punha assim no chão batia matraca e cantava
175. *Pesq.:* na Procissão das Almas ninguém pode conversá?
176. *Inf.:* não... TUDO caladim
177. *Pesq.:* e num tem banda nem nada não né?
178. *Inf.:* nã:o.. silêncio... tin(nha) ã'a banda MUIto silenciosa tocava ã'a música a/a Marcha Fúnebre... mas... mu::ito longe... ã'a vez o otra que tocava... mai[s] é só... batia a ma/a cruz ali... cantava... cumé que eu sabia esse cântico bob[a] ma[s] minha voz é muito voz é muito ruim também... (cu)mé que é a cantiga gente... ô minha Nossa Senhora... cumé que é a cantiga
179. *Pesq.:* eu nunca ouvi falá... não... eu gostaria de cunhecê essa cantiga
180. *Inf.:* ah pois é
181. *Pesq.:* e... dexeu falá com a senhora... Fúlia de Reis vem aqui?
182. *Inf.:* vem
183. *Pesq.:* é:?
184. *Inf.:* vem
185. *Pesq.:* qual fúlia que vem aqui?
186. *Inf.:* ã'a Fúlia de Reis de aí do/é da Cuvanca ma[s] num tem ma[is] não
187. *Pesq.:* como que é a música?
188. *Inf.:* ô: de casa... ô: de fora é {é cantava assim
189. *Pesq.:* {é que eles canta... a fúlia/a fúlia canta assim {né?
190. *Inf.:* {canta é... ô de casa... ô: de fora... é (que) é mais gente... e a gente dava um tustão ês cantava um verso pa gente né?
191. *Pesq.:* é... como que era o verso?
192. *Inf.:* ah... num lembro... tem muitos ano né?
193. *Pesq.:* aqui em Barra Longa tem muitas fúlias num tem?
194. *Inf.:* ês vem... ês vem agora... agora... a **Fúlia de Reis antiga** vinha cã'a **bandera vermelha**... quele horror de gente... com... chapé:eu de/infeitado de fi:ta... batia na ca[sa] da gen[te] cantava a gen[te] dava ismola né?... vinha na

- ca[sa] da gen[te] aquea turma... agora tem aquelotro... agora tem congado... né
Fulia de Reis não... congado
195. *Pesq.:* mas tem as fulia com bandera também num tem?... hoje inda tem?
196. *Inf.:* ah... agora é muito/o home que vai/fazia essa fulia na Cuvanca ê morreu tem muitos ano
197. *Pesq.:* é?... e a/o congado vem aqui?
198. *Inf.:* congado vem aí na Cuvanca
199. *Pesq.:* é?
200. *Inf.:* vem
201. *Pesq.:* que que eles cantam?
202. *Inf.:* a aquea batucada cantano... num gravo (muito não)
203. *Pesq.:* cumé que/cumé/ como que é o congado?
204. *Inf.:* congado ês param põe um pau assim no mei[o]... vai cantano ao redó... e terceno ã'a fita... dipois torna a distercê... e cantano... marchano e cantano
205. *Pesq.:* e: aqui na Cuvanca tem muitas festas?
206. *Inf.:* to:do do tempo dos oto pade tinha muita festa agora nesse/nesse tempo desse pade agoa só tem festas do Coração de Jesus que é o padroero da Cuvanca... que é meu pai que mandô vir... que/nem lembo... puque acho que nem era nascida... e:... que ele é o padroero... é o único padroero da friguia de Barra Longa... do município é ele/é só ele... do Coração (de) Jesus... e tem a... e/e tem a festa do Coração de Jesus e de Nossa Senhora... Nossa Senhora do: Aparicida... dia doze... mas sempe num é dia doze... só duas festa que ele faz... ele vem aí de mês em mês celebrá
207. *Pesq.:* e a sinhora que:... toma conta aqui das festas daqui da Cuvanca?...{da igreja?
208. *Inf.:*
{não... toma conta é ã'a parenta minha... subrinha papai... são/são treis moça... são duas moça soltera e ã'a casada... eas que toma conta
209. *Pesq.:* hum... e a sinhora vai a Barra Longa muito?... pra:...
210. *Inf.:* eu ia (a) Barra Longa de mês em mês recebê né? que sô aposentada... mas agoa passei pa... Irene... a fia de Irene... ela que recebe pa mim ((boi)) tem mui(to) temp[o] que eu num vô
211. *Pesq.:* e e quando a sinhora vai... como que a sinhora... a sinhora vai... tem ônibus aqui? (que) passa por aqui?
212. *Inf.:* eu vô de carro próprio... condução própria... ((grita)) ô Zé cumé que é aquea fulia... cumé que é aquela/aquela/aquea cantiga da/do/das alma Zé?... cumé que é Zé?... ô:... aquea cantiga das alma... de Prucissão das Alma... que ês canta e bate matraca... ô meu Deus
213. *Pesq.:* ele é daqui da Cuvanca também?
214. *Inf.:* ele é... ele tira leite aqui
215. *Pesq.:* ah:... depois cê lembra essa... essa... música né?....
216. *Inf.:* ah... mas eu num vô lembrá não
217. *Pesq.:* será que o:... o seu irmão sabe?
218. *Inf.:* sabe não... nem/ele num ia tamém... ô minha Nossa Senhora... mas eu num vô lembrá
219. *Pesq.:* na terça-fera qual... é... é... procissão que é?
220. *Inf.:* Depósito né?... Procissão de Depósito
221. *Pesq.:* é?... como que é a Procissão de Depósito?

222. *Inf.:* leva Nosso Senhor dos Passo lá pra baxo e traz Nossa Senhora cá pra cima
223. *Pesq.:* sai da Matriz
224. *Inf.:* a/o Senhô dos Passo sai da Capilinha dos Passo vai pa Matriz... e Nossa Sinho(ra) das Dor vai lá pa Matriz... e Nossa Senho(ra) das Dor vai lá pra baxo... pa dipois tê o incontro
225. *Pesq.:* ah... na quarta-fera é o incontro
226. *Inf.:* é o incontro
227. *Pesq.:* e/a/a capelinha do Nosso Senhor dos Passo é onde é na... é... fica onde?
228. *Inf.:* é lá na rua... Matias Babosa... cá imbaxo na portera... em frente a padaria de... de Dadá... padaria de Dico
229. *Pesq.:* cês tin(nha) ã'a casa ali?... na rua?... tinha ã'a prima sua que tinha ã'a casa ali num tinha? ali per[to] da padaria de Dico?... em frente?
230. *Inf.:* não... quem tem casa ali é Marimília... minha parenta... é filha de Hélio
231. *Pesq.:* não... né Marimília...eu lembro de duas sinho:ras que moravam ali
232. *Inf.:* não nunca tive casa na Barra
233. *Pesq.:* não?
234. *Inf.:* não... mamãe morô lá muitos ano ma[s] naquela casa que hoje é de
235. *Pesq.:* per[to] da casa de:...
236. *Inf.:* em frente Maria José aquea ca[sa] lá de cima era de () mamãe morô ali quando/quando eu era... eu era nova ainda eu tinha oito quando ea morô na rua... eu nem lembro
237. *Pesq.:* per[to] da casa de Elza?
238. *Inf.:* não... tem Irene que mora ali pelto
239. *Pesq.:* é sua prima?
240. *Inf.:* é minha prima {primera
241. *Pesq.:* {é Irene e quem?
242. *Inf.:* Irene é a que Naná... é minha primera... é subrinha de papai
243. *Pesq.:* ah... eu me lembro dela
244. *Inf.:* pois é
245. *Pesq.:* ela e tinha mais uma outra lá num tinha? que morava lá?
246. *Inf.:* não... Irene é que minha irmã criô... Naná... e casô com Zé de Noca
247. *Pesq.:* hum... tá
248. *Inf.:* Irene (era) do tempo que seu pai e(r)a sortero... ea tem cinqüenta e oito ano... sua mãe morreu com quantos ano?
249. *Pesq.:* sessenta e quatro
250. *Inf.:* é?
251. *Pesq.:* é... nova né?
252. *Inf.:* no:va dimais... sua mãe e[r]a mui[to] bunita... era tão bunita
253. *Pesq.:* mais... se fosse hoje... se a sinhora fosse moça hoje a sinhora casava? a sinhora ia arranjá um namorado pra casá::?
254. *Inf.:* se fosse hoje eu casava
255. *Pesq.:* é?... pur quê?
256. *Inf.:* ah... pa tê ã'a pessoa pa ajudá a gente mai[s] né?... compartiá com a gente dos/dos probrema da vida...
257. *Pesq.:* é
258. *Inf.:* pa num sê a gen[te] sozinha né?
259. *Pesq.:* mas sinho[ra] tem o irmão da sinhora aqui né?

260. *Inf.:* mas ele... ele duente... () mui[to] duente
261. *Pesq.:* é?
262. *Inf.:* inxerga poco... é mui[to] nervo:so
263. *Pesq.:* e sinho[ra] tin[nha] vontade de/de... hoje a senhora teria filhos também?
264. *Inf.:* é... tinha () mas eu/eu num gostava de/de tê filho... puque eu sô preocupada demais da conta ó...esse mini[no] de Irene Alexandre foi pa praia eu fico preocupada... se tem um problema eu fico preocupada... se anda nas estrada eu fico preocupada... se num tem o cinto... o cinto de segurança no carro eu fico preocupada me[do] de puliça e ()... e(r)a bom num tê filho bob... né?... e(r)a milhó
265. *Pesq.:* fica mais relaxada né?
266. *Inf.:* gostava muito é de dançá eu... dançava muito...
267. *Pesq.:* que que a senhora gostava de dançá?
268. *Inf.:* ô meu Deus Nossa senhora dançava demais na Barra... quês baile todo eu num pirdia um
269. *Pesq.:* é?... valsa?... que que a { senhora
270. *Inf.:* {va(r)sa... é... é... esse negócio... bole:ro
271. *Pesq.:* é... e qual música que a senhora gostava mais?
272. *Inf.:* eu gosta[va] mais de dançá e(r)a valsa
273. *Pesq.:* a senhora tem alguma música que a senhora gosta de cantá?
{canti:ga
274. *Inf.:* {ah
bob(a)... minha voz tá muito ruim agora boba
275. *Pesq.:* não... tá não
276. *Inf.:* tá boba
277. *Pesq.:* alguma música assim antiga que a senhora lem:bra... que a senhora can:ta... alguma
278. *Inf.:* eu tenho ã'a música antiga que eu gostava mui[to] de cantá ela... mais eu vô cantá muito ruim aqui pro cê porque minha voz tá ruim ((tosse)) é assim... “*Rosa colhia sozinha:... lindas rosá: no jardim:... e nas facis também tinha... rosa da cor do carmim:... cheguei e disse-lhe ro::sa... qual dessas rosas me dão... () primoro::sa... também como linda istão... era fitou-me sorrindo de longe me respondeu... não dou-te a rosa das fa:ces... nem as que trago nas mão... daria se mi istimasse... as rosa do coração*”... issé antiga mes[mo]
279. *Pesq.:* é?... bunita... só canta ela té hoje
280. *Inf.:* ah num canto mai[s] não bob[a]... ten[nho] vontade de cantá não
281. *Pesq.:* é?
282. *Inf.:* não... e/eu tenho... toda a vida a minha voz foi muito ruim... (num) tinha voz boa não... ago[r]a com essa idade oitenta e cinco ano...
283. *Pesq.:* a senhora tá muito forte... tá com a voz... boa
284. *Inf.:* eu um dia fui na Ponte Nova... dotô Vadalá cê cunhece né?... ê tá é diabético né?... ê me pediu um doce de goiaba... goiabada eu levei pra ele ma[s] ê num era diabético inda não... (eu falei com ele que eu xingo muito)... se eu machuco () “é bom xingá... xingá é bom bob[a]... po[de] xingá mesmo”
285. *Pesq.:* que que a sinho[ra] fala?
286. *Inf.:* ah eu/puque se eu... se eu trupico eu xingo ((boi))... se eu queimo eu xingo... ma[s] que dia:bo sô... cruz CREdo
287. *Pesq.:* num guarda raiva né?
288. *Inf.:* na/não... eu xingo eu mesmo uai... é né ninguém que eu xingo não...

289. *Pesq.:* e/a sinhora tem briga com algum vizim aqui?
290. *Inf.:* não... num tenho um inimigo... GRAças a Deus... NEnhum inimigo... num tenho UM inimigo siquer...
291. *Pesq.:* é num tem... ninguém que tem inVEja... nem nada né?
292. *Inf.:* uai se tem inveja eu num sei né?
293. *Pesq.:* e... e aqui quando chove... cumé que é?
294. *Inf.:* ah... ten(nho) muito medo de chuva
295. *Pesq.:* é?
296. *Inf.:* NOssa Senhora...
297. *Pesq.:* pur quê? a sinhora já passou muito aperto?
298. *Inf.:* já... quando a casa era velha... ela discutriu ã'a vez minha fia... NO:ssa Sinho:ra... e quando... Tatá Rola veio arrumá essa nova agoa mudô o teiado dea pôs otras teia... pôs... (ingadamento) de... cabiúna... e pôs teia... essas teia coloniá... ocê acridita... deu ã'a chuva... tava discuterto...moió a casa toda
299. *Pesq.:* num tinha um plástico não?
300. *Inf.:* tinha plástico nos móvil... nas cama... a cuzinha ficô alagada... Tatá ta[va] só jugano água pra fora... eu durmia aqui já...
301. *Pesq.:* é?
302. *Inf.:* durmia aqui no chão
303. *Pesq.:* aqui
304. *Inf.:* aqui já tava pronto
305. *Pesq.:* e/e aqui quando chove... como que fica a estrada?
306. *Inf.:* péssima... num tem istrada não
307. *Pesq.:* é?... aí tem que saí a cavalo
308. *Inf.:* cavalo ou a pé né?
309. (...)
310. (...)
311. *Pesquisadora:* a sinhora tem horta planta:da?
312. *Informante:* heim?
313. *Pesq.:* horta... sinhora tem horta aqui?
314. *Inf.:* tem... ()
315. *Pesq.:* é
316. *Inf.:* é
317. *Pesq.:* e o que que a sinho[ra] planta?
318. *Inf.:* cove... quando é tempo de... de semente eu pranto repoio... planto... ()
319. ((longo trecho com ruídos))
320. *Inf.:* Zé... Zé... Luís de Olinto vinha muito à festa aí na Cuvanca
321. *Pesq.:* é?
322. *Inf.:* Luís vinha... Zé não... Zé era buni:to
323. *Pesq.:* ((ri)) é?
324. *Inf.:* mas cê parece muito com sua mãe... () mes[mo] que eu tá ven[do] ela...
325. *Pesq.:* ((ri))
326. *Inf.:* agora... a ota sua irmã a... a Ângea é morena né?
327. *Pesq.:* é... morena
328. *Inf.:* agora... a minina de Irene gosto/gosto/gostô mui[to] de [Jo]sé de Olinto... seu irmão... ele namorô a minina Marimília né? diz que ele é mui:to educado... “ô Sinhá... que pe:ça”... namorô Daniela né?
329. *Pesq.:* é

330. *Inf.:* é muito iducado [Jo]sé de Olinto... só s[enh]ora vê que rapaz educado... eu num lembo dele não
331. *Pesq.:* é... tem muitos anos né? que a gente
332. *Inf.:* ele tem filho?
333. *Pesq.:* não... ainda não... mais... eu tô veno aqui... a sinhora tem três cachorros?
334. *Inf.:* eu tinha quatro
335. *Pesq.:* é?
336. *Inf.:* morreu um
337. *Pesq.:* cumé que ela chamam o nome dos cachoros?
338. *Inf.:* um vei lá de Santa Rita ê chama Quico... o oto chama Tiuzim porque eu tinha um Tiuzim muito bão aqui... que... o mini[no] de Irene... o que tem farmácia lá na Santa Rita que é Zezim que eu ador[o] ele gos[to] dele dimais... ele/ele pôs nome no cachorro aqui Tiuzim... ele era muito bom... o Tiuzim morreu... eu fui () arrumei um piqueno pus nome Tiuzim... e hoje chama Cacique
339. *Pesq.:* ah... e galinha também só tem?
340. *Inf.:* tem galinha... tinha pi/muito piru... tem muita galinha de angola
341. *Pesq.:* é?... e o rio... tem rio aqui perto?
342. *Inf.:* não... tem corgo
343. *Pesq.:* só tem pe:ixe aqui?
344. *Inf.:* não
345. *Pesq.:* e que que a sinhora gos[ta] de cumê?... que que a sinhora faz pa sinho[ra] cumê?
346. *Inf.:* eu como de tu:do... de tudo que é pra cumê eu como... num tem história não...eu gosto muito de arroz com soã
347. *Pesq.:* soã? que que é soã?
348. *Inf.:* soã do porco... com arroz...
349. *Pesq.:* soã qual que é a parte?
350. *Inf.:* aquea parte de osso aquês osso assim...
351. *Pesq.:* custela?
352. *Inf.:* não... acima da custela...tem aque[le] lombo assim ó... pe(l)[to] do lombo... a suã...
353. *Pesq.:* ah... assoã... que chama?
354. *Inf.:* soã
355. *Pesq.:* soã?
356. *Inf.:* soã de porco
357. *Pesq.:* hum... a sinhora come muito?...
358. *Inf.:* eu gosto... vez em quando eu gos/eu gos[to] de cumê ela com arroz
359. *Pesq.:* e eles fala que carne de porco... ne... a pes
360. *Inf.:* eu como muito a carne de {porco
361. *Pesq.:* {e a sinhora é fo:rte
362. *Inf.:* como muito carne de porco... eu num/eu num gos[to] mui[to] de carne de boi não
363. *Pesq.:* é né?
364. *Inf.:* eu como... falô que é carne né?
365. *Pesq.:* e qual/e quê mais que a sinhora gos[ta] de fazê?... qual cumida?... bambá?
366. *Inf.:* bambá faço poco
367. *Pesq.:* é?

368. *Inf.:* eu gos[to] de fazê é verdura... (num passo) de fazê verdura... tenho que fazê verdura to[do] dia
369. *Pesq.:* e café?... sinhora torra café aqui ô compra café?
370. *Inf.:* eu torro café no/no... torrado
371. *Pesq.:* no torrado?... mó:i
372. *Inf.:* muía aqui né?... mas () deu pobrema esses dia
373. *Pesq.:* aí a sinhora mói no munho
374. *Inf.:* (móio) no muinho de café
375. *Pesq.:* ahn...
376. *Inf.:* os oto que mói pra mim
377. *Pesq.:* é?... torrá café é trabalhoso né?
378. *Inf.:* ih eu torro quato cinco torrada... mas eu também num/num... faço istravagança não... ma[s] num... torro no torrado... com dez minuto tá torrado ã'a torrada
379. *Pesq.:* é aquele manual que a sinhora torra?
380. *Inf.:* é um grobo assim... põe no fugão e... vai mexeno assim... tempo de/de calor sim torra muito... muito cedim né?... eu gosto muito de fazê doce
381. *Pesq.:* e/e bro:a
382. *Inf.:* broa é mui[to] difícil fazê... é porque broa... num gos[to] mui[to] de broa não... só seno MUIto boa... eu gos[to] mui[to] de fazê pão-de-ló... bolo... é () rosquinha... rosca... pocos dias agora eu massei ã'a rosca... gastei... pus de/em dois quilo de farinha eu pus dez ovo nela... pus mei quilo (de) mantega... ela cresceu... quando a/fui ligá o forno de gás que ten[nho] aí pra assá... ê num tinha gás... tinha acabado... fez assim...sssss... foi a/essa moça viúva falô sim “uai Sinhá seu forno trapaiô”... quando oiei num tinha gás... tava pagano... () mandá pa Cuvanca pa assá lá no forno de gás lá que eu tenho dois forno... mais o oto... eu num gos[to] de assá no oto porque... assei um tabulero no oto... que o oto é forno de fugão... o gás que assa quato tabulero dũ'a vez... e... eu gos[to] mui[to] de forno de barro mas tem mui[to] tempo que eu num tenho... porque eu dismanchei o forno de barro fiz cozinha no lugá
383. *Pesq.:* ah... é bom né?
384. *Inf.:* quem fa[z] lá po seu pai?
385. *Pesq.:* que faz... quitanda?... tem uma moça lá que trabalha lá... que faz... ela é lá da Budega
386. *Inf.:* é?... eu tenho ã'a prima mora (na) Budega... tenho uns/uns filhado lá... farmacêutico lá... João... cê cunhece João?
387. *Pesq.:* na Caiaca né?
388. *Inf.:* na Caiaca... João Rola... fi[lho] de Nico Rola... é meu primo e meu afilhado... e tem a Cíntia casada com... Cacá... de () da padaria... cunhece não?
389. *Pesq.:* não... esse aí não
390. *Inf.:* cumé seus mini[no] chama?
391. *Pesq.:* é... Henrique... e Caio
392. *Inf.:* é?... vai ganhá mai[s] não
393. *Pesq.:* ((ri)) não
394. *Inf.:* ah... mas cê prici/ tá nova ainda
395. *Pesq.:* ((ri))
396. *Inf.:* Zé de Olinto... Zé... seu irmão é mais velho que ocê né?
397. *Pesq.:* é
398. *Inf.:* (os filho) primero... eu lembro dele
399. *Pesq.:* quem que gos[ta] de andá a cavalo aqui? tá chei[o] de arreio aqui

400. *Inf.:* arreio pa le/pa levá... queijo ali no... levá... leite no ponto puque nem vem buscá aqui ainda
401. *Pesq.:* {ah é?
402. *Inf.:* {lá das istrada
403. *Pesq.:* quantos quilômetro que anda?
404. *Inf.:* uns treis
405. *Pesq.:* é?
406. *Inf.:* é... num chega a treis não... agora... eu num munto a cavalo não... já muntei MUIto a cavalo... quando eu ia po Colégio Mariana ia a cavalo [a]té no Filipe dos Santo
407. *Pesq.:* {e depois?
408. *Inf.:* {lá que pegava o trem vai
409. *Pesq.:* puque que Barra Longa nunca teve trem heim?
410. *Inf.:* eu vi falá que é... eu vi falá que é os antigo que num quisero... diz que trazia duença pa Barra Longa
411. *Pesq.:* é:?
412. *Inf.:* falava isso né?
413. *Pesq.:* e sinho[ra] acha que é isso?
414. *Inf.:* será?
415. *Pesq.:* mas aí tinha de i[r] até... Acaiaca
416. *Inf.:* não... eu ia direto Filipe dos Santo... passava ali da... intrava na/na/no... passava em frente a Varge... de/de Afonso e de Chichico... e ali tem um atai ia po Filipe dos Santo lá eu durmia... Filipe dos San/nũ'a fazenda lá perto... que nem sei quem é mais... no oto dia pegava o trem pa i[r] po Colégio Mariana...
417. *Pesq.:* num era fácil não né?
418. *Inf.:* num era não
419. *Pesq.:* é... e as mulheres antigamente também tinham que andar a cavalo de lado de la:do né?
420. *Inf.:* um silhão
421. *Pesq.:* silhão?
422. *Inf.:* chama[va] silhão... chama[va] silhão... ê tinha um/um um trem assim infiava a perna aqui () eu ia de silhão... (no) tempo meu e[r]ja de silhão...
423. *Pesq.:* a se/sinhora acha que... hoje... a vida é melhor pras mulhe:res?... que antigamente?
424. *Inf.:* ah eu acho que é... antigamente era bom puque num tinha esse pobrema de... de pobreza... () puque eu tô achano esse... tinha mais (f)acilidade po cê fazê dinheiro acho que tinha... hoje tá mais difícil né fácil não
425. *Pesq.:* a vida na roça hoje é mais dura né?
426. *Inf.:* ah nossa sinho:ra... duríssima
427. *Pesq.:* e:... e o prefeito aí?... a sinhora gosta dele?
428. *Inf.:* gosto... go/ele é muito boa pessoa... ma[s] vô te contá um caso do prefeito ago[r]ja vô contá
429. *Pesq.:* ((ri))
430. *Inf.:* aqui tem ã'a/ũ'as/ũ'a/um parente meu chamava Geraldo ele morreu... era subrim (de) papai... e a mulher dele chamava Landa... mãe de Zé de Landa... Zé de Landa é/é muito seus amigo lá... intão ela e[r]ja pulítica... e[r]ja a favor de um () eu era de Gilberto... Santo Antônio... cê lemba (de) Gilberto?
431. *Pesq.:* lembro

432. *Inf.:* então... eu passei lá nos dias da eleição... eu votava na (Barra) depois] passei pa votá na Cuvanca... passei um dia da eleição lá... eu junto cum ela/ela com um rapaz aqui fi[lho] da viúva... foi vei[o] um rapaz genro dela... pariô do meu lado... e virô/e virô assim pra mim... pariô do meu lado e eu... e eu falei [as]sim “uai Chico cê vai votá... contra nós?... sô muito boa pa sua mãe”
... foi esse genro de Landa falô assim... “nós também somo muito boa pra ela”... () dipois... quando eu passei em frente a capela Landa ta[va] lá imba[xo] “ô Sinhá... tem pro cê não”... que eu ta[va] pariada cum o filho da viúva”... “tem pro cê não”... quan[do] Gilber[to] ganhô eu virei assim pa ela... “ô Landa... teve pra mim... num teve foi pro cê heim?” ()
433. *Pesq.:* ((risos))
434. *Inf.:* que nós somo muito amiga... ()
435. *Pesq.:* e ele foi bom prefeito? Gilberto?
436. *Inf.:* foi ótimo... foi um prefeito e tanto... foi muito bom... pra nós aqui foi muito bom...
437. *Pesq.:* fez muita coisa qui?
438. *Inf.:* ah:... ê é muito bom pa pobreza aí... ê tev[e] um sítio aqui per[to] de mim... ê vinha todo dia aí... foi muito bão... ago[r]a o **atuá prefeito** também é ã’a boa pessoa... muito iducado
439. *Pesq.:* a sinhora votô nele?
440. *Inf.:* não... votei contra ele... eu votei ni... Fernando... ((vozes de pássaros ao fundo)) eu votei ni Fernando puque ocê sabe né?... é pa/é meu primo primero... é filho de Maria Jusé da Onça... fi[lho] de Zé de Teca... Zé de Teca morô qui comigo quatro ano... e é muito amigo eu podia votá contra ele se eu votasse contra ele eu caçava ã’a briga né?... mas eu tinha vontá[de] votá era no Mário Antônio mas... fui ubrigada a votá no oto o oto perdeu... eu falava todo dia... “Fernando cê vai perdê... cê vai perdê óia lá heim”... “ah num perde não Sinhá”...sim que ele falava... e eu votei (com)/ia votá no Mário Antônio mas num teve jeito
441. *Pesq.:* tem situações né?... fica difícil né?
442. *Inf.:* fica difícil puque a gente às vez é obrigado a fazê ã’a coisa que num qué né?... mas eu/o Fernando é muito boa pessoa coitadim... ê perdeu... a vitória Mário Antônio foi fantástica
443. *Pesq.:* é::?
444. *Inf.:* ê diz que foi lá na fazen[da] seu pai seu pai falô com ele que já tinha... já tinha... tratado com Mário Antônio... seu pai é mui[to] direito... um ho[mem] muito honesto
445. *Pesq.:* mas o que que Fernando faz agora?
446. *Inf.:* Fernando tá em Belo [Ho]rizonte mora lá é impregado lá
447. *Pesq.:* ah... a família Carnero aqui é muito grande né?... por isso cê tem tanto parente
448. *Inf.:* é... ago[ra] Fafá é subrinha papai... se fô candida[to] tamém... ten[nho] que votá é nele uai... cumé que eu voto contra?... eu num voto contra os meu parente não
449. *Pesq.:* cê num vota aqui/puque aqui tem muito partido né?... aqui em Barra num {tem?
450. *Inf.:*
{TEM... tem muito partido
451. *Pesq.:* aí cê nunca votô po partido não?
452. *Inf.:* não... ã’a vez eu filiei no pe/peessedebê... mas num votei nele uai

453. *Pesq.:* mas antigamente aqui tinha:
 454. *Inf.:* ah antigamente a pulítica e[r]a feroz... agora né não
 455. *Pesq.:* né não?... puque aqui tem uma pulíticagem brava né?
 456. *Inf.:* brava era de primero mi'a fia que cê nem lembra
 457. *Pesq.:* é?... ês faziam músicas né?
 458. *Inf.:* NOssa Senhora da Conceição... Pasquim... mesmo seu avô... Trindade... era contra... Nico... Nico... Nico... de Freitas... pai de Niquim... era contra... e[r]a ã'a pulitica:gem mi'a fia que só cê/Edira era muito minha amiga né?... e[r]a namorada de () e o pai dela contra o/o/pai do... do Guti...
 459. *Pesq.:* complicado né?
 460. *Inf.:* complicado... (Dico) de Freitas
 461. *Pesq.:* hoje num... tem mais isso
 462. *Inf.:* ah hoje cabô... tem esses negoço de pulítica mai[s] não... hoje o pessoal tá mais civilizado... eu acho
 463. *Pesq.:* a sinhora tem carro de boi aqui?
 464. *Inf.:* antigamente tinha... agora tenho... eu tem[ho] ã'a junta de boi que eu comprei... e tem[ho] ã'a carroça
 465. *Pesq.:* e charrete?
 466. *Inf.:* não
 467. *Pesq.:* o sítio é pur aqui? o sítio de:
 468. *Inf.:* sítio... de qualé
 469. *Pesq.:* daquelas minina Rosân:gela... ()
 470. *Inf.:* é... divide comigo é cá imbaxo... eas são prima primera minha uai... Rosângela... () a:... tem a:... Ivoninha
 471. *Pesq.:* é
 472. *Inf.:* Ivoninha é té minha filhada
 473. *Pesq.:* só parente né?... aqui todo mundo é parente
 474. *Inf.:* todo mundo é parente... sabe quan[to]s afiado que eu ten[nho] de batismo?
 475. *Pesq.:* ahn
 476. *Inf.:* trinta e tantos
 477. *Pesq.:* é?
 478. *Inf.:* de batismo
 479. *Pesq.:* mas a sinhora é muito quirida aqui né?
 480. *Inf.:* se num é parece né?
 481. *Pesq.:* ((ri)) todo mundo fala BEM demais... gosta muito... gosta mui[to] da sinhora... e... o arraial perto aqui de Cuvanca... qual otro?
 482. *Inf.:* Bonfim
 483. *Pesq.:* mais é COvanca né Cuvanca não né?
 484. *Inf.:* é Covanca... Covanca é aqui pirtim mes[mo]... tem até a istrada muito boa... ago[r]a tem o Bonfim que é pra lá
 485. *Pesq.:* ah: Bonfim tem istrada boa?
 486. *Inf.:* é melhor né?... puque é mais/passa mais gente num tem porte:ra
 487. *Pesq.:* ahã... aqui tem cinco porteras né?
 488. *Inf.:* TEM... muita portera... precisa do prefeito dá um jeito tirá essas portera pô mata-burro pa vim buscá o leite de carro né?
 489. *Pesq.:* é... puque senã:o... demora né?
 490. *Inf.:* demora... num vem buscá po cont[a] de portera
 491. *Pesq.:* é... isso é verdade... sinho[ra] tem televisão aqui?
 492. *Inf.:* tenho

493. *Pesq.:* a senhora gos[ta] de televisão
 494. *Inf.:* adoro
 495. *Pesq.:* é?... que que a senhora mais gosta?
 496. *Inf.:* novela... gos[to] mui[to] das novela
 497. *Pesq.:* só assiste até tarde?
 498. *Inf.:* é... aquela... Ilma... Zé Santana vei[o] aqui... o deputado... então... eu ta(va) assistino novela... eu deito no sofá é... assim ó... e só/ninguém seu/no/o sofá é só meu... eu pon[nho] travissero lá e deito lá... fico veno novela que tá na frente... a minha nove/a minha televisão tem dez ano... eu comprei ela em oitenta e oito... Sharp à cores... intão é:... Zé Santana che/bateu de tarde/à noite já podia sê ãs oito hora... quando abri era Zé Santana tava fazeno pulítica... foi quando ê sentô per[to] de mim lá eu falei assim... “iscuta aqui... cê é filho de Aidê Vasconcelo?... puque que ocê/cê é parente de Aidê Vasconcelo?” “eu sô filho dela” () “ea foi minha colega no Colégio Mariana”... ê foi tomô meu nome... isso telefonô pa ela no memo dia... intão ea foi... iscreveu ã’a carta pra mim... mai[s] CINco folha... (pro) cê lê minha filha... e ele cramano que ea votô naquele depu/naquele home e ele perdeu
 499. *Pesq.:* Filipe Neri
 500. *Inf.:* não... votô no/Pedro... o que votô/foi contra o... esse/esse oto aí esse que tá lá agora... Zevedo... Zeredo... Zeredo ganhô
 501. *Pesq.:* ahn
 502. *Inf.:* o oto foi... ah Zezé deve sabê o nome dele... eu tô mui[to] isquicida isqueço... intão ea cramano comigo infilzmente perdeu... perdeu a... eu fui rispundi pra ela () falô pra mim se eu gosta[va] de iscutá televisão... () fui rispundi a carta pra ela que... vez em quando eu dava um cuchilo
 503. *Pesq.:* e... e... sinho[ra] tem parabólica aqui?
 504. *Inf.:* tenho
 505. *Pesq.:* é... sem parabólica num pega né?
 506. *Inf.:* pegava...mas pegava... mas tinha a... a... a antena e[r]a LÁ no/no arto... divisano a fazenda do rancho com/com Zezé... mãe/pai de Rosânge ()... lá em cima... seiscento meto de fio de arame... um dia... eu isquici a antena em cima do guarda-ropa mia filha... DEU um fogo na casa... quemô o rádio do meu irmão... fez um buraco assim no guarda-ropa... fez um buraco na parede... a casa cherô tudo {fumaça
 507. *Pesq.:* {o raio?
 508. *Inf.:* é o rai que vei[o] ligado de lá... mai é puque é a antena essa antena... antena... feita... é antena de () isquici o nome dea... comprei até na Ponte Nova... agora pôs parabólica... parabólica é ali pirtim da/da casa
 509. *Pesq.:* hum... e a senhora vai muito a Ponte Nova?
 510. *Inf.:* ia muito... que eu vindia muito croché lá... agora num vô {mais
 511. *Pesq.:* {e Belo [Ho]rizonte?
 512. *Inf.:* ah Belo [Ho]rizonte tem mui[to] tempo que eu num vô
 513. *Pesq.:* a senhora gosta de lá?
 514. *Inf.:* gosto... tenho muito parente lá: né?... Didina era... morô qui tem muito tempo comigo aqui
 515. *Pesq.:* é?...
 516. *Inf.:* é cê gosta[va] dela?
 517. *Pesq.:* gosta:va pessoa bo:a né?...
 518. *Inf.:* MUIto responsável

519. *Pesq.:* é... a sinhora parece muito com ela
 520. *Inf.:* ea falava assim... tá talequal Iza ocê... cruz CREdo
 521. *Pesq.:* tá o quê?
 522. *Inf.:* tá talequal Iza bem mostra que ocê é prima de Iza... que é () muito Iza né?... brigava/ quand[o] ea via qualqué coisa que e[r]a muito pulida né?
 523. *Pesq.:* dimais ((ruídos))
 524. *Inf.:* é... tá talequal Iza... cruz credo
 525. *Pesq.:* ((ri))
 526. *Inf.:* eu que () muito namoro de Iza com ()
 527. *Pesq.:* é?... cumé que só fazia?
 528. *Inf.:* ah eu dava recado ()... nós ficava na cas[a] de Holanda... manduca ali... () e[r]a gostosão bob[a]
 529. *Pesq.:* é?
 530. *Inf.:* ele era
 531. *Pesq.:* é... é bom né?
 532. *Inf.:* Nair num vai casá não?
 533. *Pesq.:* num se:i... num tô sabeno... tá namorando né?
 534. *Inf.:* tá?
 535. *Pesq.:* tá
 536. *Inf.:* Marce[lo] tamém vai casá né?
 537. *Pesq.:* é... acho que sim né?... e... a sinhora tem ca:na plantada aqui:
 538. *Inf.:* MUIta cana... capinera... MUIta cana mes[mo]... capinera
 539. *Pesq.:* é?... e sinhora faz si:lo... ()... lá?
 540. *Inf.:* pur inquanto num faz/num faz inda/é Alexande que mexe com esses trem... o mini[no] de Irene
 541. *Pesq.:* ele vem trabalhá aqui sempre?
 542. *Inf.:* ele trabaia... mora em Belo [Ho]rizonte né?... trabaia na Manes... ma[s] quand[o] ê tá de fêria que... arranja bate os pasto... forma ca/forma capinera forma... capim esse brancaia:ra... compa semen:te... tem MUIta cana prantada... tem capinera muita/com ã'as quato o cinco capinera
 543. *Pesq.:* é?
 544. *Inf.:* e eu fiz a deccração ago[r]a do INCA isquici falá... isquici
 545. *Pesq.:* tem que falá né?... puque o governo cobra tudo né?
 546. *Inf.:* é mas quem fez é Noberto bob[a]... ê tá costuma[do] fazê ê sabe que tem esses trem aqui né?
 547. *Pesq.:* isso aqui é motor de quê?
 548. *Inf.:* ali ca/ali é... ca/é de... passá capim... aqui que é fubá
 549. *Pesq.:* a sinhora planta o mi:lho... mói aqui?
 550. *Inf.:* esse ano num plantô milho aqui não...mói/mói.. eu ten[nho] munho d'água uai... eu {gos[to]} de munho d'água
 551. *Pesq.:* {ah é? cê tem munho d'água
 552. *Inf.:* te:nho... eu gos[to] de muê no munho d'água... aqui[lo] passa pos oto... que vem aqui fazê () num gos[to] de () não
 553. *Pesq.:* é
 554. *Inf.:* dá um angu seco... isquisito
 555. *Pesq.:* é... a sinhora come angu todo dia?
 556. *Inf.:* não
 557. *Pesq.:* não?
 558. *Inf.:* eu como angu só quan[do] tem jiló:... quan[do] (tem é) quiabo... num sô mui[to] de angu não... mas... eu como

559. *Pesq.:* ô Sinhá... quem que morava nessa casa... aqui na... Covanquinha aqui onde que é seus hoje? antes de seu pai comprá?
560. *Inf.:* morava aqui ã'a fa/um ti[o] (de) papai... com três mulher... três... tem a... tinha... ã'a tia de papai chamava Sinhá da Cuvanquinha... é... Dona Sebastiana... é... Ninica... Raimunda... e Lilia... eas que morava aqui dipois... o home moRREU... o meu/o ti[o] de papai moRREU... a mulher Dona Sebastiana que e[r]ja viúva mudô pa Dom Silvério... ela é a tia Didina... irmã do pai Didina... Dona Sebastiana... mudô pa Dom Silvério e vendeu isso aqui... isso aqui foi comprado... pra nós... com/no/com a herança (de) minha mãe () fazen[da] da Onça
561. *Pesq.:* e aqui sempre chamô... Cu
562. *Inf.:* Cuvanquinha
563. *Pesq.:* Cuvanquinha
564. *Inf.:* sempre... sempre chamô Cuvanquinha
565. *Pesq.:* é... aqui tem
566. *Inf.:* {"ô... () {ô ()... ô () quem tá dormin:do... ô ()"}
567. *Pesq.:* {é a música?... é a música da matraca?}
568. *Inf.:* essa cantiga é da matraca
569. *Pesq.:* é?... repete ela pra mim
570. *Inf.:* bate a matraca e canta... na ca/na fazenda/na/na frente da casa do... dos oto né?... quand' põe a cruz lá no chão
571. *Pesq.:* intãoa... me ixplica aqui... a Procissão das Almas
572. *Inf.:* das alma... Procissão das Alma... põe a/a/ũ'a/ũ'a/ũ'a tábua com ã'a cruz grande assim no chão... e... o padre bate a matraca e... o povo canta... o POvo é que canta... "ô () ô () ô () quem istá dormindo ô ()... re:za mais... re:za mais... reza mais um Pade-nosso... ô ()"...é isso ago[ra] lembrei
573. *Pesq.:* tá veno... num falei que a sinhora ia lembrá? ((risos))
574. *Inf.:* é ma[s] é muito ()... tem MUItos ano que eu num assisto Prucissão das Alma... tem mais de trinta ô quarenta
575. *Pesq.:* que a sinhora num assiste?... porque num é muito concorrido mais né?
576. *Inf.:* ah:... mui[to] difícil tê bob[a]... tem mui[to]/tem mui[to]/num tem mais... sempe tem as duas prucissão só
577. *Pesq.:* não a... Procissão das Almas tem ainda não?
578. *Inf.:* ah:... mui[to] difici
579. *Pesq.:* ô... ô Sinhá... cê lembra do Cônego Trindade?
580. *Inf.:* diMAIS
581. *Pesq.:* é?... ele era bom aqui?... pessoal gostava dele?
582. *Inf.:* eu lembro dele ma[s] va:gamente... eu lembo mai[s] Pai Nhozim
583. *Pesq.:* Pai Nhozim foi depois dele?
584. *Inf.:* foi depois (do) Cône[go] Trindade... Cône[go] Trindade... foi o padre que ce/que fez/celebrô a missa sétimo dia de... alma de minha mãe... Cône[go] Trindade... agora Pai Nhozim eu lembo mai[s] dele... puque Pai Nhozim... ele/ele... ele vinha aqui em casa muito... Pai Nhozim Nhozim de quê heim?... irmão de/daquea... Pai Nhozim cê num lembra/cê num vê falá nele não?
585. *Pesq.:* não
586. *Inf.:* Pai Nhozim... ele é irmão de... é irmão de/daquela/gen[te] Santo Antônio
587. *Pesq.:* ah: sei (Gilberto) Santo Antônio

588. *Inf.:* é:... é... Pai Nhozim era/era irmão de/da mulher... de Afonso Mor... Afon/Afonso/Afonso Mor era irmão ti[o] Niculau... casado com minha tia Sinhazinha... que é irmã de minha mãe... é... ti[o] Niculau... cumé que é... Pai Nhozim... foi no Bonfim celebrá ã'a missa e lá tinha muita... vagariga... vagariga... cumé que é repariga... intão ê fez ã'a prática lá e xingô elas... intão quem ()... ele ia lá... celebrá missa e num chegava... duícia... voltava da istrada... ê foi passô pur aqui chegô no morro ali ele dueceu
589. *Pesq.:* toda vez que ele ia rezá missa no Bonfim ele {adoecia
590. *Inf.:* {duícia... eas/eas num quiria que ele fosse lá uai... puque... ê fazia...
591. *Pesq.:* ele ficava xingano
592. *Inf.:* xing/xingava as mulher lá né?
593. *Pesq.:* istranho né?
594. *Inf.:* e ele vei[o] pra cá vinha pra cá eu té... dava ele café com pã(e)-de-ló ê falô sim comi[go]... “ô Sinhá pã(e)-de-ló é... fortificante”... ele é...cumé que é gente?
595. *Pesq.:* tem o padre Jusé Epifânio
596. *Inf.:* Pade Pifânio e[r]a muito bom coitadim... (era) um santo... era um santo... aqui quan[do] nós fazia bisco/fazia mui[to] biscoi[to] polvilho... cê lembra {biscoi[to] polvilho né?
597. *Pesq.:* {lem:bro
598. *Inf.:* é... e eu faço até no forno de gás
599. *Pesq.:* é:?
600. *Inf.:* mas intão... ê num apiava... tinha dia que ele apiava ma[s] tinha dia que ele num apiava... puque... pricisava... ê num tinha jei[to] de apiá pu cau[sa] do reumatismo... ê punha no bolso da/da batina... ele e[r]a muito bõo bob[a]... Pad[re] Pifânio santo... pade I:de... cê lembra do pade Ide?
601. *Pesq.:* lem:bro
602. *Inf.:* pade Ide era... istudante... mininim... um dia nós ta[va] na igreja Santíssimo e eu falei sim... ah... () ele e Ze/Zezim irmão dele né? Zezim casa[do] com () Selma... () é té Zezim meu cumpade sô madrinha de Kátia... intão virei e falei sim pra ele... “cê num vai sê padre nada”... ê falô “vô sê sim” “se ocê fô sê padre eu te dô a batina”... (foi) ordenô padre e vei cá buscá a batina... eu dei ele... a batina
603. *Pesq.:* o:lha
604. *Inf.:* eu que dei ele a batina...ele celebrô a primera missa na Barra a sigunda aí... {na Cuvanca
605. *Pesq.:* {aqui na Cuvanca... ô... mas Sinhá... aqui é um lugar bom de vivê aqui na Barra né?
606. *Inf.:* ah... (gen[te]) da Barra é muito bõo
607. *Pesq.:* num é?
608. *Inf.:* gente muito honés(to) convivente né?
609. *Pesq.:* é
610. *Inf.:* eu gosto mui[to] da Barra
611. *Pesq.:* pessoal... é... visita MUIto ()
612. *Inf.:* é... é...
613. *Pesq.:* né?
614. *Inf.:* muito carido:so
615. *Pesq.:* é

PROJETO FILOLOGIA BANDEIRANTE
Equipe da Universidade Federal de Minas Gerais — Fita 015

Ficha da Gravação

Data: 30/01/98.
Duração: 60 minutos.
Local: Barra Longa/MG.
Tipo de gravação: diálogo entre informante e pesquisador.
Pesquisador: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Ficha do Informante

Nome: MFR
Sexo: feminino.
Idade: 84 anos
Estado civil: viúva.
Naturalidade: Caqui - Barra Longa - MG
Outras residências: não teve.
Formação escolar: curso primário.

1. *Pesquisador*: Barra Longa... trinta de janeiro de mil novecentos e noventa e oito...Cândida
2. *Informante*: muito trabalhoso (minha filha) pela vida... criei... eu sou mãe de dezesseis filhos...
3. *Pesq.*: Nossa
4. *Inf.*: e hoje eu tenho aqui cinco filhos... num ano eu perdi/num ano o quê/num mês... eu perdi três filhos assim
5. *Pesq.* (de) adulto?
6. *Inf.*: oh... morreu a filha casada... quando fez um mês que a filha casada... morreu... que era... a mulher do Cid que seu/acho que seu pai conheceu o Cid muito... você num deve tê-lo conhecido... Cid Rosa... faleceu pouco tempo né?... e:... o menino/rapaz que ia fazer vinte e cinco anos... (foi aqui imbuído) no reberão... num é que ele afogou... que ele nadava muito bem mas acho ele

- afundô... e ele... ele sofria assim... cãibra de nuVELO... e doctor Armando falava quem sofre dessa cãibra/se sof/batê dentro d'água
7. *Pesq.*: cãibra de novelo?
 8. *Inf.*: ea dá/dá aquea novelo assim e quando dava nele precisava de eu vi... tá passano () né... e era de(s)de/mamãe (tá dueno) os minino pegava ri dele... e a cãibra acho que bateu nele dento d'água e ele morreu den d'água... quando tinha e ia tê a missa de mês da filha que era casada... e ele morreu... quando fez tres meis que ele morreu a filha caçula... casô... trabaiava em Ponte Nova... casô aqui em Barra Longa... ela casô e foi embora de Ponte Nova... aí ela... e o minino meu foi lá ela foi lá e disse assim ô mãe... ela chamava Maria do Socorro né?... aí Socorro tá internada e num tá passano bem...ela tá vumitano muito... aí eu arrumei no oto dia fui (pra) Ponte Nova quando cheguei lá... ela já tava assim na sala de observação... e eu... a cama assim no meio da sala pidi a irmã pra mim entrá quando eu entrei falei “ê Socorro”... ela olhô assim pra mim e falô assim... deu três suspiro quan[do] QUIS falá... mas num falô... aí peguei chorá e saí assim do quarto... () “não a sinhora num chora não que ela... ela num/num tá passano bem não”... aí naquilo o médico chegô... o dotô Salvador olhô e falô assim “oh... eu lá vô pra... pro Pião... logo as quatro hora eu vô dá o resultado do inzame da filha da sinhora”... fiquei sentada lá no hospital minha fia (desde)... saí daqui com um (gole) de café... e fiquei sentada lá até as quatro hora... qua[do] foi as quatro hora ele chegô... entrô lá oiô e vortô “cadê a mãe da duente?”... tinha duas filha minha lá e falô assim “ah ela aqui”... ele bateu (no meu ombro assim “oh a filha da sinhora só Deus”... “(uai) dotô mas ela num escapa não?”... ele disse “não... só Deus”... quan[do] foi... seis/seis e meia ela deu alma a Deus
 9. *Pesq.*: gente... mas o que que ela/morreu do quê? que que era?
 10. *Inf.*: ele falô que era (patite) (patite) aguda... hoje a gente fala que aquil[o] é... ai é cumé que a gente fala hoje?... é [he]patite que a gente fala... que eles fala... isqueci o nome...
 11. *Pesq.*: tiriça
 12. *Inf.*: a gente fala/hoje ês fala que é tiriça ... ês fala patite... e esse patite aguda bateno num escapa né?... ea ia fazê tres meis de casado
 13. *Pesq.*: (com) quantos anos isso?
 14. *Inf.*: tá com... num tô certa mais quantos ano têm que Socorro morreu gente... é uns quinze pa dizesseis anos
 15. *Pesq.*: então nesse/nesse ano a sinhora perdeu {três filho
 16. *Inf.*: {treis filho
 17. *Pesq.* em um mês
 18. *Inf.* é... um mês
 19. *Pesq.*: e o marido da sinhora?
 20. *Inf.*: o meu marido tá com vinte ano que ele faleceu... fez vinte ano agora dia... dia primero de janero ele morreu dia primero de janero fez vinte ano... depois que ele morreu... morreu uma filha... daí... morreu de repente né?... fez quarto pra um moço que morreu aqui imbaxo e no oto dia ela falô comigo... “mamãe amanhã eu vô lavá ropa pra sinhora” ea ia... iextraí dente... “(pra) sinhora num mexê na friage”... aí levante:i... [joguei água na horta... vortei... () ela chamava Senita... a gente (chamava) ela de (Selita) “(tá durmino muito)... quando eu cheguei lá... peguei assim ná perna dela... senti a perna fria... Noim... porque os que mora aqui na frente tava plantano (bera) aqui imbaxo... eu falei “Ô Noim... Silita morreu”... ele disse “mintira mamãe...

- sinhora tá brincano”... falei “não meu fio com morte a gente num brinca”... quando eu peguei ela assim e num agüentei levantá que ela/ela num era gordona... mas era assim forte... tava morta... né brincadeira não né?
21. *Pesq.*: no:ssa... e os outros?
22. *Inf.*: aí os oto ficaro né... de jeito que hoje eu tenho... (Noim) que é casado... mora ali... o José mora comigo... (esse daí) tá até em Ponte Nova... e aquela menina que tá ali é neta mora aqui... mora aqui treis neto comigo... mora ela... o minino irmão dela que é o mais novo... mais novo ma[s] tá com vinte um ano...
23. *Pesq.*: é o que tá sem mão?
24. *Inf.*: é... não... o/aquele sem mão é irmão dela também
25. *Pesq.*: que que aconteceu com ele?
26. *Inf.*: ele tava... trabaiano lá no Dutí né?... nesse negócio que... pica capim...
27. *Pesq.*: Dutí Rolla?
28. *Inf.*: é Dutí Rolla...num sei cumé que arrumô que intupe a gente tem que disintupi cum... cum pa:u ou (pé do) capim memo... eu/eu num SEI... pra mim ele (iscapuliu) foi puxá assim e... quando ele... ele VIU... acho que ele tava com a luva né... porque viu a luva a...luva foi imhora a mão também (tinha ido)... ele inda güentô... disligamo o motô... ali ele... dismaiô... e deu um grito o pessoal lá foi lá ((ruído)) chegô lá ele tava no chão... levaro ele (pra) Ponte Nova disacordado né... lá ele ficô cinco dia no hospital
29. *Pesq.*: saiu muito sangue?
30. *Inf.*: ah... ele já foi com o soro ligado indesdaí... com sangue... de jeito que ele... inda hoje... ele foi em Ponte No[va] vei[o] recado pa ele i[r] lá na agência né?... pa vê se... ês aposenta ele... mas indenizá num vai indenizô não
31. *Pesq.*: é... ele vai tê que encostá agora
32. *Inf.*: ((ruído)) (cumé que pode ir) trabaiá com uma mão... inda é/inda é a mão direita né?
33. *Pesq.*: o Dutí veio cá vê-lo?
34. *Inf.*: () veio cá duas vez assim... levô ele pra Ponte Nova () mas visitá ninguém... visitô... que ele morava aqui né?... eu (eu ta)/morava aqui assim eu fazia pensão pra ele... porque... oh eu sô viúva... recebo
35. *Pesq.*: () pensão pra quem?
36. *Inf.*: recebo/ele trabaiava aqui eu fazia pensão pra ele ele me pagava que eu recebo a pensão do marido... num podia dá dado né? (um dia assim comum não) mas trabaiá [e]fetivamente () nem sabia se ele tava comeno ou se tava bebeno
37. *Pesq.*: ô Dona Maria Chica... ma/mas a vida na roça né fácil { não né?
38. *Inf.*: { né fácil não
39. *Pesq.*: é muito dura né?
40. *Inf.*: a vida na roça é dura...
41. *Pesq.*: a casa da sinhora é gosTOsa... fresQUInha...
42. *Inf.*: é: minha fia... casa na ro:ça né... num é bem arrumada não (menos fresca é né?)
43. *Pesq.*: é:... boa né?
44. *Inf.*: só ocê e a irmã que Pásqua deixô?
45. *Pesq.*: filha?
46. *Inf.*: filha moçã?
47. *Pesq.*: não... tenho mais uma irmã e um irmão
48. *Inf.*: casada (ninhuma)?

49. *Pesq.*: o meu irmão é casado
 50. *Inf.*: é casado
 51. *Pesq.*: e eu também sou
 52. *Inf.*: você também é casada?
 53. *Pesq.*: sou
 54. *Inf.*: mora em Belo Horizonte?
 55. *Pesq.*: moro
 56. *Inf.*: quem mora aí com... com... o seu pai?
 57. *Pesq.*: ninguém
 58. *Inf.*: ninguém?
 59. *Pesq.*: não... ô... ô... Dona Maria Chica... mas me conta aqui ã'a coisa... e a senhora já teve algum pirigo/passou já... alguma... algum aPERto... assim... alguma ocasião que a senhora achasse fosse Morrê:...
 60. *Inf.*: ah... na ocasião da gente criá os filho a gente passa assim aperto que a vida num era... as coisa era difícil né?
 61. *Pesq.*: a vida da mulhé num era fácil não
 62. *Inf.*: num era fácil não
 63. *Pesq.*: a senhora tinha partera que ajudava a senhora?
 64. *Inf.*: oh minha fia num criei nenhum filho (den[tro] do) hospital... TUdo em casa
 65. *Pesq.*: os dizesseis em casa
 66. *Inf.*: dizesseis em casa... agora... tempo dũ'a minina... uma que era casada com... Raimundo Ângelo... ela... eu tava/cumecei a passá mal... e a partera minha... era ã'a... era ã'a senhora assim... num era intindida... ela intinDIA bem mas num tinha cartera não né?... intão... eu disci no chão pra fazê xixi... na hora que eu pus a perna assim... em cima da cama... a menina veio... veio e o útero... sabe?
 67. *Inf.*: eu já num pude minha fia... ficá... fiquei só deitada assim numa posição quando... foi mais tarde
 68. *Pesq.*: mas tinha gente perto da senhora?
 69. *Inf.*: é... a minha madrinha essa que... vinha/veio ficá comigo... quando ela viu (a menina que) tinha nascido né?... ela foi e falô assim... “ô Maria Chica cê num vai... pur que qu[e] ocê vai”... aí ela era a minha madrinha eu chamava ela de dindinha Lica... “eu num/(eu num güento virá)... quando ela oiô e:: “ih meu DEUS que que é”... aí o meu marido foi atrás do dotô Junquera... dotô Junquera veio oiô:: oiô... num me entendeu... deu injerção... e aquilo paricia coisa que queimava ((corte na gravação)) aí::... me falaro que tinha ã'a partera muito intindida aqui em Barra Longa... o meu cunhado que já morreu... foi através dea chamava Antônia... quando chegô lá ea tava lá pro Bueno aí:: ele... ele foi na casa dũ'a filha dela e (disse) “ah bom ela vai chegá hoje”... aí quando ela chegô ela falô () me insistiu de ... banho... eles receitaro o... permanganato pa dá o banho... mas num tinha jeito... tapô o útero veio e tapô as minha vergonha () ninguém num (ouvia) nada... aí a partera oiô... e falô... “oh o permanganato evém se num tem jeito de dá a lavage a gente chiringa ele”... me assistiu treis dia de foia/de banho de foia de algodão... oh minha fia... mas no fim dos treis dia ela foi imhora de tarde... quando foi naquela noite... eu virei na cama... o meu marido:/num era essa casa não era um rancho né?... era um... quartim das minina e tinha o meu quarto... e ele/e ele deitô () num colchão no chão... “uai Maria quem virô ocê?” eu falei “eu num sei... eu virei durmino”... (mas aquilo) rebentô::... e

- saiu assim aquele san:gue... pisa:do... aquele () exquisiteza... mas eu fiquei vinte um dia... pra mim... levantá era assim segurano com a perna aberta
70. *Pesq.:* mas (foi) o último filho?
71. *Inf.:* até o utro... ele vortô pra dentro
72. *Pesq.:* ah voltô?
73. *Inf.:* voltô... mas eu fiquei como que abriu uma firida assim pur baxo né?... cusTÔ mia fia sará...
74. *Pesq.:* e a sinhora foi ao médico depois?
75. *Inf.:* não filha/naquela ocasião a gen[te] num tinha negoço de i[r] em MÉdico... nem nada... mas/mas dé... fiquei assim... num pudia quando ia sentá é como coisa que o utro saía sentada ()
76. *Pesq.:* e depois disso
77. *Inf.:* depois... não... depois passô MUIto tempo... depois que meu marido morreu... é que eu resolvi fazê ã'a consulta... é aí a... a patroa do aqui do meu minino trabaiaava com ela ea falô assim... “ah tem que operá”... aí falei “oh vô em casa primero”... aí vim em casa... falei (com as menina) que eu vortá... que eu/ eu ia fazê ã'a consulta... aí fui lá no dotor João... “a sinhora tem que”... não ê tava po Rio... o:... dotor falô assim “a sinhora... tem que marcá a consulta da sinhora... a operação mas... tem que (isperá) dotor João tem que... tirá eletro puque a sinhora tava com a pressão muito arta”
78. *Pesq.:* dotor João Carlos?
79. *Inf.:* é dotor João Carlos... aí ele... eu esperei ele chegá né?... fiquei na casa da patroa do meu minino... esperei ele chegá... ele... me tirô eletro... pode operá
80. *Pesq.:* a sinhora gosta dele?... dotor João Carlos
81. *Inf.:* (dis)agradei não né...mas/quem me operô foi o dotô Zé Anselmo
82. *Pesq.:* hum
83. *Inf.:* dotô Fernando ajudô né? fazê isso...
84. *Pesq.:* intão sinhora operô tem poco tempo?
85. *Inf.:* não... tem/tá com... catorze ano...
86. *Pesq.:* mas a sinhora ficô muito tempo então com... com esse problema
87. *Inf.:* fiquei... na hora que eu... eu num pudia baxá... eu num pudia... eu ficava em pé... se eu baxás assim hoje eu num posso baixá porque eu tô com... probrema de jueio que eu (sofro) probrema de rematismo né?... mas na hora que eu ia baixá assim parecia que saía... aquilo a gente deu ponto tudo lá por dento né?
88. *Pesq.:* né fácil não né?
89. *Inf.:* né fácil não
90. *Pesq.:* tê filho na roça né mole não
91. *Inf.:* ah né mole não... e eu dizesseis filho tudo que eu criei em casa... e:... meus primeiro minino... quando eu ia atrás da pa/da partera que... tinha primero essa Maria da Cruz... era uma velha... e eu chamava ela até de Mãe Cruz porque ela que ficô com minha mãe quando eu nasci... intão... ela vinha e ficava comigo... mas quand[o] ela chegava minino tinha nascido mas com toda facilidade... cada um vinha num jeito né? já dessa daí eu passei mal
92. *Pesq.:* cada filho vem de uma manera né?
93. *Inf.:* de ã'a manera... cê tem filho?
94. *Pesq.:* eu tenho dois
95. *Inf.:* só dois?
96. *Pesq.:* é
97. *Inf.:* é... mas diz que dá pra ri e chorá né?

98. *Pesq.*: é... a vida hoje num dá pra tê ... dizesseis mais não né?
99. *Inf.*: é acho que não né?
100. ((risos))
101. *Inf.*: a minha nora ali tem... cinco... cinco não é quatro... três home e uma moça... hoje tem istudo... () ... num dá pra...
102. *Pesq.*: a vida hoje é muito diferente né?... mas a sinhora acha que a vida do homem é melhor do que a vida da mulher?
103. *Inf.*: ah.... tudo/quase que tudo é ã'a coisa só... que/tem que trabalhá né?... sustentá os filho... e:... sirviço hoje num tá fácil né?
104. *Pesq.*: é... a sinhora acha que o homem hoje sofre MAIS ou sofre menos que a mulher?
105. *Inf.*: a mulhé/na doença a mulhé sofre mais... ((risos))
106. *Pesq.*: num sofre?...e... deixou perguntá pra sinhora/a sinhora nasceu aqui no Caqui?
107. *Inf.*: nasci aqui... nasci... e depois... a minha mãe mo/morô lá no Corgo das Quintas...onde é de... quando Craudionô **falicido Craudionô** ((ruídos)) era ali que era a terra do meu pai
108. *Pesq.*: Claudionor?
109. *Inf.*: é
110. *Pesq.*: qual Claudionor? ((ruídos))
111. *Inf.*: é um que morreu tem poco tempo... ino pra... antes de chegá na casa de Zinho... a primera casa...
112. *Pesq.*: ah sei sei
113. *Inf.*: depois (ela) mamãe moRREU... eu fiquei piquena... eu fiquei com a idade de sete anos... o meu irmão mais velho que hoje ele mora em Boncesso ficô com nove... ficô ã'a otra irmã... morreu... aqui em Barra Longa morreu n'água né?... tava trabalhano e... eles inventaro que ela tinha robado um dinheiro dele...
114. *Pesq.*: quem? () é:?
115. *Inf.*: a minha irmã... ela... a impregada com Venancim e Necolino... e ela era muito assim geniosa e ês falô cum ela ela que ia mandá buscá a puliça pra corrê cum ela pra baxo e pra cima... aqui na rua num tinha puliça né?... e ela assim... invergonhô cum aquilo num falô nada
116. *Pesq.*: e ela num tinha tirado nada?
117. *Inf.*: (num) tinha tirado nada... a mala dela vei[o] pra qui num veio ropa... de/ropa diferente niuma... dinhero num veio
118. *Pesq.*: e ela caiu n'água
119. *Inf.*: caiu n'água... ela ficô/ela caiu n'água dia dizenove de dezembro... quando foi dia de nascimento... é que eles acharo ela... o rio tava de muito a muito... acharo ela cá no Morro Vermeio
120. *Pesq.*: que que o Venancim falô?
121. *Inf.*: aí o Venancim falô... que quando... o Sô Nezim Trindade é que era adivogado né?... e:... intão veio uma moça lá e... falô ô Sô Nezim... tem um corpo lá no morro Vermeio... que a água tá baten/a areia tá tampado que na água batê... diz que tampô...ficô só a cara pra cima... aí tiraro ela e ês mandaro aqui trás do cumpadre João que era irmão dela né...que hoje ele é... casado mora no Boncesso... e tirô ela e mandô aqui trás dele... foi e chegô lá ele já tinha feito um caxotão... (num pôde fazê caxão) que ela... tava incuída né?... e...treis cobertô inrolô ela...depois... perguntava () o preço... não (nada

- não)... disse “não... ela caiu n’água por conta de dez/dez mirréis e eu posso fazê o interro dela”... pagô ele os cobertô... pagô... o caxote
122. *Pesq.* mas o patrão ficô... com consciência pesada?
123. *Inf.:* ah ficô... ele num quis ficá/pegô/num quis nem ficá na casa que ele morava... mudô pa casa da sogra... da casa da sogra... ele foi lá pra Governador Valadares oh... ano passado diz que ele morreu
124. *Pesq.:* quem que é? Venancim
125. *Inf.:* Venancim Herculino... ele era casado com sinhá de Sá Margarida... ocê num/num cunhece...a que po[de] tê conhecido é... nem/nem sua mãe é... o seu/seu avô... Trindade... Trindade po[de] tê conhecido
126. *Pesq.:* é:... a mãe da sinhora morreu do quê?... que que ela tinha?
127. *Inf.:* ah:...boba... mamãe... (eu nem sei) (eu) era nova nessa [o]casião né? num posso (sabê) do que que ela morreu
128. *Pesq.:* e o pai?
129. *Inf.:* papai durô muito tempo ainda... casô otra vez... depois morreu também
130. *Pesq.:* e a madrasta da sinhora tá boa?
131. *Inf.:* NÃO... madrasta diz... madrasta o diabo que arrasta... alá que ocê inda vai pussui nadrasta né
132. *Pesq.:* será?
133. *Inf.:* cumé que seu pai chama é?
134. *Pesq.:* é José de Olinto né?
135. *Inf.:* José de Olinto/vai (vê) inda casa né?
136. *Pesq.:* será que casa?
137. *Inf.:* eu num cunheço ele não tá velho?
138. *Pesq.:* não... num tá não... tá com setenta e um anos mas num {tá velho não
139. *Inf.:* {é boba... mas home
140. *Pesq.:* é mais né que que a gente pode fazê né?... a gente num pode ficá
141. *Inf.:* num é?... cê num pode proibi ele de casá... né?
142. *Pesq.:* num pode né?
143. *Inf.:* se tivé vontade né?
144. *Pesq.:* seja o que deus quisé né?
145. *Inf.:* é deus quisé
146. *Pesq.:* mas... ô Dona Maria Chica... mas ele casô e que que a madrasta fazia?... ela fazia ruinda:de com cê?
147. *Inf.:* minha fia era ruim diMAIS... era ruim... nós muía cana na ingeNHOCa... ela ficava sentaDInha den[tro] de casa... e eu e minha irmã que é essa que morreu n’água chamava Geralda... e eu tocano e pono cana dum lado e ea tocano do otro lado e segurano o bagaço e ela quitinha aqui den[tro] de casa (fazia o) cumê... só conta deles... nós é que tinha que fazê o nosso separado
148. *Pesq.:* é mesmo?
149. *Inf.:* é::... minha filha e foi até/foi até eu casá... o primero casaMENto... eu num gostava de carne de boi e até hoje num como... carne de boi... aí...ês mataro... o meu... o meu... namorado tinha ã’a capada... um/deu ês ã’a ca/ua leitoa pra engordá a meia... matô... ele ficô com um pedaço... de ã’a banda... e a/o otro pedaço ficô com eles e a otra banda ês vendero...

- partiro no meio... pros dois... intão fez uma janta... que usava jantá em casamento... e:...passô o casamento o que que ela faz?... sobrô aquela gordurada de carne de boi... ela misturô aquilo tudo... a cada um () (luxento) misturô tudo na
150. *Pesq.:* cada um o quê?
151. *Inf.:* misturô a gordura de boi na gordura de porco... é... aí... Gerarda foi e falô... o meu marido chamava Juaquim né? () tratava ele de Quinca... ô Quinca oh... sua muié hoje num cumeu porque Maria Petrina virô/misturô gordura de boi na gordura... depois ele vei[o] cá na casa dele... ele () mas tamBÉM... quando... eu casei sá:bado... quando fez oito dia que eu casei o rancho aqui... que era o rancho ((vozes ao fundo)) é onde a gente fala que madrasta é diabo que arrasta... eu num/num posso falá que madrasta era boa
152. *Pesq.:* e ela teve mais filhos com o seu pai?
153. *Inf.:* ti/teve um SÓ... esse um... mora aqui em Barra Longa... ele é casa:do... com a mulhé... ea é daqui do/daquí do Caqui mesmo... num tem filho
154. *Pesq.:* ()
155. *Inf.:* vai iscutano... ele criô umas minina dotiva... e ele... rumô uma mulhé lá na... na rua do morro... lá de frente os mini[no] Nonô... ele mora é lá cum... cum a nega preta...que ele também é preto... mas ela é muito mais preta que ele... e a mulhé dele não mere:ce isso uma muié boazinha minha filha... ela ficô assim meia... assim trapaiada da cabeça e mal vista que ea tinha que tomá um remédio diário ela passô/parô de tomá o remédio... a falicida Dona Zilda rumô pra ela... ela recebe o dinheiro... comprô o remédio... trabaia direitim... e ele dorme ele tem ã'a casa separada... ela mora sozinha ali mesmo perto do... perto daqueas minina de... Antônio Reis
156. *Pesq.:* e ele/e ele não vai lá vê a mulhé nem nada?
157. *Inf.:* ele vem cá sim...ele vem cá... é... pranta horta tudo que panha na horta leva pa/prá casa da otra {e ela fica sozinha
158. *Pesq.:* {que isso?
159. *Inf.:* e eu fico com dó dela coitada...e ele é meu irmão e é meu afilhado... mas eu falo Deus que me perdoe se eu chegá per dele e ele per[to] daquela...né porque que ela é preta não... é porque eu acho que... rebaxá muito a pessoa né?
160. *Pesq.:* casado né?
161. *Inf.:* num é?... casado né?
162. *Pesq.:* que coisa heim?... e deixou te perguntá... quando a sinhora era criança... que que a sinhora gostava de fazê?... a sinhora gostava de brinCÁ?
163. *Inf.:* ah... minha fia... a gente num tinha tempo boba... de brincá não né? ((ruídos))
164. *Pesq.:* tinha jo:gos... a sinhora lembra de alguma/de mú:sicas
165. *Inf.:* ah nem isso num usava (minha filha) num usava muito esse negoço de música... e eu vi/depois que eu casei... é que eu tive mais sussego que eu vivia trabaiano... tinha que trabaia... porque papai num era/num tinha boa saúde né?...nós que tinha que trabaia pa visti o corpo da gente né?
166. *Pesq.:* é num era fácil não
167. *Inf.:* num era fácil não
168. *Pesq.:* e:... deixou te perguntá... cê istudô?... a sinhora istudô?
169. *Inf.:* ah... muito poco... tirei o/tirei quarto ano qui no Caqui
170. *Pesq.:* ah... aqui no Caqui tem escola?

171. *Inf.:* ne/nessa ocasião tinha... depoi[s] passô {MUIto tempo
 172. *Pesq.:* {quem que é a professora?
 173. *Inf.:* e agora tem... a professora daí é... qualé que é... Cristina
 174. *Pesq.:* na época da senhora quem que era a professora?
 175. *Inf.:* ah era Maria Dolores
 176. *Pesq.:* Dolores
 177. *Inf.:* Maria Dolores casada com Mário Mó
 178. *Pesq.:* ah... mãe de Norma?
 179. *Inf.:* o Mário... era cunhado/era cunha[do da Dolores mãe de Norma
 180. *Pesq.:* ah
 181. *Inf.:* o ma/marido da... ea chamava Maria Dolores... mas ela... ela... lá de Ponte Nova né? é que deu aula (aqui no Caqui) muito tempo
 182. *Pesq.:* foi professora da senhora
 183. *Inf.:* eu istudei com ela
 184. *Pesq.:* ela era boa?
 185. *Inf.:* ah... Dona Maria era uma professora muito boa... ela hoje mora em Belo Horizonte... num sei se ela é viva ainda né?... é casada Mario Mó
 186. *Pesq.:* e... ficava todo mundo na mesma sala?... os alunos todos?
 187. *Inf.:* ah... a sala era ã'a só... era a mesma sala de/dos minino home... tinha assim as diferença... () as cartera dos minino home pra lá e das minina moça pra cá...
 188. *Pesq.:* a escola possuía muitas carteras?
 189. *Inf.:* ah no tempo que eu tive insino na escola... depois é que vei[o] cartera... era banco minha filha... agora tem escola aí: ((ruídos)) da prefeitura né?
 190. *Pesq.:* e tem muitos alunos? ... a escola possui
 191. *Inf.:* ah não...agora vai ti/vai tirano o quarto ano... vai pra rua... agora... acho que ficô de resto... acho que (foi) que ficô uns cinco alunos...
 192. *Pesq.:* e a prefeitura mantém a escola?
 193. *Inf.:* num sei que vai resultá esse ano... porque os minino que tirô... o quarto ano... () já matriculô em Barra Longa ach[o] que ficô aí... seis minino ã'a professora dá aula pra seis minino né... ela vem... ela... cê sabe qual que é a professora daí agora é... é daqui do Corgo das Quintas filha de Antônio Ângelo
 194. *Pesq.:* num cunheço não
 195. *Inf.:* num cunhece... né?
 196. *Pesq.:* acho que não... né? assim
 197. *Inf.:* ela mora bem/ bem na beradinha da istrada...
 198. *Pesq.:* mas a senhora gosta de le:r?... a senhora tem li:vros?
 199. *Inf.:* ah boba... eu inxergo muito poco... já tem na idade né?... mas vai ino algũ'a coisa a gente lê né?
 200. *Pesq.:* só tem catarata?
 201. *Inf.:* faz cataRAta... nos óio da gente... eu tô até quereno... tem essa berruga aqui... eu falei que quero i[r] lá no hospital pa vê se ês tira essa berruga
 202. *Pesq.:* é tira...
 203. *Inf.:* faz as catarata nos óio
 204. *Pesq.:* é ruim né?
 205. *Inf.:* é ruim
 206. *Pesq.:* a senhora tira aqui em Ponte Nova ou lá em Belo [Ho]rizonte?

207. *Inf.:* ah...vê se eu tiro em Ponte Nova... eu tenho médico em Ponte Nova né? ((ruídos)) dotô Zé Milagre () ((ruídos))
208. *Pesq.:* é... ele é bom?
209. *Inf.:* é bom médico... muito bom médico
210. *Pesq.:* a senhora vai muito a Ponte Nova?
211. *Inf.:* heim?... ah quando eu pre/eu vô assim quando eu preciso né? às vez eu vô consultá ele ixige... inzame de san:gue... sangue eu tiro assim porque na rua eu tiro com Kátia e vô levá
212. *Pesq.:* e:... a senhora tem muita fé?
213. *Inf.:* heim?
214. *Pesq.:* a senhora tem muita fé?
215. *Inf.:* FÉ?... ah eu tenho... sô religiosa né?
216. *Pesq.:* é?
217. *Inf.:* ocê num é não?
218. *Pesq.:* sô
219. *Inf.:* puquê tem muita gente que... FAla assim né CRENte né?... e e:u... negoço de crente... eu num falo da religião deles... é bo:a religião pra eles... e eu... já tô ã' a mulhé de idade... vô... vô... vô... me trocá a minha religião com outra num troco não... cada um com a que... nasceu com ela né?
220. *Pesq.:* tem muito crente por aqui?
221. *Inf.:* ah... aqui no Caqui mesmo... vem sim que de fora aí né... mas do lugá mes[mo] tem não
222. *Pesq.:* a senhora conhece Preta aqui no Caqui?
223. *Inf.:* heim?
224. *Pesq.:* Preta?
225. *Inf.:* Preta?
226. *Pesq.:* é... uma moça... acho que ela trabalha em Belo Horizonte num trabalha?
227. *Inf.:* ela é... ela é uma mãe soltera né?
228. *Pesq.:* é?... num sei... ela teve neném agora?
229. *Inf.:* tem
230. *Pesq.:* agora que nasceu?
231. *Inf.:* não... a minina dela (já deve) tá cum... cuns oito mês...
232. *Pesq.:* é?
233. *Inf.:* é
234. *Pesq.:* sabia não...
235. *Inf.:* Preta é... pois é... a mãe de Preta era minha filha...
236. *Pesq.:* ela morreu? a mãe
237. *Inf.:* morreu
238. *Pesq.:* ea tem dois irmãos me/mais novos?... a Preta?
239. *Inf.:* dois?... ea tem... mais/abaixo dela tem... quatro irmão... tem dois em São Paulo... e tem casa aí a... Ana e:
240. *Pesq.:* cumé que a mãe dela chama?
241. *Inf.:* chamava Irene
242. *Pesq.:* e cumé que é o nome de Preta?... a Preta tem outro nome...
243. *Inf.:* ela chama é Geralda
244. *Pesq.:* será que é essa?... ea trabalhô em Belo Horizonte muito tempo?
245. *Inf.:* trabalhô muito tempo... depois ela... se perdeu lá... e ficô morano com esse home...o home/o homem chama Walter
246. *Pesq.:* ah

247. *Inf.:* não... mais a Preta que ocê fala... eu sei qualé... é... filha de... de Maria/de João Bosco
248. *Pesq.:* cumé que a mãe dela chama?
249. *Inf.:* Maria... Maria da Conceição... e o pai dela chama João Bosco
250. *Pesq.:* ah
251. *Inf.:* ela te/ ela falô que trabaiô cum a filha de Páscoa
252. *Pesq.:* não num trabalhô não... ia trabalhá...
253. *Inf.:* ia trabalhá né?
254. *Pesq.:* ah
255. *Inf.:* ela chama/ês trata ea de Preta... eu num sei o nome dela
256. *Pesq.:* é
257. *Inf.:* a gen[te] trata ela de Preta
258. *Pesq.:* ela mora aqui?... tá morano aqui?
259. *Inf.:* não ea mora lá em Belo Horizonte...
260. *Pesq.:* ah... e:... deixou te perguntá... cê acha hoje a:... a/o mundo hoje melhor que antigamen:te?... a sinhora acha que... a vida antigamente era melhor:?
261. *Inf.:* ah... minha filha... acho que tá tudo um eras por elas né?
262. *Pesq.:* é?
263. *Inf.:* essa Preta... ea/ea ganhô um neném né?
264. *Pesq.:* qual Preta?
265. *Inf.:* essa que:... essa que eu falo que:
266. *Pesq.:* pois é... mas a que sinhora tá falando... essa otra que... essa otra tem neném?
267. *Inf.:* tem
268. *Pesq.:* as duas Pretas têm neném?
269. *Inf.:* tem... a mi/a minha neta... essa otra que eu falo é a que mora com home ela mora mes[mo] com um home... e essa Preta que... falô que ia trabaiá... ou trabaiô num sei cum a filha de {Páscoa
270. *Pesq.:* {ia trabalhá
271. *Inf.:* pois é... ia trabaiá... ea ganhô neném?
272. *Pesq.:* agora?
273. *Inf.:* ah... o minim dela deve tá cuns... cuns seis mês
274. *Pesq.:* sabia não
275. *Inf.:* ela veio com ele aqui... {fortão... o minino
276. *Pesq.:* {ela
277. *Pesq.:* ea casô?
278. *Inf.:* casô nada mia filha... ês hoje... qué só rumá minino óh... ela falô
279. *Pesq.:* que a sinhora
280. *Inf.:* num sei se... era você que ocê ia/que ea ia trabaiá
281. *Pesq.:* era... era
282. *Inf.:* veio até aqui atrás dela...
283. *Pesq.:* vim... vim...
284. *Inf.:* pois é... ela mora aqui em cima né?
285. *Pesq.:* mas dexeu falá com a sinhora... é:... a sinhora acha... hoje se a sinhora fosse ter filhos se a sinhora ia tê esse tanto de filho... dizesseis filho?
286. *Inf.:* brincadera... ninguém hoje tá quereno isso não minha filha... hoje tem té muito reMÉdio... pra num criá:... e:... cria aí um... dois... e num tô falano que você:... usa o remédio... mas muitos... usa né?... às vez tem a

- facilidade de criá e:... e... a gente que:... na casião... de que eu case/criei filho
negoço era mui[to] difícil viu?
287. *Pesq.:* facidéia
288. *Inf.:* era mui[to] difícil... pricisava da gente tá ganhano ã'a ropinha dos
o:to... pa podê... judá/visti os minino hoje... hoje não... hoje tá todo mundo...
ninguém... ninguém qué visti ropa remendada nem... e nem ropa ganhada
mais... todo mundo qué é comprá
289. (...)
290. *Pesq.:* mas... ô Dona Maria Chica... é a sinhora casô com quantos
anos?
291. *Inf.:* eu casei com idade de vinte e um ano... e o meu... moço tinha
vinte quatro
292. *Pesq.:* cumé que foi o namoro? me conta
293. *Inf.:* ah... o namoro minha fia... eu falo hoje ês... duVida... que num
usava negoço esse namoro hoje tá incosta:do... passano mã:o... não
294. *Pesq.:* beijim:
295. *Inf.:* num é num... ês temô/que/meu namorado num usava esse negoço
de pidi beijo não... ((risos)) é no tempo da gente num usô isso/essa intimidade
não né... namorava assim a gen[te] sentava igual nós tão aqui ele de lá e eu de
cá... e pronto
296. *Pesq.:* e cunversava
297. *Inf.:* e cunversava
298. *Pesq.:* a sinhora namorô quanto tempo?
299. *Inf.:* ah... namorei... mais de ano... agora já era muito namorada
bob'... eu/num/eu tinha ele que era namorado ma... chegava num moço
[a]ssim e... namorava... ele num gostava de dança... ieu largava ele em casa
saía ia dançá e... num sei nem cumé que eu casei com ele... que ele/ele tinha
um ciúme... ê brigava sozim que eu num dava apreço ((risos))
300. *Pesq.:* mas a sinhora... éh... namorava muito/ o namorá que a sinhora
fala é ficá conversan:do né?... dançan:do
301. *Inf.:* ah é... e hoje em dia num... namorado tem tá lisa:no... beija:no
302. *Pesq.:* e/e... ele pidiu casamen:to cumé que foi? me conta aí cumé que
foi resolveram casá?
303. *Inf.:* ele pidiu casamento/ele mês[mo] chegô lá em casa e falô... com
papai... “oh eu vim aqui falá com o senhô de”... (porque ele) é primo/era
primo primero meu... “tio Chico eu vô/eu vô/vim pidi o casamento com a
Maria”... ele falô “uai... ele/aresolveu casá?”... “resolvi casá”... pidiu...
marcô... acho que com dez mês... casamo
304. *Pesq.:* a sinhora gostava dele?
305. *Inf.:* ah eu gostava uai ((risos)) no princípio assim a gente tava
namorano na/ na hora que chegava um oto assim que a gente namorava...
parecia coisa que/que num gostava mas dipois fica gostano né?
306. *Pesq.:* que que a sinhora gostava de dançá?
307. *Inf.:* ah hoje é () assim toque de sanfo:na né ... violão... e os tocadô...
tinha tocadô até que morô aqui até tocava violão () dipois casô... aqui em
casa fazia muito baile... Quinca gostava né? as minina... tinha só duas moça...
tinha ã'a aqui que NUNca dançô essa que morreu... a Silita... ela ia fazê... ela
ia fazê... vinte... vinte sete ano quando ela morreu... ea nunca dançô... as otra
gostava de dança... a Francisca hoje ela mora em Ponte Nova... foi empregada

- de dotor Anton Luiz MUIto tempo... impregô e saiu de lá pa casá... gostava de dança... Maria das Graças... daí tá soltera... gosta de dan/gosta de
308. *Pesq.:* ea mora com a sinhora?
309. *Inf.:* não... trabaia em Ponte Nova... ea vem aqui... () de mês em mês ()
310. *Pesq.:* trabalha com quem?
311. *Inf.:* ea trabaia cum a tar de de Donata... filha de ã'a tal de Carminha... cê num cunhece não... agora Francisca foi impregada de dotor Anton Luiz mui/muito tempo... tem Raimunda a Raimunda é viúva... mora em Belo Horizonte... ela casô teve casada cinco ano... casô já VELHA
312. *Pesq.:* num tem filho não?
313. *Inf.:* num tem filho não... mas o marido dexô... ã'a casinha até () ã'a casinha boa () barraco de aluguel () ela vei[o] aqui/ela veio pro Natal ea foi...semana passada ea teve aqui
314. *Pesq.:* e/o os filhos das sinhora são bons pra sinho:ra?
315. *Inf.:* graças a Deus minha fia... num posso queixá... meus filho tudo são muito bom pra mim
316. *Pesq.:* ajudam?
317. *Inf.:* aju:dam... ah intão essa Raimunda meu Deus do céu... vem aqui... ela traz as coisa... eu falo “ô Raimunda minha fia”... “não mãe o que eu troxe pra sinhora num tô pre/num vô/num vai me fazê falta pra mim não”... Maria das Graça também ve:m... traz verdura... compra verdura lá e traz... puque na roça a gente... é horta só né?... e num tempo desse assim até a horta acaba... num posso quexá (disso não todos são bom)
318. *Pesq.:* é... e a sinhora foi assim/era bra:va com os filhos?... cumé que era?
319. *Inf.:* NÃO minha filha... nunca fui brava com os filho... não... às vez eu zangava... se precisava de coro eu batia né?... mas nunca fui brava com ês não agora... o Raimundim... meus minino foro minino muito iducado né?... era só uma... a Geralda que era assim meia... pirigosa... era a mãe das minina... da minina
320. *Pesq.:* ea já morreu?
321. *Inf.:* já morreu também... era... ea ficô duente assim... muito tem:po... tomano remé:dio... num parava de tomá remédio... dispois...
322. *Pesq.:* que que ela tinha?
323. *Inf.:* ah... ês fala que é barbero né?
324. *Pesq.:* aqui no Caqui tem muito barbero?
325. *Inf.:* ingraçado... os/o pessoal da SUCAM... vei[o] aqui num achô... aqui em casa num achô não... aqui tem só um lugá aqui imbaxo que diz que ês acharo... aqui num achô não... Tanica... a minina/a amiga da mulhé do Cid também inchada com barbero... ela inCHÔ ficô feito ã'a ()
326. *Pesq.:* é?
327. *Inf.:* é... num urinava né es foro levô po hospital... lá ês punha apareio né?... urinava ea foi/ficô no hospital uns oito dia... vei[o] embora... cada vez mais inchada vortô ela morreu lá no hospital... só que tem que eles truxero e interraro em Barra Longa
328. *Pesq.:* a sinhora vai muito a Barra Longa?
329. *Inf.:* ah é mui[to] difícil... eu tô com mais de um mês que eu fui tirá sangue... puque meu mini[no] tem um carro véio aí... a gente vai de carro né?

- mas... quando foi a festa que teve dos padroero eu fiquei lá na casa de Miloca a semana intera (pa) assisti a festa né?
330. *Pesq.:* foi bonita a festa ()?
331. *Inf.:* ah... muito bunita né?... vai santos dos lugar tudo né?
332. *Pesq.:* é?
333. *Inf.:* é...ih... mas é muito lindo...
334. *Pesq.:* conta pra mim cumé (que foi)
335. *Inf.:* o padre soltô/comprô muito fuguete... pôs os fuguete tudo assim pur cima da prefeitura... mas ficô muito linda a festa dos padroero que os santo vai/vem santo dos cam/dos lugar tudo... ês faz um palanque na frente da igreja... ali ês vai colocano os santo né?... dispois sai em procissão
336. *Pesq.:* vem com/ no andor né?
337. *Inf.:* no andor... mui/ficô mui bunita a... a ih... mas a
338. *Pesq.:* quem que é padroero do Caqui?
339. *Inf.:* aqui Nossa Senhora da Conceição... a primera/primeramente era os Cruzeiro/o Cruzeiro... que Cruzeiro é bento padre José benzeu né?... agora na/na igreja tem Nossa Senhora da Conceição
340. *Pesq.:* a/aqui é muito comum eu tenho visto a... uma cruz infeitada na porta das casas né?
341. *Inf.:* tem
342. *Pesq.:* por que que é aquilo? cumé que é {essa história
343. *Inf.:* { é que quando é dia de Santa Cruz... a gente infeita... tem a...
344. *Pesq.:* dia de Santa Cruz é que dia?
345. *Inf.:* dia três de maio né?
346. *Pesq.:* to:do dia três de maio infeita as cruzes
347. *Inf.:* todo três... todo mundo infeita... e no Cruzeiro... a minha minina essa Maria das Graças que trabaia em Ponte Nova... já tá com cinco ano que ela dá papel... infeita ela... tem a cruz do Cruzeiro né?... e esse ano ela até pôs/tem a luninária... pôs luz... lá no Cruzeiro... tre/duas lâmpada... uma num braço otra no oto... na ca/na casa do meu minino ali é que fica a chave... liga lá... de noite... fica a maió lindeza de...
348. *Pesq.:* que bom heim?
349. *Inf.:* bunito mesmo
350. *Pesq.:* é... bunito isso... e/e fulia de Reis?
351. *Inf.:* heim?
352. *Pesq.:* fulia de Reis
353. *Inf.:* fulia de Reis tem MUIto tempo que num tem... MUIto tempo... de primero tinha né?
354. *Pesq.:* é bunito né?... cumé que é a música deles mesmo? ... ô de casa... num é assim?
355. *Inf.:* é: eu cá nem sei a música mas primero tinha a fulia de Reis de vez em quando a gente vê tocá assim num/na... na televisão né?
356. *Pesq.:* é mas é bunito né?... e a Semana Santa aí... cumé que é?
357. *Inf.:* Semana Santa tem/tem muito tempo que eu num vô boba... que:... de primero essa... não o ano passado eu fui na Procissão de Interro... mas eu/eu só assisti o discimen[to] da cruz... eu fui lá pra casa de... ali aonde foi de Juca do tanque né?... aquela minina mora na... aquea minina de Dona Leda casada com Godô... com Godozim...
358. *Pesq.:* Magali

359. *Inf.:* Magali
360. *Pesq.:* Dona Celsa
361. *Inf.:* é... ela é muito legal né?... aí Maria das Graça foi lá e pediu ela pra mim ficá naquela sacada pra mim assisti a/o discimen[to] da cruz... ea disse NÃO dona Chica pode subi:... pode vir... fiquei lá... assisti o discimen[to] da cruz... mas a procissão num acompanhei não muito aperta[do] eu com minhas perna dueno muito num acumpanhei a procissão não... achei muito bunito o discimen[to] da cruz
362. *Pesq.:* dexeu perguntá pa sinhora... a se/a sinhora tem me[do] de assombração?
363. *Inf.:* heim?
364. *Pesq.:* a sinhora tem medo de assombração?
365. *Inf.:* ah... eu não... () também num vô dá...() assombração nada né?
366. *Pesq.:* num tem não?
367. *Inf.:* ah eu acho que não
368. *Pesq.:* a sinhora já viu contá algum caso?
369. *Inf.:* ah boba... bobagem... assombração... ês diz que assombração é que/ é medo que faz a gente tê medo
370. *Pesq.:* mula sem cabe:ça... saci-pererê:
371. *Inf.:* mula sem cabeça... e/lubiso:me né?
372. *Pesq.:* lubiso:mem
373. *Inf.:* quando enta a quarerma a gente fica () que tem lubisome... eu nunca VI... e nem quero vê... né? mas diz que tem lubisome... eu tinha um ti[o] que diz que virava lubisome... o pai do Zinho
374. *Pesq.:* é?
375. *Inf.:* o Zinho cê conheceu aqui atrás... teve na casa dele... Zinho de Avilino... o sô Avilino diz que virava lubisome... mas eu nunca vi ele virá não
376. *Pesq.:* mas o filho dele fala que ele virava?
377. *Inf.:* não... o filho num vai falá né?
378. *Pesq.:* cumé que vira lobisomem?
379. *Inf.:* (num) sei lá minha filha... diz que deita na cama onde/onde que o boi dorme né?... vira lobisome
380. *Pesq.:* onde que o boi dorme?
381. *Inf.:* é... mas eu nunca vi não
382. *Pesq.:* e aí ele fica igual ao boi?
383. *Inf.:* mas... o meu pai um dia vei[o] de Barra Longa... eu era sortera... e quando ele chegô per/na incruziada que entra pra cá... antes da/na encruziada quando ele passô... de/prá ci:ma da casa do falicido Claudionor pulô um bicho/um porcão assim no meio do caminho... e o porco vançano nele né?... e ele tava cû'a (fuicinha) diz que batia com a foice e falava assim oh... num chega não que eu te corto... aquilo fartava... andava assim pra trás com poco vinha aquele cheiro veio até na encruziada... (que vai) Boncesso entra aqui e ali porco sumiu
384. *Pesq.:* e o que que era?
385. *Inf.:* uai... ele acha que era lubiso/fala que era lubisome
386. *Pesq.:* é?
387. *Inf.:* mas... diz que ele... o lubisome num passa em incruziada né?
388. *Pesq.:* não?
389. *Inf.:* diz que não
390. *Pesq.:* e era lua cheia?

391. *Inf.:* num sei nem que a lua era não eu sei só que ele chegô em casa e falô com a... a mulhé dele... ea chamava Maria Petrina ele tratava ela Nenega
392. *Pesq.:* Maria Petrina?
393. *Inf.:* Petrina... ó... cê num traz luz pra mim diz que a gente viu...ũ'as inlusão assim num pode vê luz não
394. *Pesq.:* cumé que é o negócio?
395. *Inf.:* a gente vê uas inlusão assim e num pode vê luz... na hora que chega... que diz que fica bobo
396. *Pesq.:* é?
397. *Inf.:* aí ela vei[o] abri a porta... num abriu com a luz deu... deu um ispaço né?... que diz que a gente fica/diz que a gente (que) teve ã'as inlusão assim num pode vê luz
398. *Pesq.:* ó::
399. *Inf.:* mas eu/eu/eu/eu... num temho medo... os minino meu falô que viu... um cachaço ã'a vez
400. *Pesq.:* cachaço é como?
401. *Inf.:* é... tem o... o lubisome é um porco
402. *Pesq.:* cachaço {um porco grande?
403. *Inf.:* {é o minino foi
404. *Pesq.:* num é? um porco grande?
405. *Inf.:* é... elaía soltá o... burro... nem era essa istrada... (os minino) num tinha passado aqui não... essas Tequinte não então... quando ê chegô no caminho... vei[o] aquel[e] porcão assim... passô... e rueno/rueno osso né?... mas ele/ele num teve medo não que ele num sabia o quê... dispois que ê soltô o burro e voltô... “ô papai... eu vi um lubisome”... “é mintira Ivete”... “vi um porcão grande ele passô per[to] de mim... ruen/rueno osso”
406. *Pesq.:* é?
407. *Inf.:* diz que é... mas eu/eu/prá mim eu nunca vi... tanto
408. *Pesq.:* ele rói osso?
409. *Inf.:* é... fica rueno osso... eu/eu... tanto que no tempo de {quaresma
410. *Pesq.:* {porque que ele... ah
411. *Inf.:* vai dano a tarde eu fecho... gosto de ficá com as minha porta fechada...eu num/quase num ando mesmo né?
412. *Pesq.:* e o que que... ele faz com a gente?
413. *Inf.:* diz assim... se ele... mordê a gente aquilo/aquela firida num cura e a gente num pode batê nele cum a vara cum... cum a fo:ice assim... um trem de cortá... que quebra no canto dele e a gente vai cumpri (séria) sentença né?
414. *Pesq.:* aí a gente é que vira?
415. *Inf.:* é... ele/ele vira a gente... e a gente cumpri aquea sentença
416. *Pesq.:* coitado ele vai ficá naquele jeito {sempre sem virá gente
417. *Inf.:* {disse que esses inlusão disse que é minino que gera na sexta-fera da paixão
418. *Pesq.:* que vira lobisomem?
419. *Inf.:* é
420. *Pesq.:* sabia não... é?... e depois quando vira rapaz ele vira lobisomem
421. *Inf.:* é... eu vejo contá que o... a mulher tava isfregano ro:pa... e quando ela istendeu ropa no (secador) veio um leitãozim... e pegô a fuçá ropa dela... ela foi... com a mão chujá de sabão ela deu um tapa assim no... no... no... no fucim do leitão... o leitão sumiu... quando ea vei[o] e chegô den[trô]

- de casa... ea tinha deixado o minino no berço... quando ea chegô o mini[no] tava chorano... ele tava com a marca de sabão ()
422. *Pesq.:* marca de quê?
423. *Inf.:* é que ea deu de/o tapa no leitão cum a mão chuja de ispuma de sabão... ô era o minino... que... que... o minino... a pessoa que tem (que) virá lobisomem é indesde novo
424. *Pesq.:* então quando é nenemzim... e a mãe num dá falta do minino não? na hora que o minino vira {lobisomem?
425. *Inf.:* {mas ea tava na fonte né?... ele chegô lá fuçano o/a ropa... quando ea chegô den[tro] de casa ele tava já ((riso)) ea tinha dado tapa no/tava a marca da ispuma né? (na cara dele)
426. *Pesq.:* que: i::sso Maria Chica?
427. *Inf.:* assim os oto conta né?... a gente nunca viu nem tem intenção de vê... eu tenho muita fé em Nossa Senhora da Conceição... que eu num vô vê essas inlusão
428. *Pesq.:* num vai vê né... é num é bom vê isso não... né?... e saci-pererê?
429. *Inf.:* saci-pererê é o sujo né?
430. *Pesq.:* é o quê?
431. *Inf.:* é o capeta que chama saci-pererê né?
432. *Pesq.:* é um que num tem uma perna né?... fica pulano com um cachimbo na boca
433. *Inf.:* é... é... ã'a perna só ((risos))
434. *Pesq.:* é
435. *Inf.:* na cidade usa essas coisa?
436. *Pesq.:* a gente vê contá as história isso acontece na/na roça né?... na cidade a gente iscuta as história da roça... né?... intão lá num aparece né?
437. *Inf.:* num aparece
438. *Pesq.:* agora na roça eu num sei... {eu também nunca vi não
439. *Inf.:* {não boba... na roça... de primero ês falava que tinha lubisome... mas... ah... eu nunca vi né?... agora cachorro tempo de quaresma de prime:ro... cachorro tinha ã'a laticção: pra baxo pra cima num sei se os cachorro via algũ'a coisa né?... mas
440. *Pesq.:* medo de quaresma?
441. *Inf.:* é... agora a gente num... vê cachorro latino
442. *Pesq.:* a gente vê contar aqui na quaresma que tem que tomá muito cuidado acontece muitas co:isas né?
443. *Inf.:* é... que/que diz que... na quarerma o... o sujo tá solto né?
444. *Pesq.:* tá solto né?
445. *Inf.:* é
446. *Pesq.:* a gente vê falá essas coisas né?
447. *Inf.:* é... a gen[te] vê falá
448. *Pesq.:* a gente num sabe né?... escuta... e benzê?... cê benze?
449. *Inf.:* EU não
450. *Pesq.:* É?... mas...
451. *Inf.:* tem/tem/tem gente que benze né?
452. *Pesq.:* cê acredita em benzeção?
453. *Inf.:* tem que... EU NÃO... tem gente que benze quebran:to... vento vira:do
454. *Pesq.:* {que que é vento virado?

455. *Inf.:* {ispinhela caída... que é... o menino às vez leva um susto... pega às vez vacuá... diz que tá com vento virado... mas eu aqui criei meus minino num mandava benzê
456. *Pesq.:* e ispinhela caída... que que é?
457. *Inf.:* ispinhela caída também (diz que se a gente) levá um susto... que fica com a pinhela caída... a/essa arca aqui né?... diz que funda mas eu/eu NUNca... NUNca benzi... será que (é porque eu num)
458. *Pesq.:* e quebranto?
459. *Inf.:* quebranto é quando a pessoa às vez se o minino é bunito a pessoa... ah... (que) bunito e num fala benzadeus
460. *Pesq.:* ah:... tem que falá que é bunito e falá benzadeus
461. *Inf.:* tem que falá benzadeus... mas ê... ê... eu num tenho muita
462. *Pesq.:* tem quebranto do bem-querer também num tem?
463. *Inf.:* tem quebranto e vento virado eu sei né?
464. *Pesq.:* é... é interessante né?
465. *Inf.:* num é? ((risos))
466. *Pesq.:* intão... na roça tem uns casos BONS né?
467. *Inf.:* ah na roça tem
468. *Pesq.:* cê gosta de história?
469. *Inf.:* heim?
470. *Pesq.:* cê gosta de história?
471. *Inf.:* de primero gostava muito de história... eu/eu era contadera de história... agora já fiquei véia isquici
472. *Pesq.:* intão me conta ã'a história
473. *Inf.:* heim?
474. *Pesq.:* me conta ã'a história
475. *Inf.:* ah... agora num tem história mais... já isquici um horrô de história... mas de primero tinha um Pedro que:... ia trabalhá lá... lá na capela na casa dele hoje ()ela é de Juqueta Machado... e:... lá contava história... mas agora... hoje num tem história
476. *Pesq.:* lembra uma aí
477. *Inf.:* ahn?
478. *Pesq.:* lembra ã'a história aí
479. *Inf.:* num tenho mais história não ((risos))
480. *Pesq.:* cê já passiô:?... cê já fo/cê já foi a Belo Horizon:te?
481. *Inf.:* fui... em Belo Horizonte já fui em Belo Horizonte... no tempo de Quinca eu fui duas vez... e:... agora dipois que Raimundo mora lá eu fui duas vez também... que eu fui ã'a vez visitá o marido dea que tava duente... e depois ela... operô né? eu fui... fiquei lá com ela quinze dia... ago[ra] oto dia... a/a minina... eu tenho ã'a neta que mora em São Paulo... ela vei[o]... pro Natal e ficô aqui quinze dia... “ô mãe vão em São Paulo”... eu/a... tinha um cunhado dela ele me dava a passagem pra i[r] e ela me dava pa voltá... num quero i[r] a São Paulo
482. *Pesq.:* cê já foi a São Paulo?
483. *Inf.:* nunca fui
484. *Pesq.:* cê nunca saiu de Minas não?
485. *Inf.:* heim?
486. *Pesq.:* de Minas... a senhora nunca saiu?
487. *Inf.:* (já)... nunca saí

488. *Pesq.:* ô... Dona Maria Chica... ma:is... a sinhora gosta da vi:da?... a sinhora acha boa a vi:da?
489. *Inf.:* ah::... boba já acustumei aqui né? ês fica falano... ah puque em São Paulo... () essa viagem (pra) São Paulo é muito longe a gente sai num dia chega lá no otro dia... e ela com treis minino... duas minina... uma com sete ano... otra com cinco... e ua... um ano e meio de (tamanho)
490. *Pesq.:* e::... e cumé que a sinhora acha que é quando a gente morre heim?... o/o/o notro mundo... a sinhora acha/cumé que a sinhora acha que é?
491. *Inf.:* ah sei lá minha fia... a gente... nesse mundo a gente nem pode contá né?... que a gente morreno a gente num pode contá... a vida do oto mundo não ((risos)) seria que::... ês fala que morrê né bom não né?... caso a gente que passa mal aqui tá melhor num tá não?
492. *Pesq.:* é... ninguém sabe cumé que vai sê... da banda de lá né?... num é? ((risos))
493. *Inf.:* é isso é verdade... a gente fica sem... xô vê um gulim de café pro cê... cê toma café?
494. *Pesq.:* depois a sinhora vê... vamo conversá mais um poquinho depois a gente toma um cafezim né?... é... a sinhora casô aqui na... na... na Barra?... a sinhora... fez visti[do] de no:iva... cumé que foi?
495. *Inf.:* ah... hoje tem que fazê cu:urso... pra casamento de primero num tinha esse negoço de curso né?... e/eu visti de noiva... vistido branco
496. *Pesq.:* todo bonito?
497. *Inf.:* vistido branco... cumprido né?
498. *Pesq.:* agora... as moça casava todas virgem né?
499. *Inf.:* hoje
500. *Pesq.:* antigamente né?
501. *Inf.:* antigamente né?
502. *Pesq.:* os homens faziam ã'a questão né?
503. *Inf.:* não é?
504. *Pesq.:* e hoje?
505. *Inf.:* ah hoje... ((risos)) num tô veno... dum cento cê tira um né?
506. *Pesq.:* num tá?... e::... e::... o que que a sinhora acha? a sinhora acha isso ce:rto?... acha erra:do?... que que a sinhora acha?
507. *Inf.:* ah eu acho que num tá certo não... tem negoço de minino grande... essa minina minha... ela é minha neta né?... ela morava aqui embaxo... mas o marido... ele tava té trabaiano ni Afonso... dispois o sirviço cumeçô a cansá... ê foi pra lá... pa São Paulo... lá ele achô sirviço... ela mora num barraco dum irmão dela... ele num paga aluguel
508. *Pesq.:* essa... neta da sinhora?
509. *Inf.:* é
510. *Pesq.:* aquela que teve neném?
511. *Inf.:* é... aí foro pa passia e: ficô lá deve tá cum... vai fazê dois ano que ea tá lá... senti muita falta dela no quando ela foi... os minino era maiorzim
512. *Pesq.:* mas ela levô os/o menino dela?
513. *Inf.:* levô::... e e/essa que tá com um ano já nasceu lá... agora já acustumei ela veio e ficô aí na hora de saí eu senti muita falta... chora muncadinho ah... já saiu memo... eu num posso dá num posso... sigurá né?... e::...
514. *Pesq.:* a sinhora já/e briga... pur aqui tem muita briga?
515. *Inf.:* não... graças a Deus

516. *Pesq.:* a senhora já brigô por causa de namorado?
 517. *Inf.:* ah... ã'a vez eu briguei
 518. *Pesq.:* é? ((risos)) (que que a senhora fez?)
 519. *Inf.:* meu namorado... de ciúme (de/memo de) casado ã'a vez eu briguei
 520. *Pesq.:* cumé que é?
 521. *Inf.:* de casado ã'a vez eu/tinha uas muié e... essas muié já morreu... quando ficô uma futrica com meu mari:do né?... e:... insistino nele fazeno... incheno a cabeça dele coisa que eu num tava faze:no... e eas... gostano dele... ah... passei a mão numa foice e convidei elas pra foice... mas eas num viero né? ((risos))
 522. *Pesq.:* que isso?...ele era mulherengo?... o marido da senhora?
 523. *Inf.:* não boba... ele até era assim um homem assim mei[o] calado mas muié:... as muié insiste muito os home né?
 524. *Pesq.:* é perigoso né?
 525. *Inf.:* ah é:..
 526. *Pesq.:* tem que defendê né?... a senhora com dizesseis filho e com um homem mulherengo
 527. *Inf.:* ah ((resmungo)) né mole não né?... cê boba...
 528. *Pesq.:* né?... mais aí elas num quisero vim na foice não?
 529. *Inf.:* ah num quisero não
 530. *Pesq.:* e:
 531. *Inf.:* é desaforo boba... iscutei ela falano assim... cê num abaxa pa ela não boba... (na hora que eu) eu gritei assim “cê num abaxa pa ela/ela num abaxa/abaxa pro cê ô cambada de puta”... falei cum elas... ah ó... entraro pa den[tro] de casa... num disse nada
 532. *Pesq.:* e ele?... que que ele falô?
 533. *Inf.:* ele num falô nada... ficô calado
 534. *Pesq.:* ele tinha medo da senhora?
 535. *Inf.:* ah boba... eu brigava cum ele... eu brigava sozinha... ele num brigava... eu ficava cum raiva... xingava... falava e ele ficava calado
 536. *Pesq.:* é?
 537. *Inf.:* é ((risos)) mas tinha vantage... num deixava faltá na:da den[tro] de casa... eu falava assim... a gente é porco... porco () põe comida lá no chiquero e... ele tá cumeno tá bão né?... agoa... pra podê num faltá nada... ele vai fazê/abusá da gente?
 538. *Pesq.:* é
 539. *Inf.:* disaforo
 540. *Pesq.:* é uai... tem que respeitá né?
 541. *Inf.:* tem que respeitá
 542. *Pesq.:* é... a senhora tem muitos amigos?
 543. *Inf.:* heim?
 544. *Pesq.:* a senhora tem muitos amigos:?
 545. *Inf.:* graças a Deus a gente num tem é amizade/inimizade aqui no Caqui com ninguém... apesá de que quase todo mundo aqui (são) cumpade
 546. *Pesq.:* quantas casa tem aqui no Caqui?
 547. *Inf.:* heim aqui?... muitas casa... uas quarenta e tantas casa...
 548. *Pesq.:* é... e a senhora é amiga de todo mundo?
 549. *Inf.:* graças a Deus
 550. *Pesq.:* tem algum líder aqui?... assim ã'a pessoa que man:da aqui?

551. *Inf.:* heim?
552. *Pesq.:* quem que manda aqui no Caqui?
553. *Inf.:* ah nada... aqui cada um manda os seus né?
554. *Pesq.:* e se precisá de cunversá alguma coisa com o prefei:to? quem é que olha aqui pro cês
555. *Inf.:* aí:... quem pricisa/como (nós) se diz quem pricisa que bole... o que pricisá vai né?
556. *Pesq.:* quem pricisa que?
557. *Inf.:* quem pricisa que bole né?
558. *Pesq.:* ah
559. *Inf.:* pur exemplo eu preciso... eu num posso i... meu filho vai... e assim os oto também é: mema coisa
560. *Pesq.:* o... o fugão da sinhora é bunito heim? quem que enfeitô ele assim?
561. *Inf.:* ah... eh... ((fala distante)) a Silita essa que morreu sortera... tinha ido lá em Ponte Nova lá na casa de Anton Luiz () ((fala distante)) sobrô um muncadim... ea/ea juntô e {troxe... no... no saquim...
562. *Pesq.:*
{que bunitinho
563. *Inf.:* aí... ((fala distante)) eu tenho fugão de gás mas... eu gosto de cumê mais em fugão de lenha
564. *Pesq.:* ah... é otra coisa né?
565. *Inf.:* é... mais gostoso né?... a comida fica quenti::nha... né?... eu gosto do fugão de gás pa cuá café de manhã... num instantim a gente cõa né?
566. *Pesq.:* até isquentá o fogão de lenha demora né?
567. *Inf.:* num é?... acordá... ()
568. *Pesq.:* mais... a sinhora levanta cedo?
569. *Inf.:* heim?
570. *Pesq.:* a sinhora levanta cedo?
571. *Inf.:* eu? tudo que dá seis hora eu tô na cuzinha
572. *Pesq.:* é?
573. *Inf.:* num tem jeito bob[a]... eu acordano... só se eu tivé duente... num tem jeito deu acordá e ficá deitada na cama não
574. *Pesq.:* que ho[ra] que só dorme?
575. *Inf.:* ah... (daí) eu deito cedo... sete... seis... oito hora eu tô deitano...
576. *Pesq.:* e as novela?
577. *Inf.:* ah eu num sisto... eu num gos:to... eu da/do rádio eu gosto da missa... num gosto de nove:la... num gosto de jo:go
578. *Pesq.:* cê num gos[ta] de televisão não?
579. *Inf.:* ah... eu sisto uma vez o otra na hora do programa do Sílvio Santo eu custumo ficá lá... um um muncadinho... a minina fica até tarde assistino televisão
580. *Pesq.:* a sinhora acha que a televisão... é bo:a pra gen:te ou não?
581. *Inf.:* é que distrai né?: ah mas eu/eu tenho/sô muito sonenta né?... na hora de deitá eu campo e deito ((risos))
582. *Pesq.:* é... mas que que a sinhora custuma cumê?... a sinhora levan:ta... toma um cafezinho... come... uma bro:a um pão:...
583. *Inf.:* ah de manhã se tivé broa eu como... num tivé eu tomo só café... tomo o café:... intão depois do café eu to/eu tomo remédio diário... depois do café:... tomo remédio... tomo... eu tava tomano um oto/Apresolina... aí... tava

- assim que eu sofro de problema de labirintique né?... ã'a zonzera que dá... e o dotô Zé Milagre trocô... me deu... receitô Higrotom... eu tomo de manhã... depois do café... e depois do armorzo... eu tomo AAS... AAS diz que é pa... inralecê o sangue né?... quando cabá um remédio eu compo otro... mas tem mui::to tempo que eu tomo remédio de médico sem pará
584. *Pesq.:* e aí a sinhora almoça que horas?
585. *Inf.:* ah... tudo que dé dez ho:ras... dez e meia meu armoço tá pronto
586. *Pesq.:* é?... que que a sinhora gos[ta] de cumê?
587. *Inf.:* comida aqui é comum... aquilo que tem a gente come... arroz... feijão... uma verdura... é:... carne é mais difícil {mais
588. *Pesq.:* {carne de boi nem pensá né?
589. *Inf.:* heim?
590. *Pesq.:* carne de boi nem pensá né?
591. *Inf.:* AH não... num como... carne de boi não... é o:vos... galinha agora carne de frango eu gosto
592. *Pesq.:* é gostoso né?
593. *Inf.:* é
594. *Pesq.:* é... e biscoito?
595. *Inf.:* heim?
596. *Pesq.:* a sinhora gos[ta] de biscoito?
597. *Inf.:* gos:to... também
598. *Pesq.:* e a sinhora depois/é almoça às dez toma café que hora?... café de mei[o] dia?
599. *Inf.:* café mei' di:a... ã'a ho:ra
600. *Pesq.:* e aí janta
601. *Inf.:* a janta... eh... cinco hora eu tô fazen[o] janta
602. *Pesq.:* então daqui a poco eu tô saindo daqui e a sinhora já tá fazeno jantá
603. *Inf.:* ((gagueja)) o minino o:... esse:... alejado... ele num come na hora que faz né?... come
604. é tarde da hora da... hoje memo eleũ/o almoço dele tá ali oh... ele foi em Barra Longa chegô o almoço tá no prato
605. *Pesq.:* é?... por quê?
606. *Inf.:* num gosta de cumê cedo... só se ele cumeu algũ'a quitanda na Barra... ele foi lá e: chegô e... num cumeu não
607. *Pesq.:* xô falá com a sinhora... ah/é... a sinhora já viu benzê?... alguém benzê?
608. *Inf.:* heim?
609. *Pesq.:* a sinhora já viu alguém benzÊ?
610. *Inf.:* eu não
611. *Pesq.:* nunca viu?
612. *Inf.:* nunca vi
613. *Pesq.:* ês falam uas palavras... num falam?... quem benze
614. *Inf.:* quem benze deve falá mas eu nunca vi não
615. *Pesq.:* a sinhora acredita?... a sinhora acha que melhora mesmo?
616. *Inf.:* ah... sei lá... tem uma minina mi/a/ela/ela é minha filha de criação ela... Sãozinha
617. *Pesq.:* ah mas a sinhora... teve dizesseis filhos... e ainda arranjô filho pra criá?

618. *Inf.:* ((gagueja)) criei minha fia... a Sãozinha... é... a mãe dela era minha prima... morreu lá no hospital... o pai dela quis/quiria dá pus oto... eu falei “não Geraldo... se ocê qui... criÁ ela igual rico não ma[s] igual crio meu”... acabô que ela té criei ela mió que/que ela é istudada
619. *Pesq.:* é:?
620. *Inf.:* ela mora lá em Ubá... e:... a Andréia que é essa que é neta eu que criei também... Quinca troxe ela de São Paulo... com um mês... Teresa sofreu derrame... ele troxe ela... “se ela sará nós levava ela ()” diferente dos meu criei duas
621. *Pesq.:* a sinhora
622. *Inf.:* a Sãozinha... num quis casamento dela que ela tava istudano... trabaiano lá na/no Japielna lá em Ponte Nova... () ele mesmo arrumô
623. *Pesq.:* aonde?
624. *Inf.:* ea trabaiaava no Japielna hoje a Japielna fechô né?... em Ponte Nova... ea casô e:... mora lá no Ubá
625. *Pesq.:* mas a se/a sinhora é uma pessoa assim... a sinhora é uma pessoa agradável... a sinhora é ale:gre né?
626. *Inf.:* uai minha filha a gente... tem que sê alegre né?... tudo que Deus fala (a gente) é bom... eu antão por conta de eu perdê meus filho e eu... fiquei/fiquei tris:te... chorei naquês dia mas eu num fico com aquea tristeza toda a vida... eu não uai... Deus me:/achô eu... soficiente pa me dá aquele trabaio é ieu mesmo né?... tem que se conformá né?
627. *Pesq.:* é... a sinhora sabe vivê
628. *Inf.:* heim?
629. *Pesq.:* a sinhora sabe viver né?
630. *Inf.:* uai tem que sabê minha filha né?

PROJETO FILOLOGIA BANDEIRANTE

Equipe da Universidade Federal de Minas Gerais — Fitas 12, 13-B e 14

Ficha da Gravação

Data: 07/01/98.

Duração: 60 minutos.

Local: Barra Longa/MG.

Tipo de gravação: diálogo entre informante e pesquisador.

Pesquisador: Maria Trindade Cândida Seabra.

Ficha do Informante

Nome: MVT

Sexo: masculino.

Idade: 101 anos

Estado civil:

Naturalidade: .

Outras residências: .

Formação escolar:

1. Informante : cê qué sabê o negócio da barba?
2. *Pesq.*: é ... pur que o sinhô tirô a barba?
3. *Inf.* : a barba foi isso ... a mãe desse minino aí ... ((cachorro)) cê deve sabê
4. *Pesq.*: Mimita? ...anh
5. *Inf.*: eu vivia falan[d]o que vê/nós temo mui:ta intimidade com a família (toda) ... vô sempre lá passeÁ ... hoje eu tô mei[o] ro[u]co (tá danado) Olha ... mas eu vinha falan[d]o com ela “ô Mimita pu[r]que que ocê num dexa de fumá Mimita? ocê num VÊ ocê tem televisão - cê tá saben[d]o de TUDO o que tá passan[d]o na televiSÃO” ... disse ... “o mali que tá fazendo ...” e... e/então isso foi DIA vinte e seis de novembro ... eu cheguei lá: (os amigo) lá conversan[d]o (...) aí tornei a falá com ela .. “Mimita ocê num VAI deixá de fumá: meu Deus? ” ..."o sô Mané eu fumo desde miNIna tem cinQÜENTa e TANtos anos que eu fumo ...” e ela disse que já tava começan[d]o uma chiera ... AÍ ela foi e disse

- assim “o sô Manué se so sinhô cortá essa barba eu DExo de fumá ...” eu falei “meu Deus do céu ..” isso é bem de raiz né?
6. *Pesq.*: tinha quantos anos o sinhô tinha barba?
 7. *Inf.*: einh?
 8. *Pesq.*: tinha quantos anos que o senhor tinha barba?
 9. *Inf.*: A: tem bastante ano qu'eu tinha ... uns retrato lá/tem um retrato lá na parede ... tá lá ainda/e[le]s me botaro PRÉto (já vi) e tá lá aque[le]a ba:rba ...a: tem dois ... tá lá ...então quando foi/isso foi dia vinte e seis de novembro ... quando foi DIa vinte e sete... eu fui na Barra mandei passá a máquina zero ... quando eu cheguei lá e então Pedro de Osvaldo tava lá eu entrei num/daí chegamo na casa dele o tio dele foi o AFRÂNio ... chegumo lá ele o Afonso ta:va o João ta:va a Madalena irmã ta:va (a)té mais empregada tava lá ... quando ela me viu ela disse “VÔ DEXÁ de fumá ...” eu falei “ ÓI[lh]a (aí)” ... Chichico sentado no paradoro lá ... eu falei “ÓI[lh]a se ocê num deixá de fumá eu vô cuspi na sua CAra aqui” ... com aquela brincaDEra né? tudo brinque:do né ... Chichico gostô ... ó ... então disse (...) depois eu voltei lá ...diz que num tava fuman[d]o ... agora [a]inda no dia do casamento que teve lá no Boncesso ... sábado ... Chichico teve lá em CAsa ... ele e o dono das curvina ... chegaro eles dois de ca:ro ... a noite ... então/aí o Chico o filho dela tinha me falado sexta-fe:ra que eu fui na Barra (já deu?)
 10. *Pesq.*: não
 11. *Inf.*: {(eu fui na) e então... perguntei ... “ô Chico e Mimita tá fuman[d]o ? “ “A tá ...” eu falei “mais que coisa ... tá fuman[d]o iscundido ou cumé que é?” num sabia ... eu falei com Chichico “eu ainda não Tive com ela ainda ... ” e - A:í ... agora num sei como é que /ela foi (e disse) ... só VEN[d]o () e ela foi e [a]inda falô assim ... lá cheia de (graça) ... “e vô dá um BEjo no senhor(i) (...)” agora ela/agora num sei ... num tenho ido lá ... aTÉ antionti eu tive com Chichico ... “o Manué passa lá ...” eu falei “a: hoje num dá pra mim passá não” ... e então ... e aí ... e foi ... agora nossa intimidade é muita co'a famí:[lh]a intera (já deu?) graças a Deus ... então tá... ói[lh]a lá é ... é Trinda:de... famí[li]a de Trindade.. os Siquera Carnero (tudo na intimidade) ... eu num saio da Barra Longa eu num tenho uma diferen:ça assim ...com/com ninguém (já deu?) mas a vi:da minha filha é essa mesma ...cumé que a gente vai fazê?
 12. *Pesq.*: o sinhô nasceu em Barra Longa?
 13. *Inf.*: (não) nasci ... na CAsa que eu nasci nela tô
 14. *Pesq.*: é?
 15. *Inf.*: na CAsa qu'eu NASCI ... e ESSa CAsa escutava de papai faLÁ.. ela foi/ papai comprô na fazenda dos Si[l]ve:ra essa casa e mudô prá lá ... nessa casa eu tô
 16. *Pesq.*: e o pai do sinhô veio de onde?
 17. *Inf.*: não (é de) dali mesmo
 18. *Pesq.*: {nasceu ali embaxo
 19. *Inf.*: {é da fami[lh]a lá ... vei[o] de onde ... aonde nasCEU? ou onde morREU?
 20. *Pesq.*: isso/vocês eram quantos filhos?
 21. *Inf.*: einh?
 22. *Pesq.*: quantos irmãos?
 23. *Inf.*: eles?
 24. *Pesq.*: o senhor ...teve quantos irmãos?
 25. *Inf.*: o pai?

26. *Pesq.*: é o senhor teve quantos irmãos?
27. *Inf.*: nós eram oito
28. *Pesq.*: oito
29. *Inf.*: oito ... então a mais a mais a a caçula [a]companhõ o pai logo.. e aí foi ... foi hoje nós somo[s] dois minha fi[lh]a ... EU sô o mais velho e o quinto fi[lh]o
30. *Pesq.*: o quinto filho tem quantos anos?
31. *Inf.*: a: ele nasceu em noventa e quatro ... noventa e quatro ou noventa e três nué
32. *Pesq.*: anh mil oitocentos e noventa e quatro?
33. *Inf.*: é ... mili novecentos ...e noventa e quatro .. Ó: eu sô de mil(i) novecentos /mil(i) oitocentos e noventa e SEis ... doze do doze ... o abaxo mi[l] e noventa e oito ... não ... mili oitocentos e noventa ((cachorro))/ mil(i) oitocentos e ... e então aBAxo (...) mil(i) novecentos ... ((ruídos)) eu sô de mil(i) oitocentos ... eu e o Chico e a Ba/a terceira filha... de mili (e) novecentos ...a seg/é a quarta fi[lh]a de mili (e) novecentos e dois e este que tá vivo de mili novecentos e quatro e aí foi
34.
35. *Inf.*: ele tá/(já deu?) num tá de saúde não ...tá iscutan[d]o um po[u]co faz tempo qu'eu num vejo ele ... ele mora prá cima (já deu?) e ... e num tá iscutan[d]o nada também... ia sempre lá...e então tá lá ... num tá de ...de muita saúde não ... agora ... ó: chupava dimais
36. *Pesq.*: bebia muito então?
37. *Inf.*: {e fumava dimais eu nunca pus cigarro na minha boca ... e NEM gole também ... não nunca GRAças a Deus não
38. *Pesq.*: e/e o que que o sinhô alimenta?
39. *Inf.*: einh?
40. *Pesq.*: o que que o sinhô custuma alimentá?
41. *Inf.*: EU?
42. *Pesq.*: é ... pro sinhô
43. *Inf.*: a: eu custumo/meu alimento é qu'eu aprendi a cumê ... é um mingau de cove ... é um cansanção ... é um (ladrovô) é uma co:ve... ESSES TREM que vende inlatado nunca intrô aqui... não... eu num sei pu[r]que que ... não num gosto não ...e o que vem inlatado por acaso é uma marmelada é uma goiabada ... no mais ... (já deu?) ... eu num sei ... há quanta coisa que tá aí hoje que tá paren[d]o que a gente tá toman[d]o aquilo ... (já deu?) isso no meu TEMpo não havia ... então é como eu falo ... eu/é que eu aprendi a cumé EU como de tudo ... mas ...eu falo... isso de de/que vem inlatado nunca foi na minha boca ... não
44. *Pesq.*: e o sinhô nunca te/esteve é gravemente doente não?
45. *Inf.*: não não eu num tomo remé:dio ... reMÉdio meu é cinco golo d'água ... muitos tem me perguntado exclusive até a don/a mãe do prefeito aí ... a dona Efigênia ... ela até pediu por iscrito (já deu?) eu dei... mas depois dessa vez agora que eu vô lá... então perguntei o Zé Luís "e dona [E]figên[i]a ?" "a sô Mané mamãe foi prá Belorizonte foi em tratamento foi pra fazê u'a operação " falei "virgem " diz que era no seio ... bom ... dipois um amigo meu lá é que falô... é QUEM falô num sei se é verdade o que é que /eu vô contá o que ELE contô .. diz que é câncer ... agora eu num sei diz que é no seio ... num sei ... ela me pediu ... agora ... esses cinco golo d'água eu tem minhas palavra que eu falo nué mesmo? e lá em/em Barra Longa já deu resultado pra duas ... bom eu cumecei de novo nué?

46. *Pesq.*: com quantos anos?
47. *Inf.*: a: eu nem sei eu tava novo quando comecei ... deve ter muitos anos que eu comecei a tomar meu cinco goles d'água de novo (já deu?) agora (...) olha eu comprei óleo no MEU aniversário ... mas não pra turma porque a turma foi comê foi to/churrasco é pra quem veio foi co'as minha filha porque eu tenho SEIS filha em São Paulo ... em CONTAGEM eu tenho uma ... em casa duas do primeiro matrimônio... agora lá também tem em São Paulo tem um do primeiro matrimônio (...)
48. *Pesq.*: mas o sinhô toma os cinco goles d'água e fala o quê?
49. *Inf.*: a: eu falo assim "em lovô do meu Deus do céu eu tomo esses cinco goles d'água em lovô do meu Deus do céu em lovô de nosso sinhô Jesus Cristo em lovô da VIRgem Maria Santíssima em lovô do meu **grorioso** santo Antônio em lovô das três pessoa da santíssima trindade FAZ essa caridade abençoa esses cinco goles d'água pra me livrar de todo sofrimento " eu aqui eu vou falar eu num tenho nada ... graças a Deus bom isso TUDO é FÉ né? se num tiver fé ... nada vale agora (a)ntão esse menino aí das Curvina o TaDEco "o sô Mané mas o sinhô é de muita fé" eu falei "UAI se eu não tiver fé em Deus em vou ter fé no CÊ?"
50. *Pesq.*: { ((risos))
51. *Inf.*: uai que ISSO? UAI ... eu tenho que ter fé em Deus uai " muitos falam comigo eu falei "a: " agora eu vou de muita fé mesmo mal(i) de mim ... eu falo tudo o que aconteceu comigo eu falo aí ó : tudo é Deus ...tudo ... o que tá acontecendo comigo eu tô recebendo de Deus ELE tá atendendo meus pedidos ... tá atendendo meus pedidos ... olha ... lá que fui pro meu/diapos do meu aniversário ... eu fui co'as menina assim ... saí/a festa passado dia quatorze quando foi dia dezenove eu fui pra São Paulo... lá cheguei dia vinte (...) e saí de lá vinte de janeiro ...fiquei lá um mês (a)ntero ... eu na casa dos filhos (dia de ano) então meu genro lá tem um... que é CREnte então fui ... um dia eu fui com ele lá na igreja e[le] já tinha falado lá com ... com o pastor ...quando nós chegamos lá o pastor ... tava lá no púlpito dele aí ... e eu sentado (...) com pouco ele desceu e me chamou "oi sô Mané" eu disse "oi" "eu já vi a reportagem do sinhô" eu falei "graças a Deus "e aí e[le]/começou "o sô Mané o sinhô tá recebendo uma graça de Deus" eu falei "ô pastor .. é uma verdade... porque o que tá acontecendo comigo eu falo DEUS tá atendendo meus pedidos"... ô menino: na ele falou uma mensagem ...(que gostoso)... e assim na Contagem /em Contagem também ...tem outro genro também ... que é (ele co'a família toda) também é crente ... o pastor também já falou no DIA que eu fiz (fui) fiz CEM ano eu fui lá (...) isso foi dia vinte e dois de junho ...vinte e um é ... dia vinte e dois de junho ... então lá... aí é só vindo como a turma ... ali ... falou lá ... "ô meu irmão vai cumprimentar seu Mané Ventura cem ano que e[le] fez a turma toda foi lá cumprimentar ... graças a Deus TENHO amigos
52. *Pesq.*: o sô Mané o sinhô foi casado duas vezes?
53. *Inf.*: duas vezes
54. *Pesq.*: é?
55. *Inf.*: de todas as duas vezes vieram oito
56. *Pesq.*: o sinhô tem dezesseis filhos?
57. *Inf.*: morreu é/sô PAI de de ...dezesseis mas tenho nove
58. *Pesq.*: nove filhos
59. *Inf.*: é do primeiro matrimônio tem três e do segundo seis
60. *Pesq.*: o sinhô casou a primeira vez quando?

61. *Inf.*: eu casei a primera vez em mili e novecentos e vinte ... mili e novecentos e vinte... quando foi em trinta e quatro é qu' eu fiquei viúvo ... aí fiquei viúvo ... quan[do] foi em trinta e sete eu casei segunda vez ... e quando foi em oitenta e nove de dizessete para dizoito de setembro a: eu viúvo o[u]tra vez ... passô de setembro pra cá passô pa [ra] nove a:no ... que eu tô viúvo... agora casamento é bom só um (...) ... (a)ntão aí na Acaiaca então tem um amigo aí (já deu?) dr. Meireles (se já viu?) o nome dele ... só ven[d]o ... nossa sinhora (...) eu falei a: num tô caçan[d]o casamento não é que que eu vô fazê com casamento?
62. *Pesq.*: sinhô foi feliz nos casamentos?
63. *Inf.*: I: demais é como eu falo... eu falo num tá esses aí que tá largan[d]o mulher ou a mulher tá largan[d]o eu num sei ...eu falei é ... eu graças a Deus... VIVI minha cruz até quando Deus quis ... eu BRINco eu falo/eu num tenho/acho qu'eu num tenho pecado não ... agora e[le]s falô que Adão que dexô o pecado cuMÊ que ele viveu tanto novecentos e trinta ou cinquenta qu' inda ontem eu tô len[d]o lá ... lá lá na na ... no no no .. cumé que fala
64. *Pesq.*: antigo testamento?
65. *Inf.*: einh?
66. *Pesq.*: o antigo testamento?
67. *Inf.*: não ... é: ... isso foge .. da mente ... É o antigo testamento é isso me[s]mo é isso qu'eu quiria dizê ... novo e **vêio testamento...**
68. *Pesq.*: { hum hum
69. *Inf.*: { eu tenho uma (fumaça) de livro
70. *Pesq.*: tem o quê?
71. *Inf.*: einh?
72. *Pesq.*: o sinhô tem o quê?
73. *Inf.*: livro
74. *Pesq.*: é?
75. *Pesq.*: eu leio muito ... agora uma litrinha miudinha (já deu?) eu quiria até pô meu óc[ulo] qu'eu isquici ... no rosto
76. *Pesq.*: o/o sinhô possui muitos livros?
77. *Inf.*: einh?
78. *Pesq.*: o sinhô possui muitos livros?
79. *Pesq.*: o sinhô possui muitos livros?
80. *Inf.*: livro? tenho... tenho mui:to livro
81. *Pesq.*: enxerga bem?
82. *Inf.*: graças a Deus ...só ponho o óc[ul]o para uma litrinha mais miúda ... mais miúda ... graças a Deus
83. -----
84. *Inf.*: não ... olha uns falava se eu ti/vivia bem eu falei "GRAças a Deus" lá num tem esse dia ... às vez acontece que fica lá ... fica mei[o] né? e assim eu falava "ó: onde um num QUÉ dois num briga né? fica aí sozin[ha] dex'eu passeá (já deu?) ... era ... eu nunca discuti com mulhé ... não... na hora que cumeçava eu falava " fica sozin[ha] aí" (...) agora num tá o o prefeito aí brinca cumigo "o sô Mané" principalmente o[u]tro dia eu tava/cê conhece o Renê?
85. *Pesq.*: cunheço
86. *Inf.*: i: pergunta ele... lá cunversan[d]o lá na /na porta da igreja lá de
87. *Pesq.*: { Acaiaca
88. *Inf.*: { Acaiaca isso na igreja de de Santa Luzia a: num/só vem[d]o " ô sô Mané ó: vô arrumá uma namorada pro sinhô" eu falei " o o Ze' namorada eu tô rejeitan[d]o"

aí e[le] dipois ainda brincô cumigo "ô sô MaNÉ .. eu vô leVÁ uma paRENTa pro'cê" eu falei "uai se ocê num fô[r] levá eu venho buscá

89. *Pesq.*: ((risos))

90. *Inf.*: "se ocê num fô[r] levá eu venho buscá"... só ven[d]o graças a Deus ... agora o tal nosso aí o Mário Antônio... tá lá no retrato... lá junto com os o[u]tro lá ... um dia aí numa reunião aí aí na Barra num sei se foi dia primero de novembro eu num tô certo (do negócio) foi agora recente ... então tô sentado na porta daquela loja lá (já deu?) e aí o Gi[l]berto chegô "o sô Manel o sinhô num vai saí não... Mário Antônio qué tirá retrato cum sinhô... e aí eu fiquei (...) (ficô com o retrato meu lá) graças a Deus ... esse aí de Acaiaca a priMEra vez qu'eu vim aí (já deu?) então num cunhicia então esse amigo qu'eu falo o Antônio Meireles é um amigão ...então nós passean[d]o fomo subin[d]o rua acima com po[u]co nós foi passan[d]o no passeio eu num cunhicia quem é que era e[le] falô: "vamo entrá aqui" (já deu?) já tava numa campanha pra (caminho lá de) polí:tica quando entrei lá num páti(c)o lá mas nunca vi tanta gente uma cumiri:a toda mui:ta gente uma bebedera danada ...fomo passan[d]o e me levô ... lá pra cima ... e nós fomo pra lá e e lá nós ficô e aí com po[u]co vei[o] uma sinhora "o sinhô é de onde? " eu falei "eu sô de Boncesso de Barra Longa" "qualé a graça do sinhô?" "Manel do Carmo Trintade mas todo mundo me cunhece mais como Mané Ventura"... e aí e[l]a foi me perguntan[d]o uma pu[r]ção de coisa e eu fui falan[d]o ... (já deu?) falei muita coisa e[l]a falô "o sinhô é casado? " eu falei "sô viuvo duas veiz ..." "e filho?" "de todos dois matrimônio viero oito mas tem nove" e aí ... me perguntô se eu sô fazendero eu falei "não eu tinha uns pedaço de terra" eu falei "nunca fui fazendero ...luTEI pra mim só pu[r]que tive/nunca fui impregado de ninguém toda a vida eu fui impregado DE MIM... no meu TEMpo era assim" e AÍ ... eu fui disse assim "óia agarrei tinha uns pedaço de terra eu vindí quatro pedaço de terra num foi pá cuMÊ nem beBÊ e nem visTI e NEM pá paGÁ " eu falei " num VI a co[r] do dinheiro..." tudo vinha de cheque e lá eu ia só/ e lá ficava foi todos quatro graças a Deus... um ocê deve de cunhecê até o Avera[l]do num cunhece?

91. *Pesq.*: cunheço

92. *Inf.*: pois 's aquele/ aquele é que comprô a parte maió[r] (já deu?) (eu também num vejo) esse de/esse Avera[l]do então... o o chefe do banco o o Cunhaentão ...chegô lá em casa e/purque passava por lá agora hoje tá passan[d]o por aqui (já deu?) então chegô "ô sô Mané amanhã é prciso que o sinhô vai na Barra" eu falei " amanhã eu num posso" "mais e[le] prcisa que o sinhô vá" "mas e[le] prcisa qu'eu vá mas o tempo num DÁ... cumé que eu (...) amanhã eu prciso i[r]na Ponte Nova ... que trato é trato ... agora se É prá isso disfaiz desse negócio uai o que me importa me lá " "ASSIM... não seu Manuel que isso? " "NÃO do modo que ocê tá falan[d]o ...uai cê tá me apertan[d]o ... uai QUE ISSO? eu vô pisá no meu trato? " não pu[r]que franQUEza minina aqui nunca durmiu (já deu?) e AÍ ... no o[u]tro dia lá eu fui e aí vi o documento ... a Maria assinou a que é a sigunda esposa (...) eu falei "agora sim" quando foi no o[u]tro dia qu'eu fui/ fui na Ponte Nova ... é pu[r]que eu NUNca pisei na minha palavra não graças a Deus toda a vida eu fui muito honesto prá tudo prá tudo mas prá tudo mesmo na minha vida (já deu?) meu nome foi muito falado falado pu[r]que eu na resposta eu num oiava a cara... ó: eu respondi deleGAdo na delegacia na ditaDUra assim ó ... uai eu vô ficá cul[l]pado duma coisa qu'eu num fiz? pu[r]que quem tá certo e não respondê... fica cu[l]pado pu[r]que a : no ano da ditadura isso em mil(i) na na ent/trez/na na prefeitura na casa de Zé Lana

(já deu?) eu falei uai pu[r]que isso? e ... o Avera[l]do eu respondi dentro da cozinha dele toman[d]o um café de/cumen[d]o biscoito ...agora vê va/vai me vendê pu[r]que? Einh? (não uai?) agora quem é culpado? Graças a Deus (...) lá foro umas parte lá lá tinha um vizinho meu que era um cape:ta ...e durô po[u]co morreu novo (já deu?)... então tinha sempre aquele que pá/ que jugava (...) então fazen[d]o uma casa dele lá jugô uma pu[r]ção de pedra no meu quintal(i) ... ó minha fi[lh]a joguei TUdo no quintal(i) (dele novamente) teve um dia Ele tava "num JOga não" "foge daí se não cê toma pedra" e eu fui pegan[d]o e joguei fiquei de costa pegan[d]o e jugan[d]o (já deu?)... DEle foi duas parte ... foi na Ponte Nova vei[o] uma intimação... eu falei "a: quem é:?" isso tava eu e a Maria lá na cozinha bateu na porta e a Maria foi quando chegô vei[o]... eu falei "ô minha fi[lh]a QUEM É que te deu isso?" "é Roberto de João G(u)a[l]berto" eu falei "Ó vai lá e pergunta ele quem é que deu ele pra mim entregá" ela voltô lá e falô ...então era pra mim i[r] na Ponte Nova... "é o Geraldo" eu falei quem é que foi lá (...) e isso pasSado ...tinha um delega:do lá na Barra... não essa parte... (discu(l)pa) aí tinha um delegado lá que dava até namoran[d]o a Maria do Hélio... a viúva... o delegado... eu fui e mostrei ele tava com aquela intimação... aí ele foi e disse assim "ô sô Mané ... isso é prá fazê o sinhô MEdo" eu falei "uai delegado que medo eu posso carregá em num sô crimiNOso? uai ... quem é criminoso é que precisa carregá MEdo" aí passô vei[o] um o[u]tro delegado... daí o dia chegô uma parte tava até en/tá jugan[d]o truqui lá em casa... chegô na janela um menino me deu eu oi[lh]ei o mini/"o minino quem te deu isso pá me dá?" "é o Geraldo aí" "VOLta enTREega ele fala com ele pra falá com o delegado pr'ele LÊ..." assim... Ó aí a polícia dele taí o Luiz (já deu?) que é casado até com filha de Joaquim de João (Felício) taí prá falá... é voltei " é sô Mané o delegado ficô até(...)" " azá: eu nem sô criminoso pu[r]que sô fulano va:i fala do JEItto qu'e[le] QUÉ e sô delegado vai mandan[d]o PARTE? pu[r]que? " eu fui uai eu num sô criminoso ó ... e até/ e morreu criança de RUIM agora a muilhé dele é uma diAba tam(b)ém (já deu?)... é vizinha assim

93. *Pesq.*: como que ela chama?

94. *Inf.*: é Maria de LURdes e[le]s trata ela de INHÁ... é fia da cumadre Nhozinha tá viúva é (lá) é porcaria ...há po[u]cos dias pa[ra] trás JÁ pa[ra] trás jugô uma pu[r]ção de coisa lá de pedra tam[b]ém eu jun/puxei tudo aquelas caixa joguei lá tudo... passô ... passô passô passô passô o tempo passô (quando foi lá) óia aquela... aquela [i]mundice de trem tudo despejano no meu quintali... eu fui lá na casa da minha filha que é a Terezinha que é de porta a porta assim eu falei "ô Tereza ocê fala co'essa muiÉ AÍ (já deu?) fala co'essa muiÉ AÍ pa[ra] tirá aquilo lá... (já deu?) ... a eu fui na cercaa essa é uma diAba sua rancoROsa saí gritan[d]o assim ó ... agora fala de mim ... só tira uma pilha aquilo num dá... ó foi lá só um travaiaDÓ ficô... trabaiô lá TREIS dia prá tiRÁ... porcalhera tive que fazê acerto... eu não cá nunca fiz MALi a ninGUÉM na minha vida não ...EU não pu[r]que num adianta (moça) olha... a gente tá fazen[d]o mali o dono num tá ven[d]o mas Deus tá ven[d]o né? ... DEUS é que sabe tudo isso... graças a Deus

95. *Pesq.*: a primera esposa do sinhôr cumé qu'ela se chamava?

96. *Inf.*: Joaquina ...ela/e/vô contá o caso tam(b)ém e[la] era paRENte (já deu?)

97. *Pesq.*: ela era Trindade?

98. *Inf.*: einh?

99. *Pesq.*: Trindade? Ela era Trindade?

100. *Inf.:* Não, num era Trindade, Pacheco... e então/e aí pricisava tirá licença
...era Cônego Nativo era
101. *Pesq.:* era o quê?
102. *Inf.:* o CÔnego NaTIivo
103. *Pesq.:* { a sei Cônego Nativo
104. *Inf.:* é que era o PAdre (já deu?)
105. *Pesq.:* { hum ... hum
106. *Inf.:* Cônego Nativo não ... Cônego Trindade... num era o Nativo não
não na/Cônego Trinda:de... então eu cheguei lá e falei isso foi mil novecentos e
vinte eu cheguei "ô pa:dre eu vim tirá uma liCENça aí pru quanto fi:ca?" "é
vinte mil rés" eu falei "ô pa:dre cê num vai fazê uma diferen:ça não?" sabe o
que ele virô pra mim "eu nunca fiz favô a ninguém " eu falei "eu num pidi
vo/faVÔ (tô) pidin[d]o prá fazê uma diferença ... isso aí é CAso possa" e[le] foi
me disse assim: "ô BEStá de pau" eu falei bes/ o sinhô tem muita razão de me
tratá de besta de pau pu[r]que papai num pôde me fornecê o nome e té LOfô "
assim assim... sim cumo eu tô contan[d]o aqui ...AÍ lá foi um parente esse era
do município de Maria::na e então foi lá prá pagá impo:sto ... ó ... no tempo dos
dinheros uns VINte... voltô CINco nessa Época cinco mil rés era mui:ta coisa...
e Ele é quem fez o casamento
107. *Pesq.:* o parente do sinhô?
108. *Inf.:* é uai é parente era Trindade era pa
109.
110. *Pesq.:* então o cônego Trindade fez o casamento do sinhô?
111. *Inf.:* fez ... ocê acho que num cunheceu cunheceu?
112. *Pesq.:* não num cunhici não
113. *Inf.:* a : mas era BOM quando eu caía na reposta num somava/num
olhava QUEM ...Olha quando era UDN e o PSD ... então um tenente de linha
(...) onde e[le] tinha um sítio... já vendeu a muito tempo ...então tinha lá
um/tamo lá senTAdo ATÉ até um BAR e isso aí é onde é casa dessa tia minha
que é casada como o Nonô (...) então tem um banco e nós tava sentado lá uns
cinco a seis ... e aí cunversan:[d]o e ele falano negócio do PSD e UDN e ele só
piSAn[d]o na UDN... (e) eu tô aí ...de/dipois teve uma hora qu'ele foi e falô
assim "todo (o)denista é sem-vergonha eu levantei da TAva e vim na FRENTE
DEle e falei assim "o tenente isso não eu sô/ eu sô (o)denista e num sô sem-
vergonha ...então sem-vergonha tá é quem arranjô os parTIdo num puSESse
UDN puSESse o[u]tro QUE ISSO?" ele foi e virô "o meu Deus do céu sô
Mané Ventura se eu se eu ofendi o sinhr(i) o sinhor(i) me perdoe " eu falei "não
ocê faLÔ e eu tam(b)ém faLEI" a: abusá dos pobre? porque podia (tratá) agora
e podia falá... "de TOfdo lado tem sem-vergonha né?" agora agora falá só da
UDN/ que é sem-vergonha? ó (...) eu num oi[lh]ava cara não nunca o[lh]ei ...
agora resposta certa nunca tirei opinião eu rispundia num tinha berada de palavra
114. *Pesq.:* e o sigundo casamento do sinhôr quem que fez foi o cônego
também?
115. *Inf.:* o segundo casamento meu quem fez? pad[r]i Nhonzinho meu Deus
do céu? [dei]xô vê ... acho que é ... não... acho que foi o padre Zé (Pexoto) não
não ... não eu num vô/ ó minha fi[lh]a eu num tô certo... quem é ... a ... mais EU
na resposta minha fi[lh]a eu num brinca:va eu num o[lh]ia:va prueque a pessoa
num pode pisá no outro assim não meu Deus pu[r]que tem seus Título DEles
num é? É
116. *Pesq.:* é ... ó ô sô Manel é o sinhor me falô que vei/ já veio aqui antes

117. *Inf.:* eu vim aqui no DIA qu'eu fiz NOVENta e NOve... anos
118. *Pesq.:* anh: ... almoçô aqui?
119. *Inf.:* einh?
120. *Pesq.:* { sô
121. *Inf.:* {almoCEI aqui
122. *Pesq.:* e o inhô cunhicia aqui antes do meu avô comprá aqui?
123. *Inf.:* a: eu cunhici isso aqui eu vinha aqui: ... seu avô... sô Olinto... numa época de uma política aí num sei de camisa... VERde num sei o que tem disso aí ... além do que ele até me di/diNHero era muito difícil eu vim aqui e ele [a]inda me deu ...DEZ mi(l) rés aqui (já deu?) ele e sô Miro Carnero era amigo tam(b)ém dessa política...(já deu?) ... é... num tá a irmã desse aqui ó a Dona Maria que mora/que foi casada com o Silvio Costa? O[lh]ia ... filha minha ... duas... foi empregada dela... lá ...aonde ela mora... aí eu almucei lá diversas veiz ia lá vê então (já deu?) ... agora tem uma que é a filha mais ve[lh]ia do primero matrimônio que é a Castorina [a]inda fala:va que eu tava fazen[d]o/ a: diz que jugava nota de quinhentos (...) nota de quinhentos mil rés lá a menina fazen[d]o limpeza na casa a Castorina passava a vassora prá lá e pra cá e a nota fiCAva.. aquilo tudo prá experimentá a menina MINha é que falava.
124. *Pesq.:* quem fazia isso? a
125. *Inf.:* uai é quem é ... é de certo que era os dono da casa prá ixprimentá né? bom isso é a menina que falô comigo ((risos))
126. *Pesq.:* ô sô Manel o sinhô acredita em assombração?
127. *Inf.:* einh?
128. *Pesq.:* o sinhô acredita em assombração?
129. *Pesq.:* o senhor acredita em assombração?
130. *Inf.:* (i)eu não... eu nunca vi eu andei muito de noite eu nunca vi [as]sombração ... vejo os O[u]tros contá ...MAS eu não
131.
132. *Pesq.:* eu tava pergunt[d]o pro sinhô sobre assombração
133. *Inf.:* é?
134. *Pesq.:* é
135. *Inf.:* a ... (i)eu não ...eu NUNca vi muitos falava que via ...no meu tempo eu andava muito de noite eu nunca vi ... eu não... agora [a]inda brincava ...[as]sombração era por ixemplo u'a /quando a lua tá crara lá cê vê a sombra da gente né?
136. *Pesq.:* ((risos))
137. *Inf.:* ê... o minina quem tem fé em Deus num deve não... pu[r]que ... graças a Deus ...eu todo mundo falava que ... cê já viu que meu nome foi falado era falado por isso pu[r]que na resposta não somava quem ...num teve/lá tinha um sargento morreu agora pouco primro sigundo ...lá isso foi em setenta e oito ou setenta e nove
138. *Pesq.:* pera aí
139.
140. *Pesq.:* mas o sô Manuel eu tava perguntan[d]o pro sinhôR
141. *Inf.:* einh?
142. *Pesq.:* eu tava perguntan[d]o pro sinhô sobre assombração né? o sinhô falô que num/num que num acreditava nem nada né?
143. *Inf.:* { nã:o eu eu falo né?
144. *Pesq.:* { mas

145. *Inf.:* bom esses caso anti:go... isso é quem fazia assombração é as pessoa mesmo é que fazia [as]sombração cos'outro
146. *Pesq.:* era né?
147. *Inf.:* é divia de se uma coisa dessas pu[r]que cumé que ocê vai vê [as]sombração pu[r]que que [as]sombração... eu num acredito nessas coisa não ... pu[r]que eu CÁ nunca vi e andei MUItto de noite ...lá muitos diz que via ... eu nunca vi na minha vida ...eu andei muito de noite tam(b)ém po(de) falá qu'eu andei ...mas... eu via contá que havia [as]sombração mas eu nunca eu NÃO que havia lobisome essas coisa (...) é
148. *Pesq.:* é
149. *Inf.:* agora eu/eu ...pessoa tam(b)ém acho que tira isso da cabeça e vai falan[d]o
150. *Pesq.:* e disco vuadô?
151. *Pesq.:* e disco vuadô o senhor acredita?
152. *Inf.:* einh?
153. *Peq.:* em disco vuador ?
154. *Inf.:* a: isso aí a: ((risos)) isso aí a isso aí a: disco essas coisa né? o disco avoadô é o mesmo que move é o (...) e deve sê uma coisa assim mesmo né?
155. *Inf.:* não?
156. *Pesq.:* é
157. *Inf.:* a: eu cá ten(ho) muito po[u]ca experiêcia disso pu[r]que no meu tempo essas coisa num/é ... agora NEgo caTIvo eu cunhicia
158. *Pesq.:* é?
159. *Inf.:* bom o ... o ...
160. *Pesq.:* por aqui havia?
161. *Inf.:* { isso (a)cabô isso (a)cabô em oitenta e oito né? mil(i) oitocentos e oitenta e oito e eu já nasci e daí a oito anos é qu'eu nasci ...mas cheguei a cunhecê nego escravo *Pesq.:* em quais fazendas aqui?
162. *Inf.:* einh?
163. *Pesq.:* em quais fazendas?
164. *Inf.:* a: não mas aí eu já cunheci e(le)s já em CAsa caSAdo amiGAdo num sei já cunheci em casa ...mas fazenda que ia por aí num tinha ... bom a fazenda da QUEbra teve ..caTIvo ... na fazenda da quebra ...lá lá na fazenda do que/quebra (té) o do[u]tô Luiz que era o dono ...então povo de lá do Boncesso prantava ROça lá lá do Cunha tam(b)ém pranta:va ... e quando quebrava o mi[lh]o e o feijão tudo... chegava e falava com ele que tava quebrado então ele "fala com nego fulano pá[ra] i[r] levá" num cobrava te[r]ça nessa época mandava levá a colhe[i]ta também ...tudo nego... lá ... e lá tempo de moAge d,, iz que tinha um panelão grande lá vivi:a CHEIa de melado e pra todo mundo que chegasse e pidisse era só chegá e tirá na panela... bom ... isso eu vi contan[d]o né num é eu ... a a fazenda num tá lá jogada tá é cain:[d]o ...agora então diz que tinha o Estado era é do Estado quem falô comigo foi Osvaldo que Estado tam(b)ém num quis a fazenda...pruque o que tinha lá de valô já num tinha/ num tem mais NAdA e de valô que tinha lá (pru) dentro já foi catado tudo (já deu?)
165. *Pesq.:* roubaram?
166. *Inf.:* é ... roubaram o dono mesmo (que aliciou) ((risos))
167. *Pesq.:* { hum ...
168. *Inf.:* deve se[r] uai é UAI se índio ...

169. *Pesq.:* mas na fazenda do quebra eles possuíam muitos escravos?
170. *Inf.:* einh?
171. *Pesq.:* eles possuíam muitos escravos lá?
172. *Inf.:* pussuíá era muito esCRAvo é ... lá hoje com um po[u]co mais... minino de Osvaldo com po[u]co chega na fazenda agora de po[u]co e(le) compraro lá mais cinquenta arque(i)re ... ô cinquenta quinze tem cinquenta e um tinha trinta e SEIS comprô agora po[u]co ... a po[u]co dia eu fui lá com Toinho então e[le] ta(va) me contan[d]o envém desCEN[d]o ... se dé mais um aRRANco com po[u]co mais e[le]s já chegaro na faZENda
173. *Pesq.:* e nessa região quem morava aqui antes?
174. *Inf.:* einh?
175. *Pesq.:* nessa região aqui quem morava antes?
176. *Inf.:* na baxada?
177. *Pesq.:* não ... aqui no Mateus Coelho?
178. *Inf.:* aqui ei cunhici aqui o Zé de Deus morava aqui ...
179. *Pesq.:* { hum
180. *Inf.:* aqui prá cima o o Zé já era genro do Zé de Deus o Zé Severino já ru/aquela que é lá do Boncesso ...quando e(le) casô aí com fi[lh]a do Zé de Deus ...e um paRENte meu que casô aí com uma lá de(Polônia) qu'e(le)s tratava ela ... morô também
181. *Pesq.:* esse Zé de Deus morava aonde?
182. *Inf.:* uai e[le] morava aí ...era o dono aqui... pra cima aí ...
183. *Pesq.:* ele vei/era de onde?
184. *Inf.:* einh?
185. *Pesq.:* ele veio de onde?
186. *Inf.:* esse? Aí é qu'eu num sei ... pra mim acho que foi nascido por aqui ((ruídos)) me[s]mo esse Zé de Deus... ó[lh]ia ...nesse dia qu'eu fui lá ni JoãoLu/ni João Ramo quando nós saímo de lá então meu primo foi disse assim "o sô Mané ...o sinhô qué cunhecê a esposa de João Ramos? "eu falei "uai Zezé" aí nós subimo quando nós chegemo lá no posto e disse/encostô o carro e disse assim "eu vô falá com ela" ele chegô lá falô com ela com po[u]co ela chegô foi chegan[d]o ele já tá/tinha falado com ela qu'eu já tinha feito "mas o sinhô é que tá com esses cem ano desse JEItô?" eu falei "é Deus é quem tá fazend[d]o" "(a)ntão descí ... vamo tomá ca/ " "a: deixa o café eu tomei café agurinha mesmo lá imbaxo" "não não" me levô prá lá e sentemo lá e aí vei[o] o café tô toman[d]o café café e café e aí cumeçô ... ela foi e disse "o sô Manel eu sô da Bude:ga" ...ela assim "eu sô neta do Zé de Deu/do de de... Zé SiviRIno" eu falei "Zé Si/Sivirino era lá do BonCESso... é Zé Sivirino era FI[lh]o do BonCESso eu cunhici seu bisavô também o Antônio Sivirino pai dele"... mas me fez um caso doido nossa senhora ... depois na hora que... fomo dispidi pa[ra] saí ela foi e disse assim "ô sô MaNÉ se o sinhô passá aqui num PASSa de passagem não" eu falei (...) graças a Deus... vô contá mais ... ó no dia ... Nico Freitas ... cê cunheceu?
187. *Pesq.:* já ouvi falá num cunhici não
188. *Inf.:* einh?
189. *Pesq.:* cunhici/cunhe cê não já ouvi falá ... a o Niquinho sim
190. *Inf.:* pois é Niquinho Freitas ... é NiQUInho
191. *Pesq.:* a: sei
192. *Inf.:* pois é vô contá a história dele aqui ... no dia do interro dele... não cê dele não

193. *Pesq.:*
{do pai dele
194. *Inf.:* { não irmã dele... a Maria
195. *Pesq.:* {num cunheço não
196. *Inf.:* lá no Matia... aí lá ai no/eu cheguei lá (já deu?) eu andei mostran[d]o um jornal(i) qu'eu tava co'ele lá e que ..o Zezinho Freitas que é o perfeito hoje tinha me dado o retrato (...) tava mostran[d]o todo mundo ficô admirado ...então tinha uma da/dada Cachoera de Campo uma tal de Isabel ... Isabela nós tivemo cunversan[d]o MUIto tempo ..e mais gostô me apresentô filha dela filho genro tudo ela'té [a]inda falô "o sô Mané quando o sinhô passá em Cachoera de CAMpo... olha pára lá: vai lá em casa " eu falei "é " agora dessa última vez que eu fui... então tava... fui com PEDro de Osva(l)do aí tá cunversan[d]o e fui pirquntei num bar lá "o sinhô é fi/é Filho daqui? " o tal foi "não eu num sô mas esse daí é " tava dois " cuNHEci a tal de Isabele aqui?" "a: cunheço ... e(le)s trata ela aqui até de Belinha " ((risos)) mas eu tava/mas eu num fui na casa dela não eu não muita coisa bom
197.
198. *Pesq.:* o sinhô gosta de dançá o quê?
199. *Inf.:* einh?
200. *Pesq.:* o que
201. *Inf.:* {a: hoje a DANça tá diferente né? hoje cê num vê tocá uma VARsa (num toca) uma ranche:ra ... a: gostava de danÇÁ (coneição) hoje num há essas coisas ... hoje é aquele rem rem rem bobo (...) e só marcá passo ... no meu tempo não ...era um safoNEro hoje é tudo fora de ... GRAças a Deus
202. *Pesq.:* mas o sinhô ainda dança?
203. *Inf.:* einh?
204. *Pesq.:* o sinhô ainda dança?
205. *Inf.:* eu sô ...a: é muito fácil (eu falei) a PERna ajuDAN[d]o eu danço ... a: minha fi[lh]a nos meus pidido eu (tive) uma drumença apertada certo tempo pa[ra] traz ...o[lh]ia nos meus pidido (tá desmanchan[d]o) ...teve uma Época no tempo da sigunda mulhé eu ia pros meus si[r]viço pu[r]que e[l]a era trabaiade:ra e gostava de me ajudá ...e e[l]a era uma boa custurera eu [a]inda falava co'ela "é Maria ocê me ajuda no meu si[r]viço e no seu num posso te ajudá né?" o[lh]ia saía tinha uma subi:da (já deu?) (...) então isso aqui fazia assim ó ... é falava "pronto" no meus pidido ...eu falava ó... eu num tomei remédio o trem disaPAreceu GRAças a Deus
206. *Pesq.:* mas o sinhô anda muito né?
207. *Inf.:* ando ... a: eu vô a Barra na canela... é SEIS quilômetro
208. *Pesq.:* o sinhô vai sempre?
209. *Inf.:* einh?
210. *Pesq.:* o sinhô vai sempre?
211. *Inf.:* Cedosaio cedo pu[r]que com sol num sô ninguém não ... pa[ra] anDÁ não ...é uai... agente chega lá " UAI de que que ocê veio? " "vim anDAN[d]o uai?"
212. *Pesq.:* é
213.
214. *Pesq.:* o sinhô trabalhô muito na roça
215. *Inf.:* {o[lh]ia eu traba[lh]iei muito e tô trabain[d]o ainda ((ruídos)) ...eu ... eu toda vida fui um homem trabalhadó pu[r]que olha ...isso eu acho qu'eu já falei aí num sei ...pu[r]que homem a gente

ten[d]o com saúde o que que vai fazê? Deus tan[d]o dan[d]o saúde DAN[d]o vida e DAN[d]o saúde... agente tem é que trava[lh]iá que vai va/vagabundá num dá ... GRAças a Deus ... (...) ... o[lh]ia eu vô contá uma história direito EU... EU e um irmão meu comprei um ingenho aqui na mão de Salim ...há anos pa[ra] trás (já deu?) e aí ...e aí comprei o ingenho e fui lá ni sô Miro e e nessa época eu lidava muito lá com sô Miro... aí eu brinquei com ele eu falei "é ...ô sô Miro eu comprei um engenho lá no no Crasto e oCÊ que vai buscá ele prá mim... no caminhão" "ô Manué ...caminhão é a viagem é CAra " eu falei "é cara mas ocê num vai me cobrá caro e pu[r]que?" e e aí ó ele vei[o] levô o engenho prá lá (já deu?)... e aí luTEmo lá eu com irmão lá ... ((ruídos)) mas nada de saciedade serve não... nada (já deu?) eu lutei ... agora quem /carro e boi era meu ele num tinha... fici tudo muía a cana minha muía a dele ...agora a DEle ele tinha que me pagá num tinha?... pu[r]que puXAva muÏA tudo e aí ...nada... muía a MEia cana e meia também e aí ... partia a rapadura no meio e[le] tinha que me pagá isso depois tudo era meu eu ó e[le] um lá amigo meu [a]inda falava assim comigo "é cê te::m ajudado o cumpadre Zé Raimundo" eu que falei cum ele ..." é mas ... de[i]xa esse trem prá lá"... mas aquilo fiz tudo... agora Deus tá ven[d]o isso tudo qu'eu fiz ...agora e[le] tava lá meiano num sei o quê:: aquilo (já chega) preocupado pensan[d]o (já deu?) (no que eu fiz) (já deu tudo isso?) a::uma coisa desagradável coisa dessa ... agora eu falo eu cá nunca dei prejuízo a ninguém ...eu nunca cumi suô de ninguém eu como suô dos o[u]tro é quando eu chego e como ... eu faço suô dos o[u]tro que eu como é quando eu chego na casa dele e que alMOço ô JANto é su/é o suô ... agora muitos fala "mas aí não" eu falei mas é o que eu digo ... mas se eu comPRASse ou toMASse empresta:do não... nunca finteí a ninguém não... e AÍ Deus tá ven[d]o isso tudo graças a Deus ... agora o qu'eu FIZ eu num c[l]amo eu tô contan[d]o mas eu num c[l]ramo pu[r]que (já deu?) quem pode fazê um BEM ...deve (de) fazê como eu tenho feito ... ó eu vô contá uma bobagem aqui... já houve caso lá de DOIS (já deu?) na hora de morrê ... então o sogro do tali é que foi lá ...em casa chegô e falô cumigo assim "o Manué ... Antônio tá c[l]raman[d]o MUIto no cê... depois cê vai lá " "a: eu vô lá num vô guardá raiva não pu[r]que nós pricisamos de tê amizade é aqui amiZade é aqui na TERra pu[r]que num sabemos pa[ra] onde vamo" (já deu?) "não deixa disso " e lá eu fuii cheguei lá e[le]e cumeço falá cumigo eeu falei "ó Antônio comigo é [as]sim é na Hora... se deu se num deu ocê arrependeu? quem tem/ quem dá perdão é Deus ...ocê pede a Deus pa[ra] pa[ra] te perdoá.. tudo assim ..." agora aconteceu com meu TIO a MESma coisa (já deu?) num SEI pu[r]que ele também (...) e eu/ ele era um sorteRÃO (já deu?) sorterão morava sozinho... e... e aí na hora também de deixá o mundo mandô lá em casa treis ESSE eu num fui... SE é peCAdo eu carrego esse pecado... esse eu num fui pu[r]que nós pricisamo de amizade aqui na TERra nós num subemo pa[ra] onde vamo eu num acredito ... então ... num fui... é mais num vi mais ... graças a Deus... eu fiz muita coisa boa graças a Deus muita coisa ... agora como eu Falo.. EU não carREgo ódio e eu não carrego rancô e não carrego raiva ... raiva minha é na hora ... é (...) agora trava[lh]iá eu trava[lh]iei muit... a: é muita coisa pa[ra] gente falá (...)

216. *Pesq.:* hum ... o sinhô trabalhava com lavoura?

217. *Inf.:* einh?

218. *Pesq.:* o sinhô trabalhava na lavoura?

219. *Inf.:* a: é toda vida eu fui criAdo na lavo:ra criado ...EU cumecei a traba[lh]já de CINCO ano (já deu?) papai... pussuíu ingenho carro de boi e eu ficava guian[d]o bo:i (...) mas isso acho que já passô aí não?
220. *Pesq.:* não
221. *Pesq.:* [a]inda não? e ENtão minh a fi[lh]a ele morreu criança ... a : mais espera ... mas acho que já falei não? não? mas então nós era.. i: acho que já falei
222. *Pesq.:* é vocês eram/sô criô criô não que o sinhô casô uma irmã né?
223. *Inf.:* é:
224. *Pesq.:* é isso o sinhô já me falô
225. *Inf.:* pois é ... é isso aí isso acho que já é capaz de tá aí
226. *Pesq.:* hum
227. *Pesq.:* num tá ou não?
228. *Pesq.:* tá ... mas o senhor o senhor levô a vida na/ criô a família na lavora
229. *Inf.:* {a: é
230. *Inf.:* {
einh?
231. *Pesq.:* o sinhô sempre criou a família, né, vivendo da lavoura
232. *Inf.:* é foi na lavoura
233. *Pesq.:* anh e o sim
234. *Inf.:* { graças a Deus foi na lavora
235. *Pesq.:* e o sinhô trabalhava também com vaca
236. *Inf.:* não não assim criação assim era carro boi isso aí é o que eu pussuíu ... vaca eu nunca pussuí não ... isso aí acho que já tá aí
237. *Pesq.:* hum hum
238. *Inf.:* é
239. *Pesq.:* e os filhos do sinhô de criança ajudavam também?
240. *Inf.:* einh?
241. *Pesq.:* os filhos
242. *Inf.:* ajudava minhas fiLHA foi CRIAda tudo no lá no cabo da enxadatudo ... isso aí já passô do/dos Trivellato?
243. *Pesq.:* não
244. *Pesq.:* pois é ... eu mandava ca:na minhas filha cortava cana [a]judava enxer caminhão (já deu?) tudo aí (meu prato) ... mandei MUIta cana lá pros Trivellato a qualé o/esqueci o nome dele agora
245. *Pesq.:* Carlos?
246. *Inf.:* é ... einh?
247. *Pesq.:* Carlos
248. *Inf.:* não num é o Carlos é o outro ... cuMÉ meu Deus do céu ... a: ... eu mandei muita cana (já deu?) lá pros Trivellato muita ... uma é/ um ano eu mandei lá pro João CiRIno lá na fazenda da Santa Helena... fazenda não na uSIna de Santa Helena... aí o Beijinho Sique:ra... aí... pôs uma FÁbrica de caCHAÇA então aí eu já (teria) mandá pr'ele ...enTÃO vou conTÁ cumé que aconteceu ele foi disse "boa cana " e dipois disse assim ((pássaros)) "ô Manué ... cê vai me dá um pra:zo "... eu falei "isso aí num tem proBREma" ele me pagô ((pássaros)) tudo lá com juro... pagan[d]o juro é isso aí e daí dipois e[le] morre e a viúva cumeçô a me pagá o juro legal(i)mente ...e aí ...de[i]xei ... mim pagô ... ô do/ eu/vô falá com cê minha fi[lh]a cá trabaiei muito mai[s] trabaiei muito me[s]mo (...) é muita coisa prá misturá... (já deu?)... graças a Deus:

249. *Pesq.:* as filhas do senhor/ o sinhô tem filha que mora no Bonsucesso né?
250. *Inf.:* tem duas do primero matrimônio
251. *Pesq.:* e filho?
252. *Inf.:* filho não ... filho eu tenho dois ...um... do primero matrimônio mora em São Paulo e TEM um O[U]tro do... do sigundo matrimônio (já deu?) mora em São Paulo também... ele até fazen[d]o uma obra começo ...então to esperan[d]o ele aparecê por esses dia aí (já deu?) ... a/ele pegô e levô no ponto que tá fez muita vantagem ele fez (já deu?)... é o Va[r]dir (já deu/) ...tudo a: é muita coisa ... o[lh]ia eu vô conTÁ o que aconteceu DEle ... o[lh]ia aqui Ele... uma época chegô de São Paulo vei[o] até cum a irmã dele... e aí... quiria me respondê ...ele... cumeçô lá/ eu falei "e me responde" ... peguei num facão de cortá e encostei na cara dele falei "me responde cachorro ...eu nunca rispondi meu pa:i me responde " a: eu vô contá o que (...) aí e[le] passô quaTORze ano sem me tomá a bença[o] e vinha ... aí no Boncesso todo ano
253. *Pesq.:* e não procurava o sinhô
254. *Inf.:* eihn?
255. *Pesq.:* e não procurava o sinhô
256. *Inf.:* e não procurava mas NA Época que a Maria morREU... (já deu?) no dia ele vei[o] com a turma de lá que pricisa de vê e aí cumeçô de no:vo... me tratá tudo bem (já deu?) e aí o[lh]ia ele chegô isso foi ano [a]trasado